A BATALHA DO APOCALIPSE

DA QUEDA DOS ANJOS AO CREPÚSCULO DO MUNDO

EDUARDO SPOHR



EDUARDO SPOHR

A BATALHA DO APOCALIPSE

A queda dos anjos ao crepúsculo do mundo

- 1ª EDIÇÃO -

A espada não vive sem o Querubim e o Querubim não vive sem sua Espada.

A BATALHA DO APOCALIPSE

DA QUEDA DOS ANJOS AO CREPÚSCULO DO MUNDO

REVISÃO

GUILHERME SIMÕES REIS

ARTE DA CAPA

HARALD STRICKER

PROJETO GRÁFICO

RODRIGO TOBIAS, DEIVE PAZOS, ALEXANDRE OTTONI

ARTE CONCEITUAL

ANDRÉS RAMOS E HARALD STRICKER

EDIÇÃO EPUB

EXILADO DE MARÍLIA

ISBN

978-85-909900-0-0

À memória de meu avô, Carlos Spohr, que desde cedo me

ensinou a gostar de histórias fantásticas.

Sumário

O MANUSCRITO SACRADO DOS MALAKINS

PARTE 1: VINGADORA SAGRADA

PRÓLOGO

1-O Rei Caído de Atlântida

2-A terceira guerra

3-Outono Tropical

4-Vingadora Sagrada

5-À Meia-Noite

PARTE 2: IRA DE DEUS

6-O Mestre do Fogo

PARTE 3: FLAGELO DE FOGO

7-Quase um Assassino

8-Pesadelos Humanos

9-Um Espião na Lanchonete

10-As Batalhas Primevas

11-Os Leviatãs

12-A Sexta Trombeta • Começa a Batalha

13-O Beijo dos Mortos

EPÍLOGO

GLOSSÁRIO

LINHA DE TEMPO

O MANUSCRITO SACRADO DOS MALAKINS

Há muitos e muitos anos, há tantos anos quanto o número de estrelas no céu, o Paraíso Celeste foi palco de um terrível levante. Armados com espadas místicas e coragem divina, Querubins leais a Jeová travaram uma sangrenta batalha contra o arcanjo São Miguel e os anjos que o seguiam.

Deus, o Senhor Supremo de Todas as Coisas, continuava imerso no profundo sono que caíra após ter concluído o trabalho da Criação – o descanso do Sétimo Dia. Enquanto Ele permanecia ausente, os arcanjos ditavam as ordens, impondo seus desígnios no Céu e na Terra. Sentados no topo de seus tronos de luz, cada um deles almejava alcançar a divindade.

Concentrando todo o poder debaixo de suas asas, os poderosos arcanjos, onipotentes e intocáveis, utilizavam a Palavra de Deus para fazer jus à sua própria vontade. Revoltados com o amor do Criador para com os seres humanos, e movidos por um ciúme intenso, decidiram ir contra as leis do Altíssimo e destruir todo homem que caminhava sobre a Terra, acabando assim com parte da Criação do Divino.

Impulsionado por essa fúria, Miguel, o Príncipe dos Anjos, enviou à Haled diversas calamidades mas, como insetos persistentes, os mortais resistiram. Os tiranos alados desejavam um regresso à aurora dos tempos, quando só os animais povoavam o mundo. Eles nunca aceitariam venerar uma criatura feita do barro, uma vez que tinham sido gerados a partir do próprio esplendor e glória do Senhor.

Decidido a eliminar de vez a humanidade, Miguel ordenou que os Ishim, a casta angélica que controla as forças da natureza, arquitetassem a Destruição Final. Submissos, eles derreteram as calotas polares e a Terra foi inundada por um volumoso dilúvio. Não obstante, os mortais novamente subsistiram.

Diante de tanta morte e devastação, uma conjuração teve início. Em sua inocência política os líderes dessa conjuração foram traídos por outro arcanjo, Lúcifer, a Estrela da Manhã, único que conhecia o plano dos revoltosos para libertar o Paraíso da opressão a que era submetido. Quando o Arcanjo Sombrio denunciou as idéias revolucionárias, os rebeldes foram derrotados, expulsos do Céu, e condenados a vagar pelo mundo dos homens até o fim dos tempos. Enquanto a luz do Sétimo Dia brilhar, enquanto Deus continuar adormecido, os anjos renegados serão perseguidos e mortos pelos agentes celestiais.

Com o poder e prestígio que conseguiu por ter delatado os insurgentes, Lúcifer arquitetou a sua própria revolução. Movido por interesses nem um pouco justos, o Arcanjo Sombrio pretendia tomar o principado de Miguel e ascender acima mesmo do Criador, coroando-se em Tsafon, o Monte da Congregação, e tornado-se assim igual a Deus. O Filho do Alvorecer não queria apenas vencer seu irmão, mas desejava tornar-se ele próprio Deus – subjugar não apenas o monarca, mas também Yahweh.

Muitos anjos, revoltados com a política celeste, não conheciam as motivações egoístas de Lúcifer, e se juntaram a ele. Ao descobrir a traição, o Príncipe dos Anjos declarou nova guerra, e uma segunda batalha estalou. Por seus atos e ambições macabros, a Estrela da Manhã e seus seguidores foram lançados ao Sheol, um poço obscuro de trevas e sofrimento, um lugar terrível, um cárcere permanente. Lá, o Arcanjo Sombrio governa, e espera o momento certo para iniciar sua vingança. Hoje, os mortais conhecem essa dimensão pelo nome de Inferno.

Muitos milênios se seguiram às duas guerras angélicas, e então os humanos reinventaram o período das grandes catástrofes, com suas próprias armas modernas.

Na Fortaleza de Sion, a Roda do Tempo está prestes a terminar o seu giro. No alvorecer do milênio, a humanidade caminha lentamente para o Apocalipse. Em nível regional, a marginalidade, a violência e o

crime organizado são mais fortes do que a polícia e o governo. A pobreza e a miséria são crescentes. No plano internacional, há guerras por todo o globo, pessoas matando umas às outras e conflitos onde os mais prejudicados são os membros da indefesa população civil. Milhares de crianças morrem a cada dia, vítimas do ódio e do orgulho de líderes sem rosto, que lutam em prol de ideais hipócritas e egoístas. Não há justiça. O mundo chora. As pessoas sofrem. A civilização dá os seus últimos gritos desesperados em busca da salvação. Mas é provável que ninguém mais a ouça.

No Céu e no Inferno, o Armagedon marca o início de uma nova era. Quando o ciclo for completado, Deus despertará de seu sono e todas as sentenças serão revistas. O Tecido da Realidade cairá. Antigos inimigos se enfrentarão, e não haverá fronteiras entre as dimensões paralelas. E esse será o Dia do Ajuste de Contas.

O crepúsculo do Sétimo Dia se aproxima, e a noite cairá em breve.

PARTE 1: VINGADORA SAGRADA

PRÓLOGO

Tsafon, o Monte da Congregação, dias atuais.

Certo dia, o arcanjo Uziel, cansado daquela espera infindável, resolveu galgar o monte Tsafon e afrontar seu irmão. Armou-se de sua espada de fogo, vestiu uma armadura dourada e tomou a longa escadaria de mármore que levava à construção de pedra no topo do morro. Ao fim dos degraus, o Santuário do Alvorecer aparecia meio oculto pelas nuvens geladas, um aposento imponente, erguido por largas colunas redondas. Uma forte luz azulada coruscava em seu interior, um brilho que o arcanjo acreditava ser as emanações do próprio Deus Yahweh.

Mesmo através de seu elmo polido, que completava o conjunto da bela couraça, o rosto de Uziel era austero, e demonstrava a sua vontade. Sozinho, ele ponderara por anos a fio, e agora enfim decidira visitar o Altíssimo, só para ter certeza de que o espírito de Deus continuava adormecido, deitado no santuário, e não morto, como às vezes ele suspeitava. Um dia, há muito tempo, Uziel havia contemplado a face do Criador, uma dádiva reservada só aos arcanjos – nem os anjos tiveram esse júbilo. E o que ele viu foi fraternidade, amor e compreensão. Então, como teriam os celestiais chegado àquele grau de corrupção? O Paraíso caíra em decadência, e junto a ele também o mundo dos homens.

Mas o caminho ao santuário não seria facilmente vencido. Miguel, o Príncipe dos Anjos, irmão direto de Uziel, guardava o trono divino, e não estava disposto a permitir seu ingresso. Sozinho, ele bloqueava a passagem, brandindo sua espada sagrada, a insuperável Chama da Morte. Envergava uma armadura completa, prateada como os raios da lua, e adornada por detalhes dourados no peito, que formavam desenhos complexos no metal espelhado. O capacete, de crista vermelha e queixada pontuda, fora posto de lado, deixando aparentes as feições masculinas, a barba por fazer, e o rosto cheio de cicatrizes horríveis, adquiridas nas Batalhas Primevas, um confronto ancestral, sucedido antes mesmo da criação do universo.

Miguel era o mais forte dos cinco arcanjos, o primogênito, o herdeiro do Criador. Seu cabelo, negro e comprido, era cortado por uma mecha alva que corria à nuca, e os fios estavam presos em um rabo-de-cavalo pouco alinhado. Se avistado por olhos humanos, poucos o reconheceriam como uma entidade celeste, não fossem as asas branquíssimas, afiadas como navalhas nas pontas.

O vento ameno da aurora agitou o cabelo do príncipe, e soou com apito aos ouvidos de Uziel. O visitante estacou a dez metros do guardião, na parte mais baixa da escadaria. Silenciosos, os dois Gigantes se encararam – Miguel, forte e confiante; Uziel, indignado e decidido. O invasor levantou sua espada em posição de defesa, segurando a arma com ambas as mãos.

— Saia de meu caminho, Miguel. Estou reivindicando o direito de visitar o nosso Pai Yahweh, em seu leito de repouso. É meu direito como arcanjo e descendente do Criador.

Por um momento, o príncipe nada disse. Em seguida, desceu um degrau.

— Você não vai a lugar algum, caro irmão. Minha paciência esgotou-se. Estou farto de sua insolência. Eu sou o Príncipe dos Anjos, e isso significa que eu sou o líder dos arcanjos também. A minha palavra é a lei – determinou – Yahweh está dormindo, como todos sabemos. E Ele não pode ser perturbado. Eu

estou aqui para defendê-lo, e não será você ou qualquer outro que destituirá de minha função principal.

Uziel pareceu ainda mais irritado.

— E como saberei que Ele está mesmo aí dentro, Miguel? Você nos diz o mesmo há milênios, insistindo que, um dia, o Criador despertará para punir os injustos. Pois eu digo que este dia chegou. A podridão tomou conta do mundo. Já é hora de sabermos se o que fala é correto.

— Atreve-se a questionar os meus comandos? Eu sou o seu irmão mais velho! Não duvide de seu comandante.

— Veja aonde você nos levou, e pergunte a si mesmo se é realmente algum tipo de líder. Gabriel arrastou metade dos nossos anjos para uma guerra civil contra nós, e Rafael nos abandonou, caindo em desgraça. Se você se opuser a mim, qual o outro arcanjo que terá ao seu lado? Lúcifer? – ironizou, evocando o nome do maior de todos os inimigos do Céu: Lúcifer, o Arcanjo Sombrio, expulso pelo próprio Miguel do Paraíso junto com sua horda nefasta.

O Príncipe dos Anjos lançou ao invasor um olhar de desdém, ao mesmo tempo em que levantava sua espada fulgente.

— Eu não preciso de você, Uziel. Não preciso de ninguém.

Então, o guardião empunhou sua arma, e a moveu para o ataque. Suas chamas cresceram, e a luz do fogo sagrado refletiu nos olhos castanhos do príncipe. Uziel sentiu vontade de fugir frente à majestade do inimigo, mas sua pujança o motivou ao combate.

— Então é verdade, não é? É verdade o que Gabriel disse aos seus anjos... – Mas antes que Uziel terminasse, Miguel alçou vôo, abriu suas asas, e desceu para ferir o irmão com um golpe violento de espada. Ofuscado pelo brilho do sol, o visitante quase não se esquivou, mas conseguiu rolar para o lado no instante preciso. Um estrondo titânico abalou a montanha, e a lâmina flamejante tocou a escadaria de mármore, abrindo uma fenda larga no solo. O invasor teria caído pela encosta do morro, não tivesse adejado em reflexo. Ascendeu às alturas, mas em seguida mergulhou, aterrissando em um sítio acima do guardião, muito perto da passagem ao santuário. Dando as costas ao perigo, disparou para dentro do templo, subestimando a potência do algoz.

Mesmo entendendo que jamais venceria o impiedoso vigia, Uziel continuou sua trilha. Queria entrar no Santuário do Alvorecer e vislumbrar a face do Onipotente, só mais uma vez, nem que isso custasse sua vida. Se o Altíssimo estivesse realmente adormecido, ele teria obtido a resposta que procurava – a de que a sua luta ao lado do arcanjo Miguel tinha sido legitima. Mas e se nada encontrasse?

E se Yahweh não estivesse deitado em Tsafon? Essa hipótese o apavorava sobremaneira, mas ainda assim pereceria feliz, sabendo que desafiara seu tirânico irmão, mesmo que num derradeiro momento. Teria, então, se redimido de todas as matanças, de todas as catástrofes que promovera, de todos os cataclismos que comandara.

Correndo e voando, ele pulou para o interior do edifício, venceu as colunas e ultrapassou o umbral de entrada.

Uma luz intensa confundiu seus sentidos, mas logo a vista se adaptou à claridade. No centro do grande aposento, surgiu um pedestal trabalhado, e sobre ele descansava um livro grosso, de aparência antiga, escrito por dentro e por fora. Aquele era o Livro da Vida, um magnífico artefato deixado ao Príncipe dos Anjos pelo próprio Deus Yahweh, e que relatava, em detalhes, toda a história do Sétimo Dia, desde a criação do homem até o crepúsculo dos tempos. Estava marcado com o código secreto dos Malakim, um idioma anterior à aurora do mundo. Miguel nunca deixava que qualquer um se aproximasse do tomo, e sua obsessão para com o objeto chegava a ser psicótica.

Quando percebeu o que se passava, Uziel sentiu as costas rasgarem em um corte abrasado. A dor do fogo queimou suas asas, e o sangue escorreu pelo ferimento. Como um raio certeiro, a espada flamejante do furioso Miguel dilacerou suas costas, lançando o invasor ao estado letal. Atordoado, desabou contra o chão, largando o sabre e se esticando à espera da morte.

O guardião pisoteou o busto do visitante, esmagando o metal da armadura dourada. Então, apontou sua lâmina ao rosto do irmão, em prelúdio ao choque final.

— Miguel, você nos traiu! – protestou o ferido, cuspindo um refluxo de sangue – Você traiu a confiança dos arcanjos e de todos os celestiais.

— Eu não traí ninguém, Uziel. Foi você quem traiu a si próprio.

— Onde está Deus, Miguel? Onde está o nosso Pai Luminoso?

Às portas do desfalecimento, Uziel ainda resistia, procurando resposta à sua busca desesperada. Não distinguira sinais do Altíssimo no templo de mármore, só os contornos de um livro envelhecido. O que teria acontecido ao Criador?

— O Onipotente está aqui mesmo, Uziel. Será que não percebe? Ele está aqui, no Santuário do Alvorecer!

Uziel maneou a cabeça, convencido da insanidade do irmão.

— Yahweh está morto, é isso! Ele morreu ao fim do Sexto Dia! Não está apenas adormecido como você havia contado. Você nos enganou por todos estes anos, Príncipe Celeste – acusou – Eu me sinto envergonhado por ter acatado as suas ordens, mas estou feliz por, enfim, ter alcançado a verdade.

Desta feita, Uziel acalmou-se. A vida o estava deixando, mas ele havia cumprido a sua missão. Agora, sua essência vital poderia se dissipar finalmente, e regressar ao ventre do Infinito.

Pronto à execução, Miguel deteve sua espada por mais um segundo.

— Perdeu seu juízo, pobre irmão. Se preferisse esperar só mais um pouco, não estaria agora estendido neste piso gelado. A Roda do Tempo não tardará a anunciar o Apocalipse. Mas não é sua culpa. Nada você poderia ter feito para evitar o destino. Assim está escrito – completou, fatalista.

Então, o príncipe levantou sua lâmina, e Uziel aguardou a sentença.

— Não me tome por louco – acrescentou o arcanjo Miguel, em inesperado discurso – Antes que morra, quero que saiba que eu só digo a verdade, e faço tudo pelo bem da Criação. Deus está adormecido, e se você não o encontrou quando entrou nesta sala – pausou e em seguida atacou com a espada, perfurando o estomago do moribundo – é porque não teve a dignidade de olhar para trás.

Quando a arma encravou, o invasor se contorceu em espasmos de dor. Miguel trespassara seu peito, a parte mais sensível da anatomia angélica, onde está concentrada toda a essência celeste, toda a energia sagrada, todo o poder da aura pulsante.

Com uma mão, o príncipe despedaçou a couraça, e com a outra arrancou o coração do irmão. Uma luminosidade mística envolveu o cadáver, e o corpo se dispersou em vibrações cintilantes. E esse foi o fim do arcanjo Uziel, patrono da casta dos Querubins.

Vitorioso, Miguel se aproximou do pedestal, onde repousava o livro fechado. Deslizou os dedos sobre as inscrições, e sublinhou com os olhos os caracteres marcados. Virou-se para trás, para a nave do templo, agora vazia. Então, regressou a atenção ao tomo sagrado. Com um misto de seriedade e loucura, o

arcanjo falou em sussurro:

— Concordo com você em um ponto, irmão: chegou o dia de Deus despertar de seu sono.

1-O Rei Caído de Atlântida

Rio de Janeiro, costa leste da América do Sul, em um futuro próximo.

O sol estava se pondo.

Em pé, sobre a gigantesca mão da estátua do Cristo Redentor, o Anjo Renegado observava a cidade, à aproximação do crepúsculo. Sua expressão, inabalável e serena, era de alguém que muitas vidas vivera, de um andarilho que percorrera o mundo, desvendara seus infinitos mistérios, e enfrentara toda a sorte de criaturas, abissais e celestes. Mas era também o semblante de um pioneiro, que visitara nações já perdidas, e que se sentara à mesa com os grandes homens de outrora. Era como se, nas profundezas daqueles olhos cinzentos, estivesse gravada uma parte singela de cada civilização, de cada povo, de cada cultura ancestral e moderna – das torres resplandecentes de Atlântida às pirâmides da Babilônia; das cidades-estado gregas à majestade do Império Romano; das catedrais medievais às caravelas de Sagres; das campanhas napoleônicas ao horror nuclear. A história de toda uma espécie vivia agora na mente do fugitivo, um guerreiro de jovem aparência, tão preservado quanto os homens mortais no auge da casa dos trinta.

Às vezes o lutador ficava imóvel por horas, em absoluto silêncio, meditando sobre seus amigos já mortos, de maneira a não olvidá-los jamais. Padecia de um único temor: o medo de esquecer – esquecer os seus ideais, o seu passado, e a sua luta incansável.

Uma rajada de vento sacudiu a montanha, balouçando os loiros cabelos do renegado. Ele os prendeu com uma fita, e caminhou sobre a estrutura de pedra. Seu equilíbrio era impecável, mesmo na estreita passagem, que completava o braço da escultura titânica. Não se parecia com um anjo de fato, porque escondia suas asas, enfiadas na carne. O rosto era nórdico, tipicamente, e o corpo atlético, forte e delgado. Guardava um aspecto felino – era a face de um caçador, sempre alerta ao perigo, e pronto a responder ao ataque. A barba, mais espessa à volta da boca, formava um cavanhaque dourado, e as roupas escuras delineavam uma silhueta sombria. Estático, inabalável ao vento, o Querubim esperava por algo. Provava o cheiro do ar, escutava o movimento das nuvens, e enxergava a despedida do sol.

Dali, do cume da imensa montanha, mesmo os maiores arranha-céus eram agulhas, farpas minúsculas no coração da cidade. As águas da baía de Guanabara, cercada pelo morro do Pão de Açúcar e pelas brancas areias da enseada, refletiam o róseo brilho poente. Foi então que, à contemplação da paisagem, o celeste percebeu o quanto a metrópole crescera, desde sua chegada ao Brasil, há trezentos anos exatos. As praias estavam interditadas, e as fábricas poluíam a baía. As pessoas construíram pontes e ruas, e levantaram antenas no alto dos morros.

Agora, era só uma questão de tempo até que o sol extinguisse seu fogo, e a civilização mortal perecesse.

E o gigante dos tempos entendeu porque estava triste.

Por mais que um dia tivesse sido um anjo, ele agora era humano também.

O Tecido da Realidade tremeu, e um trovão correu pelas nuvens.

A membrana mística, a película invisível que separa o Mundo Físico do Espiritual, fora abalada, lançando ao Plano Material dois visitantes, duas entidades tão fortes quanto o general exilado. Uma delas se materializara à distância, e permanecia parada sobre a grade de ferro que circulava a base da estátua. Emanava uma aura terrível, maléfica, cheia de ódio e furor. O segundo era amistoso, e não desejava combate. Apareceu ali perto, por cima do ombro do Cristo, próximo ao anfitrião renegado. Coxo, ele caminhou ao encontro do anjo guerreiro, apoiado em uma bengala afiada.

— Ablon, o Anjo Renegado – sussurrou o forasteiro, evocando o verdadeiro nome do general — Imaginei que o encontraria aqui. De certa forma não deixa de ser irônico...

A criatura saiu das sombras e, tal como o lutador, parecia um homem comum. Maduro, tinha o corpo largo e maciço, mas era mais baixo do que o celeste. Usava um terno alinhado, imitando os trajes mundanos. Uma barba escura cobria a face, delineando um queixo redondo.

— ... nos braços de Deus – completou.

Orion, o Rei Caído de Atlântida. Era assim que o chamavam.

— Pensei que você viesse sozinho – reagiu o Querubim, fitando o demônio disfarçado de gente, trepado na grade metálica a 30 metros abaixo de si.

— Ah, sim, Apollyon... – a atenção de Orion se desviou à mureta de ferro – Eu sinto muito. Tive que trazê-lo. Ordens do chefe.

As montanhas enfim engoliram todo o lume do sol vespertino, e o oceano aguardou o

nascimento da lua. Já na penumbra da noite, Ablon virou-se para encarar seu velho confrade, um anjo caído, hoje um dos duques do Inferno, um monarca falido, que havia seguido as hostes de Lúcifer nos tempos da Guerra no Céu. Como muitos, Orion fora ludibriado pela persuasão do Diabo. Quando celeste, fora enviado à Terra para governar a legendária cidade de Atlântida, mas o Dilúvio destruiu toda a ilha, e sepultou seu povo adorado. O Rei Caído então regressou ao Paraíso, revoltado com as catástrofes incitadas pelo arcanjo Miguel. Assim, quando Lúcifer se levantou contra o Príncipe dos Anjos, Orion assumiu seu partido, mas a revolução fracassou, e os rebeldes foram lançados ao Abismo. Isso foi depois do expurgo dos renegados. Nos dias da revolução, Ablon e sua irmandade já haviam sido execrados. Se Orion estivesse no Céu à época da conjuração, talvez tivesse se juntado a ela.

— Orion, em consideração à nossa antiga amizade eu aceitei me encontrar com você. Eu quero deixar claro que este é o único motivo. O seu mestre me traiu. O demônio que o acompanha – e ele se referia ao implacável Apollyon, um assassino terrível, conhecido por ter vitimado dez dos dezoito renegados – matou muitos de meus amigos. Ademais, eu nunca simpatizei com os condenados do Porão – era uma gíria que definia o Inferno – Portanto seja breve. O tempo corre.

O Rei Caído sorriu. Aquele era o antigo Ablon, sem dúvida, o seu bom camarada que às vezes o visitava em Atlântida, e se sentava ao banquete nos dias festivos. O general não havia mudado. Orion o admirava porque, apesar das provações, das perdas e das perseguições, ele não largara os seus verdadeiros valores. Desafiara a todos para defender uma causa, e por ela continuaria lutando. Quisera eu ser como ele – pensou o monarca, mas ele reconhecia também o revés da liberdade. A morte e a solidão acompanham os exilados, e de repente Orion achou que, mesmo que tivesse escolhido o caminho dos bravos, ele talvez não conseguisse trilhá-lo.

— Então você também notou, não é? – instigou o infernal – Os sinais. Eles são a prova

definitiva de que o fim do Sétimo Dia está terminando, e com ele toda a vida humana.

O Apocalipse.

Orion estava certo. Os sinais eram evidentes. Todos os símbolos e profecias apontavam para o Juízo Final.

— Eu sou um anjo renegado, o último ainda vivo. Estou condenado a viver neste Mundo Físico. Não posso mais cruzar o Tecido da Realidade como vocês. Mas não é preciso ser muito esperto para notar que o Armagedon se aproxima – o guerreiro fez uma pausa, e então concluiu:

– E é triste pensar que tudo o que fizemos foi em vão.

Orion achegou-se ao exilado, e tocou o seu ombro. Mesmo manco, se equilibrava com maestria no braço da estátua de pedra, arrastando a bengala.

— Não há mais saída, Orion – continuou o fugitivo – Não há mais esperança. O arcanjo

Miguel finalmente conseguirá seu intento, mas desta vez ele não enviará os seus anjos. A civilização humana arruinará a si própria, com suas guerras e armas modernas. E contra os homens, nada podemos fazer.

Seguiu-se um longo silêncio, e a conversa penetrou na noite cerrada. Ablon continuava atento à silenciosa presença de Apollyon, o Exterminador, que o observava de longe. Os dois eram inimigos declarados, desde os tempos em que ambos eram generais no Paraíso – Apollyon era também um anjo caído, como Orion e Lúcifer. Era aquela uma contenda milenar, e essas brigas ancestrais só se resolvem na espada.

— Há muitos anos, eu fui o príncipe de Atlântida – começou o visitante – Como um deus, eu governei a cidade. Cada humano era para mim como um filho. A felicidade estava em todo o lugar, e quase não existia o sofrimento. Naquela época, eu tinha um amigo. Ele era um formidável guerreiro, um soldado valente e sábio. Não raro, ele vinha ao meu palácio. Nós falávamos à multidão e depois cantávamos louvores ao Altíssimo – ele mirou as ondas do mar – Mas um dia, terminou a utopia. A fúria dos arcanjos devastou minha ilha, e o povo morreu. Com ela, acabou também o meu sonho, o meu desejo de difundir a perfeita civilização, sem dor ou miséria. Quando regressei ao Salão Celestial, soube que o meu amigo, o general incansável, havia enfrentado os primogênitos, e a coragem dele me fez prosseguir. Tudo o que eu queria era vingança, e então, desesperado, eu aceitei as idéias de Lúcifer. É verdade que fomos derrotados, e que tenebrosa foi a nossa punição, mas eu nunca me arrependi por ter confrontado o opressor. Para isso, eu me inspirei em alguém – o olhar voltou ao lutador – Por toda a sua vida você lutou, general. Não pode desistir logo agora.

— E qual é a sua proposta? – perguntou, amolecido pela confissão do monarca.

— Sei que Lúcifer o traiu. Talvez ele não seja a criatura mais justa do universo, mas é quem melhor conhece as fraquezas do tirânico Miguel. Todos, no Inferno e no Céu, esperam pelo derradeiro confronto, a batalha do Armagedon, que antecederá ao despertar do Altíssimo. O combate é a nossa última chance de despojar o Príncipe dos Anjos, antes de o Criador voltar à cena do cosmo. Os vencedores estarão mais perto de Deus, e a Ele apresentarão suas armas.

— Quando Yahweh acordar, Ele punirá os perversos – argumentou o renegado – E não há dúvida de que Miguel será o primeiro a ser condenado, por ter usado a Sua Palavra para justificar tantos massacres. Então, por que não esperar, simplesmente. Por que não aguardar o regresso de Jeová?

— Não sei quanto a você, mas nós queremos vingança – rebateu, e analisou o rosto sofrido do fugitivo – E eu diria que você também.

— Tudo o que eu quero é a justiça.

— Que seja. Chame-a como quiser. Os seus interesses estão ligados ao nosso. Miguel se

prepara para a guerra, e nós temos um inimigo em comum.

— O que está me propondo é uma aliança – digeriu o guerreiro, incrédulo.

— A Estrela da Manhã quer você ao nosso lado.

— Seu mestre sabe que eu nunca me uniria a ele, não depois de ele nos ter enganado, e

denunciado a conjuração. Se eu tiver que lutar essa última batalha, não será sob as asas de um

maldito farsante.

Orion já esperava aquela resposta, e chegara a julgar estúpido o seu senhor, por tê-lo enviado à Terra com tão inusitada proposta. Mas por muitas vezes o Rei Caído se surpreendera com a perspicácia do Arcanjo Sombrio, e preferiu não julgá-lo precipitadamente.

— Eu entendo todas as suas preocupações, mas desta vez é diferente. Este é o embate final de uma guerra que persiste por milhares de anos. Não haverá uma outra oportunidade para derrotar o arcanjo.

Ablon cerrou os punhos, e fechou os olhos, em ligeira meditação. Tudo o que ele mais desejava era completar o ministério de sua vida, enfrentar o Príncipe Celeste e vingar a memória dos renegados. O anjo guerreiro sabia que jamais venceria uma guerra sozinho, mas certamente aquela guerra não seria vencida sem ele. Depois de tantas batalhas, de tantos combates, o fugitivo era o comandante ideal, o mais indicado para dirigir um exército hostil ao tirano. Mas, controlando ou não uma armada, Ablon iria desafiar Miguel mais cedo ou mais tarde, porquê essa era a sua demanda vital, o sentido de sua existência. O duelo só seria possível quando o Tecido da Realidade caísse, já que o exilado estava preso ao seu corpo físico, e portanto incapaz de passar ao plano espiritual, e de viajar ao Paraíso. E a membrana só desapareceria à conclusão do Apocalipse. Mas, caso firmasse acordo com Lúcifer, teria o Diabo meios de pôr príncipe e vagabundo cara a cara, para uma peleja mortal?

— Estarei esperando por você nas proximidades da ponte Rio-Niterói daqui a quatro dias exatos. – disse Orion, quebrando o silêncio – Se você não estiver lá, eu voltarei ao Sheol e direi ao meu mestre qual foi a sua resposta.

O renegado concordou, com um tímido sinal de cabeça. Não descuidava nem um instante de seu odiado rival, o demônio Apollyon, ainda empoleirado no gradeado. Era fortíssimo o tal Exterminador, um demônio guerreiro, pertencente à casta dos Malikis, os soldados do Inferno. A pele era morena como a dos beduínos, e os cabelos negros e ralos. Vestia um sobretudo marrom, muito batido, e roupas grossas. Tinha, assim como Ablon, instintos de predador, e é claro que estava preparado para o assalto, caso o celestial explodisse, e saltasse para atacá-lo.

Orion andou para as trevas, mas acrescentou antes de desaparecer no escuro:

— Quero que fique com isso – sussurrou, sacando um fragmento de pedra do bolso. Era

um estilhaço negro de basalto, e um símbolo em baixo-relevo marcava a superfície.

— É a runa atlântica da paz – reconheceu.

— Era parte do monolito que eu levantei na praça central de Atlântida. Foi a única coisa que sobrou da minha cidade – completou, melancólico.

— Eu me lembro – respeitou o guerreiro, aceitando o presente.

Ablon não era o único a sofrer com as memórias passadas. Orion também tinha os seus

próprios fantasmas, e talvez fosse a dor que os unisse, a nostalgia inesquecível daqueles dias de glória. Compreendeu, então, mais uma das grandes emoções humanas. A ligação entre demônio e renegado era forte, porquê compartilhavam das mesmas lembranças. E essas recordações são invioláveis, precisamente porquê se transformam em lugares míticos, inalcançáveis, ícones para uma mente doída.

Quando a lua nasceu, arrastando o anil da primavera, os dois infernais já haviam sumido. A membrana fora novamente partida, e agora Orion e Apollyon estavam a caminho do Inferno.

— Lúcifer foi muito esperto ao mandar você até aqui, Rei Caído – sussurrou o celeste – É o único a quem ouço. Mas eu estarei preparado para tudo. Como sempre estive.

Desceu a estátua com um pulo, e tomou a estrada em retorno à cidade.

O CASTELO DA LUZ

Quarto Céu, doze mil anos atrás

As Guerras Etéreas

No princípio, havia O céu E a terra, as duas grandes dimensões de um universo bem jovem. Há muito tempo, antes da queda de Lúcifer, o inferno não existia, só a Gehenna, o purgatório das almas, uma das sete camadas celestes destinadas a abrigar o espírito dos pecadores. Esse lugar não era muito diferente do Sheol, para onde o Arcanjo Sombrio e seus seguidores foram lançados após o fracasso na guerra. Na Gehenna a Estrela da Manhã governou, até que fosse expulsa pelo arcanjo Miguel.

Naqueles dias antigos, anteriores mesmo à conjuração, os anjos eram numerosos e fortes, e alguns por demais violentos. Antes do dilúvio, a civilização humana na terra era dominada por duas nações rivais: Enoque, a Bela Gigante, e Atlântida, a Pérola do Mar. Mas, apesar da majestade das grandes potências e de seus heróis inesquecíveis, sua influência não chegava a todos os rincões do planeta. Porções significativas continuavam independentes, e dezenas de milhares de tribos e clãs habitavam o mundo.

Muitas aldeias não reconheciam a existência de um único Deus e veneravam suas próprias divindades locais. Essas divindades nada mais eram do que espíritos de grandes heróis que, adorados após a morte, se tornaram entidades poderosas, crescendo com a energia das preces de seus dedicados fiéis, A fim de

permanecer em contato com seu séquito de adoradores, essas entidades preferiram não seguir para o paraíso, mas ficar na camada mais profunda do mundo espiritual, o chamado plano etéreo — daí se chamarem *espíritos etéreos.*

Com o tempo, os espíritos etéreos, personificados sob a forma de divindades tribais, foram ampliando sua influência, à medida que seus cultistas se multiplicavam. Esse poder paralelo na esfera mística ameaçava a autoridade dos celestiais, que assistiam, aos poucos, à decadência de seu domínio sobrenatural sobre os seres humanos.

Diante da situação, os arcanjos determinaram que os espíritos etéreos deveriam ser confrontados e destruídos. Iniciaram-se então as Guerras Etéreas, uma serie de campanhas militares conduzidas no plano etéreo, cujo objetivo era aniquilar toda e qualquer entidade deificada. As Guerras Etéreas duraram cerca de dois mil anos, entre doze mil e dez mil anos antes de Cristo. Em algumas regiões, opecialmente no Oriente, as legiões celestes foram destronadas, mas em outras partes saíram vitoriosas.

Ao fim das Guerras Etéreas, os arcanjos retomaram a política dos grandes massacres, enviando pelotões de anjos à terra para assassinar os seres humanos. A justificativa era muito simples. Segundo Miguel, que dizia falar em nome de Deus, Yahweh havia se envergonhado de sua criação, tão perversos haviam se tornado os homens. A civilização humana não parava de guerrear — clã contra clã**,** tribo contra tribo, aldeia contra aldeia. Pelo ódio natural que carregavam no coração, os mortais deveriam ser *descartados.*

Muitos anjos bons não concordavam com os morticínios, mas como questionar uma entidade que era a própria voz do Criador? E além disso, os arcanjos eram insuperáveis em inteligência e vigor.

Os poucos que enxergavam a verdade sabiam que Miguel tinha inveja e ciúme da humanidade, por Deus ter dado a ela o mundo, a alma e o livre-arbítrio. O Príncipe dos Anjos desejava em seu íntimo acabar com todos os homens, roubar-lhes a terra e assumir o trono do Deus adormecido, pelo menos até seu despertar. Mas ele não era o único. O ambicioso Lúcifer tinha igual motivação, e fet então que se tornaram rivais.

No entanto, a cada ano que se passava, à medida que a civilização florescia, engrossava o tecido da realidade. Assim, tornava-se cada vez mais difícil para os celestes agirem na esfera material, e então Miguel, indomável, arquitetou o cataclismo que, segundo ele, liquidaria de vez os "bonecos de barro".

Para seu desagrado, o príncipe descobriria a verdadeira resistência da espécie terrena.

Chuva de Sangue

No Quarto Céu, isolada no coração do oceano celeste, havia uma montanha delgada que se alargava no topo, imitando a forma de um cogumelo. Em seu cume ficava o Castelo da Luz, o principal núcleo de atividade dos guerreiros alados no paraíso. A fortaleza fora projetada para suportar mil legiões, prontas a defender o céu contra qualquer invasão. O líder do castelo era o arrogante Balberith, o príncipe da casta dos querubins. Temido por todos os soldados, envergava uma armadura sagrada chamada Couraça da Honra, dada a ele pelo arcanjo Uziel, patrono da ordem dos combatentes.

Naquele dia, há doze mil anos, a aurora dava espetáculo, e o sol nascente desenhava uma

estrada tremulante no mar. Ablon, o Primeiro General, aterrissou no pátio central e contraiu as asas. Só então regressava ao forte, depois de um longo período de recuperação. Gravemente ferido durante as Guerras Etéreas, o lutador quase perdera a visão ao afrontar o deus Rahab, chefe de uma horda de entidades etéreas. De foto, não estava totalmente curado, mas um acontecimento terrível antecipara sua volta.

Justo e bom como era, Ablon não tolerava participar das carnificinas ordenadas pelos arcanjos, mas, enquanto descansava, o comando de sua legião fora entregue ao maior de seus adversários — o abominável Apollyon, o Anjo Destruidor. Esse homicida nefasto liderara seus soldados em uma sangrenta incursão pela Haled — como os celestiais chamam o plano físico —, aniquilando um povoado inteiro. A operação fora chamada de Chuva de Sangue, em alusão à passagem atroz da legião.

Indignado, porém contido, o general retornou sem demora, preocupado em retomar a liderança de suas divisões. Mas, a despeito de sua querela com o Destruidor, outro evento marcante estava para mudar para sempre a política angélica, e quanto a isso o lutador nada podia fazer.

No Palácio Celestial, no Quinto Céu, os cinco arcanjos discutiam a proposta de Miguel de lançar um cataclismo à terra. A decisão dos primogénitos seria anunciada em breve, e os dez generais deveriam estar reunidos — havia dez gran-is querubins sob a tutela de Balberith. Ablon e Apollyon estavam entre eles.

Lúcifer, a Estrela da Manhã, mostrara-se contrário à hecatombe. O impasse foi resolvido, então, com o envio de três celestiais à Haled, cuja missão seria comprovar — ou refutar — a perversidade dos homens. Se existisse ao menos uma pessoa justa e reta na face da terra, ela seria poupada.

Os escolhidos para a missão foram três anjos de castas distintas. Um deles era Balam, da casta dos hashmalins, ordem que defende a purificação da alma pelo sofrimento da carne. O segundo enviado era Nathanael, da casta dos ofa-nins. Os ofanins são anjos da guarda, figuras de luz e sabedoria que amam os mortais e os ajudam no caminho da salvação. Por fim, o terceiro designado era Baturiel, o Honrado, capitão da ordem dos querubins, guerreiro cuja única atribuição seria arbitrar a disputa.

Durante a incursão, Balam tentou corromper cada mortal que encontrou, usando de seus estratagemas para incitar a cobiça nos homens. Nathanael tentou anular suas artimanhas, mas o hashmalim era ardiloso e teria voltado ao céu com um relatório impecável, não fosse por um único humano que resistiu às provações: Noé. E era precisamente sobre o destino desse homem que os arcanjos agora deliberavam.

Ablon, por sua vez, já tinha em mente uma conjuração. Planejava reunir alguns celestiais que compartilhavam das mesmas idéias que ele e depois buscaria o apoio de um dos cinco gigantes — Lúcífer, o principal inimigo do poderoso Miguel. Mas, para isso, a humanidade teria que sobreviver à próxima destruição, e então os conjurados agiriam.

Por ora, a situação estava nas mãos dos arcanjos.

O Castelo da Luz era uma edificação grandiosa, lapidada em pedra clara, ouro e mármore e praticamente inacessível por terra ou mar. Por ar, os virtuais inimigos teriam que, antes, vencer as numerosas patrulhas aladas que defendiam a fortaleza. Por todos os cantos do céu, anjos armados deslizavam ao vento, subiam, desciam, mergulhavam e rodopiavam, em uma dança bela e mortal.

No pátio menor, uma área circular com cem metros de raio, os querubins praticavam técnicas

de infantaria, manejando suas espadas contra oponentes invisíveis. Outros moviam suas lanças, simulando o combate, enquanto um regimento de mulheres-anjo praticava tiro com seus arcos fantásticos.

Ablon ajeitou sua armadura dourada, uma couraça peitoral coruscante. As armaduras completas, com placas por todo o corpo, estavam reservadas aos príncipes de casta e aos insuperáveis arcanjos — Balberith, o líder da ordem dos anjos guerreiros, tinha uma couraça completa. Depois, o general apertou a fivela cinto e desceu a mão à bainha, só para sentir o conforto de sua espada mística, a Vingadora Sagrada. Para os querubins, mestres da luta, a espada é uma rte do corpo, um acessório indispensável à batalha. Eles nunca esquecem suas armas e se sentem incompletos sem elas.

Nas alturas da fortaleza, a brisa gelada trazia o aroma da maresia. Com sentidos de caçador, o Primeiro General escutava as ondas a estourar na base da delgada montanha, novecentos metros abaixo. Ouvia o espargir dos respingos e as gotas salgadas escorrendo na rocha.

De repente, um movimento chamou sua atenção. No céu, avistou dois soldados em disputa feroz. Sem armas, eles trocavam socos e chutes, disparando nuvens e em seguida descendo ao pátio. Os duelos eram comuns no castelo e incentivados como parte da natureza dos querubins. De acordo com o código da casta, qualquer guerreiro podia desafiar outro de mesma hierarquia para um combate particular. No confronto, porém, as armas eram vetadas, e o uso de armadura, obrigatório. Assim, a peleja nunca era letal. O duelo virava treinamento diário, motivando os adversários a aprimorar suas habilidades. Muitos desafios eram aceitos na hora, e frequentemente a fortaleza se convertia em arena aberta. Anjos em serviço não podiam lutar, apenas os celestiais em período de descanso.

O costume de convocar alguém ao duelo consistia em desatar a fivela do cinto, deixando cair a espada. Era o sinal que indicava que o rival estava desarmado e pronto para a disputa. Os alados que portavam armas distintas — como lanças e arcos — simplesmente largavam o objeto no chão e aguardavam a resposta do oponente.

Esquecendo a briga, Ablon escutou um andar regular, acompanhado do tilintar de metal. O capitão Dariel, lutador célebre pela rapidez e percepção, parou diante do superior.

— General, o príncipe Balberith solicita a presença de todos os líderes de legião no pátio central — anunciou, contraindo as asas em sinal de respeito.

— Ele adiantou alguma coisa?

— Baturiel retornou, senhor. Ele traz a decisão dos arcanjos.

A Vontade dos Homens

O pátio principal do castelo era enorme. Vista de cima, a fortaleza desenhava um grande círculo central, orlado por quatro pátios menores. Entre eles, altas torres de guarda faziam a segurança, com os olhos voltados aos pontos mais distantes do oceano.

A área do pátio somava trezentos metros de diâmetro. A leste, na direção do sol nascente,

uma escadaria em meia-lua levava à sala de guerra, uma construção semelhante aos templos de teto abobadado, suportada por colunas brancas e cingida por estátuas de aço que copiavam a imagem dos cinco arcanjos. O grande largo era envolvido por um peristilo, uma galeria de pilas trás em volta da praça, formando um corredor circular.

A oeste, duas fileiras de pinheiros adultos delimitavam o caminho até uma larga piscina de mármore, cuja fonte de água brotava do coração da montanha. Nas torres e nos muros, galhardetes e flâmulas exibiam os brasões das legiões, diversos em formas e cores.

Balberith, o príncipe dos querubins, subiu a um parlatórío no pátio e encarou os dez generais, ajoelhados diante dele. Não era um lutador muito forte, mas Incrivelmente ágil, frio e audaz. Com a armadura completa, parecia um deus dourado, de longas asas esbranquiçadas. Os cabelos eram vermelhos, compridos e lisos, e desciam pelas costas como uma cachoeira de fogo.

Ele enfrentou os oficiais como se fossem inimigos, arrogante que era. Gostava de imprimir medo em seus subalternos e, como todo militar, não admitia ser questionado. Quando entendeu que estavam ali os comandantes, prostrados e a suas ordens, anunciou:

—Miguel, o Príncipe dos Anjos, decretou a destruição final da humanidade.

Havia certa satisfação em sua voz. Era bajulador dos arcanjos e apoiava suas campanhas funestas. Ablon suspeitava que este era o motivo pelo qual ele colocara Apollyon para controlar a legião.

— Mas a piedade dos gigantes é copiosa, e eles julgaram por bem poupar um único mortal, que se mostrou virtuoso. Esse homem será preservado, e também sua família.

— Então, há realmente pelo menos um humano justo e puro na face da terra, meu príncipe? — indagou Sheníal, general conhecido pela cautela e inteligência.

— É o que foi constatado.

— E qual seria a participação da nossa casta nesse evento tão importante? — interpelou o ousado Apollyon, ávido por tomar parte na hecatombe.

— Nenhuma — devolveu o príncipe, indiferente. — O cataclismo será precedido de causas naturais. Os ishins farão todo o serviço. Um dilúvio. A destruição virá por meio de uma grande inundação.

— E quem comandará a mortandade? — inquiriu o Anjo Destruidor, invocado.

— Amael, o Senhor dos Vulcões, soberano da Cidadela do Fogo.

— Esse Amael é um fraco — grunhiu Apollyon. — Até mesmo seu aprendiz, Aziel, despreza sua autoridade. Os ishins são incapazes, um bando de incompetentes que nunca pegaram em armas.

— Lembre-se de quem você é — alertou Varna, mulher-anjo comandante da legião das arqueiras. — Somos anjos, querubins e soldados. Nosso dever é obedecer às ordens supremas e cumpri-las.

— Não há lugar para nós nesta destruição — completou Ablon, contestando o Destruidor. — Faremos como nos foi ordenado.

Aliviara-se por não ter que participar da matança. Mas, na certa, a preservação de Noé era um engodo para obscurecer uma decisão leviana. Os arcanjos nunca achariam que uma só família mortal resistiria à desolação após o dilúvio.

Apollyon irritou-se ao ser contrariado por seu mais odiado rival. O sangue ferveu, e ele ensaiou uma réplica, mas Balberith o cortou.

— Está acertado. Instruam seus soldados e assegurem toda a proteção aos ishins nessa operação. Alguns de nós teremos de ir à Haled para escoltá-los — e dirigiu o olhar ao Destruidor. — Você pode se apresentar como voluntário.

Somos querubins, guerreiros, assassinos de Deus!— pensou Apollyon. *Como dar o comando da missão aos ishins?*— revoltou-se, e sua raiva recaiu sobre o Primeiro General, que tão seriamente o questionara. *Quem ele pensa que é? Tornou-se herói à minha custa, superando a minha legião nas Guerras Etéreas.*

Quando Balberith terminou, os generais se dispersaram. Imediatamente, Ablon imaginou como poderia arquitetar uma resistência. O Castelo da Luz não era o melhor lugar para principiar uma conjuração, mas não havia tempo a perder. Nunca fora bom político, e teria que pensar muito se quisesse obter qualquer tipo de apoio.

Preferiu, então, procurar Baturiel.

Baturiel, o Honrado, era um dos mais destacados capitães querubins. Seu principal rival era outro capitão, um guerreiro chamado Euzin, subordinado ao voraz Apollyon. Euzin consagrara-se nas Guerras Etéreas, depois de uma terrível batalha em que venceu vários espíritos. Desde então, sua espada mística ficou conhecida como Raio de Aço, uma homenagem à lâmina mortal. Mas, para alguns, a fama tem seu revés. A celebridade o tornou orgulhoso, e Euzin virou um detestável celeste, invejoso e inseguro. Receava, mais do que tudo, perder o renome, por isso desafiava anjos mais fracos ao duelo, desviando de seus superiores e desprezando o código da casta. Não cansava de humilhar seus soldados e cobiçava a posição de seus chefes.

Ablon e Baturiel se encontraram no passadiço externo. De um lado, o precipício altíssimo terminava no oceano; de outro, uma escada descia ao pátio leste, um dos quatro largos menores à volta da esplanada central.

A despeito de sua natureza disciplinada, Baturiel não era simpático ao assassinato dos homens. Ablon conhecia bem seus lutadores e entendia a bondade do capitão. Mesmo assim, não incluíra seu nome entre os potenciais conjurados, porque era demasiado ordeiro, e o general temia que não fosse capaz de desafiar os arcanjos. Naquele momento, tudo que precisava era de um fio de esperança, uma centelha que lhe indicasse que os humanos poderiam resistir à catástrofe.

— A Haled... a terra dos homens — divagou o general, fitando o horizonte. — Poucos anjos conhecem a dimensão material.

O lar dos celestiais era o paraíso, e muitos não gostavam de viajar ao mundo físico.

— Ela é para nós um lugar sufocante — acrescentou Baturiel. Trajava uma placa dourada, semelhante à couraça de Ablon, e carregava lança e espada. Tinha os cabelos curtos e negros, e os olhos como duas esmeraldas fulgentes. — O tecido da realidade limita os nossos poderes, e a cada dia a terra se afasta do plano espiritual. Desde que o primeiro mortal se esclareceu, tomando consciência de sua individualidade, os celestes não mais detém sobre eles o mesmo domínio. A força dos homens é

inigualável, general. Foi esse o grande aprendizado que obtive em minha missão. Frágeis enquanto criaturas palpáveis, são insuperáveis em vontade. Esse é o poder de sua alma imortal.

— Então me diga, capitão... A humanidade resistirá ao holocausto?

Baturiel silenciou por um curto instante e depois respondeu.

— Os homens têm sentimentos que nós, anjos, desconhecemos. São sentimentos divinos, sublimes. Eles, que geram a vida como Deus nos gerou, não abandonam sua cria e de tudo fazem para protegê-la. E o tipo de emoção que nunca entenderemos. Talvez o Altíssimo lhes tenha dado esse instinto, o da preservação da espécie, para que vivessem para sempre na superfície da terra.

— E qual é sua conclusão?

— Os arcanjos nada conhecem sobre a humanidade. Suspeito que tenham medo de descer à Haled e nunca voltar, fascinados por suas maravilhas. O instinto humano da multiplicação é incrível, eu diria que nem todas as águas do mundo poderiam apagá-lo — afirmou, e finalizou num sussurro:

— O dilúvio resultará em fracasso. A inundação não apagará a existência mortal.

Ablon abriu um breve sorriso, mas o suprimiu em seguida. No íntimo, o coração festejava.

— E será que a família escolhida resistirá ao cataclismo? Serão capazes de reconstruir a civilização?

— Nem só eles sobreviverão. Muitos desprotegidos também vão escapar à matança. A resistência dos terrenos é admirável. Além disso, até Miguel tem seus inimigos, e agora me refiro a Lúcifer. Se os escolhidos morrerem, a unidade dos arcanjos será abalada. Não acho que o monarca se arriscaria a tal ponto. Uma briga entre Miguel e Lúcifer terminaria em uma guerra sangrenta, que poderia arrasar o paraíso.

Lúcifer — pensou o Primeiro General. *O Filho do Alvorecer será o trunfo dos conjurados* — planejou. *Quem melhor do que ele para apoiar uma revolta contra o perverso Miguel?*

Na ocasião, Ablon não sabia que seria vítima de sua própria inocência política. Lúcifer também era perverso, porém mais inteligente e astucioso que seu irmão. Não assumia uma postura tirânica, mas carismática. Muitos anjos — bons e cruéis — o adoravam, porque a Estrela da Manhã era a voz da liberdade em um reino opressor, a força que se levantava pelo direito dos fracos.

Suas pretensões, no entanto, eram medonhas.

O Legendário Duelo

Ablon ficou em silêncio ao lado do capitão, imerso no distante sonho da conjuração. Apollyon, o Anjo Destruidor, se aproximava pelo passadiço, seguido por dois celestiais que adejavam em escolta. Apollyon era quase um gigante, vigoroso e possante — certamente o mais forte dos generais. Uma couraça de metal prateado protegia-lhe o torso, e na cinta levava uma lâmina afiada. Os olhos escuros fulminavam, brilhando de ira e maldade.

Ablon manteve apertado o cabo da arma, mas conservou a espada na bainha. Dificilmente seria atacado de surpresa, embora seu rival não obedecesse às regras da ordem.

Os olhares inimigos se cruzaram, e as sentinelas pressentiram a tensão.

— Relaxe a guarda, guerreiro — disse o Destruidor, percebendo a prevenção do herói. — Só vim devolver-lhe o comando de sua legião, oficialmente.

— Parece que conseguiu a vingança que procurava — retrucou Ablon, referindo-se à rixa pessoal entre eles. — Estamos quites agora. Não quero mais continuar esta briga — propôs, tentando pôr termo à rivalidade.

— Aquela vitória era minha! — protestou Apollyon, relembrando as Guerras Etéreas. — Nossa contenda só terminará com sua humilhação — determinou — ou com sua morte.

— Se assim prefere... Então é provável que nunca consiga sua desforra — desafiou, o general, e isso enfureceu o brutamontes, que instantaneamente dirigiu o punho ao cinto. Ablon imaginou que fosse sacar a espada e assumiu posição de batalha, mas o perverso deslizou a mão até a fivela e a desatou.

Os outros querubins debandaram e voaram para longe dali, espalhando-se como pássaros em revoada,

Um duelo!

Ablon não tinha saída. Era lutar ou morrer.

O cinto e a espada de Apollyon caíram, e o guerreiro, compreendendo o desafio, abriu também sua fivela. Mas, antes que a Vingadora Sagrada tombasse, o Destruidor investiu como um touro e acertou um murro no rosto do gene-ral. Sua cabeça inclinou para trás, e o corpo angélico foi arremessado do passadiço ao pátio central. Só parou quando as costas encontraram uma grande coluna e, rachando a pilastra, ele escorregou para o chão.

Com o nariz imundo de sangue, o herói viu o adversário chegar voando ao largo.

— Pelo jeito, ainda não engoliu o fato de eu tê-lo superado na guerra — dísse Ablon, ainda aturdido. — Mas é bom se acostumar. Logo terá uma coleção de fracassos.

— Você é atrevido, guerreiro. Vou esmagar sua ousadia.

Os soldados, capitães e generais, surpreendidos pela escaramuça, correram para assistir ao confronto. Eis uma ocasião que seria por milénios lembrada: o combate entre os dois principais generais.

Ablon se levantou, apoiado em um dos pilares. A visão era turva. A face ensanguentada tornava a mirada obscura, mas ele distinguiu uma mancha vermelha crescendo em sua direção — era o rival que corria novamente ao ataque.

Abrindo as asas em posição defensiva, o guerreiro usou os outros sentidos, menos feridos, para perceber o inimigo. Apollyon vinha em carga, e o general decidiu que seu próximo movimento seria um contra-ataque. Tolice bater de frente com ele, um monstro grande e poderoso.

No instante em que os dois lutadores estavam para se chocar, Ablon se desviou. E em vez de deixar que o inimigo enfrentasse as colunas, simplesmente o agarrou pela gola da armadura e alçou voo. Surpreso, o homicida não reagiu, à medida que era puxado para cima.

Quando, enfim, o Primeiro General alcançou a linha das muralhas, empurrou o oponente ao solo com tanta violência e rapidez que o grandalhão nem conseguiu abrir as asas. O Destruidor se espatifou contra

o mármore, abrindo uma cratera no chão. O impacto da armadura na pedra gerou som estridente e fez as torres da fortaleza tremerem.

Os anjos vibraram. As flâmulas das legiões sacudiram ao vento.

Mas Apollyon não estava incapacitado, absolutamente, apesar da força do golpe. Ciente da resistência do inimigo, o general desceu voando para mais um assalto. Como uma águia, pretendia cair com as duas pernas sobre o brutamontes, pressionando o rosto do adversário contra o piso estilhaçado. O perverso, porém, pressentiu a investida e saltou aos céus com as asas abertas, para interceptar o lutador. No ar, Ablon descia com a guarda afrouxada, e Apollyon girou de baixo para cima, acertando o guerreiro com um chute feroz.

De novo, o herói foi jogado para longe, a oeste do pátio, onde duas fileiras de pinheiros desembocavam em uma piscina quadrada. O choque do corpo arrancou duas árvores, e o general continuou em trajetória, abrindo um caminho profundo no chão.

Aquele era um duelo de grandes. Era melhor assistir a distância.

Ferido, Ablon pulou da fissura, pronto para mais um embate. O sangue agora subia pela garganta, avisando que algum órgão interno tinha se rompido. *Quem disse que as batalhas desarmadas não eram letais?* Sim, já houvera mortes em combates assim, mas eram raríssimas. As armaduras geralmente absorviam a maior parte da potência dos golpes.

De longe, Balberith observava a disputa. Nem mesmo ele, em toda sua vivência de guerra, tinha assistido a tão magnífico duelo. Claro que já tinha presenciado uma centena de escaramuças mortais, mas nunca entre dois generais. Com tanta pujança, o príncipe sabia que os oponentes poderiam até se matar e destruir o castelo. De acordo com a norma da casta, só ele tinha autoridade para interromper o confronto. Mas deveria pará-los? Apenas com um bom motivo, ou os competidores seriam desonrados. Afinal, o duelo era um direito que assistia a todos os querubins. E, mesmo assim, Balberith não poderia se arriscar a perder um de seus comandantes. Preferiu, então, esperar e acompanhar a evolução da batalha. Talvez o próximo golpe finalizasse a briga — ou liquidasse um deles.

No pátio, Ablon tomou posição, mas sentiu crescer a ardência por dentro. Um litro de sangue saiu pela boca, e ele se encurvou para cuspi-lo. Debilitado pelo enjoo, descuidou-se de seu inimigo, que pulou para esmagá-lo. Os pés do assassino atingiram-lhe o peito, e o grandalhão montou sobre ele. Em seguida, veio uma sequência de socos. A cada pancada, a cabeça do general afundava no chão, lanceando seu rosto.

Ablon estava no limite de suas forças, machucado e com a aura já fraca. Teria apenas uma oportunidade de virar o combate, se acertasse um assalto preciso. Mas como?

Os querubins conhecem uma técnica especial chamada Ira de Deus, com a qual concentram toda sua energia divina em um único golpe. Essa tática não era usada com frequência, por seu caráter potencialmente fatal. O Primeiro General estava certo de que se lançasse a Ira de Deus sobre Apollyon poderia vencê-lo, mas a disputa se transformaria em uma peleja mortal.

Reanimado por uma raiva suprema e estimulado pelo cheiro de sangue, o guerreiro acometeu.

A Ira de Deus!

Sim, esse combate seria para sempre lembrado.

O punho vermelho de Ablon reluziu em uma leve aura dourada e encontrou o estômago do homicida. Num instante, a armadura do brutamontes cedeu e se partiu ao meio. O Anjo Destruidor foi atirado para cima, como se atingido por uma explosão colossal. Foi lançado na direção das muralhas, traçando uma

linha de sangue no ar e depois batendo contra as pedras do passadiço.

Interromper o duelo? — pensou Balberith.

Uma dezena de estilhaços de rocha despencou para o mar, e alguns espectadores nos muros foram também acertados. Apollyon desabou, caindo paralelo ao rochedo. Sem a armadura, estava vulnerável não só ao perigo da queda, mas também aos ataques do general.

Ablon voou à passarela e de lá viu seu inimigo desabando, desgovernado demais para desfraldar as asas. Resolveu, então, que sua vitória seria *total.* Era um querubim, um combatente honrado, e prosseguiria a luta em igualdade, mesmo que o Destruidor não desse importância ao código.

Assim, desfez as amarras laterais da couraça e largou a placa de lado. Com o peito nu, derrotaria o adversário.

Então, com sobrenatural velocidade, mergulhou na direção do oponente, que raspava nas pedras a cada segundo. Dali, eram pelo menos novecentos metros até o sopé da delgada montanha, onde uma praia de pedras pontudas os aguardava.

No cimo de uma torre dourada, Balberith observava inquieto o duelo, a expressão preocupada encrespando-lhe o rosto.

Interromper o duelo?— pensou novamente.

No passadiço, o capitão Baturiel também divisava a batalha, calado. Euzin, subordinado a Apollyon, visualizava igualmente, do outro extremo da fortaleza. Um deles seguramente perderia seu general.

Perto do príncipe da casta, à volta da bastilha de ouro, Shenial, um dos dez generais, dirigiu-se a Varna, a comandante da legião das arqueiras.

— Agora eles estão sem armadura, a única coisa que assegurava que sairiam vivos deste combate. Sem ela, um deles vai morrer, com certeza.

— Sim, mas qual deles? — rebateu a mulher-anjo. *Interromper o duelo?*— ponderou Balberith, sinceramente.

Enquanto Apollyon desmoronava pela encosta, Ablon disparou, procurando a garganta do inimigo. Batendo as asas com toda a energia, agarrou o pescoço do Destruidor com as duas mãos, fortalecidas pela Ira de Deus. Despencando, no meio do caminho entre o castelo e o mar, o guerreiro não sentia mais nada ao seu redor, obcecado por um único objetivo sangrento: matar o perverso. O mundo à sua volta era só um cenário sem vida. Tudo que importava era aquela peleja, seu duelo final.

Engalfinhados, os dois competidores entraram em combate cerrado, enquanto rolavam pelo paredão. E assim, no meio da luta, Apollyon invocou sua própria Ira de Deus, quebrando as costelas do herói com murros consecutivos.

De súbito, então, os golpes pararam.

O possante Apollyon, perceptivo, agarrou forte a goela do general com uma só mão e com a outra puxou o braço do inimigo. O corpo de Ablon rodou e logo ele estava por baixo, em plena caída,

Um segundo depois da manobra do assassino, as asas do guerreiro encontraram o chão de pedras afiadas, em uma sufocante batida. A pele, já arranhada, lascou-se em cortes profundos, e o sangue escorreu pelas penas. As últimas forças do general estavam a sumir novamente.

Os lutadores estacaram, imóveis nas rochas. Perto dali, a seção prateada da couraça do Destruidor jazia num buraco de erosão — a mesma placa que se quebrara ao receber o ataque enfurecido de Ablon. Mais próximo ao aclive, logo atrás, uma pilha de escombros de mármore evidenciava a destruição da muralha.

Apollyon mantinha os dedos apertados em volta da garganta do inimigo, imobilizando-o com o joelho no peito. Ambos estavam arrasados, feridos e fatigados. Mas cada um acreditava ainda na própria vitória.

Interromper o duelo!— decidiu Balberith.

Supostamente em perfeita vantagem, Apollyon não estrangulou sua vítima. Manteve o general preso e ergueu a mão direita para a investida final.

O coração! O Destruidor visava o coração, a parte mais vulnerável da anatomia angélica. Perfurar o coração de um celestial é o mesmo que matá-lo na hora, e essa seria a próxima manobra do assassino. Para os alados, não há outra Tida após a morte. Sua consciência se apaga» e a vibração pessoal regressa à fluência do cosmo. Talvez por isso os dois lutassem tão bravamente para preservar a existência.

O brutamontes se preparou, concentrando a Ira de Deus. Mas Ablon não estava assim tão indefeso. Escondera na manga um segredo, uma estratégia de guerra. Fingia estar abatido, mas se esquivaria do assalto no momento mais crucial, deixando que o atacante estourasse o punho nas pedras. Então, aplicaria a *aut* ofensiva fatal.

O herói viu os dedos do inimigo se enrijecerem em forma de garras. Man-tinharn olhos nos olhos. Um único deslize levaria um deles à morte. A vida estava segura por uma fronteira bem frágil.

E assim, no auge do combate, uma voz ecoou por todos os oceanos:

— Parem agora! — ordenou Balberith, flutuando para baixo com as asas abertas.

Mas a fúria de Apollyon não amainara, e ele esticou a mão como uma lança, desprezando o comando do príncipe. Na hora Balberith endureceu, e sua fala soou como um trovão:

— Por acaso você tem a intenção de me desobedecer, Apollyon? — perguntou, cm tom assustador.

É claro que tenho!— pensou o assassino. Mas só pensou.

A paisagem retomou a cor, e a cólera diminuiu no semblante dos predadores. Balberith pairou a três metros da água, repreendendo os duelistas com uma expressão irritada.

Centenas de anjos mergulharam para a base do alto rochedo, para assistir à conclusão da legendária disputa. Mas eles não eram os únicos que queriam a continuidade da briga. Os dois rivais, mesmo já esfriados, desejavam terminar logo o embate.

— Meu príncipe, deixe que prossiga o confronto! — suplicou o Primeiro General. Não queria desobedecer ao superior, mas era grande a vontade de exterminar o adversário e conservar a honra.

Balberith chegou ao lado dos dois celestes e os encarou. Não usava sandálias, como os outros, mas botas de couro macio. Sua presença era fascinante, e sua aura, admirável.

— Se insistirem neste combate, terei que matá-los — blefou, e fez gelar o sangue dos generais. Ainda que poderosos, nem Ablon nem Apollyon eram páreo para o príncipe da ordem. O Destruidor se enfureceu com a decisão e teria atacado o soberano, mas preferiu guardar seu ódio. Felizmente para ele, Balberith era um combatente, mas não podia ler pensamentos. Se pudesse, Apollyon estaria arruinado.

Os oponentes se levantaram.

Quando o ruivo foi embora, regressando à torre dourada, o brutamontes rosnou:

—Ablon, da próxima vez não haverá nenhum príncipe para salvá-lo.

— Esperaremos ansiosos por esse dia — devolveu o lutador, dando de ombros e voejando ao Castelo da Luz.

O duelo estava encerrado.

2-A terceira guerra

Ablon estacionou a motocicleta de guidão cromado em um beco escuro, desmontou e atravessou a estreita rua de paralelepípedos, já deserta àquela hora da noite. Mesmo sendo uma cidade grande, algumas áreas do Rio de Janeiro, especialmente as do centro, conservam a arquitetura do século XIX — sobrados de três andares, igrejas barrocas e vias pouco iluminadas —, uma herança do passado colonial que continua presente nas zonas históricas, onde outrora caminha-lam piratas, jesuítas e escravos. A alguns metros dali, as ruelas antigas convergem em uma larga avenida asfaltada, margeada por enormes arranha-céus com anúncios de néon no topo. Pela calçada, buracos de metro adentram o solo, à luz dos postes noturnos e dos semáforos piscantes. Esse é o aspecto do centro, uma conjunção entre o velho e o novo, um choque arquitetônico entre a urbe moderna e a extinta capital da colónia.

Há cerca de cinquenta anos, com o crescimento da cidade, muitas pessoas ac mudaram para bairros mais distantes, e o centro deixou de ser residencial, passando a ser exclusivamente comercial. Quase ninguém mais mora por ali, e os poucos residentes são na maioria mendigos ou forasteiros que dormem em abrigos ou nas poucas pensões, mais usadas pelas prostitutas.

À noite, aquele é um bairro fantasma, visitado apenas pelos operários da prefcitura, que consertam sinais de trânsito e reparam o asfalto. Quando chega o dia, contudo, a vizinhança é invadida pela mais heterogénea das turbas — executivos de terno, aleijados, pedintes, vendedores de amendoim, motoristas de ônibus, estudantes atrasados e pregadores religiosos. O movimento diminui só pelo fim da tarde, ao término do expediente, quando os trabalhadores voltam para casa. Alguns permanecem, divertindo-se nos bares ou frequentando os prostíbulos, mas tudo acaba antes da meia-noite, para renascer com o brilho do sol.

Havia uma pensão escondida no lado antigo, o Hotel Montenegro, que Ablon escolhera como refúgio. Conseguira convencer o proprietário a alugar um dos quartos grandes por tempo indefinido, o que salvou as contas da hospedaria, já quase entregue às baratas.

Se havia um lugar na cidade para um anjo renegado se hospedar, era aquele local. O Hotel Montenegro não passava de uma pensão desprezível, praticamente abandonada. E, mesmo sendo uma construção bem antiga, o mundo espiritual estava limpo sob o tecido da realidade — nada de espíritos arrastando correntes ou espectros saindo das sombras. Os antigos residentes do sobrado, conforme Ablon já concluíra, não deixaram assuntos pendentes para castigar a alma. Ao contrário do que se pensa, nem sempre os fantasmas atormentam os vivos, mas os anjos podem avistá-los no plano astral, e é aborrecido, por vezes, assistir ao lamento das assombrações.

O Hotel Montenegro estava de acordo — isolado e obscuro, um buraco decadente na cidade decrépita.

Ablon abriu a porta e entrou no apartamento. O quarto era grande, antigo, com o pé-direito alto e o chão de madeira, que provavelmente fazia parte da construção original. O cómodo, largo e sem divisórias, ocupava todo o terceiro andar do sobrado. O proprietário contara ao renegado que o recinto fora, no passado, uma espécie de depósito. Havia poucos meses, ao se estabelecer ali, o celestial trouxera centenas de inusitados objetos, artefatos que colecionara por cerca de seís mil anos. Nunca carregava coisa alguma em suas viagens, mas guardava os itens em sítios escondidos, e agora ele os reunira em seu

refúgio. Assim, o salão mais parecia um pequeno museu. Nas estantes abarrotadas, descansavam documentos ancestrais, tomos de feitiçaria, tapeçarias medievais, tratados helênicos, papiros egípcios, mapas espanhóis e exemplares de livros originais do século XIX, incluindo um manuscrito de *A origem das espécies,* de Darwin. Outras prateleiras sustentavam mais caixas, dentro das quais jaziam gládios romanos, armaduras japonesas, escudos nórdicos, placas sumérias, quadros renascentistas e outros ícones culturais que Ablon preferia preservar, nem que fosse simplesmente para não esquecer o próprio passado.

Trancada a porta, o lutador tirou o sobretudo emborrachado, que usava para se proteger das chuvas frequentes que caíam sem avisar naquela cidade úmida e quente. Puxou uma cadeira e se sentou à maciça távola de mogno, entulhada de jornais e revistas, que dividiam espaço com rolos envelhecidos de pergaminho, escritos em aramaico. O guerreiro estivera, por semanas, analisando os periódicos e buscando ligações entre os fatos recentes e as velhas profecias. Infelizmente, reconhecera os paralelos e notara os sinais.

Os sinais do Apocalipse.

Para um pária como Ablon, era difícil saber o que acontecia no céu ou no inferno. Mas, com o tempo, ele foi entendendo que os eventos espirituais encontram reflexo no plano físico. Foi assim que, pela primeira vez, percebeu os sinais, os indícios que confirmavam os últimos dias da terra. Começou com aquilo que os profetas chamaram de "cavaleiros do Apocalipse". Não houve cavaleiro de fato nem entidades montadas que personificassem a previsão. Mas o renegado podia percebê-los nas guerras no Oriente Médio, nas crianças famintas da África, nas epidemias, nos falsos videntes e em todo lugar onde a morte arrastava seu manto. Depois, a situação mundial se degradou, e isso nada teve a ver com as forças infernais ou celestes.

No início do século XXI, a crise econômica mundial voltou a fomentar o expansionismo das grandes potências, a exemplo do que acontecera em fins do século XIX, Os Estados Unidos da América, abalados por problemas políticos e financeiros, buscavam expandir seus territórios de influência, invadindo e ocupando dezenas de países menores. Após a invasão do Afeganistão, os americanos avançaram para o Iraque e depois continuaram a operação, ocupando a Síria, O Irá e a Líbia, sempre sob o pretexto de autodefesa. Acusavam levianamente seus inimigos de deter arsenais de armas químicas, biológicas e nucleares, argumentos que quase sempre eram refutados pelos inspetores das Nações Unidas. Fixando o domínio sobre esses países, os estadunidenses fecharam o cerco ao Oriente Médio, estabelecendo bases sólidas para suas operações na Ásia. Para assegurar o contingente de tropas nas regiões ocupadas, os EUA selaram um pacto de cooperação com os principais países da Europa, encabeçados pela Grã-Bretanha, Itália e Alemanha. Assim criou-se a chamada Liga de Berlim, em alusão ao nome da capital que abrigou os chefes de Estado durante a conferência que formalizou o acordo.

Surgia, porém, a necessidade de implantar um posto de operações no Oriente, e o marco escolhido foi Taiwan, cujo governo aceitou de bom grado o capital investido pelos patronos ocidentais. Mas a aliança com a ilha não passou despercebida aos olhos da China e da Coreia do Norte, nações que assim como os Estados Unidos, desejavam expandir suas áreas de influência e dominar mercados. Os dois países exigiram a evacuação das empresas ocidentais de Taíwan, e a recusa levou ao primeiro grande conflito do século XXI, a Guerra dos Trezentos Días, que vitimou em apenas um ano cerca de três milhões de pessoas, entre militares e civis, e terminou com a vitória do Oriente. A Liga de Berlim foi obrigada a deixar a ilha, e desde então os dois blocos trocam hostilidades, como uma panela de pressão prestes a explodir.

A China e a Coreia do Norte entenderam que eram os principais alvos da Liga e decidiram pela expansão. Em uma campanha sem precedentes na história da humanidade, os dois exércitos invadiram o Japão sem disparar um só tíro e ocuparam todo o arquipélago, na chamada Ofensiva dos Dois Exércitos. Fecharam acordos de cooperação com a índia, Mongólia, Tailândia, Malásia, Indonésia e Filipinas, mas o golpe final ainda estava por vir. Descontentes com a miséria crescente após o fim do comunismo, os russos abraçaram com todas as forças a causa chinesa, e o país se uniu ao bloco do leste, formando a Aliança Oriental, que recebeu, em poucos meses, adesões de algumas ex-repúblicas soviéticas-

Preocupados com a perda de soberania, os americanos conseguiram, depois de inúmeras conversações, o apoio do Canadá e da preciosa Oceania, e continuaram sua política expansionista, invadindo Cuba e Panamá. Um novo confronto entre os dois blocos estourou na Turquia, únίco país muçulmano aliado à Otan, aja desfeita Organização do Tratado do Atlântico Norte. O governo turco se dividiu, dando origem a dois partidos que pegaram em armas e transformaram Ancara em um mar de sangue, afundando a nação em uma guerra civil. Cada uma das potências enviou armas e tropas. Para a Liga de Berlim, era imperativo deter o controle da Turquia, para que pudesse fazer uma ponte com os países ocupados do Oriente Médio. A Aliança Oriental, por sua vez, sabia que, se os inimigos tomassem a capital, se abriria uma frente de invasão pelo sul.

Estava, então, armado o palco para um conflito mundial. De um lado, a Liga de Berlim, formada pelos Estados Unίdos e a Europa; de outro, a Aliança Oriental, liderada pela China, Coreia do Norte e Rússia. E no meio desses dois blocos conservavam-se neutros os países pobres da África e da América Latina, agora mais preocupados em defender as próprias fronteiras. Foi nesse contexto calamitoso que os sinais se tornaram mais claros. Ablon sabia que um embate dessas proporções culminaria em um confronto atómico, e não via salvação para a humanidade caso isso acontecesse.

Mas isso tudo seria simplesmente mais uma guerra, não fossem os rasgos permanentes no tecido da realidade. Todos, anjos e demônios, sentiram que a membrana estava se desfazendo. E compreenderam, alguns mais cedo que outros, que o Apocalipse estava em decurso, e começaram a se preparar para o Armagedon — a batalha final que decidirá a soberania da Haled, que estará aberta à invasão espiritual quando a membrana cair.

Apesar de todos tomarem por verdade a profecia sobre o despertar de Yahweh, oa melhor não arriscar. Ambos — celestes e infernais — já preparavam suas fileiras para o maior dos confrontos e esperavam o estalar do conflito. Os únicos que seriam capazes de antever o futuro — os malakins, uma casta de anjos estudiosos e sábios — não falavam mais nada. Eles se distanciaram do céu, e alguns sustentavam que evoluíram a outras esferas, imergindo em transe profundo.

O pergaminho em aramaico na mesa do renegado era o texto original das revelações de João, que narra a visão do profeta sobre os últimos dias do mundo. Ablon conseguira esse registro por sorte em Roma, no ano de 119, época em que o Império estava sob o comando de Adriano. O general comprara o documento de um ladrão de estrada, que o tinha roubado de um aristocrata ίtaliano. Nenhum deles — nem o patrício nem o gatuno — sabia o valor do que esta-iram portando. O texto fora copiado quando João ainda vivia, e o original deve ter caído nas mãos de algum centurião nos anos em que o apóstolo foi atirado ao cárcere, com outros cristãos. Já nessa época, em 119, o pergaminho estava apodrecendo, mas o querubim conseguiu recuperá-lo com uma mistura à base de ervas, uma receita secreta da Ordem de Sippar, a ele ensinada por uma amiga feiticeira. A versão bíblica atual de João é praticamente a mesma, salvo alguns erros que os escritos sofreram quando foram traduzidos para o grego.

O apartamento estava iluminado somente pela luz dos postes noturnos da rua, que chegava ao quarto através de uma larga janela. Sentado, Ablon recolheu alguns papéis e com eles organizou uma pilha. Em seguida, levantou-se e espiou lá fora.

Tudo calmo.

Sentiu o peso da runa atlântica da paz, inscrita no fragmento de basalto. Tirou o objeto do bolso e o examinou, sob o brilho fraco das lâmpadas urbanas. Então, andou até o telefone e puxou o gancho ao ouvido.

Começou a discar.

Shamira, a Feiticeira de En-dor

Shamira era a supervisora da escavação. Não era para menos. Toda a expedição fora financiada por ela mesma, uma mulher que dominava como ninguém os mistérios da arqueologia. Não quis o auxílio de universidades ou organizações, mas também não precisava. Aquela era uma pesquisa pessoal, um objetivo particular, uma missão.

Fora o trabalho operário, a moça fazia todo o resto — mapeava a área, registrava os objetos, estudava o solo e montava os equipamentos. Em todo o mundo, não havia ninguém melhor do que ela nos segredos sumérios. Conhecia muito bem aquele deserto, uma região que visitara pela primeira vez havia quatro mil anos, quando fora a Babel invocar um espírito.

O sítio de escavação fora montado nas proximidades das ruínas da fabulosa Babel, mas a mulher não procurava vestígios da capital esquecida. Buscava só um objeto, um item ordinário em aparência, mas carregado de poder magnífico, um artefato havia muito deixado naquele cenário infértil.

Esperta, Shamira fitou com cuidado a vala, escavada em diferentes níveis de profundidade. No acampamento, o sol atingira o zénite. Os homens, cansados, largaram as picaretas e foram almoçar. A moça, então, ficou ali sozinha, observando cada detalhe do fosso.

De repente, teve uma intuição quase divina, pegou uma pá e saltou ao buraco. Ao fraco sopro do vento, balançaram suas longas e negras madeixas, lisas como a planície desértica. Os olhos eram castanhos, e a pele clara e macia brilhava com o frescor da mocidade. Seu corpo, ainda bem jovem, fora conservado por mágica. A expressão, ainda que sensual, era decidida e forte — o semblante de uma mulher nada indefesa.

Avistou, então, uma ponta a brilhar na areia e começou a cavar frenetica-nente. Encontrou, assim, uma haste metálica que refletia ao sol. Tirou os óculos escuros e se ajoelhou ante o objeto. Com uma escova, removeu o excesso de terra e descobriu uma longa espada, corroída pela intempérie. A lâmina, enfermada, tinha o fio dentado. O cabo, supostamente dourado, estava descascado e preto. Em quase toda sua extensão, a arma estava coberta por uma casca de pedra, e Shamira teve de usar sua faca para raspar a dureza da crosta.

A Vingadora Sagrada.

Sorriu, finalmente. Achara o que viera buscar.

Escutou os passos de um operário. Um sujeito alto, coberto dos pés à cabeça por uma túnica árabe, a chamou de fora da vala, gritando um aviso. Rápida e destra, ela voltou ao deserto com a espada arruinada nas mãos e caminhou até um jipe cinzento. Estacionado no sopé de uma enorme montanha, no meio de cinco tendas de lona, o carro estava aparelhado com um telefone via satélite e dois computadores. Outros equipamentos de comunicação estavam guardados em uma barraca, ao lado da geladeira de suprimentos e de galões de refresco.

No espaço entre o banco do motorista e o assento do passageiro, uma luz vermelha piscava. Era a chamada do comunicador.

— Sim — disse ela, sacando o aparelho.

— E então, revirando os escombros? — falou alguém do outro lado da linha.

— Ablon! — exclamou, alegre pelo contato. — Você não se cansa de me surpreender, renegado. Como sabia onde eu estava?

— Nós sempre sabemos. Na verdade achei que, mais cedo ou mais tarde, você voltaria para casa.

— Quem conhece o passado prevê o futuro — ela concordou, nostálgica.

— Como estão as coisas por aí?

— Quase como deixamos — replicou, rapidamente.—Já tem anos que não nos vemos — ela mudou de assunto —, e eu quase me sinto como uma senhora de idade recebendo o telefonema de um amor platónico do colegial. Mas, por algum motivo, receio que as notícias que você me traz não sejam boas.

— Por que está dizendo isso?

— Não é sempre assim? — a voz baixou uma oitava. — Os espíritos me sussurraram umas coisas, e a maioria delas é assustadora. Tem algo errado, não tem? O

está decaindo. Começou, não é?

Depois de um longo silêncio, o Anjo Renegado respondeu:

— Receio que sim, feiticeira. Mas, antes do fim, preciso de seu auxílio, mais uma vez. Infelizmente, tem sempre de ser assim.

A moça tremeu com um pressentimento ruim ao escutar o pedido. Todas as vezes que Ablon solicitara sua ajuda fora para se lançar em uma missão além de suas capacidades.

Quem ou o que o Anjo Renegado pretende enfrentar desta vez?, pensou, preocupada. Ela não queria que ele se arriscasse, mas os guerreiros sempre se arriscam. Além disso, mesmo que ela se recusasse a apoiá-lo, ele perseguiria seu objetivo sozinho.

— O que foi? Problemas com o pessoal do porão?

—Acho que não. Ainda não sei realmente — ele hesitou. — Mas não se preocupe. Não vou me enfiar em nenhuma luta voraz. Foi Lúcifer que decidiu me caçar e não o contrário.

Shamira se sentiu mais segura ao compreender que Ablon desejava, desta vez, só uma conversa pacífica com seu traidor. Mas nem sempre as coisas foram assim.

— Você pode se encontrar comigo? — indagou o renegado.

— É claro — devolveu a mulher, olhando a espada enferrujada. — De fato, era justamente o que eu pretendia fazer.

Ela pegou um bloco e uma caneta no porta-luvas do carro.

— Onde você está?

— No Rio de Janeiro — ele revelou, e ela anotou no papel.

— Acho que posso chegar aí em 48 horas. Vou tomar um avião.

— Isso seria ótimo. Gostaria de vê-la mais uma vez, antes que o mundo mergulhe nas trevas — confessou, naturalmente sombrio.

As trevas. A feiticeira sempre esperou que elas se dissipassem, mas a civilização tomou um caminho adverso e agora rumava à destruição.

— Encontro você no aeroporto — ela combinou.

— Estarei lá — confirmou o general, desligando o telefone.

No deserto, o olhar da moça alcançou o topo da enorme montanha, como se sua memória recuasse muito no tempo, a um passado imemorial, já apagado de todos os registros humanos.

— Espero que você esteja bem — divagou a mulher, deslizando os dedos pelo cabo da espada.

BABEL, A ANTIGA

Mesopotâmia, 2334 a.C.

A Torre de Babel

A comitiva militar babilônica deixou o sítio das grandes colinas e ganhou a estrada pelo deserto rochoso. Cinquenta soldados de elite, em seus cavalos e charretes, escoltavam uma única mulher, uma feiticeira, trazida por eles de Canaã por ordem de seu rei, Nimrod. Presa por correntes a uma coluna de ferro, afixada no cargueiro de uma carroça vulgar, a moça tentava procurar uma posição confortável, mas as amarras a esticavam. Seus cabelos negros estavam su-jos, cheios de terra, e a alva pele, castigada pelas tempestades de areia. Sentia fome, sede e calor, sob o forte sol da árida planície. Dos pulsos, algemados por toda a viagem, escorriam filetes de sangue. Amordaçada, ela quase não conseguia respirar.

Shamira era conhecida em toda parte como a Feiticeira de En-Dor, nome que indicava sua aldeia de origem. Dezesseis guardas a vigiavam de perto, cercando a carroça em movimento. Usavam primitivas armaduras de ferro e elmos cm formato de ogiva. Suas armas eram a lança, o arco e a faca longa, e

alguns carregavam escudos.

Naquelas terras do Oriente, a cativa era famosa por sua necromancia, o ramo da magia que estuda os mortos e o mundo espiritual. Era tida como uma bruxa terrível, mas os sábios compreendiam que os necromantes não eram essencialmente malignos. Lidar com os mortos não significa, necessariamente, trabalhar o bem ou o mal. A vida e a morte são leis naturais, às quais todos estãol submetidos, e os necromantes devem, melhor do que ninguém, entender a neutralidade do processo vital.

Em Babel, o rei Nimrod não só era o líder político, mas comandava o exército também — diretamente. Além de ser um exímio lutador, nunca perecia ei combate, mesmo depois de atingido por mais de cem flechas. Seu povo acreditava que ele era invulnerável, graças à bênção da deusa Ishtar.

Com sua força avassaladora, Nimrod já havia sobrepujado a Suméria, a Acádia e a Assíria — e isso era a maior parte do mundo, no século XXIV a.C. Mas uma tribo de nômades do deserto, chamada Filhos de Jafé, desafiava sua pujança. O soberano não conseguia encontrá-los, mesmo enquanto infligiam pesadas perdas aos babilônicos. Como se não bastasse, os tribais mataram seu pai, Cush, queimaram o corpo e esfarelaram a ossada, guardando apenas o crânio chamuscado, o qual enviaram de volta aos inimigos. No processo, submeteram o velho monarca a um ritual de purificação, uma cerimónia sagrada que condena ao inferno o espírito do falecido e liberta a alma dos que pereceram em agonia sob seus comandos cimérios.

Com o assassinato de seu protetor, Nimrod mergulhou na insanidade. Enquanto aguardava a vitória final contra os Filhos de Jafé, decidiu que, para ele, o mundo dos homens não seria o bastante. Seus domínios se estenderiam também à esfera celestial, à terra dos anjos, à morada de Deus. Para isso, fez de seus conquistados escravos e os usou para iniciar a construção de uma torre que, segundo ele, alcançaria o céu.

Shamira já tinha ouvido falar do fabuloso edifício, mas não estava preparada para aquela aparição. Quando a comitiva se desviou à planície, a feiticeira avistou a silhueta de uma montanha fina, que subia em espiral. Estavam, então, a duzentos quilômetros da capital, e o sol ofuscava sua vista. Mas, no instante em que a carroça virou de direção, teve uma revelação impressionante,

Não é uma montanha — é uma torre!

— Observe, mulher, a magnífica Torre de Babel, a maior construção já erguida pela raça humana — rejubilou-se o capitão, cheio de orgulho nacionalista. — Goze este momento, pois, de todas as maravilhas, esta é a maior.

A Feiticeira de En-Dor não discordou. O monumento era espantoso. Nem mesmo na era moderna contemplaria tão extraordinária edificação. Era boa com números e calculou que sua ponta, inacabada, já chegava a mil metros de altura. De longe, a estrutura era cônica — larga na base, ia se afunilando no topo. A parede externa era ladeada por uma rampa contínua, que subia em espiral, delimitando seções. O arcabouço era essencialmente de pedra e adobe, mas nos níveis inferiores os escravos trabalhavam no acabamento, preparando placas de bronze para revestir as paredes. O acesso ao interior já era possível nos primeiros andares, projetados para abrigar os escritórios reais. Escadarias e andaimes cingiam a bastilha em construção, e nela trabalhavam sessenta mil operários. Como formigas, subiam e desciam pela rampa externa, executando uma tarefa contínua, tal qual uma linha de produção tenebrosa.

A Torre de Babel estava sendo edificada dentro dos muros da capital, que por si sós já eram altíssimos, somando cinquenta metros do chão às guaritas. As muralhas, de ferro enegrecido, imitavam uma terrível onda negra, que se precipitava sobre os invasores. Na época, os babilônicos eram os únicos hábeis na manufatura do ferro, o que tornava insuperáveis suas armas.

As únicas construções mais altas que o muro, as quais Shamira podia avistar, eram a torre e o zigurate — uma imensa pirâmide de degraus toda revestida de prata que abrigava, no cume, o trono dourado do reí.

— Sob a proteção de nosso senhor Nimrod, o Imortal, o povo da Babilônia tocará as bordas do céu — continuou o capitão — e invadirá o reduto dos anjos. E governaremos todo o universo.

Para Shamira, aquele discurso era um delírio abismal. Qualquer um que conhecesse o mínimo sobre os reinos espirituais sabia que o paraíso celeste não escava acima das nuvens ou da atmosfera, mas em outra dimensão, além dos pianos astral e etéreo, e só era acessado por raros portais, vigiados por criaturas incríveis. Não importava quanto subissem — jamais chegariam ao céu que pretendiam. A motivação de toda uma civilização, ela reparou, evidenciava a ignorância de seu soberano — ou a esperteza de quem o controlava.

— Alto, homens! — gritou o capitão, e a comitiva parou. — E hora do almoço. Mas sejam breves. Em três dias, estaremos cruzando os portões de Babel e entregando ao Imortal os frutos de nossa missão — ele desviou o olhar à feiticeira e então reforçou:

— Não demorem com a ração nem amoleçam o coração. Somos babilônicos, filhos da terra e descendentes de Adão.

A maioria dos soldados viajava a cavalo, mas um time de vanguarda conduzia charretes de duas rodas — belicosos veículos reforçados com folhas de cobre. Um dos dianteiros era o capitão Pazuno, um sujeito bruto, de cabelos negros e crespos. A barba era cheia, encaracolada, e em sua armadura estava gravado, em alto-relevo, o rosto de um touro enfezado — símbolo do poder nacional.

Para a ligeira refeição, os guardas tiraram carne e pães de seus embrulhos e destamparam as bexigas de água. Então, Pazuno ordenou a um dos guerreiros:

— Nahor! — chamou, cuspindo migalhas no chão. — Alimente a bruxa.

Descontente e temeroso, o jovem oficial acatou o comando, sem saber por que fora escolhido. Nahor, como a maioria dos babilônicos, era um homem cheio de fúria e malícia. Tinha o rosto marcado por cicatrizes de sucessivas batalhas e era amante da violência.

Subindo à carroça, o soldado encarou a necromante, imaginando, no íntimo, que segredos ela escondia. A moça, coberta só por um vestido rasgado de lã, tinha parte dos seios brancos à mostra. Os cabelos pretos reluziam ao sol, e os olhos eram como pérolas negras no leito marinho. Mas o que excitava o depravado não era a beleza do corpo perfeito, mas sua situação degradante — suja, amarrada, ensanguentada e à mercê do ardor masculino.

Cumprindo a ordem, Nahor puxou a mordaça de Shamira e levantou o cantil.

—Tem sede? — perguntou, sádico, sorvendo ele próprio um gole profundo. Deixou que a água escorresse pelos fios da barba e sorriu entre os dentes. Todo molhado, aproximou o rosto ao da mulher, procurando um beijo forçado» mas ela o repudiou, desviando a face.

Os outros guardas caíram na gargalhada, debochando do conterrâneo, desprezado pela bruxa infernal. O motejo deixou o oficial ainda mais irritado, e ele puxou a moça pelos cabelos, trazendo-a para junto de si.

— Sua víbora endoriana! Acha que tenho medo dos seus encantamentos? Vou mostrar-lhe toda a pujança de um legionário.

Uns vinte homens já se aglomeravam ao redor da carroça, aguardando o grotesco espetáculo. Conviviam com Nahor já havia alguns anos e conheciam sua fama de bárbaro estuprador.

— Cuidado! — zombou um deles. — Ela vai te lançar uma maldição e perderás a potência.

— Para o abismo com as bruxarias! — ele retrucou, em meio à torrente de risadas cruéis. — Vou fazê-la sangrar, agora não só pelos pulsos.

Despindo-se, o bruto lançou as mãos aos seios da moça, ao mesmo tempo em que rasgava suas vestes. Em resposta, a feiticeira não reagiu, mas iniciou o murmurar de uma dezena de palavras estranhas:

— *Zi Dingir nngi e ne Kanpa. Zi Dingir ennul e ne Kanpa.*

— Está rezando — sugeriu um batedor, irônico.

— Está dando graças por ter encontrado homens tão viris no deserto — emendou um arqueiro.

Sedento, Nahor desceu a mão pelos quadris da mulher, mas naquele instante o capitão Pazuno percebeu o escarcéu e vociferou em alarde:

— Não a deixem falar, suas bestas!

Porém o soldado, entretido, não deteve seus impulsos perversos. Enfiou o baço pelo vestido, mas logo sentiu um formigamento estranho entre os dedos evolveu a mão, assustado.

Por Ishtar!

A carne de seu punho estava apodrecendo, como a dos cadáveres em putrefação, e uma colônia de vermes devorava-lhe a palma da mão.

Nahor deu um passo atrás e notou que o cargueiro estava infestado de serpentes — najas ferozes, que cuspiam peçonha de suas presas agudas. Descontrolado, pulou da carroça, mas caiu meio aturdido, arrebentando o joelho em um pedregulho pontudo. O pânico sobrepujou toda a dor, e o militar se arrastou para longe, fugindo das cobras que o perseguiam, até ser despertado pelo capitão.

— Levante do chão, ó covarde — exigiu Pazuno, sacudindo o guarda, agora de perna quebrada.

Ao novo suspiro, as serpentes haviam sumido, e o braço podre voltara ao normal. Fora alvo de uma ilusão, um feitiço psíquico que só afetara sua mente, arrastando-o ao terror invisível. Nenhum dos perigos era real — nem a decomposição nem as najas.

Os camaradas não perdoaram a chacota e, absorto, o depravado não reagiu. A tropa, que via em Nahor um pavoroso assassino, perdera todo o respeito por ele. Era agora só um poltrão, que corria diante das ameaças de uma mulher indefesa.

Com a desistência do oficial, enfiado ainda em situação vergonhosa, o ca-assumiu o comando. Subiu ao cargueiro e voltou a amordaçar a cativa.

— Vai ficar sem comida, sua bruxa maldita — avisou, apertando bem as correntes.

A distância segura, com o tendão estourado, Nahor tremia, soluçava e orava ao seu monarca imortal. Provara o sinistro poder da magia e talvez não regressasse à consciência integral.

Oh, sublime Nimrod, livre-nos desta, aberração.

—Vamos partir agora! — retomou o experiente Pazuno, saltando para a charrete. — Logo estaremos na presença do Imortal.

Assim que subiu em seu carro, o capitão puxou o arco, preparou uma flecha e a apontou ao meio da comitiva. Sob os olhares surpresos dos soldados, Pazuno disparou uma seta, que voou pelo ar até encontrar o coração de Nahor.

— Isso é o que acontece com todo babilônico que sucumbe à feitiçaria — justificou, e os lutadores engoliram em seco.

O grupo prosseguiu pela planície, afundado em macabro silêncio. O corpo do estuprador ficou ali no deserto, para mais tarde servir de alimento aos leões.

Os Jardins Suspensos e o Zigurate de Prata

O comboio chegou à capital três dias depois, à hora exata do sol meridiano. Babel era uma feérica mistura de maravilha e horror. Muitas vezes, em En-Dor, Shamira ouvira descrições sobre a famosa metrópole, mas os relatos estavam muito aquém da verdade.

Os muros eram de ferro maciço, ligeiramente envergados para fora. No passadiço, guardas com arcos e lanças observavam o movimento, à atenta supervisão de seus comandantes nas guaritas blindadas. A capital, enorme para os padrões ancestrais, tinha um portão duplo de pedra e metal, que não se abria para fora ou para dentro, como as portas comuns, mas se recolhia para o interior das muralhas, quando puxado por vigorosos mamutes. No passado, todos tinham acesso a Babel, porque ela era também um centro comercial importante. Depois, com a ascensão de Nimrod, os babilônicos subjugaram todas as nações parceiras e passaram a roubar suas riquezas, em vez de comprá-las. Assim, não havia mais a necessidade — nem o interesse — de receber forasteiros, só escravos.

Na seção externa do muro, cingindo os portões, duas gigantescas estátuas de quarenta metros retratavam a imagem de um homem com cabeça de touro, um dos símbolos principais do Estado. Shamira calculou que o "touro" fosse Cush, o pai falecido do atual soberano.

— Parados! — gritou um oficial, do alto do muro, à comitiva que se aproximava. Sua voz soava muito baixa, dada a altura do passadiço. — Quem são aqueles que se aproximam dos portões de Babel?

— Sou o capitão Pazuno — anunciou-se o comandante. Era lógico que eram babilônicos, mas Shamira notou um padrão ritualístico, como se sempre se apresentassem assim, não importava quantas vezes entrassem ou saíssem. — Trago ao Imortal a nossa cativa, a Feiticeira de En-Dor.

O militar no cimo das muralhas silenciou, e suas sentinelas assumiram uma expressão de surpresa.

— Pois então pode entrar, capitão. Nimrod o espera.

Os portões se separaram com um arrastar de correntes, acompanhado do bramir de elefantes peludos, e o grupo penetrou na capital da Babilônia.

Um cenário inesperado se escondia no interior das muralhas. Em contraste com a desolação do deserto, a metrópole estava apinhada de gente, uma multidão que se aglomerava nas ruas. Naquele tempo, Babel tinha cerca de cem mil cidadãos e quatrocentos mil escravos. Estes infelizes, militares e civis de nações conquistadas, caminhavam pelas avenidas sujos como mendigos, presos a grilhões que os forçavam ao movimento constante. Seguindo em fila indiana, trabalhavam sem parar na construção da torre maldita. Não raro, morriam de fome e insolação, e os corpos continuavam atrelados às gargantilhas de ferro por dias, até que um soldado decepasse o defunto ou fossem devorados pelos próprios colegas esfomeados.

Do outro lado da configuração social estavam os cidadãos babilônicos, um povo doutrinado desde a infância para odiar seus diferentes. Caminhavam como deuses pelas avenidas, descansando à sombra dos grandes monumentos e se alimentando de iguarias excêntricas. Vestiam túnica branca, braceletes de bronze e colares de ouro, adornados com pedras azuis. Quase sempre portavam um bastão de cobre com a extremidade superior em forma de gancho, útil para açoitar os escravos, e calçavam sandálias de couro.

Perseguindo com o olhar os transeuntes, a atenção da necromante foi naturalmente desviada à prodigiosa Torre de Babel, cuja base ocupava um terço da área central da grande metrópole. De perto, era visível o sofrimento dos operários, que andavam pela rampa externa e se metiam pelos andaimes.

E tão alta... Como será que fica em pé? A moça não sabia, mas também não era especialista na arte da engenharia. Pelo seu raciocínio matemático, a edificação já devia ter desabado. A altura já superara de longe a largura, e os andares inferiores não seriam fortes o bastante para aguentar os níveis acima.

Entre o portão e a torre ficava um altíssimo zigurate de prata, uma pirâmide de degraus com duzentos metros de altura, com um trono de ouro no topo. Esse era o palácio real, dividido em seis andares, ou pátios, tão largos que guardavam jardins fabulosos, revestidos de grama e decorados com plantas raras, animais exóticos e árvores frutíferas. A vivacidade da natureza suspensa se fazia possível graças ao lençol de água subterrâneo, um braço submerso do rio Eu-frates, que atravessava o deserto e brotava na capital. A pirâmide, toda prateada, refletia o brilho do sol, dando a impressão de que tinha luz própria. Com efeito, era difícil mirá-la díretamente, pelo lume que refulgia, e assim, durante o dia, era possível avistá-la a quilômetros na árida planície. Em suas câmaras suntuosas, com almofadas de seda e piscinas de ouro, moravam o corpo real e os militares de alta patente, cercados por uma legião de escravos domésticos.

Na superfície leste do zigurate, uma longa escadaria em linha reta cortava os degraus e levava ao pináculo — um terraço quadrado, centralizado por um trono belíssimo, onde Nimrod permanecia sentado. Shamira podia vê-lo lá em cima, imóvel, impenetrável, defendido por centenas de guardas que montavam formação na escada.

Nos edifícios comuns de Babel, que margeavam as vias, morava a elite. Feitos de pedra marrom, tinham formato piramidal, imitando o palácio. Essas mansões particulares somavam entre dez e doze metros de altura, e nelas cada uma das famílias tradicionais conservava seus copiosos tesouros.

Imersa na contemplação da cidade, Shamira não percebeu que ela própria era alvo de observação. Cautelosos, os passantes a encaravam com um misto de ódio e aversão. Eram por demais supersticiosos, e a feiticeira supôs que isso teria ajudado na propagação do mito do rei imortal.

Pobres ignorantes.

Desviando o rosto das ruas, a necromante percebeu que estava sendo guiada, ainda atrelada à carroça, pela avenida principal, diretamente à Pirâmide de Prata, na cidadela real. Uma segunda muralha circulava o zigurate, e seu portão arqueado levava à escadaria.

O comboio parou diante das portas internas, guardadas por soldados fortes e de olhar apurado. O capitão

Pazuno desceu do carro, disse alguma coisa às sentinelas e as grades do portão se abriram. Shamira foi tirada do cargueiro por três homens armados, que mantiveram suas mãos algemadas e a empurraram para as escadas. Respirando fundo, a necromante reuniu suas últimas forças para vencer a caminhada, porque sabia que, se caísse, seria arrastada.

Enquanto subiam, ela reparou na cidade vista de cima, impressionada com sua magnitude. Passou ao lado dos jardins suspensos, sobre os pátios laterais, e sentiu o cheiro da mata, tão rara naquela região seca. Em certos sítios, entre as árvores, brotavam fontes de água que se ampliavam em pequenos lagos refrescantes, copiando a vegetação dos oásis. A prisioneira estava sedenta e pensou no que não daria para se banhar naquelas piscinas.

Pisando firme no último degrau, Shamira viu o homem que a aguardava no trono. Não era muito diferente de seus oficiais. Já beirando os 50 anos, tinha uma longa barba trançada e os cabelos compridos. Era robusto, mas não muito alto, e projetava uma expressão séria e irritada. A única arma que carregava era um cetro de ouro adornado com rubis, jades e diamantes e decorado com uma cabeça de touro na ponta, esculpida em quartzo azul. Suas vestimentas eram também fabulosas. Trajava uma capa de pele de carneiro, borrifada com gotículas de ouro. No peito carregava um colete de cobre incrustado de pérolas, sobre uma túnica de algodão tingida de azul. Protegido por dois guardas musculosos, mantinha a seu lado um enorme tigre de estimação, muito maior do que os tigres normais. Era um dos grandes dentes-de-sabre, uma raça perdida de felinos, preservada até ali em cativeiro.

Shamira foi jogada aos pés de Nimrod, que a fitou, impiedoso. A um gesto do rei, os homens tiraram suas algemas e mordaça. Aliviada, ela se ergueu com dificuldade, e os soldados se afastaram, em um ato temeroso instintivo. Mas a Feiticeira de En-Dor estava fraca demais para reagir. Sentia-se arrasada, exausta e faminta. Os lábios secos se quebravam, a pele ardia pela viagem ao sol, e a cabeça latejava.

— Esta mulher está imprestável! — reclamou o Imortal, ao reconhecer o estado deplorável de sua cativa. — Levem-na para o palácio — ordenou aos guardas — e tragam-na a mim quando estiver em condições de me servir.

A mulher nada disse, mas abençoou sua sorte. Tudo o que precisava era de descanso e de uma boa refeição, com a qual pudesse reaver suas forças. Mas o melhor de tudo, ela reparou, era o fato de o rei não ser feiticeiro — os magos se identificam com uma simples troca de olhares. Ignorante nas artes mágicas, o soberano precisaria das habilidades da moça, e isso garantiria sua vida, ou pelo menos assim ela imaginava.

Arrastada pelas sentinelas, Shamira entregou-se ao cansaço e deixou-se desfalecer.

Estava segura de que Babel não seria o seu túmulo.

No Mundo Sem Cor

Shamira acordou imersa em uma piscina de água quente, no interior de um aposento fantástico. Não teve dúvidas de que estava no palácio real, quando percebeu o chão de mosaicos e as colunas de mármore rosado que sustentavam o teto do quarto. Uma janela em arco dava vista ao exterior, trazendo o vento frio noite, peculiar ao deserto. Perto das pilastras, uma dezena de piras de óleo iluminava o recinto, e um umbral na parede sul indicava a saída, bloqueada só por uma cortina de couro. Sozinha, sem ninguém a vigiá-la, a feiticeira deu-se conta de que estava nua na água. Suas velhas roupas não estavam mais lá,

mas uma túnica vermelha jazia sobre uma cadeira de prata, à frente de uma mesa farta de alimentos. Recordou-se, então, que já não comia havia horas, e deixou o banho agradável para satisfazer suas necessidades mais básicas. Sem nenhum pudor, correu à mesa redonda e devorou toda a refeição — um banquete com pães, uvas, mel e avelãs. Bebeu a água direto da jarra, sem parar para derrama-la numa taça dourada.

Foi só quando a fome amansou que trajou a veste rubra, bordada com a tradicional cabeça de touro, e conseguiu raciocinar calmamente. Divisou, então, um par de sandálias no piso e as calçou. Agora, estava protegida do frio e um tanto mais relaxada.

Achegou-se ao parapeito e confirmou que estava cativa na Pirâmide de Prata. Da janela avistou os jardins suspensos nos pátios laterais, logo abaixo, concluindo que aquele era o terceiro andar dos seis que completavam o zigurate. Esticando ainda mais o pescoço, viu pane do segundo andar, abaixo. Duas vezes mais largo do que a área do terceiro nível, seu jardim tinha vegetação menos densa, com plantas coloridas dividindo espaço com altas palmeiras reais.

De súbito, a necromante escutou um barulho, olhou para trás e viu uma menina que adentrava o quarto, atravessando a cortina marrom que delimitava o umbral. Tinha 10 ou 12 anos e usava uma túnica sóbria e alinhada, de algodão cru, com cortes bem feitos. A pele era escura, mas os traços, finos, e os cabelos, lisos e negros. A julgar pela excentricidade daquele palácio, só podia ser uma escrava.

Carregando um jarro de cristal azulado, a pequena seguiu até a mesa e pousou sobre ela o recipiente.

Vinho — inferiu a mulher, pelo cheiro da uva. *Os prisioneiros devem fazer fila nos portões de Babel*— pensou, irónica, estranhando o melindre no tratamento,

— Meu nome é Adnari — apresentou-se a garota, colando os olhos no chão. Guardava uma face serena e conformada, como a das marionetes. — O grão-servo me selecionou para atendê-la.

Shamíra não gostou da mordomia, ao reconhecer a condição da criança. Nunca possuíra um escravo, e aquele luxo não combinava com seu estilo de vida nem com seu caráter idóneo. Pensou em dizer alguma coisa, mas as palavras sumiram.

A menina deixou o aposento e desapareceu no corredor.

A Feiticeira de En-Dor preferiu esperar.

Agora que tinha voltado à razão, Shamíra estava pronta para sentar e ponderar sobre a situação. A fuga estava, a princípio, fora de questão. Não achava que Nimrod fosse tolo a ponto de deixá-la desguarnecida, apesar da janela sem grades e da porta fechada só por cortinas. Se fosse pega, poderia estragar tudo eenterrar para sempre seus sonhos de liberdade. A magia também não teria utilidade por enquanto, a não ser que saísse voando por cima dos muros — e a necromante não conhecia nenhum encanto do tipo.

Mas se Shamíra era prisioneira na realidade material, talvez não o fosse na dimensão irreal. Desde pequena, aprendera a projetar seu espírito, levando a alma a viajar pelo plano astral. O plano astral é a camada mais rasa do mundo espiritual, a que primeiro se conecta ao plano físico. Não é nada mais do que m espelho descolorado da terra dos homens, por onde vagueiam os fantasmas — espectros de pessoas mortas, que ainda permanecem presos a suas pendências mais. Um espírito vivo, quando projetado, pode deslizar pelo ar, atravessar paredes e levitar à atmosfera da terra. A alma permanece ligada ao corpo por um fio místico de prata, tal qual um cordão umbilical. Acessando a dimensão irreal, a feiticeira esperava espionar o palácio, obter informações sobre o rei e sua corte eprocurar a saída mais fácil do zigurate, para o caso de uma evasão desesperada.

Obstinada, Shamira recostou-se em um divã de madeira, que completava o conjunto do mobiliário, e expandiu a mente. Juntou algumas almofadas de seda e iniciou a concentração, esquecendo a existência

do universo palpável.

Seus olhos piscaram com velocidade, e logo a audição apagou. Pouco depois, o breu da consciência deu lugar a uma imagem disforme e, gradualmente, ela sentiu como se estivesse emergindo de um lago. Cruzava, assim, o tecido da realidade — ou a fronteira espiritual, como era comumente chamado pelos malgas no Ocidente. Em instantes não ouvia mais nada, somente o silêncio dos mortos.

Então, descobriu-se flutuando pelo meio do dormitório, mas seu corpo material permanecia bem fixo, e ela agora podia vê-lo no plano físico, relaxado sobre o divã. Distinguiu novamente o recinto, mas ele não era exatamente real, só um reflexo, um cenário sem cor, em tons plúmbeos e azulados. Os objetos reluziam com uma fraca aura brilhante» denunciando que eram intocáveis na dimensão dos espectros — não podiam ser agarrados ou movimentados, apenas ultrapassados.

Esquadrinhando a câmara, a necromantc não encontrou nenhum fantasma, o que a intrigou. Uma cidade como Babel, cheia de escravos em sofrimento, devia possuir uma legião de avejões, obcecados por vingar a própria alma. Centenas de trabalhadores deviam ter morrido durante a construção do palácio, e quando os homens perecem em agonia geralmente se convertem em espíritos errantes, angustiados e empenhados em sua desforra — às vezes pela eternidade.

Nada, Nenhum brado, lamento ou arrastar de correntes.

Flutuando pela sala, como um polvo deslizante no fundo do mar, ela notou a presença de um espírito que atravessava as pedras do chão. Era a alma de uma menina morena e estava ligada aos níveis abaixo pelo cordão místico de prata, comprovando que estava viva também, mas projetada ao astral.

É a pequena escrava — raciocinou a feiticeira, reconhecendo a garota que havia pouco trouxera ao seu quarto o jarro de vinho. Fora ao além falar com os mortos e só encontrara sua serva mais acessível.

No rosto, a criança inibira toda a expressão reprimida. Ali, no mundo espiritual, parecia muito mais solta e festiva. Não era de admirar. No plano imaterial ela certamente encontrava toda a liberdade que lhe fora negada, mas com quem aprendera a técnica da projeção?

—— Eu sou Adnari — começou a menina, ainda um pouco contida. — Lembra-se de mim?

— Eu sou Shamira — apresentou-se, meio confusa. Seria aquela alguma artimanha do rei? Como a menina podia saber que a necromante viajaria ao astral?

— A Feiticeira de En-Dor. Todo mundo aqui em Babel conhece você ou já ouviu alguma história a seu respeito. Eu fiquei muito contente quando o grão-servo me escolheu para servi-la. Eu gosto muito de mágica — disse, com uma linguagem um tanto simplista.

— Notei — retrucou a mulher, em tom amigável. Se a garota estava projetada, certamente aprendera isso com alguém com um mínimo conhecimento do oculto.

— Não fique preocupada — acrescentou Adnari, como que entendendo o receio da prisioneira. — Eu não vou contar nada a ninguém. Os buscadores me matariam se soubessem que às vezes visito o mundo sem cor.

O mundo sem cor — Shamira simpatizou com o nome.

— Buscadores? Quem são os buscadores? — interessou-se a feiticeira. Tinha que coletar todas as informações que pudesse, e essa era a oportunidade.

— São os conselheiros do Imortal. Eles não gostam dos escravos nem dos forasteiros. Vivem mandando a gente fazer um monte de coisas erradas.

O semblante de Shamira encrespou-se pela injustiça, porém Adnari a reconfortou:

— Mas não tem problema. Eles nunca me descobrem. Acham que estou dormindo junto com os outros domésticos.

— E com quem aprendeu a visitar o "mundo sem cor"?

— A minha mãe era uma feiticeira, ou uma bruxa... — a menina se perdeu nas nomenclaturas. — Ela fazia mágicas.

— E como sabia que me encontraria por aqui? — Shamira fez acompanhar um sorriso, para não assustar a garota com sua tempestade de dúvidas. A verdade, porém, era que estava desesperada por uma pista que a tirasse dali.

— É a primeira coisa que fazem os necromantes, não é? Vasculhar a terra dos mortos? Foi o que disse a minha mãe. E ela me contou também que muitos necromantes são maus.

— Mas nem todos. Nossa arte lida com a natureza da morte, que é uma força muito poderosa, inescapável. Com tanto poder nas mãos, alguns realmente são corrompidos pela maldade, que é o caminho mais fácil à ascensão. Mas isso não acontece só com os feiticeiros, também com os guerreiros e os monarcas. É uma fraqueza dos homens,

— E também das mulheres? — inquiriu a menina, imediatamente. À narração, seus olhos se arregalaram. Era fascinada pelos assuntos fantásticos, como são todos os infantes.

— Eu quis dizer isso — Shamira sorriu, complacente. Por um instante, gostaria de ser criança de novo. Insuperável é a alegria da infância, quando tudo é novo e magnífico. Mas, a despeito da deleitável conversa, era importante saber sobre o zigurate.

— Você já viajou por todo o palácio, Adnarí?

— Por toda a cidade — ela se gabou, em vaidade tipicamente infantil. — Eu ia muito à câmara do tesouro, mas parei. Não conseguia tocar em nada mesmo...

— E o rei?

— Fica sempre lá em cima, sentado no trono. Nunca sai do pináculo, nem para comer ou dormir.

Mais superstições — pensou Shamira, incrédula, mas depois ponderou. Teria se enganado sobre a ignorância mágica de Nimrod? Afinal, quem era ela para desprezar as superstições? Era uma feiticeira e vivia da matéria inexplicável.

— Como um homem pode não se alimentar nem descansar, e ainda por cima ser imortal? Ele é um bruxo ou mago?

— Não — replicou a pequena, convicta. —A força da deusa o protege, A deusa que vive nos subterrâneos deste palácio.

— Deusa? O que é essa deusa? Um espírito, um ídolo, um totem?

— Não sei — admitiu Adnari, desagradada por não ter as respostas. — Eu já

desci às masmorras, flutuando pelo mundo sem cor, trespassando as paredes, e nada encontrei. É como se ela não tivesse alma, como nós. Mas ela existe! Os escravos que trabalham nos andares submersos disseram que já a contemplaram.

— Uma deusa, viva? — divagou a feiticeira, mais para si. Ela sabia que as entídades etéreas, veneradas fora de Canaã, nada mais eram do que espíritos muito poderosos, mas não tinham a capacidade de se materializar e passar ao mundo material. Então, como a tal deusa podia estar "confinada" em um calabouço, no plano físico? Tal história era absurda.

— E quanto aos espíritos da gente comum, as almas dos mortos? Não vi nenhum espectro pela pirâmide.

Adnari sorriu, satisfeita por ter a explicação na ponta da língua.

— O zigurate era cheio deles, desses fantasmas, mas agora eles foram embora. Eles não gostavam muito de conversar. Eram apáticos, cansados, e só grunhiam pelos corredores. E aí, uma noite, uma luz levou todos num só furacão.

O ritual da purificação! Estava tudo muito claro agora. Cush, o pai de Nimrod, que construíra o palácio, fora submetido ao ritual da purificação pelos sacerdotes nômades da tribo inimiga. Pela cerimónia, qualquer espírito pode ser condenado, e são libertas as almas daqueles que morreram em sofrimento, sob suas ordens. O ódio dos antigos espectros da pirâmide estava direcíonado a Cush, e quando ele foi levado ao sacrifício os fantasmas do zigurate se viram livres para seguir ao paraíso.

O ritual da purificação é, de fato, uma prática bastante sinistra, embora eficiente. A pessoa, ainda viva, é envolta por tecidos marcados com fórmulas mágicas. Depois, é presa à fogueira. Enquanto a carne é incinerada, os clérigos verbalizam cânticos místicos, e toda a carga negativa acumulada pela vítima é revertida para sua alma, que é amaldiçoada. Não raro, o inferno é o destino dos pecadores, mas alguns acabam por vagar para o limbo, onde permanecem indefinidamente.

— Eu ficava longe deles — continuou Adnari. — Tinha medo que cortassem meu cordão de prata e separassem para sempre minha alma do corpo, mas eles nada faziam.

A vingança. Shamira conhecia bem a natureza dos fantasmas.

— Você sabe por que Nimrod me capturou? — indagou a feiticeira, agora mais à vontade na presença da serviçal,

— Não faço idéia. Ele pode estar querendo a ajuda de uma necromante contra os sacerdotes tribais. Não há necromantes aqui em Babel.

— Não pretendo trabalhar para Nimrod.

— Não diga isso! — assustou-se Adnari, gesticulando para que falasse mais baixo. — O rei mata todos que a ele se opõem.

— Se ele tentar, usarei nele a minha magia — rebateu Shamira, intencionalmente dramática para impressionar a pequena, mas a frase não surtiu efeito.

—A bênção da deusa Ishtar o afasta das maldições. É a mesma força que impede que seja ferido ou morto. Nenhum feitiço tem resultado sobre o Imortal.

Invulnerável, imortal e resistente à bruxaria. Devia haver uma brecha nas defesas do rei. Não podia ser de todo invencível.

— Então talvez seja preciso mais do que mágica para me tirar do cativeiro — comentou a mulher. Sua mente era agora um mar de questões, muito maior que a poça de dúvidas que pretendia esclarecer antes de se projetar ao astral.

Por mais meia hora, Adnari e Shamira ficaram ali, nas sombras do mundo, conversando sobre muitos

assuntos, a maioria sem grande importância. Então, as duas concordaram que deviam retornar ao corpo físico. A projeção astral é processo cansativo, e a necromante precisava de um tempo sozinha, para descansar e digerir o conteúdo das revelações.

A menina, por sua vez, contou ainda um pouco sobre sua vida pessoal. Disse que pertencera a uma tribo chamada Filhos de Sem, uma comunidade que foi aniquilada pelos babilônicos. Os sobreviventes, como ela, foram feitos escravizados e trazidos para a Mesopotâmia. A mãe de Adnari era uma feiticeira tribal, conhecimento da alta magia, mas instruída nas cerimônias de sua aldeia.

Já no mundo material, Shamira avistou, pela janela, a lua alta no céu e calculou que estava perto da meia-noite. Sete das dez piras de óleo já tinham se apagado, deixando o quarto em uma penumbra aprazível.

Esticando o corpo pelas almofadas do suntuoso divã, a moça tentou pregar os olhos, pelo menos até o despertar da aurora no leste.

Um rei indestrutível, uma torre que sobe aos céus, uma deusa encarcerada no calabouço.

Shamira não conseguiu dormir.

Revelação no Miolo do Pão

O sol nasceu e a grande cidade acordou — para alguns. Para outros, ela nunca dormia.

O ruído das correntes, agora, dividia as ruas com o passeio dos cidadãos, invadiam as avenidas aos primeiros raios de sol, enlouquecidos pela febre do desenfreado consumo. De pé à janela, Shamira observava, do zigurate, o movimento nas vias centrais. Tinha estado superativa por toda a madrugada, caminhando pelo quarto de lá para cá, sem adormecer um instante sequer.

Um rei indestrutível, uma torre que sobe aos céus, uma deusa encarcerada no calabouço.

Lá pelas oito horas a temperatura esquentou, obedecendo ao ciclo comum do deserto, para se tornar realmente cáustica às nove. Na praça central da metrópole, visível dos jardins do palácio, um obelisco tinha a função de ponteiro, projetando sua sombra na esplanada e indicando assim as horas do dia, como um gigantesco relógio de sol.

Voltando ao interior do aposento, a feiticeira reparou que a água que caiai da fonte e inundava a piscina mudou de quente para fria, refrescando o ambiente antes gelado, mas agora escaldante. Cansada pelas longas horas de espera, a necromante banhou-se de novo, desta vez na piscina refrescante, avivando o corpo e clareando a mente.

Às dez horas, Adnari entrou pela sala, acompanhada por dois escravos adultos, que carregavam bandejas de metal prateado. Traziam o desjejum — pão, queijo, leite, água potável, tâmaras, ovos e um tipo de chá de ervas. A menina nada disse, temente aos buscadores, mas as duas trocaram olhares de conivência. Não podiam, de jeito nenhum, demonstrar empatia ou sugerir cumplicidade, mesmo longe da presença dos guardas.

A pequena ajeitou os talheres na mesa e os alinhou de um jeito irrelevante aos estrangeiros. A maioria dos aldeões ou camponeses nunca usava colheres ou garfos nas refeições.

— É feito de trigo da Média, o melhor que há neste mundo — disse a garota, referindo-se à massa do pão. — Seria bom que comesse tudo — sugeriu, e deixou o quarto com seus assistentes.

Quando Adnari e os escravos saíram, Shamira sentou-se à mesa e provou a doçura do leite. Comeu um dos ovos cozidos e, sempre vigilante, separou com uma faca a casca do pão, revelando o miolo.

Um pergaminho!

No interior do pão estava escondido um pergaminho enrolado, cujos detalhes, a princípio, a feiticeira não conseguiu decifrar. Então, ao ter certeza de que ninguém mais a olhava, esticou o rolo por baixo da mesa c visualizou o conteúdo.

Um mapa. Uma planta das profundas masmorras do palácio real, com uma dezena de saídas secretas.

Como teria a pequena Adnari obtido um documento tão sigiloso? Quem teria desenhado o projeto? Para onde corriam aquelas rotas de fuga?

Então, por um momento, Shamira sorriu com a ironia. Teria sido melhor se tivesse sido jogada em uma cela escura, de onde, mais provavelmente, teria condições de escapar.

Memorizando todo o mapa, ela o escondeu dentro de uma das almofadas de seda. Costumava gravar imagens estáticas e raramente as esquecia. O que precisava, agora, era ser lacrada nos calabouços, mas como convencer os soldados a levá-la até o subterrâneo sem levantar mais suspeitas?

Bebeu um gole de água, tomou um copo de leite e engoliu duas tâmaras. Ao término do desjejum, rasgou uma tira da própria roupa e a usou para prender a faca de pão por baixo da manga da túnica.

Armada e provida de um bom plano de escape, a necromante estava pronta para ficar frente a frente com o rei de Babel.

O Rei Imortal

Ao meio-día em ponto, de acordo com o relógio de sol da praça central, quatro guardas reais entraram pela porta do dormitório, rasgando a cortina marrom que delimitava o umbral. Estavam armados de lanças de ponta de cobre e longas facas de ferro e carregavam escudos retangulares. Esses soldados de elite dam liderados por um homem magro, alto, de pele morena e postura elegante. Parecia mais um político, pela constituição delgada e gesticular requintado. Tínha o nariz fino, a barba pontuda, e emanava sufocante presença. Os olhos amendoados estavam delineados com lápis azul, e os cabelos, untados com óleo vegetal perfumado. A roupa era parecida com a dos aristocratas, mas um colete de couro fechava o conjunto da túnica, exibindo o brasão com a cabeça bovina.

— Meu nome é Zamir — apresentou-se. Sua fala era calma e segura, como a dos patrícios mais influentes. — Sou um dos buscadores.

Os buscadores do rei. Os conselheiros ao Imortal.

— Acompanhe-me — convidou. — O grande Nimrod espera por você na plataforma elevada.

Shamira não questionou — sabia a hora certa de agir. Caminhou até o mais vigoroso dos guardas e

ofereceu os punhos à algema, mas o buscador sacudiu a cabeça em negativa.

— Isso não é necessário. O poder de Babel é grande, e sua força não está só energia das armas. A cidade é um organismo imortal, assim como seu soberano — suas palavras eram frias e educadas, sem muita emoção. — Aqui estamos seguros.

Obediente, a necromante seguiu sua escolta através dos corredores do zigurate. Ali, viu maravilhas que nunca mais esqueceria. Contemplou passagens orladas por pilastras de ouro, jardins internos com tetos de cristal, lagos e rios artificiais, salas de prata e marfim, pisos de rubis e esmeraldas, estátuas de diamantes e escadarias intermináveis.

Por meia hora caminharam, até estacar diante de uma longa rampa, altíssima, que certamente dava passagem ao terraço, pelo brilho intenso do sol no topo. A subida não tinha degraus, mas o casco de um escaler estava alinhado a um veio no meio da rampa, puxado para cima em um trilho, por um sistema de engrenagens.

A feiticeira, o buscador e seus guardas chegaram ao jardim do penúltimo andar e caminharam pela escadaria externa até o pináculo, e de lá à base do trono dourado. A vista, do cimo da Pirâmide de Prata, estendia-se para muito além dos muros da grande cidade, alcançando o horizonte deserto.

Impassível, Nimrod observou em silêncio a aproximação da Feiticeira de En-Dor, cercado por seu corpo de elite, enquanto afagava o pescoço do tigre-dentes-de-sabre, preso por uma coleira à lateral do assento. Estimulado pelo odor feminino, o felino rosnou, e Shamira teve medo de que a fera avançasse, mas o predador já não era tão feroz quanto seus ancestrais selvagens.

O Imortal conservou a face penetrante e perigosa, quando Zamir e os guardas se ajoelharam para saudá-lo. A necromante reparou que o buscador era uma figura maligna, mas razoável. Se tentasse negociar sua libertação, que fosse com o conselheiro, não com o exaltado monarca.

— Vejo que já conhece Zamir, o Brilhante — falou o rei. Sua voz era grossa e imponente, e seu tom, nada amigável. — Meus súditos me contaram sobre uma necromante que vivia além do mar Salgado. Não esperava que fosse tão jovem — disparou em desprezo, mas a prisioneira não se abalou,

— Venho de En-Dor, na terra de Canaã... — começou a mulher.

— Poupe-me de sua inútil apresentação. Seu protocolo tribal não é necessário aqui. Sei quem você é, caso contrário não estaria aos meus pés. Os buscadores investigaram sua miserável trajetória no mundo, antes que fosse capturada, e traçaram suas origens até a aldeia de Knossos, através do Grande Mar.

Shamira engoliu em seco e não disse mais nada. Quando pensava ter virado a situação, o Imortal frustrara todos os seus planos, provando que conhecia tanto sobre sua vida quanto ela mesma. Na verdade, Nimrod podia fazer muito pior do que simplesmente matá-la. A necromante temeu por seu povo, pelos aldeões e pescadores de En-Dor — pobres camponeses que nunca desejaram rnal a ninguém, mas que agora estavam ameaçados pela fúria de um rei enlouquecido, um escravocrata cruel, que se proclamara o maior dos homens da terra.

— Assim como você, Zamir é também um feiticeiro — continuou o Imortal, e a moça gelou. A magia era sua única vantagem e garantia de vida. Sem ela, Shamira não seria mais do que uma garota indefesa diante daqueles usurpadores sinistros.

O conselheiro fez uma vénia e deu dois passos na direção da mulher.

— Sou um *invocador* — falou à cativa, já prevendo sua dúvida. — Sabe o que é isso?

A feiticeira não respondeu. Sentia-se a última das criaturas, a maís inútil das mulheres. Em sua aldeia, era adorada e respeitada como uma jovem prodígio, mas ali não passava de uma novata.

— Eu imaginei — retomou o conselheiro, entendendo a confusão. — Nós, in-vocadores, estudamos um campo da mágica diferente daquele da necromancia. Buscamos a canalização de nossos feitiços nos elementos naturais. Manipulamos o fogo, a água, o ar e a terra, e também as substâncias paraelementais, tais como a lava, a fumaça, o pó e o vapor. Não sou hábil na matéria dos mortos, e é por isso que você está aqui.

— Então o que precisam é de alguém instruído no objeto espiritual — arriscou, atisfeita por finalmente reparar que era essencial.

— Não se julgue inestimável — fez questão de afirmar Nimrod. — Não fosse você, seria outro necromante.

— Infelizmente — completou Zamir —, a maioria dos grandes necromantes vive além da segunda catarata do Nilo. Canaã é mais perto daqui, e mais acessível.

Verdade?

— Nossa tradição mágica — continuou o buscador — remonta aos tempos da gloriosa cidade de Enoque, a Bela Gigante. É a partir de Caim que nós, babilônicos, traçamos nossa ancestralidade, razão pela qual estamos fadados a vencer sempre.

— Nem que para isso tenhamos que derramar sangue, maculado ou inocente — desfechou o Imortal.

— E será que sofrerão o mesmo destino de seus antepassados? — ousou a mulher.

Ao escutar a inaceitável blasfémia, a face do soberano corou de ódio. Os guardas recuaram, temerosos como raposas que se escondem na tempestade.

— Os celestes que mandem outra inundação — esbravejou, exaltado, erguendo o cetro de ouro na direção da torre em construção —, e eu vingarei os meus ancestrais, pois a minha torre se erguerá ainda mais alto do que o monte Ararat. Nenhum deus vai me tirar esta cidade! — gritou, violento. — Que venham os exércitos! Que venham os anjos! Que venham os espíritos! Nada pode debelar o esplendor de Babel.

— Sim — apoiou o conselheiro. — Somos invencíveis.

— Tragam a arca! — bradou Nimrod para suas sentinelas. — Começa agora a vingança de meus progenitores.

As pragas seguiu-se o cansaço, e o soberano voltou ao trono, espumando de raiva pela boca barbuda. Respirou longamente e apoiou o rosto entre os dedos morenos.

Que louco! — Shamira pensou, preocupada com seu destino naquela cidade de alucinados. Nimrod não hesitaria em torturá-la, ou mesmo matá-la, se assim julgasse preciso.

Então, enquanto o Imortal meditava, Zamir achegou-se à necromante e sussurrou de esguelha:

— Não há como se opor à nossa potência. Seja prudente e colabore. Faça o certo e todo o conhecimento do mundo antigo estará ao seu alcance. Decline e morrerá lentamente. Você tem mais a ganhar do que nós.

O conhecimento do mundo antigo.

Mas, àquela altura, não era só em poder que a feiticeira pensava. Era ainda jovem, e talvez tenha sido a mocidade que a livrara da tentação. Aos 20 anos, não tivera muito tempo para as decepções da vida adulta. Era sonhadora e cultivava ideais inflamados, mais fortes que a riqueza e a glória. Não queria terminar a vida mergulhada numa piscina de ouro, servindo de conselheira na corte de um monarca insano. Queria amar, ter filhos e ser feliz ao lado de alguém. Sob a máscara da bruxa infernal, havia uma mulher como todas as outras, que via nas coisas simples o verdadeiro prazer de viver. Gostava de se sentar à fogueira e escutar histórias até o sono chegar. Queria passear pelo campo, tomar banho no rio, escutar o canto dos pássaros e provar o toque do homem amado.

E, por mais singelos que fossem seus sonhos comparados ao poder do dinheiro, Shamira não pretendia abandoná-los.

Ao rufar dos tambores, dois guardas trouxeram ao terraço uma arca de puro marfim, esculpida, nos flancos, com a heráldica da cabeça de touro. Os soldados a pousaram na plataforma, ao fim dos degraus, e Zamir caminhou até ela.

— Cush, progenitor de nosso Rei Imortal, foi morto pelo inimigo. Acreditamos que seu espírito possa nos indicar o caminho ao acampamento rebelde.

O conselheiro ergueu a tampa da arca e enfiou a mão na escuridão do baú. Nimrod continuava afundado no trono, quieto, autista, perigosamente calado. A moça temia que ele explodisse em um novo ataque de fúria e a atacasse com o cetro metálico.

Então, o feiticeiro retirou da caixa um crânio enegrecido, visivelmente humano, mas chamuscado pelo contato com o fogo.

— Os Filhos de Jafé nos enviaram isso — mostrou o conselheiro, esticando a .caveira queimada. — Sabe por quê?

— O corpo foi submetido ao ritual da purificação, com certeza. Os ossos, agora, não têm nenhuma serventia.

O invocador examinou o crânio mais uma vez, como um professor que desconfia da mentira infantil. Enquanto isso, o Imortal despertou de seu transe e correu à plataforma,

— Você invocará à matéria a alma de meu pai, e teremos a nossa vitória.

— Não posso — confessou a mulher. — A alma de seu pai está agora vagando no abismo e de lá não pode voltar. Duvido que algum necromante consiga resgatá-la do grande vazio.

Dito isso, o dentes-de-sabre rosnou, e o soberano acompanhou sua cólera. Brandiu o cetro adornado e precipitou-se ao ataque, cheio de ódio mortal. Surpreendida, Shamira tentou desviar, mas o bastão acertou-lhe cabeça, e ela foi jogada contra o piso da escada. Em seguida, foi chutada na boca do estômago tomada pelos cabelos.

O Imortal a lançou feito brinquedo à base do trono, com toda a violência de um chefe guerreiro. Ali, seu rosto delicado encontrou o chão prateado, abrindo um corte ralo acima da testa.

A Feiticeira de En-Dor encarou seu agressor e percebeu a vontade assassina em seus olhos vermelhos. Nimrod não a pouparia — não depois de sua pronta recusa. Seria esmagada ali, no pináculo da Pirâmide de Prata, para servir de exemplo aos futuros capturados. Mas o que ela poderia ter feito? A reversão do ritual era inviável, mesmo ao mais poderoso dos mágicos.

Levantando o cetro sobre a cabeça, o governante preparou a pancada final. Mas quando a mulher fechou os cotovelos para proteger a cabeça, sentiu pesar a manga da túnica e lembrou que ali escondera a faca de pão. Não pretendia sacá-la tão cedo nem ter de usá-la em combate, mas não tinha mais opção. Diante da realidade da morte, puxou o punhal e, com todo o vigor de uma presa acuada, atacou. Era uma necromante, iniciada nos segredos da vida e sábia nos estudos de anatomia. Conhecia cada vaso do corpo humano, cada órgão, cada ponto crítico da carcaça vital.

A adaga correu e, com uma fincada certeira, rasgou a túnica do Imortal, alcançando sua carne. Um esguicho de sangue acompanhou a ferida, e a lâmina cravou fundo no coração.

Com o fluido rubro a manchar-lhe as mãos, Shamira se afastou do rei cambaleante, espantada pela própria pujança. Rejeitava todo tipo de assassinato e crueldade, mas sua ação fora instintiva. Agora, o soberano feneceria aos poucos, no cume de seu adorado palácio. Nenhum homem, mago ou guerreiro, suportaria aquela punhalada fatal.

Mas em vez de avançar, como qualquer sentinela faria, os guardas não se mexeram, copiando a tranquilidade do buscador, que persistia altivo na plataforma. Seu comandante estava agonizando, morrendo, e continuavam estacados os soldados!

Foi então que o impossível aconteceu.

Esparramado sobre o trono, definhando na poça de sangue, Nimrod aindal respirava, lutando como um touro bravio pela última centelha de vida. O monarca soltou um urro terrível, um berro inumano e gutural, como uma funesta oração aos deuses perdidos. Deslizou a mão ao punho da faca e, tremendo de dor, finalmente a arrancou do peito.

Em proeza fantástica, digna dos grandes heróis do passado, ele se levantou e proferiu uma gargalhada sinistra, lunática, no mesmo instante em que abria o colete da túnica, revelando o corte coagulado.

O ferimento regenerou sobre a pele!

— Que Ishtar seja louvada! — exclamou o conselheiro, elevando as palmas ao céu. Os vigilantes o imitaram, tombando lanças e escudos ao piso.

Recuperando seu cetro — e também sua perfeita saúde —, o Imortal cuspiu uma nódoa de sangue e dirigiu-se à fascinada Feiticeira de En-Dor.

— Assim é o meu povo, invencível — e exibiu o busto sarado. — Não tememos a ira de Deus nem o ataque dos anjos. Eu o desafio, ó Yahweh! — aproveitou, arrostando o profundo lume do sol. —Você que inundou Enoque, a pátria dos meus ancestrais. Eu o renego, ó Refulgente, pois eu sou Nimrod, o legado do grande Caím.

E apontou o bastão à feiticeira, completando a sentença.

— Será poupada, mulher, para que estude o ritual e aprenda a convertê-lo. Ele não aceitara, ainda, o fato de que o encantamento era irreversível.

— Agora levem-na daqui — gritou aos guardas. — Joguem-na no calabouço, nos porões do zigurate. É sob a terra a morada dos necromantes.

As sentinelas a algemaram, mas antes que fosse amarrada Zamír disparou mais um de seus desprezíveis conselhos.

— Seria melhor que você estivesse em condições de realizar a cerimónia ao cair da madrugada. Eu não desagradaria Nimrod outra vez.

Dali Shamira foi arrastada pela escadaria até o jardim, e de lá para as masmorras na fundura do palácio real. Mas, antes que desaparecesse pelos degraus, avistou o soberano, meio tonto, procurar a mão amíga do feiticeiro.

— Zamir, preciso ter com a deusa.

Pelos Olhos do Rato

Nimrod não era nem um pouco tolo. Ao ser jogada em uma cela úmida, inunda, escura e cheia de ratos, Shamira entendeu que o tratamento especial que recebera na noite anterior tinha um propósito. O Rei Imortal não a hospedara em um quarto luxuoso porque se preocupava com sua saúde. Era uma tática — uma manobra para mostrar à prisioneira o que de melhor e de pior havía em Babel.

Era óbvio que depois de passar toda uma noite nas masmorras do zigurate, sem água ou comida, ela de tudo faria para voltar ao quarto de mármore, mergulhar na piscina aquecida e provar as iguarias do farto banquete. Até mesmo o mais forte dos homens, fosse ele rei ou escravo, sucumbiria hora ou outra às necessidades vitais e aos prazeres da carne. E era essa a intenção do Imortal e de seu feiticeiro.

Nimrod e Zamir sabiam que a necromante se dobraria como qualquer outro cativo, mas desconheciam a peça fundamental que desbancava a estratégia: o mapa do calabouço, entregue à prisioneira pela menina Adnari. Shamira deixara o pergaminho no dormitório, mas memorizara cada detalhe do projeto subterrâneo e se lembrava perfeitamente da localização das saídas secretas. O desfio, agora, estava em transpor as paredes da cela, bloqueada por uma grossa porta de ferro e trancada por três classes de fechaduras trançadas. A feiticeira não tinha muito tempo de ação. Calculava mais seis ou sete horas até o crepúsculo, e dali mais sete à madrugada.

A cela onde fora enfiada era mínima, abafada, e a única luz incidente vinha dos archotes do corredor e penetrava pela fresta na soleira da porta. O silêncio era cortado pelas gotas de água que escorriam da pedra e pelos gritos ocasionais dos prisioneiros em tortura. Não totalmente sozinhos, os condenados tinham a companhia dos ratos, que de início se espantavam com as pancadas no chão, mas depois, famintos, perdiam a inibição e não raro atacavam.

Depois de certo tempo, já adaptada à escuridão, Shamira distinguiu a aproximação dos roedores e os afastou com uma pisada. Um delicioso almoço os aguardava em outras alcovas, onde os cadáveres dos prisioneiros ficavam por dias, até que os escravos os recolhessem.

Como humana, a feiticeira dali não podia sair. A porta era muito forte para ser arrombada, mas a ferrugem corroerá o canto das dobradiças, desenhando pequenas gretas no ferro, por onde entravam e saíam ratos e baratas. Era o momento de Shamira usar novamente sua mágica. Estava ferida na testa, mas podia ainda se mover, falar e lançar feitiços elementares. Os componentes seriam seus únicos companheiros de cela, os mesmos que desejavam devorá-la com os dentes agudos.

Improvisou uma luva, fazendo duas dobras no tecido da túnica, e agarrou um dos roedores que pela ferrugem se esgueirava. Com a mão direita, coletou um pouco de seu próprio sangue, que fluía pelo ferimento, e marcou uma runa mágica nas costas do animal. Depois, arrancou um fio de pelo do bicho e o enfiou debaixo da língua.

— *Ia Mashmashti! Kakammu Selah!*— recitou, fitando os miúdos olhos da criatura.

O encanto de consciência animal é um ritual dos mais básicos, ensinado aos jovens feiticeiros como um instrumento de espionagem e exploração. Pelo feitiço, o mago é capaz de estender sua consciência ao animal e enxergar através de seus olhos. Enquanto o sangue permanecesse fresco no dorso do rato, Shamira poderia também controlar sua rota e visualizar seu caminho.

Soltando o bicho no chão, a feiticeira fechou os olhos e principiou a visão.

Se comparada à do homem, a visão dos ratos é embaçada e monocromática, mas extremamente eficiente à noite. As pupilas saltadas contribuem para uma percepção panorâmica do espaço, ajudando na detecção de sombras de movimento, em ângulos muito expandidos.

Foi assim que Shamira avistou sua rota — uma passagem escura, tenebrosa» pontilhada pelo fulgor descolorado das tochas, que seguia infinitamente pelo corredor. O animal avançou para o norte, procurando a escada ao nível superior, e encontrou dois carcereiros que, indiferentes à sua presença, conversavam à guarda de um largo umbral arqueado. Adiante, a senda dava acesso a uma escada espiral, que subia e descia em sentidos opostos.

Driblando os vigias, o rato saltou para os degraus e galgou, um após o outro, buscando o próximo lance. Mas então congelou, ao perceber a sombra de dois descendo. Recuou à fresta mais próxima e ali os esperou em silêncio. Foi então que a necromante, pelos olhos do bicho, identificou os passantes eram ninguém menos do que o próprio rei Nimrod, apoiado em seu buscador! Tremulante, o Imortal caminhava, aturdido, exausto, abatido.

Shamira queria fugir, mas não resistiu ao mistério. Na indecisão entre ficar ou correr, a feiticeira tomou o rastro de seus inimigos. Deixou que os babilônicos seguissem na frente, e pelos olhos do rato acompanhou o percurso. Zamir e Nímrod desceram até o nível mais fundo e entraram por uma passagem estreita, quase um túnel, que culminava em uma única porta de ferro, reforçada por chapas de cobre.

O roedor viu quando os dois homens deslizaram à câmara — uma sala ilumínada por piras de fogo — e riscou pelo chão antes que fechassem o caminho. Encontrou um largo aposento, redondo, centralizado por um tipo de anfiteatro, com degraus circulares e orlado por pilastras cilíndricas.

O animal levantou o focinho, captando o cheiro de sangue, e em sua mente distante a feiticeira assistiu a uma cena que nunca mais esqueceria e que encerrava todos os segredos da antiga Babel.

A Deusa do Mundo Interior

Fechada cm sua cela, incapaz de sair, Shamira apertou forte as pálpebras e mordeu a língua em horror, quando o rato transpôs a passagem.

Suspensa por correntes ao teto estava uma bela mulher, de pele clara e face apática. Os cabelos, louros, compridos e ondulados, caíam-lhe às costas, indicando seu traço mais absurdo — um par de longas asas de penas brancas, marcadas por rajas de sangue.

A deusa! A deusa Ishtar. A deusa do mundo interior. A deusa de Nimrod!

A condenada não era realmente mulher, mas uma entidade celestial, como aquelas descritas no *Livro de Magan,* um dos antigos compêndios de misticismo aja autoria se atribui aos sábios da extinta cidade de Enoque. Esses celestes, até onde se sabia, foram criados pela luz do Altíssimo e serviram como arautos em sua criação. Foram eles a primeira raça do universo, e muito antes da feitura do homem já vagavam pelas estrelas, desbravando o infinito.

Mas quem teria capturado criatura tão majestosa, e por quê?

Era impossível, mesmo para um necromante, ter certeza se a alada ainda vivia, pela gravidade de seus ferimentos. Não só as asas, mas todo o corpo estava coberto de lesões e hematomas, como o dos soldados que regressam da guerra.

Mas então, quando o rato circulou a pilastra, a própria Shamira estremeceu à visão do espetáculo dantesco. Usando uma faca magica de ritual, o feiticeiro Zamir rasgava as costelas da deusa, deixando verter o sangue da pobre entidade dependurada. Enquanto isso, ajoelhado aos pés da celeste, Nimrod sorvia o fluido vermelho, engolindo com ardor as gotas de plasma.

Bebendo o sangue da deusa!

O sangue humano é o alimento de muitos espíritos e frequentemente é usado como material nos rituais de bruxaria. Mas a necromante nunca ouvira falar de um homem que tivesse provado o sangue imortal e não tinha idéia dos efeitos resultantes de tal cerimónia. Era certo, porém, que os filhos de Nod (que viviam em Enoque) muito pesquisaram sobre a natureza angélica. Se o busca-dor tivesse mesmo os tomos antigos de feitiçaria, provavelmente fosse experto nas propriedades ocultas da anatomia celestial, e então a feiticeira inferiu o mais lógico.

É o sangue da deusa que torna, o soberano invencível.

A situação hedionda desconcertou a mulher, que quis vomitar, mas deteve o impulso. A concentração vacilou, e foi quebrado o encanto. Na sala, o rato, liberto, fugiu para a escuridão, e os profanos avançaram com sua orgia macabra.

No calabouço, uma figura solitária percorreu as alcovas e parou em frente à cela de Shamira. Sacou do cinto um molho de chaves e destrancou cada uma das três fechaduras.

Quem será? — assustou-se a mulher. E se o bruxo tivesse detectado seu feitiço de consciência animal? Que destino ele poderia arquitetar para ela, além da execução? Se Zamir conhecia os segredos ancestrais, certamente saberia como amaldiçoá-la, convertendo-a em uma criatura inumana, como faziam os magos de Nod.

A porta se abriu, e Shamira viu não um guarda, mas um escravo, um sujeito alto, moreno e forte, que trabalhava como serviçal em alguma ala do palácio. Não portava armas, só uma veste comum, e não parecia agressivo.

— Sou amigo de Adnari — esclareceu, e o coração da moça quase pulou de alívio. —A menina me contou que você conhece a saída.

— Um escravo por aqui... e sozinho? — ela murmurou, ainda meio abalada. Nenhum vigia circulava pelos corredores, e a masmorra parecia desguarnecida.

— Você tem de se apressar. O rei e o buscador desceram às câmaras inferiores. Sempre que isso acontece, as sentinelas são ordenadas a deixar a prisão. A evacuação temporária permitiu o meu ingresso.

Zamir e Nimrod zelavam pela conservação do mistério, embora Adnari tenha dito que alguns escravos chegaram a contemplar "a face da deusa". Na verdade, a presença física da divindade não era um tabu, e sim a dependência do governante de seu sangue. Se algum aristocrata descobrisse a fonte da invencibilidade do rei, certamente tentaria roubá-la.

— Qual é seu nome? — ela quis saber, finalmente recobrando a razão.

— Não seria seguro, nem para mim nem para você, que eu revelasse meu nome. Faço parte de um círculo de escravos que articula uma insurreição. Muitos perderiam se eu fosse exterminado.

E, sem mais perguntas, os dois correram pela senda do norte e venceram a escada, agora vazia, até o arco de acesso ao próximo nível. A feiticeira parou no umbral e avisou ao escravo:

— Eu fico aqui. Este é o caminho para a saída secreta.

— Boa sorte — desejou o conspirador, pronto para continuar sua rota de volta ao palácio.

— Escute — chamou a feiticeira, certa de que poderia ajudar na insurreição. — A deusa Ishtar...

Um ruído contínuo interrompeu a conversa, e os fugitivos distinguiram uma sombra disforme que subia os degraus.

— Vá — insistiu o escravo, repudiando a silhueta. Se a prisão havia sido esvaziada, então só restavam duas pessoas livres a vagar pelos subterrâneos.

Nimrod e Zamir.

Aterrorizada pela possibilidade de reencontrá-los, a moça correu pelo corredor quase como um gato em caçada, à procura do túnel de saída.

A Passagem Secreta

Shamira foi caminhando pelo corredor, até dobrar em uma curva ao leste. A passagem parecia muito com o calabouço inferior, ladeada por centenas de celas trancadas. As paredes continuavam imundas, mas ali a iluminação era mais regular. Do teto pendiam lamparinas de bronze, e não tochas, alimentadas por cargas de óleo e marcadas com a heráldica real.

Trezentos metros além da entrada, a vereda terminava em uma parede limosa, e diante dela havia um poço de pedra, solitário no fundo do beco. Era. uma cacimba de água, uma fonte subterrânea de suprimento. O buraco não era profundo, e a distância de um braço separava a boca do poço da linha da água. Shamira esticou a mão à cisterna e provou o gosto do líquido.

Agua doce.

Era aquela a saída, certamente, segundo as diretrizes do mapa.

Enchendo os pulmões, a moça mergulhou na água gelada e abriu os olhos na profundeza. Distinguiu um túnel submerso, anelado e redondo, e se meteu dentro dele, sem reparar muito bem para onde levava.

A tubulação era deslizante e estreita e subia em ângulo suave, até emergir para o ar.

Com o peito a queimar, a Feiticeira de En-Dor insurgiu e respirou o gás precioso, engasgada pelo esforço excessivo. A saída delgada fazia lembrar um cano de despejo de esgoto, mas a água era pura. Lá dentro, a escuridão seria total não fosse um brilho dourado no fim da passagem, dali a mil metros, que guiava a travessia.

Uma longa distância para percorrer rastejando — mas nem por isso exatamente penosa. A alegria por ter deixado a masmorra era tanta que a feiticeira esqueceu a palpitação do ferimento na testa e nem se importou de ralar os joelhos no cascalho afiado.

Assim se passaram duas horas inteiras.

Esgotada, a feiticeira escutou o ruído do vento e distinguiu o anel de saída. Apressou sua rota e enfim sentiu o aroma da terra, quando o túnel se abriu em uma caverna minúscula, ligada ao exterior por uma racha pequena. Um fio de água escorria da boca do cano, desenhando uma poça diminuta no solo arenoso.

Livre!

A Feiticeira de En-Dor conseguira fugir. Estava livre dos calabouços da terrível Babel e do assédio de seus inimigos, mas para onde teria escapado? Certamente o tubo avançava sob as muralhas da capital e subia em leve inclinação, para acabar em um recanto seguro, longe da agitação da cidade.

Era noite quando Shamira saiu pela abertura. O deserto à sua volta dava vida a um cenário irregular e montanhoso, uma região pedregosa, que delineava um labirinto de passos rochosos, desfiladeiros e morros pontudos. Aquela era uma terra infértil e desabitada, conhecida pelos mesopotâmicos como Mar de Rocha. A fase cheia da lua iluminava os montes, e do vale a necromante avistou o caminho mais

óbvio, que enveredava ao centro de uma ampla garganta.

Então, enquanto vagava descansada pela trilha, Shamira escutou repetidas pancadas estremecerem o desfiladeiro.

Cavalos.

A feiticeira estava sendo procurada!

O rei e o buscador não tardaram a descobrir que Shamira havia fugido dos até então intransponíveis calabouços da Babilônia, mas como teriam rastreado seu curso? O túnel, de fato, não era uma saída de prisioneiros, mas uma rota secreta construída pelos próprios babilônicos, como uma alternativa de evasão no caso de sítio. Sendo assim, era óbvio que o soberano conhecia cada uma das tubulações e seus respectivos destinos. Como uma escrava doméstica, Adnari tinha acesso ao quarto dos buscadores e de lá roubou o mapa, na melhor intenção de facilitar a fuga da amiga. Mas a menina não contava com a perspicácia dos conselheiros nem esperava que Nimrod e Zamir estivessem subindo a escada no exato minuto em que a feiticeira saía da cela.

A necromante correu pelo vale, perdida. Procurou por um esconderijo, mas não encontrou nenhuma gruta que servisse. O barulho dos cascos aumentou, e a moça reparou na desgraça da geografia. As curvas e os paredões do Mar de Rocha confundiam a visão e impediam a observação a distância. A qualquer momento, um soldado poderia saltar do meio das fendas e render a feiticeira com sua lança.

Na corrida, a feiticeira perdeu a percepção dos ruídos mais graves, e as batidas do coração suplantaram os passos dos caçadores. Com os pés inchados, Shamira obrigou-se a sentar. Voltou a escutar o relinchar dos cavalos e percebeu um guarda no alto do desfiladeiro. No instante em que os soldados irromperam no vale, a feiticeira teve certeza de que, mais cedo ou mais tarde, seria descoberta. Distinguiu, então, no canto extremo da garganta, uma saída para a planície — uma fissura no paredão, que cruzava uma senda e levava ao deserto.

Os caçadores puxaram as rédeas, e o pelotão de vanguarda desmontou. Havía, ali, perto de quarenta guerreiros de olhar apurado, e ao menos dez deles inciaram a busca pela base da encosta. Acenderam lampiões e com bastões fustigaram os buracos. Foi aí que, sem alternativa, Shamira correu, atenta principalmente aos guardas armados de arcos.

A areia mais fofa atrasou-lhe a disparada, mas os vigilantes não a perceberam, até que ela se meteu pela fissura, e uma sentinela deu o alarme. Ao soar dos berrantes, os cavaleiros partiram em perseguição.

Quando entrou no desfiladeiro, Shamira ouviu o som de engrenagens metálicas e distinguiu, logo adiante, uma charrete de duas rodas, puxada por um par de negros corcéis. Seu auriga era um homem comprido, de nariz fino e barba pontuda. A pele morena estava bem maquiada, e os cabelos, tratados com uma solução oleosa.

Era Zamir, o feiticeiro.

O justiceiro das montanhas alongadas

Encurralada entre uma horda de lutadores e a charrete do mago, Shamira recuou ao vale, na vá tentativa de escalar o aclive. Conhecendo a real importância de uma vitória integral, sem falhas ou desvios, Zamir resolveu demonstrar suas habilidades fantásticas e alcançar assim o triunfo perfeito.

Sempre calmo e ordeiro, o feiticeiro se transformou de repente, incorporando uma máscara de ardor infernal. Levantou os braços e gritou uma prece aos poderes antigos.

— Ia Dag! Ia Dag! Ia Margolqbabbonnesh! Ia Marrutukku! Ia Tukuí Suhrim Suhgurim!— bradou o conselheiro, contorcendo os punhos em gestos profanos.

E assim a areia subiu ao redor da mulher, formando uma onda espiralada, tal qual um pequeno tornado. O furacão sugou sua vítima, e Shamira foí jogada para lá e para cá no coração do ciclone, sendo enfim lançada ao chão, com violência e brutalidade abissais. Engasgada pela terra e suja de poeira calcária, rolou para o extremo do vale, parando a um metro do carro de Zamir.

— Infelizmente, você descobriu o poder de um invocador pela via mais rude — disse o conselheiro, retomando sua postura alinhada.

A Feiticeira de En-Dor simplesmente não podía falar. A boca sangrava e o peito doía. Os soldados, por sua vez, estavam igualmente assustados. Todos em Babel eram acostumados aos mitos fantásticos, mas nunca haviam presenciado a invocação de um feitiço tão magnífico. Não duvidariam, nunca mais, das lendas sobre o Imortal.

— O rei não costuma deixar a cidade — esclareceu o buscador —, mas quer você viva, para que seja executada diante da torre. Entenda que foi a única que já escapou das masmorras do zigurate. Não podemos deixá-la incólume.

Na frieza do homem, havia uma neutralidade peculiar. Zamir não parecia exatamente cruel, apesar de suas atitudes. Era como se o extermínio de Shamira nada significasse para ele, um bruxo cuja ambição morava muito além da realidade mundana.

— Espanquem-na! — ordenou, finalmente. — Poupem o rosto, para que seja reconhecida pelo povo nas ruas. — E completou, oficializando o comando:

— E o desejo do Imortal.

Três homens desceram do cavalo com curtos chicotes. Um quarto avançou annado de bastões de bronze.

Já entregue à ruína, Shamira perdeu todas as esperanças e aceitou sua sina. Mas, naquele momento, os guardas silenciaram, ao ruído de passos firmes que chegavam ao vale.

Quem? Quem em sã consciência se aventuraria pelo desfiladeiro assombrado ainda mais lotado de guerreiros armados, nascidos na maior de todas as nações de seu tempo?

Os batedores, e até o mago, estranharam quando um forasteiro apareceu caminhando às costas do pelotão. Com a surpresa, os soldados abriram caminho, e o homem seguiu pelo meio da tropa, para estacar diante da moça. Vestia uma túnica pesada, de pano marrom, castigada pela longa viagem. Um capuz obscuro tapava-lhe o rosto, mas a necromante pôde reparar nos olhos cinzentos no cavanhaque alourado. Não carregava arma ou escudo. A expressão era temerária, refreando o assalto dos combatentes.

Durante um longo minuto ninguém disse nada, nem mesmo o buscador, o viajante ajoelhou-se para ajudar Shamira, alheio à presença do esquadrão. Examinou o ferimento da testa e tateou os ossos quebrados. Indignado, Zamir exigiu:

— Alto lá, forasteiro! Quem é você, que debela nossas defesas?

Desfeitos do choque, os guardas cobriram a dianteira, preparando as lanças e apontando os arcos. O estrangeiro encarou o bruxo, e Shamira viu que ele tinha a pele bem clara. Era alto, robusto e guardava toda a dureza de um guerreiro versado.

— Sou um viajante, mas já conheço um pouco estas bandas — respondeu, e voz era forte. — Seguia o caminho de meu santuário, quando avistei o pelotão cm perseguição à mulher. E para que tanta gente? — e olhou ao redor, indicando a multidão de infantes.

— Ela é uma bruxa — justificou um dos oficiais.

Somente a segurança do eremita impedia que fosse alvejado.

— Ora... — argumentou, levantando do chão como um tigre assassino. — Ela não me parece assim tão perigosa — desviou-se ao feiticeiro. — Sua caçada noturna está encerrada — endureceu as palavras. — Sua prisioneira está quase morta, e vou levá-la comigo.

Os soldados retrocederam, mas o mago não parecia vencido.

— Não vai conseguir isso tão fácil.

— Eu imaginei que não — reagiu o viajante.

Assim, decidido a liquidar qualquer obstáculo à sua demanda nacionalista, Zamir fez sinal aos lutadores, que retesaram os arcos e apontaram as flechas.

O desfiladeiro não era lá muito vasto, e apenas sete homens compunham a linha de frente. Os outros caçadores vinham logo atrás, mas eram justamente os primeiros que miravam as setas. A maioria estava a pé, inclusive os arqueiros, que haviam desmontado para esquadrinhar a garganta.

No preciso ato do disparo dos guardas, o forasteiro jogou para cima sua capa, enganando os atiradores — eles lançaram flechas aos céus, mirando a veste vazia.

Voltando as vistas ao solo, notaram, estupefatos, o solitário guerreiro, que vinha de encontro à tropa como um projétil de catapulta. O estrangeiro acometeu com os punhos cerrados, mas, em vez de esmurrar os capitães, atacou o chão, em premeditada investida.

O soco produziu uma extraordinária onda de choque, que correu para frente em forma de cone, pondo todo o pelotão a nocaute. Aturdidos, os guardas desabaram, mas nem Shamira nem Zamir foram atingidos. Na retaguarda, os cavalos fugiram, horrorizados com a sacudida.

Nesse momento, o inabalável Zamir fraquejou. Julgava-se insuperável, mas agora encontrara um oponente ao qual não podia vencer. E não era só isso. No semblante do feiticeiro, a necromante leu a máscara do terror, como se o viajante tivesse despertado nele a lembrança de um pavor enterrado.

Afundado em desespero, o mago tentou mais um de seus encantos bizarros, mas o forasteiro saltou sobre ele como um leão em caçada e o arrancou para fora da biga. Quando ambos caíram, o andarilho o levantou pela camisa, de costas para o brilho da lua. Ao contemplar o rosto de seu agressor, Zamir tremeu feito criança e abortou qualquer reação.

— Parece que a coragem dos babilônicos falha ao primeiro sinal de perigo — constatou o forasteiro. — Será que a força divina dos exércitos de Nimrod só funciona contra moças feridas e escravos desnutridos?

— Perdão! — suplicou o buscador, tomado pelo pânico irracional. — Perdão! A idéia não foi minha. Foi o rei que me persuadiu. Piedade, eu imploro! Não tire minha vida!

— Tenha calma, homem — retrucou o estrangeiro, sem entender muito bem covardia tão brusca. — Não tenho a intenção de feri-lo.

Assim, o viajante solitário liberou a pegada, e o bruxo deslizou para o deserto, deixando para trás a charrete, os corcéis e também o pelotão desacordado.

O silêncio voltou ao desfiladeiro, e Shamira sentiu que era erguida nos braços pelo justiceiro das montanhas alongadas. Não viu mais nada depois, só o breu e o conforto do sono.

O Homem sem Alma

Shamira acordou com o agradável aroma de peixe cozido, uma fragrância particularmente gostosa, que sempre a transportava ao passado, às tardes de sábado em En-Dor, quando todo o povo descansava do labor da semana e preparava o banquete comunitário.

O corpo já não doía. Ela abriu os olhos, mas a luz indireta do sol machucou a retina. Aos poucos, reparou ao redor e distinguiu os contornos de uma gruta pequena, aquecida e aberta ao norte por uma saída redonda. Uma fogueira, no centro da caverna, cozinhava uma sopa marinha — uma mistura de peixes, algas e lula.

No extremo sul da gruta, reluzia um objeto metálico, encravado no coração de uma alcova. O canto mais parecia um altar, destacado por uma espada longa, que jazia enfiada na pedra. Sua lâmina era de um material diferente do ferro, muito mais brilhante e maciço.

E, do outro lado da galeria, próximo à abertura na pedra, meditava o forasteiro, sentado, de pernas cruzadas. Os cabelos loiros chegavam à altura dos ombros fazendo um rabo de cavalo abaixo da nuca.

Faminta, a feiticeira provou o cozido, separando boa porção em uma tigela de argila. Não queria incomodar seu salvador nem tirá-lo de seu repouso. Nos dias da Babilônia, o cavalheirismo não era uma atitude comum, principalmente entre os viajantes. Uma mulher capturada podia esperar pelo pior, do estupro à morte, da humilhação à tortura.

Shamira voltou ao seu leito, uma cama rústica de tecidos e feno, e continuou a refeição merecida, descobrindo lascas de palmito no fundo do prato.

— Não dê muita importância ao gosto. Sou péssimo cozinheiro — surpreendeu o andarilho. — Guardei um pouco de água naquela garrafa — e indicou uma vasilha de barro.

— Há o suficiente para vários dias.

Shamira não bebia nada desde que fora atirada ao cárcere, ou assim ela pensava. Os lábios estavam rachados e secos, mas os ferimentos tinham sarado, todos eles, e os ossos quebrados voltaram ao lugar.

O jovem ermitão caminhou até a fogueira. A feiticeira nunca tinha visto um homem daqueles — bonito e imponente, mas singelo também, simples em suas ações e direto em seus objetivos. Não devia ter muito mais que 30 anos, mas os olhos cinzentos projetavam uma sabedoria ancestral, descendente de uma era anterior à feitura do mundo.

Desde criança, Shamira sempre fora destacada nas habilidades místicas, mesmo antes de aprender a arte dos mortos. Algumas de suas capacidades eram inatas e não dependiam de fórmulas mágicas ou runas simbólicas. Uma dessas habilidades era a de se projetar ao astral, e outra era a de contemplar os espíritos. A necromante podia ver os fantasmas, os espectros errantes, e consequentemen-te podia enxergar também a alma dos vivos, presa ao corpo encarnado.

A silhueta astral do estrangeiro, porém, era terrivelmente apagada, e a mulher recuou. Se não tinha alma, não era realmente humano, mas então o que era?

— Quem é você e por que me salvou no Mar de Rocha? — ela balbuciou.

— Acho que é de minha natureza assistir os desamparados — respondeu, meio desprevenido. — Mas não sou exatamente um herói, talvez precisamente o contrário — ele sorriu, descontraindo a tensão. — Sou apenas um viajante, um guerreiro perdido, um desertor de meu próprio exército.

— E que lugar é este? Por que me trouxe para cá?

— Para tratá-la, é claro, em ambiente seguro. Este é um santuário, uma espécie de templo que eu mesmo construí, um tanto singelo, como pode ver. Como soldado, nunca fui apegado ao luxo.

Um santuário? Dedicado a que deus?

Instintivamente, os olhos da moça se voltaram ao altar, à espada fincada na rocha.

— Esta é a Vingadora Sagrada—ele explicou, orgulhoso como quem apresenta um filho. — É o último esplendor que carrego comigo, desde que fui expurgado.

— Você disse que é um desertor? — interpelou a feiticeira, intrigada pela história. Não conhecia nenhum exército de homens brancos naquelas partes desérticas, nem tivera notícias de legiões em batalha.

— Um renegado, um desgarrado talvez. Assim como você, eu também sou um fugitivo. Quem sabe tenha sido isso que me levou a defendê-la no passo.

— E o que aconteceu? Não sei de nenhum exército estrangeiro cruzando estas cercanias.

— O meu exército não viaja por terra, mas pela vastidão do céu azulado, acima das nuvens e além da realidade comum—revelou. — Não é um exército mundano, tampouco uma tropa terrena, mas uma legião invisível.

Recuperada, mas ainda confusa, Shamira deslizou até a boca da pequena caverna e vislumbrou a saída. A abertura não levava ao deserto ou a alguma outra planície, mas a um precipício indescritível, mais elevado que qualquer formação do Mar de Rocha. A gruta, de fato, estava encravada no alto de uma mon-. colossal, e sua encosta era tão lisa que não podia ser escalada nem mesmo mais hábil dos alpinistas.

E só então a Feiticeira de En-Dor entendeu que seu salvador não era humano ou etéreo, mas uma

entidade celestial, uma figura antiga, mais velha que qualquer pessoa vivente.

A montanha para onde Shamira fora levada era a infame montanha de Mashu, o reduto anteriormente assombrado, mas agora absolutamente tranquilo. No passado, a formação havia sido o lar dos terríveis espíritos-serpente de Kur, uma horda de monstros rastejantes adorada pelos aldeões primitivos da velha Suméria. A região foi então invadida pelos celestiais durante as Guerras Etéreas, dez anos antes do nascimento de Nimrod, quando todas as entidades ofídicas

aniquiladas pelas legiões do arcanjo Miguel.

A caverna, um recanto impenetrável aos homens comuns, dava vistas ao norte e era tão alta que, de lá, se podia ver com clareza o rio Tigre, ao leste, que com o Eufrates fechava as fronteiras da Mesopotâmia. Uma planície árida se estendia ao norte, e mais para oeste outra formação se elevava aos céus — a Torre de Babel. O Mar de Rocha ficava quilômetros ao sul, na direção da cidade, e quase inavistável pelo ângulo invertido.

O eremita que salvara Shamira não era um homem mortal, mas um anjo renegado, um querubim que, segundo ele próprio, fora expulso do céu por desafiar a autoridade dos impiedosos arcanjos. Os dois — o anjo e a feiticeira — conversaram por horas sobre muitos assuntos, materiais e sublimes, até que a cananeia se convenceu da integridade do novo amigo e de sua intenção de ajudá-la. Ele revelou o seu nome — Ablon — traduzido para a língua terrena e contou um pouco sobre sua origem alada.

Quando o sol decaiu no horizonte, os fugitivos se sentaram na entrada da caverna. A paisagem vespertina traçava uma linha azul acima da superfície do Tigre, circulada pela faixa verde à margem do rio.

— Você salvou a minha vida, e eu não tenho como agradecer-lhe — disse a necromante, à luz do espetáculo dourado. — Mas não vejo sua alma, se é que tem uma, e isso me deixa assustada. Sou uma feiticeira e sempre dependi de minhas capacidades para sobreviver neste mundo.

—A alma é uma propriedade humana— aclarou o renegado. — E um presente de Deus aos Filhos do Éden, como nós, anjos, chamamos a espécie mortal. E na alma que reside a capacidade dos homens de guiar seu destino e comandar a própria vontade.

— Mas como alguém, mesmo um celeste, pode não ter alma? Qual é a energia que os move, que os mantém ativos no cosmo?

— Todos nós temos um espírito: humanos, deuses, animais e até plantas. O espírito é a energia vital que alimenta os seres viventes, mas espírito e alma são elementos distintos, embora poucos o saibam. É a alma que faz dos terrenos especiais no universo. E a força da alma que os torna conscientes, autónomos, que dá a vocês o livre-arbítrio, a dádiva que foi negada às entidades aladas.

— E como regem sua vida, se não pela rota do coração?

— Os celestiais não são conduzidos pelos próprios anseios, mas por sua natureza divina. No céu, estamos divididos em castas, cada qual com sua função. Existem anjos guerreiros, estudiosos, protetores, juizes e também aqueles que governam as províncias elementais.

— São como os magos invocadores? — perguntou a mulher, à traumática lembrança de sua estadia em Babel.

— Não como eles. Nós nunca seríamos mágicos, porque a magia provém da força da alma, a alma que nunca tivemos. Nossos poderes, aos quais chamamos divindades, nascem da potência de nossa aura pulsante, uma energia suprema que é o sopro essencial dos angélicos.

— Se são espíritos, pura e simplesmente, como se manifestam na terra?

Parecia óbvio que o lar dos espíritos fosse o plano astral, e só ele.

— Diferentemente da maioria das entidades astrais e etéreas, os anjos são capazes de se materializar no plano físico. Para isso, formamos um avatar, um invólucro carnal com o qual agimos através do tecido. Mas os anjos renegados, como eu, foram amaldiçoados e presos para sempre ao corpo material. Não podemos mais dissipar nosso avatar e regressar ao mundo espiritual, muito menos voltar ao paraíso.

—Alguns sacerdotes, em Canaã, contavam histórias sobre anjos caídos, terríveis monstros que se escondem na sombra do infinito.

— Os anjos caídos e os anjos renegados são dois grupos diferentes. Os caídos protagonizaram uma verdadeira guerra no céu, e por sua crueldade foram atirados ao Sheol, um lugar de horror e sofrimento, uma dimensão obscura. Hoje, são demônios do desespero, eternamente agarrados ao mesmo ódio que os derrubou.

Quando o sol finalmente desceu, todo o calor foi embora com de, e Shamira preferiu retornar à caverna, pouco confortada com os gélidos vencos da altitude. Ali ficaram acordados por mais algum tempo, e a moça discorreu sobre sua história de vida, sobre sua iniciação mágica em En-Dor e sobre a linhagem de sua família, que chegara ao Oriente fugindo de uma guerra fratricida que agitara o Mediterrâneo havia trezentos anos.

Cerca da meia-noite, a fogueira morreu, e o sono apertou, Shamira não resistiu ao chamado da noite e adormeceu profundamente, encoberta pelos remendos de lã.

Ablon retomou sua vigília na entrada da gruta, mas não temia o ataque de guardas ou feiticeiros.

Com efeito, seus inimigos eram bem mais pavorosos.

Glosas sobre a Criação

Na manha seguinte, Shamira despertou agitada, O sono fora interrompido várias vezes, à repetição do

mesmo pesadelo, que recordava zigurates, masmorras, feiticeiros e deusas aprisionadas em calabouços de pedra. Volta e meia ela abria os olhos nas trevas, atônita, mas a presença sóbria do celeste acalmava-lhe o coração. Ablon era como um falcão protetor, uma ave de rapina que defende seu ninho, sempre alerta. Agachado na entrada da gruta, ele não se cansava, não se movia, não vacilava, nunca dormia.

Antes de se levantar, a Feiticeira de En-Dor esticou-se no leito, ainda dolorida pelos golpes que sofrera a caminho do cárcere. Mais tarde, o renegado revelaria à moça o período de seu torpor curativo. Desde o assalto no Mar de Rocha até sua primeira visão da caverna haviam se passado duas semanas, tempo em que ela fora alimentada, exclusivamente, com extrato de ervas — um preparado esverdeado e pastoso, rico em vitaminas e minerais, e especialmente indicado aos enfermos. Havia, na gruta, pelo menos vinte vasos de barro, com tampas e asas, óprios para a conservação de água e comida, mas o suprimento não duraria para sempre, e a necromante tremia ante a possibilidade de ter de escalar o rochedo.

Foi durante o desjejum que o celestial contou sobre a existência de uma fonte no topo da montanha, cinquenta metros acima, na qual teria de repor o quanto antes o conteúdo dos vasos. Ele a convidou a subir ao cume, de onde teriam ampla visão de todo o país babilônico.

—A nascente fica escondida entre duas pedras irmãs — disse Ablon. — Ela brota aos pingos de uma fonte pequena e depois regressa ao ventre da rocha.

— Eu nunca conseguiria galgar o paredão, para cima ou para baixo — resistiu a mulher. — É muito ereto, impossível de ser escalado, mesmo com um gancho nos pés.

— Posso levá-la comigo — ele ofereceu.—Já escalei muitas vezes esta montanha, e na última ocasião eu a trouxe comigo.

— É muito íngreme. Os apoios físicos são mínimos.

— E como você acha que chegou até aqui?

— Não sei... — ela se confundiu. — Pensei que os anjos... sempre imaginei que os celestes voassem como pássaros no céu.

— Durante a materialização, nossas asas são incorporadas à carne, desaparecendo inteiramente no corpo físico. Manifestá-las é cansativo e doloroso, e pouco inteligente a um fugitivo. Para todos os efeitos, sou um humano viajando pelo deserto, e não um alado.

Antes do meio-dia, portanto, Shamira aceitou participar da empreitada, certa de que aquele que a salvara não seria o mesmo a sacrificar sua vida ou a expô-la ao perigo desnecessário. Espantada, porém confiante, ela viu quando o general usou uma corda para atá-la às suas costas, como uma mochila viva. Prendeu outro cabo ao cinto de couro, ligando sua extremidade às asas dos vasos, no interior da caverna, para que pudesse puxá-los depois.

Então, acocorado no platô à saída da gruta, Ablon saltou para o vazio, como quem se atira para a morte, e por um instante a feiticeira achou que despencaria nas rochas, com seu salvador suicida. Mas o renegado havia pulado para cima e encravado os punhos em uma racha minúscula, invisível a distância. Dali, pendurado na encosta regular da montanha, foi subindo feito uma aranha, aproveitando os raros apoios e produzindo fendas de suporte onde elas não existiam, com seus dedos poderosos, capazes de perfurar o calcário. Em certo momento, pulou novamente, chegando a uma plataforma, quase no auge da elevação.

A seguir, o caminho se aplainava em uma trilha, larga o bastante para um homem passar. A passagem contornava a encosta e terminava no pico. Lá, no ponto mais alto da montanha de Mashu, o caminho se abria em uma praça natural, cercada por megálitos pontudos.

Enquanto Ablon puxava os vasos, a necromante contemplou toda a terra. Tentou não olhar para oeste,

para a cidade maldita, mas a curiosidade a forçou, e ela enxergou a silhueta da terrível Torre de Babel,

— Não é um cenário muito aprazível, esse do oeste — comentou o celestial, percebendo o receio nos olhos da moça. — Preferia que Enoque nunca tivesse sido arrasada. Seus descendentes, os babilônicos, não têm a menor idéia de quem foram seus antepassados.

— Mas eu pensei que todos nós, humanos, fôssemos de alguma forma herdeiros dos antigos homens de Nod — argumentou a mulher.

— E são. Todas as etnias humanas provêm de um mesmo ramo ancestral. Antes mesmo da fundação de Enoque, nos tempos de Adão, os mortais se espalharam pelo mundo, construindo povoados e vilas, algumas muito distantes da capital. Os babilônicos são os herdeiros desse povo central, os sucessores dos clãs fundamentais que decidiram não emigrar.

— E quanto à gente da legendária Atlântida?

— Os atlantes eram tão humanos quanto os filhos de Nod, mas sua raça tinha origem em um galho independente. De qualquer forma, nenhum deles sbreviveu ao dilúvio.

Shamira queria saber de tudo. Como feiticeira e estudiosa, não se cansava de perguntar sobre os objetos mais variados, e muitas dessas questões nem o celeste era capaz de responder. Mas Ablon não se aborrecia com isso. Ele admirava sua vivacidade humana, sua criatividade e sua inteligência, traços comuns à juventude.

— Conte-me tudo — ela pediu. — Fale-me sobre o universo, sobre as coisas que viu enquanto vagava pela sombra do espaço. Revele-me o aspecto de Deus.

— Mas eu sei muito pouco. Só os arcanjos conhecem os verdadeiros mistérios do cosmo. Sou só um guerreiro, um executor, ou pelo menos era...

Mas, ao notar a decepção no rosto da necromante, o renegado emendou:

— Posso lhe contar o que sei, o que ouvi dos malakíns, os anjos sábios que no Sexto Céu e vivem para estudar os segredos antigos.

A Feiticeira de En-Dor recostou-se na rocha, já fascinada pelo relato que seguiria. Um vento agradável soprava no alto, abrandando o calor da manhã.

— Houve um tempo, muito anterior à aurora do universo, em que o infinito dividido em duas províncias, a província das trevas e a província da luz. A escuridão era então governada por uma divindade hedionda, Tehom, a deusa caos. Essa monstruosidade cósmica era assistida por diversos deuses menores, eles Behemot, o Horrendo, com sua lâmina negra, e controlava a maior parte do extenso vazio. Seu opositor era o deus da luz, o resplandecente Yahweh. determinada ocasião, Yahweh e Tehom entraram em guerra.

— Um só deus, contra muitos?

— Para ajudá-lo nesse combate, o Reluzente fez nascer os cinco arcanjos, seres de poder fabuloso, que lutaram a seu lado contra os deuses das trevas. Yahweh e seus arautos venceram o confronto, ao qual nos referimos como Baralhas Primevas, e lançaram ao inferno os cadáveres de seus inimigos. Com

Tehom derrotada, o Pai Celestial assumiu as duas províncias, comandando tanto a luz quanto as trevas e consagrando-se onipotente sobre todas as coisas. Invencível, ele teve tempo para iniciar a criação do universo. Com um estalo, o Altíssimo deu vida aos anjos, todos de uma vez, povoando o espaço com as legiões celestes. Depois, produziu uma fagulha de luz e principiou a feitura do cosmo.

— E sobre Deus, o que sabe dele?

— Só sentimentos e energia. O Senhor nunca foi acessível, mesmo enquanto moldava o infinito. Só os arcanjos falavam com ele, e não creio que falassem muito. Yahweh era como um pai ocupado, um progenitor que dava muita importância ao seu trabalho. Mas podíamos senti-lo em nosso coração, e no fundo não estávamos sozinhos. Tolo é o filho que depende do pai, que se apoia em sua segurança e desiste de desbravar o mundo por si.

— E depois, o que aconteceu?

— Ao correr de bilhões de anos, o Criador cultivou seu labor, dividindo seu projeto em dias. Cada um desses dias sagrados corresponde a milhares de anos humanos. No primeiro dia ele criou o céu, o sol e os primeiros astros do firmamento. Construiu uma miríade de luas e planetas, até descobrir seu mundo perfeito. Por incontáveis séculos, a terra foi o lar dos animais, o canteiro dos anjos, até que, no fim do sexto dia, surgiram os homens, a maior de todas as obras de Deus. Encantado pelo resultado final, Yahweh deu a eles uma alma, concluindo a tarefa da criação. Então, exausto e realizado, o Reluzente caiu em letargo. Voou até o Sétimo Céu, a seu santuário no topo do monte Tsafon, e ali adormeceu, deixando aos arcanjos o serviço de governar em seu nome. Terminou assim o sexto dia, e começou o sétimo, que persiste até hoje.

— O sétimo dia — repetiu a mulher. — E quando será concluído?

— É impossível dizer. Os arcanjos, e também os malakins, sustentam que o Altíssimo despertará no futuro, para punir os injustos, e esse será o tempo do Apocalipse, um evento universal que encerrará o último dia. Miguel, o Príncipe dos Anjos, detém, no pináculo de sua fortaleza, em Sion, a Roda do Tempo, um artefato incrível que marca, supostamente, a continuidade do sétimo dia. Quando seu ciclo estiver terminado, o Onipotente ressurgirá e instaurará um reino de paz. Mas isso é só previsão.

— E você? — ela perguntou. — Por que está aqui? Por que viaja por terra e não com sua espécie no céu?

Ablon fez uma pausa dramática e fitou o brilho do sol, que agora já descia pela rota do oeste. Substituiu os vasos na pia da fonte e sentou-se à frente da moça.

— Yahweh sempre foi muito dedicado à sua criação, o que entristecia os arcanjos, que disputavam sua atenção. Então, quando o Reluzente deu a alma ao homem, os arcanjos, e também muitos anjos, se encheram de ciúmes e raiva. Assim, no instante em que o Altíssimo adormeceu, o príncipe Miguel iniciou sua política de destruição. Alegando falar em nome de Deus, avisou que o Pai estava farto da crueldade humana e que decidira eliminar todo mortal da face da terra. Começou, com isso, a era das grandes catástrofes, dentre as quais a pior foi o dilúvio.

— A inundação que sepultou Enoque e Atlântida — acompanhou a feiticeira.

— O cataclismo indignou metade do paraíso, mas os anjos ainda não estavam preparados para reagir nem para desafiar a autoridade do Monarca Alado. Por isso, decidi articular uma conjuração.

— Você? — surpreendeu-se Shamira. — Achei que fosse só um guerreiro.

— É no exército que reside o poder das revoluções, mas sua surpresa é justificável. Eu era um general, um líder militar consagrado, mas subordinado ao chefe de minha casta e logicamente aos arcanjos também. Sozinho, seria esmagado.

— E o que resolveu fazer?

— Formei um círculo de conjurados, todos eles confiáveis, composto por dezoito querubins, que não me trairiam jamais. Contudo, precisava de apoio contra o enfadonho Miguel, e para isso recorri a outro arcanjo.

— E quem era ele?

— Lúcifer, a Estrela da Manhã. Ainda que fosse um arcanjo, Lúcifer sempre se mostrou favorável à causa humana, mesmo que só para desafiar seu irmão. Ele era o único que tinha poder para debelar o Príncipe Celestial e era perfeito ao quadro da conjuração.

— Qual foi a resposta dele?

— Ele aceitou o meu plano, e achei que juntos poderíamos pôr fim às hecatombes e talvez despojar o tirano. Mas nem tudo correu como esperado. Séculos depois do dilúvio, os homens voltaram a se multiplicar, o que enfureceu sobremaneira o ditador. Sua fúria caiu, então, sobre a cidade de Sodoma, um terreno que prosperava e crescia. Miguel resolveu devastar o lugar e convocou todos os anjos para uma assembléia, com o intuito de anunciar sua decisão. Após um demorado discurso, confirmou o extermínio não só de Sodoma, mas de todas as cidades na vastidão da planície. Irritados, eu os conjurados levantamos a palavra, e tudo não teria passado de discussão se o ardiloso Lúcifer não tivesse nos delatado. Ali, diante do conselho, o Arcanjo Sombrio nos traiu, revelou a conjuração, e então pegamos em armas. Uma luta violenta se sucedeu, até que os pilares do paraíso racharam, e despencamos. Fantástico e insuperável é o poder do sinistro Miguel; ele nos amaldiçoou, condenando-nos à pior sentença que poderia ser dada aos celestiais. Ele nos encarcerou em nosso corpo físico e nos expulsou para a terra. E assim fomos relegados ao plano material.

— Mas por que Lúcifer preferiu traí-los, se era Miguel o seu verdadeiro inimigo?

— A Estrela da Manhã não desejava nossa aliança. Ele não se preocupava verdadeiramente com a preservação da humanidade, mas só em contrariar o tirano. Almejava tomar o trono e depois ascender acima do próprio Deus, firmando seu palácio emTsafon, o Monte da Congregação.

— É difícil concluir qual dos dois é pior, um ditador assassino ou um vilão ardiloso.

— Delatar a conjuração deu a Lúcifer influência e prestígio, poder que ele usou para arquitetar sua própria revolução. Atraiu milhões a seu lado, prometendo um governo de paz e o fim da tirania. Alguns anjos bons aderiram à sua revolta, desiludidos com o ministério do príncipe. Pouco tempo depois do expurgo dos dezoito renegados, uma guerra sangrenta agitou o paraíso, mas a rebelião foi derrotada. O Diabo e seus anjos foram lançados ao Sheol, uma dimensão escura e funesta, e ali permanecem como demônios do desespero.

— Como soube de tudo isso, se já não frequentava o céu à época da batalha?

— Por Orion, um anjo caído que aceitou, erroneamente, os termos da revolução. Éramos amigos nos dias da velha Adântida, e ele subiu do inferno para me procurar. Falou-me sobre a guerra, e disse-me também que Lúcifer pusera toda a culpa de sua derrota nos renegados, que teriam sido o início de tudo.

— A corda sempre arrebenta do lado mais fraco.

— Orion veio me avisar que a Estrela da Manhã designara caçadores para nos acossar. E, por uma detestável ironia, Miguel, no céu, fizera o mesmo, sustentando que a conjuração semeara o fruto da revolução. Embora nunca tenhamos tido nada a ver com a insurreição de Lúcifer, ambos os lados precisavam encontrar um alvo para descarregar sua raiva. Já prevendo a perseguição, nós, os renegados, preferimos nos separar e nos espalhar pelo mundo.

— Uma decisão arriscada.

— Logo que chegamos à terra, fomos ao único lugar que conhecíamos: Enoque, então uma ruína submersa no deserto de Nod, povoada pelos fantasmas daqueles que morreram na devastação do dilúvio. Lá, a Irmandade dos Renegados ficou oculta por séculos, estudando as obras de arte, a arquitetura e os imentos humanos. E no fim desse período de exílio, resolvemos partir solitários, porque juntos seríamos achados e mortos de uma só vez.

— E o que o trouxe à Babilônia, afinal?

— Meu encontro com Orion aconteceu depois da dissolução da irmandade, quando eu vagava sozinho pelas pradarias sumérias. Agora, é minha missão reagrupar os fugitivos e alertá-los para o perigo que correm.

— E você já encontrou algum deles?

— Um dia, durante minhas andanças pelas margens do Tigre, percebi um tremor no tecido da realidade. É uma técnica conhecida pelos celestiais a prática de enviar mensagens através da membrana. Com efeito, era um alarme, um pedido de socorro, um sinal lançado por uma querubim renegada: a guerreira Ishtar.

Ishtar!

Shamira empalideceu. Seria aquela a mesma Ishtar de Babel? A deusa que ela vira aprisionada no calabouço de pedra, a entidade alada, encarcerada nas masmorras do zigurate? E se fosse? Deveria a feiticeira revelar o segredo ou omití-lo pela segurança do general? Poderia Ablon penetrar na capital babilônica, vencer seu exército armado e derrotar o Imortal e seu conselheiro? Ela apostou não. Imaginou que, na cidade maldita, Zamir seria invencível ao lado do rei. Não fosse assim, jamais teria capturado a deusa e a usado em suas cerimônias nefastas.

— O que foi? — reparou o general, e o sangue da moça gelou.

— De repente, eu me vi jogada de volta ao pesadelo — ela disfarçou, decidida arriscar a vida do amigo.
— Conte-me o que aconteceu em seguida — esquivou-se.

— A mensagem sugeria que Ishtar havia descoberto alguma coisa bem grande, assunto que requeria minha imediata atenção. Farejei o seu rastro por toda a Mesopotâmia, e minha busca me levou ao Mar de Rocha — ele apontou a sudoeste, indicando o labirinto rochoso. — Mas cheguei lá muito tarde. Em meio aos rochedos, avistei a lutadora em combate com uma criatura incrível, um tenebroso anjo de asas negras. Sua aura era confusa, conspurcada, e um elmo metálico cobria-lhe a face. Eu não sabia se era demônio ou anjo, mas, percebendo que não alcançaria a montanha a tempo de salvar a celeste, atirei-me contra o paredão, e todo o morro ruiu. Não sei o que aconteceu aos duelistas, mas seria morta se eu não tivesse destruído o monte no instante preciso. Acho difícil que ela tenha perecido no desabamento, considerando sua resistência imortal. Desde então, venho esquadrinhando o Mar de Rocha à sua procura, mas sem sucesso. Minha hipótese é de que tenha rugido para o norte.

Ishtar não morreu no colapso do morro, calculou Shamira. *Talvez só tenha apagado, o que, seguramente facilitou sua captura pelos babilônicos.*

Competência ou oportunismo? O que teria, em verdade, permitido o aprisionamento da deusa?

— Por que não viaja para o norte então? — arriscou a mulher, tentando afastar o renegado da capital odiada e do mago que, provavelmente, poderia subjugá-lo como fez com Ishtar.

— Ainda não. O mais correto é esperar. Se a guerreira estiver por aqui, ela me achará.

A feiticeira calou-se, esquecendo todas as questões que patrulhavam sua mente, à exceção de uma, que não a abandonaria tão cedo. Estava atônita. Não sabia o que fazer ou que movimento seguir para contornar o impasse. Se contassee a Ablon sobre sua visão pelos olhos do rato, ele certamente invadiria Babel e morreria pelas lanças do exército, pela força do Rei Imortal e pelos feitiços do bruxo. E se não contasse, ele possivelmente viveria, mas ela teria traído a confiança de seu salvador.

Na dúvida, a necromante resolveu adiar o anúncio.

Ablon e Shamira continuaram juntos no topo da montanha até a noite cair. Abalada pela revelação, ela não conseguia tirar a figura de Ishtar da cabeça, agora que sabia quem era e como fora levada ao zigurate.

Antes mesmo de a lua nascer, o anjo e a feiticeira desceram à caverna, mas continuaram a conversar sobre a capital babilônica, reparando nos estranhos hábitos de seus habitantes. O renegado se mostrou consternado pelo sofrimento dos operários, mas tinha por ideologia não interferir no curso da história.

— Os homens têm livre-arbítrio, que é um presente sagrado, e deveriam ser os únicos responsáveis por sua redenção ou por sua condenação — explicou. — Assim como o arcanjo Miguel não tem o direito de massacrá-los, eu não devo salvá-los.

— Mas os renegados se levantaram justamente contra o assassínio da humanidade — lembrou a feiticeira.

— A conjuração pretendia preservar os mortais da fúria celeste, e não deles mesmos. Não somos deuses, mas anjos, e só podemos guiar os seres humanos, nunca empurrá-los ao caminho premeditado.

— E por quê?

— Porque essa é a vontade de Deus — respondeu, simplesmente. — Assim planejou Yahweh, e nós, celestiais, somos o seu instrumento, os executores de suas ordens. E isso que nos diferencia dos homens, que são livres de fato, e não estão presos a nenhum desígnio ou ordem.

Recuando ao fundo da gruta, a necromante se cobriu com uma manta de lá e acendeu a fogueira. Tomou um pouco de sopa e depois se deitou, acomodada no leito de palha.

— Só tem uma coisa que eu ainda não entendi — estendeu o general, antes que ela se virasse na cama. — Se Babel tem tantos escravos, por que eles não se revoltam?

— Os trabalhadores temem o rei Nimrod, que é imortal e não pode ser ferido por arma alguma.

— Imortal? — espantou-se o renegado. — Ora, isso é impossível.

Shamira fechou os olhos e rolou para o lado.

Dormiu muito pouco.

Ablon e Shamira

A chegada do verão deixou o tempo um pouco mais úmido. Nessa época, o calor na Mesopotâmia castiga as montanhas, aquece o deserto, esquenta as planícies e faz borbulhar as águas do Tigre, criando zonas sazonais de precipitação, que fertilizam o solo no leste.

Por toda a primavera, a Torre de Babel não cessou suas obras, rasgando a paisagem e instigando a já perturbada consciência da Feiticeira de En-Dor. Ela não encontrou coragem para revelar ao renegado a verdade, e agora já era tarde demais.

Com o tempo, e apesar do dilema, Ablon e Shamira se tornaram amigos. Certo dia, ao brilho derradeiro da tarde, os dois descansavam no platô da caverna, quando repararam na sombra da torre.

— Está ficando maior a cada dia — comentou o renegado. — Deve ter mais de mil metros agora. Em breve alcançará dois mil.

— Como? — contestou a feiticeira. — Se crescer mais, tudo desaba, O edifício não tem sustentação para suportar todos os andares abaixo. Não sei como ainda fica de pé.

— Não é nenhum mistério da mágica, mas uma proeza da engenharia. Nunca estive em Babel, mas venho acompanhando a distância o progresso da construção. Um lençol subterrâneo cruza a cidade, e seu volume de água é imenso.

— É o mesmo lençol que abastece os jardins do palácio — ela recordou.

— É um canal submerso do rio Eufrates. Depois de cortar as muralhas e o zigurate, a torrente segue adiante. Os operários cavaram fundo na terra até encontrar seu curso e então construíram uma barragem, forçando o rio a continuar fluindo, mas para cima.

— Para cima?

— No centro da Torre de Babel há um gigantesco cilindro de ferro, um cano vertical de largo calibre. O canal corre por dentro dele, e sua pressão é tão forte que mantém o tubo reto. Para sustentar o equilíbrio, minúsculas comportas deixam a água escapar em direções estratégicas, criando uma coluna de apoio, que suporta a estrutura central.

— É incrível. Assim poderão continuar trabalhando infinitamente.

— Ambição. Nesse ponto, anjos, demônios e homens compartilham da mesma maldade.

E ali ficaram, na plataforma da gruta, até que as estrelas nasceram e o frio apertou. Eram tão diferentes — o celestial e a terrena — e ao mesmo tempo tão parecidos. Ambos fugiram da opressão e descobriram por si os próprios valores. Não procuravam a guerra, o ódio ou a dor. Só desejavam a paz, mas suas trajetórias os lançaram à violência, a uma vida de aventuras que, embora excitante, nada tinha de

agradável.

O vento soprou nas alturas, e os dois se abraçaram num instinto humano.

Nenhum deles jamais esqueceu aquele momento.

Missão Divina

Depois do primeiro mês de verão, o calor aumentou. A caverna ficava a muitos metros do solo, e a altitude refrescava a manhã, mas ao meio-dia nem a gruta escapava do sol. Assim, em uma tarde escaldante de julho, o anjo e a feiticeira decidiram excursionar até as margens do Tigre. A caminhada seria longa, mas Shamira precisava andar, e o querubim saberia guiá-la. Eles já tinham escalado a montanha algumas vezes e reposto a água dos jarros, mas agora era a comida que terminava nos vasos.

Com fios de corda, Ablon improvisou uma rede de pesca e depois costurou muitos metros de pele de carneiro esticada, preparando uma larga sacola, dentro da qual guardaria os víveres. Buscariam peixe, palmito, romãs e talvez um pouco de carne para incrementar a dieta. Os celestiais não precisam comer, mas o general sempre degustava as receitas da moça, já que as suas eram quase intragáveis.

Pela primeira vez em muitas semanas, Shamira pisou o chão de areia, e juntos, eles viajaram na trilha do leste, na direção da faixa verde que fecundava a margem do rio. Dois dias depois, já avistavam raposas, gazelas, lontras, falcões mhas, além de vários tipos de árvores frutíferas e um bosque de tamareiras. Arbustos esparsos surgiram da terra, até que o cenário se esticou em um tapete de relva.

Alguns casebres se levantavam ao sul, tristes propriedades de fazendeiros roubados condenados à miséria pelos impostos reais. A cada dois meses, Nimrod os buscadores aos recantos distantes do império, para oprimir os camponeses e executar os rebeldes. A possibilidade de os viajantes encontrarem patrulhas armadas era grande, mas o renegado não temia os batedores.

— Os babilônicos passaram por aquí faz cinco dias — ele notou, tateando as pegadas na grama. — Vieram com uma comitiva e carregavam uma liteira pesada.

— Eles viajam muito rápido, mesmo a pé — concordou a mulher.

— A Coroa dispõe de uma trilha secreta, que passa por dentro da terra. Eu já vi o caminho do alto, mas nunca estive nele de fato.

— Um túnel subterrâneo que atravessa o país? — ela estranhou.

— Não um túnel, mas uma vala, uma estrada afundada. Eu não saberia precisar os detalhes nem dizer como foi construída.

— E por que você nunca usou essas rotas? Devem ser a passagem mais rápida aos rincões da Babilônia.

— Nunca quis topar com um batalhão. Os buscadores estão sempre a cavalgar pela via oculta, acompanhados por seu séquito de combatentes.

— Achei que fosse praticamente invencível — rebateu a feiticeira.

O renegado sorriu, em sua modéstia habitual. A maioria dos anjos é superior aos terrenos comuns, mental e fisicamente, mesmo materializados em seus avatares, e a necromante não se esquecera da luta no Mar de Rocha, quando seu salvador aturdira os guardas com um único assalto preciso.

— Não sou invencível. Se fosse, não teria sido expulso do céu.

— Mas tem resistido a seus assassinos.

— Não sei por quanto tempo. Logo um caçador me achará como achou a guerreira Ishtar. E não posso recuar ao combate.

Seu orgulho é tão mortífero assim? — instigou a mulher, entristecida pela soberba do amigo.

— Isso não tem nada a ver com orgulho. Sou um querubim, um guardião e um predador. Essa é a minha natureza — repetiu.

Ablon e Shamira já tinham conversado um bocado sobre o livre-arbítrio dos homens e sobre a natureza invariável dos celestiais, mas ela ainda não se conformara com o impulso do lutador, talvez porque fosse humana, e os humanos não padecem de uma vontade constante.

— E quanto ao receio da morte? — ela insistiu.

— Para um soldado, a morte é só o fim da missão.

— E o que você teme, então, general? Ou são os alados também imunes a toda falha do espírito?

O renegado parou sobre a relva e tocou o rosto da moça.

— Esquecer — disse ele, acariciando sua pele macia. — Esquecer as coisas pelas quais passei, as lições que aprendi, esquecer aqueles que amo. E, acima de tudo, temo esquecer meus valores, perder minha ideologia e matar minha causa.

A necromante engoliu um soluço e desviou o olhar. Entendeu, só então, que seria muito egoísta se tentasse desviá-lo de sua missão, uma demanda que certamente o levaria à morte, mas que salvaria sua causa.

Essa é geralmente a escolha dos verdadeiros heróis, e Shamira não poderia detê-lo.

Sozinha, chorou em silêncio.

Os dois andarilhos montaram acampamento a uns duzentos metros da margem do rio, esticando mantas na grama. Dali em diante, o campo virava um charco, um pântano lodoso que se estendia até a orla do Tigre.

A tarde já ia findando, e eles resolveram descansar apesar dos insetos, cozinhar alguma coisa e levantar bem cedo no dia seguinte, para pescar e recolher alimento. Shamira usou algumas pedras para delinear a fogueira e queimou um punhado de ervas exóticas para afastar os mosquitos. Juntou uma pasta

heterogênea de raízes estranhas e ensinou ao renegado um preparado secreto, capaz de conservar a matéria orgânica por anos, preservando couro, papel e tecidos. A fórmula fora desenvolvida pela antiga Ordem de Sippar, uma confraria de magos extinta havia séculos.

Naquela mesma noite, enquanto a feiticeira dormia, Ablon sentou-se sobre uma pedra redonda e mergulhou em profunda meditação. Os celestiais meditam com alguma frequência, para recordar lugares e situações do passado, que do contrário seriam esquecidos. Diferentemente dos homens, os anjos vivem por milhares de anos, e nem todos são espertos como os malakins, cuja mente não esmorece jamais.

Antes mesmo do alvorecer, no dia seguinte, os viajantes venceram o charco e atingiram as águas serenas do Tigre. Depois da caminhada, banharam-se na na refrescante corrente e ali ficaram nadando ao sol por quase toda a manhã.

Ao meio-día, Shamira recolheu-se à praia, e Ablon lançou a rede de pesca à torrente, onde o fluxo descia em queda. Estavam no paraíso, realmenie, uma visão delirante e fértil, cercada de vida e beleza, um sítio agradável na vastidão deserto.

— Os sacerdotes em Canaá nos ensinavam que os homens surgiram do barro — começou a feiticeira, rateando a terra molhada. — Quando criança, eu ficava pensando se as escrituras estavam corretas.

— O barro é metafórico — explicou o general. — Ele representa a carne, a matéria física, a substância palpável do universo concreto. O ser humano é parte de uma escala evolutiva que se iniciou no mar, no quarto dia, e que deu início ao nascimento de várias espécies.

— Mas você disse que os terrenos foram criados por Deus.

—A força de Deus sempre esteve presente na evolução. Ela é a energia essencial que move o curso do infinito e o engrandecimento das coisas. Os clérigos costumam comparar o trabalho de Yahweh com o labor da gente comum, para que possam compreendê-lo. Mas o ofício de um marceneiro ou de um pescador não se equipara à potência divina. A criação movimentou energias supremas, misteriosas e invisíveis.

— Então, os documentos sagrados nada mais são do que velhas parábolas?

—As parábolas não são desprezíveis, mas representam o ápice da comunicação humana. Assim, cabe ao indivíduo interpretá-las. Não há nada mais adequado raça dotada de livre vontade, aberta a encontrar as próprias respostas. As ituras estão cheias de símbolos que ajudam os homens a entender o sígnificado do cosmo. Mas a verdade perfeita só existe na mente de cada um.

— E quem foram os nossos ancestrais, antes do surgimento de Adão?

— Uma espécie de hominídeos que habitava a escuridão das cavernas. Os anjos desprezavam na época, até que eles alcançaram o cimo da evolução, e os concedeu uma alma, instigando o ciúme dos perversos arcanjos. É por isso que muitos celestiais invejosos preferem se referir aos mortais como bonecos de barro, ou primatas, uma alusão à sua origem material.

— E curioso pensar que um anjo nunca tenha visto a face de Deus — ela comentou, relembrando a conversa que tiveram no topo do morro.

— Mas isso é o que menos importa. Prefiro pensar nele como um conceito, uma inspiração, um objetivo. Acho que a fé é justamente a propriedade de acreditar no indecifrável.

Shamira conhecia bem a força da fé, porque era uma feiticeira, e nenhum encanto é operado sem fé. A energia de seus encantamentos provinha de sua alma humana, mas a alma é também uma herança de Deus, um canal que liga os terrenos à potência suprema. Os feitiços, prodígios e milagres agem todos através da essência dos homens, a mesma essência que os une ao Altíssimo e os conecta ao universo.

Zamir Desaparece — Babilônia em Crise

Zamir desapareceu da corte babilônica em meados da primavera, depois que Nimrod o havia enviado, juntamente com um pelotão, para perseguir a Feiticeira de En-Dor. O comandante da tropa, um homem de 50 anos chamado Nebron, relatou ao rei que a bruxa escapara, mas nada avisou sobre a aparição do andarilho. O ambicioso capitão pusera a culpa do fracasso na imprudência do invocador, que os teria enviado na direçao incorreta. Como Zamir não regressara à capital, a versão militar foi aceita, e os soldados foram poupados da morte.

Nas semanas que se seguiram, o Imortal ficou mais agressivo, visivelmente abalado pela perda de seu conselheiro. Mas encontrou falso conforto na companhia dos demais buscadores, que não passavam de sombras do mago, mas que de tudo fariam para assumir seu lugar. Com isso, o palácio foi agitado por uma rede de traições e intrigas, que culminou com a morte de diversos aristocratas. Assassinos contratados se esgueiravam pelos jardins, arriscando ávida para exterminar a de outrem.

O Império Babilônico tremeu, mas Nimrod estava certo de que poderia suportá-lo sozinho. Segundo ele, nada nem ninguém tinha o poder de enfrentá-lo ou a seu exército. Havia guardado o punhal mágico do feiticeiro, a única arma capaz de rasgar a pele da deusa, e se fosse preciso desceria sozinho ao calabouço para subtrair-lhe o sangue.

Embora descontrolado, Nimrod era também precavido. No princípio do verão, circularam rumores sobre a existência de um "deus do deserto", que teria dado cabo do bruxo. Logo, o rei voltou a interrogar os batedores e arrancou deles toda a verdade. O veterano Nebron confessou que a tropa fora aturdida com um único golpe e falou sobre o estrangeiro. Enfurecido, o Imortal executou oficiais e soldados e ponderou sobre a natureza de seu inimigo. Como Ishtar fora encontrada no Mar de Rocha, concluiu que o forasteiro era também uma entidade celeste, só que mais poderosa. Entretanto, ele era um babilônico e não temia sequer a ira do esplendoroso Yahweh.

Não fosse a tradição, que o impedia de deixar o zigurate a não ser em tempos de guerra, Nimrod teria ido pessoalmente ao deserto, para desafiar o viajante. Mas aqueles eram dias conturbados, e ele sabia que só a sua presença na capital uma revolta de escravos. Além disso, se saísse em campanha, uma guerra civil ameaçava estourar entre os buscadores, que disputariam à força o cargo à direita do rei. Preferiu, então, aguardar o assalto do "deus", convencido de que certa hora ele viria vingar sua companheira. Resolveu manter a adaga de Zamir consigo, já que era uma lâmina enfeitiçada, adequada para ferir qualquer divindade. Sonhou com o combate por noites a fio e fantasiou proezas e feitos. Já conquistara o mundo, tornara-se imortal, e agora venceria um deus. Seu nome seria gravado em poemas, narrado em lendas, e ele atingiria o céu, superando os anjos do paraíso.

No começo de agosto, o segredo vazou, e a existência do tal deus do deserto passou a ser aceita como verdade pelos escravos, alimentando suas esperanças e revivificando a causa dos operários rebeldes, liderados por Kumarbi, o Alto. Um perigo externo certamente facilitaria a insurreição, contando que o

rei deixasse a metrópole. O imprevisível sumiço do feiticeiro era igualmente animador aos conspiradores. Zamir era o cérebro por trás do trono, a inteligência que lentava a cidade.

No terceiro mês do verão, um novo e perturbador boato assustou a realeza. Murmurava-se nas ruas que Zamir havia retornado a Babel, disfarçado, e que planejava uma desforra terrível contra aqueles que tentaram ocupar sua posição. Os buscadores repudiaram a idéia, mas à noite nenhum deles dormia direito.

As semanas correram, e Nimrod se afastou de tudo e de todos, isolando-se no pináculo da Pirâmide de Prata. Lá do alto, em seu trono dourado, só fitava o horizonte, como que à espera de algo.

Ablon e Shamira tinham agora água e comida para todo o verão e não precisariam mais descer à planície. Juntos, continuaram a estudar, um com o outro, os sedutores segredos do cosmo. A feiticeira ensinou ao Anjo Renegado muitos costumes humanos, como também a arte da medicina e da culinária, e ele discorreu sobre a dimensão celestial, e sobre os planos além. Formavam uma dupla extraordinária, cada qual com suas habilidades fantásticas. O querubim era um perito em combate, resistente e veloz, e a necromante, uma mestra da mágica.

— Você tem o dom — elogiou o general, em meio a uma conversa comum. — E a melhor feiticeira que já conheci. E conheci muitos sábios c místicos.

— Muitos? Pensei que fôssemos poucos neste mundo deserto.

— Agora são. Mas isso foi há muito tempo, antes da submersão da Atlântida. Naquele tempo, a magia fazia parte do dia a dia. Quase nada era feito sem mágica.

— Deviam ser tempos felizes. Mas como a feitiçaria pôde se perder tão intensamente?

— Não tenho certeza. Não conheço muito sobre a história das confrarias, mas provavelmente a extinção dos sensitivos tem a ver com a dilatação do tecido.

— O tecido da realidade — considerou a feiticeira. — A membrana que separa os dois mundos.

— Qualquer efeito místico produzido na realidade mundana é dragado dos planos além. A energia dos encantos dos magos provém de sua alma humana, que reside no plano astral. A potência das divindades dos anjos dimana de sua aura pulsante. Assim, os feitiços devem atravessar a película para ser lançados aqui, no mundo físico. Quanto mais grosso o tecido, mais difícil é a mágica. Antes do dilúvio a membrana era muito mais fina. Hoje, só os humanos mais dotados podem manipular as forças incríveis.

— Mas por que o tecido da realidade se adensou tanto?

— Não sei, mais uma vez só posso supor. O tecido, segundo os malakins, é formado pela consciência coletiva da humanidade. É uma defesa inconsciente dos homens a tudo aquilo que não podem compreender e tampouco afrontar. Nasceu quando o primeiro terreno, Adão, tomou razão de quem era e passou a questionar a natureza do universo. Desde então, as pessoas vêm criando explicações lógicas para tudo o que vêem, costurando uma membrana psíquica entre aquilo que consideram real e o que julgam onírico. E essa força humana é tão exuberante que foi mesmo capaz de dividir o espaço e segmentar as duas realidades: os mundos físico e espiritual.

— Ainda que eu conheça bem a fronteira dos mortos, a teoria não deixa de ser complicada —

reconheceu Shamira. — E tudo muito abstrato.

— Certas coisas não devem ser racionalizadas. Muitas delas continuam obscuras aos anjos também, que têm um contato muito mais próximo com o infinito.

As lendas a respeito de Atlântida sempre despertaram a atenção de Shamira, embora tratadas com certo ceticismo até mesmo pelos sacerdotes de Canaã, que aos poucos viriam a excluí-las dos documentos sagrados. A Feiticeira de En-Dor gostava de pensar em como seriam os atlantes, um povo justo, avançado e belo. Toda a magia que resta no mundo descende das migalhas ruídas da antiga Enoque, um conhecimento minúsculo se comparado ao esplendor integral de outrora.

— Você já esteve em Atlântida, que hoje é a utopia dos homens. Fale-me da força que eles detinham, que tanto inspira os mais lindos sonhos.

Mas Ablon nada contou, recuando ao fundo da gruta.

— O que foi? — a moça perguntou, embaraçada pela atitude do amigo.

— Shamira, preciso partir — declarou, sem rodeios. — Devo dar continuidade a minha missão e reagrupar os renegados. Irei embora no fim do verão.

— Bom... — ela murmurou, meio sem graça. — Eu posso ir com você.

O general balançou a cabeça e a encarou seriamente.

— Receio que não vá querer me acompanhar.

— Por quê? — reagiu a necromante, no impulso da inocência.

— Porque... — ele hesitou. — Porque vou para Babel.

— Não — ela suplicou, aos lampejos da lembrança traumática.

— Babel é a capital do mundo. É para onde convergem todas as informações. Outros fugitivos podem ter passado por lá.

— A cidade é perigosa. O rei... — a feiticeira engasgou, ainda sem saber se deveria revelar o cativeiro de Ishtar.

— Posso me mesclar aos mortais. Já aprendi a ocultar as emanações de minha aura pulsante. Nenhum caçador me descobrirá em Babel.

—Você pode voltar comigo para Canaã. Jericó também é uma localidade importante, o centro comercial do Ocidente.

— Canaã está na região de Sion, um território patrulhado pelos celestiais. Lá, no plano etéreo, fica a maior de todas as bases do arcanjo Miguel, a Fortaleza de Sion, guardada por mais de dez mil legiões. Mesmo viajando pelo mundo material, os alados me achariam, e quem sou eu para confrontar um exército? Seguir para oeste já é arriscado, quanto mais atravessar o mar Morto...

A Feiticeira de En-Dor escondeu o rosto e enxugou os olhos molhados.

— Muito bem — conformou-se, e se afastou. Não queria alongar a conversa, porque não tinha mais argumentos. Restava ainda um mês para o fim da cstação, um mês inteiro em que eles conviveriam na gruta.

Durante esse tempo, Shamira esperava convencer Ablon a mudar de idéia.

Pelo menos, era com isso que contava.

Fúria Vermelha

Para Shamira, as últimas semanas do verão passaram como areia em uma ampulheta. Vivia atormentada pela dor da consciência. Não imaginava qual seria a reação de Ablon ao anúncio do aprisionamento da deusa, nem gostava muito de pensar sobre isso. Diante do impasse, relembrou as palavras do lutador sobre o livre-arbítrio dos homens e ponderou se a liberdade era mesmo uma dádiva. Melhor seria se tivesse uma natureza exata, que falasse por suas ações, mas o fato é que a vida humana é feita de escolhas, e algumas delas não podem ser evitadas — e geralmente é melhor que não sejam.

Então, no último dia de agosto, o anjo e a feiticeira amarraram suas trouxas e se prepararam para abandonar a montanha. A necromante levava suprimentos para sobreviver no deserto e uma pepita de ouro encontrada no Tigre, com a qual pretendia comprar um cavalo na aldeia mais próxima. O Anjo Renegado, por sua vez, carregava somente a espada, presa às costas por um cinto de couro. Embrulhada em tecido sedoso, a arma viajava escondida, disfarçada de vara ou bastão.

Até metade da jornada, Ablon e Shamira tomaram o mesmo caminho, uma trilha estéril que culminava na falda do Eufrates, o rio limítrofe a oeste da Babilônia. Dali, o guerreiro se voltaria ao sul, à cidade maldita, e a necromante continuaria direto pelo deserto fechado, até alcançar as fronteiras de sua terra natal.

A orla do Eufrates, a exemplo do Tigre, era fértil também, embora pouco alagada. A água do rio era distribuída em canais e avançava sem excesso às plantações. Nos arredores, fazendas cultivavam ervilha, cevada, lentilha e cebola. Um campo de relva e capim acompanhava o curso do grande ribeiro, e nele pastavam bois, vacas, bodes e cabras. Mas a paisagem rural era conspurcada pela sombra da torre, associada à violência das muralhas de ferro.

O anjo e a necromante seguiram até a ponta de um ancoradouro e ali pararam, aguardando a chegada de um fazendeiro qualquer que aceitasse transportar a mulher em sua canoa ao custo de um metro de couro. Já passava das três horas da tarde, mas o tempo aberto aguçava o calor, refratando miragens disformes na linha do horizonte. Bem longe dali, no Mar de Rocha, uma tempestade de areia nascia, revirando poeira nos vales minguados.

Enquanto esperavam, os dois fugitivos se olharam de perto, e um calor formidável os tocou. Embora largamente temidos, respeitados por seus iguais, nenhum deles antes conhecera o verdadeiro ardor da paixão. Ablon era um anjo, um guardião empenhado, e Shamira uma garota, adolescente e imaculada.

— Ablon... Você não deve ir a Babel — tentou a mulher, pela última vez.

— Você ainda insiste nisso? — redarguiu o rebelde, certo de já ter superado a persistência da moça. — Acha que será fácil para mim? Detesto isso tanto como você. Mas é assim que tem de ser.

— Mas... — gaguejou, a ponto de desmoronar novamente.

Na expressão da feiticeira, então, o renegado notou um tormento muito maior que a simples dor da despedida.

— O que há com você, feiticeira? Desde a primeira vez que conversamos sobre a Babilônia você se recolheu em palavras. Se há algum segredo que não tenha me contado, é melhor deixá-lo sair agora, antes que eu siga em jornada.

Dito isso, a Feiticeira de En-Dor explodiu em lágrimas. O mistério ruía, naturalmente. Shamira condenaria o amigo ao revelar toda a história, mas largá-lo desprevenido em Babel talvez fosse ainda mais perigoso. Em sua visão, Zamir continuava ativo no zigurate, na companhia de Nimrod, à espreita de mais alados para suas cerimônias infaustas.

— Ishtar... — ela balbuciou, derrubada em prantos.

— Ishtar? O que tem Ishtar? — estranhou o celeste, afagando os negros fios da jovem.

— Ela... Ishtar é mantida prisioneira na Pirâmide de Prata — disparou. — Nimrod a capturou.

— O quê? — rugiu o Anjo Renegado. — Por que escondeu isso de mim?

— Eu... Eu... — Shamira tremia. Queria provar ao querubim sua verdadeira intenção, que nunca foi enganá-lo. Estava determinada a preservar a vida dele, é o bem mais precioso para os seres humanos, mas não para os celestiais.

Com isso, viu crescer a fúria no rosto do lutador. Toda. sua aura ferveu em ódio escaldante, e os olhos brilharam em fogo vermelho. A mulher teve medo do general, mesmo sabendo que ele nunca seria capaz de machucá-la. De uma hora para outra, o mais sábio dos andarilhos se converteu num assassino voraz.

O renegado girou em direcão à metrópole e deslizou irreconhecível rumo ao deserto.

— Ablon! — Shamira gritou, num último ímpeto de salvá-lo. — Milhares de homens defendem os muros de Babel. E Nimrod... Nimrod... — ela esgoelou-se mas o guerreiro não desistiu, então só restava o alerta:

— Você será morto!

E assim, sem desviar de sua rota, Ablon retrucou:

— Para isso, é preciso muito mais do que um exército de barro — e prosseguiu,

qual um leão em caçada.

Com a visão ainda turva pelas lágrimas, Shamira viu o Anjo Renegado desaparecer na paisagem, como um jaguar faz para esconder o seu rastro. Enquanto isso, no Mar de Rocha, a tempestade ganhava

potência.

Está feito!

Dali em diante, os dados estavam lançados, e os caminhos, traçados. A Feiticeira de En-Dor fizera o que julgava correto, apesar das consequências — e se sentia aliviada por isso. Estava livre, afinal, do conflito que atordoava sua mente, mas ainda triste pelo rumo das coisas.

Rumo?

Quem disse que estava tudo acabado? Ainda não. Ela era uma necromante, uma mística experimentada, e tinha ainda alguns trunfos na manga. Encontraria um meio de salvar seu amigo, e este seria seu teste final — não uma prova de bruxaria ou um exame trivial de feitiços, mas uma etapa de raciocínio, um ensaio de imaginação porque é aí que reside a verdadeira natureza da mágica.

A Feiticeira de En-Dor sentou-se próxima ao canal, entre as raízes de uma figueira. O calor decaía lentamente, à ténue aproximação da tormenta. Sorveu um gole do cantil e descansou as mãos nos joelhos.

Para escapar do calabouço, Shamira fora ajudada por um escravo rebelde, um servidor que dissera estar articulando uma insurreição. Esse conjurado, seguramente, era conhecido da pequena Adnari, e juntando as peças a feiticeira concluiu que a menina participava, a seu modo, dos interesses da rebelião. Estava claro também que era a presença de Nimrod em Babel que inibia o levante dos operários. Mas dentro em pouco um celestial atacaria a cidade, e sua ofensiva ocuparia toda a atenção do Rei Imortal. Enquanto o soberano e seu exército estivessem em batalha, os escravos teriam a chance de estourar a revolta e quem sabe conquistar a vitória.

Shamira decidiu, portanto, que era imperativo avisar à garota sobre a invasão do celeste. Mas como a alcançaria antes do anjo guerreiro, se o zigurate era só um montículo reduzido na imensidão da planície, à sombra da grande torre elevada?

É a primeira coisa que fazem os necromantes, não é? Vasculhara terra dos mortos?

Sem mais esperar, a Feiticeira de En-Dor relaxou todo o corpo, esticou a coluna e ampliou a mente. Os sentidos se apagaram, aos poucos, e ela foi lançada à percepção do além.

Tempestade de Areia

No quarto de um dos buscadores, em Babel, Adnari arrumava uma cesta de frutas, enquanto outra menina, Mari, um pouco mais velha que ela, limpava e polia as bandejas de ouro. Entardecia lá fora, e no palácio os andares residenciais estavam vazios. Os aristocratas haviam subido aos níveis superiores para trabalhar, e suas mulheres agora passeavam nas avenidas, escoltadas pelos soldados reais.

Uma rajada de vento irrompeu a janela. Mari, uma adolescente de pele marrom e fios encrespados, desviou a atenção aos arcos de mármore e depois correu o olhar à vastidão do deserto.

— Uma tempestade está vindo para cá. Vai ser uma noite difícil para os trabalhadores da torre.

— Tem alguém aqui! — percebeu Adnari.

— Aqui? — sussurrou a amiga, vasculhando a sala vazia. — Estamos sozinhas no quarto.

— A Feiticeira de En-Dor. Ela voltou à cidade.

— Os portões estão sendo vigiados — argumentou Mari. — Como poderia alcançar o palácio?

Adnari não respondeu. Saiu correndo do dormitório, dobrou o corredor principal, desceu um lance de escadas, cruzou uma passagem arqueada, venceu tcanteíro interno e voltou ao aposento dos escravos. Se fosse flagrada longe tarefas diárias, poderia ser executada sem julgamento, porque era obrigação dos escravos servir, simplesmente, e nunca questionar. Adnari conhecia o perigo, mas não era a primeira vez que se arriscava. Era ainda criança, destemida e curiosa, e não tinha quase nada a perder.

Já os buscadores... Eles tinham um reino inteiro.

O setor dos escravos, na Pirâmide de Prata, em nada se comparava aos salões regulares. Um corredor estreito terminava numa janela pequena, por on-iluz penetrava, difusa. Aos servos não era permitido o uso de velas, tochas ou lamparinas, então o lugar ficava escuro. Nas duas paredes, do chão ao teto, pontilhavam pequenos nichos, usados como leito. De longe, pareciam colméias, impróprias ao conforto humano.

Adnari teve sorte e não topou com nenhum guarda no percurso. Subiu até sua cama e se escondeu no buraco. Era uma sensitiva e havia notado uma presença espiritual muito forte no quarto do buscador. Imaginou, logo de cara, que fosse a Feiticeira de En-Dor, já que Shamira era a única, na Babilônia, que dividia com ela aquele dom.

Projetando a consciência, Adnari rompeu o tecido e empurrou sua alma ao plano astral. No espaço do corredor, flutuando perto do teto, a garota viu a alma brilhante da feiticeira.

— Adnari... — chamou a mulher, no curioso tremular do além.

— Então você sobreviveu! — exclamou a menina. — Os buscadores disseram que tinha morrido numa disputa mágica com o mago Zamir.

— Eu fui salva. Fui ajudada pelo deus do deserto.

A garota franziu o cenho, à menção da misteriosa entidade. Ishtar era a única divindade cultuada na época da Babel legendária, embora os buscadores reconhecessem a existência de ídolos e heróis estrangeiros — e também do superior Yahweh.

— Foi ele quem matou o feiticeiro? — interpelou Adnari.

— Não... — retrucou a necromante. — Por quê? Zamir foi assassinado?

— Bom, desde sua fuga ele nunca mais apareceu no palácio. Mas, é claro, isso não quer dizer que tenha sido morto.

Como subestimar a inteligência de um bruxo? Shamira sabia que os místicos não davam ponto sem nó e que o conselheiro devia ter um bom motivo para não retornar à capital. Mas agora isso não tinha

importância. A ausência do invocador, talvez, facilitasse o assalto de Ablon, mas não anulava o risco.

—Adnari — a feiticeira mudou de assunto e abordou o ponto central. — Escute muito bem agora, porque é urgente minha mensagem. Há uma chance de libertar os escravos,

— Como?

— O deus do deserto. O deus que me amparou. Ele é o marido da deusa — inventou, para incrementar o impacto. — E ficou furioso com o aprisionamento de sua esposa.

A criança sorriu, silenciosa, e Shamira recordou o universo infantil — tão puro, inocente e verdadeiro. Ela própria fora menina, não havia muito tempo. Na aldeia de En-Dor, os sensitivos eram treinados desde cedo no ramo da ne-cromancia. Na velha Canaã, feiticeiros e sacerdotes caminhavam juntos. Enquanto os magos estudavam a mágica e preparavam feitiços, os clérigos guardavam as escrituras, zelavam pelas tradições e ministravam os ritos.

— Em poucas horas, a cidade será atacada! Invadida pelo deus do deserto — continuou a necromante. — Você, Adnari, precisa avisar aos outros escravos.

— Nós ansiamos por esta revolta, mas o rei aumentou o número de guardas nos portões e duplicou a escolta dos buscadores. Colocou também uma linha extra de soldados fora das muralhas, como uma primeira defesa aos invasores. E a deusa... — ela se confundiu. — Achei que a deusa o protegesse.

— Não! — insistiu Shamira. — A deusa foi capturada e forçada a servir ao Imortal, o que enfureceu seu marido. O deus, agora, enfrentará Nimrod, e durante o duelo os trabalhadores poderão principiar o levante. A torre deve ser evacuada e o zigurate também.

— Sei a quem avisar — disse a pequena, mentalizando a figura de Kumarbi, o Alto, chefe dos conspiradores. — Graças aos rumores, todos a vêem como uma bruxa poderosa, que desafiou o insuperável Zamir. Direi aos insurgentes que fui visitada pela Feiticeira de En-Dor e falarei do assalto.

— Mas você precisa correr! A ofensiva virá com a tempestade, antes do pôr do sol.

— A notícia vai se espalhar com o vento e correr com o turbilhão.

— À exceçáo dos escravos domésticos, todos os demais trabalharam presos icorrentes, atrelados uns aos outros por grilhões apertados. Tão juntos, grudados pelo lavor, sua comunicação era rápida e discreta, especialmente adaptada àquela vida de sofrimento.

E assim, na pressão da urgência, a menina voltou ao corpo físico, e Shamira retrocedeu à margem do Eufrates, à base da grande figueira. Quando abriu os olhos, viu a tormenta, cuja potência só aumentava. Um tufão revolvia poeira ao sul, assustando os animais e mergulhando o deserto numa borrasca de areia.

Nas casas piramidais dos cidadãos babilônicos, o vento apagou as lamparinas. A temperatura caiu, e quando isso acontecia em pleno verão era sinal da chegada de um furacão ou tornado. As tempestades não eram incomuns naquela época do ano, especialmente as mais fracas. Na maioria das vezes, os muros capital inibiam a entrada da areia, mas não raro os grãos deslizavam por cima dos portões e alcançavam as avenidas. Nessas ocasiões, as famílias abastadas se refuugiavam no interior de seus palacetes, deixando os servos nas ruas, à mercê das rajadas de pó.

No horizonte, o sol baixou. As cortesãs voltaram ao zigurate, e até os soldados regressaram às suas guaritas, coladas aos muros, para escapar do tufão, deixando os escravos desguarnecidos. Cerca de quatrocentos mil homens trabalhavam na torre, subindo e descendo os infinitos andaimes. Eram figuras tristes, desprovidas de felicidade ou fortuna, que viviam dia a dia à espera da morte. Mas, naquele dia, algo mudara. No rosto dos operários, havia uma reviravolta sutil, que o ar carregado ajudou a esconder dos feitores. Um sopro de esperança lançado, aquecendo o coração dos aflitos.

A notícia de que a cidade seria atacada correu feito epidemia e antecipou o sonho da liberdade. Com tal urgência em preparar o levante, nenhuma revolta poderia vingar, mas a verdade é que a insurreição estava acertada havia meses, como um vírus silencioso que carcomia o Império. Desesperados, os trabalhadores estavam preparados para desafiar seus senhores e arrasar a Babilônia, mesmo desarmados.

As correntes de ferro que prendiam os escravos eram, de fato, uma única correia longa e contínua, composta por seções, em que eram afixadas gargantilhas de bronze, feitas para fechar os pescoços. Essa extensa correia estava atada a duas polias que giravam em seu eixo, como gigantescas roldanas.

Uma das polias encontrava-se no interior da torre, e a outra, uma coluna giratória de cobre, estava instalada em uma das praças centrais. A corrente, presa às extremidades, determinava um circuito fechado, percorrido pelos escravos, que começava na torre, atravessava a cidade, passava pela praça e retornava à torre. Geralmente, era nesses entroncamentos que os operários recebiam sua dose de água e depois um pedaço de pão. Ora, não era preciso ser engenheiro para entender que, se uma das polias fosse quebrada, o trajeto seria interrompido.

Os revoltosos pretendiam desde o início derrubar a coluna de cobre da praça, o que daria aos trabalhadores a liberdade de movimento necessária à insurreição. Ainda estariam presos pelo pescoço, mas a corrente era tão comprida que eles poderiam ir de um canto a outro da capital, lutar e mais tarde usar suas ferramentas para estourar os eixos metálicos.

Derrubar a pilastra não seria difícil. Se todos puxassem o cabo de uma só vez, ele se partiria tão facilmente quanto um graveto seco de sândalo,

O que era só aspiração, então, floresceu de repente. Foi tudo tão rápido que os guardas não tiveram tempo de avaliar o perigo. As lonas da rebelião estavam de pé. No momento oportuno, uma trombeta vibraria na pirâmide.

Era o sinal combinado.

O Deus do Deserto • A Trombeta de Cobre

Uma guarnição composta por dez mil soldados, liderada pelo experiente comandante Pazuno, patrulhava o exterior da cidade. A tropa estava espalhada ao redor das muralhas, formando um anel defensivo além dos portões. Parte dos militares circulava o perímetro, correndo em seus cavalos e charretes de guerra. Outros eram homens de infantaria, basicamente, e trabalhavam parados, encarando o horizonte deserto.

Logo atrás deles, os negros muros se levantavam, encimados por milhares de guardas, sempre atentos no passadiço. Das guaritas e torres, os capitães organizavam os arqueiros, separando-os em posição uniforme. Logo abaixo, já no rior da Babilônia, os treinadores alimentavam os gigantescos mamutes, pobre animais em extinção, que só serviam para fechar e abrir os portões.

O furacão engrossava, jogando areia ao céu. No firmamento, a refracão do poente atravessava a poeira, colorindo a tarde de um vermelho pesado. Em pé, sua biga de bronze, um soldado reparou numa figura comum, que caminhou em direção ao portão principal. Todo coberto por uma velha manta de pano, o andarilho não fazia medo a ninguém. Mais parecia um eremita perdido, viajante indefeso. Esse era, a propósito, o tipo de gente que os babilônicos gostavam de importunar.

— Pare aí, forasteiro! — gritou o vigilante, apontando sua lança.

O andarilho não fez menção de parar e prosseguiu, indiferente ao comando. Quanto mais ele se aproximava, mais crescia em presença. De repente, e a cada passo, ele não parecia mais tão ordinário, e então o oficial recuou.

Um outro guarda, mais destemido, vinha atrás, dirigindo sua própria charete. Determinado a impressionar seus colegas, ele saltou para fora do carro e correu de lança na mão, para perfurar a barriga do recém-chegado. Tentou a estocada, mas o eremita desviou e com habilidade impressionante agarrou o cabo da arma. Puxou forte sua haste e, como o soldado se recusou a largar, foi jogado ao longe, expelido pela força inumana.

O capitão Pazuno assumiu, então, a dianteira do ataque. Decidiu não subestimar o invasor, porque era um veterano e já escutara muitas histórias sobre magos e heróis invencíveis. Pensando nisso, fez sinal aos guerreiros de elite e dois lutadores giraram suas bigas. Tomaram distância, prepararam as lanças e dispararam em carga. Nesse momento, o capitão pressentiu seu erro. De longe, vislumbrou o olhar do peregrino e avaliou sua coragem assassina. Tinha rosto de homem, mas aspecto de predador. O semblante era como o de uma fera, mistura sinistra de falcão e pantera.

Supostamente desarmado, o andarilho carregava nas costas um longo embrulho delgado, curto demais para ser uma lança e muito grande se comparado às facas. Os babilônicos não imaginavam que podia ser uma espada, pois não conheciam a manufatura das lâminas longas.

As rodas dos carros se arrastaram, os cavalos explodiram em relinchos, e os dois carreteiros avançaram contra a força do vento. Foi então que sucedeu o prodígio. Com uma só pisada no chão, o estrangeiro fez o solo tremer. A vibração desequilibrou os soldados, que perderam as rédeas e também o impulso da carga. Uma das charretes tombou, e a outra, desordenada, atropelou uma pedra, partindo o eixo no fundo do carro.

O capuz do eremita escorregou, e todos enxergaram sua expressão enervada. Um terror inexplicável assaltou a guarnição, e o velho Pazuno não pensou duas vezes.

— Recuar! — berrou aos vigilantes. — Voltem para dentro da cidade, todos os batalhões!

Mas, de tão espalhados à volta dos muros, muitos guardas não escutaram a ordem. Foi quando o comandante soprou o berrante, e toda Babel se deu contai do ataque. No passadiço, os arqueiros pegaram suas setas, e as tropas do lado de fora convergiram às portas de acesso.

— Fechem os portões! — bradou, o mestre da torre, e os treinadores chicotearam: os mamutes, que com bramidos estridentes retesaram as correntes, cerrando aos poucos as seções gigantescas.

Em suas guaritas, os generais babilônicos respeitaram o alerta, mas não compreenderam o desespero. Não fosse a exigência do rei, de reagir com toda a cautela a qualquer situação anormal, teriam repudiado a "loucura" dos pelotões, que retrocediam à metrópole por todos os cantos, à simples aproximação de um andarilho.

O portão foi lacrado com uma batida metálica, que reverberou com intensidade tremenda. Ablon parou diante da entrada principal e observou os dois ídolos que cingiam a porta. No alto da Pirâmide de Prata, Nimrod ergueu-se do trono e afagou o pelo de seu tigre pré-histórico.

— É ele, sem dúvida — murmurou para si mesmo. — O deus do deserto. Será este o último combate, a batalha final entre mim, o maior de todos os homens, e o emissário celeste. Começa aqui uma nova era para a nação babilônica.

Assim, finalmente, os generais entenderam o perigo e de suas torres comandaram os arqueiros. O capitão Pazuno chegou correndo ao passadiço, exausto, e clamou aos soldados:

— Os tambores! Toquem os tambores! Puxem as flechas. Levantem as lanças. Comecem o ataque!

Na torre e nas avenidas, os escravos perceberam a agitação dos soldados. Então, os rumores eram verdadeiros — Babel estava sendo atacada!

O estouro do levante estava muito próximo agora, mas eles continuaram a trabalhar, martelando suas pedras e rodando a corrente. Logo, a insurreição explodiria num assalto repentino, no exato instante do sinal combinado.

No quinto andar da Pirâmide de Prata, o último anterior ao terraço do trono, uma sala de pedra, estreita e longa, onde descansava uma alal — espécie de trombeta de cobre, muito grande, um objeto característico da velha Mesopotâmia, que produzia um som agudo fortíssimo. O rei Cush mandara construir essa câmara para servir como posto de alerta. Contudo, pouco depois da inauguração do palácio, os buscadores decidiram substituir a corneta por uma série de instrumentos de percussão e alocá-los não no zigurate, mas nas guaritas sobre as muralhas. Desde então, a sala estava abandonada, salvo por dois serviçais que às vezes iam até lá limpar a poeira.

Kumarbi, o Alto, um escravo jovem, corpulento, de personalidade forte e grande carisma, fora poupado de trabalhar na torre por causa de seu privilegiado intelecto. Capturado ainda menino, já sabia ler e escrever com precisão, e por isso assumiu o cargo de escriba oficial dos buscadores. Suas cartas e documentos a intimidade da corte, desvendando histórias de intriga, manobras, tratados comerciais, planos de guerra e projetos arquitetônicos. Confidente dos palacianos, Kumarbi era o conspirador ideal, e não foi à toa que assumiu a dianteira da revolução.

O Alto estava a postos desde o início da tarde, quando Adnari lhe contara sobre a aparição da Feiticeira de En-Dor. Apesar da pouca idade, Adnari era uma garota prodígio, muito esperta e perspicaz, por isso de nem pensou em desacreditá-la. As suas viagens noturnas ao “mundo sem cor” muitas vezes foram úteis à rebelião, ajudando os conspiradores a descobrir os segredos mais ocultos da Babel legendária. Adnari era uma espiã por necessidade, embora não reconhecesse muito bem sua função e espiasse os mistérios sem nenhuma maldade. Entendendo sua pureza, Kumarbi de tudo fazia para preservá-la, e nunca chegou a revelar, nem aos outros insurgentes, quem era sua fonte principal.

Quando o portão se fechou, juntando suas seções num estrondo terrível, Kumarbi compreendeu que precisava tocar a trombeta, sinal acertado para o estalar da revolta. Tão logo seus amos saíram, largou pena e papiro e deixou o escritório — uma sala arejada no quarto nível, onde geralmente eram redigidos os discursos políticos. Passou confiante por muitos soldados, porque era um servidor conhecido e costumava circular por ali.

Alcançou um aposento final, um salão construído em várias tonalidades de mármore. Era adornado por vasos enormes, de onde brotavam plantas pré-históricas — algumas altas e duras, outras coloridas e leves. O aposento, iluminado por altas janelas, fora por anos um ponto de festas da realeza, onde a corte dançava, se divertia e assassinava escravos por puro prazer.

Kumarbi percorreu o espaço vazio até a base de uma escadaria, a principal passagem às salas do quinto andar. Dois guardas em armaduras defendiam a entrada, barrando o acesso.

—Acha que vai aonde, escravo? — rosnou um deles. — Volte já para o seu chiqueiro.

— Tenho uma carta aos buscadores — improvisou.

— Então é só mostrar sua autorização — resolveu o segundo, mais sério. — Sem ela, nem o velho Adão subiria aqui.

O Alto estendeu um rolo de papiro aos vigilantes, uma imitação feita por ele, às pressas, no escritório, sem o selo real. Era uma alternativa inverossímil, nada convincente, mas não tinha outro pretexto.

— Esta porcaria é falsa! — percebeu o guardião, sacando a faca comprida. — Está condenado, chacal!

Mas Kumarbi, já esperando o ataque, tirou um punhal escondido e com ele perfurou a garganta do guarda, num golpe surpresa. O homem caiu, sem reação, e seu sangue encobriu o reflexo no mármore.

O segundo puxou a lança, mas o escravo já tinha corrido e agora sumia através do umbral.

Kumarbi disparou como nunca, sem pensar em mais nada. Não viu ninguém no corredor, nenhuma sombra ou perigo, só caminhos sem foco, enevoados pela descarga de adrenalina. No alucinante ritmo da emergência, o Alto enxergou finalmente a entrada certa e a corneta de cobre colada à janela. Deslizou díreto para a porta, mas então seus reflexos falharam por um segundo mortal. De repente, um soldado surgiu do escuro e manobrou sua lança para a investida fatal.

Uma dor aguda perfurou-lhe o corpo, e ele reparou que o arpão tinha atravessado o pulmão, rasgado a pele e destroçado a coluna. Kumarbi tombou, tal qual o guarda esfaqueado na escada, e foi aí que cresceu o tormento. O soldado puxou a arma, escorregando o fio para baixo, e com a lâmina veio um pedaço do estômago, selando, para o ferido, todas as esperanças de vida.

— O que vai fazer? — ele escutou um homem dizer, mas a visão era turva. Esticou o braço no chão, à procura da faca, mas os dedos encontraram só uma massa melada. Era uma seção delgada de seu próprio intestino.

— Vou acabar logo com ele — respondeu outro alguém. — Escravo imbecil. Será que não ouviu o alarme? Por que continuou aqui, como uma barata que vasculha o esgoto?

— Não, não faça nada — sugeriu o primeiro. — Ele está quase morto. Deixe que agonize. Agora, todos de volta a seus postos — ordenou.

Havia pelo menos dez guardas ali, embora o Alto não os distinguisse.

— Há confusão nas muralhas.

Assim, os guerreiros saíram, alguns desapontados, e regressaram a suas posições, naquele e noutros andares. Deitado, largado no piso, desamparado, Kumarbí não sentia mais dor, só o tenebroso calor dos espirros de sangue que precedem a completa frieza da morte.

Flutuando entre a consciência real e o sombrio abismo do extermínio, ele notou uma vibração suave no assoalho e escutou pegadas bem calculadas, típicas de um escravo em trabalho.

— Kumarbi! — era a voz soluçante de Adnari.

—Adnarí — ele sibilou, ao toque afetuoso da pegada infantil.

— Eles o machucaram.

— Vou morrer, pequenina.

A garota engoliu as palavras, em respeito ao falecimento do mártir.

— A sala — esforçou-se o rebelde. — A saía da trombeta. Você deve soá-la, Adnari. Toda a gente está dependendo só disso. Conduza os escravos para fora daqui. Guie-os. Lidere-os. Você é a única que pode comandá-los e reviver o encanto das tribos.

O Alto engasgou-se e cuspiu muito sangue. A hemorragia era fatal, inevitável, e ele fitou o vazio, antes de arriscar sua primeira — e última — profecia:

— A cidade de Babel não passará desta noite.

No Abismo da Ira

Nas muralhas, fez-se silêncio completo por todo um minuto. Nenhum som. Nenhum movimento. Nenhum suspiro. Então, os tambores vibraram, mergulhando a cidade no prenúncio da guerra.

BUM... BUM... BUM...

No passadiço, três mil arqueiros apontaram as armas ao solitário invasor. O capitão Pazuno, de braço erguido, aguardou uma trégua do vento. O estrangeiro estava de pé, só a dez passos do muro, mas a poeira era tanta que ninguém o enxergava direito. A roupa marrom o confundia com a terra, mas quem, mesmo oculto, suportaria uma saraivada de flechas?

Seguiu-se um instante de pura tensão e depois o comando de ataque.

Uma negra chuva de setas eclipsou o céu rosado, e a nuvem mortal encobriu o anjo guerreiro. O assalto varreu toda a área, e os soldados, em seus postos, escutaram o choque das pontas perfurando o solo arenoso.

O inimigo estava morto, com certeza. Ninguém sobreviveria àquela investida.

Mas, quando as sentinelas descansaram os arcos, não avistaram o corpo do forasteiro, apenas uma floresta de varas, pela metade, encravadas no chão. Para onde teria fugido? Como desaparecera assim, instantaneamente, sob a vista de todos? Pazuno e os generais, em suas torres, fitaram o deserto, confusos, procurando a carcaça do morto.

O cadáver... sumiu!

E foi aí, exatamente, que um berro agudo sacudiu a cidade, e os babilônicos tremeram de susto. Pensaram que pudesse ser o grito de um monstro ou o lamento final do deus do deserto... mas não. O brado era o sinal da corneta de cobre, a alai da Pirâmide de Prata, incitando os escravos à revolta.

Pela primeira vez em dezenas de anos, as correntes pararam. Todos juntos, de uma só vez, os escravos puxaram os cabos de ferro, e a coluna que os movia caiu, desfazendo o percurso fechado.

Imediatamente, como ação de reflexo, os arqueiros no passadiço se viraram para o interior de Babel, e enquanto isso, lá fora, na base do portão, uma figura se elevava, incólume e ainda mais ruriosa.

Uma onda de vento e poeira jogou pedras ao longe, e de um buraco na areia surgiu uma sombra alada,

uma criatura de outrora, titânica, fenomenal. O corpo era essencialmente humano, ou assim parecia, mas duas asas de anjo nasciam das costas, de penas brancas rajadas de sangue. Os olhos brilhavam em brasa, e a presença era terrível, quase diabólica. À aparição, alguns guardas correram, mas outros continuaram firmes, estimulados pelo sabor das histórias antigas, sobre o povo de Enoque, que desafiava os celestes em suas fortalezas de pedra.

E assim, o Anjo Renegado voou, espargiu as penas e aterrissou sobre o passadiço. Os celestiais expurgados, preocupados em esconder sua natureza divina, quase nunca desprendiam as asas, conservando-as sempre incorporadas às costas. Mas, no furor do combate, Ablon esqueceu muitos princípios e agiu por instinto, procurando o caminho mais rápido ao coração da metrópole. Nem mesmo ele poderia saltar cinquenta metros, e esta era, precisamente, a altura dos muros.

Sobre a mureta, apenas quatro soldados poderiam atacá-lo por vez, dois de cada íado. Uma fila dupla de homens se aproximava ao norte, certa de que, se o primeiro tombasse, o seguinte daria continuidade ao golpe. Ao sul, um par de guerreiros, sozinhos, puxou suas facas, e um deles atacou, mas o alado evitou a rasgada dobrando os joelhos. Levantou, um segundo depois, e num giro chicoteou com a asa o pelotão à esquerda, jogando todo mundo para trás. Muitos largaram as armas e se agarraram ao anteparo, evitando a queda fetal.

Os dois combatentes ameaçaram o celeste com furadas de facão no ar. O mais jovem deles, então, tomou coragem e investiu novamente, para nova tentativa frustrada. Com uma mão, o querubim bloqueou o assalto, c com a outra desferiu um soco potente, que destroçou os dentes e o nariz do terreno. O homem percebeu o impulso, e seu corpo voou, caindo inerte perto do abismo.

A linha dupla do norte refez formação e tornou a avançar. Desta vez, porém, Ablon não esperou o embate, preferindo iniciar sua própria sequência. Revoou, sobre a tropa e desceu com os dois pés no peito dos oficiais dianteiros, supostamente os líderes do pelotão. Correu depois pelo meio dos homens, evitanto cada ataque, cada pancada, e revidando também, com movimentos tão rápidos que incapacitavam os soldados. Logo, perto de mil babilônicos já haviam sucumbido.

Assim, Ablon chegou a uma grande guarita de esquina, no ponto exato onde a muralha se virava para o oeste. Vinte arqueiros, incentivados por seus capitães, surgiram nas janelas da torre e miraram as setas. Dispararam com todo o vigor, o anjo bateu forte as asas, levantando uma rajada de vento que desviou as pontas letais.

Impressionados, os vigilantes retrocederam. Prepararam escadas e cordas para descer às avenidas e ganhar campo aberto.

Quando lançaram os cabos, porém, deram-se conta do alvoroço.

Nas ruas, nas casas e mesmo no zigurate, uma multidão de escravos sublevava o exército, roubando-lhe todas as armas e lutando como cães furiosos. Tal qual um cordão de formigas carnívoras, os trabalhadores evacuavam a torre e partiam, reforçando a legião de operários.

Mas e o Rei Imortal? Onde estava? Por que nada fazia? O que estaria aguardando?

Nimrod continuava lá, no alto do palácio, sentado no trono, observando o levante. Conservava a tripla expressão, uma mistura obscura de orgulho, ódio e satisfação.

Então, o deus ouviu meu chamado e aceitou o desafio — pensou o monarca, puxando pela coleira o tigre-dentes-de-sabre. A besta rosnava, excitada pela confusão e nervosa pelo barulho.

Os olhos irados de Ablon e os lunáticos de Nimrod enfim se cruzaram, e o general renegado distinguiu seu inimigo. *Maldito porco de barro,* refletiu o alado. *Vou estourar seu trono e lançá-lo às profundezas da, terra, que é seu lugar. Arrasarei sua cidade e lhe arrancarei o coração.*

Nas muralhas, os soldados entenderam a contenda e interromperam o ataque ao celeste. De alguma forma, perceberam que aquela batalha era inútil, e que o rei era o único que, dali em diante, poderia resolver o embate.

O anjo decolou do anteparo no muro, desfraldou as asas rajadas, atravessou a cidade e flutuou rumo à escadaria da Pirâmide de Prata. Da base, subiu voí do, rasante aos degraus, e no pináculo o Imortal libertou seu felino pré-histórico.

— Acabe com o invasor! — ordenou ao animal. — Mate-o! Engula-o! Aceitando o comando, o tigre-dentes-de-sabre acelerou pela escada, mas quando chegou perto do choque, o querubim arremeteu, e a fera passou reto por ele, indo morder um dos guardiões babilônicos que defendiam a rampa do zigurate. Não queria machucar bicho algum, e, sinceramente, nem mesmo os soldados. Desejava apenas vingar sua amiga e exterminar o Rei Imortal.

Quando perceberam a invasão e avistaram a entidade em voo, todos — escravos e cidadãos, civis e militares — congelaram os golpes, engoliram os gritos e pararam para assistir ao confronto. O sol já havia se posto, e o furacão circulava Babel. No passadiço, o capitão Pazuno, muito ferido, esbravejou aos treinadores

— Soltem os mamutes! Soltem os mamutes!

Dali a seguir, sabia o capitão, não havia muito mais esperança à nação. O levante já tomava conta das ruas, os aristocratas estavam sendo dizimados, a torre estava vazia, e uma divindade desafiava o soberano. E verdade que aqueles mamutes, os últimos de sua raça, nunca tinham lutado antes. Todavia, raciocinou Pazuno, ainda matariam muitos escravos, se jogados à revelia nas avenidas.

Os treinadores assim fizeram, e recolheram as portinholas, desligando as correntes. A manada saiu pelos quarteirões, correndo, derrubando homens com suas trombadas, atropelando pessoas e demolindo paredes. Em sua marcha frenética, não distinguiam soldados ou escravos, rebeldes ou legalistas, perversos ou justos.

Ablon pousou no fastígio do trono, e Nímrod se levantou para encará-lo. A barba trançada pingava de suor, e o capacete ogival protegia-lhe a cabeça. Estava visualmente desarmado e não carregava nem mesmo o cetro cravejado de joías que era duro, bom para amassar em combate.

—Você veio! — regozijou-se o monarca. — Eu sabia que não resistiria ao chamado. Estou aqui, pronto para liquidá-lo — desafiou, apontando os braços ao firmamento. — Envie as catástrofes. Mande as enfermidades. Lance todas as hecatombes. Ao contrário de Enoque, Babel resistirá.

Ablon teria achado graça, não estivesse tão bravo. Nimrod era um louco, ignorante nos assuntos antigos. Mesmo assim, havia certa ironia na situação.

Ao mencionar os cataclismos, o rei seguramente se referia aos dias anteriores ao dilúvio. Ele citara os desastres, e não havia dúvidas de que detestava os anjos, mais precisamente os arcanjos. Nessa matéria, o príncipe Miguel era o verdadeiro culpado, e não os renegados, que se rebelaram justamente contra o assassinato dos homens!

— Ajoelhe-se! — exigiu o governante, a confiança cega estampada no rosto. — Ajoelhe-se perante Nimrod.

— Eu só me ajoelho perante Deus — rebateu o general, cansado da arrogância. Seus ideais, por um minuto, fizeram-no hesitar, mas aí ele se lembrou de Ishtar e extravasou sua ira.

Com um murro poderoso, acertou o terreno, fazendo-o trombar contra o encosto do trono. O apoio se quebrou, e o monarca estatelou-se na plataforma, com os escombros dourados. Apesar das advertências, Ablon nunca levara multo a sério as lendas sobre o Rei Imortal, por isso achou que tivesse matado o sujeito, mas não. Num segundo, Nimrod estava colado no chão, e noutro se levantava, tão veloz quanto uma serpente faminta. Da bota, tirou uma faca, uma adaga mágica — o punhal de Zamir —, e golpeou.

Mas seu adversário não era um anjo comum, e sim um anjo guerreiro. O general renegado pressentiu o perigo, com suas habilidades fantásticas, e se esquinou. O fio passou muito perto, cortando duas penas rajadas, mas foi só isso. As plumas logo flutuaram, levadas pelo vento fortíssimo aos jardins mais abaixo.

Fitando o instrumento de morte, capaz de dilacerar humanos e celestiais, Ablon esperou nova investida, e quando Nimrod estocou, estendendo o golpe ao máximo, uma defesa precisa o desarmou. Deslizando às costas do rei, o celestial prendeu-lhe o pescoço em um golpe do tipo gravata.

— Sou imortal, abominação — rugiu o soberano, quase sufocado. — Nunca poderá me vencer. Deixe a minha cidade, eu ordeno!

Imortal., o Rei Imortal... Agora, sim o discurso de Shamira fazia todo o sentido. *Era isso que ela tentava me dizer à margem ao rio... Nimrod,.. ele e seu feiticeiro...* Nimrod e Zamir capturaram Ishtar para beber-lhe o sangue. *Um humano que prova o sangue de um anjo se torna imortal, nunca envelhece, e raramente é ferido.* O ritual era antigo e fora desenvolvido pelos magos de Nod, que com suas magias vitimaram muitos alados.

— Então, você se alimentou do sangue de Ishtar? — gritou o renegado, forçando a cabeça do rei contra o assento do trono, tal qual um carrasco arrasta sua vítima à tora de execução.

— Eu já disse, criatura! Fuja enquanto é tempo. Nada poderá me matar, nenhum efeito do céu ou da terra seria possante para destituir Nimrod.

— Como pode ter tanta certeza? Não passa de uma escultura de barro, um primata imperfeito, um macaco que aprendeu a falar. Agora mostrarei a você o supremo brio celeste, a verdadeira potência de Deus, contra a qual é indefeso.

E foi então que o querubim levou a mão às costas, onde as asas se dobravam num veio, e pegou o embrulho que carregava consigo. Dos panos, sacou a espada mística, até então escondida no rolo de peles. E ao contemplar lhe a lâmina, os mortais — e também Nimrod — ficaram como que hipnotizados, tão refulgente era o brilho da arma. Nunca haviam vislumbrado a textura do aço, que agora coruscava em tons alaranjados, espelhando a cor do poente.

— Prepare-se para morrer, Nimrod, porque esta é a Vingadora Sagrada, forjada no início dos tempos, quando seus ancestrais ainda rastejavam pelos oceanos. É uma arma sagrada, e sob seu fio já sucumbiram anjos, demônios e deuses. Agora, chegou a vez de ela provar sangue humano.

O rei balbuciou murmúrios guturais, antigas profanações ensinadas a ele pelo mago Zamir, fórmulas mágicas feitas para afastar espíritos maus, que no entanto eram absolutamente inúteis contra o celeste.

Nesse momento, Ablon ergueu o flagelo e segurou forte o rei pela nuca, pronto para decapitá-lo. Com o joelho imobilizava o monarca, mas antes de descer o fio puxou-lhe a franja, obrigando o ditador a mirar toda a longitude da torre, agora praticamente vazia,

—Aprecie pela última vez a sua capital, pois em breve o único domínio que conhecerá será o reino dos mortos — declarou, estendendo o punho da espada, para o golpe final.

— Espere, general! — interrompeu uma voz feminina. — Estas palavras já foram proferidas antes, mas não por você,

— Shamira? — exclamou o renegado, reconhecendo a amiga. Ele virou o corpo, sem liberar sua presa, e distinguiu o semblante da Feiticeira de En-Dor, que subia as escadas da Pirâmide de Prata. Nos braços, ela carregava o corpo inerte da guerreira Ishtar, com as asas marcadas de sangue.

— Como chegou até aqui?

— Memorizei a planta do calabouço, com todas as entradas e saídas secretas. Havia um túnel perto do rio, e o usei para voltar à masmorra. Achei que deveria trazé-la até aqui — respondeu, pousando no chão o cadáver da celestial renegada.

Na plataforma, Ablon continuava parado, ainda surpreso, sem entender muito bem qual teria sido a intenção da necromante ao regressar ao seu lugar de tortura. Com que objetivo tirara Ishtar de seu túmulo?

Nas ruas, a ventania acalmou, mas o pior ainda estava por vir. Naquele instante Babel entrava no olho do furacão, onde o turbilhão geralmente abre uma e toma fôlego para o sopro final.

—Você vê? — instigou a mulher. — Ishtar está morta, e agora não há mais como mudar sua sina. Não acha que já basta de tantos massacres? — perguntou, ido com o olhar o rei derrotado.

— Como pode defendê-lo? — reagiu o querubim. — Depois de tudo o que ele lhe fez...

A feiticeira encarou o general e subiu à plataforma. Tomou nos dedos o punho calejado do guerreiro celeste e revelou-lhe a palma.

— Suas mãos estão cheias de sangue humano — ela fez uma longa pausa. — Será que não compreende?

Dito isso, o braço punitivo do lutador fraquejou, e a Vingadora Sagrada tremeu. Visões desencontradas atacaram-lhe a mente, como um pesadelo remoto que insiste em voltar. Numa série de lampejos terríveis, ele recordou seus tempos como assassino, quando batalhava sob a bandeira do arcanjo Miguel. Reviveu campos de morte, chacinas intermináveis, morticínios de gente indefesa, extermínios de seres humanos. E rememorou a face de seu inimigo mais pessoal, o demônio Apollyon, que, quando ainda anjo, chefiara a destruição de Sodoma e Gomorra. À medida que a raiva se dispersava, começou a questionar impulsos. *É o ódio. Ele obscurece nossos valores e nos empurra à ruína.*

— Percebe o que eu digo? — foi Shamira quem quebrou o silêncio. — Isso não tem nada a ver com a crueldade do rei, tem a ver com *você.* Se matá-lo agora, sobre este palácio, estará entregando seu coração à fúria instintiva. Estará matando um ser humano e, por mais perverso que seja Nímrod, esse pequeno ato irá enterrar sua causa. Não foi por isso que você foi expulso do céu, porque repudiava o extermínio da espécie terrena? E não é justamente esse o seu grande temor, o de esquecer seus ideais e abandonar a justiça?

Então, a feiticeira se afastou, deixando o renegado sozinho em sua decisão. Ele percebia, melhor do que ele, que o homicídio do Rei Imortal, naquelas circunstâncias, marcaria o fim de sua jornada, de toda sua luta contra os arcanjos, isso que quis dizer quando recriminou suas palavras de ira.

— Sou uma necromante — acrescentou, antes de se calar finalmente —, e como mestre na arte dos mortos sei que há uma ténue línha entre o bem e o mal. Se você ultrapassar essa fronteira, talvez não possa voltar. Vingança ou justiça. Qual das duas você vai escolher?

— Elas são a mesma coisa.

— A única diferença é quando você as executa com ódio.

Nimrod, que a tudo escutara, teve medo pela primeira vez. Ali, sob o fio da arma, ele não era mais o

monarca supremo, mas apenas um mortal indefeso, humilhado. Pensou em implorar pela vida, em gritar e chamar pelo pai, mas a garganta estava cada vez mais apertada, e naquela posição mal conseguia gemer.

Nas avenidas, os insurgentes observavam o duelo. Os soldados já tinham sido debelados, em todos os cantos da capital, e até as muralhas estavam tomadas. Bastava um só comando para que a turba derrubasse os portões. Mas, por outro lado, se o ditador sobrevivesse, a situação ainda poderia se inverter. Com o rei novamente ativo, o exército lutaria até a última faísca, e o levante seria contido.

Agora, o destino de muitos dependia da resolução do celeste. O que ele pretendia fazer? Deveria poupar Nimrod e conservar seus valores, ou decapitar o soberano, desforrando assim a memória de Ishtar?

Os olhos cinzentos voltaram a brilhar, e ele estendeu sua arma. Retomando a força do golpe, o renegado atacou, e a espada desceu contra o Rei Imortal.

Shamira desviou o olhar e aguardou o ruído da cabeça rolando. Mas, em vez do som abafado, toda a metrópole escutou um grito agudo, seguido por um lamento de dor. A lâmina penetrou não na nuca, mas no ombro, atravessou a carne e se afundou no assento dourado, prendendo Nimrod ao apoio. O sangue espirrou pelo braço, em quantidade muito superior à humana, e escorregou pela rampa, molhando os degraus e enegrecendo o reflexo da prata.

— Você continuará vivo, Nimrod — sentenciou o Primeiro General. — Está condenado a viver para sempre, e a nunca morrer. O ferimento em seu ombro continuará escorrendo por toda a eternidade. E daqui a muitos anos, toda vez que sentir seu estigma ardendo, vai se lembrar deste dia em Babel e saberá que foi a piedade celeste que o poupou. Então, nessas horas, terá vontade de morrer, mas não poderá.

Sozinha, reclusa às sombras do novo crepúsculo, Shamira sorriu, mas ninguém notou. Nas praças e nos quarteirões, a Babilônia era então só calmaria. Organizados e vitoriosos, os escravos escancararam os portões e abriram passagem à planície. Aos poucos, a tormenta voltava, com toda a intensidade de um tufão legendário. Os operários desprezaram a pilhagem e saíram todos em fila, sem nem ao menos olhar para trás.

No topo da Pirâmide de Prata, embora vencido, Nimrod não resistiu à soberba. Restava-lhe, ainda, um último consolo, um pilar derradeiro que alimentava a luxúria, um monumento perene que, segundo os buscadores, resistiria a qualquer calamidade.

— Você me condenou, é verdade, mas minha torre prosseguirá eterna — disse ele, já enfraquecido pela perda de sangue, ao seu carrasco. — Os viajantes continuarão a enxergá-la a quilômetros no deserto e saberão quem a construiu, mesmo depois de passados séculos.

— Engana-se, mais uma vez. Toda sua obra será apagada — corrigiu o general. — Foi astuto ao canalizar o curso do rio para dar sustentação ao edifício. É um projeto arrojado, contudo possuí um ponto fraco.

Ele sabe!, desesperou-se Nimrod. *Ele conhece o segredo da coluna de água, que mantém ereta a construção. De todas as realizações de Zamir, essa foi a maior, e não pode ser,,,*

— Não! Minha torre não! — berrou o babilônico, chorando e esperneando como uma criança no berço. Tentou se levantar com todo o vigor, mas a lâmina de aço o prendia ao assento.

E assim, o Anjo Renegado voejou, novamente, dali à base da torre. Entrou unhando por seus amplos salões e seguiu ao núcleo do prédio. Contemplou muitas câmaras vazias, algumas suntuosas, outras rústicas, e lamentou pelos escravos que ali faleceram. Destruiu várias portas lacradas, despedaçou um portão dulo de cobre e chegou ao eixo central.

Bem no meio da Torre de Babel, descobriu o interior de um imenso vão circular, que alcançava as

máximas altitudes do edifício. Por ali corria, em vertical, grosso tubo de ferro que, do chão, subia quase infinito, e nele se apoiavam todas as vigas que seguravam as paredes. Através dessa tubulação eram bombeados os milhões de litros de água por dia, e sua pressão era tão forte que sustentava o cano assentado, como uma coluna vertebral que segura todo o esqueleto. Em pontos-chave do tubo, o líquido saía por escoadouros pequenos, diminuindo gradualmente sua violência.

O general tocou o cano de ferro e calculou sua espessura. Devia ter mais de metro, e era revestido, por dentro, por uma grossa camada de marfim, que impedia o desgaste do ferro. Será que ele, apesar de suas capacidades fantásticas, conseguiria romper a parede?

Concentrando a energia divina da aura nos punhos cerrados, invocou a Ira de Deus, sua técnica mais poderosa, a arma fundamental dos querubins, a mesma divindade que usara em duelo contra o terrífico Apollyon, no Castelo da Luz.

Esmurrou a tubulação, e o metal não suportou. Uma fissura correu para cima, e a água começou a jorrar, cada vez mais intensa. A pressão, por si só, terminaria o serviço, e a natureza vingaria seu cárcere.

As rachaduras se alastraram, as vigas ruíram, e a torre entrou em colapso. O celeste saiu voando dali, esquivando-se das pedras cadentes, desviando-se das pilastras tombadas e escapando da força da água que inundava os escombros.

Quando, enfim, cruzou o portal de saída, a torre já estava em destroços. O canal subterrâneo cuspia seu leito, como um chafariz colossal, alagando ruas e becos, imergindo terraços e jardins. Ablon ascendeu ao topo do zigurate e em pleno voo retirou a espada do ombro do rei, que de tão consternado não se moveu. Continuou a fitar sua torre, autista, lacrimejante, desconcertado pela destruição, inconsolável pelo fracasso.

Sem pousar, o renegado recolheu sua arma. Agarrou Shamira com um braço e com o outro apanhou o cadáver da guerreira Ishtar. Subiram alto, muito alto, aproveitando o revolver do ciclone, e de lá assistiram à queda da torre maldita, quando desabou a última laje. A água invadiu as casas, as avenidas, as praças, arrebentou os muros e engoliu o palácio.

Nada sobrou.

A tempestade de areia chegou logo depois e varreu a capital, enterrando a cidade no coração do deserto.

Babel estava morta.

Séculos mais tarde, outras cidades da Babilônia surgiriam. Seriam os gloriosos tempos de Hamurabi, de Nabucodonosor e de muitos outros. No entanto, a verdadeira Babel, a Babel de Nimrod e Cush, a Babel lendária, foi sepultada no último dia daquele verão do ano de 2334 a.C.

E foi assim que tudo aconteceu.

Viver para Sempre

— Você tem comida e água para muitos dias nesta mochila — disse Ablon, entregando à moça uma

bolsa de couro revestida com peles, que ele mesmo fizera nos dias de reclusão na caverna. As asas rajadas estavam recolhidas de novo, imperceptíveis sob a musculatura do dorso.

O anjo e a feiticeira tinham parado um minuto, no decurso de uma trilha estreita que circulava a encosta de uma montanha altíssima. À esquerda nascia um paredão, todo de rocha, que se aplainava antes da base, formando uma senda, e à direita a vereda se abria numa vala profunda, entre duas pedras gigantes, e descia às profundezas do solo. Grandes elevações eram comuns naquela região do deserto, e assim elas continuavam, por muitas milhas, até onde as colinas encontravam o planalto de dunas.

— Então, esta é a despedida final? — instigou a feiticeira, charmosa. Ficava mais linda ao sol da manhã, quando os raios vermelhos coloriam-lhe a pele. Estavam felizes, os dois, apesar da separação. Haviam feito o certo, seguido seus valores e rejeitado o abismo das trevas.

— O mundo não é tão grande assim — ele brincou, também sedutor.

— Não demore muito. O tempo é implacável com os seres humanos. Logo estarei tão velha que meus olhos não reconhecerão seu rosto. E este o fado dos homens.

— Eu sei. Apesar de minha origem celeste, hoje me considero humano — confessou e virou os olhos à moça. — Foi você que me fez assim, Shamira. Você fez com que eu desvendasse minha própria humanidade, e me ajudou a entender o que é ser carne.

Ela sorriu, ruborizada, e desviou o olhar.

Então, o general tomou uma ação inesperada. Sacou da bainha a Vingadora Sagrada e contemplou sua folha brilhante, como quem dá adeus a um amigo.

— Não sou mais um celestial, feiticeira, a despeito de minha força divina. O querubim que havia em mim morreu com a devastação de Babel. E é preciso saber onde um mundo acaba e o outro começa.

E assim, Ablon girou a arma sobre a cabeça, cortando o ar em arcos redondos, e arremessou pelo meio da vala. A lâmina desceu rolando o precipício e encontrou jazigo na fundura da terra.

A espada não vive sem o querubim, e o querubim não vive sem sua espada.

— A Vingadora Sagrada era a única coisa que me remetia a meus antecedentes primevos — explicou o general. — Vou tentar viver como homem, Shamira. É assiim que deve ser daqui para frente. Não quero me tornar um anjo amargurado e vingativo. Devo me libertar de todo o ódio que carrego.

A mulher o abraçou, e ele a envolveu.

— Assim como eu, você vive à margem dos dois mundos, renegado. Esse é o nosso legado. É a nossa sentença.

Ficaram ali por um longo tempo, debaixo do sol ascendente. Era o princípio do outono, e a brisa trouxe de longe o cheiro salgado do mar. Um falcão rasgou o firmamento e, no chão, ratos selvagens cavavam sua toca.

— Para onde pretende ir agora? — quis saber o guerreiro.

— Ouvi dizer que há um sábio necromante que vive além do Sinai e conhece encantamentos capazes de driblar até mesmo a morte. Quem sabe ainda possamos nos encontrar mais algumas vezes ao longo da história?

— Quem sabe... — ele respondeu, e beijou-lhe a testa.

A mulher seguiu seu caminho a passos largos e dobrou a falda do morro. Antes que sumisse pela orla da rocha, Ablon a mirou a distância e murmurou baixinho:

— Que Deus a acompanhe, Feiticeira de En-Dor.

Alguns meses depois, Shamira alcançou o Egito e conheceu o mestre Dra-kali-Toth, que foi seu grande professor na arte da mágica. Ele a ensinou a roubar a energia dos espíritos maléficos e assim conservar a própria vitalidade por séculos infinitos.

Ablon construiu um túmulo para Ishtar na caverna, no topo da montanha de Mashu, e lacrou a sepultura para nunca mais reabri-la.

Adnari guiou os escravos com segurança para fora de Babel e os liderou, fundando uma nova civilização. Morreu muito velha, aos 130 anos, e até hoje os místicos a conhecem como a maior maga de seu tempo.

3-Outono Tropical

O boeing 747 em que shamira viajava decolará de Bagdá às 23h48 — atrasado, como é de praxe. Dessa vez, a culpa não era dos funcionários da companhia aérea. Em sua trajetória, o avião sobrevoaria Israel, cujo espaço aéreo vinha sendo interditado duas ou três vezes ao dia, em virtude das invasões de jatos árabes de reconhecimento — provenientes principalmente da Síria e do Líbano. Sempre que isso acontecia, caças eram acionados para patrulhar a área, e o clima de tensão aumentava. Pela primeira vez desde a Guerra dos Seis Dias, havia a ameaça de um conflito generalizado no Oriente Médio. Os países árabes ocupados pelos Estados Unidos se insurgiam, e as nações muçulmanas livres firmavam aliança contra a Liga de Berlim, o bloco ocidental encabeçado pelos EUA e pela Europa. Em Jerusalém, o número de atentados terroristas também crescera em igual proporção das agressões do exército israelense aos territórios palestinos. A única coisa segundo os especialistas, garantia a integridade da Terra Santa era o fato de estar localizada em solo sagrado para as três religiões — caso contrário, diziam os mais pessimistas, já teria sofrido um ataque atômico.

A aeronave foi sacudida por uma turbulência inesperada, logo após sobrevoar o mar Morto. A velhinha sentada ao lado de Shamira agarrou-se à poltrona e beijou o crucifixo. Era uma senhora simpática, com mais de 70 anos, que passara a maior parte do tempo discursando sobre a vida dos cristãos no Iraque, mas que agora só proferia orações. O comandante informara, pelo amplificador, que as sacudidelas a bordo eram resultantes de uma corrente de ar, mas a feiticeira conhecia bem a região e sabia que aquilo nada tinha a ver com o clima. Segundos depois, os bebes começaram a chorar, e as mães, impacientes, não conseguiram acalmá-los. Mesmo ciente das implicações místicas da situação, a necromante manteve a calma e pousou seu computador portátil sobre a mesinha. Tentou ligar o aparelho, mas a bateria falhou, sinal de que o tecido da realidade estava sendo abalado. A agitação que vinha sentindo no plano astral chegou ao ápice quando passaram por Jerusalém, que há milênios tem sido uma área em que a atividade espiritual é intensa.

Dez minutos depois tudo se acalmou e as crianças calaram o berreiro. O voo seguiu tranquilo pelo Mediterrâneo e fez escalas em Atenas e Madri, antes de cruzar o oceano Atlântico em direção ao Rio de Janeiro, o destino final. Quando desceram na Espanha, o avião superlotou. A senhora idosa suspirou aliviada, agradeceu a Deus por ter chegado com segurança e se despediu de Shamira, distribuindo graças. O assento vazio foi ocupado por um homem de meia-idade, de pele clara e cabelo grisalho, vestido com um terno cinzento — um tipo *blasé* e um tanto arrogante.

O pessoal da tripulação serviu o jantar, e depois as luzes no interior do avião diminuíram de intensidade. A feiticeira não dormiu. Ligou a lâmpada pessoal da poltrona e passou a noite toda compenetrada no *laptop,* estudando e anotando tudo o que podia sobre o conflito mundial que se aproximava. Ao lado do micro, deixou aberto um exemplar da Bíblia em Apocalipse 5,6, onde se lia: "A abertura dos seis primeiros selos". Tentou estabelecer alguma conexão entre a situação política e o livro sagrado, mas não achou nada concreto. A maioria das coisas descritas ali não passava de metáforas e alegorias que podiam ser interpretadas de muitas maneiras. Sentiu-se frustrada e, quando o sol nasceu na imensidão do oceano, parou de trabalhar e cochilou por meia hora. Foi despertada pela comissária de bordo, que a sacudiu no assento.

— Jornal, revista ou um fone de ouvido? — ofereceu a aeromoça, alinhada em uma camisa de seda branca, fechada por uma jaqueta de linho azul.

— Não... obrigada — respondeu Shamira, ainda desnorteada pelo cansaço. — Só uma xícara de café, por favor.

Depois de se recompor, a Feiticeira de En-Dor reparou no relógio.

14h11. 12° dia de março. Princípio do outono no hemisfério sul. Então, quando a visão clareou, esticou o pescoço e identificou a chamada principal do jornal, nas mãos de seu vizinho de banco, que dizia o seguinte:

"Liga de Berlim lança ofensiva na Turquia". E continuava: "Aliança Oriental admite usar armas nucleares para defender seus domínios".

O avião voltou a tremer, mas agora a vibração era puramente mecânica — o trem de pouso estava sendo acionado. Ouviu o som agudo das turbinas chupando golfadas de ar, e então veio o aviso pelo alto-falante:

— Atenção, tripulação, preparar para o pouso. Temperatura local 35 graus.

Shamira não teve problemas com a liberação da bagagem na alfândega, a despeito de todos os objetos estranhos que trazia consigo e da espada enferrujada que desencavara no Iraque. Tinha autorização internacional para transportar artefatos antigos, emitida por uma dúzia de universidades de arqueologia ao redor do planeta. Era uma cientista, para todos os efeitos, um disfarce deveras irônico para uma feiticeira. Mas era eficiente. Diferentemente de Ablon, que tentatava conservar ao máximo seu anacronismo, mantendo-se à margem da sociedade mortal, a necromante estava sempre informada sobre as novas tecnologias e usava isso a seu favor. Frequentava, abertamente, lugares públicos os mais variados, desde faculdades a danceterias, com objetivo puramente didático. Cada vez mais se surpreendia com a capacidade mutável do homem, com habilidade de criar, inovar e se adaptar às situações mais inusitadas. Chegou à conclusão de que, não importava quanto vivesse, sempre se espantaria com a mente inconstante e a alma apaixonada dos seres humanos.

Deixou a seção alfandegária por uma porta dupla, automática, que se abria em um amplo salão, com colunas inclinadas de metal que sustentaram um teto vidro. À sua frente, separada por uma armação de correntes, uma pequena multidão se aglomerava, à espera dos passageiros. Agentes de turismo seguravam placas de identificação, e familiares aguardavam parentes.

Já passava das quinze horas, e o sol da tarde entrava oblíquo pelo teto envidraçado, que se dobrava em uma parede também transparente. Lá fora, a rua asfaltada protagonizava a agitação característica dos aeroportos, com seu trânsito habitual de carros comerciais, ônibus públicos e furgões de hotel.

O desembarque foi às 14h37, mas Shamira gastara pelo menos vinte minutos enchendo documentos de liberação e esperando pelas malas na esteira. Agora, livre da burocracia, olhou ao redor, à procura do Anjo Renegado, mas não o avistou em parte alguma. Temores terríveis percorreram-lhe a mente, sobre a possibilidade de o fugitivo ter sido finalmente encontrado... e quem sabe morto? Mas logo lembrou que, como pária, Ablon aprendera a assumir uma postura discreta, e por isso, incrivelmente, às vezes os seres humanos simplesmente não o enxergavam. No início era intencional, mas agora acontecia quase sempre, e o querubim nem precisava mais se esforçar para sumir no cenário.

A feiticeira aprimorou a mirada e o localizou, imóvel ao lado de uma das colunas de aço. Já fazia mais de um século que não o via, mas ele nada mudara, à exceção das roupas escuras. Os raios vespertinos, já enfraquecidos, davam um tom dourado a seus loiros cabelos. O olhar era o mesmo: expressivo, determinado, temerário. E a expressão era de inegável satisfação por reencontrar a única pessoa em todo o mundo com quem se preocupava realmente.

Ablon esboçou um sorriso — afável, acolhedor. Shamira chegou perto dele e pousou as malas no chão, sobre o mármore escuro. Por um longo momento, apenas o contemplou, em silêncio. O rosto da moça era uma máscara de incredulidade, mas também de alívio. Um minuto depois, então, ela o abraçou,

emocionada.

— É você mesmo? Nem parece verdade — constatou, reconfortada. — É difícil acreditar que esteja vivo.

Ele voltou a sorrir.

— Vai ficando mais fácil. Se eu estivesse morto, você já saberia.

— É provável. Do jeito que as coisas vão no mundo espiritual, não me admiraria se recebesse notícias desencontradas a seu respeito.

Ablon pegou as duas malas no piso — uma de mão, e a outra, maior — e as carregou para fora. Os dois cruzaram o saguão e saíram pela porta automática.

— Realmente — ele concordou. — O céu e o inferno estão se preparando para a guerra. É por isso que os espíritos estão tão agitados. O tecido da realidade está prestes a se romper.

— O Armagedon! Então é verdade. Finalmente o Dia do Juízo Final se aproxima — ela achou graça nas próprias palavras. — Olha só para mim, até pareço um daqueles profetas falando.

— Eles tiveram o seu valor — comentou o renegado, nostálgico.

Saíram para a calçada e sentiram o calor escaldante do outono tropical. A rua fervilhava com o barulho de motores, buzinas e arrancadas.

— E o que você tem a ver com tudo isso... digo, com o fim do mundo? Pensei que tivesse decidido não tomar parte na política celeste.

— Agora é diferente. Parece que o porão quer fazer um acordo comigo.

— Foi por isso que me chamou aqui, não foi?

— Preciso da proteção de seus encantamentos.

— Pensei que tivesse dito que as coisas estavam mais fáceis — replicou a mulher, explicitando sua preocupação com o Anjo Renegado.

— Os dois lados estão mobilizando suas tropas, concluindo alianças, acertando tudo para a batalha final. Ninguém está mais preocupado em me caçar. Pela primeira vez desde o expurgo, sinto-me seguro. Os anjos e demônios têm suas próprias preocupações.

— Mesmo assim... acho que não custa você dormir com um dos olhos aberto — advertiu, como força de expressão.

— Eu nunca durmo — ele respondeu, espontâneo. Shamira era uma mulher precavida. Tinha aprendido isso com o próprio general renegado.

No final da calçada, chegaram ao local onde Ablon estacionara sua motocicleta. Tinha a cor negro-metálica, pneus grossos e foscos, e rodas e guidão cromados. O assento de couro era longo, fazendo uma lombada para o carona, soldo ainda espaço para a bagagem.

— Um transporte nada usual para uma dama — reparou a feiticeira, descontraída.

— Mas bem de acordo com um renegado — replicou o guerreiro, no mesmo informal.

O Ultimo Anjo Renegado

O anjo e a feiticeira passaram no Hotel Montenegro, a fim de descarregar a bagagem, e depois seguiram para um lugar mais arejado. Shamira nunca tinha viajado ao Rio de Janeiro, só conhecia a metrópole por fotos e filmes, por isso convenceu o renegado a levá-la para perto do mar, onde ele revelaria seus planos. A cidade, litorânea e acidentada, é quente durante todo o ano, e o clima esfria muito pouco, mesmo ao cair do crepúsculo — um ambiente totalmente diferente do deserto iraquiano, com suas noites geladas e madrugadas insuportáveis.

Por volta das 17h30, pouco antes do início da hora do *rush,* a motocicleta cou o centro e manobrou entre os carros em direção à zona sul, alcançando o litoral. Ablon e Shamira percorreram a avenida à beira-mar até o fim, onde a pista para automóveis contínua, circundando a encosta de uma montanha rochosa. No meio do caminho há um ponto turístico, um mirante belíssimo próximo à falda, que exibe uma das mais belas paisagens do mundo. Daquele local avistaram toda a praia do Leblon e de Ipanema, que, juntas, formam uma enseada, com sua faixa de areia terminando em um calçadão de pedras portuguesas. Além da calçada está o asfalto, e em seguida inúmeros prédios altos com sacadas de vidro e coberturas milionárias erguem-se como gigantes de concreto. Partindo da orla, em direção ao oeste, o terreno vai aos poucos se inclinando para cima, dando aos observadores a falsa impressão de que a cidade está apoiada em solo plano. É aí que fica grande parte da área urbana.

No extremo oeste, o horizonte é recortado por uma cadeia de morros verdes, sobre os quais estão fixas inúmeras antenas de transmissão de rádio e TV. O ponto mais alto desse maciço montanhoso é uma saliência afinada chamada de Pico do Corcovado, coroada pela impressionante estátua do Cristo Redentor, com os braços abertos.

Ablon parou a motocicleta em uma pequena área de estacionamento ao redor do mirante. Shamira não se conteve e caminhou até a mureta de pedra. Dez metros abaixo, as ondas do mar se chocavam contra a falésia, lançando respingos, e a feiticeira ficou ali por alguns instantes, tranquila, contemplando o espetáculo marinho. O renegado chegou logo depois trazendo uma garrafa de água mineral, que tinha comprado em um quiosque. Ele sabia que a necromante ainda guardava necessidades humanas, mesmo que já tivesse aprendido a evitar a própria morte. Ela olhou toda a paisagem, até que sua vista foi parar lá longe, onde o Cristo Redentor se erguia imponente.

— Agora entendo por que você escolheu esta cidade para esperar o Dia do Ajuste de Contas.

— Parece sugestivo, não? — concordou o general, desviando a visão à estátua. — Mas não é isso. Eu tenho a impressão de que, quando tudo começar a ruir, este será o último lugar a desaparecer. O Brasil é um dos chamados países neutros, um dos Estados fora da linha de conflito entre a Liga de Berlim e a Aliança Oriental.

—Acho que perdi alguma coisa... — replicou a feiticeira, sem entender muito bem.

— Não sei como será o fim do mundo. Não acredito que estrelas cairão do céu, ou que a lua se transformará em sangue. O que essas profecias nos indicam são sinais. E esses sinais são evidentes.

Shamira encarou Ablon, séria.

— Você acha que o Apocalipse se aproxima?

— Ele já começou. Não há dúvida. Os quatro cavaleiros iniciaram sua marcha.

— Guerra, fome, doenças... já vimos isso antes. O que o faz pensar que agora é diferente?

Ele deslizou o olhar pelos morros. Feixes de sol cortavam as nuvens, colorindo as encostas verdejantes. Era um raro momento de paz, que em muito lembrava os tempos antigos. Era triste pensar que tudo aquilo — a terra, o céu, os oceanos — acabaria em breve.

— A humanidade está corrompida, Shamira — e ao dizer isso a expressão do renegado era muito mais de frustração do que de melancolia. — No coração dos homens, a esperança foi suplantada pelo ódio.

— Mas não em todos eles.

— Como sempre, poucos pagarão pelos erros de muitos. Foi assim no dilúvio, que destruiu Enoque e Atlântida. Foi assim em Sodoma e Gomorra. E será asssim no Armagedon. Aconteceria mais cedo ou mais tarde. A Roda do Tempo não pode ser contida. Somente o próprio Deus tem poder para movê-la. E, como sabemos, ele se encontra ausente por ora.

— A Roda do Tempo... — murmurou a necromante, como se estivesse buscando algo guardado lá no fundo da mente. — Você me falou dela uma vez.

— A Roda do Tempo é um artefato divino. Foi criada por Yahweh com o objetivo de marcar a continuidade do sétimo dia. Quando seu ciclo chegar ao o sétimo dia também estará terminado. O Altíssimo acordará, e o tecido da realidade cairá por completo. Os dois mundos, o físico e o espiritual, se tornarão um só, e esse será também o princípio do reino de Deus.

Shamira escutava em silêncio, compenetrada.

— É isso o que nos conta o manuscrito sagrado dos malakins — continuou o general. — Mas ele não diz que o fim dos dias será precedido por episódios cruéis e sangrentos. Foram os humanos que profetizaram o Apocalipse dessa forma. Eu, particularmente, sempre acreditei no contrário. Sempre achei que despertaria quando os terrenos tivessem alcançado a plenitude, quando a paz reinasse absoluta. Foi assim que eu sempre quis que acontecesse. Mas, depois de tanto tempo na terra, deixei de me iludir e entendi que a salvação da alma é uma dádiva para poucos.

Ablon parou de falar e respirou fundo, apreciando o cheiro agradável do mar. A lua nascia no leste, parecendo emergir do oceano. Sua luz formava uma trilha ida que começava no horizonte e só terminava na arrebentação, perto da praia. A mente da feiticeira fervilhava com tanta informação, mas ela continuou calada, digerindo as palavras sinceras.

— Você se lembra de quando a conheci? — ele falou, de repente, — Certa vez lhe contei sobre o livre-arbítrio e disse que esse era o prémio máximo concedido por Deus aos mortais.

— Sim... — respondeu a mulher, simplesmente.

— Não acho que precisava ter sido assim. Foram os terrenos que escolheram caminho, eles fizeram o seu mundo. Decidiram pela trilha da morte e se iram na própria luxúria. Mas... — repensou — não falo isso como inquisidor, tampouco como juiz. Não sou e nunca fui um modelo a ser seguido. Também já cometi muitos erros.

Ao dizer isso, ele a encarou com os olhos cinzentos e prosseguiu com ternura:

— Lembro que uma vez estive às portas da corrupção. Mas, no instante mais negro, tive alguém que me

resgatou das trevas.

— Eu apenas lhe apresentei as opções. Você fez sua escolha.

— Sim. Nem todos tiveram a chance que eu tive. Nem todos tiveram alguém para indicar-lhes o caminho. É por isso que eu não os julgo. Às vezes penso que eu mesmo tenho uma parcela de culpa nisso. Poderia ter feito mais. Poderia ter ajudado a humanidade, em vez de ter caminhado pelas sombras do mundo, tentando reconstituir a irmandade. Mas lamentos não mudarão nada. O que está feito está feito.

A noite ia chegando, sorrateira. A maré encolheu, e as ondas recuaram na areia.

— Muito bem — falou Shamira, quebrando a tensão da conversa. — Então, o que o Anjo Renegado quer de mim? Você falou em um acordo.

— Lúcifer mandou Orion me trazer uma mensagem. Parece que a Estrela da Manhã quer que eu me junte às suas fileiras nesta guerra final.

— Então, por que precisa de mim? A proteçáo do Arcanjo Sombrio não é suficiente?

— A verdadeira proteçáo que eu preciso é *contra* ele. Lúcifer já me traiu uma vez. Não pretendo aceitar sua proposta, mas estou curioso para ouvir o que ele tem a me dizer. Por isso decidi ir visitá-lo no inferno.

— Olhe lá o que você vai fazer... — ela advertiu. — Lembra-se da última vez que solicitou minha magia para esse tipo de coisa?

— Eu nunca esqueci. Meu corpo ainda dói pelas queimaduras. Aquilo foi imprudente. Mas os tempos eram outros. Eu era caçado naquela época, e havia uma recompensa pela minha cabeça. Além disso, eu invadi levianamente os limites proibidos. Era natural que os súditos de Lúcifer esperassem dele uma atitude impiedosa. Agora, entretanto, fui convidado.

Os argumentos do renegado eram convincentes, e Shamíra concordava com eles. Todavia, continuava preferindo que Ablon não empreendesse aquela jornada. Levantou-se da mureta de pedra e, pensativa, andou um pouco, pesquisando, mentalmente, os encantamentos que guardava na manga. Sim, ela possuía alguns rituais que poderiam ser úteis.

— Uma viagem ao inferno... — encolheu os lábios, raciocinando. — Você conhece os perigos. Uma vez lá estará vulnerável.

— Estou disposto a correr o risco.

— Conheço alguns feitiços que podem lhe dar uma proteção limitada. Mas, se eles quiserem acabar com você, nem todo o meu poder poderá preservá-lo.

— Prefiro pensar na sua magia como uma precaução. Não creio que o Arcanjo Sombrio e suas hordas desejem mesmo me matar. Não desta vez.

A necromante ainda tinha suas dúvidas.

— Por que você confia tanto nisso?

— Orion. Ele pareceu estar falando a verdade, e nele eu confio. Além disso, se Lúcifer está às portas da guerra, é bem provável que queira mesmo minha ajuda. Seria prático para ele me usar como símbolo, afinal sempre fui o ícone da resistência.

— Isso contraria um pouco toda a propaganda que ele fez em prol da caça aos renegados, não acha? O Diabo pôs em vocês toda a culpa por sua queda. Você mesmo me disse isso há muito tempo.

— Sim, mas a Estrela da Manhã sabe muito bem como moldar as situações a seu favor. É o maior mestre da persuasão que existe. É capaz de transformar até o pior inimigo em mártir. Se você o tivesse conhecido, saberia do que estou falando. Tem a língua afiada como cobra e a inteligência de mil estrategistas. Não foi à toa que arrastou um terço dos alados à sua rebelião contra o arcanjo Miguel.

— Orion... o Rei Caído de Atlântida — ponderou a feiticeira. — Sim, você tem motivos para confiar nele. Mas será que o próprio satanis não está sendo vítima das persuasões de seu mestre? — Os satanis constituem a ordem mais nobre de demônios, equivalentes aos celestiais serafins.

— Talvez. Mas, como eu disse antes, é um risco que estou disposto a correr. Depois de tantos séculos, enfim me sinto pronto para qualquer desafio. Sinto-me preparado para enfrentar Miguel em combate e depois apresentar armas diante de Deus. Mas só poderei chamar o Príncipe dos Anjos ao duelo quando o tecido da realidade cair. Por enquanto, minha maldição me prende ao mundo físico. Então, só me resta aguardar. Aguardar até que todos os Selos do Apocalipse estejam abertos e a membrana tenha se desmantelado.

A lua, por fim, subiu reta ao céu, e os carros na avenida reduziram seu fluxo. As janelas dos edifícios brilhavam, e as antenas de TV balançavam ao vento.

— Somos tudo o que resta de uma época que se perdeu no esquecimento, varrida pela mesma tempestade que devastou a velha Babel — declarou a mulher, saudosa. — Vou ajudá-lo, general. Eu lhe devo isso, e muito mais... Sempre lhe deverei alguma coisa. Mas não concordo com isso. Acho que sou egoísta, no fundo... Não quero perdê-lo.

—Você sempre espera pelo pior... e de certa forma eu também. É nosso jeito de reagir ao desconhecido, ao futuro imprevisível. Mas já escapei da morte muitas vezes, e penso que posso fazê-lo uma última vez.

— Mas e se não conseguir?

— Você mesma já disse que nossa era acabou. Estamos vivendo além de nosso tempo. E já fui muito mais longe do que deveria ir. Sou o último anjo renegado. E sobre mim pesa a tarefa daqueles que, um dia, resolveram aceitar os meus ideais. Não posso decepcioná-los, feiticeira.

Não pode, de fato — pensou a necromante. *Você nunca os esqueceu nem abandonou aqueles de quem gosta. Salvou minha vida e me defendeu, muitas vezes. Depois, venceu espíritos, bruxos, assassinos e caçadores. Escapou do inferno e derrotou a inveja de seus inimigos. Agora, caminha para sua rota final, para a mais terrível das guerras, para a convergência derradeira de todas as suas virtudes.*

Sim, Shamira iria ajudá-lo. E o faria com orgulho.

Interlúdio Noturno

Ablon e Shamira voltaram ao Hotel Montenegro pouco depois do cair da noite. O senhorio estava embriagado e teve de se esforçar para cumprimentar os hóspedes com um aceno de mão. Murmurou

algumas palavras, todas sem coerência, e voltou a cochilar no balcão.

Subiram para o quarto e se acomodaram no aposento. Instantes depois, uma tempestade engoliu a cidade, formando caminhos de água no vidro da janela.: Não havia camas por ali, mas a feiticeira improvisou um colchão com cobertor e pedaços de lona. Quando finalmente esticou o corpo, reparou na própria exaustão e se lembrou de que já não dormia havia quase dois dias.

Ela se deitou, fechou os olhos e procurou relaxar. Antes, porém, percebeu Ablon sentado à mesa, na penumbra, lendo alguns pergaminhos antigos, e sentiu uma sensação agradável, que não provava havia muito tempo. Era como estar de volta à caverna, quando adormecia sob a proteção do renegado, sempre gado, sempre atento a qualquer invasão. Estava segura e certa de que, enquant aqueles olhos cinzentos a vigiassem, nada de ruim lhe aconteceria.

Pegou no sono.

Acordou lá pela meia-noite. Ainda chovia. Ablon estava de pé, em silêncio colado à janela, examinando com o olhar a quietude da rua, os postes de luz, o telhado dos prédios. Ela conhecia aquela expressão afiada, de águia no ninho, e temeu pelo pior.

— O que houve? — perguntou, em sussurros.

— Shhhhh... — sinalizou o anjo, indicando que não fizesse barulho. O sangue da necromante gelou ante a suposta ameaça.

Passaram-se uns três minutos, até que Ablon relaxou a postura, afastando-se da vidraça. Agia como se tivesse captado um falso alarme. A tensão se dissolveu e Shamira perguntou novamente:

— O que aconteceu?

— Nada. Está tudo bem. Eu só tive a impressão de que... Só achei que...

— O quê? — cortou a feiticeira.

— Nada. Não há de ser nada. Volte a dormir.

Ela insistiu mais um pouco.

—Talvez um anjo caçador ou um demônio vingativo? — e usou um tom mais descontraído, para esconder de si mesma o próprio nervosismo.

— Não. Se alguma entidade estivesse por perto, eu já teria percebido as vibrações de sua aura.

As pálpebras de Shamira pesavam. Se não estivesse tão cansada, teria voltado assunto, mas o letargo a dominou. Dormiu tranquilamente e não voltou a despertar.

O Ritual de Proteção

Shamira passou toda a manhã lançando encantos invisíveis e executando pequenos rituais no interior do apartamento de Ablon. O objetivo era converter o antigo depósito em um santuário. Um santuário é, por definição, uma área atada no plano físico onde o tecido da realidade é muito fino, quase nulo. A suavidade da membrana, em um santuário, permite que ela se rasgue mais facilmentc, e o resultado prático disso é que os efeitos sobrenaturais, no ponto afetado, são produzidos com muito mais eficácia. Há muitas maneiras de criar um santuário. Cada tradição mágica, seita ou religião tem os próprios métodos para isso. A trilha da necromancia, em particular, vale-se de objetos místicos e fcrmulas mágicas para remodelar o tecido. Os encantamentos preliminares estavam contidos em um livro muito antigo, com capa de couro e folhas de papiro, denominado *Grimório de Nippur.* Um preparado lodoso, especial, é usado para delimitar a câmara escolhida — que ali se estendia da porta à janela, abrangendo todo o espaço do quarto.

Há situações, mais raras, em que os santuários são criados sem nenhuma intervenção humana. Isso ocorre com frequência em locais onde santos ou personagens lendários são mortos, ou onde entidades místicas fazem aparições ocasionais.

O tamanho de um santuário é variável. Eles podem ser tão pequenos quantc camarinhas ou tão grandes quanto florestas. Diferentemente do que muitos pensam, esses locais místicos, contudo, podem ser maculados. Há meios intencionais para isso, como a utilização de feitiços profanos, mas a maneira mais comum a simples banalização do lugar. Uma catedral que é demolida, transformada er praça pública, e cuja importância é totalmente esquecida, logo volta ao patamar inicial, e o tecido reverte à consistência normal.

A intenção de Shamira ao criar ali um santuário visava preparar o cômodo para a realização de um ritual realmente poderoso. Teria que ser forte o bastante para proteger Ablon no inferno, pois os demônios raramente são enganados por truques baratos. Resolvera, desta vez, empregar um pouco da antiga magia, a magia esquecida, a magia da velha Enoque, registrada nas páginas do grímório ancião. A execução a deixaria exausta e incapaz de usar suas habilidades místicas por um dia inteiro, mas seria por uma boa causa.

A Feiticeira de En-Dor concluiu as preparações no fim da tarde. Descansou um pouco e se satisfez com a comida chinesa em caixinhas que o renegado comprara. Como sempre, Ablon a acompanhou no jantar, embora não precisasse comer — nenhum anjo precisa. Sentados no assoalho de madeira, despojados, conversaram sobre futilidades, sobre suas viagens ao Oriente, e Shamira relembrou o sabor da autêntica comida chinesa, da época dos mandarins, muito diferente daquele macarrão oleoso.

— Quando vamos começar a cerimônia? — perguntou o general, recolhendo os restos do jantar.

— Vamos esperar pela noite. E nessas horas que o mundo espiritual está mais acessível. E ainda preciso terminar os detalhes.

Depois de levarem o lixo para fora, o anjo e a feiticeira afastaram a escrivaninha e as estantes maiores, criando uma área limpa, um grande espaço vazio. Sobre o velho piso de tábuas, Shamira desenhou um pentagrama, uma estrela de cinco pontas, usando um barro avermelhado antiquíssimo, cuja terra pertencera ao solo de Enoque. A argila, somente, já era carregada de misticismo, em virtude de sua origem lendária.

O pentagrama foi rodeado por inscrições. Em quatro das cinco pontas, a moça posicionou recipientes de cerâmica contendo porções ínfimas dos elementos naturais — um deles estava cheio de terra; o segundo continha água; do terceiro emanava fogo; e o quarto deixava escapar uma fumaça branca. Na quinta ponta, a superior, a necromante fixou um punhal, sua adaga pessoal de encantamento.

O palco estava pronto. O sol havia morrido, sem que eles percebessem, obscurecendo as ruas. O céu estava limpo, sem nuvens, e agora era o brilho da lua ,e não as gotas de chuva, que tingia a vidraça, desenhando formas prateadas no chão.

— Estamos com sorte — avisou a mulher. — É uma noite agitada no mundo espiritual. Acho que vamos conseguir completar o ritual com sucesso. Está preparado?

— Sem problema — replicou o celeste.

Ela pôs de lado suas roupas modernas e vestiu uma túnica simples, de um só corte. Era feita de algodão cru e tinha aparência antiga, mas estava conservada. e pertencera à sua primeira mestra, em Canaã, e manteve-se intacta graças ao preparado Sippar. Em um dos braços apoiava o grimório e com a outra mão gesticulava os dedos.

— O que vamos fazer aqui é tentar invocar dois espíritos maiores. O poder entidades é grande, comparável mesmo à potência dos celestiais. Uma vez invocados, teremos que barganhar um pouco da essência deles, e com ela energizarei o punhal — e apontou para a faca deitada no pavimento. — Só então completar o feitiço.

— Você acha que vai ser fácil convencê-los a entregar sua essência?

— Nunca é fácil. Esses espíritos são muito antigos e com o tempo vão ficando mais arrogantes. Mas já tenho alguma experiência com eles.

— Você é modesta — comentou o general. — O que devo fazer?

— Nada, pelo menos até que eu diga o contrário. Por enquanto, observe, apenas.

Ablon acedeu com a cabeça e a feiticeira começou a lançar um feitiço, Repetiu, em voz alta, a série de runas místicas contidas no livro:

— *Mer Sidi! Mer Kurra! Mer Urulu! Mer Martu! Zi Dingir Anna Kanpa!* — a entonação era estranha e não se assemelhava a nenhuma linguagem conhecida pela humanidade. Fazia parte de um código mágico, um idioma oculto pronunciado apenas pelos feiticeiros.

À medida que a canção prosseguia, Shamira começou a suar. Foi então que algo estranho aconteceu. O brilho da lua, que cortava a janela, foi sumindo aos poucos, até tudo lá fora ser dominado pela mais completa escuridão, um breu terrível, comparável à negritude cósmica.

— O que está acontecendo?

— Uma transferência momentânea para o plano etéreo. Eu estou abrindo a passagem pelos quatro portões. Nós, juntamente com este cómodo, estamos agora atravessando as fronteiras da realidade.

Um frio fantasmagórico inundou o apartamento. Não se via mais nada através da vidraça: os prédios, a lua, os postes de iluminação da calçada... nada, apenas trevas. Era como se o salão tivesse sido atirado aos confins do espaço, inóspito e longínquo. Agora, a única fonte de claridade provinha da tigela com fogo, que ardia numa das pontas do desenho em estrela.

A necromante parou o recital, descansou a cabeça e deitou o pesado tomo de lado, sobre uma caixa comum. O silêncio era absoluto, mas não durou muito tempo.

O general escutou um barulho de madeira quebrando. De repente, as tábuas do chão se arquearam para fora. Uma criatura de odor repugnante forçava o chão para sair, destruindo o assoalho dentro da área demarcada pelo pentagrama. Se não fosse já tão experta, tão acostumada ao universo bizarro, Shamira

teria ficado nauseada pela aparição.

A entidade que emergia das tábuas era um ser monstruoso e disforme. Lembrava uma massa de carne, ora negra, ora esverdeada, com centenas de pequenos olhos espalhados pela superfície do corpo e dezenas de bocas que mordiam o ar. Movimentava-se com lentidão, por meio de pseudópodes gosmentos. O cheiro insuportável vinha da secreção que expelia pela carne, penteada de poros abertos, cheios de pus.

Destemida, a moça caminhou ao circulo mágico, sem avançar para dentro. Encarou a criatura com autoridade. Seu olhar era duro e austero, e a face nada indefesa.

— Bacarata! — assim ela chamou o monstro, em uma linguagem obscura, normalmente usada pelos espíritos corrompidos que vagueiam na fundura do etéreo.

Os múltiplos olhos se fixaram na necromante, e as bocas se abriram, dantescas.

— Feiticeira de En-Dor, mestre da arte da necromancia, conjuradora de muitos espíritos. Bacarata escuta.

Os lábios copiosos se articulavam todos ao mesmo tempo, produzindo uma voz estridente.

— Bacarata, príncipe da matéria. Venho implorar um côndice da sua essência para a realização do feitiço da proteção.

O côndice é um tipo de unidade mística usada para medir a energia espiritual.

A criatura se moveu, cuspindo o odor insalubre.

— E quem receberá o encantamento? — intimou o monstrengo.

— Ablon, o Anjo Renegado, expulso do céu antes mesmo da queda de Lúcifer. O querubim que desafiou a tirania do arcanjo Miguel após a destruição Sodoma.

Quieto, um pouco mais recuado, Ablon teve a impressão de que alguns olhos de Bacarata o observavam, analisando-o dos pés à cabeça. As asas do anjo estavam recolhidas, como sempre, fundidas às costas, imperceptíveis. Mesmo assim, sua sombra na parede mostrava o contorno das asas abertas. Há uma confraria de feiticeiros, os Magos Negros, que busca a energia para seus feitiços na escuridão. Eles costumam dizer que a sombra sempre revela nossa verdadeira natureza.

— A aura dele é poderosa — divagou a entidade, e depois soltou um grunhido ridículo, seguido por um silvo.

— Eu acho — sussurrou o general ao ouvido da necromante — que não vamos conseguir nada desta figura asquerosa. — Ele já começava a ficar impaciente. Os querubins são combatentes e pouco acostumados à diplomacia.

— Paciência — sugeriu a mulher. — A barganha ainda nem começou.

A entidade voltou a rugir, deslizando no pentagrama. Suas palavras eram pouco compreensíveis, muito arranhadas.

— Aura poderosa... Bacarata quer essência do anjo. Essência por essência, essa é a troca.

— Mas essa não é uma troca, Bacarata — desafiou a Feiticeira de En-Dor, lançando um olhar perigoso.

Imediatamente, o espírito emitiu um berro agudo, de ódio, e reconheceu o ardil. O excesso de secreção que saía de seu corpo indicava um estado de raiva, e a criatura avançou em fúria contra a necromante. Mas estacou ao alcançar as do círculo, como se algum muro invisível o prendesse lá dentro. Em um reflexo, o general avançou, deu um passo à frente para proteger a amiga, ela o deteve, indicando que não corria perigo.

— Você está preso no Pentagrama de Bethor, Bacarata, caso ainda não tenha percebido.

Vulnerável e incapaz de ultrapassar a área demarcada, a entidade se contorceu e do corpo jorrou mais um litro da gosma. Cuspiu uma torrente de barulhos infames, amaldiçoando a feiticeira.

— Feiticeira... você queimará no fogo de Xahra quando eu me libertar.

Ela sorriu, maliciosa.

— Não pragueje, "príncipe". Posso resolver deixá-lo aí para sempre — ameaçou, e depois retomou a barganha. — Estou apenas procurando urna solução bilateral — e fez uma pausa para que o espírito se acalmasse. — Você seria capaz de esquecer esse ódio se eu lhe desse uma gota do sangue do renegado?

— Sangue... é só matéria — rosnou a criatura.

— Você é o mestre da matéria. Tenho certeza de que vai encontrar uma utilidade preciosa para o fluido vital. O que estou pedindo é um côndice da sua essência. Em troca eu lhe ofereço a liberdade, e mais o plasma fervente do general fugitivo.

Bacarata não tinha saída. Fora encurralado, trapaceado, enganado por uma feiticeira — um tipo de situação bastante humilhante para um espírito tão influente. Mas, apesar das circunstâncias desfavoráveis, chegou à conclusão de que não perderia tanto ao aceitar a oferta.

Pelos resmungos e movimentos irregulares dos pseudópodes e pela agitação das bocas minúsculas, Shamira entendeu que ele aceitara a permuta, mesmo a contragosto. *E que outra opção ele tinha?*

— Ablon, faça um furo superficial no seu dedo e deixe que uma gota de sangue caia no pentagrama — indicou a necromante, estendendo ao querubim uma agulha enfeitiçada. — Mas não pise dentro do círculo, ou o selo de proteção será quebrado.

O anjo guerreiro fitou a entidade, intrigado, e hesitou em entregar-lhe seu sangue, mas a amiga o confortou.

— Não se preocupe. Ele não tem poder efetívo sobre seu avatar.

Conformado, Ablon pressionou a ponta da agulha e lançou um pingo vermelho ao chão, perto do monstro. Bacarata se retorceu e proferiu um gemido profano, de prazer diabólico, quando provou com a pele o precioso fluido celeste. Quando, enfim, nada mais lhe restava para sugar, o monstrengo escorregou de volta ao buraco, e as tábuas saltadas se endireitaram, como se nunca tivessem sido quebradas.

O punhal acima do pentagrama irrompeu em chamas, mas não derreteu. O fogo era de cor violeta, diferente da ardência normal, e basicamente espiritual. A faca estava energizada, enfim, com a essência da criatura, mas um côndice só ainda não era suficiente.

— Preciso aproveitar que o tecido aínda esta flexível para chamar a próxima entidade — avisou Shamira, endireitando a túnica.

Sem perder muito tempo, a feiticeira caminhou à valise e sacou lá de dentro um pergaminho gravado com fórmulas mágicas. Eram inscrições tão poderosas quanto aquelas do velho grimório, mas o desenho era bem diferente, provavelmente desenvolvido por alguma cultura européia. Os contornos das letras tão retilíneos, e sim mais circulares. Todos os caracteres estavam ligados por curvas, dando a impressão de formarem um único pictograma. A necromante analisou o documento com cuidado e iniciou a leitura.

O espírito demorou a aparecer, e Ablon chegou a pensar que ele não mais viria. Quanto mais evoluído é um ser etéreo, mais distante ele está do universo carnal — e portanto menos acessível. As entidades corrompidas são muito dependentes da energia dos seres humanos, por isso é mais fácil encontrá-las vagando, perdidas além do tecido, do que fixadas em seus domínios singulares. O convidado conseguinte, no entanto, era justamente o oposto.

Para atrair a próxima criatura, Shamira precisou recitar o feitiço várias vezes. Quando já estava exaurida, quase sem forças, uma luminosidade dourada apareceu adiante, flutuando um metro acima do círculo. O espírito veio sob a forma de um belíssimo espectro de luz, que refulgia em tons acobreados. Ao observá-lo, o Anjo Renegado distinguiu braços e pernas e também a cabeça, mas o rosto estava ofuscado, invisível na claridade.

A feiticeira largou o pergaminho, fatigada, e quase caiu de joelhos, mas o renegado a amparou. O esforço exagerado roubara-lhe todo o vigor, e ela precisava respirar, antes de tudo.

Enquanto Shamira se recompunha, a entidade falou. Sua voz era feminina, suave e musical, como a melodia adorável do reino das fadas.

— O que você me traz, feiticeira? — sibilou a imagem. — Um celestial... posso sentir sua aura pulsando. Um querubim... Sexto ciclo. Anjos como ele não costumam visitar o plano físico. O que faz aqui, arauto?

Ablon abriu a boca para responder, mas antes que dissesse palavra a criatura já replicava:

— Você é um anjo renegado, e está preso ao seu avatar. — Se ela já sabia, então por que perguntou? — cochichou o general à necromante.

— Ela não sabia, até ler seus pensamentos. Captou a resposta na ponta da língua, assim que você a formulou em sua mente. Seu nome é Korrigan, deusa celta de grande sabedoria.

O espírito retomou seu discurso. Já entendera, por seus poderes divinatórios, tudo o que Shamira desejava e o objetivo real daquele ritual.

— Os celestiais estão em guerra — começou a divindade, profética. — O Armagedon, como os anjos o chamam, está muito próximo agora. Nós, os espíritos, não queremos a devastação do planeta. É por isso que o mundo espiritual está tão agitado. A minha essência, conforme necessitam, já está no punhal.

E o que mais?, pensou Shamira, certa de que Korrigan poderia escutá-la. *Você não me ajudaria de graça,., Nem os espíritos evoluídos nem os deuses etéreos são tão altruístas. O que quer como barganha?*

— Tudo o que eu quero é a preservação dos dois mundos — manobrou a imagem. — O general renegado... É ele que tem na palma da mão a opção do futuro, a chave para trancar a ganância celeste. Ele impedirá que o Armagedon se complete — determinou.

— Mas esta não é e nunca foi minha intenção — interpelou Ablon. — Quando o Apocalipse terminar, a membrana estará desfiada, e então subirei até as nuvens, para desafiar o tirano Miguel. Deus, em

seguida, acordará e punirá os perversos. Mesmo que eu morra em batalha, o Príncipe dos Anjos será condenado por ter instaurado o horror e desrespeitado a vontade do Pai. O Armagedon é, para mim, a redenção final.

— E como você pode ter tanta certeza de que Yahweh despertará realmente? — propôs a entidade.

— Assim está escrito no Livro da Vida — ele rebateu, automático.

— E alguma vez você já viu esse livro? — instigou, e o celestial ponderou. O Livro da Vida era um tomo místico, dado a Miguel pelo Criador, e que registrava a história do mundo. Ali estaria contida toda a sequência do sétimo dia, da feitura do homem ao Juízo Final. Mas só os arcanjos o acessavam.

O espírito flutuou à borda do pentagrama. Korrigan podia rastrear pensamentos, lembranças e emoções e interpretar seus valores.

— Nem todas as coisas acontecem como projetamos, guerreiro. Agora, neste exato momento, um exército de anjos está deixando o Quinto Céu e se deslocando para a Fortaleza de Sion, no plano etéreo, onde o arcanjo Miguel aguarda o início da grande batalha. Se o Príncipe Celestial vai ser de fato punido pelo Reluzente, não lhe parece estranho que esteja esperando tão ansiosamente pela conclusão desta guerra? Qual seria o interesse dele em promover o Armagedon?

O Anjo Renegado engoliu seu protesto e ficou em silêncio, preocupado, divindade celta propusera uma questão complicada — e extremamente releva te. Como ele fora cego por, durante séculos, nunca ter raciocinado sobre isso!

E o que mais você vê, espírito?, pensou o querubim. *O que mais pode nos velar sobre os planos além?*

— Tudo o que vejo é o crepúsculo dos tempos, uma terra arrasada, destruída por humanos e anjos. Vejo um impasse, o mais fundamental dos dilemas.

Quando muitos já tiverem morrido, e só as cinzas cobrirem a face da terra, você terá que resolver uma crise e escolher entre a divindade e a humanidade.

— Não sei se compreendo. Por que a *minha* escolha é tão importante?

— Não saberia dizê-lo, nem acho que deveria. A sua natureza é reta, mas haverá um dia em que você decidirá pelo mundo. É tudo o que sei.

— Eu não esperava por tanta responsabilidade.

— Você sempre foi um rebelde — afirmou a entidade. — Mas viver à margem do mundo é muito mais fácil do que governá-lo. Seu tempo de andarilho findou. Cedo ou tarde, terá de regressar à batalha, aparecer aos inimigos e assumir seu posto. O Apocalipse já começou. O último sinal, o Sétimo Selo, acaba de ser aberto. Agora, apenas as Sete Trombetas nos separam da destruição terminal.

Poucas vezes, mesmo no paraíso, Ablon fora iluminado por tanta argúcia. Agora, estranhamente, o universo ao redor parecia fazer mais sentido, e sua perspectiva sobre muitas coisas começou a mudar. Ele não tinha a capacidade de, sozinho, sem o recurso da mágica, penetrar no plano etéreo, e não tinha a menor idéia do que lá acontecia. Mas o espírito trouxera informações preciosas sobre o movimento das tropas celestes.

O som musical terminou e, abruptamente, a luz sobrenatural apagou. O etéreo de Korrigan se desfez, sumindo do pentagrama. Durante algum tempo, Shamira e Ablon ficaram quietos, estupefatos, ainda não percebendo a importância de tudo o que tinham escutado.

A janela do apartamento acendeu, refletindo a luminosidade mundana dos postes elétricos e trazendo-os de volta à realidade comum. O contorno dos prédios se destacou na paisagem, e uma sirene ao longe confirmou o regresso.

— Estamos de volta? — perguntou o renegado.

— Ao plano material? Sim.

— E o encantamento? Foi concluído?

— Não. Ainda não. Usarei o punhal energizado para lançar o feitiço.

Dali em diante, a feiticeira sabia bem o que fazer. A parte difícil já fora. É verdade que nunca tinha testado antes esse ritual, mas a maioria dos encantamentos complexos é efetuada poucas vezes, especialmente nos dias de hoje, em que há tão poucos feiticeiros no mundo.

Shamira buscou o punhal, na ponta superior do selo, e o tomou entre os dedos. Depois, rodou nos calcanhares e voltou à presença do anjo.

— Estenda o braço. Isso vai doer um pouco.

Ele esticou o braço direito. Compenetrada, a mulher usou a adaga para marcar uma runa

mágica na parte inferior do antebraço do amigo. A lâmina queimou ao toque da pele, deixando escapar uma fumaça escura e produzindo uma cicatriz pequenina, que delineava a inscrição.

— Isso dói mais do que um ferimento normal — constatou o general, provando a aflição da furada.

— A adaga está encantada. O corte está atingindo não só sua carcaça física, mas também seu corpo espiritual. Carne e espírito estão sendo afètados — e afastou a lâmina. —Agora, mostre-me o outro braço.

O querubim estendeu o antebraço esquerdo, e Sharnira inscreveu nele uma segunda runa, diferente da primeira, mas seguindo padrões iconográficos semelhantes. Certamente pertenciam ao mesmo código mágico. Há centenas deles. Praticamente cada cultura humana com tradições místicas tem seu alfabeto oculto.

A feiticeira terminou de marcar a última runa e respirou fundo, esgotada. Largou a faca, e a arma perdeu o brilho. A energia dos espíritos fora consumida, e o feitiço, fechado. Os elementos naturais dentro dos potes de cerâmica não mais existiam, levados pela força da bruxaria. O barro vermelho secou, e todas as fórmulas mágicas desenhadas no círculo estavam, agora, borradas ou ilegíveis.

— O feitiço está completo — anunciou a mulher, ofegante. Alguns rituais demandam energia demais, e esse estava no topo da lista.

Ablon olhou para as queimaduras em ambos os braços. Sentia na própria pele o poder das inscrições, mas não compreendia sua utilidade.

— Esses ferimentos serão cicatrizados no mesmo ritmo dos de um humano normal — avisou a feiticeira. — Infelizmente, você não poderá utilizar seus poderes angélicos para regenerá-los. Depois disso, restará apenas uma marca escura, como uma tatuagem, que permanecerá gravada em seu corpo até que a runa entre em ação.

— E qual é o poder dessas runas?

— Cada uma delas tem sua função. A primeira, gravada no braço direito, é a runa do corpo. Ela irá poupá-lo de um ferimento mortal.

— Se eu for morto, ela me trará de volta?

— Sim, mas só funcionará uma vez. Depois disso a runa desaparecerá e você estará novamente vulnerável. De forma semelhante funciona a segunda runa, marcada no braço esquerdo: a runa da mente. Ela preservará sua mente contra qualquer investida psíquica, como esquecimento, tentativa de dominação e leitura de pensamentos. Não importa quão forte seja o poder de seu atacante, a magia o protegerá.

O renegado sorriu. Ficara satisfeito com o resultado do ritual, mas sua principal alegria era ver quanto sua amiga evoluíra, aprendera e se especializara durante todos aqueles anos. Era sem sombra de dúvida a mulher mais fascinante já conhecera, e uma exímia praticante das artes mágicas. Era inteligente e bela, sabia e atraente.

— Acho que estou bem protegido. Esse ritual é muito mais eficiente do que supunha.

— Sim... Mas não se esqueça, cada runa age apenas uma vez, e não mais.

A mágica é a mais complexa de todas as atividades do mundo, a mais estimulante e compensadora. Todavia, anjos e demônios não podem usá-la, portanto nunca a compreenderão realmente.

Um raio dourado entrou pela janela. Um novo dia estava nascendo.

— Já é dia? — estranhou o general. — Pensei que...

— O tempo passa mais depressa no plano etéreo — lembrou a necromante.

— Ah, sim, claro — recordou o guerreiro. — Há muito tempo que eu não deixo a Haled. Os assuntos etéreos me fogem.

Shamira estava arrasada.

— Agora preciso descansar e dormir. Acho que não vou despertar antes do pôr do sol.

Ela cambaleava, e o renegado a acompanhou até a cama. Ficou a seu lado por uns dez minutos e ouviu quando ela sussurrou, antes de apagar finalmente.

— O que você acha que Korrigan quis dizer quando falou que o Sétimo Selo já foi aberto?

A atenção do celeste estava perdida no céu nublado, através da vidraça.

— Ela quis dizer que a guerra começa hoje.

4-Vingadora Sagrada

O*s* quatro dias de espera combinados com orion haviam terminado. Sc o demônio cumprisse sua palavra, estaria esperando por Ablon no princípio da noite, em um ponto específico à sombra da ponte Río-Niterói, uma colossal estrutura de concreto, de treze quilômetros de extensão, que cruza a baía de Guanabara e liga o Rio de Janeiro à cidade vizinha.

A despeito do convite que recebera para encontrar Lúcifer no inferno, o renegado se perguntava como faria para chegar até seu anfitrião. E claro que a Estrela da Manhã já devia ter cuidado disso, mas como? Diferentemente dos outros anjos, que podem se materializar e se desmaterializar à vontade, o general perdera a propriedade de cruzar o tecido da realidade. O Sheol, assim como o paraíso, é um reino espiritual, apesar de não estar sobreposto ao plano material, como estão o astral e o etéreo. Levando em conta essa cosmologia, as chances que Ablon tinha de atravessar a membrana eram limitadas, para não dizer nulas. A forma mais comum de rasgar o tecido é mediante rituais mágicos, como aquele ministrado pela Feiticeira de En-Dor, mas ele não acreditava que Lúcifer ou Orion mantivessem um mago de plantão para uma ocasião tão peculiar. O mais provável é que utilizassem portais dimensionais — portas místicas que ligam uma dimensão a outra —, mas o querubim desconhecia a existência de qualquer um desses pontos de poder naquela região da cidade. Analisando as alternativas, Ablon só conseguia pensar em mais um meio — o rio Styx.

O rio Styx é um mistério até mesmo para os malakins. Ninguém sabe sua origem, sua natureza, ou onde começa e termina. Sabe-se, contudo, que é um rio exclusivamente espiritual, que percorre o etéreo em locais específicos. Suas águas agem da mesma forma que os portais, transportando o viajante para algum reino superior ou inferior. O Styx tem muitas bifurcações e trilhas diferentes, todas memorizadas secretamente pelos barqueiros.

Os barqueiros são seres etéreos de procedência desconhecida. Parecem ser os únicos que conhecem a verdadeira natureza do Styx e suas rotas. Mediante o pagamento adequado, essas entidades sinistras podem levar o forasteiro a qualquer lugar.

Viajar pelo Styx sem ajuda é complicado, muitas vezes fatal. Embora as águas tortuosas do rio não sejam aparentemente nocivas, guardam perigos. De uma para outra, vertentes amenas podem desembocar em corredeiras bravias, tornando o nado impossível. Não obstante, alguns redemoinhos podem sugar os viajantes, e alguns deles são na verdade vórtices que levam a dimensões inexploradas. Além disso, muitas criaturas belicosas se escondem nas profundezas e não hesitam em atacar qualquer um que cruze seu território — muitas vezes em busca de comida. Inúmeros anjos, demônios e deuses encontraram a destruição total no leito do Styx.

Shamira dormira quase o dia todo, acordando só ocasionalmente para beber água. Ablon não desgrudou os olhos da janela do nascer ao pôr do sol, estendendo seus sentidos para além da vidraça. Estava mais curioso do que apreensivo em razão de sua entrevista com o Arcanjo Sombrio. Por natureza, sempre desconfiado, uma característica inerente à sua casta.

Shamira levantou às seis horas da tarde, praticamente restabelecida. Como não havia banheiro no quarto, teve de usar um chuveiro comum no fim do corredor. Com a água escorrendo pelo corpo, sentiu-se muito melhor. Vestiu roupas confortáveis, porque não pretendia deixar o hotel até o general retornar.

Na volta para o quarto, a feiticeira arrastou uma velha televisão, jogada no corredor, para dentro do apartamento. O objeto era propriedade do hotel, mas parecia abandonado. Com a pensão vazia, o proprietário não encontrava utilidade para o aparelho. Shamira tinha o bom hábito de se manter informada sobre tudo o que acontecia no mundo, então deu um jeito de ligar o dispositivo, o que não foi

uma tarefa muito simples. Enquanto Ablon estivesse ausente, tentaria se divertir com coisas mundanas — nada de feitiços, fantasmas ou bruxarias.

Tudo o que queria era assistir a seriados engraçados, comer biscoitos de chocolate e escutar uma musica agradável.

A temperatura voltou a esfriar e começou a chuviscar. Ablon precisava partir, mas temia deixar a feiticeira sozinha. Ela sempre soubera se defender, durante todos aqueles anos, mas, naquela noite, havia uma sensação ruim no ar, um estranho cheiro de perigo, que deixou o renegado em alerta. Como guerreiros, os querubins às vezes são surpreendidos por premonições desse tipo. Ele teria desistido da viagem, mas Shamira o tranquilizou.

— Meu poder está voltando. Não há razão para se preocupar — garantiu a necromante. — Você tomou sua decisão. Acho que precisa focar suas energias para o encontro com Lúcifer. Eu é que deveria estar preocupada com você, e não o contrário.

— Você tem certeza de que vai ficar bem?

— Claro — ela sorriu. — Tenho TV, comida chinesa, uma bela vista da cidade... É claro que ficarei bem — e piscou um dos olhos, bem-humorada. — Além disso, trouxe comigo alguns objetos místicos para o caso de ocorrer alguma eventualidade.

Ele pareceu mais seguro e acariciou-lhe os cabelos, descendo a mão ao rosto macio.

— Muito bem. Tranque a porta — disse o renegado, meio sério, meio brincando. Entregou-lhe a chave do apartamento, vestiu o sobretudo e tocou a maçaneta, mas então a mulher o chamou:

— Espere...

— O que foi? — ele estranhou.

Quando a viu novamente, a Feiticeira de En-Dor estava ajoelhada ao lado de sua mala maior, abrindo a tranca e levantando a aba de couro. Dali resgatou um artefato comprido, muito parecido com uma espada. A lâmina estava enferrujada, quebradiça e cheia de falhas, e uma casca áspera cobria a superfície da folha. O cabo era de um metal enegrecido, mais semelhante ao bronze oxidado.

— Quero que leve isso em sua jornada — pediu a mulher, estendendo a espada ao amigo.

— A Vingadora Sagrada! — ele exclamou, um tanto surpreso. — Como a encontrou?

— Eu notei os sinais. Não estava certa se eram os prenúncios do Apocalipse, mas decidi arriscar. Então concluí que, se o Armagedon estivesse mesmo próximo, você precisaria dela novamente. Voltei ao local onde a tinha deixado e Iniciei a escavação. Não foi nada fácil encontrá-la na base da montanha. A energia mística que havia nela sumiu. Não pude usar minha mágica para rastreá-la. Tive de confiar somente nos velhos equipamentos, nos quais felizmente sou perita.

— É natural. A espada não vive sem o guerreiro. Sem a força de minha aura, a Vingadora Sagrada é apenas um pedaço de metal.

— Eu sei disso. Por isso a trouxe até você. Achei que talvez fosse a hora de reviver o querubim que salvou minha vida.

— É uma relíquia maravilhosa, e só a usaria em último recurso — ele fez uma pausa e olhou para a necromante, com todo o afeto. — Agradeço seu empenho, mas não devo levá-la nesta viagem.

— Por quê?

— Não me deixariam entrar armado no inferno. Além disso, a Vingadora não me impedirá de ser morto por Lúcifer, se assim ele quiser. Em uma situação extrema as runas terão maior serventia. Elas são um elemento-surpresa.

A feiticeira concordou.

— Está bem. Mas, sobre as runas, volto a dizer: elas não agem infinitamente. Você só terá uma chance de fuga, caso seja atacado.

— Farei o máximo para me manter vivo, feiticeira, quantas vezes puder. Ela pôs a arma de volta na mala, e o guerreiro deixou a pensão. Um pressentimento terrível a sacudiu, e ela pensou em avisar ao general, mas talvez fosse um calafrio.

Só um calafrio.

Agora, pelo menos, o Anjo Renegado sabia onde estava a Vingadora Sagrada e clamaria por ela, se assim desejasse.

O Senhor dos Vulcões

Em uma determinada altura da ponte, quase chegando a Niterói, as águas da baía de Guanabara vão ficando mais rasas, e a via de concreto segue por mais três quilômetros sobre terra firme. Nesse ponto, o que se vê à direita é uma paisagem decadente, cujo centro é um complexo de indústrias de peças navais e materiais pesados. De seus galpões brotam fileiras de tubos de concreto que despejam esgoto e resíduos tóxicos no mar. As margens, próximas às fábricas, exibem dormes pedaços de metal enferrujado e carcaças podres de petroleiros. O cheiro do ar é repugnante, e as partículas de sujeira expelidas pelas chaminés aderem às superfícies, padronizando as construções com um deprimente tom cinza-escuro.

Uma faixa contínua, de areia suja, estende-se ao longo de dois quilômetros à sombra da ponte, dando forma a pequenas praias de águas negras, constan-temente cobertas pela névoa da poluição.

A motocicleta de Ablon contava com boa tração e pneus resistentes, por isso ele conseguiu seguir dirigindo até o exato local onde marcara o encontro com Orion. Era uma dessas praias escuras, rejeitadas até mesmo pelos insetos rastejan-tes. Por ter estacionado bem debaixo da ponte, o renegado achou que o ruído dos carros seria insuportável, mas olhou para cima e viu que as pilastras que sustentavam a pista tinham mais de trinta metros de altura — distância suficiente para dispersar qualquer barulheira.

Desligou o motor, mas deixou o farol ligado, para indicar sua posição. Era uma atitude mais simbólica do que prática, pois sabia que os demônios enxergavam na escuridão — até bem demais.

Segundos antes da hora combinada, a fumaça pareceu expandir-se — mas não era a poluição, realmente. O denso nevoeiro que avançava não vinha das fábricas nem de nenhuma outra fonte mundana. Assemelhava-se, muito mais, a uma bruma espectral, uma força diabólica dragada das dimensões

esquecidas. O farol da motocicleta falhou, e então o anjo sentiu um abalo no tecido da realidade.

Ablon entendeu que seus anfitriões se aproximavam e desmontou, caminhando em seguida para perto do mar. Em meio à neblina, surgiu um barco mediano, confeccionado em madeira, muito parecido com as embarcações usadas pelos egípcios durante o Novo Império para navegar pelo Nilo, porém sem velas. Era longo e fino, com a proa e a popa distantes, e dotado de uma cabine fechada no centro. Tal cabine tinha o teto alto, o que bloqueava a visão dos passageiros à outra extremidade do barco. Mas o detalhe mais assustador era, com efeito, seus condutores — fantasmagóricas criaturas guiavam o transporte, e o fugitivo deduziu que fossem eles os estranhos barqueiros.

Ablon nunca viajara antes pelo rio Styx e jamais tinha se deparado com ura daqueles seres bizarros. Vestiam túnicas negras, com capuzes longos que cobriam totalmente o rosto. Dois deles empurravam o barco com varas longas. A aparência em si não era assustadora, mas o que impressionava, sem dúvida, era a ausência total de emanações místicas provenientes de seus espíritos negros. Era como se não existissem, como se simplesmente não estivessem ali. Não podia senti-los.

Em pé, sobre uma elevação na proa, estava Orion. Mostrava a antiga imponência real e vestia a máscara da aparência humana.

Anjos e demônios são espírito de luz, ou de trevas, cujas formas verdadeiras só podem ser percebidas nos reinos espirituais. Os anjos, em geral, são muito parecidos com os seres humanos, mas a grande maioria dos demônios reflete no corpo espiritual a corrupção do coração. São a imagem da decadência, e sua é quase sempre distorcida e monstruosa.

Celestiais e infernais diferem dos espíritos comuns porque possuem a habilidade de se materializar. Os avatares são dotados de órgãos humanos, ossos, carne e sangue, mas não necessitam de alimentação, a não ser quando estão feridos. Os avatares são idênticos à estrutura corporal humana, não importa qual seja a forma espiritual daqueles que a controlam. A aparência exata é definida pela entidade, que normalmente escolhe a forma que mais lhe convém. Querubins, por exemplo, preferem avatares fortes e resistentes, ao passo que demônios negociadores e trapaceiros costumam adotar um semblante mais carismático, de moças bonitas, velhinhos simpáticos ou crianças adoráveis.

Os únicos apêndices sobrenaturais que anjos e demônios podem manifestar no físico são as asas. Alguns demônios, porém, não as possuem, e naturalmente não têm como invocá-las. Ambos, todavia, raramente fazem isso. Desprender as asas gera grandes abalos no tecido, o que torna o processo praticamente impossível em áreas em que a membrana é espessa.

Quando um celestial retorna ao plano espiritual e ascende ao céu, o avatar se dispersa no tecido da realidade, sumindo do universo palpável. A única maneira de um celestial ou um infernal alcançar o mundo físico sem utilizar a materialização é por meio de rituais mágicos, executados por bruxos e feiticeiros. O avatar de Orion sofria de uma deformidade na perna. O joelho se partira muito tempo, durante os últimos dias de Atlântida, quando o obelisco principal da cidade tombara sobre ele, esmigalhando os ossos abaixo da coxa. Por razões inexplicáveis, o ferimento nunca sarou por completo, e ele era obrigado a recorrer ao apoio de uma bengala.

Os olhos de Ablon encontraram o rosto de Orion através da bruma cerrada, no instante em que o barco ancorou.

— Sabia que viria, meu amigo — disse o Rei Caído, com um tom de voz calculado, característico dos satanis. A expressão era sóbria, mas não escondia a satisfação por estar, novamente, ao lado de seu companheiro celeste.

O general conhecia bem as vibrações do amigo e teve certeza de que aquele à sua frente, na proa, era mesmo o antigo elohim, e não um simulacro enviado por Lúcifer para emboscá-lo. A desconfiança se foi, e ele pulou com elegância para dentro do barco.

Ao notar o ingresso do passageiro, os barqueiros aparentemente entenderam o que vieram buscar e fincaram os bastões no leito, preparando-se para dar meia-volta. O anjo apenas os observou em silêncio.

— Nossa viagem não será longa — avisou Orion, enquanto o barco regressava à fumaça. De repente, as margens sumiram, e a baía desapareceu. A água mudou de cor e consistência, passando do verde-escuro ao vermelho-sangue. Penetravam assim em outra dimensão.

O renegado não disse nada. Analisou as alterações e os movimentos das criaturas de negro.

— Você deve estar se perguntando quem são esses, não é? — falou o atlante, indicando as entidades sem rosto. — Não, eles não são demônios, como eu. São os barqueiros.

— Eu imaginei — concordou o querubim, pela primeira vez. — Então, vamos pegar a rota pelo Styx?

— É a maneira mais rápida, e por isso muito mais cara.

O general não conhecia a logística daquelas viagens. Nunca precisara percorrer as vias ocultas.

— E qual foi o pagamento exigido?

— Essência — revelou o amigo. — Eles apreciam muito a energia de nossa aura pulsante.

Ablon entranhou a resposta.

— Senti suas emanações quando subi a bordo, Orion, e ainda as sinto agora. Se você usou a energia de sua aura para pagar os barqueiros, deveria estar exausto por isso.

— Não fui eu que paguei pela viagem — interrompeu o infernal, apontando à popa.

O querubim esticou o pescoço e avistou, na outra extremidade do barco, os contornos de uma criatura humanoide, envolta pelas sombras da noite.

— Foi Amael, o Senhor dos Vulcões — emendou o caído. — Ele cedeu uma boa quantidade de sua energia aos barqueiros. Vai ficar enfraquecido por algum tempo. Por isso você não sentiu a presença dele. Ele está vazio.

— Amael... — murmurou o general, mais para si. Lembrava-se com clareza daquela figura, outrora gloriosa, que um dia fora um anjo também, mas como muitos, acabara iludida pelas falsas promessas de Lúcifer, juntando-se ao Arcanjo Sombrio na guerra contra Miguel.

Comovido, o renegado fez menção de rumar ao seu encontro, mas Orion o deteve.

— Não — alertou o demônio. — É melhor não chegar muito perto. Ele não conseguiria encará-lo.

— Por quê?

— Você conhece a história. Amael foi, no passado, um ishim, um anjo que controlava as forças da natureza. Seu título era Senhor dos Vulcões, por causa de seu poder supremo sobre a província do fogo. Quando Miguel e os arcanjos ordenaram o dilúvio, Amael foi escolhido para executar a missão. Usou toda sua potência para derreter as calotas polares e aumentar assim o nível dos oceanos. Mas, na verdade, ele nunca quis ter feito aquilo. Seu pupilo, Aziel, teve a chance de recusar o encargo, mas ele não teve saída. E responsável pela morte milhões, e ainda assim um inocente — Orion fez uma pausa e fitou-lhe a silhueta sombria. — Tomado por um terrível sentimento de culpa, ele se juntou ao Diabo e caiu ao inferno, como eu. Hoje, é um zanathus, um demônio elemental.

— Foi esse o mesmo dilúvio que destruiu sua cidade de Atlântida. Foram as mesmas águas que sepultaram seus sonhos?

— Sim. Eu considerava Amael responsável. Já senti muito ódio dele. Agora, contudo, só consigo sentir pena. Pobre criatura atormentada. Um assassino de milhões, vítima do próprio crime.

Havia muito que os antigos companheiros não conversavam daquela maneira. Tinham sido separados pela arrogância de seus líderes, mas nem mesmo a distância liquidara a amizade. A presença do Rei Caído transportou Ablon de volta a Atlântida, a majestosa capital dos reinos de antigamente.

— O ódio nos transformou em monstros, meu amigo — discorreu o querubim. E a verdade é que, por mais que eu decida participar de uma guerra, já me cansei dessas matanças intermináveis. Cansei de fugir. Minha maldição não é ser um renegado, mas ter sido obrigado a me tornar um assassino. Estou farto de matar para me manter vivo.

— Você não é mais um fugitivo, general, e nunca foi um assassino. O tempo das perseguições acabou. É chegada a hora de selar alianças e deixar o passado de lado. Não é mais importante quem fomos, c sim o que somos e o que seremos. Todos temos os nossos pecados. Alguns já pagaram por eles, outros não, o que importa? Cedo ou tarde, todos terão de enfrentar a sentença. E não nos cabe julgá-los. A nós, cabe apenas fazer o que achamos certo. Assim garantiremos nossa redenção.

As palavras de Orion pareciam emanar do próprio general renegado. O passado em comum moldara neles os mesmos valores, as mesmas convicções. Era difícil entender como o acaso os pusera em lados tão diferentes.

No Vale dos Condenados

O barco navegava nas trilhas etéreas do Styx, guiado pela hábil condução dos barqueiros. As águas avermelhadas estavam mais agitadas, mas a névoa recuara, permitindo a visão das margens. Deslizando pela orla, corria uma série de vultos, mas Ablon não conseguiu identificar suas formas. Como os condutores nada fizeram, ele concluiu que tais monstros eram inofensivos. Acima, o céu era uma cortina escura, estéril, sem lua nem estrelas.

Em certo momento, um cheiro agradável despertou a atenção dos passageiros. Estava no ar, nas águas do rio, em todo lugar. Era um tipo de vapor aromático, que guardava em si a maravilhosa fragrância das flores silvestres. Assim, quando o querubim olhou em volta, o cenário tinha mudado radicalmente. O ambiente sombrio desaparecera, e uma luminosidade confortável branqueara a paisagem. Ablon reparou na beira fluvial e percebeu que agora o rio cruzava uma dimensão florestal. Flores multicoloridas dividiam espaço com árvores magníficas, que de tão belas nem existiam na terra. Esquilos escalavam os troncos, coelhos bebiam água das poças, e uma raposa dormia entre as raízes de um grande carvalho.

— Você sabe que lugar é este? — Ablon perguntou.

— Não tenho certeza — respondeu Orion. — Os barqueiros do Styx nunca pegam a mesma rota mais de uma vez. Imagino que estejamos cruzando a Arcádia, a terra das fadas.

— A terra das fadas — concordou. — Ela é incompreensível até mesmo para nós. Mas pensei que as fadas vivessem no plano etéreo, que permeia o mundo físico. Não imaginava que tivessem também uma

dimensão só para elas.

—Alguns dizem que elas migraram para o mundo dos homens há muito tempo, mas é a Arcádia sua casa central — arriscou o atlante.

— E por onde mais deveremos passar?

— Não sei. Foi Amael quem liderou toda a barganha. Ele me disse que o rio Styx era largamente usado antigamente, pelos deuses pagãos, e que foi abandonado depois das Guerras Etéreas. Contou-me sobre a lenda dos leviatãs, barcos como este, mas gigantes, capazes de transportar milhares de almas.

Não muito tempo depois, o barco fez uma curva brusca à direita, invadindo um canal secundário e subindo o rio contra a corrente. A visibilidade era boa, e logo à frente os passageiros avistaram uma pequena cascata, cuja queda descia por uma encosta rochosa. Pelo curso da embarcação, passariam bem debaixo da cachoeira. Os viajantes sentiram os respingos, mas as águas se abriram e o barco correu para dentro de um túnel lotado de estalactites.

A sensação de tranquilidade foi ficando para trás. Gritos de desespero se fizeram ouvir — terríveis berros humanos, cheios de pavor e angústia. Por algum motivo, Ablon achou que estavam no caminho certo para o inferno. Com sentidos apurados notou, mesmo na escuridão, que as paredes de pedra decoradas com rostos de homens e mulheres, que se moviam presos à argila.

Enfim, o barco deslizou para fora do túnel e saiu em campo aberto. Proseguiu rio abaixo por uma região detestável, de céu avermelhado, conhecida pelo nome de vale dos Condenados. Uma planície tenebrosa nascia à margem do rio, e seu solo estava amontoado, até onde a vista alcançava, de pedaços de corpos humanos, que se contorciam em agonia. Criaturas híbridas — misturas bizarras de homem e bicho — pulavam sobre os cadáveres, mordendo e devorando-lhes as carnes. Em alguns pontos, buracos no chão cuspiam jatos de fogo, formando línguas de chamas.

— Este lugar sempre foi horroroso — divagou Ablon —, mas percebo claramente o toque pessoal de seu amo aqui. Lúcifer transformou o Sheol em uma segunda Gehenna.

— Meu amo é o senhor da dor e do desespero. Mas não sinta pena daqueles que você vê sofrendo aqui. Eles fizeram por merecer.

Sob os pés do querubim, o soalho de vime tremeu. Eram os condutores que atracavam o barco, prendendo as cordas às hastes do fundeadouro — uma apavorante estrutura, toda construída com ossos humanos.

O Rei Caído deixou a embarcação e seguiu por uma estrada pavimentada crânios, que passava em meio aos corpos e ía terminar na boca de uma cama de pedras chamuscadas. Em algum lugar ali dentro, a Estrela da Manhã aguardava seu convidado.

Ablon pisou fora do barco, tencionando acompanhar o amigo, mas alguém o segurou pelo braço. Como não tinha sentido nenhuma vibração, o renegado imaginou que fosse um dos barqueiros, mas ao se virar descobriu o pobre Amael, o Senhor dos Vulcões, que lhe chamava a atenção. Conservava a aparência humana, que usara para ir à Haled. Os olhos castanhos eram profundos, afundados em olheiras pesadas. O cabelo longo e crespo pingava de suor, e ele parecia muito fraco e exausto — até mesmo a fala vacilava.

— General... você me perdoa? Perdoa-me pelo que fiz? — a voz soou rouca, como o suspiro de um doente final.

O querubim não pôde ficar insensível à situação. Teve pena do infernal, uma entidade perturbada, cheia de mágoa no coração.

— Você não precisa do meu perdão, Amael. Além disso, quem sou eu para perdoá-lo? Sou apenas um fugitivo, só isso — retrucou, meio sem jeito. Não se via na posição de juiz, muito menos de salvador.

O olhar do zanathus brilhou de esperança, e ele voltou a suplicar:

— Você sabe que o que fiz foi errado. Nunca concordou com as ordens dos arcanjos. Sabia que Miguel ordenava as catástrofes porque odiava os terrenos, tinha inveja deles. Aqui, no porão, a maioria acha que agi corretarnente. É por isso que preciso do seu perdão — implorou.

Ablon analisou o infeliz, com toda a piedade do mundo, e pousou-lhe a mão no ombro, só para confortá-lo.

— Se isso vai fazê-lo sentir-se melhor, então eu o perdoo.

— Obrigado, general — a criatura abaixou a cabeça, agradecida, — Um dia me redimirei por completo. É uma promessa.

Já a distância, o Rei Caído de Atlântida, parado sobre a via de crânios, chamou o general.

— Ablon, meu senhor o aguarda.

O renegado voltou-se ao abatido Amael pela última vez, mas ele já tinha regressado à penumbra. Tentou esquecer a cena no barco. Tentou expulsar a angustia do coração. Tentou esquecer a dor daqueles que estavam sofrendo, no céu, na terra e também no inferno. Deixou os tormentos para trás e retomou a confiança.

Deu as costas para o ancoradouro e seguiu em frente, diretamente ao covil da serpente.

O Exterminador

A entrada da caverna estava sendo vigiada, e seu guardião não era uma sentinela comum.

Ninguém menos do que o demônio Apollyon, o Extermínador, antes conhecido como Anjo Destruidor, um dos assassinos mais temidos do inferno, defendia a passagem. Coincidência ou não, era também o maior inimigo de Ablon, e isso já havia milhares de anos. Alguns dizem que as antigas inimizades nunca se acabam, mas ganham força, acumulando ódio e fúria, e por vezes explodem em ataques violentos. Durante a maior parte de sua existência, o Anjo Renegado soubera controlar sua ira, mas a presença do malikis sempre despertava nele uma raiva especial. Dessa vez, porém, era o general quem dava as cartas. Ele havia sido convidado e contava com a proteção do chefão. Preferiu, então, conter seus impulsos destrutivos e não acometer de primeira.

Quando os dois lutadores se encararam, porém, a tensão não pôde ser evitada. Eram combatentes por natureza e desejavam, os dois, entrar em duelo. O demônio avançou, mas Orion o deteve.

— Afaste-se, Apollyon, ele é nosso convidado.

O Exterminador segurava uma espada mística, a famigerada Fogo Negro, tecida por ser a arma mais

poderosa do universo, superando até mesmo as relíquias dos arcanjos. Pertencera ao deus Behemot, servo de Tehom, e fora um presente de Lúcífer. Conhecida por tomar parte em incontáveis crueldades, sua lâmina era escura, larga e pesada, e ardia em chamas negras, espectrais. Era cobiçada por todos os demônios guerreiros, mas não havia quem a roubasse de seu esgrimidor. Agressivo, ele desembainhou sua folha, mas a manteve apontada ao chão.

O corpo do Destruidor parecia humano, mas o rosto deformado denunciava a marca de sua discórdia. Os olhos eram como globos pretos, e da boca saltavam duas fileiras de dentes pontudos. Uma longa queimadura do lado direito da face, que começava na cabeça e terminava no queixo, deixava a carne exposta, revelando parte dos músculos e dos tecidos do crânio. O ferimento fora infligido pelo Flagelo de Fogo, a espada flamejante do arcanjo Gabriel, durante a guerra no céu.

Apollyon era mais alto e mais forte que Ablon, mas não tão ágil e resistente. Suas asas estavam recolhidas, imperceptíveis. Mais tarde, Orion revelaria que o monstro não costumava usá-las, quase nunca.

O malikis não liberou o caminho, então o satanis forçou a passagem. Mas o guardião não queria ceder e apertou forte o cabo da espada. Seu olhar fulminava o renegado, seu inimigo de eras.

— Ablon, o Anjo Renegado... — desdenhou o assassino, numa voz inumana.

— Deve ter muita coragem para vir aqui, sozinho e desarmado — o comentário soou como uma ameaça.

— Eu imaginei que você não entenderia — respondeu o celeste, impassível. — Mas não estou desarmado — e olhou para os próprios punhos. — Acho que posso fazer um bom estrago com o que já tenho — provocou, referindo-se, obviamente, à sua técnica de batalha, a Ira de Deus.

O demônio guerreiro sorriu, malicioso.

— Continua arrogante. Tem sorte de estar vivo. Seus amigos, porém, estão todos mortos. Eu mesmo acabei com muitos deles. A cabeça de seu principal comparsa, Yarion, tem lugar de honra em meu castelo. A Irmandade dos Renegados sucumbiu finalmente. E, em breve, você encontrará a mesma fortuna.

— Se é assim tão capaz, por que nunca me venceu? Eu sempre estive na Haled, à sua espera. Muitos demônios encontraram o meu rastro e a todos superei.

A cólera é um sentimento inerente aos malikis, a ordem de diabos guerreiros. Apollyon era a imagem do caos e pouco podia fazer para segurar sua raiva. Não estava preocupado em dominar seu ardor, mas só em destruir, liquidar, esmagar. Assim, à declaração do celeste, investiu sem pensar, erguendo a espada em posição de combate. Mas o querubim não se moveu e, antes que o Exterminador atacasse, o Rei Caído de Atlântida se interpôs entre os dois, esfriando a tensão.

— Não, Apollyon. Não haverá peleja neste lugar — censurou, usando toda sua oratória monárquica. — Já disse que Lúcifer tem assuntos com ele.

Furioso, o Destruidor acatou, sem saber ao certo por quê, e liberou a entrada.

— Tenha paciência, malikis — instigou o Anjo Renegado. — O Dia do Ajuste de Contas está próximo.

Ainda cheio de raiva, mas impedido de avançar pelos poderes repelentes de Orion, o infernal replicou, em caráter profético:

— Ablon, seu destino é tão rubro quanto suas asas.

— E o seu é tão negro quanto seu coração.

A Proposta de Lúcifer

Orion e Ablon desceram por túneis obscuros, que terminavam em um grande salão escavado na pedra. Uma galeria nascia além da passagem e estava abarrotada de ossos, do chão às paredes. Labaredas ocasionais brotavam do solo, iluminando o cenário e soltando fumaça.

Apesar da amplitude da gruta, o renegado experimentou uma desagradável sensação de claustrofobia, talvez por causa da atmosfera enevoada, que reservava zonas de penumbra aqui e ali, ocultando inomináveis perigos.

Lúcifer, a Estrela da Manhã, estava no fundo da furna, elegantemente sentado em seu trono de crânios. Sua postura majestosa era muito superior à dos líderes comuns e imitava a imponência de um deus. De longe, parecia um homem belíssimo, de rosto juvenil, traços finos e aparência angelical. A pele era macia, delicada, e os olhos refletiam um azul profundo, tal qual o brilho do céu. Os longos cabelos loiros estavam presos em trança, atados por pequeninos fios de ouro. Uma túnica de seda branca cobria-lhe todo o corpo delgado, deixando escapar a única coisa que realmente o distinguia como um ser infernal: um horrendo par de asas de morcego.

Em pé, a seu lado, estava seu principal conselheiro, o odioso demônio Samael. À primeira vista, era só uma criaturinha desprezível, magra e esguia. Tinha, o corpo como o das serpentes e uma língua dupla que se agitava para dentro e para fora da boca, por entre as presas ofídicas. Andava se arrastando, pois não tinha pernas, só braços, iguais aos humanos, em contraste com sua forma bizarra.

Quando ainda era um anjo, Samael fora incumbido da tarefa de transmutar-se em cobra e ir ao Jardim do Éden tentar o memorável Adão. Sua natureza vil e perigosa o aproximou de Lúcífer desde o início, e depois da queda acompanhou seu mestre às trevas do Sheol. Ao converter-se em demônio, continuou deixando sua marca detestável na humanidade, tendo guiado inúmeras almas à corrupcão. Ficou tão famoso entre os terrenos que muitas vezes foi confundido com o próprio Diabo, recebendo dos mortais a designação de Satã ou Satanás.

Orion se ajoelhou diante de seu mestre, espalhado na cadeira de ossos. Mais atrás, Ablon estava em alerta.

— Bom trabalho, meu servo — elogiou o Arcanjo Sombrio, reconhecendo o esforço do Rei Caído de Atlântida. — Agradeço por sua lealdade.

Depois, encarou o general, satisfeito, e voltou-se a seus comandados.

— Orion, Samael — falou aos demônios. — Podem ir agora.

— Sim, meu amo — aceitou o atlante, retornando ao mesmo túnel por onde tinha entrado, Samael se arrastou e desapareceu em um canto obscuro.

Quando teve certeza de que seus súditos já não o escutavam, o Filho do Alvorecer relaxou e abriu um sorriso cordial.

— Não imagina como estou feliz por ter aceitado meu convite.

— Poupe-me de suas amabilidades, Lúcifer. Esta é uma viagem de negócios.

— Mas é claro que é — acedeu a Estrela da Manhã, com um sorriso malvado, ocultado pela fumaça das labaredas.

— O que aconteceu com seus chifres e cauda? Você parece ter mudado bastante desde a última vez que o vi.

O Arcanjo Sombrio se levantou, deixando transparecer muita calma. A auto-confiança certamente era sua característica mais importante.

— Ora, general, não fique impressionado. Posso assumir qualquer forma. No princípio até eu me surpreendia, mas depois de tantos anos a coisa vai ficando aborrecida. "O Diabo tem muitas faces." Você já deve ter ouvido isso em algum lugar.

A expressão séria de Ablon não se alterou, apesar do humor diabólico.

— Entendo — disse apenas, como quem não vê graça em uma piada de mau gosto.

Lúcifer caminhou firme na direção do renegado, mas estacou a uma distância aceitável.

— A propósito, espero que Apollyon não tenha causado problemas na entrada. Se o fez, peço desculpas. Tente compreender que ele e você são como os dois lados de uma moeda. Absolutamente diferentes, mas pertencentes à mesma peça.

— O que quer dizer? — reagiu o celeste, perguntando a si mesmo se aquele não era mais um dos muitos estratagemas da espécie infernal.

— Perceba, o destino de vocês está unido desde o princípio. Apollyon uma vez foi um anjo, encarregado de destruir Sodoma e Gomorra. E sabemos que a conjuração que *você* comandou foi deflagrada quando Miguel ordenou a aniquilação dessas duas cidades. Infelizmente vocês puseram tudo a perder quando levantaram armas contra o conselho.

— Infelizmente — Ablon se apressou em esclarecer — confiei minha revolta a um dos arcanjos, a um dos grandes. Acreditava que ele também estava indignado com a tirania do príncipe e com sua intenção de acabar com a humanidade.

Ao dizer isso, o guerreiro olhou zangado para o anfitrião e completou:

— Mas esse arcanjo me traiu.

O Filho do Alvorecer logo entendeu a indireta e passou à defensiva: — Eu não queria de fato fazê-lo, Ablon, juro a você! — protestou, com um toque de inocência infantil.

— Então por que o fez? Você sabia que delatando a conjuração conseguiria mais poder e prestígio. Foi por isso, não foi? Ambição.

— Sim, sim! — exclamou, excitado por ter a oportunidade de expor sua versão. — Eu os delatei para poder subir na hierarquia e me igualar a Miguel. Só assim poderia arquitetar minha própria rebelião e ter chance de sair vitorioso. Eu sabia que vocês nunca despojariam o tirano. Eram apenas dezoito. Dezoito anjos! — Lúcifer se esforçava para ser convincente. — Eu, ao contrário, consegui trazer um terço do céu para o meu lado. Tínhamos realmente a chance de vencer. Será que entende agora? Não foi nada pessoal. Nunca tive coisa alguma contra você. Sempre admirei sua vontade e sua perseverança. Mas tive

de sacrificar a irmandade para dar início a algo muito maior, que, eu imaginava, duraria para sempre.

— Não seja hipócrita, Lúcifer. Você nunca quis o bem dos humanos, tampouco dos anjos. Queria depor Miguel por razões particulares. Queria tomar o lugar dele e ascender acima de Deus.

— Isso não é verdade, general. Quero o bem da humanidade, E foi por isso, que o chamei aqui. Para evitar que nosso inimigo traga o Armagedon sobre a terra.

— E por que você acha que eu ia querer impedi-lo? O Armagedon marca o despertar do Altíssimo. Yahweh acordará de seu sono e punirá os injustos.

— Ora, Ablon, pense bem! Se isso é verdade, então por que Miguel está se preparando para o Juízo Final, por que está tão ávido por esse momento? Ele é um opressor e seguramente o primeiro a ser condenado se o Criador acordar.

— Qual é sua hipótese, então?

— Miguel provavelmente descobriu um meio de usar a energia que será despreendida ao despertar do Altíssimo para se converter em um deus, ele próprio — declarou Lúcifer, chegando ao ponto em que queria.

O querubim estava confuso.

— Isso é possível?

— Sem dúvida.

Ablon sabia que a Miguel não faltava vontade de tornar-se onipotente. Sua gana de poder era ilimitada. Ele seria capaz de qualquer coisa para alcançar a divindade, até mesmo roubar a energia do Pai. Quanto a isso o renegado tinha certeza, mas como o príncipe pretendia implementar seu projeto macabro?

A Estrela da Manhã passeava pela caverna, aguardando a reflexão do guerreiro. As asas de morcego movimentavam-se lentamente, para frente e para trás, acompanhando o caminhar elegante. Parou ao lado de uma labareda e brincou com o fogo, pondo o dedo na chama.

— Estou pedindo sua ajuda para impedir que o Príncipe dos Anjos conclua seu plano terrível, poupando assim milhares de vidas humanas — desfechou o Senhor do Sheol.

— Se é verdade que Miguel pretende ascender ao nível de Deus, o que me assegura que você não tentará imitá-lo?

— Já disse que não quero ser Deus, Ablon. Talvez no passado, quando ainda um arcanjo, isso já tenha me passado pela cabeça, mas hoje não. Dê uma olhada à sua volta. Tenho meu próprio reino aqui. Tenho meus servos. Nada me ameaça, nem as legiões celestiais — garantiu, caminhando de volta ao trono. — Trazer as almas injustas para cá e torturá-las é o que eu gosto de fazer, você sabe disso. Para mim, é imperativo preservar as coisas como estão. Anjos no céu; nós, demônios, no inferno. Não há ninguém que se beneficie mais com disputa do que eu. Ela move o paraíso também, mas a verdade é que meu irmão percebeu que está perdendo. A degradação tomou conta da humanidade. Cada vez mais, os mortos vêm até mim. Por isso Miguel quer o fim do mundo, quer que o tecido se desintegre logo.

O Diabo se sentou novamente e teceu uma explicação mais detalhada:

— Nós, os infernais, não temos devaneios de pureza. Veja o caso daqueles que morrem em bondade. Seus espíritos seguem ao céu e lá permanecem por toda a eternidade, enfiados naquelas chatíssimas colónias celestes. Os arcanjos nunca permitiriam que se tornassem alados. Mas nós... ah, conosco é

diferente — regozijou-se. —Toda alma corrompida que vem para cá tem sua chance de crescer, de prosperar e de vir a comandar hordas inteiras. Não é um caminho fácil, é claro, mas com isso nossas forcas estão se multiplicando. Em breve teremos contingente suficiente para invadir o paraíso.

Ablon não gostou nem um pouco do que ouviu, mas Lúcifer o tranquilizou:

— É claro que não pretendemos fazer nada disso. Sei, melhor do que ninguém, que não há trevas sem luz. Mas a verdade é que aquele déspota lá no poleiro — e apontou um dedo para cima — está se borrando de medo do que eu possa vir a fazer — o tom ficou mais agressivo — e encontrou a hora certa para agir.

A capacidade de persuasão do demônio era lendária. Por muitas vezes, Ablon tinha repetido para si mesmo que recusaria o acordo, mas agora não podia negar que estava ansioso para ouvir a proposta. Ainda não sabia se a aceitaria, mas o fato era que os argumentos do Arcanjo Sombrio faziam todo sentido. Poucas vezes o guerreiro escutara verdades tão sérias sobre o tirano Miguel, e as proposições de Lúcifer, com efeito, eram postas de forma que ambos pareciam já aliados contra um perigo maior.

— Digamos que eu aceite. Qual é minha parte no acordo?

O Filho do Alvorecer sorriu na penumbra e se ajeitou no trono de ossos.

— Você conhece a Fortaleza de Sion. Não era uma pergunta.

— Eu a vi ser construída.

— Em uma câmara no penúltimo andar de Sion, está a Sala dos Portais. É um aposento circular, com muitas portas, que na verdade são passagens místicas para outros planos de existência. Uma delas leva ao Sheol, ligando a câmara a um ponto específico no inferno, muito próximo a esta caverna em que estamos agora. O que você precisa fazer é entrar na torre e abrir a porta correra. Assim, eu e minhas hostes poderemos invadir o baluarte por dentro. Pegaremos Miguel desprevenido e o mataremos, abreviando assim seus dias de crueldade. De outra maneira, nunca poderíamos penetrar na bastilha.

O Anjo Renegado fitou o vazio, digerindo aquelas palavras. Enquanto isso, Lúcifer enfiou a mão em um buraco ao lado do trono e de lá tirou um objeto rústico, moldado em barro sólido. Tinha a forma de uma cruz, envolta por um: anel, e o tamanho não superava o de uma palma aberta. A aparência era ordinária, mas suas vibrações eram muito fortes. A superfície estava marcada por inscrições místicas, em uma linguagem só acessível aos anjos.

— Pegue! — o Arcanjo Sombrio jogou o objeto no ar, e o lutador o agarrou reflexo. — Esta é a chave. Basta que você a encaixe na cavidade da porta e empurre a passagem. Estaremos lá em instantes.

O renegado analisou a relíquia e constatou sua autenticidade.

— Por que eu? — indagou de repente, ainda relutante em concordar. — Por você precisa de mim para fazer o serviço?

Lúcifer contemplou o convidado, com certo ar de admiração.

— Primeiro porque você é o melhor combatente que conheço. Depois de tudo pelo que passou e de todos os inimigos que enfrentou, não creio que haja no mundo quem possa vencê-lo em combate direto — era um exagero, é claro, a Estrela da Manhã entendeu que deveria exaltá-lo, como técnica de eloquência. — Segundo, porque você viveu muito tempo na Haled e sabe melhor que ninguém ocultar sua aura pulsante. Por isso, os guardiões de Sion não poderão ser alertados de sua presença, se decidir por uma infiltração sorrateira, o que recomendo fortemente. Afinal, nem mesmo um general sobreviveria a um exército de querubins furiosos — concluiu e aguardou a reação do guerreiro, deixando-o bem à vontade.

Ablon estava ainda indeciso, mas não sabia exatamente por quê. Como poderia acertar um pacto com a mesma entidade que, havia anos, pusera ele e seus amigos na linha de fogo?

— O que eu lhe ofereço — reforçou o demônio, percebendo a hesitação do celeste — não é apenas a oportunidade de derrotar Miguel. É a chance de salvar o universo.

O Anjo Renegado ponderou. Não era exatamente aquilo que esperava ouvir do Senhor do Sheol. O Diabo sempre tinha as palavras corretas para o momento mais oportuno. Em contendas verbais era invencível.

— Escute, guerreiro — prosseguiu, emendando um novo assunto —, não ache que estou alheio ao que acontece na terra. Sei que os homens estão envolvidos em sua própria guerra e que desenvolveram armas capazes de devastar o planeta. Mas para nós, imortais, essas bombas que ameaçam cair são apenas sinais que nos indicam a iminência do Apocalipse. Por mais que os humanos tentem se destruir, nunca terão sucesso absoluto. Nem mesmo *nós* conseguimos isso. Você se lembra da era glacial? Lembra-se do dilúvio? Já perdi a conta de quantos cataclismos os arcanjos fomentaram — e ajustou a tonalidade da voz, para parecer mais dramática. — Não... os terrenos vão sobreviver a esta guerra mundial, como já fizeram anteriormente, c seus remanescentes ressurgirão das ruínas. Entretanto, se Miguel conseguir o que planeja, os massacres continuarão. Sem o tecido da realidade para limitar-lhes os poderes, os anjos da morte vagarão pelos escombros ceifando cada vida humana, até que não reste mais "nenhum primata para sujar a criação". Mas... — o tom mudou novamente, assumindo um caráter glorioso — se vencermos... Se vencermos tudo voltará a ser como era antes da tirania, c o paraíso será finalmente governado pelos alados devotos da palavra de Deus. Você alcançará sua redenção e voltará ao céu como herói.

— E quanto a Deus? — surpreendeu o anjo, encurralando o infernal.

— Deus? — pela primeira vez Lúcifer se complicou, mas com sua mente aguçada logo contornou a situação. — Bem... Se Yahweh acordar mesmo, general, então saberá o que fazer. Mas acho que não devemos contar mais com isso. Caso queira mesmo saber, minha consciência está limpa. Sempre fiz o que achei certo. Nunca me curvei e nunca me curvarei a um assassino. Todavia, tenho ciência de que não serei meu próprio juiz. Se o Altíssimo resolver me punir, não poderei fazer nada além de aceitar a sentença. Não tenho vergonha dos meus pecados, porque não são maiores do que os erros dos outros.

Foi um discurso impressionante, reconheceu Ablon, mas será que as palavras do Arcanjo Sombrio eram verdadeiras, ou aquilo não passava de uma encenação para empurrá-lo à armadilha ou usá-lo como peça em seu jogo? O Filho do Alvorecer era astuto, traiçoeiro e, acima de tudo, sedutor. Dominava a oratória e sabia explorar os pontos fracos de seus entrevistados. Qualquer um se dobraria facilmente a ele, sobretudo diante de uma proposta tão tentadora: destruir o perverso Miguel, salvar a humanidade e retornar ao paraíso. O que mais um anjo renegado poderia querer? Tudo se encaixava e, pelo que o querubim conhecia da personalidade de Lúcifer, ele não estava sendo adverso à sua natureza. Todos ganhariam: anjos, demônios e homens. É claro, muitos mortais seriam vitimados pela força de suas armas humanas e pela guerra que eles próprios ar-quitetaram. Mas o general já testemunhara situações bem piores, como a que sucedeu ao dilúvio, quando somente alguns poucos terrenos sobreviveram, e mesmo reduzidos revitalizaram toda a civilização.

As evidências empurravam o renegado à resposta positiva, mas seu veredicto final surpreendeu o Diabo.

— Não posso fazer isso, Lúcifer.

— Não compreendo, general — sua expressão era séria, mas neutra. — Se nos unirmos, poderemos concretizar aquilo que tanto eu como você sempre sonhamos: pôr fim à opressão dos arcanjos.

— Sou um anjo renegado. Nunca tomei parte neste confronto entre o céu e o inferno porque nunca concordei com ele. E não será agora, próximo do fim, mudar minha posição — e virou o corpo, já se preparando para deixar a caverna. — Mas não se preocupe. Suas informações estão seguras comigo. Vou usá-las da melhor forma e *talvez* até faça alguma coisa para deter o Armagedon — e acrescentou,

com firmeza —, mas não será ao lado de um traidor.

As palavras saíram agressivas, mas não havia raiva em seu coração. Era uma opinião tão sólida, consciente, que provinha da experiência, e não do furor da vingança. Na verdade, Lúcifer nunca fora o objeto de sua vingança, nem mesmo o Arcanjo Miguel, e sim o demônio Apollyon, que torturara seus amigos.

Preparado para qualquer investida, o celestial fechou os punhos e recuou uns dois passos, Lúcifer não era o tipo que engolia desaforos e talvez não tivesse gostado de ter sido chamado de traidor. Mas, como o demônio observara anteriormente, Ablon era um oponente inigualável, e agora ainda contava com a proteção das runas mágicas gravadas em seu braço pela Feiticeira de En-Dor.

Contrariando todas as expectativas, Lúcifer replicou:

— Respeito sua decisão, general. Se é nisso que acredita, então que assim seja.

Sim, era isso. E ponto final. Não havia muito mais a dizer, e o general não estava disposto a continuar por ali, em tão funesta companhia. Caminhou à saída, mas aí se lembrou que ainda segurava a chave de pedra — a relíquia mística que Lúcifer lhe entregara e que, supostamente, abriria a passagem ao inferno. Como não tinha selado nenhum acordo, achou por bem devolvê-la, mas a Estrela da Manhã o impediu.

— Não, Ablon, fique com a chave. Para o caso de você mudar de idéia.

O Anjo Renegado estranhou. Lúcifer sempre fora esperto e prudente, mas não havia prudência alguma em deixar uma peça tão importante em poder de alguém que não fosse seu aliado. O celestial imaginou que aquela atitude poderia ser calculada, uma ação posta em prática para fazê-lo reconsiderar. Mas, se era seu objetivo, o Arcanjo Sombrio falhara. Ablon não estava disposto a entrar na ciranda. Moveu a cabeça em negativa e mais uma vez pensou em largar o objeto, porém o anfitrião reiterou:

— Não se preocupe comigo. Mandei fazer uma cópia — declarou, piscando um dos olhos e reassumindo sua faceta sarcástica. — Leve-a com você.

Por fim, o herói concordou, e guardou a relíquia no bolso — não havia mal algum em ficar com ela. Talvez suas vibrações pudessem denunciá-lo, mas quem viria caçá-lo, a esta altura? Acabara de se encontrar com o próprio Diabo, e, se Miguel em pessoa aparecesse para matá-lo, ele o enfrentaria. Novamente refletiu sobre todas as artimanhas e trapaças possíveis e concluiu que Lúcifer não era mais ameaça. Em seguida, deixou a caverna.

Sua última visão foi bem parecida com a primeira: vislumbrou o Diabo sentado em seu trono de crânios, com a expressão indecifrável por trás da fumaça.

Um Pressentimento Terrível

Enquanto caminhava rumo à saída da caverna, percorrendo aqueles nebulosos túneis de pedra, Ablon entendeu que não estaria realmente seguro enquanto continuasse ali, no inferno, à mercê de seus inimigos. Sempre soubera, de fato, que aquele seria o momento mais crítico — uma vez recusada a aliança, nada impediria Lúcifer de ordenar sua morte. Por isso, não ficaria espantado se encontrasse um

grupo de extermínio à sua espera, pronto para aniquilá-lo na passagem adiante,

Foi com surpresa, entretanto, que o Anjo Renegado se deparou com o caminho livre. Ao contrário de uma recepção brutal e sangrenta, tudo o que o general percebeu foi a abertura na caverna à sua frente e a extensa via de ossos que levava ao ancoradouro, onde os barqueiros o esperavam para levá-lo de volta. Orion estava lá, aguardando seu retorno, mas ele não viu sinal de Apollyon, e isso o perturbou seriamente.

O Rei Caído de Atlântida se aproximou pela estrada de ossos, sempre mancando com a dor no joelho.

— Você recusou a aliança, não foi? — perguntou, já prevendo a resposta.

— Como você já imaginava.

Os dois foram andando na direção do barco de vime. Ali, os sinistros condutores preparavam suas varas.

— Esta poderia ter sido nossa última chance de vencer o arcanjo Miguel lamentou o atlante, visivelmente desconsolado.

— Não confio em Lúcifer. Por trás daquele discurso apaixonante, há mente doentia e maligna. O Diabo mente sempre, e por isso é totalmente previsível. Não, Orion, já fui suscetível às idéias dele, mas desta vez eu pude de alguma forma, ver a sombra da traição em seus olhos. Ainda não sei ao sei o que ele planeja, mas nada é como parece. Algo me diz que estamos sendo usados como peões em uma conspiração gigantesca. Todos nós. Inclusive você.

Orion também já tinha sido enganado por Lúcifer, assim como Amael e tantos que se entregaram à rebelião. Outros, como Samael e Apollyon, de sempre tiveram o coração corrompido, e para esses não houve graça maior do que serem atirados ao inferno. Para o Rei de Atlântida, então, que conhecia melhor do que ninguém as múltiplas faces de seu amo, as desconfianças do Anjo Renegado não eram de todo infundadas. Ao ouvir a advertência do general, o satanis assentiu levemente com a cabeça, mas não ousou ir além.

Antes de entrar no barco, Ablon olhou mais uma vez para trás, para a entrada da gruta, e uma sensação pavorosa o assaltou. — Vamos embora, Orion. Alguma coisa terrível está para acontecer.

5-À Meia-Noite

Eram quase onze horas da noite quando shamira trocou de canal para assistir ao último telejornal do dia. Desde que Ablon saíra, ela estivera atenta às principais notícias, e a maioria delas detalhava os fatos associados à tensão internacional. As hostilidades se agravaram imensamente naquela tarde, após a rejeição, pelos dois lados, da última proposta de paz apresentada pelo secretário-geral das Nações Unidas, que poria fim à guerra civil na Turquia, principal ponto de confronto entre a Liga de Berlim e a Aliança Oriental. Depois de mais de dois anos de inimizades, que sucederam à Guerra dos Trezentos Dias, pelo domínio de Taiwan, estava claro que as alianças para uma nova guerra mundial já tinham sido definidas e rachavam o planeta ao meio.

As trocas de ameaças, que havia meses vinham se tornando mais concretas, incluíam a utilização de mísseis de longo alcance para levar a cabo ataques com armas nucleares. Diante disso, as vias diplomáticas, esgotadas, perderam força e falharam em seu intento de buscar uma solução pacífica para a crise. Temerosas, milhões de pessoas na América do Norte, Europa e Ásia já deixavam as grandes cidades rumo ao campo, onde estocavam alimentos, construíam abrigos e adquiriam toda sorte de material isolante e roupas contra radiação. Aqueles que tinham parentes ou residência nos países neutros emigravam aos milhares, já esperando pelo pior.

Na fronteira entre os dois blocos, o Oriente Médio padecia de uma situação singular. Animada com o fortalecimento da Aliança Oriental, a população civil dos países árabes ocupados pelos Estados Unidos — Afeganistão, Iraque, Síria, Irã e Líbia — formava milícias para se insurgir contra a potência estrangeira. O estado de Israel, tradicional aliado dos americanos, abrigava as únicas instalações aos soldados estadunidenses na Ásia Central, mas por uma ironia histórica a Terra Santa era, agora, uma das áreas menos conflituosas da região, porque israelenses como palestinos desejavam preservar seus santuários sagrados em Jerusalém e arredores. Mesmo assim, o clima era tenso. Ninguém atacava e ninguém defendia, porque todos temiam que o banho de sangue que se seguiria ao barulho do primeiro tiro viesse a arrasar a Terra Santa para sempre, pondo abaixo templos e monumentos adorados pelos dois povos.

Perto da meia-noite, a luz da TV oscilou. Aquele tipo de fenômeno estava associado a um abalo no tecido, e a conclusão óbvia era a de que alguma entidade havia se materializado ali perto. O quarto, a princípio, estava lacrado à invasão espiritual — ela mesma efetuara um ritual para assegurar esse tipo de proteção —, o que significava que qualquer visitante que tentasse entrar no apartamento teria que estar no plano físico.

Como todo bom necromante, Shamira sabia que mundo espiritual é tudo aquilo que está por trás do tecido. É um espelho do mundo físico, com diversas passagens e túneis para outros inúmeros reinos dimensionais, tais como o céu e o inferno. No mundo espiritual, há muitas camadas sobrepostas, que refletem o plano material, e entre elas as mais importantes e acessíveis são o plano astral e o plano etéreo.

O astral, a primeira camada, é um reflexo, puro e simples, do plano físico. A camada mais profunda, o plano etéreo, está separada do astral por uma membrana semelhante ao tecido da realidade, chamada de membrana etérea. Esse é o lar dos poderosos espíritos desencarnados e dos deuses pagãos. Embora a geografia do etéreo seja a mesma que a do mundo físico, as construções e objetos feitos pelo homem não encontram reflexo ali. Na verdade, as entidades que habitam o etéreo ergueram sua própria civilização além das fronteiras da realidade humana. Por essa razão, as cidades, torres e palácios existentes nessa camada não são vistos ou percebidos pelos mortais, à exceção de magos ou sacerdotes dotados de poderes para isso. E no plano etéreo que fica a famosa ilha mística de Avalon, venerada pelos povos celtas e que por isso era avistada apenas por algumas pessoas, quando a membrana afinava e a conexão com o mundo espiritual permitia sua observação. O templo dos deuses localizado no topo do monte

Olimpo, na Grécia, é igualmente uma construção etérea.

Além do astral e do etéreo, há outros planos sobrepostos ao físico, porém menos conhecidos e visitados e de mais difícil acesso. Alguns são curiosos, como o mundo dos sonhos; outros enigmáticos como a dimensão dos espelhos; e há também aqueles perigosos e sinistros, como o plano das sombras,

Ablon sempre chegava sem ser notado, então, ao perceber o abalo no tecido da realidade, Shamira entendeu que não era o renegado que se aproximava. Cautelosa, ela se afastou lentamente da televisão e andou de costas, em direção à escrivaninha, onde estava apoiada sua mala menor. Pôs a mão direita lá dentro, procurando um de seus artefatos especiais, e voltou a atenção à porta, por onde esperava que o perigo surgisse.

Ouviu passos no corredor e concluiu que estavam vindo ao seu quarto. Uma pancada forte escancarou a madeira, e ela distinguiu dois homens lá fora.

Eram fortes como lutadores e guardavam expressões arrogantes. A feiticeira não enxergou-lhes a alma, então supôs que não fossem humanos. O primeiro tinha os cabelos escuros e o olhar perigoso; o outro, que vinha atrás, exibia na testa, abaixo da cabeça raspada, o inconfundível símbolo dos querubins, inscrito como tatuagem.

O moreno, que parecia deter a autoridade, mostrou um sorriso maldoso, feliz por ver a necromante acuada, com a mão para trás. Avançou para dentro da sala, provando o gosto do ar.

— Uhh... ahhhh... — suspirou, ao sentir o perfume feminino. Tinha sen tidos de predador, comuns aos guerreiros celestes, e pelo olfato notou que Shamira era humana. — Acho que temos uma festa das boas hoje — zombou, ao ver os saquinhos vazios de biscoito.

— Quem é você? — perguntou a mulher, controlando o medo.

— Sou Euzin. E este aqui — ele apontou para o companheiro, que fechava a saída — é Ankarel, o Chicote de São Miguel — acrescentou com um orgulho ameaçador, deixando claro que não era amistoso.

Mas a necromante não se intimidou. Tentou pensar rápido, procurar uma estratégia, pois só a inteligência a deixaria em vantagem. Recordou-se, então, de algumas coisas sobre aquele tal Euzin, informações que poderiam ajudá-la numa contenda moral. Ablon tinha lhe contado, certa vez, que Euzin era um anjo covarde e inseguro, características que o levariam à ruína dentro de uma casta em que os membros, supostamente, não deveriam temer coisa alguma.

— Euzin? — ela se aproveitou, devolvendo-lhe o sorriso maldoso. — Ablon me fclou de você. É o anjo que só desafia inferiores e recua diante de seus iguais. Estou certa?

Se não estivesse, provavelmente o celeste não teria ficado tão furioso. A raiva subiu-lhe à cabeça, precisamente por ter sido insultado por uma feiticeira humana. Era um lutador invejoso e detestava, assim como seu líder Miguel, a simples existência dos homens. Sua missão, naquela noite, não era matar sua vítima, mas ele decidiu, assim mesmo, puni-la por sua ousadia.

Precipitou-se com os punhos fechados para agredir a mulher, mas nessa hora a feiticeira surpreendeu e sacou da valise uma pistola de grosso calibre, a temida Desert Eagle .50, uma das armas de mão mais potentes do mundo. Era grande e cromada, e seu cano espesso como um polegar. Euzin parou, impressionado pela atitude. Esperava de tudo, desde facas enfeitiçadas até encantos pirotécnicos, mas

nunca uma arma de fogo. Mal sabia ele que a força dos sábios está, justamente, na capacidade de se aproveitar do imprevisível, de enganar o oponente e atacá-lo no ponto mais fraco, de fingir debilidade e depois investir feito leão.

Felizmente para o invasor, as armas mundanas não eram perigosas para os anjos, e dificilmente uma delas furaria seu avatar. Ao raciocinar isso em sua mente vagarosa, Euzin se desfez do assombro e continuou caminhando para cima da moça, ainda irado, mas satisfeito por desbancar sua tática.

— É isso que usa para se defender?

—Afaste-se! — ameaçou a necromante. — Encantei o metal dos projéteis. São tão mortais a você quanto uma adaga ritual.

Ele hesitou, novamente, mas então Ankarel, seu comparsa, que até ali nada dissera, estimulou o atacante, disparando um conselho:

— Ela está blefando.

Incentivado pelas palavras de confiança, Euzin retomou a ofensiva e replicou à mulher:

— Uma pistola mágica! Isto é patético — desdenhou, e em seguida acometeu. Abriu os dedos em forma de gancho, para estrangular a mulher e depois quem sabe estuprá-la. Os anjos perversos apreciavam tais crueldades, quando encarnados em seus avatares.

Sem pensar duas vezes, Shamíra reconheceu o perigo e puxou o gatilho. O tiro atingiu a cabeça de Euzin, estourando parte do crânio e espalhando miolos quentes por todo o apartamento. Imediatamente, o invasor foi atirado ao chão, num arrojo desengonçado. Ankarel, o careca tatuado, recuou.

— Sua vaca! — gritou Euzin, esparramado no assoalho. — Sabe quanta energia preciso gastar para materializar esta carcaça? — praguejou. Estava inútil, embora vivo. Não podia mais caminhar nem enxergar muito bem, mas seu avatar não seria destruído enquanto o coração estivesse pulsando.

— Você tem um péssimo vocabulário, querubim. Seu príncipe lhe ensinou isso?

Do outro lado da sala, porém, o espantado Ankarel, mais desesperado do que corajoso, ameaçou saltar sobre ela.

— Fique onde está, eu já disse! — avisou a feiticeira, puxando o cão da pistola. — Estou mirando no seu coração.

Ele deu um passo atrás, erguendo a mão em sinal de derrota.

Shamira não aliviou a mira e retrocedeu à porta dos fundos. Tinha agora que sair daquela ratoeira e procurar um refugio seguro, pelo menos até o regresso do general. Nessas horas, o melhor é ficar em lugares cheios de gente, onde o tecido da realidade é espesso. Ablon a encontraria, seguramente, não importava onde ela estivesse.

Ablon.

Estes anjos... Eles não me atacariam na presença do renegado. A não ser que soubessem que ele estaria em viagem!

Mas como? Eram anjos, não demônios. O general fora ao inferno encontrar o Diabo. Como Miguel teria descoberto sua ausência?

A Feiticeira de En-Dor engoliu em seco e subitamente algo sinistro virou a balança.

Uma criatura de aspecto ameaçador arrebentou a vidraça e voou para dentro do quarto, desfraldando as asas escuras. A aura era confusa, indecifrável, e o rosto estava oculto por uma máscara de aço. O corpo era forte, musculoso, e uma couraça negra protegia o peito. Se era anjo ou demônio, a necromante não sabia dizer. Até onde se lembrava, os anjos tinham asas brancas, não pretas, e raramente as manifestavam na terra, pelo exorbitante gasto de energia.

Afobada, ela disparou com a pistola, mas a armadura refletiu os projéteis. Era rápido, apesar do tamanho, e aterrissou no meio da sala, destruindo as estantes. Shamira reparou em seus olhos por dentro do elmo e percebeu uma vontade assassina. Parecia obstinado, como Ablon, porém voraz e malvado.

O Anjo Negro!— imaginou a feiticeira. Era ele! O Anjo Negro. Sua figura combinava com a descrição do caçador de Babel, o mesmo que perseguira a guerreira Ishtar, havia tanto tempo. Seria ele mesmo? O terrível predador do Mar de Rocha?

O Anjo Negro — pensou novamente, tentando imaginar quem era, de fato, aquela entidade abominável, e por que a atacava. Não encontrou a resposta.

Duelo na Ponte

Orion e Amael acompanharam Ablon na viagem Styx acima. A volta para a Haled foi um pouco mais taciturna. Amael, recolhido nas sombras, estava fraco demais para falar, e Orion não escondia o desconsolo pelo amigo não ter se juntado a Lúcifer, Mas não era só isso. O próprio Ablon estava calado. Preocupava-se com o que podia acontecer, depois de ter pressentido uma vibração negativa.

Um pouco antes da meia-noite, o barco aproximou-se da praia, às sombras Aponte, sempre envolto naquelas brumas espectrais. O renegado desembarcou e dali subiu na motocicleta. Avistou a embarcação sumindo na névoa e depois desligou os motores. Conduziu a moto até a via asfaltada e acelerou sobre o concreto.

A ponte estava vazia, o que era comum àquela hora da noite. Nenhum veículo transitava pelos dois sentidos, o que despertou a curiosidade do anjo. Especialmente atento às perturbações, Ablon captou um aroma conhecido e notou as falhas de energia nos postes de luz. Apertou o freio e vírou o guidão abruptamente. O pneu traseiro raspou no asfalto, soltando o cheiro de borracha queimada. A moto parou de lado, cruzando a faixa principal.

Enxergou, então, um anjo de cabelos ruivos, trepado em um dos postes à magem da pista. De tão equilibrado, era óbvio que se tratava de um querubim, por sua habilidade em manter o balanço. O controle gravitacional é a divindade que dá a desenvoltura aos guerreiros, que lhes permite saltar à distância e escalar com maestria.

O anjo sobre o poste escorregou, gracioso, e pisou onde as linhas amarelas pintadas no chão demarcavam a divisão das duas raias. Seu rosto era magro, e o ar carismático não deixava dúvidas sobre sua identidade.

Balberith, o príncipe da casta dos querubins.

Ablon não o via desde o dia em que fora expulso do céu e não planejava reencontrá-lo, sobretudo em uma situação tão conturbada. Uma vez o general admirara seu príncipe, mas todo o respeito se fora, à medida que ele se corrompia. Balberith acatava todas as ordens do arcanjo Miguel, até mesmo as mais homicidas, sem nunca questionar seus métodos. E verdade que dos querubins se exige toda a obediência, afinal são soldados — mas não propriamente assassinos!

Houve um tempo em que Balberith era invencível dentro da casta, e talvez ainda o fosse, mas Ablon não era o mesmo combatente de outrora. Desde sua expulsão, tinha aprimorado sua destreza, enquanto Balberith ficara, por todo o tempo, sentado em seu trono no Castelo da Luz, dando ordens e se metendo na política celeste. Outrora tivera força e autoridade para derrotar Ablon e Apollyon juntos, mas hoje sua aura seria ofuscada pela energia de qualquer um dos dois.

O príncipe dos querubins não era muito forte, o que compensava em agilidade e perícia. Mas, apesar disso, parecia corpulento a distância e vestia roupas pesadas. As camadas sobrepostas tinham um único objetivo: ocultar sua armadura dourada. Balberith nunca largava sua casca, a famosa Couraça da Honra, uma das mais resistentes e cobiçadas peças do paraíso. Enquanto a maioria dos anjos vestia chapas peitorais, Balberith possuía uma armadura completa, com placas que cobriam os braços e as pernas, porém sem elmo. Não levava espada, é claro, porque o código dos lutadores o impedia de erguê-la contra um oponente desarmado, ainda que fosse um renegado — ou até um demônio.

Ablon conservou a expressão confiante, diante de alguém que, obviamente, estava ali para atrasá-lo. O semblante determinado desagradou o anjo ruivo, mais acostumado a ser bajulado.

— Ablon! — esbravejou Balberith. — Será que não se recorda de seu velho líder?

— Não reconheço nenhum líder — retrucou o guerreiro. Não estava disposto a iniciar um diálogo. Só queria ir embora, voltar à presença de Shamira.

— O que se passa em sua cabeça distorcida, general? — mudou de assunto, fingindo se preocupar. — Você agora deu para formar aliança com perdedores? Logo você?

Era, naturalmente, uma provocação pelo seu encontro com Lúcifer, a quem os anjos julgavam um "derrotado". Mas como ele sabia da viagem?

— Saía da minha frente, Balberith — limitou-se a dizer, sem muita paciência. Girou o acelerador da motocicleta e se preparou para arrancar.

— Não, soldado. Não posso deixá-lo partir. Tenho minhas ordens e costumo cumpri-las. Como perceberá em breve, as coisas mudaram um pouco por aqui enquanto esteve fora.

O príncipe caminhou para o lado, a fim de ficar frente a frente com o general. Ablon ainda não tinha conseguido entender o motivo daquela abordagem. Não acreditava realmente que Miguel estava preocupado em matá-lo, e se estivesse não mandaria só um caçador. Mas como o teria encontrado?

A ponte continuava vazia. Nenhum veículo.

Um vento frio soprou do leste, c Ablon teve a impressão de que o príncipe tomava posição de combate.

— Você é um maldito anjo renegado, Ablon, e não respeita ninguém. Mas precisa aceitar de uma vez

por todas que sou seu superior. Sim, *ainda* sou, E também o mais poderoso dos querubins. Se hoje você é o que é, deve tudo a mim. Eu o treinei. Eu o nomeei general. E por isso me sinto responsável por todo esse fiasco em que se meteu. Eu nunca deveria ter interrompido aquele duelo entre você e Apollyon. Mas preferi fazê-lo porque não queria perder um bom lutador. Salvei sua vida naquele dia.

O renegado não queria conversa.

—Você fala demais, Balberith.

—Acho que não compreendeu. De certa forma, você é produto do meu trabalho. Não posso continuar carregando esta vergonha. É algo que macula minha honra. Prefiro ter um oficial morto a vê-lo andando no meio dessa gente de barro. E, neste particular, acho que você passou dos limites.

Gente de barro. Era como Miguel se referia aos humanos.

— Shamira! — concluiu Ablon. Era lógico. O relacionamento dele com a humana era o que o príncipe queria dizer com "você passou dos limites". Se os celestes sabiam onde ele estava, seguramente encontrariam a feiticeira, ou já a tinham encontrado!

Sem que percebesse, a fúria esquentou-lhe a pele. Costumava ser calmo e dificilmente perdia o controle, mesmo quando sua vida estava ameaçada. Aprendera a conservar a paz e a nunca dar vazão ao ardor. Mas a necromante era, indubitavelmente, seu ponto fraco. Morreria para defendê-la e não admitiria que fosse jogada naquela guerra estúpida por sua causa. Os soldados são assim, geralmente. Dão a vida por seus companheiros, por sua nação ou por um ideal, sem se preocupar com as consequências.

Apesar da ira, Ablon não desejava enfrentar Balberith. Não devia perder mais tempo. Tudo que pensou foi em acelerar a motocicleta rumo à cidade, mas seu oponente não saiu do meio da pista. Não o deixaria passar, não importava o que acontecesse. O renegado conhecia a determinação dos querubins, porque era um deles também.

— Você não vai a parte alguma — reforçou o príncipe, sugerindo um duelo entre os dois. O guerreiro estava furioso, ciente de que Shamira estava em perigo, e tinha pressa, mas simplesmente não podia recuar ao confronto.

Tentou, pela última vez, alertar o inimigo.

— Balberith, eu não sou mais seu antigo oficial do Castelo da Luz. Eu mudei desde então. Aprendi coisas novas, aprimorei minhas técnicas e não permitirei que meus valores se desfaçam em pó — e completou, com uma frase antes usada pelo próprio Balberith:

— Portanto, se insistir neste combate, terei que matá-lo.

O príncipe dos querubins surpreendeu-se ao ver que ele se lembrava tão bem daquelas palavras distantes. Mas isso não foi o bastante para intimidá-lo, como já era de esperar. Sentia-se resoluto, ainda mais com sua Couraça da Honra. Considerava-se o melhor dos lutadores, o vassalo mais perfeito do arcanjo Miguel Seu erro não foi ter se oferecido ao duelo, mas não ter analisado corretamente a capacidade do adversário.

Ablon não teve escolha. Desmontou da motocicleta e aceitou o desafio.

Estavam distantes uns vinte metros e se posicionaram na mesma linha, um de frente para o outro. Ajoelharam-se quase ao mesmo tempo, fecharam os olhos e concentraram nos punhos o poder invisível da Ira de Deus. Não era mais um simples treinamento. Um deles morreria. E os dois estavam cientes dos riscos.

A ponte continuava vazia.

Ablon e Balberith abriram os olhos e encararam-se profundamente. Quando dois querubins chegam a esse ponto, parece que são tomados por uma espécie de transe, e daí em diante nada pode detê-los.

O príncipe e o renegado dispararam, um contra o outro, a uma velocidade inumana. Eram tão rápidos que seus movimentos deslocavam o ar, produzindo um ruído igual às lufadas de vento. O rosto era como o dos predadores, prontos para destroçar o almoço.

Quando chegaram perto o bastante para golpear, ambos saltaram bem alto, quase alcançando a linha onde os postes de luz se encurvavam para dentro. No espaço em que os dois se cruzaram, em pleno ar, sabiam que só teriam tempo para desferir um único ataque, que deveria ser letal, para aniquilar o oponente.

E então atacaram.

Nenhum barulho foi ouvido.

Ablon e Balberith aterrissaram, com os pés firmes no chão, um de cosias para o outro. Aparentemente nenhum deles tinha acertado a pancada, pois não pareciam feridos. Estavam como começaram.

O Anjo Renegado olhou para o punho fechado, como um carrasco fita a espada. Relaxou o corpo, certo de que havia concluído a infeliz tarefa de eliminar seu capitão. Deixou a linha de combate e caminhou em direção à motocicleta. Já tinha feito o que precisava fazer.

Mas, ao perceber a evasiva, Balberith protestou.

— Pare onde está, general! Eu avisei que você não iría a lugar algum sem me enfrentar. Não há como fugir, soldado! Volte já para sua linha de duelo. O combate ainda não terminou.

— Para você já, Balberith.

O anjo ruivo ia continuar praguejando, mas sentiu uma estranha dor no peito, como se uma agulha lhe apertasse o coração, e calou-se. De repente, todo o corpo começou a tremer, e então ele ouviu o barulho de uma rachadura no metal. Depois outra e outras. Estupefato, percebeu que a Couraça da Honra, a belíssima armadura dourada que envergava, estava ruindo! Naquele instante, Balberith ficou sem ação, apenas assistindo ao estilhaçar da famosa relíquia, até que se reduzisse a minúsculas lascas de ouro. Um terrível sentimento de derrota o dominou — uma sensação nova para alguém que, até então, nunca fora vencido.

A dor no peito aumentou — ele não podia mais respirar. O coração, a parte mais sensível do corpo de um anjo, fora atingido, e ele nem sequer vira o golpe. Foi tão potente, tão rápido, que um único soco destruiu a armadura, penetrou o tórax e fez explodir o músculo cardíaco. A velocidade extraordinária do ataque desintegrou as moléculas do metal e despedaçou os átomos da carne, mas o efeito foi retardado, pela celeridade do choque.

Um segundo depois, o coração estourou, de dentro para fora. Balberith tombou. O sangue esparramou-se na pista, desenhando uma enorme poça no asfalto molhado.

Balberith, o príncipe dos querubins, estava morto.

Ablon voltou à motocicleta, subiu na máquina e acelerou. Antes, diminuiu a velocidade e passou novamente pelo local onde jazia o avatar inerte de seu ex-comandante. Parecia um boneco, um invólucro, ainda mais inanimado do que um cadáver humano. Essa é a aparência dos corpos físicos dos anjos quando são destruídos.

Apesar de tudo, o general não queria matá-lo. Mas aquela era uma guerra, e ele era um guerreiro.

Olhou maís uma vez para a carcaça estirada.

Não conseguiu sentir pena.

O Anjo Negro

Ablon correu como nunca com sua motocicleta, avançando todos os semáforos vermelhos e não parando nos cruzamentos. Os pneus desprendiam fumaça a cada encruzilhada, e o cano de descarga cuspia gasolina fervente. Chovera mais cedo, e as falhas no calçamento formavam poças na pista.

Era quase meia-noite, as ruas estavam praticamente vazias, e o retorno à velha pensão foi bem rápido. O Anjo Renegado já imaginava o pior, por isso acelerou. Tomou todos os atalhos que conhecia, passando por vias interditadas e becos mal iluminados. Parou a moto numa rua estreita, onde se erguia a fachada do Hotel Montenegro, e não se preocupou em estacionar corretamente o veículo. A maioria dos postes de luz estava quebrada, e a viela mergulhara na escuridão urbana.

Três andares acima, a janela de seu apartamento estava em pedaços. Alguns estilhaços haviam despencado na calçada e agora descansavam a seus pés, no chão da ruela. As narinas aguçadas captaram um detestável cheiro de podridão, misturado a carne queimada. Sentiu uma presença misteriosa, que não soube identificar. Captou a fragrância da necromante e teve certeza de que estava viva, ainda.

Manipulando o centro de gravidade de seu corpo, saltou e se agarrou a um cano de ferro, no segundo andar, que servia como escoadouro da chuva. Dali pulou diretamente para dentro do quarto, atravessando o arco da janela,

O cômodo estava vazio, e a bagunça dominava o lugar. A mesa de madeira fora quebrada, e várias folhas de papel repousavam espalhadas no chão. As prateleiras que sustentavam os objetos históricos tombaram, destruindo alguns artefatos antigos, que o anjo guardara ao longo de séculos. O odor peculiar provinha de pedaços de carne cinzenta, agarrados ao chão — não eram de Shamira, e isso o aliviou. A televisão estava ligada, porém silenciosa. Suas imagens eram a única fonte de luz a clarear o salão.

As emanações da aura maligna vinham lá de fora, do terraço do prédio. Em um canto do apartamento, uma porta de fundos dava acesso ao pátio externo — uma área imunda, com antenas de TV, sacos de lixo e quinquilharias estragadas. Sem perder tempo, Ablon escancarou a passagem, preparando-se para enfrentar qualquer inimigo. Mas nem mesmo suas suposições mais macabras o haviam preparado para o que viria a seguir.

O Anjo Negro!

Um anjo de asas negras segurava Shamira nos braços, desacordada. O corpo, essencialmente humano, era muiro forte e estava protegido por uma armadura negra. Um elmo metálico cobria-lhe o rosto, tapando-lhe totalmente a face. Apoiava-se sobre a mureta de concreto, quase adejando. Atrás dele o terraço acabava em um vão de cinco metros, que separava o sobrado do prédio ao lado.

O Anjo Negro!

Era a mesma entidade que tentara assassinar a renegada Ishtar no Mar de Rocha. Ablon jamais esperara encontrá-lo ali e chegara a pensar que havia morto. O renegado o odiava por ter perseguido e quase matado sua companheira. No princípio, pensara em se vingar, pela perda que lhe causara. Mas ninguém nunca tinha ouvido falar de um anjo de asas negras no céu ou no inferno, isso o guerreiro havia desistido de procurá-lo. Agora, aquele ser odioso reaparecera para, mais uma vez, levar embora aquilo que ele mais adorava.

— Ablon! — chamou o Anjo Negro, com a voz abafada saindo da máscara. — Parece que é meu destino roubar suas mulheres — regozijou-se, sarcástico.

Ablon notou que um outro anjo, mais fraco, se posicionava entre ele e a entidade. Era o tal Ankarel, conforme se lembrava, um capanga do Príncipe dos Anjos. Não materializara as asas, diferentemente do raptor, e nessa forma assemelhava-se a qualquer ser humano. Usava roupas comuns, inclusive. Na jaqueta agarravam-se marcas de sangue, que não eram dele.

Ablon não deu importância à débil presença de Ankarel. Seus olhos de caçador estavam focados no Anjo Negro, analisando seus movimentos e aguardando o instante perfeito para dar o bote e salvar Shamira. O calor de sua fúria queimou o tecido, e todos os seres espirituais que estavam por ali souberam que um fabuloso combate estava para acontecer.

— Solte-a! — gritou. — Ela não tem nada a ver com esta guerra abominável. Acertemos as contas, nós dois!

E sem esperar uma reação, o renegado avançou, pronto para lutar, mas Ankarel pulou à sua frente, bloqueando o caminho. Escondia na manga uma espada curta, uma arma celestial, capaz de matar qualquer criatura, comum ou divina. Sacou sua lâmina e, traçando no ar um semicírculo, tentou decepar a cabeça do general, Ablon abaixou-se, evitando o ataque, e em seguida levantou o corpo novamente, com o braço esticado, desferindo um soco forte no queixo do adversário. O capanga foi arremessado para o lado e caiu desnorteado em uma pilha de sacos de lixo.

A briga deu ao Anjo de Asas Negras o tempo necessário para alçar voo, sobrevoar o vão e recuar para o terraço do outro prédio, tomando distância. Mas estava fugindo. Ainda tinha um recado a transmitir.

— Certamente, renegado, temos contas a acertar. Mas você nunca esteve em posição de caçar ninguém — desdenhou. — Não, ainda não será desta vez. A feiticeira é a nossa garantia. A garantia de que sua aliança com Lúcifer não se concretizará. Ela ficará a salvo e voltará com vida, se você não se opuser à vontade do arcanjo Miguel.

E acrescentou:

—Aguardo-o no crepúsculo dos tempos, general. Sou o Anjo do Abismo Sem Fundo, aquele que abre todas as portas. Sou a luz e as trevas, o começo e o fim.

Apesar de abafada, a voz do raptor era alta e soava como um rugido. Mas Ablon não parou para ouvi-lo. Pulou sobre o vão e seguiu em carga para golpear o rival. Havia muito abandonara a idéia de fazer acordos.

Mas, subitamente, um barulho estremeceu a membrana. Não era uma sonoridade natural, mas uma sinfonia do além, que abalou todo o tecido. Os seres humanos não podiam ouvi-la, mas os anjos e demônios, em todas as partes do mundo, caíram de joelhos, com os tímpanos ardendo. Ablon e Ankarel apertaram as mãos contra os ouvidos, mas não adiantou. Era como um sopro desafinado e irritante, cujo eco demorou a se dissipar.

Quando a agonia cessou, Ablon olhou à sua volta, procurando pelo Anjo Negro, mas ele havia sumido. Sua aura também desaparecera, o que significar vá que não estava mais no plano material. Sobre os telhados daqueles prédios antigos, avistou apenas o querubim Ankarel, que, como ele, acabara de se recuperar do sopro místico.

Ankarel fugiu pelo terraço, ao notar que estava sozinho, e pulou para o telhado do outro prédio. Ainda estava desorientado demais para se desmaterializai; então correr era a alternativa de escape mais óbvia. Mas Ablon não estava disposto a facilitar-lhe a evasão. Aquele querubim agora era a sua única pista para esclarecer o mistério do Anjo de Asas Negras. Quem era aquela criatura? O que queria? Para quem trabalhava?

Depois de três saltos perfeitos, o general agarrou o fugitivo pela jaqueta e o atirou de costas contra as telhas. Por pouco o forro não cedeu, graças às vigas mais grossas.

— Quem era aquele anjo negro? Para onde ele levou a feiticeira? — pressionou Ablon, cheio de raiva.

— Não sei — respondeu Ankarel, assustado. — Minha missão era só atrasá-lo nada mais.

— Então você veio com Balberith!

— Ele nos mandou para cá — confessou.

— E de quem é o sangue no piso?

— Do nosso chefe, Euzin. A feiticeira o baleou. *Euzin! Aquele abutre nojento.*

— Quem ordenou esta missão?

— Não sei — repetiu o prisioneiro. — Ninguém sabe sobre ela além de mim, Euzin, Balberith e o Anjo Negro.

Maldição!

Ablon enfrentara Balberith, e o sangue na jaqueta de Ankarel parecia mesmo ser de Euzin, se ele bem conhecia seu cheiro. Ambos estavam fora de seu alcance agora. Balberith estava morto e Euzin já retornara ao plano etéreo. Mas mesmo eles não deviam saber muito sobre o sequestro. Estava claro que eram só comandados, e que Miguel e o próprio Anjo Negro eram a chave de todo o segredo.

O Anjo Renegado acalmou-se. No princípio tentara rejeitar essa guerra — recusando a aliança com Lúcifer —, mas ela viera em seu encalço. Agora, não poderia mais evitá-la. De certa forma, fora ingênuo ao achar que conseguiria permanecer vagando pelas trevas da humanidade, quando o Dia do Ajuste de Contas chegasse. Ele era o líder dos renegados. Se não tivesse virado as costas para isso anteriormente, talvez Shamira não estivesse agora em poder do arcanjo. Assim, a guerra ganhava amplitude. Não era mais só de Miguel ou de Lúcifer — era sua também.

O general soltou a pegada, liberando Ankarel. O capanga se levantou, cambaleando, ainda assustado, e recuou. Ablon não pretendia matá-lo a sangue-frio. Degolar o prisioneiro não mudaria muito as coisas.

Sem dizer palavra, o renegado deu as costas ao inimigo e caminhou ao apartamento.

Contrariando o código de honra dos lutadores, Ankarel aproveitou-se da vantagem para tentar estocar o rebelde. Sacou novamente a espada curta e adiantou-se com a lâmina em riste, pronto para fincá-la nas

costas. Mas o general já esperava por isso. Ouviu o barulho do metal deslizando na bainha e em seguida captou o som do corte no ar.

Desviou para o lado, c a espada atingiu o vazio. Sem encontrar obstáculo à frente, o atacante perdeu o equilíbrio, expondo parte do tronco. Ablon então assaltou, golpeando-lhe o coração. Foi tudo muito rápido. Mal Ankarel investíra, a mão do renegado já perfurara-lhe o tórax. O anjo sentiu o impacto; depois tudo por dentro se rompeu.

Com uma puxada forte, Ablon retirou-lhe o músculo pulsante. Pôde sentir a energia invisível se dispersando, e a consciência do inimigo apagou. Os dedos amoleceram, e a espada curta escorregou de seu punho afrouxado. As pernas perderam a força, e o corpo despencou na ruela.

O renegado observou o avatar de Ankarel se espatifar lá embaixo, estourando a cabeça nos paralelepípedos do beco. Olhou para o coração, novamente, e o atirou para longe. Nesse momento, a espada do morto, largada sobre um cano, começou a se decompor. O aço enferrujou, rachou-se, e o ouro enegreceu. Depois, a arma se desfez em pedras de cinza.

A espada, não vive sem o querubim, e o querubim não vive sem sua espada.

Pingos de chuva caíram do céu, e a água lavou os telhados.

De cócoras sobre a mureta de concreto, o anjo guerreiro observou a cidade, em meio ao temporal. Estava sozinho, pela primeira vez. No passado, tivera a companhia dos renegados, e depois da Feiticeira de En-Dor.

Antes, pretendia esperar a desintegração do tecido, para só então desafiar o arcanjo Miguel. Só que agora o Príncipe dos Anjos estava com sua amiga, e talvez fosse arriscado demais esperar o Armagedon para resgatá-la. Não, o Anjo Renegado não podia esperar. Não devia confiar no destino, tampouco em seus inimigos, que sempre o traíam em momentos estratégicos.

Ablon ficou um bom tempo parado no topo do prédio, com a chuva a encharcar seus cabelos, pensando sobre aquele barulho terrível, que o impedira de atacar o Anjo de Asas Negras. De onde partira o silvo? Quem o teria provocado?

Meio perdido, refletiu sobre o que faria adiante.

E então, de repente, a solução apareceu na penumbra.

A Primeira Trombeta

O Anjo Renegado regressou ao apartamento. Observou a bagunça. Tudo parecia ter virado de pernas para o ar. Os móveis estavam quebrados, os objetos destruídos, e o chão arruinado. A chuva caía sem parar, invadindo o quarto através da janela e borrando as inscrições mágicas gravadas no piso. Ablon se lembrou do ritual ministrado pela necromante e das runas em seu braço, que, primeiramente, teriam o objetivo de protegê-lo no inferno. Mas não houve nenhuma emboscada, e todo o esforço acabou sendo inútil.

Inútil!— lamentou o guerreiro. De que adiantava ser imbatível, ou parecer imbatível, se ele nem ao menos conseguira defender sua amiga?

Do outro lado do cómodo, defronte a uma poltrona de couro rasgada, a velha televisão ainda funcionava. O som estava desligado, mas o anjo distinguiu uma série de imagens estranhas, de mísseis e bombas, e depois uma repórter apareceu ao microfone, falando em uma mesa de estúdio. Os noticiosos não transmitidos àquela hora, só os informes especiais. Correu, então, e aumentou o volume. Trocou de canal várias vezes, mas todas as emissoras mostravam o mesmo quadro.

— Aconteceu há meia hora — informou a jornalista. — O míssil que atingiu Pequim levava uma ogiva de cem megatons e devastou toda a área metropolitana. O impacto estendeu-se a outras cidades, agitando o golfo de Bo. Pelo menos outras trinta localidades foram afetadas, e a radiação já chegou à Mongólia — a apresentadora tremia, visivelmente abalada. — Os prejuízos são incalculáveis.

A tela mostrou imagens de Washington, e a voz seguiu em *off*:

— Os chefes de Estado americanos e europeus ainda não se manifestaram a respeito, mas a Aliança Oriental afirmou ter provas de que o ataque partiu de uma das bases da Liga de Berlim no oceano Pacífico, e prometeu uma resposta violenta. O ministro das Relações Exteriores... — Ablon tirou o fio da tomada.

A Primeira Trombeta! — deduziu o general. O discurso de Korrigan era claro agora. Os Sete Selos já haviam sido abertos. Os sinais se esgotavam a cada instante e levavam consigo a vitalidade do sétimo dia.

Como Lúcifer sugerira anteriormente, as Sete Trombetas, assim como os Selos do Apocalipse, nada mais eram do que sinais, indícios que índicavam o fim dos tempos e a proximidade do Armagedon. A Estrela da Manhã havia comentado sobre essas armas nucleares, mas o Anjo Renegado não esperava que fossem usadas tão de repente, nem que a guerra mundial dos humanos estourasse em tão poucos dias. Ele detestava admitir, mas o Arcanjo Sombrio era um visionário. Sua percepção das coisas, mundanas e espirituais, era realmente incrível.

Parte do mistério se esclarecera. O barulho que o guerreiro ouvira minutos atrás, ao tentar atacar o Anjo Negro, fora de fato o ruído da Primeira Trombeta, uma designação antiga utilizada por um profeta igualmente antigo para classficar o evento. "O primeiro anjo tocou a trombeta. Granizo e fogo, em mistura de sangue, caíram sobre a terra", diz a Bíblia em Apocalipse 8,7. Não fora um *sopro* apenas, mas o reflexo de um rasgo permanente no tecido da realidade, produzido quando centenas de milhares de almas, vitimadas pela explosão, atravessaram a membrana ao mesmo tempo. O abalo foi tamanho que sacudiu toda a extensão da fronteira espiritual e quase a destruiu.

O Anjo de Asas Negras provavelmente sabia o instante exato em que a trombeta soaria e escolheu a hora certa para escapar, levando Shamira consigo. Mas como ele conhecia aqueles detalhes? Como podia ter certeza do momento específico da detonação?

As respostas só lançavam mais dúvidas, então Ablon desistiu de pensar sobre elas.

O Apocalipse tinha chegado, e a guerra humana começara. O Dia de Ajuste de Contas não tardaria.

Do coração vazio, surgiu a esperança, e o Anjo Renegado entendeu que precisava, enfim, retornar ao caminho da luz. As palavras de Shamira ecoaram em sua mente, como vela na escuridão: *Achei que talvez fosse a hora de reviver o que~ rubim que salvou minha vida,*

Em seguida, era a voz de Orion que surgia em seus pensamentos: *Por toda sua vida você lutou, general. Não pode desistir logo agora.*

E, mais uma vez, Ablon entendeu que não combatia somente por si, mas por seus amigos, por aqueles a

quem amava e por todos que, de uma forma ou de outra, depositaram nele sua fé. Lutava pelo Deus Yahweh, onde quer que ele estivesse. Mais do que isso, lutava por uma causa, combatia para defender aquilo que considerava certo e justo e para preservar a grande criação do Altíssimo.

Aproximou-se lentamente da mala de Shamira e a abriu. Lá dentro, danificada como um esqueleto de metal, estava a Vingadora Sagrada, a arma celestial que empunhara quando ainda era um general de legiões, e que o acompanhara em inúmeras batalhas. Lá estava ela, apodrecida, enferrujada, rachada e parcialmente fossilizada por uma craca de pedra.

A espada não vive sem o querubim, e o querubim não vive sem sua espada.

Ablon tomou a Vingadora nas mãos e apertou firme o cabo da arma.

Subitamente, um espetáculo maravilhoso ocorreu. A casca de pedra se esfarelou e sumiu como fumaça no ar. As rachaduras no metal fixaram-se sozinhas e a empunhadura voltou a reluzir. O aço retomou seu polimento, e as inscrições místicas na superfície da lâmina tornaram-se novamente visíveis. O anjo captou a poderosa aura de poder da espada, que era, em essência, a canalização de sua própria energia.

Não precisava mais se esconder. Não tinha mais por que fazer isso.

Ele e a Vingadora Sagrada estavam juntos de novo.

O Primeiro General renascera.

PARTE 2: IRA DE DEUS

6-O Mestre do Fogo

Cidadela do Fogo, região central do Primeiro Céu

Ajelhado NO chão de mármore, envolto pelos vapores do templo, o arcanjo Gabriel meditava. A expressão era serena, como o orvalho da manhã que escorre pela superfície das plantas, ao encontro dos primeiros raios de sol. Tinha longos cabelos cor de mel, atados em uma trança comprida. O corpo magro, porém :uloso, estava coberto por uma belíssima armadura de ouro, com placas que protegiam não só o tronco, mas também as pernas e os braços. Lindas ombreiras suportavam uma capa branca, dividida ao meio para não prejudicar o movimento das asas. E diante dele, a um palmo de distância, descansava a Flagelo de Fogo, a espada flamejante que, no passado, servira para expulsar Lúcifer e seus seguidores da morada divina.

O Templo da Harmonia era um salão gigantesco, todo trabalhado em pedra alva e sustentado por grossas colunas, medindo cem metros de altura. O chão, em toda sua amplitude, fora preenchido com água fervente, à exceção de uma ponte que levava à plataforma do arcanjo. O líquido puro evaporava, inundando o lugar com brumas quentes e confortantes, de aroma revigorante. A névoa confundia a visão, mas a escuridão era afastada por feixes de luz que entravam por aberturas no teto.

O templo era a principal construção da Cidadela do Fogo, cerne político do Primeiro Céu. Essa era a morada dos ishins, a casta de anjos que controla os elementos da natureza. A cidadela ficava na boca do maior vulcão do paraíso, o Netúnia. Quatro grandes correntes, presas por ganchos às paredes do vulcão, suportavam um bloco pesadíssimo de pedra, sobre o qual fora moldada a cidade-fortaleza. Poucos metros abaixo, a lava borbulhava. Agentes leais a Gabriel patrulhavam as redondezas, alertas a qualquer invasor, fosse ele anjo ou demônio. Em um passado distante, a Cidadela do Fogo fora governada por Amael, o Senhor dos Vulcões, mas este se aliou a Lúcifer, deixando as rédeas do poder nas mãos de seu pupilo, Aziel, a Chama Sagrada. Mais tarde, quando a unidade dos arcanjos começou a ruir, Aziel cederia o templo a Gabriel, dando abrigo a seus anjos, que não mais desejavam permanecer no Quinto Céu, próximos à tirânica opressão de Miguel.

Gabriel, com as mãos pousadas sobre os joelhos e os olhos fechados, respirou fundo, deixando que o vapor quente deslizasse às narinas. Relaxou, buscando sentir o universo, procurando tocar a imensidão do cosmo com sua aura pulsante. Na concentração, sentiu uma presença. Ergueu as pálpebras, revelando seus sublimes olhos castanhos. Tranquilo, observou o visitante a caminhar pela ponte de mármore. Era o ishim Aziel, a Chama Sagrada, que viera atender a seu chamado. Pisava com leveza na pedra, quase não deixando escapar nenhum som. Vestia uma túnica delicada, de seda e algodão, e revelava uma longa cabeleira preta, que alcançava a linha da cintura. A pele era tão branca quanto as asas, e os olhos, negros como a noite profunda.

Aziel ajoelhou-se diante de seu patrono, não ousando invadir a plataforma. A Flagelo de Fogo interpunha-se entre eles, desembainhada, com a lamina a crepitar, pronta para decepar qualquer invasor

desagradável

— Venho atender a seu comando, Mestre do Fogo — esse era o principal título do arcanjo Gabriel, famoso por seu domínio sobre os elementos. — Em que posso ajudá-lo?

— Ablon ainda está vivo — disse o gigante, direto.

— Sim. Captei as emanações de sua aura.

O Mestre do Fogo respirou a névoa escaldante e encarou o subordinado.

— O Anjo Renegado ocultou sua presença por incontáveis séculos, provavelmente para impedir que os agentes de Miguel o encontrassem. Mas, agora, expandiu novamente a aura que guarda no coração. E essa energia é tão forte que foi sentida até mesmo aqui, no Primeiro Céu.

Aziel abaixou a cabeça, em dúvida.

— Não compreendo, mestre. Por que ele faria isso? Logo agora que o Sétimo Selo foi rompido... Imaginei que ele fosse esperar pelo Juízo Final, para só então executar sua vingança.

— Eu diria que é um chamado — respondeu Gabriel, conclusivo. — Ablon está pedindo nosso auxílio. E nós também precisamos da ajuda dele.

— Mas é provável que ele nem saiba que existamos. Como poderia saber que nos separamos de Miguel e montamos um exército próprio? Ablon é um fugitivo e, vagando escondido na terra, não teria como assistir aos nossos progressos.

— Isso é correto, Aziel. De fato, talvez nem o próprio general saiba que suas idéias dividiram o céu e lançaram as sementes da guerra civil. Mas, apesar de tudo, estou certo de que ele ainda confia que há anjos leais à sua causa. É para eles que o querubim expande sua aura. É com eles que conta. É por isso que temos o dever de ir ao seu encontro.

Ao dizer isso, o arcanjo fez um minuto de silêncio. Depois, pegou a Flagelo de Fogo e ficou um longo tempo a olhar sua folha. Assim como Ablon, Gabriel também temia esquecer — esquecer as situações pelas quais passara e, principalmente, as coisas que aprendera. A espada estava ali como testemunha, para ajudá-lo a se recordar das falhas antigas e obrigá-lo a não voltar a cometer os erros de outrora.

Aziel aguardou pacientemente até seu mestre retomar o pronunciamento.

— Envie nossas tropas para o plano etéreo e as posicione próximas à Fortaleza de Sion, bastião das forças inimigas — ordenou o arcanjo. — Ao que tudo indica, a batalha final será mesmo travada na terra, ainda que não no plano físico, mas no mundo espiritual. Quem vencer essa guerra garantirá a soberania sobre a Haled.

— Nossos espiões reportaram que um anjo de asas negras levou uma humana a Sion, provavelmente uma feiticeira — acrescentou o ishim.

— Talvez seja Shamira, a Feiticeira de En-Dor. Soube que Ablon a salvou na Babilônia. Se for mesmo ela então tudo se encaixa. Ablon quer nossa ajuda para libertá-la.

— Mas por que Miguel raptaria uma humana?

— É difícil prever as intenções de meu irmão. Sou um arcanjo, mas nem mesmo eu sei tudo. Na verdade, sei muito menos do que pensava saber. Mas a única coisa que um terreno tem e os anjos não possuem é a alma.

Gabriel devaneou por mais um curto instante e depois completou, enérgico:

— Execute as manobras militares e entregue o comando a Baturiel, o Honrado. Em seguida vá ao encontro de Ablon e leve-o ao acampamento de nossas tropas. Soube que foram bons amigos no passado. É um dos poucos a quem o guerreiro admira.

Fez uma pausa, mas logo prosseguiu:

— Há um portal para o etéreo na montanha Horeb, através do qual o general poderá passar, mesmo estando preso a seu avatar. Eu os estarei aguardando. Sieme, da casta dos serafins acompanhará você nessa jornada.

Aziel desagradou-se, mas não demonstrou. O problema não era a missão, mas a companhia. Não tinha nada em particular contra Sieme, mas a postura fria e calculista dos serafins às vezes o irritava. Isso não quer dizer que fossem anjos maléficos, eram apenas autoconfiantes demais. Mas não os culpava. Como poderia? Essa era a natureza deles. Os serafins são políticos, diplomatas e conselheiros, para isso foram concebidos. Era natural que gostassem de comandar e tivessem sérios problemas em receber ordens e aceitar opiniões divergentes. Estavam sempre tentando convencer os outros de seus próprios pontos de vista, eram irredutíveis, e esse era o tipo de coisa que Aziel mais detestava.

— O Anjo Renegado é o elemento que faltava ao nosso teatro de operações, Aziel — explicou o Mestre do Fogo. — Só ele poderá liderar nosso exército no Armagedon.

— Sim, mestre — respondeu o ishim, recurvando-se em sinal de respeito. Logo ao perceber que seu líder tinha concluído o discurso, virou-se respeitosamente e deixou o Templo da Harmonia.

Gabriel observou a Chama Sagrada sair. Pousou a Flagelo de Fogo novamente à sua frente, pôs as mãos sobre os joelhos, fechou os olhos e voltou a meditar. Antes de mergulhar no transe místico, disse para si mesmo, com a voz sossegada:

— Enfim, poderá lutar por seu ideal, general. Sua revolta não foi em vão. E retornou à harmonia do cosmo.

Aziel e Sieme

Aziel e Sieme chegaram à terra nas primeiras horas da manhã, antes mesmo de o sol despontar no horizonte. Para viajar entre as dimensões, utilizaram-se de um vórtice que ligava o Primeiro Céu a uma praia no plano astral, relativamente próxima à cidade de onde partiram, na noite anterior, as emanações do Anjo Renegado. Voaram pelo astral sobre o mar e, ao atingir as ruas da metrópole, deslizaram por entre os prédios até encontrar um beco, onde o tecido da realidade era mais fino, e então se materializaram, alcançando finalmente o mundo físico.

Há muitos tipos de conexões místicas que ligam as diversas dimensões. As principais são os portais, os vórtices e os vértices. Os portais são sem dúvida o . tipo de passagem mais visado. Eles ligam os reinos superiores e inferiores (como o céu e o inferno) ou o etéreo díretamente ao plano material. Uma entidade que cruze esse umbral não precisa gastar energia para se materializar, passando para a dimensão adjacente usando seu corpo espiritual, sem que para isso tenha que formar um avatar. Da mesma forma, um ser humano pode alcançar outro plano de existência com seu corpo físico, sem precisar projetar o

espírito. Os portais permanentes são muito raros e por isso são vigiados pelas criaturas nativas das dimensões a que estão ligados. Os humanos praticantes de magia desenvolveram, com suas habilidades, rituais capazes de abrir portais, mas a duração deles está sempre limitada por conjunções estelares, atividades climáticas ou esgotamento de material de sacrifício. Feiticeiros malignos costumam abrir portais com frequência, para invocar demônios em suas terríveis formas espirituais e utilizá-los em tarefas macabras. Há ainda alguns portais, menos importantes, que têm a propriedade de conectar o mundo material ao plano etéreo, mas estes raramente são procurados.

Os vórtices são conexões parecidas com os portais, mas ligam algum reino superior ou inferior ao plano astral ou ao plano etéreo — mas nunca ao plano físico. Uma vez no astral ou no etéreo, o viajante ainda terá de utilizar sua própria capacidade de materialização para cruzar o tecido da realidade e chegar ao mundo material. O vórtice tomado por Aziel e Sieme ligava o Primeiro Céu ao plano astral sobre uma praia próxima ao Rio de Janeiro.

Por fim, os vértices não são exatamente passagens místicas; são sítios onde ocorre uma interseção dimensional. São locais que existem tanto no plano material como no plano etéreo. Esses pontos podem ser frequentados tanto por seres humanos como por entidades em suas formas espirituais. Naturalmente, os vértices existem em espaços limitados, como pequenas grutas, templos e porões antigos. Nos santuários o nível do tecido aproxima-se do zero, ao passo que nos vértices a membrana tem grau negativo, permitindo assim a fusão dos dois planos.

Aziel, a Chama Sagrada, e Sieme, a Mestre da Mente, saíram do beco bem ao lado da velha pensão onde Ablon estava hospedado. Sieme sentia-se pouco confortável em sua carcaça física, pois os serafins não costumam atuar na Haled, posto que seu ofício, essencialmente político, tem os Sete Céus como centro de atividade. Não obstante, seu avatar não devia nada a seu corpo espiritual em matéria de elegância e imponência. Era uma bela mulher, de cabelos prateados e corpo escultural, rosto fino e expressão séria. Vestia-se de forma impecável, com uma parca de couro, botas longas e óculos de sol espelhados que lhe protegiam os olhos azuis.

— Não sinto nada — avisou Sieme, com aquela confiança típica dos serafins, que beirava a arrogância. — Nenhuma emanação. Tem certeza de que este é o local certo?

— Absoluta. — respondeu Aziel — Eu mesmo captei a essência do general na noite passada.

Eram por volta de seis horas da manhã, e a vizinhança de sobrados e prédios baixos ainda não atingira o ápice de sua atividade urbana. Em uma hora ou duas, as lojas estariam abertas, os ambulantes invadiriam as calçadas e os carros circulariam sem parar. Agora, contudo, só havia um grupo de lixeiros juntando os dejetos acumulados no meio-fio pela chuva da noite anterior, e algumas pessoas que cortavam caminho para tomar o metro em uma das grandes avenidas mais adiante,

— Veja! — Sieme apontou para o último andar do Hotel Montenegro, para a vidraça quebrada do apartamento de Ablon. — A janela foi despedaçada. Há fragmentos de vidro no chão — e mostrou os pedaços pequeninos em que quase pisara sobre o asfalto molhado. — São marcas de luta. Houve combate aqui durante a noite.

— Sim, é verdade — concordou Aziel. O semblante da Chama Sagrada destoava imensamente do de Sieme. Usava roupas simples, claras, que realçavam a negritude de suas meíenas. — Você sente algum cheiro?

— Sou um serafim, Aziel, não um querubim com sentidos de predador. O único cheiro que sinto é de toda esta sujeira — ela se referia à podridão da calcada. — Mas também estou curiosa. Eu posso, melhor do que ninguém, captar os abalos no tecido, e não percebo coisa alguma. Ou o Anjo Renegado está ocultando sua aura ou então *ele* foi a vítima da peleja que ocorreu aqui.

— Não seja tola, Sieme. Se ele tivesse morrido, não teríamos sentido a explosão de sua aura pulsante.

Ela não deu importância às palavras de seu comparsa.

— Seja como for... Chega de suposições. Vamos subir e verificar. Não estou disposta a passar todo meu tempo na Haled parada em frente a esta espelunca — e caminhou em direção à porta da pensão, adentrando o estabelecimento.

Aziel a acompanhou.

A porta do quarto de Ablon, no último andar do sobrado, estava entreaberta. Sieme a empurrou com cuidado e observou o espaço interno. No apartamento de um só cómodo, reinava uma completa bagunça. Prateleiras estavam atiradas ao chão, espalhando dezenas de objetos antigos pelo piso de madeira. Uma mesa pesada de mogno fora destroçada e agora jazia em pedaços em um canto da sala, juntamente com estilhaços de vidro. O sistema elétrico também fora avariado, mas a luz do sol que entrava pela janela era agora suficiente para banhar todo o recinto. Porém nada disso chamou a atenção da serafim, que buscava por indícios místicos. Não encontrou nenhum sinal do renegado, então se precipitou para dentro do quarto e imediatamente percebeu a diferença no ambiente.

— Magia! — exclamou em voz baixa.

— O quê? — indagou Aziel, que vinha logo atrás.

— Utilizaram magia para transformar este lugar em um santuário. Não percebe que aqui o tecido é incrivelmente frágil?

A Chama Sagrada acabara de entrar no cômodo e também sentiu a mudança.

— Sim, é um bom sinal. Então a Feiticeira de En-Dor deve ter estado aqui. Estamos na pista certa. Mas onde está...

O ishim calou-se subitamente. Antes que qualquer um dos recém-chegados reagir, Ablon emergiu das sombras, por trás deles, e pousou a lâmina da Vingadora Sagrada sobre a nuca de Sieme, submetendo-a. A Mestre da Mente sentiu o toque gelado do aço no pescoço, e seu sangue frio de serafim congelou.

Aziel entendeu que o general estivera ali durante todo o tempo, oculto, escondido para surpreendê-los. Conseguira permanecer escondido mesmo naquela sala bem iluminada, e isso deixou a Chama Sagrada impressionada. Aziel foi assaltado por emoções conflitantes. Estava feliz em rever o amigo, mas ao mesmo tempo precisava convencê-lo, o mais depressa possível, de que Sieme não era inimiga, mas aliada. Os anjos renegados, sobretudo o líder deles, eram bastante desconfiados, uma característica compreensível para um bando de fugitivos que passou a maior parte de seus dias sendo caçados.

— Aziel — exclamou o Primeiro General em tom cordial, porém firme. — Você é bem-vindo — acrescentou, sem desviar a atenção de Sieme.

A Chama Sagrada sentiu-se mais aliviada com a receptividade, mas ainda tinha impasse a resolver. O renegado não afrouxara a lâmina um milímetro sequer.

— Ablon... Muitos de nós no Primeiro Céu captamos a expansão cósmica de sua aura, e por esse motivo estamos aqui. Desejamos oferecer lhe nosso auxílio. Acho que sabemos para onde levaram a Feiticeira de En-Dor e quem a capturou — falou com sinceridade — Não há com o que se preocupar. Pode confiar em mim.

— Confio em você, Aziel. Mas quem é *ela?* — perguntou, indicando Sieme com um movimento de olho.

— Esta é... — o ishim ia começar a falar, mas a mulher-anjo o interrompeu. Demonstrando coragem, virou lentamente o corpo, ficando de frente para o general. A espada estava agora a ameaçar-lhe a garganta. Tirou os óculos espelhados e fitou profundamente os olhos cinzentos de seu algoz.

— Eu sou Sieme, Mestre da Mente, da casta dos serafins — apresentou-se. — Viemos encontrá-lo, general, não para julgá-lo, mas porque decidimos segui-lo. Resolvemos trilhar os seus passos. Assim como muitos, acreditamos em seu ideal e estamos dispostos a morrer por ele. Sei que nós, serafins, não somos tão rápidos ou tão espertos na arte do combate quanto vocês, querubins, mas ofereço minhas habilidades psíquicas em defesa de nossa causa — e, dizendo isso, abaixou a cabeça, desviou o olhar e entregou sua sorte nas mãos do guerreiro.

Os serafins são peritos em política e oratória. Aziel não acreditava que Sieme estivesse mentindo — pelo contrário, sabia que ela lutava pela mesma causa que ele. Também não cogitava que fosse uma espia ou algo do género. Entretanto, supunha que a forma demasiado respeitosa com que ela conduzira o discurso fora uma manobra diplomática para livrar-se daquela enrascada. Os serafins se tornam mais humildes quando postos sob o fio da espada.

Ablon era perspicaz e havia aprendido, ao longo de anos submetido a trapaças, a ler a verdade na fisionomia dos outros. Era um soldado e tivera que desenvolver essa perícia para reconhecer seus inimigos. Foi isso, aliado às traições do passado, que o impedira de pactuar com Lúcifer. Resolveu, então, acreditar nas palavras calculadas de Sieme. Também não nutria muita simpatia pelos serafins, mas as virtudes da casta eram inegáveis. Se a celestial subjugara-se a ele, coisa que raramente os serafins fazem, era porque acreditava na legitimidade do general.

— Muito bem, Sieme — disse o renegado, abaixando a espada. — Aceito sua ajuda. Não se espante com minha atitude. Você deve compreender que ainda há muitos que teriam prazer em acabar comigo, apesar da situação conturbada.

— Não é de surpreender que seja tão precavido — constatou Aziel, quando o clima de tensão amansou.

— É exatamente por isso que continuo vivo — acrescentou Ablon, agora tranquilo quanto à presença dos novos celestiais. Não havia mais necessidade de confinar sua aura, e mais uma vez ele a libertou. Sieme e Aziel captaram na totalidade a forte emanação que partia do general e entenderam que ele era mesmo o único que poderia ter liderado a ousada revolta que o tornara famoso. Era uma força intensa, envolvente, inspiradora, digna de alguém que ascendera ao mais alto ciclo de poder.

Ablon afastou-se e pegou alguns panos soltos, em meio às estantes. Começou, a enrolar a Vingadora Sagrada no tecido, procurando ocultá-la. Aziel imaginou que ele se preparava para deixar o apartamento.

Sendo uma sensitiva, Sieme não pôde deixar de notar as nuances do tecido.

— Sinto os remanescentes de uma energia terrível nesta sala. Mas não consigo perceber sua natureza exata. É uma força estranha, misteriosa.

— O Anjo Negro — esclareceu o renegado, enquanto amarrava com uma corda os anos que escondiam a espada. — Uma criatura de procedência desconhecida que se autointitula Anjo do Abismo Sem Fundo — completou, atando firmemente dois nós às extremidades do volume, formando uma alça para carregar **às** costas. — Ele esteve aqui, ontem à noite, juntamente com dois querubins. Foi de quem levou a feiticeira ao soar da Primeira Trombeta — e voltou a encarar a Chama Sagrada. — Aziel, você disse que tinha informações sobre o rapto.

— Sim.

— Quero saber tudo. Mas antes vamos deixar este quarto. O santuário que havia aqui foi profanado — explicou, ao mesmo tempo em que caminhava à porta. — Acompanhem-me. Conheço um bom lugar para o desjejum.

— Desjejum? — sussurrou Sieme para Aziel, em sua ignorância quanto aos assuntos mundanos.

— E um tipo de ritual alimentar humano — indicou seu parceiro de missão.

— Entendo — replicou a celestial. Tinha vindo pouquíssimas vezes à Haled, e não conhecia quase nada sobre os costumes mortais. Felizmente era a Mestre da Mente, e aprenderia rápido.

Uma Revelação Impressionante • A Guerra Civil

Ablon guiou Aziel e Sieme por seis quarteirões, até que os três chegaram a uma das avenidas principais. O general aproveitou a caminhada para contar à Chama Sagrada o que tinha lhe acontecido desde que os sinais do Apocalipse começaram, do encontro com Orion ao sequestro de Shamira.

No meio do caminho, o cenário urbano se transformou, e quando os celestiais menos esperavam tinham deixado a vizinhança de sobrados e adentrado a área moderna, com seus arranha-céus de vidro e concreto. Igrejas barrocas, protegidas por leis de tombamento, escondiam-se em recantos decadentes, às sombras de construções magníficas, A sujeira enegrecera a fachada dos templos, e a poluição enfraquecera suas vigas, deixando-os praticamente arruinados.

O movimento e a correria aumentaram com a abertura dos pontos comerciais. Eram quase oito horas da manhã, e a temperatura subira cinco graus. O sol arrastava-se pelo leste, e agora a bola de fogo já podia ser avistada no topo dos edifícios. Para a infelicidade de Sieme, o clima ia ficando cada vez mais abafado à medida que penetravam o labirinto de prédios — onde o ar encontra dificuldade para circular. O calor excessivo a obrigou a retirar a parca e a continuar o trajeto apenas de camisa. Para ela, que era uma novata nas questões corpóreas, as duras condições tropicais eram um aborrecimento à parte. Entretanto, as descobertas desagradáveis que a Mestre da Mente fazia eram compensadas por novas experiências, muito mais interessantes.

Ao observar a massa de pessoas que a toda hora cruzava seu caminho, Sieme percebeu quão débeis eram as defesas psíquicas dos seres humanos. Os pensamentos dos mortais brotavam-lhes da mente como água da fonte, e ela podia ouvi-los sem nenhum esforço: *A bolsa caiu 2,3% esta semana; Meu Deus, então a coisa deu em guerra mesmo; Tenho que levar meus filhos ao jogo; Acho que o supervisor não vai ficar satisfeito; A receita leva ovo batido.* Com isso, em poucos minutos, a inteligente serafim já acumulara uma quantidade considerável de informação a respeito do comportamento terreno, e tentava, em sua mente, organizar e processar todas essas idéias, para então desvendar seus reais significados.

Passaram em frente a uma banca de jornal, e em volta dela havia uma aglomeração incomum. Mesmo atrasados para seus compromissos, muitos não conseguiam prosseguir sem antes dar uma olhadela na primeira página dos jornais pendurados. As manchetes de todos eles, sem exceção, falavam sobre o ataque nuclear a Pequim da noite anterior. A guerra mundial ainda não fora oficialmente declarada, mas todos acreditavam que seria em breve, com uma sangrenta resposta oriental à ofensiva que, supostamente, partira de um dos postos militares da Liga de Berlim no oceano Pacífico. Os periódicos sensacionalistas alertavam para a proximidade do "fim do mundo", enquanto os mais moderados indicavam que certos países, os chamados países neutros, como o Brasil, estavam fora do eixo de

combate. As páginas principais também mostravam entrevistas com cientistas, que afirmavam que a capacidade de destruição dessas novas armas era muitíssimo superior àquelas que devastaram Hiroshima e Nagasaki, na Segunda Guerra Mundial. Um só míssil seria capaz, segundo eles, de aniquilar um país inteiro.

O coro — como os celestiais chamam um grupo de três ou mais anjos — andou mais uma quadra e entrou em uma cafeteria pequena, de formato estreito e profundo. De longe, Ablon sentiu o aroma do ébano, com que foram talhados os móveis. O renegado descobriu aquele lugar logo que chegou ao Rio de Janeiro e rapidamente se acostumou com ele. Era calmo, silencioso, e passava a maior parte do tempo vazio. O movimento era maior à noite e depois do almoço, quando os executivos vinham tomar uma xícara de chá ou degustar uma dose de uísque. A fachada era antiga, devia ter mais de cem anos. Quando foi inaugurado, por volta de 1900, era uma chapelaria, depois passou a vender charutos e por fim converteu-se em uma casa que servia cafés, drinques e petiscos. No fundo do bar, sobre o balcão, uma televisão com o volume baixo transmitia um jogo de futebol.

Os três sentaram-se em uma mesa próxima à janela, de onde tinham uma excelente visão da rua e da confusão metropolitana. O Anjo Renegado pediu à garçonete uma lata de suco de laranja e esperou a mulher se afastar, para só então iniciar o diálogo.

— E então, onde ela está?

— Na Fortaleza de Sion — respondeu Aziel. — Um anjo desconhecido a levou às câmaras internas. Pela descrição que você me deu, trata-se de fato do Anjo Negro, o mesmo que invadiu seu apartamento.

A Fortaleza de Sion — pensou o general, intrigado pela coincidência.

— O que foi? — inquiriu a Chama Sagrada, reparando no devaneio.

Ablon voltou à realidade.

— A Fortaleza de Sion. Era para lá que Lúcifer queria me mandar quando me apresentou seu plano.

— E o que a Estrela da Manhã pretendia?

Como resposta, Ablon pôs a mão no bolso do sobretudo e sacou um objeto rústico, circular, moldado em barro sólido. Media mais ou menos dez centímetros de diâmetro e tinha a forma de uma cruz envolvida por um anel. Pôs a relíquia sobre a mesa.

— Reconhece este artefato?

— É a chave de uma das passagens dimensionais da Sala dos Portais, localizada no interior da Fortaleza de Sion — rebateu Aziel, aguçado. — Pelas inscrições, eu diria que ela abre um vórtice para os domínios do Arcanjo Sombrio nas profundezas, Lúcifer deu isso a você?

— Sim.

— Muito estranho...

— Por quê?

— Não imagino como ele possa ter conseguido este objeto. A Fortaleza de Sion é completamente impenetrável a qualquer demônio.

— Pode ter sido um traidor.

Aziel ponderou por um segundo e depois respondeu, convicto:

— Não acredito nisso. Mesmo que um anjo estivesse trabalhando para Lúcífer, jamais conseguiria adquirir essa chave. É claro que o Diabo pode ter espiões espalhados por Sion, nós mesmos temos vários. Mas entrar na Sala dos Portais significa estar cara a cara com o arcanjo Miguel.

— Então a chave pode ser falsa?

— É possível, mas acho que não. Posso sentir o poder do artefato — opinou Aziel, deslizando o dedo indicador sobre as runas místicas que delineavam a superfície do barro.

Os dois ficaram em silêncio por um momento, arriscando hipóteses mentais que os ajudassem a lançar alguma luz sobre o mistério que se apresentava. Sieme estava atenta ao diálogo, mas continuava calada, lendo os pensamentos das pessoas que passavam na rua. Achava que isso a ajudaria a compreender melhor o mundo onde estava, sobre o qual quase nada sabia.

A reunião está começando; Essa não! Eu tenho um amigo que mora em Pequim; Puxa, que noite; Acho que vou comprar uma trava para o carro; Ah, ele é maravilhoso!; Vão jogar uma bomba na nossa cabeça.

— Há alguma peça desse quebra-cabeça que não se encaixa, Aziel — constatou Ablon, preocupado.

O ishim limitou-se a concordar. Também não conseguia pensar em nada que esclarecesse a situação.

O general devolveu a chave de barro ao bolso do sobretudo. Depois, voltou o olhar à Chama Sagrada e retomou a conversa do ponto onde parara.

— Com ou sem a chave, você acha que pode me ajudar a salvar Shamira?

— Eu não. Mas talvez Gabriel possa.

— Gabriel? — reagiu Ablon, surpreso. Agora era sua vez de estranhar as palavras do amigo. — Gabriel é um arcanjo! Os arcanjos são nossos inimigos.

Aziel trocou olhares com Sieme, que enfim entrou na conversa. Até ali, os dois celestes não tinham parado para pensar quanto tempo fazia que o renegado estava na terra, e que realmente não tinha como saber o que se passava no céu. Pela primeira vez, a Mestre da Mente falou:

— Muita coisa aconteceu desde que você foi confinado à Haled, general. Aziel adicionou:

— Acho que você está defasado em relação a mais de dois mil anos de história celeste.

O querubim nada disse, apenas se ajeitou na cadeira, esperando que os enviados lhe explicassem o que de tão importante teria ocorrido em sua ausência. Aziel começou:

— Logo depois do expurgo dos renegados, muitos de nós fomos tomados por um estranho sentimento, uma mistura de remorso e confusão. Queríamos estar ao seu lado, mas nada fizemos para impedir que Miguel os expulsasse. E também não tínhamos iniciativa para continuar sua luta. Talvez fosse o medo dos arcanjos, ou simplesmente a falta de uma liderança coesa... Não sei ao certo.

Ao terminar a frase, o ishim foi interrompido. A garçonete trazia uma lata de suco de laranja e três copos. Sieme analisou o recipiente, sem saber como funcionava ou para que servia. Ablon puxou a tampa e serviu aos amigos, mas a serafim recusou o líquido amarelo, indiferente ao paladar. Quando perceberam que estavam a sós, Aziel continuou:

— Alguns tomaram a decisão errada e se uniram a Lúcifer, na esperança de que a rebelião do Arcanjo Sombrio fosse uma continuação da sua, porém com mais chances de sucesso. Outros, como eu e Sieme, vimos as verdadeiras intenções da Estrela da Manhã e o rechaçamos. É claro, muitos abraçaram a revolução por anseios sinistros e diabólicos. Quando a batalha no céu eclodiu, só havia dois lados: ou você estava com Miguel ou com Lúcifer. Preferi o Príncipe dos Anjos porque, mesmo reconhecendo que era um tirano, achei que as coisas poderiam ser piores se os rebeldes vencessem.

Ablon bebeu um pouco de suco, sem tirar os olhos de Aziel.

— Lúcifer caiu, junto com seus aliados — prosseguiu o ishim. — Com a vitória sobre os revoltosos, Miguel se fortaleceu e começou a se isolar cada vez mais no poder. Dos cinco arcanjos que governavam o paraíso, agora só sobravam quatro: Gabriel, Uziel, Rafael e o próprio Príncipe dos Anjos. Destes, apenas o Mestre cio Fogo era páreo para o ditador, mas seu desinteresse quanto à política celestial ajudou o irmão a galgar as escadas do trono. Sem Lúcifer para se opor a ele, o balanço de forças no conselho ruiu.

— Diante desse quadro — interferiu Sieme — tudo levava a crer que em pouco tempo a Haled c seus habitantes sofreriam novos desastres.

— Sim — concordou Ablon, acompanhando o raciocínio.

— Sim — retomou Aziel. — E era isso que aconteceria no longo prazo. Mas então alguma coisa ocorreu, algo que mudaria para sempre o rumo das forças no céu.

O guerreiro pousou o copo sobre a mesa, interessado. O ishim seguiu com suas palavras:

— Há cerca de dois mil anos, o até então passivo Gabriel pôs-se em conflito com seu irmão. As divergências estavam relacionadas ao destino da Criança Sagrada. Miguel queria dar fim ao menino, mas Gabriel se opôs ao assassinato. A contenda gerou um racha permanente nos Sete Céus. Com isso, o ideal da conjuração, semeado por você e pelos renegados, ganhou um novo impulso. O arcanjo Gabriel deixou o Palácio Celestial e solicitou exílio na Cidadela do Fogo. É claro que teve todo o meu apoio. Uma legião fabulosa e imensa o acompanhou. Todos ali ansiavam por derrubar o Príncipe dos Anjos e pôr fim ao seu reinado de medo, tanto sobre os celestes quanto sobre os seres terrenos. Desejavam acabar com a tirania e salvaguardar os mortais na Haled.

— Miguel nunca entendeu que a humanidade é parte da criação divina — argumentou Ablon. — Feri-la significa ferir também uma parte de Deus.

— Mas mesmo depois de o paraíso ter sido palco de duas rebeliões, Miguel não se deu por vencido. Sua insistência arrastou as duas facções para uma guerra civil. O Quarto Céu transformou-se em um infinito campo de batalha, onde os exércitos lutaram, por mais de mil anos, em pé de igualdade. A cada instante, uma fortaleza caía e outra era retomada. As tropas estavam tão niveladas em termos de contingente e perícia que os progressos eram ínfimos. As forças do tirano não conseguiram invadir o Primeiro Céu e sitiar a Cidadela do Fogo, e nosso exército não foi capaz de subir ao Quinto Céu e atacar o palácio.

— Mas com a chegada do Apocalipse tudo muda — afirmou Sieme.

Aziel maneou novamente a cabeça, em uma afirmativa emocionada.

— O Príncipe dos Anjos moveu sua base de operações para a Fortaleza de Sion, no plano etéreo, de onde espera iniciar a dominação da Haled, quando o tecido da realidade cair. Ele e os anjos que o

acompanham já estão posicionados ao redor da bastilha. Mas essa manobra do inimigo, ironicamente, nos foi muito propícia. Diferentemente das investidas no Quarto Céu, onde as forças travavam combates isolados, no etéreo os exércitos poderão se enfrentar até o fim, digla-diando-se na grande Batalha do Armagedon. E aos ganhadores será reservado o prémio de assistir ao despertar do Altíssimo.

A expressão do Anjo Renegado encrespou-se. A emissão do nome divino lançou sobre ele novas preocupações, trazendo à tona questões que supunha ser de menor importância.

— No que está pensando, general? — perguntou Sieme, evitando ler seus pensamentos.

— Só em uma coisa que Lúcifer me disse. Para o Arcanjo Sombrio, Miguel estaria arquitetando um plano pelo qual usaria a energia liberada no despertar de Deus para atingir a própria divindade.

Aziel e Sieme se entreolharam, mostrando-se absolutamente descrentes,

— Essa idéia é absurda — protestou o ishim. — Você acredita mesmo naquele traidor?

— Não, mas devo reconhecer que há algum sentido em seu discurso. Vocês acham mesmo que Miguel passará impune aos olhos do Criador no Dia do Juízo Final? Não, sem dúvida será o primeiro a ser condenado. Além disso, o retorno de Yahweh tira o arcanjo do rol das decisões. E não foi apenas o Diabo que levantou essa teoria. Urna entidade com quem conversei propôs a mesma coisa. Eu também custei a aceitar, mas, se você raciocinar bem, é bastante lógico. Só não consigo compreender por que Orion ou Lúcifer não me contaram sobre isso, sobre a guerra civil e o exército de Gabriel. Seguramente o demônio estava tramando alguma coisa ao ocultar-me todas essas informações.

— Imagino que sim — retrucou Aziel. — A Estrela da Manhã está sempre maquinando algo. Você tomou a atitude certa em não firmar aliança com ele.

— Isso eu nunca faria, de uma forma ou de outra. Mas se a batalha será entre Miguel e Gabriel, qual é a participação de Lúcifer nessa guerra?

Sieme opinou:

— A julgar por sua natureza vil, ele esperará que os dois exércitos se matem, para só então tentar um acordo com os vencedores, já enfraquecidos pelo combate. Todos sabemos quanto as hostes infernais são belicosas, mas ainda assim não são suficientemente fortes para enfrentar os anjos estacionados na Fortaleza de Sion nem nossa legião comandada pelo Mestre do Fogo.

O Mestre do Fogo — esse era o principal título ostentado pelo famoso arcanjo Gabriel, graças ao seu absoluto poder sobre o calor e as chamas. O único que poderia fazer frente a ele nesse domínio era Lúcifer, que, além de muitas maestrias, também era perito na arte elemental. Além desse, Gabriel tinha outros nomes, entre os quais O Mensageiro, Força de Deus, Príncipe da Justiça e O Anjo da Revelação. Foi ele quem anunciou a vinda de Cristo. Foi ele quem ofereceu o perdão a Caim. Foi ele quem ditou as palavras do Alcorão a Maomé. Diferentemente de Miguel, Gabriel sempre atuou na esfera terrena.

Talvez isso o tenha feito, em determinado momento, recusar as idéias brutais de seu irmão — pensou o renegado, e então recordou-se, espontaneamente, dos outros arcanjos, Uziel e Rafael. *Onde estariam?*

— O que aconteceu com os outros arcanjos? — inquiriu Ablon, dando-se conta de que ainda não havia escutado a história toda. — Qual foi a posição que tomaram nessa guerra?

Aziel sacudiu a cabeça, desta vez indicando uma negativa.

— Rafael há muito deixou o reino dos anjos, desiludido com a atitude de seus irmãos. Perdeu toda a vontade de continuar governando e desistiu de tudo e de todos, isolando-se em alguma dimensão

desconhecida. Já Uziel esteve ao lado de Miguel, liderando os querubins, há até bem pouco tempo, mas então, certo dia, sua aura simplesmente se apagou.

O Primeiro General respirou fundo. Por um momento, amaldiçoou sua falta de conhecimento. Se soubesse dessas coisas antes, teria as respostas certas para os momentos oportunos — como Lúcifer tinha. Mas não podia se culpar. A verdade, por mais fatalista que fosse, era que, fora as oscilações do tecido, não tinha outra maneira de obter notícias do mundo espiritual. As nuances da membrana carregavam apenas fracos resquícios sobre os acontecimentos que se sucediam em outros planos.

Ainda preocupado com Shamira, voltou à questão do rapto:

— E esse Anjo Negro, ou Anjo do Abismo Sem Fundo, como gosta de ser chamado? Não pude identificar sua aura. Carregava em si uma energia diferente de tudo o que já senti. O que sabem sobre ele?

— Tanto quanto você, general — rebateu Sieme. — Ele serve apenas ao Príncipe dos Anjos, e a ninguém mais. É forte e poderoso, cruel e impiedoso. Nossos espiões reportaram que nem mesmo os lacaios de Miguel conhecem sua verdadeira identidade.

Ablon bebeu de uma vez todo o suco que restava no copo. Percebeu que o jogo de futebol, antes transmitido pela TV, havia acabado, e agora os clientes no bar assistiam ao noticiário matinal.

Aziel e Sieme vieram à Haled prestar auxílio ao general, mas ele tinha a impressão de que não era só por isso que estavam ali. Havia algo mais. Tinham sido enviados por um arcanjo e, por mais que aceitasse a redenção de Gabriel, custava a acreditar que o Mestre do Fogo fosse tão altruísta. Voltou os olhos cinzentos aos dois celestes e resumiu:

— Vocês têm uma inigualável legião de querubins e um líder forte como Gabriel. O que querem de mim?

— O Armagedon é a grande batalha — reconheceu Aziel —, o combate pelo qual todos os celestiais têm esperado. Você *é* o Anjo Renegado, aquele que primeiro desafiou as ordens do inimigo, e por isso tornou-se uma lenda. Os feitos de bondade e bravura perpetrados pela conjuração inspiraram muitos de nós, até mesmo o próprio Mestre do Fogo,

— Gabriel não pretende continuar nos liderando por muito tempo — Sieme revelou. — Até então os dois exércitos lutaram em equilíbrio, mas em Sion nós seremos os invasores, e eles defenderão suas posições. Terão a vantagem de estar confinados em sua fortaleza. Por isso precisamos de você. Se o último anjo renegado puder comandar nossas tropas, se o próprio ícone da resistência erguer a bandeira da liberdade, então a vitória será certa.

Os serafins costumam ser frios e controlados, mas Ablon percebeu um brilho apaixonado na última frase da mulher-anjo. Seguramente havia ali uma imensa admiração, que a natureza autoconfiante de sua casta a impedia de demonstrar. Quando foi expulso do céu, o anjo guerreiro não esperava se tornar um mito, Era irónico pensar sobre isso, mas não foi ele quem cultivou essa reputação, e sim o arcanjo Miguel, que ordenou a caçada aos renegados. Se pelo menos um deles sobrevivesse às perseguições, como foi o caso de Ablon, se tornaria um mártir.

Aziel e Sieme ficaram quietos, esperando ansiosos pela resposta do Primeiro General. O segundo que se seguiu pareceu-lhes uma eternidade.

— Este é o tipo de proposta que se faz — disse Ablon, decidido, arriscando um leve sorriso com o canto da boca. Quando, havia milhares de anos, jutou vingar-se de Miguel e confrontá-lo no Dia do Ajuste de Contas, não esperava fazê-lo com uma legião sob seu comando. Mas se era assim que a situação se apresentava, tanto melhor.

Azíel sorriu e pôs a mão no ombro do amigo, oferecendo-lhe apoio incondicional e jurando nunca mais abandoná-lo. Sieme fez apenas um gesto de aprovação, mas seu contentamento não era menor que o do companheiro.

— Contudo — ponderou Ablon — há um porém. Não posso me desmaterializar. Como espera que eu encontre as tropas de Gabriel acampadas no plano etéreo?

A Mestre da Mente tinha a solução.

— Tomamos conhecimento de um portal pelo qual você poderá passar sem ter de atravessar a membrana. A passagem nos levará às proximidades do local onde o exército do Mensageiro está se preparando.

— Um portal? Portais são muito raros. Com quem obtiveram essa informação?

— Com o próprio arcanjo Gabriel — revelou Aziel.

O general tranquilizou-se. Se quisesse entrar de cabeça nessa guerra, não teria outra opção a não ser confiar em Gabriel e em seus anjos.

— E onde fica esse canal místico?

— Em uma caverna na montanha de Horeb, no deserto do Sinai.

O deserto do Sinai pertence hoje ao Egito, mas fica próximo à Terra Santa. Ao imaginar aquele cenário milenar, Ablon lembrou-se de uma passagem do Êxodo bíblico. Conhecia bem as escrituras.

— A montanha de Horeb? É onde o Antigo Testamento sustenta que o profeta Moisés teve sua primeira revelação de Deus. É compreensível. Só Gabriel poderia saber a localização desse portal. Ele é o Anjo da Revelação, que apareceu ao hebreu em forma de fogo, ao lado da árvore que ardia em chamas. Por isso alertou Moisés para tirar as sandálias e não se aproximar da sarça. Se o profeta pisasse naquele solo sagrado, seria atirado para dentro do túnel místico.

— Então devemos partir imediatamente — propôs Sieme. — Qual é o barco mais veloz que vocês têm por aqui?

—Vamos tentar uma coisa um pouco mais rápida — sugeriu o general, achando graça na inocência da serafim. Ela não imaginava o que era um avião ou mesmo um carro, embora já tivesse visto alguns automóveis circulando nas ruas.

Ablon e Aziel, que já conheciam melhor os recursos modernos, não deram importância ao anacronismo da Mestre da Mente. Estavam mais preocupados com como chegar à Terra Santa, em um momento tão crítico como aquele, quando a Haled era sacudida por um conflito mundial. O Anjo Renegado, que já presenciara centenas de guerras humanas, sabia que todo tipo de locomoção se tornava difícil em tempos de crise. Calculou, pelo que vira nos jornais, que os aeroportos nos países árabes estariam todos fechados, portanto era inviável tentar chegar ao Egito de avião. A opção mais óbvia era embarcar em um voo para Israel e, a partir de Jerusalém, seguir de carro para a península do Sinai. Só não tinha pensado ainda como colocaria os dois anjos, Aziel e Sieme, sem passaportes ou documentos, dentro da uma aeronave.

Jerusalém, a Cidade Santa — o nome soou como uma música triste na mente do general. Por anos, ele sonhou em conhecer aquela região que, no passado, fora palco de momentos históricos tão significantes e grandiosos. Imaginava como seria caminhar sobre suas muralhas, vagar pelo monte das Oliveiras e explorar os santuários judeus, cristãos e muçulmanos. Mas Ablon era um exilado. Nunca pôde se aproximar da Terra Sacra, território proibido a todo anjo renegado. Jerusalém sempre esteve cercada pelos agentes de Miguel, que estendiam suas rondas desde o mar Morto até a linha do Mediterrâneo.

Ultrapassar aquelas fronteiras era, para qualquer inimigo dos arcanjos, um ato suicida. Agora, porém, com a chegada do Apocalipse, Miguel chamara todos os seus soldados para defender a Fortaleza de Sion, suspendendo as patrulhas e posicionando esses guerreiros na linha de frente. Pela primeira vez, a cidade estava desprotegida, e o Anjo Renegado poderia adentrá-la sem problemas.

— Sieme está certa. Não devemos perder mais tempo — concordou o guerreiro, olhando por cima dos ombros e procurando a garçonete. Ao ver a moça, fez sinal para encerrar o serviço.

Os três anjos já se preparavam para levantar, quando uma dor terrível os acometeu. Não sabiam de onde vinha, e diante dela ficaram inúteis. Chegou sob a forma de um barulho estrondoso, um eco estridente que os perfurava e os paralisava. O flagelo auditivo os queimou por dentro, e Aziel, tomado pelo sofrimento, tropeçou e caiu. A cabeça de Sieme, que era a mais sensível dos três, ameaçou explodir. A serafim apagou por um segundo, mas logo retornou à consciência, quando o assobio místico se calou.

Aziel, ainda desorientado, pôs-se de pé. As pessoas no bar, curiosas, olhavam para ele, imaginando por que um homem jovem e saudável desmaiara tão de repente. A garçonete, solícita, veio ajudá-lo, e a Chama Sagrada constatou que ele, Ablon e Sieme haviam sido os únicos afetados pela sensação.

— O senhor está bem? — perguntou a garçonete, amparando Aziel.

— Ah, sim... obrigado, foi só uma leve tontura — disfarçou o ishim, ainda desnorteado.

— Vou buscar um copo-d'água — ofereceu a moça, correndo ao bar.

— A Segunda Trombeta — os anjos ouviram Ablon dizer, enquanto se recuperavam. O renegado já tinha ouvido o silvo da primeira, por isso não ficara tão impressionado.

— No Primeiro Céu, onde estávamos, o sopro não foi tão agudo — resmungou Sieme.

— O que acabamos de sentir foi um rasgo permanente no tecido — explicou o general, pondo algumas moedas na mesa. — A Haled está toda permeada por cie, e é natural que o ruído seja mais forte no mundo físico. O que vocês ouviram no Primeiro Céu foi apenas um eco do que aconteceu aqui — concluiu, dirigindo-se à saída. Aziel e Sieme o seguiram.

— A guerra dos humanos acaba de ser declarada. O mundo está sendo atacado — disse o querubim. — Temos de chegar a Jerusalém antes que a cidade se converta em cinzas.

— E como pretende viajar ao Oriente Médio? — questionou Aziel. — Conheço alguns atalhos pelo plano astral, mas você não pode se desmaterializar.

— Vamos embarcar em um voo para Israel hoje mesmo. Acho que tenho um passaporte antigo nos escombros de meu apartamento. Mas não há como mascarar a identidade de vocês dois. Ainda não sei o que fazer.

— O que é um passaporte? — perguntou Sieme.

— É como uma carta de fronteiras — esclareceu Aziel à parceira. — Precisamos dela para ingressar em outros países. Sem esse papel, não temos como entrar na Terra Santa.

— Deixe isso comigo — retrucou a Mestre da Mente. Ela tinha métodos mais eficientes, porém menos

éticos, para ajudá-los a passar pelos postos da polícia. Ablon aceitou de imediato o inestimável auxílio da mulher-anjo e abençoou Gabriel por tê-la enviado àquela missão. Certamente o Mestre do Fogo previra sua utilidade. A ajuda de uma telepata era indispensável, mas aquele não seria o único obstáculo que precisariam superar.

Ablon viajaria pela primeira vez a Jerusalém e sentiu um frio na barriga ao lembrar-se da última vez em que caminhara por aquelas bandas e de como fora barrado ao alcançar os portões da cidade, muito tempo atrás. Foi uma das poucas vezes em que fora obrigado a recuar e a dar as costas ao seu objerivo.

Determinado, decidiu que, desta vez, entraria em Jerusalém e não retrocederia de novo.

Por um segundo, o Primeiro General fechou os olhos e, em um único instante, recordou-se daquela que, provavelmente, fora a mais célebre de suas aventuras.

DE ROMA A JERUSALÉM

Vale do rio Amarelo, norte da China, perto do ano 1 a.C.

Perigo Invisível

A viagem fora longa, mas finalmente lá estava eu, no Oriente. No princípio, custei a acreditar que tinha chegado tão longe. Deixei Roma no ano 61 a.C., logo após César, Crasso e Pompeu terem instaurado o triunvirato, e caminhei calmamente em direção ao leste, sem me preocupar muito para onde as estradas me levariam. Não pretendia voltar tão cedo à Cidade Eterna, mas alguns problemas me obrigaram, mais tarde, a alterar os planos. Naquele dia quente de julho, porém, eu não imaginava quão perigosa seria minha jornada às províncias chinesas, então governadas pela dinastia Han.

Em 202 a.C., uma feroz guerra civil derrubou os monarcas Qin, e Gaozu, o primeiro imperador Han, subiu ao poder. Com ele, a China conheceu um novo período de prosperidade e expansão, conquistando extensos territórios ao sul e na península da Coreia. Indiferentes a esses conflitos, os camponeses seguiam uma vida tranquila, e foi com essas pessoas simples que tive contato durante quase todo o tempo em que estive trilhando aquelas planícies férteis.

Depois de três dias caminhando, meu objetivo inicial fora completado — eu havia chegado, são e salvo, às margens do rio Amarelo. Vi o sol se deitando atrás das montanhas e achei que era uma boa hora para fazer uma pausa e lavar o rosto. Parei diante de uma falésia de dez metros, cuja queda levava ao leito do rio, responsável por abastecer toda a região e irrigar o solo. Mas minha idéia não era enfrentar aquela língua-d'água. Desejava justamente acompanhar a margem e seguir para o norte, até a bela Muralha de Zhao, construção que anos depois veio a integrar o extenso conjunto de fortificações que deram origem à Muralha da China. De lá, talvez esticasse minha viagem ao deserto de Gobi, com suas áridas planícies e rincões inabitados.

A noite chegou e os poucos camponeses que continuavam recolhendo arroz deixaram as plantações e voltaram para casa com balaios enormes. Fiquei sozinho, no alagado, e resolvi procurar uma área seca onde pudesse esticar as roupas molhadas. Por sorte, logo encontrei uma pedra, cujo topo formava uma superfície plana. Joguei primeiro as botas e depois saltei sobre a rocha, sentindo-me bem melhor ao pisar em solo áspero e quente. Lá de cima eu tinha uma excelente visão de toda a esplanada, e me espantei ao ver como era ampla, continuando ao sul, além do rio, até o coração da China. A oeste o terreno ia ficando mais árido, até que os montes viravam morros, e estes, montanhas, para se alinhar, quilômetros à frente, à grande cordilheira do Himalaia.

Fechei os olhos e mergulhei em profunda meditação. Tudo estava de acordo: o clima, a noite, o cheiro de terra molhada e até mesmo o eco regular das marolas do rio se arrastando contra a encosta.

O inimigo nos ataca quando menos esperamos. E, de todos os meus adversários, o próximo a me enfrentar seria o mais inesperado de todos.

Naturalmente, naquela noite de verão, eu ainda não sabia disso.

Quando o sol raiou, segui caminhada pelos campos de arroz. Para não chamar atenção, conservava o rosto coberto por um capuz, mas meu porte avantajado me denunciava. Era mais alto que os lavradores e mais forte que os guerreiros que patrulhavam aquelas cercanias.

Agachados, recolhendo os cereais, os agricultores me lembravam anões autómatos, criados para desempenhar apenas uma função. Vestiam-se todos iguais, com roupas escuras de algodão e largos

chapéus de palha, necessários para suportar um dia inteiro trabalhando sob o sol forte. Raras vezes tiravam as mãos de dentro da água, então era difícil observar-lhes a pele e o rosto.

À exceção de alguns olhares amedrontados e meia dúzia de palavrões, os pobres lavradores não tinham como me ameaçar, por isso não me preocupei com eles. A viagem, portanto, evoluía sem problemas, quando, em uma daquelas tardes de marcha, enquanto a chuva caía fininha sobre a lavoura, meu senso de perigo foi ativado. Destro, pulei para trás, procurando as sombras de uma árvore, e ali fiquei em silêncio, preparado para qualquer investida. Mas não vi ninguém além dos trabalhadores que, distantes, davam continuidade a seu trabalho. Onde estaria o adversário para o qual minha intuição me alertara? Não havia *nada* ali — nenhuma presença, nenhum abalo no tecido da realidade. Vasculhei a plantação com meus sentidos de predador e, desconfiado, observei a alma de cada um dos camponeses. Não captei nenhuma dissonância psíquica. Eles eram humanos, simples mortais, e não entidades em cascas físicas.

Fiquei sob a árvore por mais meia hora e, ao me certificar de que nenhum anjo ou demônio circulava a plantação, voltei à trilha. Não consegui parar de pensar no que tinha acontecido.

Meu senso de perigo nunca falhara.

Nathanael, o Mais Puro

Assim correram os dias, até que uma semana depois deixei o vale e avistei no horizonte uma linha de pedras marrons, que bloqueava a passagem para o norte. Não era uma formação natural, mas uma fortificação erigida pelo homem — era a primeira imagem que, a distância, um forasteiro tinha da grande Muralha de Zhao. Aos poucos, tornaram-se visíveis também os galhardetes, as bandeiras, os animais de guerra e os soldados alinhados em guarda.

À saída do vale, o clima e o terreno ficaram mais secos, e a vegetação, mais esparsa. Naquele solo acidentado, eu levaria mais dois dias para alcançar o colosso de pedra, mas, como não tinha pressa, à chegada da noite, fiz mais uma daquelas minhas longas paradas para apreciar o céu.

Ao fixar a atenção no céu estrelado, pus a mão dentro da algibeira e tateei, nas moedas de prata, o rosto do ditador Sila em alto-relevo. Quase imediatamente, minhas lembranças me transportaram de volta à Cidade Eterna. Roma não era o tipo de lugar para um anjo renegado. A burocracia apoderara-se do Estado. Viver em meio à civilização demandava possuir documentos, registros c papéis que eu não podia me dar ao luxo de ter. Mas devo admitir que passei bons momentos na capital do mundo. Durante os últimos anos da República, Shamira, após uma longa viagem à Ásia, chegou à Cidade das Sete Colinas. Apaixonou-se pela efervescência urbana e decidiu comprar uma casa confortável perto do monte Capitolino. Os magos costumam ter fascínio pelo conhecimento, e Roma era o ponto para onde todas as informações convergiam. Não demorou muito para que, ao passear pelas calçadas, eu sentisse o cheiro doce de sua pele. Foi em um dia gelado do ano 62 a.C. que, por acaso, nos encontramos às margens do Tibre. Fazia duzentos anos que não a via, e tínhamos muito a contar um ao outro. Relaxamos ao sol, no átrio da casa romana, e a manhã, a tarde e a noite daquele inverno urbano correram embaladas por histórias de demônios, bruxos, espíritos e anjos. Um desses relatos, e, vale dizer, o mais impressionante, ilustrava um evento que assustara os magos ao redor do mundo: o assassinato de Drakali-Toth, que até então era o maior dos necromantes e que fora o principal instrutor de Shamira. Ninguém sabia quem cometera o crime, mas especulava-se que sua morte estava ligada ao assassinato de outros mestres feiticeiros.

Um ano depois, no outono de 61, achei que seria prudente deixar a cidade — não podia esquecer que continuava sendo caçado.

Eu fechara os olhos ao imaginar aqueles dias felizes e deixara as constelações para depois.

Foi então que, na escuridão noturna, em meio aos pontinhos de luz, uma estrela começou a brilhar com majestosa intensidade. Da altitude extrema, o astro começou a descer, e o céu inundou-se com seu fulgor dourado. Não era uma estrela que caía, não era um meteoro errante nem mesmo um tanto de poeira cósmica. O esplendor que eu contemplava era um anjo, uma entidade que descia à terra. E por seu lume ficara evidente que era um ofanim.

De todas as castas de anjos, os ofanins são os mais puros. Dedicam-se a proteger os mortais e a guiá-los à salvação. Atuam com frequência no mundo espiritual, afastando os homens do assédio de demônios e espíritos maus. Não raro, formam avatares e, disfarçados de pessoas comuns, vêm ao plano físico ajudar os necessitados, os pobres e os desgostosos de si. Amam como ninguém os seres humanos e repudiam os massacres perpetrados pelos arcanjos. Suas divindades concentram-se principalmente em habilidades de cura, física ou mental. São também hábeis em manipular partículas de luz, o que lhes permite fazer o próprio corpo reluzir.

Ao perceber a que casta pertencia o visitante celeste, inflei-me de paixão. Sua simples presença me inspirava coragem e, tranquilo, observei a estrela viva suprimir seu brilho ao descer em minha direção. Mesmo ofuscado, eu agora já podia distinguir suas formas, mas não as feições que lhe compunham a face. Seguramente eu o conhecia, mas ainda era impossível dizer quem era. Voava gracioso, com o auxílio de um par de asas.

Ao fim de sua trajetória descendente, o ofanim aterrissou, recolhendo as penas. A luz, outrora deslumbrante, foi murchando e enfim resumiu-se a um único pulso brilhante, concentrado no coração.

— Paz, meu amigo! Rogo-lhe que não tema, pois não venho como juiz ou carrasco — anunciou uma voz masculina, que soava como uma melodia infinita. — Procuro por Ablon, o Primeiro General, e não pelo anjo renegado que os agentes da vergonha insistem em perseguir.

À audição, o timbre soou familiar, mas minha mente ainda estava confusa.

— Se não me deseja mal, então aproxime-se para que eu veja seu rosto.

O anjo chegou mais perto e, à luz de seu coração pulsante, reconheci o semblante de Nathanael, um celestial que carregava a alcunha de O Mais Puro. Tinha longos cabelos dourados, e os olhos eram como peças de cobre. Eu e Nathanael havíamos sido grandes amigos. Mesmo pertencendo a uma casta de natureza pacífica, ele tinha a coragem de um leão, e a história de seus feitos era coroada de glórias.

Eu sabia que, mesmo sendo um anjo e tendo acabado de descer dos céus, Nathanael jamais levantaria um só dedo contra mim. A amizade que eu tinha por ele era tão forte quanto a que sentia por Orion e Aziel. Ao perceber minha fisionomia de contentamento, o ofanim abriu os braços e nos abraçamos forte. Além da felicidade de reencontrar um companheiro, as emanações de sua aura transmitiam harmonia e confiança.

— Nathanael, meu bom Nathanael. Que bons ventos o trazem, velho amigo?

Ele sorriu brevemente, mas logo retomou a expressão séria, indicando, pelo olhar, que a situação era crítica.

— Refiz seu rastro desde a Cidade das Sete Colinas e felizmente o encontrei a tempo. Você é difícil de achar, general.

O tom grave empregado pelo Mais Puro me deixou apreensivo. Poucas vezes o vira tão sisudo.

— Então suponho que o que tem a me dizer seja muito importante.

—Talvez nunca tenha havido algo de tamanha importância, e provavelmente

nunca mais haverá — afirmou Nathanael, em caráter épico. — Se não fosse assirn, não voaria do Ocidente para alcançá-lo. Mas, apesar de minha jornada ter sido árdua, preciso ser breve. Estou correndo um risco enorme. Ninguém deve saber que vim à sua presença. Todavia, nossa amizade é duradoura, e achei que você deveria saber o que se passa.

Evidentemente havia um risco tremendo em Nathanael vir ao meu encontro, afinal eu era um criminoso, e ninguém desejava ser cúmplice de um fugitivo.

O Mais Puro me encarou profundamente com seus olhos de cobre, preparando-se para proferir a mensagem que tanto se empenhara em trazer.

— A oeste, na Terra de Canaã, o arcanjo Gabriel profetizou a vinda de uma criança sagrada — anunciou.

— Uma criança sagrada? — eu ainda não percebera a gravidade do fato. — O que ela é? Algum tipo de santo?

— É muito mais do que isso, general. Essa criança poderá mudar o destino da humanidade. É nessa alma que estamos depositando toda nossa esperança. Sem ela, a civilização humana dentro em pouco cairá em desgraça.

Que figura prometida seria aquela? Qual seria a extensão de seu poder?

— Não compreendo, Nathanael. Como posso ajudá-lo?

— O arcanjo Miguel anseia pela corrupção da humanidade. Ele deseja ver o ódio crescer no coração dos homens, para que possa justificar os próprios massacres. Por isso sabemos que tentará matar a criança. Alguns anjos, como eu, se uniram para proteger a vida do Salvador e dar-lhe a chance de espalhar sua mensagem ao mundo. Ainda somos poucos, mas estamos crescendo em número. Não sei se estou certo em meu julgamento, mas achei que esta seria a oportunidade para você retomar sua luta. Conheço uma legião que o seguiria.

As palavras de Nathanael, e a maneira como ele falara, me fizeram, de antemão, entender que a chegada daquela criança sagrada afetaria não só a história humana, mas também o balanço de forças no céu. Se o ofanim viera até mim, então havia, com certeza, outros anjos dispostos a pegar em armas para defender a legitimidade do Iluminado, Mas por natureza eu era precavido, e deixei escapar o comentário:

— Como posso ter certeza de que esta não é uma cilada armada pelos arcanjos para reunir e capturar os renegados? Talvez eles tenham induzido você a vir até mim.

Se na época eu soubesse a grandiosidade do acontecimento que estava por vir, não teria sido tão pretensioso. Mas ameaças de traição viviam povoando minha mente. Era algo inevitável, uma cicatriz perpétua deixada pela falsidade de Lúcifer.

— Conheço bem a perspicácia dos arcanjos, Ablon, e posso lhe garantir que ninguém me mandou aqui. Vim sozinho. Além do mais, vi a mãe e a criança iluminada no ventre dela. Se você também as tivesse visto, entenderia o que estou falando. Infelizmente, não há como pôr em palavras esse tipo de sensação. Você deve prová-la por si mesmo. Por isso acho que deveria ir à Terra Santa. Eu não mentiria para você, meu amigo. Você acredita em mim?

É claro que sim, claro que acreditava nele. Em quem mais poderia acreditar, se desconfiasse de alguém

cuja principal missão fora, em uma época longínqua, invalidar os argumentos do Príncipe dos Anjos e tentar evitar o dilúvio? Confesso que me senti envergonhado por, ainda que por um momento, ter questionado as intenções do Mais Puro.

— Acredito em você, Nathanael.

Ele se permitiu um sorriso, e, naquele instante, eu o vi como realmente era: um anjo alegre, confiante, caridoso, que agora carregava um tremendo fardo nos ombros, uma responsabilidade que, supostamente, todos os celestiais deveriam assumir.

— Então — retomou o Mais Puro — você deve partir para Canaã o mais rápido possível. O menino nascerá no solstício de inverno.

— E as sentinelas de Miguel que vasculham o mundo espiritual? Sei que há querubins montando guarda no plano astral, por toda a região. Você conhece algum meio de evitá-los?

— Enquanto o Salvador viver, os interesses celestiais estarão todos voltados para ele. Os agentes de Miguel tentarão exterminá-lo, e faremos de tudo para defendê-lo. Isso não quer dizer que as patrulhas serão suspensas, mas a presença do Iluminado na Terra Santa provocará alvoroço. Você poderá se aproveitar dessa distração para alcançar os portões de Jerusalém. Ainda não sabemos ao certo onde o menino nascerá, mas estamos concentrando nossas forças na Cidade Sacra. Viaje como homem comum e caminhe nas sombras sempre que possível.

— Mas desse jeito levarei anos para chegar ao Oriente Médio. Como renegado, nunca me arrisquei além do mar Morto, e desconheço as rotas que cruzam aquela área — argumentei, contando que o Mais Puro tivesse uma solução. Sinceramente, não via meio algum de percorrer mais de oito mil quilômetros em seis meses.

Felizmente o ofanim já tinha pensando nisso.

— Voarei bem alto, acima das estrelas, em direção à Palestina, Siga minha luz e encontrará o caminho.

Viajar sob as estrelas. Era o que eu fazia melhor. Sabia guiar-me por elas e, se pudesse contar com o auxílio de um astro próprio que me indicasse as coordenadas, alcançaria Canaã em tempo recorde. Calculei, no entanto, que, mesmo tomando os atalhos certos e não parando durante a noite, seria impossível chegar a meu objctivo antes de dezembro.

— Mesmo guiado por você, não posso garantir que estarei lá para o nascimento. Porém, asseguro-lhe que caminharei sempre observando o céu. Não o perderei de vista.

— Sua noção de compromisso é invejável, meu amigo. Sim, eu entendo. Mas evite atrasos. Como qualquer ser de carne e osso, um dia o Salvador morrerá. Não devemos permitir que isso aconteça antes que ele conclua sua obra — declarou, orgulhoso, e concluiu:

— Contamos com você. Precisamos do Primeiro General.

Limitei-me a concordar, balançando lentamente a cabeça para baixo. Respeitei o silêncio e vi o Mais Puro se afastar. Os cabelos dourados e os olhos de cobre foram se fundido à luz crescente do coração, que se expandiu em um feixe excelso, transformando a noite em dia. Em segundos, todo seu corpo havia se convertido em um imenso clarão, que subiu aos céus e tomou lugar entre as estrelas. Permaneceu ali, como o mais brilhante de todos os corpos celestes e, quando atingiu a altitude máxima, iniciou sua trajetória ao oeste.

Eu precisava acompanhá-lo. Imediatamente.

Na Armadilha

A necessidade de viajar ligeiro me levou a tomar uma estrada de terra batida, que era a rota oficial chinesa até a Muralha de Zhao. A dinastia Han, que então sofria com ataques de rebeldes, incentivou, desde o princípio, a abertura de estradas. Os imperadores Han eram, na maioria, militaristas, mas também valorosos defensores do comércio. Nunca antes a China conhecera uma troca comercial tão intensa com o Ocidente. Aos gregos e aos romanos vendia-se de tudo, desde ouro e jade até pimenta e cavalos. Mas certamente o produto mais apreciado pelos estrangeiros era. a seda, que por seu alto valor era comercializada às sacas e seguia em caravanas até a Anatólia, atual Turquia, para depois embarcar em navios para a Europa. Com o crescimento da demanda, o número de mercadores de seda que viajavam às províncias chinesas aumentou, e o caminho por eles percorrido tornou-se famoso e recebeu o nome de Rota da Seda. A estrada, que atravessava praticamente toda a Ásia, encontrava seu ponto final na cidade de Antióquia, às margens do mar Mediterrâneo.

A muralha que se erguia diante de mim começara a ser construída por volta de 300 a.C., durante a dinastia Qin. Os Han só fizeram ampliá-la, e foi no reinado do imperador Wu que essas defesas foram estendidas para oeste, adentrando o território tibetano. Imensos blocos de pedra sobrepostos compunham sua estrutura, que atingia, em certos pontos, dezesseis metros de altura. Ao longo de sua extensão, o paredão defensivo contava com torres de guarda a cada cinco quilômetros, onde as tropas fronteiriças acampavam e vigiavam as planícies que terminavam no deserto de Gobi. Quando o nevoeiro se dissipou, a primeira coisa que vi foi precisamente uma dessas torres. Sob ela havia um portão retangular, através do qual passavam caravanas oriundas de várias partes do mundo. Essa legião de comerciantes, juntamente com suas carroças, animais e escravos, aglomerava-se à volta de uma estalagem solitária, único estabelecimento existente no largo em frente ao gigante de pedra.

Durante o dia, não era possível distinguir a luz estelar emanada por Nathanael em pleno voo, mas eu memorizara sua direção e estava seguro de que não me perderia. Segundo suas coordenadas, eu não me desviaria do caminho se descesse a colina e atravessasse a muralha. Desejava tomar a rota pelo norte, adentrando o deserto, onde um andarilho podia caminhar em Unha reta indefinidamente, sem ser surpreendido por barreiras naturais.

O largo defronte à muralha estava lotado. Notei a presença de ocidentais no acampamento, o que me deixou mais tranquilo. Ali, certamente, meu disfarce de viajante grego cairia como uma luva, embora não houvesse ninguém de pele tão clara. Logo encontrei um sapateiro e adquiri o melhor par de botas de couro que ele possuía no estoque. Consegui também, a um alto preço, um mapa de pergaminho da estrada que cortava o deserto de Gobi e troquei boa parte de meu dinheiro romano por moeda chinesa. Eram peças de bronze furadas no centro. O orifício servia para que as moedas fossem presas umas às outras com um fio ou barbante.

Com isso estava, pois, pronto para partir.

Já eram quinze horas e andei mais cinquenta metros até o portão, que se fecharia em poucos minutos. Foi nesse instante, quando já estava de costas para o largo da estalagem, que novamente meu senso de

perigo disparou. Imediatamente, o reflexo falou mais alto, e voltei a atenção para a praça do comércio, assumindo uma postura defensiva. Dali tinha uma visão clara das pessoas que caminhavam pela área pavimentada. E o que me deixou mais assustado foi que não pude, mais uma vez, identificar o inimigo. Seria apenas paranóia de minha mente? Ou meu senso de perigo teria finalmente entrado em colapso?

Apreensivo, observei as pessoas que circulavam e concluí que eram todas mortais — simples seres humanos que não faziam a menor idéia de que eu era um anjo. Como poderiam me ameaçar?

Andei até a passagem sob a muralha, estacando antes de atravessá-la. Dali a cinco minutos os guardas baixariam a grade de ferro, bloqueando a saída e abrindo-a novamente ao nascer do sol do próximo dia. Alguma coisa, contudo, me impedia de prosseguir. O que seria?

Um tipo de sensação desconhecida se apoderara de mím, confundindo minha mente. De repente, a fabulosa idéia de tomar a rota pelo deserto me pareceu totalmente absurda. Senti-me estranhamente impelido a recuar para o sul, voltando ao vale do rio Amarelo. De lá poderia rumar a oeste até o ponto inicial da Rota da Seda em Chang'an, a capital chinesa, e caminhar com as caravanas pelo corredor de Gansu até a Ásia Central. *Sim, é uma boa alternativa,* pensei.

Não, era péssima! Era o pior caminho que eu poderia tomar. Todavia, por algum motivo, naquele momento, a trilha pelo sul me pareceu a melhor. Mais do que isso: eu tinha uma necessidade inexplicável de seguir aquele trajeto. De onde partira aquele desejo?

O portão se fechou, e o barulho do metal despencando contra o chão de pedra ficou-me gravado na memória.

Eu caíra na armadilha.

Chang'an

Um mês se passou desde que eu desistira de viajar pelo deserto de Gobi. Da Grande Muralha, onde eu estava, segui para sudoeste até chegar à capital, Chang’an. Meu único objetivo ali era trocar o mapa do deserto que eu tinha por um que me indicasse as vias da Rota da Seda pelo corredor de Gansu, que se espremia entre os montes Qilian e o paredão norte da muralha.

À noite, a luz de Nathanael ainda piscava, o que me garantia certa segurança em relação à direçáo que deveria tomar. Mas o brilho do ofanim não reluziria para sempre. E eu tinha a terrível sensação de que já me atrasara demais.

No século I a.C., Chang'an era a sede do governo, onde moravam o imperador e todos os seus funcionários. Era uma enorme cidade murada, com três portões principais na parede sul, que se abriam para as avenidas internas. Os nobres e mandarins residiam perto do palácio, em uma verdadeira cidadela ao norte da cidade, onde um exército protegia a integridade do monarca e sua corte.

Ao meio-dia cheguei à praça do mercado, bem na hora em que os comerciantes iniciavam suas atividades. Ali perto havia uma casa de vinhos, um estabelecimento público onde moradores e viajantes se reuniam para beber um pouco e conversar sobre qualquer assunto. Tinha dois andares e ficava de pé graças às resistentes vigas de madeira que sustentavam sua estrutura. Uma soleira estreita levava à porta de entrada, uma ampla abertura que podia ser fechada com uma frágil tela de correr. Escolhi um canto

no primeiro andar e me sentei no chão, com as pernas cruzadas, pois as mesas eram baixas, como quase todos os móveis na China. Uma bela moça de roupão verde-claro e sapatilhas pretas aproximou-se de mim carregando uma bandeja de tiras de bambu. Meus trajes eram simples, mas, pela minha aparência ocidental, todos achavam que eu era um mercador, e esse tipo de gente quase sempre leva algum dinheiro consigo.

Ela abaixou a cabeça em sinal de respeito.

— *Haurá* — cumprimentou-me a chinesa, usando uma expressão já esquecida hoje em dia, que significa algo do tipo "vida longa". —Aprecia algum tipo especial de vinho?

— Pode me trazer qualquer um deles — respondi, modesto. — Vocês aceitam prata?

— Naturalmente, meu senhor. Mais alguma coisa?

— Não, obrigado — agradeci, pronto para dispensá-la, mas então mudei de idéia. Resolvi me adiantar e buscar logo a informação que procurava. — Na verdade, talvez você possa me ajudar. Procuro por um mapa da Rota da Seda, sabe onde posso conseguir?

— Na praça do comércio. Mas acho que seria mais simples contratar um guia até Wu-Wei. E não há lugar melhor para conseguir um guia do que aqui, na capital.

Ponderei por um segundo. Não era bem isso que eu tinha em mente.

— Está bem, eu agradeço — repliquei, escondendo o desinteresse pela sugestão. A moça fez uma vénia e se afastou, indo buscar a bebida.

Fiquei ali parado, olhando através da janela e imaginando como trocaria o mapa. Antes de o vinho chegar, escutei, atrás de mim, a discussão de dois homens, aos quais não dera muita importância ao entrar. Estavam bebendo ern uma mesa próxima e, graças à minha fluência no idioma local, logo entendi que se referiam a mim. Quando olhei para trás, um deles me chamou.

— Eí, estrangeiro! Venha até aqui. Sente-se conosco.

Pelas vestes azul-claras, limpas e novas, supus que eram comerciantes. Podiam também ser nobres ou mandarins, mas dificilmente um funcionário imperial se juntaria ao povo em um estabelecimento público. Um deles era mais wclho. O cabelo branco e a pele castigada indicavam que já chegara aos 60 anos. O outro, que havia me chamado, era mais gordo e gargalhava repetidamente enquanto bebia o vinho em uma tigela vermelha.

Como precisava conhecer a área e fazer contatos, aceitei o convite, juntando-me aos dois alegres chineses. O gordo não esperou que eu me sentasse para se apresentar:

— Como está, forasteiro? Sou Shen, e este ao meu lado é Wang. Somos comerciantes de Luoyang — disse, sorridente. — E você, quem é?

A pergunta de Shen me pegou meio de surpresa. Antes de meu encontro com Nathanael, eu não planejara parar em cidades, por isso não havia pensado em um nome de viagem que pudesse usar nas terras orientais.

— Sou um forasteiro, um viajante ocidental — respondi apenas.

O velho Wang disparou uma sonora risada,

— Isso é fácil de notar, meu jovem. Estamos querendo saber qual é seu nome. Meu semblante se

encrespou, e o mercador aparentemente entendeu minha hesitação.

— Ah, entendi — exclamou Shen, olhando para o velho Wang. — Não quer dizer seu nome. Tudo bem. O que importa isso, afinal?

— Venho de Roma — despistei.

— Que interessante — divertiu-se o mais gordo. — Escute, estrangeiro, eu e meu sócio ouvimos você falando com a moça dos vinhos. Então precisa de um mapa da Rota da Seda?

— Vocês são sócios? Que tipo de sociedade presidem? — eu não estava muito interessado, mas achei que deveria demonstrar um mínimo de desconfiança. Os negociadores aproveitam-se de seus interlocutores quando percebem que são convencidos muito facilmente.

— Estamos à frente de uma caravana de seda. Além do tecido, levamos tapetes e porcelana. Mas estávamos falando dos *seus* negócios.

— Sim, estou disposto a comprar o mapa, se bem que preferia trocá-lo por um que tenho aqui. Indica as trilhas de camelos pelo deserto de Gobi.

Os dois voltaram a rir, e Shen quase se engasgou com o vinho. Pelo hálito, não era difícil perceber que estavam embriagados. No entanto, articulavam bem as palavras.

— Um mapa de Gobi? — prosseguiu o gordo. — É peso morto por aqui. Nunca vai conseguir trocar isso pelo que quer. A estrada pelo deserto é uma via alternativa. Só é usada pelos árabes.

— É uma pena. Necessito seguir o quanto antes para o Ocidente.

Os dois chineses se entreolharam, mas dessa vez só trocaram sorrisos. O velho adiantou a proposta:

— Foi por isso que o chamamos aqui — começou Wang, — Eu e Shen estamos de partida para a cidade de Wu-Wei, no oeste. Se quiser, pode seguir conosco.

Fiquei sério, mas tomei cuidado para não parecer arrogante. Viajar com uma caravana seria o ideal, mas era lógico que aqueles mercadores não me levariam de graça.

— E o que querem em troca?

O velho deu outra gargalhada e falou alto, para todos ouvirem:

— Isso é que é um romano de verdade! Está vendo, Shen, por que eles dominaram o mundo?

— Dominaram coisa nenhuma — devolveu o gordo, um pouco indignado, mas conservando o bom humor. Depois olhou para mim e resumiu a missão que lideravam:

— Nosso comboio sairá daqui ao pôr do sol. Vamos deixar a carga em Wu-Wei e depois voltamos. São três carroças ao todo, oito mulas e cinco cavalos. O que me diz de nos prestar escolta até lá?

— Escolta? — estranhei. Não estava em meus planos trabalhar para ninguém.

— Claro, rapaz — disse Shen. — Olhe só para você. Tem duas vezes o tamanho de qualquer chinês. Precisamos de um guarda-costas, e até agora não conseguimos nenhum.

— Entendi agora. A estrada está cheia de ladrões, não é?

— Mais do que nunca. Não vou mentir para você. Não podemos pagá-lo em dinheiro, mas consigo o mapa que quer quando chegarmos a Wu-Wei. E de lá pode continuar sua jornada até Antióquia, se quiser.

Eu não pretendia trabalhar para ninguém, mas a proposta do gordo Shen e do velho Wang era bastante interessante. O pagamento era insuficiente para os mercenários comuns, que só trabalhavam a troco de ouro. Para mim, contudo, o soldo era perfeito. Tudo o que eu viera buscar em Chang'an era um mapa e uma caravana e, em menos de uma hora, conseguira os dois.

Shen e Wang repararam em minha expressão de satisfação.

— Está feito, então. Eu aceito o serviço.

A moça de robe verde trouxe enfim meu copo de vinho. Enquanto pousava o recipiente na mesa, Shen e Wang engoliram de uma vez o que restava nas taças laqueadas.

— E você tem alguma arma? — quis saber o gordo, após sorver todo o líquido.

— Não, mas sei manusear qualquer uma delas.

— Um guerreiro e tanto — brincou, divertido. — Tenho uma espada e uma lança na carruagem. Pertenciam a um homem que morreu. Você poderá usá-las.

— Está bem — concordei.

Eles passaram por mim e me cumprimentaram, encerrando a entrevista. Caminharam sem pressa até a porta e desceram a escadinha para a rua. Já lá fora, em meio aos ambulantes, o velho deu meia-volta, olhou para mim e gritou:

— Ao pôr do sol, no portão principal.

Retribuí o olhar e balancei a cabeça para baixo, sinalizando uma resposta positiva. Observei o trajeto dos dois, até que se perdessem na multidão. O sol baixara, mas ainda faltavam quatro horas para o crepúsculo.

Satisfeito, voltei ao meu vinho.

O Boque Tin-Sen

A caravana de Shen e Wang era menos luxuosa do que eu pensara a princípio. Pela maneira ostensiva como se vestiam, achei que, ao me deparar com o comboio, encontraria carruagens com toldos de seda, cavalos de raça e pelo menos uma dúzia de criados. Mas não foi bem isso que avistei ao atingir os portões da cidade. A maior parte da mercadoria seria levada no lombo de mulas, provavelmente para dar mais mobilidade à caravana. As três carroças, já prontas para partir, estavam cobertas por tetos baixos de lona, e a madeira das rodas era rústica. Dois cavalos, usados por meus contratantes, eram de boa qualidade, mas o resto não passava de pangarés carregadores. Havia cinco criados, todos homens. Três deles conduziriam os carros, e os outros dois guiariam os animais. Imaginei que o aspecto ordinário do

comboio fosse um disfarce, uma tentativa de não despertar a cobiça dos salteadores, que se organizavam em bandos e atacavam os viajantes na estrada.

Quando partimos, ainda era dia. O comboio viajava em ritmo acelerado, e quando a noite chegou já estávamos em plena estrada. Aquele era o primeiro trecho da Rota da Seda, e me senti aliviado por finalmente estar rumando para oeste. Avistei alto no céu a luz de Nathanael e felicitei-me ao notar que estávamos correndo no mesmo caminho.

A viagem, que duraria oito dias, transcorreu sem problemas, A Rota da Seda, naquele trecho, atravessava planícies e arrozais, e a ausência de barreiras naturais facilitava a detecção de pessoas ou animais se aproximando a distância.

No fim do sétimo dia de viagem, quando o sol começava a se pôr, Shen conduziu o comboio por uma trilha que nos levaria ao topo de uma colina, e ao chegarmos lá avistamos as muralhas de Wu-Wei. A cidade tinha crescido durante a dinastia Han, por estar no decurso de uma importante via comercial, mas ainda assim sua área não chegava a um terço do tamanho de Chang'an. Ao sul da cidade, um singular bosque de bambus cobria parte da planície e invadia o sopé das montanhas. A visão daquela imensidão verde me despertou uma sensação sinistra. Era um sentimento não natural, obsessivo, que nunca provara anteriormente. Alguma coisa, ou alguém, me chamava àquelas árvores. Um impulso irresistível me assaltou, contra o qual não pude lutar.

O velho Wang, que aprendera a respeitar meu silêncio, parou ao meu lado, Eu estava tão distante, tão imerso naqueles pensamentos, que nem percebi sua chegada.

— Impressionado? Sua reaçâo é justificável. Esse é o bosque de Tin-Sen — revelou, com certo orgulho nacionalista —, lar de uma centena de espíritos ancestrais.

— Que tipo de espíritos?

— Espíritos malignos de ladrões e assassinos. Todos nesta província sabem que a floresta é assombrada, e ninguém vai até lá. Não há trilhas ou passagens cm seu interior.

— Você acredita mesmo nessas superstições?

Eu sabia que havia alguma coisa errada com aquele bosque, mas adicionei uma pitada de ceticismo justamente para despertar o interesse do velho.

— Sou um comerciante, não um camponês. Já caminhei por todo este império e hoje sei distinguir histórias de criança do verdadeiro sobrenatural. Não sei como são os deuses de Roma, mas os daqui são bastante presentes. Muitos são bons, mas há outros degenerados e vingativos. Não queira despertar a fúria dessas entidades, estrangeiro — advertiu, em caráter alarmista.

Ao concluir o discurso, o velho chinês se calou, e por sua expressão imaginei que estivesse mentalizando uma prece individual. Depois, conservou-se quieto, esperando que eu dissesse alguma coisa. Mas, ao entender que minha mente flutuava distante dali, murmurou, fazendo com que eu me libertasse do transe:

— Vamos, romano. Amanhã estaremos em Wu-Wei — desfechou, montando seu cavalo.

A caravana o acompanhou, tomando a trilha que descia a colina.

Ainda fiquei longos minutos hipnotizado, encarando a floresta, e tive de usar de toda minha força de vontade para prosseguir. Uma força mística me atraía para lá. Era a mesma força que me impedira de cruzar a Muralha de Zhao c de trilhar o caminho pelo deserto.

Os Três Espíritos Antigos

À medida que nos aproximávamos de Wu-Wei, a atração inexplicável que eu sentia por aquela floresta aumentava. Ao pararmos nos portões da cidade, Shen e Wang me deram o mapa que haviam me prometido, completando assim o pagamento por meu serviço de mercenário. Já tinham o documento com eles, mas por alguma razão inventaram que o conseguiriam somente quando chegassem ao destino. Talvez temessem que eu os roubasse e fugisse com o mapa antes da hora.

A manhã já estava no fim quando, sozinho, deixei a Rota da Seda e desviei meu caminho para o sul, seguindo em direção à floresta, Tin-Sen não ficava muito longe, e achei que poderia entrar no bosque, investigar a misteriosa forca que me chamava e voltar à estrada antes do anoitecer. Já a distância, percebi que aquela não era uma floresta normal — o tecido da realidade era incrivelmente frágil lá dentro.

A grande maioria dos deuses pagãos, bem como muitos espíritos poderosos, habitam o plano etéreo. Com frequência viajam ao plano astral para se comunicar com os seres humanos. Essa comunicação pode ser feita de muitas formas. Pessoas mais sensitivas podem ver e ouvir através do tecido. Outro método usado para falar com as divindades é a possessão. O médium empresta seu corpo ao espírito e, por meio dele, a criatura conversa e interage com seus interlocutores mortais.

Em geral, os espíritos não podem prejudicar muito os vivos. Eles não têm a capacidade de se materializar, e tudo o que podem fazer é manipular energias. Assim, roubam ou transferem energias para os seres humanos, enfraquecendo-os ou fortalecendo-os, segundo sua vontade. Alguns espíritos, especialmente na China, permanecem junto de seus descendentes mortais, auxiliando-os com emissões de vibrações positivas.

Feiticeiros e magos, ou qualquer um que domine a necromancia, utilizam-se de rituais e encantos para abrir canais de comunicação com entidades etéreas. Com os feitiços, um necromante pode falar com os mortos, pactuar com eles ou até mesmo escravizá-los. Espíritos muito fortes, bem como anjos e demônios, são imunes a esses encantamentos, a não ser que o feiticeiro tenha um objeto pertencente à entidade — como um pedaço de unha ou um fio de cabelo.

Wang me dissera, no topo da colina, que não havia trilhas na mata. E de fato não havia. Qualquer um se perderia lá dentro. Mas, estranhamente, eu sabia perfeitamente para onde estava rumando. A tal força me guiava como um chamado, uma convocação diabólica, e tive a horrível impressão de que aquele impulso me arrastava para o coração da floresta.

Um nevoeiro apareceu de repente, meio que cercando a área onde eu estava. Eu sabia que isso confundiria minha orientação se pensasse em voltar, assim decidi ir em frente, já que daquele ponto em diante não havia mesmo como recuar.

Ao fim da caminhada avistei um templo pagão de arquitetura tipicamente chinesa, ao qual chamamos "pagode". O teto era de telhas vermelhas, e as paredes, de tábuas. Muitas janelas, cobertas por telas, circundavam as laterais, tanto no primeiro quanto no segundo andar. A porta dupla que dava acesso ao interior era trabalhada em bronze, e sobre ela havia símbolos chineses que representavam a tempestade, o macaco c o escorpião.

Ao chegar mais perto, o senso de perigo me alertou para o terror que me aguardava. Mas não freei os

movimentos, pois continuava sob o efeito daquele impulso irresistível. Cautelosamente, empurrei uma das seções da porta e me adiantei para dentro do templo.

A primeira coisa que vi foi o chão, forrado com esteiras de palha. Observei também que o segundo andar não era propriamente outro nível de aposentos, mas um espaço alto circundado em todas as direções por uma sacada de madeira. O espaço interno parecia vazio, desprovido de móveis ou objetos avulsos. Lá, no fim da sala, encostada na parede, avistei uma bela chinesa, de longos cabelos negros e túnica avermelhada. Tinha os olhos verdes como jade e afundava-se, da cintura para baixo, em um amontoado de almofadas de seda. Ao meu ver, fez sinal para que eu me aproximasse.

— Seja bem-vindo ao templo do bosque Tin-Sen. Meu nome é Mai Yun, o Escorpião de Jade.

— Foi você quem me chamou aqui? — perguntei, pressentindo pelo olhar da anfitriã que o perigo aumentava.

— Não exatamente. Você foi convocado aqui por um feitiço — explicou, ainda enfiada até a cintura no montículo de almofadas.

Estranhei o argumento de Mai Yun. Até então, eu pensava que minha qualidade angelical me conferisse certa imunidade à magia.

— Um feitiço? Então você é uma feiticeira?

— Longe disso. Como você, não sou humana. Estamos distantes do mundo dos homens agora.

Nunca tinha visto aquela mulher antes, mas não precisava ter intuição de guerreiro para compreender que ela estava me ameaçando. Minha natureza de querubim me impedia de fugir a um duelo, mas não me obrigava a levar adiante uma luta sem sentido. Resolvi, então, recuar lentamente em direção à porta. Ao primeiro vacilo de Mai Yun, escaparia pela abertura. Precisava aproveitar o brilho noturno de Nathanael, enquanto ele ainda reluzia.

— O que quer de mim, Mai Yun? Por que me chamou aqui? — procurei distraí-la enquanto retrocedia rumo à saída.

— Pergunte isso a si mesmo, querubim. O que *você* faz aqui? Esta não é uma terra para seres alados. A China é o lar dos espíritos antigos. Não há espaço para outras divindades entre nós. Vocês, celestiais, só provocam devastação por onde quer que passem. Fazem o povo esquecer de seus deuses antigos e o obrigam a venerar um Deus adormecido.

Não há espaço para outras divindades entre nós. Seria Mal Yun algum tipo de deus ou espírito? Mas como conseguira se materializar?

Os deuses pagãos nutrem pouca simpatia pelos celestes, principalmente por conta das Guerras Etéreas. Ainda que Miguel clamasse vitória, a verdade é que os arcanjos nunca tiveram grande sucesso em suas ofensivas além da Ásia Menor, porque a crença de muitos povos em seus deuses tribais foi mais forte do que as legiões de anjos invasoras. Por esse motivo, os poderosos espíritos da China não apreciavam a presença de nenhum anjo vagando por suas terras.

Sem tirar os olhos da enigmática chinesa, caminhei de costas para a porta, e quando senti que estava próximo à saída me preparei para saltar. Em minha mente de lutador, estava claro que deveria me mover muito rápido, para não dar a Mai Yun nenhuma chance de ataque. Esperei o momento certo e, na fração de segundo em que suas pálpebras se fecharam, disparei. Somente cinco metros me separavam do portal de saída, e já dava a fuga como certa quando alguma coisa terrível bloqueou meu caminho. Uma criatura de pelos vermelhos, metade homem, metade gorila, despencou das vigas do teto, fechando a passagem. Escondera-se nas sombras e permanecera em silêncio até aquele instante. Mesmo curvado, alcançava dois metros de altura, e sua genética símia garantia-lhe músculos avantajados. As mãos eram

desproporcionais, e concluí que aquela era a ferramenta que usava para esmagar seus inimigos.

O monstro grunhiu e tentou me capturar, mas rolei de costas, escapando de sua pegada. Pus-me em guarda, mas a criatura não avançou. Ficou onde estava, guardando a porta para que eu não tentasse fugir novamente. Levantei-me do chão e voltei a encarar o Escorpião de Jade.

— Quem são vocês? — perguntei, ainda sem entender a real natureza daqueles espíritos.

Antes que Mai Yun me respondesse, um torvelinho apareceu a seu lado. A estática provocada por correntes elétricas sacudiu o pequeno tornado, até que o vento tomou a forma de um guerreiro chinês. Vestia-se como um camponês, com quimono de algodão cru e chapéu largo de palha, mas os olhos, como todo o corpo, reluziam em raios azuis. Empunhava uma maça, arma com haste de madeira e cabeça de ferro, que também tiritava com a eletricidade.

— Somos os três espíritos antigos — disse Mai Yun. — Este à minha direita é Hanki, o Senhor das Tempestades, e atrás de você está Grun-Kar, o Zelador. Juntos, governamos o bosque Tin-Sen.

— Se são espíritos ancestrais, como conseguiram se materializar?

— Estou surpresa em ver como sua percepção da realidade é insuficiente. Este templo é um vértice, um ponto no espaço em que os mundos físico e espiritual se cruzam. A porta de bronze pela qual você entrou é a passagem que liga as duas dimensões. Ela existe tanto na terra dos vivos como no mundo dos mortos.

Decidi jogar. Não venceria três espíritos antigos utilizando apenas força bruta. Precisava valer-me de uma arma que era a preferida de Shamira: a inteligência.

— Então, Escorpião de Jade, o que está me dizendo é que só preciso ultrapassar aquela porta — e apontei para trás — para que não possam mais me perseguir.

— Para isso, terá de derrotar Grun-Kar.

— E a mim também — vociferou o guerreiro chinês, libertando toda sua fúria. Pensei que ele correria ao meu encontro, mas, em vez disso, o Senhor das Tempestades desfez-se em uma nuvem de vapor. No instante seguinte, a mesma nuvem apareceu à minha esquerda, refazendo-se instantaneamente na forma do lutador camponês. Se não fosse meu senso de perigo, teria sido atingido pelo golpe da maça, mas fui salvo por meu instinto de combate. Pulei para o lado, e o ataque atingiu o espaço. Aquela criatura que tentava me ferir tinha habilidades admiráveis. Podia desaparecer no ar e tornar a aparecer em outro lugar em um décimo de segundo.

Tomei uma distância segura de Hanki, que era o mais agressivo dos espíritos antigos, e tentei desfazer o mal-en tendido. Não desejava lutar com eles.

— Acho que está havendo um engano — falei a Mai Yun, que parecia comandar os outros. — Não sou exatamente quem vocês pensam que sou.

— Não? — indagou a mulher, cínica. — Posso sentir o poder de sua aura pulsante, a energia primordial característica dos celestiais. Sabemos quem é e suas intenções. O Feiticeiro do Deserto nos contou qual é seu plano. Ele nos disse que você é o primeiro de um grupo de batedores que pretende explorar em segredo nossas terras, abrindo caminho para uma ofensiva de sua legião.

— Feiticeiro do Deserto? Não sei quem é esse mágico, mas posso lhe garantir que mentiu. Não sou nenhum batedor. Sou um anjo renegado. Fui expulso do céu há muito tempo e não tenho nada contra vocês.

Em mais uma explosão de raiva, Hanki me atacou com a arma mística. Experiente em combates corpo a corpo, esquivei o primeiro, o segundo e o terceiro golpes, o que pareceu deixar o lutador ainda mais irritado,

— Morra, maldito! — gritou o guerreiro.

Concentrado nos movimentos ofensivos do Senhor das Tempestades, não vi que Grun-Kar, o gigante que guardava a porta, se aproximava. O monstro esticou o braço e moveu a pata dianteira contra mim, acertando-me o rosto com um soco violento. Fui arremessado para trás, e minhas costas se chocaram contra uma viga de madeira. Ao escorregar para o chão, tentei me recompor, mas a visão embaçara, e não pude evitar que o gorila me pisasse o peito, pressionando-me contra o assoalho de palha. Senti suas mãos enormes envolvendo minha nuca, e quando dei por mim estava sendo erguido no ar, sem chance de defesa. Ele me agarrara por trás, c nessa posição não tinha como atacá-lo. Mesmo que lhe forçasse os dedos, nunca escaparia de sua pegada.

— Traga-o até mim — ordenou Mai Yun.

Corn uma série de rosnados, a fera de pelos vermelhos me levou até a mulher, sem aliviar o aperto. Voltei a encará-la.

— Já disse que não quero lutar — balbuciei. Não conseguia faiar direito com Grun-Kar me asfixiando.

— Um querubim implorando misericórdia? — zombou o lutador camponês. — Nunca pensei que fossem covardes. O que diria seu Deus diante desta vergonha? Esta batalha terá um gosto especial para nós, Mai Yun.

— Sim, Hanki — concordou a chinesa, com um sorriso insidioso.

Pela primeira vez desde que eu entrara na sala, o Escorpião de Jade sacudiu seu ventre feminino, jogando para longe as almofadas que lhe escondiam as pernas. Percebi, com certa repugnância, que o montículo de travesseiros ocultava sua metade corrompida. Da cintura para baixo, Mai Yun não era mulher. Seu abdome dilatou-se, revelando uma barriga enorme, coberta por uma casca escura, de onde partiam três pares de patas inumanas. O corpo afunilava-se, terminando em uma cauda igual à dos escorpiões, com um ferrão que se encurvava para frente. A moça era, de forma semelhante ao Zelador, um ser híbrido, uma mistura bizarra de mulher e aracnídeo.

Ao ver aquela imagem pavorosa, concluí que Mai Yun tentaria me furar com seu aguilhão envenenado. Esperei, mais uma vez, pela hora certa de contra-atacar.

Ela chegou mais perto, com o ferrão já pingando de veneno, e me golpeou com a cauda tóxica. Agarrei os dedos de Grun-Kar, que ainda apertava meu pescoço, e arqueei a coluna, jogando as pernas para trás. O movimento me tirou da linha de ataque, e a agulha do escorpião, em vez de me ferir, espetou o peito do gorila, desprendendo um cheiro nauseante. Ao sentir a dor da toxina, a feroz criatura me largou de imediato, e escorreguei para longe.

O aguilhão da mulher-aracnídeo atingira o macaco no coração, e esse flagelo o mataria dentro em pouco. Tomado pelo desespero, o monstro foi acometido pelo frenesi e começou a socar o ar com as mãos gigantescas. O delírio o deixara incontrolável e, em sua loucura, avançou contra Mai Yun, que foi obrigada a recuar para não ser esmagada por seus golpes desencontrados.

Apesar da confusão, o guerreiro Hanki, que, como eu, se encontrava fora da zona de alcance de Grun-Kar, não hesitou em lançar-se contra mim. Desta vez, porém, com Mai Yun e o gorila distantes, eu poderia me dedicar inteiramente à luta contra o Senhor das Tempestades.

Ele investiu, descrevendo um arco com a maça, de cima para baixo, mas escapei me jogando para o lado. Contra-ataquei na hora, com um chute lateral no rosto, que quase destroçou a mandíbula do chinês.

O impacto o deixou tonto, e ele se ajoelhou, com uma das mãos sobre a boca. Tentei golpeá-lo em sequência, mas novamente ele desapareceu, convertendo-se em névoa.

No exato instante em que Hanki sumira, Mai Yun já preparava um novo ataque. Enquanto se aproximava, vi que o macaco gigante, antes frenético, tombara em um ponto sombrio da sala, tremendo em convulsões e cuspindo um líquido esverdeado.

O Escorpião de Jade manobrou com a cauda uma, duas, três vezes. Deixei taticamente que chegasse mais perto e, quando investiu uma quarta vez, cerrei os punhos e, invocando a Ira de Deus, afundei-lhe um soco no rosto, esmagando-lhe o nariz humano. Mai Yun cambaleou, mas não estava vencida. O sangue escuro a cegou, e essa era minha chance de derrotá-la definitivamente.

Armei um segundo golpe, mas uma nuvem elétrica apareceu na minha frente, forçando-me a desistir. Era Hanki, o lutador camponês, que voltava ao combate. Ele ergueu a maça e, desta vez, não consegui me esquivar. À dor da pancada no ombro seguiu-se o calor de um choque elétrico — o ferro místico estava imbuído com a energia de mil raios e trovões. Meu corpo tremeu, e parte da minha roupa pegou fogo. Ainda consciente, arrastei-me para trás, evitando o avanço do incansável Senhor das Tempestades.

Pela força da arma de Hanki, deduzi que não resistiria a mais um impacto. Foquei, portanto, todas as minhas energias na defesa, mas fazendo isso cometi um grave erro. Fiquei tão preocupado em não ser ferido pelo guerreiro chinês que não fui astuto o bastante para notar que estava de novo na mira do ferrão de Mai Yun. Ao ver a agulha apontada para mim, só tive tempo de bloqueá-la com o braço, mas fui incapaz de me esquivar. O aguilhão perfurou-me a pele dez centímetros acima do punho e jorrou o veneno para dentro do meu corpo. A dor paralisou os músculos do braço, e a mão enrijeceu como pedra. Ao menos eu havia evitado que a pinça penetrasse o coração.

Dali em diante, minha sobrevivência dependeria unicamente da rapidez. Rolei para frente e, uma vez distante de meus inimigos, pulei para a sacada de madeira que circulava o segundo andar. Lá em cima, encostei-me à janela de telas e me recolhi à escuridão. Precisava de tempo. Se a toxina chegasse ao coração, eu sofreria o mesmo destino do monstro Grun-Kar. Rasguei um pedaço de roupa e amarrei o pano em volta do braço, improvisando um garrote.

O veneno agia rápido. A fadiga aumentava, e a respiração tornou-se lenta e difícil. Não sei como ainda resistia.

Ouvi o chamado de Hanki, vindo do andar de baixo.

— Desça já daí! Você está condenado à agonia. Ao menos morra com honra e faça jus à sua reputação — o insulto fez-se acompanhar de um ruído de estática, proveniente das descargas elétricas que dançavam pelo seu corpo.

Mai Yun completou a injúria.

— Não há salvação para você, querubim. Nem o Zelador resistiu ao veneno. Você sucumbirá em instantes, e o levaremos para o inferno dos pecadores, onde será frito em óleo fervente. Sua pele cairá, e deixaremos sua carne apodrecer na imundície.

Recuperando o fôlego, levantei-me, deixei a penumbra e caminhei até a mureta da sacada. De lá podia ver os dois espíritos parados no nível inferior da sala.

— Se vou morrer em breve, como diz, Escorpião de Jade, então não tenho mais nada a perder nesta vida. Se este templo é minha sepultura, não há mais razão para mentir ou para enganá-los.

A mulher-aracnídeo e o guerreiro chinês me olharam, confusos. Eu dissera algo que fez com que se calassem por um minuto.

— Desde que entrei aqui, tentei explicar-lhes quem realmente sou. Você fala em reputação, Hanki, mas é óbvio que não sabe nada a meu respeito. Você, Mai Yun, que comanda os espíritos do bosque, foi imprudente e tola — ela me olhou com raiva, mas continuou estável. — Em seu ódio pelos celestiais, não se preocupou em averiguar a verdade e acabou sendo ludibriada por esse Feiticeiro do Deserto, E o que conseguiu com isso? Um de seus espíritos foi morto e, como ele, vocês terão o mesmo destino.

A expressão do Senhor das Tempestades, que antes denotava raiva e desprezo, convertera-se em um misto de nervosismo e admiração.

— Como pode demonstrar tamanha ousadia diante da própria morte? Como ainda continua lúcido depois de ter recebido o veneno do escorpião?

— Nós, os anjos renegados, não temos nada a que nos apegar. Vivemos no limite entre os dois mundos. Não podemos provar o amor humano nem a glória de Deus, portanto a amizade é tudo o que nos resta. Quando eu morrer, morrerá a esperança daqueles que confiaram em mim. É por eles que luto, e talvez seja por isso que continuo de pé. Sua emboscada, Mai Yun, tirou-me de meu caminho. Não tem idéia da missão que me privou de completar. Agora, nada mais faz sentido. Não preciso mais viver. Prefiro acabar com vocês.

O desafio reacendeu a ira na face de meus inimigos. Ao ouvir meu ultimo comentário, a mulher-aracnídeo soltou um silvo animalesco. Só então notei que seus caninos eram pontiagudos, como os das cobras.

— Já chega! — a voz assumiu um timbre demoníaco. — Estou farta da sua ladainha infernal. Você teve a chance de implorar perdão e continua a nos desafiar. Hanki, acabe com esse moribundo por mim.

— Será um prazer! — replicou o guerreiro, sumindo em uma nuvem de vapor.

O chinês surgiu perto de mim, com os olhos ardendo em raios azuis. Mal a névoa se dispersou, ele já investiu. Manobrou a arma em um movimento lateral, buscando esmagar minhas costelas. Mas, dessa vez, em vez de recuar, avancei. Colei meu corpo ao dele, antes que o golpe fosse completado, evitando o choque com a bola de metal. Com uma das mãos, agarrei firme o cabo da maca, um pouco acima da empunhadura. Apertei a haste entre os dedos e puxei o objeto com toda a força, conseguindo arrancá-lo de seu esgrimista.

Desarmado, Hanki retrocedeu, então girei nos calcanhares e, usando a arma dele, acertei o espírito no peito. A pancada veio acompanhada por uma fantástica explosão elétrica, que chamuscou a pele do chinês e espalhou faíscas pelo templo. Ferido e assustado, ele escorregou da sacada, mas se desfez em névoa antes de tocar o chão.

Onde meu oponente reapareceria? Como poderia prever seu próximo ataque? Raciocinei e concluí que só havia um jeito de saber — meu movimento seguinte seria premeditado.

Arremessei a maça para um canto do templo, e a arma rolou sozinha, sobre o próprio eixo, até parar em uma quina do primeiro andar. Certamente Hanki desejava recuperar seu instrumento de luta, então deduzi que ele ressurgiria no exato local onde a maça descansava.

Antes que o tempestuoso camponês se manifestasse novamente, corri sobre a mureta e pulei para baixo. A poucos metros do assoalho, chutei o ar bem acima do ponto onde a arma mística jazia. No preciso instante em que desferi o golpe, o chinês apareceu, sendo pego de surpresa por meu pontapé. Ao choque, seguiu-se um ensurdecedor barulho de estática. Seus raios tremelicaram, e em seguida se apagaram quando ele tombou desfalecido ao lado do cadáver do gigante símio.

Mas ainda havia o Escorpião de Jade.

Dobrei os joelhos e me agachei sobre o assoalho. Tateando a palha, retomei do chão a maça do Senhor

das Tempestades, agora inútil ao seu antigo dono, Apertando a empunhadura, busquei o ângulo correto-e atirei a ferramenta contra a mulher-aracnídeo. A cabeça de ferro chocou-se ao encontrar o crânio de Mai Yun, quebrando seus ossos e ferindo-a mortalmente. As pernas de escorpião, que suportavam o pesado abdome, inchado de veneno, tremeram, e ela despencou para o lado.

Mas, apesar da voracidade do ataque, eu não tinha certeza se realmente aniquilara Mai Yun. Esgucirei-me para perto da carcaça insalubre e verifiquei, com minha audição afiada, que seus batimentos cardíacos diminuíam. A força esmagadora do metal, aliada ao calor escaldante da corrente elétrica, derretera seus órgãos internos, empurrando o sangue para fora do corpo. O resultado foi a dilatação dos poros, que se rompiam à pressão dos esguichos de plasma.

— Então... — balbuciou ela — o Feiticeiro do Deserto mentiu. Ele mentiu para nós! Você não é o batedor que procuramos.

— Não há nenhum batedor, Mai Yun. Receio que nunca tenha havido — respondi, austero, respeitando as últimas palavras da senhora da floresta.

Os olhos verdes foram perdendo o brilho, gradualmente. Antes de morrer, com a cabeça apoiada sobre o chão, ela inspirou fundo e tentou sussurrar alguma coisa, mas não conseguiu. Levada por um último reflexo vital, bateu com uma das patas no piso, rasgando a palha e quebrando a madeira que havia por baixo. Quando terminou, sua pele humana empalideceu, as pálpebras se fecharam e a força a abandonou.

Mai Yun, o Escorpião de Jade, o mais poderoso dos espíritos ancestrais de Tin-Sen, estava morta.

De início, não entendi o que a entidade estava tentando me indicar, então pulei para perto da abertura no chão, esperando elucidar o enigma. Através da cavidade, vi que havia, sob o templo, um pavimento inferior, entre o assoalho e o solo de terra. Tratava-se de um pequeno porão — era úmido, fétido e sombrio.

Com a visão apurada, observei o aposento e avistei, abaixo de mim, uma garrafa de cerâmica marcada com símbolos mágicos, O objeto encontrava-se no centro de um círculo, semelhante ao pentagrama, usado pelos feiticeiros para completar um ritual de bruxaria. Logo me ocorreu que era isso que Mai Yun tentava me dizer. Fora lá, naquela câmara, que o Feiticeiro do Deserto executara sua diabrura — o encantamento responsável por me atrair àquele local. Depois, teria convencido os três espíritos de que eu era um inimigo, fechando assim a emboscada. Mas como teria feito isso? Como teria me afetado com sua magia, uma vez que eu era imune às feitiçarias humanas?

A garrafa! A garrafa de cerâmica!

Deslizei pelo buraco e saltei para o porão, desfazendo com o pé as inscrições que compunham o círculo. Profanei o selo mágico e ergui a garrafa, sacudindo o recipiente. Pelo peso, calculei que a peça lá dentro era muito leve, táo leve quanto uma pena. Uma pena!

Quebrei a garrafa, jogando-a contra o chão, e o que vi me apavorou. Em meio aos cacos de argila, distingui o que parecia ser unia pena. Sim, era uma pena, mas não uma comum. Era branca e, para minha surpresa, estava manchada de sangue. Era uma pena de anjo. Não de um anjo qualquer, mas de um anjo renegado.

A pena era minha!

As inscrições mágicas! Como eu não percebera? Aquilo não era bruxaria chinesa, mas um tipo muito mais antigo de misticismo. Era a magia de Enoque, herdada pelos magos babilónicos havia muito tempo. Foi assim, munido de uma pena de minha asa, que o feiticeiro conseguira me afetar com suas mágicas traiçoeiras. Sem aquela pluma, nunca teria tido sucesso. Precisava dela para completar o ritual.

De repente, uma macabra ligação formou-se em minha mente. A última vez que eu expusera minhas asas fora mais de dois mil anos atrás, na cidade legendária de Babel. Fiz um esforço de memória e lembrei-me de que o rei babilónico contava com o auxílio de um mago, um homem alto, magro, de pele morena, nariz fino e barba pontuda. Era o invocador Zamir, um feiticeiro inteligente, «jue me implorara perdão e fugira depois que o ataquei no Mar de Rocha. Só poderia ser ele. Mas por que teria voltado? Eu poupara sua vida, então que interesse teria em acabar comigo?

O encanto da convocação arrastara-me para longe de minha rota, conduzindo-me a uma cilada. Eu deveria ser eliminado. Por quê? A resposta era mais óbvia do que eu imaginava. Zamir queria vingança, mas não contra mim. Eu era apenas um obstáculo que ele precisava eliminar para...

Shamira! Era ela o objeto de sua vingança. Ele a odiava como uma rival nos assuntos mágicos. E, acima de tudo, odiava a si mesmo por tê-la deixado escapar das masmorras. De certa forma, Shamira fora responsável pelo ataque final a Babel, ao me contar, ainda que tardiamente, a verdade sobre a renegada Ishtar. Ao se confrontar comigo, no Mar de Rocha, Zamir já sabia, talvez por sua magnífica inteligência, que a desgraça de sua nação era iminente. Não poderia me derrotar com seus encantos, por isso preferiu, bem ao estilo dos magos, aguardar o momento certo para pôr em prática seus planos, e só então destruir a Feiticeira de En-Dor, a mulher que, com o anjo guerreiro, deixou a Babilônia em ruínas.

De uma hora para outra, toda a minha missão deixara de existir. A Criança Sagrada, a Terra Santa, meu compromisso com Nathanael... tudo isso passara a ser apenas um pensamento distante, em face da grande demanda que me aguardava. Não iria mais à Palestina. Não seguiria mais a luz noturna do ofanim. Até esquecera onde era Canaa. Meu objetivo mudara.

Roma. Roma tornara-se o meu destino — o único destino.

Eu tinha que correr para chegar à Cidade Eterna antes do mago, antes que o cruel feiticeiro atentasse contra a vida de Shamira.

Com um chute forte, escancarei a porta de bronze e pulei para fora do templo. Disparei, corri como nunca, mas minhas pernas não me obedeciam mais. Estavam contraídas, rígidas, inúteis como carne morta. Perdi o equilíbrio, tropecei e caí no meio das árvores. As pupilas se retraíram, e a pressão sanguínea despencou. Em minha pressa e desespero, havia me esquecido de uma coisa: o veneno de Mai Yun continuava ativo em minhas veias.

Que destino mais tenebroso, pensei. Um anjo renegado, morto por um espírito etéreo, dentro de uma floresta amaldiçoada, acusado de ser um agente do arcanjo Miguel. Terminaria da pior maneira.

Não. Não deveria ser assim — não poderia ser assim. Eu resistiria, precisava resistir. Não deixaria Shamira sozinha no momento em que ela mais precisava de mim.

Cambaleei por mais alguns metros e encontrei um riacho. Imagino que, àquela altura, eu já estava quase fora da selva. Arrastei-me até a margem do ribeiro e bebi um gole de água. Limpei a garganta e cuspi de volta um pouco de veneno, uma gosma verde que se agarrava à goela. Pensei que assim pudesse expelir a toxina, mas ela já se diluíra inteiramente em meu sangue.

Olhei por cima do ombro e vi que meu braço estava escuro, necrosado. Se sobrevivesse, imaginei, teria de amputá-lo.

As contrações paralisaram os músculos, e o último deles era o coração.

A visão apagou-se. Tudo ficou escuro.

Das Trevas

Frio. Escuridão. Uma ventania abismal, fantasmagórica.

No completo e desolado vazio da inconsciência, uma voz se fez ouvir.

— Que porcaria é essa?

— Não sei. Encontrei boiando no rio. Fui revistar para ver se tinha dinheiro e descobri que estava vivo.

Pelo timbre e pela entonação, concluí que eram dois homens, e conversavam em grego. Tentei me mexer, fazer algum sinal, mas os músculos não responderam.

— E o dinheiro?

— O quê?

— O dinheiro. Ele carregava dinheiro, afinal?

— Não. Nada. Só a roupa do corpo.

— Então por que o trouxe para cá?

— Achei que pudéssemos vendê-lo em Alexandria. Seu pai...

— Vendê-lo? Bom, talvez. Mas, por Apoio, olhe para o braço dele. Está quase podre.

— É. Mas pensei que não faria mal trazê-lo à atenção de seu pai. Como já temos a menina chinesa, imaginei que poderíamos carregar este bárbaro também. Pode render uma boa soma quando chegarmos ao Egito.

— Está bem, Tommaso. Você fez o certo. Coloque-o na carroça. Vou falar com meu pai antes de voltarmos à estrada. Ele decidirá o que fazer.

Escutei passos se afastando, e a mente retornou às trevas.

Alguém me tocou. Senti uma mão firme virando meu rosto. Meus tecidos já reconheciam impulsos táteis, mas a paralisia ainda me obstruía os movimentos.

— É este? — perguntou uma voz grave.

— Sim. Tommaso o tirou do leito do rio esta manhã. Não carregava armas nem dinheiro.

— Interessante. Um bárbaro.

— Foi o que deduzimos. Curioso, não? O que um sujeito desses estaria fazendo aqui?

— É um fugitivo, certamente. Para estar tão longe de casa... A maioria deles não passa de um bando de assassinos ou traidores de seu próprio povo.

— E de onde o senhor acha que ele é?

— Este aí é germânico, tenho certeza. Sua constituição física é admirável.

— Será que podemos vendê-lo?

— É provável. Conheço um mercador em Alexandria que costuma adquirir esses tipos.

— Devo embarcá-lo, então?

— Faça isso. Fez um bom trabalho, filho.

— E o braço? Devemos cortá-lo?

— Pense, Pólíx. Como vamos vender um escravo sem braço? Silêncio.

— Coloque-o na carroça com a menina. Ela conhece um tipo de medicina que talvez possa curá-lo. Se não der certo, nos livramos dele na próxima parada. E não se esqueça de amarrá-lo.

Escutei as pegadas se afastando.

— Agora vou encontrarTommaso. Acho que ele merece pelo menos um sestércio pelo serviço.

Foi tudo o que ouvi. Depois, a audição extinguiu-se de novo, e voltei a adormecer.

Sete Meses

Uma leve picada atravessou-me a pele do braço. Depois outra, e outra, e mais uma dezena delas. Era fina, indolor, como o toque de uma agulha. Tentei mover um dos dedos paralisados e senti a puxada do tendão — o membro necrosado estava, aos poucos, recuperando a força.

Ouvi um barulho uniforme, de madeira amassando o cascalho, e experimentei uma sensação de instabilidade e movimento. Havia também som de cavalo e um fraco aroma de maquiagem. Pelas alterações de calor captadas por meu corpo, concluí que alguém estava sentado ao meu lado; seu ritmo respiratório era contínuo, disciplinado, tranquilo.

Abri os olhos.

A luz forte do dia, ainda que indireta, cegou-me. Tentei me levantar, mas uma súbita tontura me pôs de volta à posição anterior. Uma fria mão de mulher empurrou meu peito com delicadeza, indicando a necessidade do prolongado repouso. Aceitei a imposição do toque sutil. Fechei os olhos e tornei a abri-los, devagar, esperando até que a pupila se habituasse à claridade.

A imagem à minha volta formou-se lentamente. Era dia, mas o sol escondia-se acima do teto de lona. *Uma carroça.* Eu estava em uma carroça fechada, coberta por um tecido áspero. Não era um carro luxuoso, mas um transporte rústico, sem melindres. Estava abarrotado de objetos sem importância: rodas, lonas para barraca, cordas de cânhamo e balaios de palha. Enquanto admirava os detalhes, uma nova fincada perfurou-me a pele. Entorpecido, esquecera-me de olhar para o lado.

Uma jovem chinesa, sentada à minha esquerda, fixava, com a máxima concentração, múltiplas agulhas em meu braço escuro. Olhei para o lado e vi que já havia dezenas delas espalhadas desde o ombro até a ponta dos dedos. As incisões pareciam seguir um padrão, atingindo pontos específicos de estímulo à circulação. A moça, observei, era pequena e magra, de olhos estreitos e pele branca. Calculei que tivesse entre 15 e 16 anos, pelo porte físico e pela consistência da pele. As roupas que vestia eram comparáveis às dos nobres chineses, mas esravam sujas e gastas, como se fossem as únicas que possuísse. Ela continuou a me olhar e, em silêncio, introduziu a última agulha.

Empurrei o ar para fora dos pulmões, reunindo forças para falar, mas tudo o que consegui emitir foi um rosnado, que acabou em uma crise de tosse. A menina entendeu minha vontade e trouxe ao colo um cesto de palha, retirando a tampa que fechava a abertura. Um cheiro familiar tomou conta do carro, c experimentei uma necessidade que raramente me acometia: fome. Anjos e demônios, mesmo em sua forma física, não precisam se alimentar como os humanos, a não ser que estejam gravemente feridos.

Instintivamente, enfiei a mão no balaio e agarrei dois suculentos bolos de atroz, devorando-os rapidamente. Ao fazê-lo, senti-me bem melhor. Ao contrário do que pensara, a garota não demonstrou repugnância diante de minha voracidade. Ofereceu-me alguns legumes, os quais comi sem hesitar. Depois, sorvi água de uma cuia de cerâmica.

— Obrigado — agradeci, falando em mandarim e indicando o braço ferido, em sincera recuperação.

Ela respondeu à gratidão com um tímido movimento de cabeça. Parecia ser muito reservada, exatamente como mandavam os costumes chineses naquela época.

— Sabe onde estamos? Sabe que caravana é esta?

Mais uma vez ela não respondeu. Possivelmente não entendia mandarim, afinal a China conservava uma série de dialetos diferentes.

De repente, uma voz surgiu do nada e veio esclarecer a confusão.

— Não adianta. Não adianta tentar falar com ela. A menina é muda.

— O quê? — perguntei, ainda sem entender o que acontecia. A voz falara cm grego, mas havia um leve sotaque latino na pronúncia dos prefixos. Olhando para trás, notei a presença do carroceiro, que até então me passara despercebido. Os cabelos e os olhos eram escuros, e a pele, morena e desgastada. O corpo era forte, revelando preponderância de atividades braçais.

— Ela não tem língua — respondeu o homem. — Os nômades rebeldes a cortaram quando foi capturada.

— Nômades rebeldes?

— Sim, homens ligados a um tal de Wang Mang, opositores do regime imperial. Sinto muito não poder ser mais explícito, mas entendo pouco da política dessa gente.

Aquela voz... já a ouvira antes.

— Você é Tommaso. Foi você quem me tirou do rio. Ele esboçou um sorriso desinteressado.

— Não posso me vangloriar disso. Foi tudo em benefício próprio.

— Por quê?

— Trabalho para um mercador grego, Tales, e para seu filho, Pólix.

— Mas você não é grego.

— Sou siciliano. Quando vi que você estava vivo, resolvi trazê-lo ao meu patrão. Vamos vendê-lo em um mercado de escravos de Alexandria, você e a menina. O velho me prometeu um décimo dos lucros.

— É um preço baixo a pagar por sua ambição — mas ele ignorou meu comentário. — Onde está esse tal mercador?

— No outro carro, logo atrás de nós. Esta é só uma carroça auxiliar, um transporte que eles usam para carregar os entulhos — Tommaso ficou meio sem graça — e os criados. Mas não tenha pressa. Você vai conhecê-lo à noite. É um homem justo, apesar de sua rigidez de caráter.

— Justo?Traficando escravos?

— Não deixe que isso o aborreça. Ser escravo não é tão ruim. Eu mesmo trabalhei nos campos da Sicília até os 20 anos, depois consegui comprar minha liberdade. Há uma década trabalho como condutor, carregador e guarda-costas.

Desde as Guerras Púnicas, entre Roma e Cartago, a Sicília era uma grande fazenda escravista, produzindo grãos que abasteciam toda a Itália.

— Talvez um dia você consiga fazer o mesmo. E sua sorte, pelo que vejo, será melhor que a minha. Sabe falar latim?

— Sim.

— Você fala grego e latim. Com certeza vão querê-lo como tradutor, e você não precisará se arriscar nas arenas de gladiadores. Será bem tratado e terá comida e vinho à vontade. O que mais um homem pode querer?

— O que me diz da liberdade?

Ele simulou uma expressão de desprezo.

— Isso não tem muita importância quando se vive como um mendigo. Mendigo. Era exatamente o que eu parecia, vestido com trapos velhos e rasgados, e com ferimentos e queimaduras por todo o corpo.

Minha missão! Como eu havia esquecido? Nathanael, Shamira, Canaá, Roma, Zamir, a Criança Sagrada,.. As palavras voltaram a me entupir a mente. O colapso da experiência de quase morte obscurecera meu cérebro, ocultando, no fundo da memória, esses objetivos tão importantes. Por quanto tempo eu permanecera desacordado? Em que parte do mundo estava? Como faria para chegar a Roma?

— Pare o carro — ordenei ao condutor, exaltado.

— De jeito nenhum. Só pararemos ao cair da noite.

— Você não entendeu — e tentei, pela segunda vez, me levantar. Os ossos enfraquecidos, contudo, novamente me empurraram ao chão. A menina chinesa indicou, com um movimento de mão, que eu deveria permanecer deitado. As agulhas finíssimas que ela havia aplicado ainda estavam fincadas em meu braço. Os resultados positivos de sua medicina dependiam de meu descanso.

Impossibilitado de caminhar, perguntei ao siciliano:

— Em que mês estamos? — eu precisava saber por quanto tempo dormira. Ele continuou guiando o veículo, calmamente.

— Estamos no quarto dia de antestério.

Antestério era o período grego correspondente ao mês de março no calendário gregoriano. Era chamado pelos helênicos de mês das flores, porque coincidia com o início da primavera.

Março. Nathanael me visitara em julho, e eu travara a luta com os espíritos antigos no fim do verão do ano l a.C. Teria permanecido inconsciente por sete meses? Ou por mais tempo?

— De que ano? Em que ano estamos?

— Você não compreenderia a contagem ateniense dos anos; nem eu e, às vezes, nem eles entendem. Mas posso dizer que estamos no 28° ano do reinado de Augusto de Roma.

Isso correspondia ao exato ano l d.C., o primeiro após o nascimento da Criança Sagrada.

Sete meses. Então eu desfalecera por sete meses! Nesse intervalo, Zamir já poderia ter chegado à Itália e aniquilado Shamira. Mas não o fizera. *Com certeza* não o fizera. Ainda não.

Eu e Shamira estávamos ligados de forma inexplicável. Um podia sentir, mesmo a distância, as mais latentes emoções do outro. Sim, a Feiticeira de En-Dor seguia com vida, e era exatamente por isso que eu precisava retomar minha jornada. Ainda estava em tempo de alertá-la para a armadilha. Depois, *só depois*, eu avançaria à Palestina, onde supostamente Nathanael me aguardava.

Estiquei o corpo e deixei que a garota chinesa retirasse as agulhas. Com dificuldade, pressionei o ligamento, e o polegar retraiu-se lentamente, um sinal de que as funções circulatórias respondiam bem ao tratamento e que em breve eu recuperaria os movimentos, ou assim esperava.

Mudança De Planos

Ao entardecer, a temperatura caiu drasticamente. O clima seco me fizera perceber, desde minhas primeiras horas de consciência, que percorríamos áreas desérticas. Mais tarde, Tommaso confirmou minha suposição. Explicou-me que seguíamos a Rota da Seda, ainda dentro dos territórios da dinastia Han. Os colossais picos nevados dos montes Qilian, que eu havia visto pela primeira vez ao chegar a Wu-Wei, iam vagarosamente ficando para trás. Durante a maior parte de seu trajeto chinês, a Rota da Seda permeava a encosta das altíssimas montanhas tibetanas, mas no meio do caminho desviava um pouco para o norte, penetrando na chamada depressão Turfan, rumo à cidade de mesmo nome. Toda a região é incrivelmente árida, mas não inóspita como um deserto de areia. O solo é acidentado e pedregoso, o que explicava a sonoridade das rodas no cascalho.

Finalmente, depois de um longo dia de dores e tonturas, a noite chegou, e o comboio de dois carros parou, afastando-se alguns metros da estrada. Segundo o condutor, jantaríamos e depois dormiríamos em barracas, pois só a lona de cânhamo, coberta por peles de carneiro, afastaria a hostilidade do frio. Aproximava-se o momento em que conheceria o patrão de Tommaso — que agora era também meu proprietário.

Fiquei um tempo sozinho na carroça, enquanto o siciliano e a menina chinesa preparavam o acampamento. Após montar as tendas e acender o fogo, Tommaso e a garota voltaram para me levar para perto da fogueira. Preparavam, em uma resistente panela de bronze, algum tipo de sopa, com arroz, legumes e lascas de carne de pássaro. Também me ofereceram um manto de lã, que, embora sujo, aceitei de bom grado.

Tales e Pólix, que se sentavam ao redor do fogo, eram dois gregos típicos e se vestiam como tal. O olhar denotava um grau de superioridade, comum dos homens ditos civilizados. Tales era o mais velho, um homem na casa dos 50 anos. O nariz, a exemplo do de seu filho, era triangular, descrevendo uma linha reta até a testa. Tinha pouco cabelo, e os fios escassos aglomeravam-se nas laterais e na nuca. Pólix, por outro lado, era um jovem forte, que se considerava a própria encarnação do deus Apoio.

Tales serviu-se de sopa e depois caminhou ao meu encontro. A túnica pesada, ajustada para o frio, ia dos pés ao pescoço, mas observei que sob ela o mercador usava sandálias, calçado padrão adorado pelos povos mediterrâneos.

— Coma quanto quiser — avisou, com certa frieza, indicando-me um prato de cerâmica. Eu precisava comer bastante para alavancar a recuperação.

— Muito bem — agradeci com um cumprimento de cabeça. Falei em grego, mas simulando um sotaque germânico. O velho achava que eu era um bárbaro, então vesti o disfarce que me fora previamente atribuído.

Ele não deu importância às formalidades.

— Tommaso já deve ter-lhe explicado. Sou o comandante desta caravana — afirmou, amargo. — Salvamos sua vida e, por direito, você é nosso escravo agora. Vamos comercializá-lo quando chegarmos a Alexandria.

— Aprecio sua sinceridade.

Pólix se intrometeu.

— Este bárbaro provavelmente não tem a menor idéia de onde fica o Egito, pai.

Eu o ignorei. O velho também.

— Sim — emendei. — Eu e a garota. Espera nos vender para os romanos.

— Exato. E a minha intenção.

— Pois então devo adverti-lo de que perde seu tempo.

— Como disse? — vociferou o velho. Pólix levantou-se, buscando uma faca. Tommaso sorriu, mas escondeu a fisionomia divertida no escuro. A menina encolheu-se.

— Origem civilizada, costumes bárbaros. É assim que vejo a maioria dos gregos hoje em dia — atestei. — Não haverá comércio algum desse tipo.

Pólix avançou, com a faca em riste.

— Como se atreve? Deveria matá-lo agora mesmo.

— Seria imprudente tentar uma coisa dessas. Na verdade, não creio que pudesse me matar realmente — voltei-me para Tales. — Tenho uma proposta melhor a fazer, vantajosa para todos.

Ao ver que seu paí não ultimava o comando de ataque, o jovem continuou a gritar.

— Você é um bárbaro! O que pode um bárbaro contra um legítimo filho de Atenas? Não há disciplina em suas escaramuças. Não há glória em suas guerras.

— Não me venha com essa. A glória da Hélade findou-se após as campanhas de Alexandre.

Alexandre, o Grande, da Macedônia, fora um dos maiores monarcas da Antiguidade. Durante seu reinado, entre 336 e 323 a.C., alongara as fronteiras de seu país desde a Grécia até o oeste da índia.

— É aí que você se engana — interferiu Tales. — Nossa cultura nunca antes alcançou tamanha expansão.

— A cultura helênica, sim. Mas o que é a Grécia hoje senão uma inacabável indústria de escravos intelectuais, destinada a fornecer mão de obra qualificada aos aristocratas romanos? Foi isso que sua gloriosa Atenas se tornou. Apenas mais uma província romana.

Furioso, Pólix armou o golpe *com* a faca, mas Tales o puxou pela camisa.

— Não. Vamos ouvir o que ele tem a dizer. Talvez sua proposta seja mesmo irrecusável. *Espero* que seja.

— Acho que pode lucrar mais com nossos serviços do que com nossa cabeça. Vamos ficar mais de quatrocentos dias juntos, viajando nesta rota interminável — esse era o tempo estimado que levava uma caravana, naquela época, para percorrer os seis mil quilômetros desde os montes Qilían até a capital egípcia de Alexandria —, então devemos nos ajudar. Não é esse o espírito democrático grego?

Ele se conservou inabalável diante do comentário.

— Continue.

— Quando deixarmos as fronteiras da China, entraremos nos territórios das tribos Yu-chi e depois caminharemos rumo ao Império Parto, uma extensa região administrada por funcionários que não possuem nenhum conhecimento da língua grega e são estimulados a cobrar taxas abusivas pela travessia.

— Sim, já percorri esta rota dezenas de vezes — concordou Tales, neutro,

— Sou fluente em aramaíco, o idioma dos mercadores do Oriente Médio, além de conhecer alguns

diaíetos do deserto. Posso ajudá-los na intermediação e conseguir um alívio nas taxas.

— Só isso?

— Não. Sei como guiá-los por uma trilha mais curta e segura até Alexandria,

— Sabe? — indagou o velho, desconfiado. — Tommaso! — chamou, sem tirar os olhos de mim. — Traga o mapa. Está no meu transporte.

O sicilíano obedeceu.

O planisfério, desenhado sobre um pergaminho resistente, fora certamente elaborado por um académico grego, tamanha era a precisão de detalhes. Mostrava cidades, vilas e estradas que se espalhavam desde o extremo oeste do Mediterrâneo até os confins do Oriente, terminando na latitude que delimitava a capital chinesa, Chang'an.

Tales esticou o mapa à luz da fogueira.

— Qual é a trilha que você nos sugere? — e apontou para a depressão onde estávamos. — Vamos ver se seu conhecimento é mesmo útil.

— Deixaremos a Rota da Seda neste ponto — indiquei um marco na área central do planalto do Irã — e desceremos pelas terras da Partia até Persépolis. De lá atravessaremos os rios Tigre e Eufrates, cruzaremos o grande deserto da Arábia em direção ao Sinai e depois seguiremos diretamente para Alexandria.

O Império Parto, ou Pártia, ocupava, no século I d.C., as regiões que hoje conhecemos como Irã, parte da Arménia e o antigo reino da Mesopotâmia. Naquele tempo, os conflitos com os legionários romanos tornaram-se comuns e acabaram por levar os dois lados ao confronto direto. Romanos e partos viriam mais tarde a se enfrentar na famosa Batalha de Garras, que culminou com uma humilhante derrota dos latinos.

— Este caminho que você aponta — argumentou Tales — nos obriga a viajar pelo coração da *Arábia Deserta* — e usou o termo em latim. — Não me parece uma opção muito inteligente.

— A outra opção, isto é, a rota que vocês traçaram inicialmente, passa pelo meio de duas províncias romanas.

— E o que há de errado nisso?

— Quanto você acha que vai gastar em taxas informais e suborno?

— Esse prejuízo já é calculado.

— Arrisco dizer que chega a um oitavo do valor total dos produtos. O grego fez uma conta rápida de cabeça. Não respondeu à pergunta.

— Pelo que pude notar — prossegui —, vocês levam objetos de bronze, metal especialmente apreciado pelos romanos.

Tales e Pólix, ao mesmo tempo, fuzilaram Tommaso com olhares de rapina, julgando ser ele o delator. Preferiam conservar a carga em segredo, por isso levavam tudo com eles em seu próprio transporte. Mas eu sentira o cheiro do metal logo ao sair da carroça, e nunca me enganava quanto à composição química desses minerais.

— Eu não disse nada — defendeu-se o condutor, ao perceber a reprovação na fisionomia de seus patrões.

— É verdade — esclareci. — Ele não me contou nada. Vi o brilho do metal refletindo à luz das estrelas.

Realmente havia, dentro da carroça dos gregos, uma peça de bronze que os helênicos haviam esquecido de embrulhar. O segundo transporte, utilizado pelo mercador e seu filho, era todo de madeira e mais parecia uma carruagem. As paredes e o teto formavam uma carroceria sólida, única, bem diferente da condução auxiliar, coberta apenas por um revestimento de lona.

O velho deu de ombros e voltou a atenção para mim.

— A viagem pelo deserto poderia nos sair muito mais cara. A imensidão de areia é inóspita, desolada e perigosa. Além disso, estaríamos vulneráveis aos ataques dos beduínos.

Pólix acrescentou:

—Algumas tribos nômades vivem exclusivamente da bandidagem, e não temos uma escolta armada para nos defender.

— Isso tudo é verdade, o deserto é traiçoeiro. Mas conheço muitas rotas confiáveis, desde as ruínas de Persépolis até as fronteiras do Egito. A via secreta que sugiro pode ser tomada a oeste da antiga capital persa.

— Via secreta? — estranhou Tales.

— No passado os espiões babilónicos usavam estradas secretas para percorrer todo o Oriente Médio. São caminhos rápidos, ocultos e dotados de lençóis subterrâneos.

— Você tem um mapa dessas estradas?

— Está tudo em minha cabeça — rebati, confiante.

— Humm... — ponderou o velho. — É uma história bastante fantástica. Mas se for verdade será de uma serventia inestimável. Pelo traçado que você fez, eu diria que economizaríamos quase cem dias de viagem.

— A rota indicada funciona como um atalho. Além disso, a totalidade de sua mercadoria será conservada. Os ladrões desconhecem essa trilha.

— Sim, isso já estava entendido. Mas tem uma questão que permanece obscura. Por que eu e meu filho deveríamos acreditar em você?

Respirei fundo antes de responder e engoli um gemido seco. O frio começava a contrair os músculos, e meu braço tornou a doer. Tentei dobrá-lo, mas os ossos danificados ainda não estavam preparados para uma manobra completa.

— Não há ninguém nesta caravana que deseje viajar tão rapidamente quanto eu. Preciso chegar a Alexandria o quanto antes, e de lá pegar um navio para Roma. Tenho negócios urgentes na Cidade Eterna. Infelizmente, meu estado de saúde me impede de prosseguir sozinho. Preciso de vocês para alcançar meu destino.

Tales fez silêncio, cruzou os braços e olhou para as estrelas, parecendo procurar, no céu, uma resposta à situação. Pólix, desolado, afundou a cabeça entre os joelhos, afetado pela humilhação. Tommaso, mais uma vez, ocultou a fisionomia de satisfação — o siciliano torcia a meu favor.

— E se você estiver mentindo? — interpelou o velho, de repente. Era um teste.

— Não vejo motivo para enganá-los. Se tentasse, o que impediria seu filho de fincar a adaga em meu coração? — encarei o rapaz, mas ele desviou o olhar.

O mercador moveu levemente a cabeça para baixo,

— E a menina chinesa? Você disse que encontraria utilidade para ela também.

— A garota conhece técnicas de medicina incompreensíveis aos ocidentais. Veja, meu braço está retomando a vida — retirei o manto de lã para mostrar-lhes a evolução do tratamento. — Nas cidades em que pararmos, poderemos oferecer os serviços dela em troca de ouro. Muitos pagariam por uma consulta.

Tommaso arriscou uma constatação.

— É verdade. O que a menina fez no braço dele é fantástico.

O velho não se deu o trabalho de olhar para o criado. Já tinha tomado sua decisão.

— Aceitaremos seu plano, mas esteja ciente dos riscos. Se for algum tipo de trapaça, Pólix e Tommaso terão ordem para executá-lo.

— Temos um trato, então — desfechei.

— Sim — ele replicou, com a habitual seriedade que o caracterizava. —Agora, todos para as barracas. Tommaso, deixe o fogo crepitando para afastar as cobras. Partiremos antes da aurora.

Tales deu a volta na fogueira, já em brasa, e dirigiu-se a seu abrigo sob lonas. Antes de se recolher, deteve-se na entrada da cabana e me encarou.

— Como vamos chamá-lo daqui para frente, forasteiro?

Eu sempre era pego de surpresa por esse tipo de pergunta.

— Acho que "bárbaro" seria apropriado.

— Está bem. Leve a chinesa para sua tenda. De agora em diante, você é responsável por ela — reparou no meu braço ferido —, e ela por você, creio.

Concordei com um sinal, desejando boa-noite ao mercador, mas ele não se mexeu. Continuou parado na entrada da barraca, analisando-me dos pés à cabeça.

— Há alguma coisa estranha em você — comentou, um minuto depois. — Será que um dia nos contará sua verdadeira história?

Devolvi-lhe a pergunta com um olhar sereno.

— Esse é o tipo de coisa que jamais saberá — fui sincero.

— Foi o que pensei — ele sorriu brevemente Em seguida, desapareceu pela abertura.

Flor do Leste

Mal o dia amanhecera, já estávamos de volta à estrada. Rumávamos para noroeste, afastando-nos das colossais encostas tibetanas. A Rota da Seda, naquele ponto, afundava-se por trilhas poeirentas e tomava um desvio para dentro de uma depressão montanhosa, chamada de depressão Turfan. Assemelhava-se a um vale gigantesco, onde muitas línguas-d'água descendentes das montanhas se encontravam e corriam para um lago, no coração da ravina. Às suas margens, erigia-se a cidade de Turfan, centro urbano por onde passavam nove em cada dez mercadores que cruzavam aquelas cercanias.

O lago e as fontes aliviavam a aridez do deserto. A vegetação florescia nas encostas de pedra, mas não eram só os arbustos que compunham a imagem. Belas árvores exibiam suas flores, pássaros cantarolavam, e o ruído agradável de um riacho completava a sequência de maravilhas da estrada. A depressão Turfan era como um oásis, uma magnífica jóia incrustada no seio de uma via estéril.

Enquanto descíamos a alameda em direção à cidade, a menina chinesa, ao meu lado no cargueiro, preparava a aplicação de mais uma de suas técnicas especiais. Desta vez, deixou as agulhas de lado e pegou na mochila um emaranhado de ervas. Com um graveto, amassou a planta dentro de uma cuia de barro, e em outro pote preparou-se para acender o fogo. Ao mesmo tempo, dispôs, a seu lado, cinco largas tiras de couro. Quando o fogo irrompeu, queimou as ervas e pôs as cinzas flamejantes sobre as ataduras. Em seguida, fixou as tiras em meu braço, apertando forte as ervas ferventes, que provocaram queimaduras superficiais na pele. A técnica, apesar de dolorosa, empurrava os vapores medicinais da substância para dentro do organismo, que absorvia suas propriedades benéficas. Esse tratamento, conhecido pela medicina moderna como moxibus-tão, é bastante eficaz no combate a várias enfermidades, até mesmo às simples dores de cabeça, e já era usado pelos chineses desde tempos remotos.

A menina manteve as tiras pressionadas por uma hora. No meio do processo, enquanto a ardência das ervas abrandava, tive uma idéia.

—Tommaso! — chamei, enquanto o siciliano conduzia a carroça pela alameda.

— Estamos a uma hora da cidade — devolveu.

— Não, não se trata disso. Este é o carro onde vocês carregam os supérfluos, não é?

— Por quê? Precisa de alguma coisa?

— Tintas c pena. Sabe onde Tales guarda o material de anotação? Ele matutou por três segundos. Estava concentrado demais na estrada para dar uma resposta imediata.

— Os documentos estão todos com eles no segundo carro, mas há bastante tinta e pena em uma pequena arca bem embaixo desse balaio — e indicou um cesto de palha escondido em um canto do cargueiro. — Infelizmente creio que os pergaminhos acabaram. Foram todos usados para discriminar os objetos de bronze.

— Não acho que seja necessário — agradeci, pondo o balaio de lado. Na pequena arca havia tinta para escrita, encerrada em dois potes de cobre, e dois pincéis de pontas diferentes. O material era chinês, de qualidade superior, e provavelmente fora adquirido em alguma loja em Chang'an.

Abri o potinho e molhei a ponta do pincel no corante.

— Qual é o seu nome? — perguntei à menina, oferecendo-lhe o pincel untado.

Ela agarrou a haste do instrumento, ainda um pouco acanhada, e rabiscou

uns caracteres chineses no chão de madeira. *Flor ao Leste*. escreveu, no idioma mandarim.

Flor do Leste. Que belo nome, pensei, *e precisamente adequado.* Era isso o que ela era, de fato — frágil como uma flor, e dotada de uma beleza inocente. Era o botão do Oriente: tranquila, inabalável como a planta que floresce na montanha e que sobrevive até às piores tempestades.

— Flor do Leste — murmurei, mais para mim mesmo do que para ela.

— O quê? — indagou Tommaso, pensando que o sussurro fosse dirigido a ele.

— Flor do Leste — repeti, em grego.

— Flor do Leste? — ele se confundiu.

— Sim. Flor do Leste. E o nome dela. O nome da menina.

O condutor torceu o pescoço e reparou nos ideogramas desenhados no chão.

— Ah, a mocinha sabe escrever. Vejo que finalmente estabeleceram uma forma de comunicação. Por que você não ensina a ela a gramática grega? Ninguém aqui sabe falar chinês.

— Não tinha pensado nisso. Mas até que é uma boa idéia. O que acha, Flor do Leste?

Ela deixou escapar um sorriso. Era uma menina comum, mas durante toda a infância fora repreendida por expressar suas emoções. As mulheres chinesas passavam por um rígido treinamento durante a adolescência, que as ensinava a ser esposas perfeitas — submissas, disciplinadas e condescendentes.

A roda da carroça atropelou uma pedra, e o carro todo deu um pulo de embrulhar o estômago. O pote de tinta virou e o corante borrou o nome escrito no chão.

— O seu mundo está ficando para trás, Flor do Leste. Esta é a última cidade dentro das fronteiras da dinastia Han — devaneei, observando os picos nevados desaparecerem no horizonte. — Não precisa mais temer coisa alguma. Os nómades já se foram, e os gregos não lhe farão mal.

Ela me olhou um pouco envergonhada, enquanto retirava as tiras de couro amarradas ao meu braço. A recuperação do membro era espetacular.

—Você vai comigo para Roma, menina. Conheço uma mulher que vai gostar de conhecê-la. Talvez ela possa ajudá-la a localizar seus parentes vivos.

Shamira tinha contatos, era esperta, rica e sábia. Possivelmente saberia como embarcar Flor do Leste de volta à China e devolvê-la a seu clã familiar. Grandes caravanas partiam todos os dias da Cidade Eterna, e ao menos uma delas aceitaria escoltar a jovem chinesa de volta à sua terra. A tarefa não sairia de graça, mas as reservas monetárias da feiticeira seriam mais do que suficientes para cobrir todas as

despesas,

A menina sinalizou uma afirmativa e pôs-se a recolher o material. Guardou as ervas na mochila e pousou a cuia num canto. Dobrou em rolos as tiras de couro e jogou fora as cinzas das plantas.

Turfan

A localidade de Turfan não era defendida por muros ou portões, mas um portal de madeira, talhado com a forma de dois dragões que se engoliam mutuamente, guardava a entrada da cidade. O monumento, segundo os taoístas, barrava o assalto dos espíritos maus e protegia o vale contra a fúria dos deuses. Não senti nenhum abalo místico ao cruzá-lo, mas meus sentidos continuavam debilitados em decorrência do meu precário estado de saúde.

Apesar das belezas naturais, Turfan não reservava grandes luxos. As habitações padronizavam uma coloração homogénea, entre o bege e o cinza, um tipo de edificação mais tibetana do que chinesa. Observei que muitas casas eram de pedra e adobe, destoando imensamente do tradicional projeto arquitetônico chinês. Havia também, próxima ao lago, uma quantidade excessiva de barracas, que abrigavam centenas de mercadores acampados.

Tales abriu a cortina traseira da carroça com uma puxada violenta. Percebi, com isso, que tínhamos estacionado em meio ao intenso comércio de uma paragem fronteiriça.

— Como se sente hoje, forasteiro? Acha que pode caminhar? — seu interesse era puramente profissional.

— Sim, posso andar. Ainda não estou completamente recuperado, mas as articulações da perna já se dobram com perfeição. Eu não arriscaria uma corrida, mas não vejo problema em sair para um passeio.

— Ótimo. Pólix e eu pensamos que você poderia nos ajudar com os suprimentos. Se vai ser nosso guia daqui para frente, acho que deveria assumir parte da responsabilidade pelas contas da caravana.

— Claro — concordei, finalizando um sinal positivo. O velho deu meia-volta e seguiu para a praça do mercado.

Dentro do carro, cobri o corpo com o conjunto deplorável de trapos que usava desde que fora retirado do rio e tentei esconder o braço ferido jogando sobre ele o manto de lá. Lembrei-me de que tanto Flor do Leste quanto eu precisávamos de roupas novas. Infelizmente não tínhamos um só dcnário no bolso.

Saltei para a rua e o brilho do sol irritou meus olhos. Flor do Leste me puxou pelo braço, indicando o local onde Tales e Pólix analisavam as carroças. O mercador tinha à mão uma tábua recoberta de cera, onde fazia anotações com um estilete de osso.

Olhando para a caravana, calculei as despesas. O comboio era composto por dois carros. O primeiro, onde viajavam os gregos, era puxado por dois cavalos, ambos de carga, impróprios para uma corrida veloz. O segundo transporte, o carro dos criados e das quinquilharias, tinha mulas à frente.

Pólix parou a meu lado, mas não disse coisa alguma. O velho palpitou:

—Vi um homem vendendo camelos na entrada da cidade. O que me diz de trocarmos os carros por uma dúzia desses ruminantes? Doze animais saudáveis devem ser o bastante para levar toda a mercadoria através do deserto.

— Não seria vantajoso — devolvi. — A areia fina pode danificar o bronze. Acho melhor preservar o metal embrulhado e dentro do ambiente fechado do cargueiro. Vamos continuar com os carros.

— Deve estar brincando — depreciou Pólix. — Não é possível cruzarmos um deserto de areia sobre rodas. Isso é absurdo. Os carros não conseguem subir as dunas. Precisamos dos animais para levar a carga, caso contrário ficaremos atolados.

— É uma questão interessante, bárbaro — reforçou o velho.

— Eu disse que conhecia uma rota auxiliar. Um lençol subterrâneo corre por baixo dessa trilha. O resultado é uma via de solo arenoso, porém rígido. As carroças não encontrarão dificuldades.

O rapaz olhou para o pai, exigindo uma atitude.

— Você está absolutamente certo da existência dessa rota? — intimou Tales.

— Tem a minha palavra, apesar de eu ter a impressão de que já discutimos isso antes.

Ele analisou meu olhar.

— Confio em você, forasteiro — encerrou.

Caminhei de volta ao carro dos suprimentos e contei as ânforas e os cestos. Sacudi alguns recipientes, para testar o conteúdo. Ainda havia bastante água, mas a comida estava no fim.

— Vamos ter que estocar muita comida, se quisermos seguir viagem sem paradas longas — propus. — Felizmente nosso estoque de água só precisa aguentar até as ruínas de Persépolis.

—Você não acha que uma grande quantidade de alimento pode acabar apodrecendo durante a viagem? — cutucou o velho.

— Sim, acho. Há alguns povoados no deserto onde poderemos reabastecei, mas para isso teríamos de nos distanciar demais de nossa rota. Sinceramente ainda não sei o que fazer. Vou tentar pensar em alguma coisa.

Pólix alfinetou.

— Então seu plano começa a apresentar falhas.

— Talvez você possa me ajudar a resolvê-las.

O rapaz balbuciou alguma coisa, mas minha atenção foi desviada para a menina chinesa, que me puxava insistentemente pelo braço. Como não podia falar, Flor do Leste arriscou um sinal mímico, imitando o movimento circular de uma colher a mexer um caldeirão.

— Você poderia elaborar um preparado — chutei. Ela concordou com a cabeça. — Que tipo de preparado?

Ela levou a mão vazia à boca, reproduzindo o gesto de uma pessoa comendo. Depois, deu duas palmadinhas na própria barriga, simulando urna expressão de contentamento. Flor do Leste soltou meu

braço e correu de volta à carroça. Tales, Pólix e eu a seguimos, intrigados, e notamos que a menina se apressava a buscar seu livrinho de ervas na mochila. Satisfeita, ela me indicou uma das páginas, rabiscadas com ideogramas e desenhos de plantas e raízes. Apesar de meu desconhecimento quanto à matéria herbórea, li as primeiras palavras e rapidamente compreendi a sugestão.

— Acho que encontramos a solução para o impasse que o aborrece, Pólíx. Isto é, Flor do Leste encontrou.

— Flor do Leste? — interpelou Tales. Esquecera-me completamente de que os gregos ainda não conheciam o verdadeiro nome da pequena. Tommaso me ajudou:

— Flor do Leste é o nome da menina, senhor.

— Poético — replicou o velho. — Mas o que ela quer dizer com todos estes sinais?

Mostrei-lhe os desenhos nas páginas do livro. Ao mesmo tempo, a menina puxou umas ervas de dentro da bolsa e as sacudiu no ar.

— E um tipo de substância, uma mistura de azeite, sal e ervas especiais. A menina acredita que esse preparado pode conservar a comida por muito tempo. A receita contida neste livro é bem específica.

— E qual é sua opinião sobre isso? — perguntou Tales, imparcial,

— Acho que devemos dar-lhe crédito. Seus conhecimentos já se mostraram bastante úteis. Se o preparado de ervas funcionar, poderemos reduzir ainda mais o tempo de viagem.

— Mas e se não funcionar? — instigou o mercador. Como dono e responsável pelo comboio, ele tinha de pensar em tudo.

— Aí faremos como eu planejara anteriormente. Compraremos um cavalo forte e o usaremos para buscar comida nas aldeias próximas à via.

O velho marcou anotações na tábua de cera. Quando terminou, virou-se para o criado.

— Tommaso, você será o responsável por escolher o cavalo — e entregou um saquinho de dinheiro ao siciliano. — Faça-o bem. Quero um animal jovem e saudável. Se ele adoecer no meio da viagem, deduziremos o valor de seu pagamento. Quero que compre também o par de camelos que combinamos. Você tem experiência com esse tipo de câmbio.

— Está bem — concordou, um pouco decepcionado pela cláusula acerca da indenização.

— Pólix e eu vamos cuidar dos suprimentos, incluindo o sal e o azeite.

— Seria bom que tivéssemos mais potes de cerâmica para guardar a comida — intervim. —Três crateras seriam perfeitas.

Crateras eram grandes vasos em forma de taça. Os gregos e os romanos normalmente as utilizavam para misturar água e vinho.

— Você ficará por aqui, bárbaro, com a menina — ultimou Tales. — Tome conta da caravana. Esta é a prova definitiva de que confio em seu julgamento. Quando Tommaso voltar, pode andar pela cidade, se é que esse tipo de caminhada o agrada,

— Não pretendo ir muito longe. Só o bastante para encontrar uma roupa nova para Flor do Leste. Acho que é o mínimo que devemos a ela.

— Você deve muito mais a ela do que nós, forasteiro, por isso deveria ser o seu mecenas, não eu — argumentou, separando mais alguns denários. — Mas compreendo a situação. A garota é importante para todos nós — e atirou ao ar três denários e quatro sestércios, que agarrei prontamente. — Compre vestimentas para ela e para você também. Mas aguarde o retorno de Tommaso. Cidades e ladrões são substantivos que caminham juntos.

Filho do Perigo

Tommaso retornou à caravana, montado em um magnífico corcel marrom-avermelhado. Poucas vezes na vida eu apreciara um animal de tamanha beleza. Era árabe, e pelo porte altivo deduzi que nascera selvagem e provavelmente fora retirado da manada ainda potro e amestrado por habilidosos treinadores beduínos. Essa mistura de ousadia e disciplina fazia dele um espécime único, inestimável.

O siciliano não escondia a satisfação por ter encontrado, indiscutivelmente, o melhor corcel da cidade.

— Hurra! — gritou o criado, puxando as rédeas e desmontando. Uma nuvem de poeira levantava-se cada vez que o equino afundava os cascos no chão, à batida de seu trote majestoso. Aproximei-me do animal, sempre apoiado no cajado.

— E então, o que achou? — perguntou Tommaso, orgulhoso.

— É lindo. Com certeza o cavalo mais belo que já vi — respondi, acariciando o pelo vermelho.

— É também muito veloz. O antigo proprietário deixou que eu o cavalgasse antes de vendê-lo. Não vejo a hora de disparar pelo deserto em seu lombo,

— É árabe, não é? Há algo de selvagem nele.

— Sim, bem como seu dono anterior. O sujeito me vendeu mais barato porque lhe garanti que seria bem tratado. Disse que o corcel era amestrado e atendia pelo nome de Ibn-Hatar, que em árabe significa filho do perigo.

— Um corcel amestrado e que atende pelo nome. Deveria valer muito mais do que catorze denários. Como conseguiu adquiri-lo por esse preço?

Ele sorriu.

— Paguei-lhe somente doze denários e dez sestércios. O homem precisava do dinheiro para repor os camelos que morreram no deserto. Venha, suba nele, veja como é disciplinado e atende aos comandos do cavaleiro.

— Eu adoraria, mas ainda não estou em condições de cavalgar. Preciso de descanso urgentemente.

— Você não come nada desde ontem à noite.

— É verdade. Acho que nunca estive tão fraco assim. Então, é justificável que eu esteja um pouco confuso.

— Entendo. A inutilidade é uma condição pouco admirável.

Retornei ao cargueiro, onde Flor do Leste me ofereceu um pedaço de peixe salgado. Bebi um pouco d'água e tossi algumas vezes. Limpando a boca com as costas da mão, vi que os gregos voltavam. No mesmo instante, Tommaso desceu da carroça, pronto a ajudar o patrão. Tales e Pólix vinham pela rua, seguidos por um chinês magricelo, desdentado, que, com dificuldade, puxava uma car-rocinha abarrotada de sacos, balaios e recipientes de cerâmica. Ali estava toda a comida de que precisaríamos para completar a jornada até Alexandria.

O siciliano levou o que havia na carreta para dentro do carro dos criados e deu o sal e o azeite para Flor do Leste, que os misturou às ervas especiais. Depois de aquecido, o preparado estaria pronto, e chegaria o momento de untar com ele os alimentos. Por fim, poderíamos conservar a comida palatáveí por bastante tempo. A questão dos suprimentos fora definitivamente resolvida.

Estávamos na primavera, e a viagem era calculada em pelo menos dez meses. Com sorte, completaríamos o percurso em tempo recorde.

Predestinado em Delfos

À chegada do crepúsculo, montamos acampamento às margens do lago. Esfriava rápido, e os gregos acenderam uma fogueira, pronta para receber a deliciosa refeição de Flor do Leste. Tommaso retornou com os camelos e as roupas, finalizando assim os itens discriminados na lista de compras.

Minhas novas vestimentas eram confortáveis, resistentes e me serviram perfeitamente, sem necessidade de ajustes. A calça era de um algodão rígido, bom para cavalgada, as botas eram longas, de couro duro, e a camisa fora costurada em duas camadas — uma de linho e outra de algodão acolchoado. As cores eram neutras e combinavam bem com a paisagem do deserto rochoso. Juntos vieram um par de braçadeiras e luvas de cavaleiro, que deixavam os dedos à mostra, justamente para facilitar o manuseio das rédeas.

Flor do Leste ganhou um quimono simples, bege e cinza, sem desenhos ou ornamentos, mas muito mais quente e limpo do que seu traje anterior.

No início da noite, já com o preparado borbulhando ao fogo, a menina chinesa fez sinal para que eu descobrisse meu braço e aplicou-me uma nova sessão de moxibustão. Com alegria, constatei que meus dedos já se dobravam à metade. Ao toque, a dor das ervas queimadas aumentou, e isso era bom, pois significava que o tato e a sensibilidade voltavam, aos poucos, ao normal.

Depois do jantar, sentei-me no topo de uma pedra e cobri o corpo com uma manta de lá. Quando o silêncio total caiu sobre o acampamento, percebi, com minha audição afiada, que dentro da tenda Pólix

chamava o pai à discussão. Raras vezes utilizei-me dos sentidos para escutar conversas alheias, mas ao entender que era o alvo dos comentários, atentei ao diálogo.

As duas silhuetas se moviam dentro da barraca, ao reflexo da luz do braseiro.

Apurei os ouvidos.

— Pai, tem uma coisa que ainda não entendi. Sou seu filho e sei que lhe devo respeito, mas penso que você confia demais nesse bárbaro. Estamos com ele só há dois dias, e o senhor segue cegamente seus comandos.

O velho sorriu, como se já aguardasse aquela reação.

— Compreendo sua preocupação. Em seu lugar, eu teria a mesma atitude. Cedo ou tarde isso teria que ser discutido, e acho que chegou a hora.

— Isso o quê? — assustou-se Pólix. Eu mesmo fiquei confuso. Saberia ele algo a meu respeito que eu próprio desconhecia?

Tales fez uma pausa, levantou-se e tomou distância do braseiro.

— Já lhe contei que, quando tinha a sua idade, servi no exército. Isso foi há muito tempo, e ao terminar o serviço militar tive de escolher se continuava como oficial ou se pedia dispensa, para viver como mercador. Já havia viajado bastante, conhecia terras longínquas, e por isso me sentia seguro para continuar viajando, mas como comerciante, ganhando meu próprio dinheiro.

— Sim, conheço a história.

— Mas você não sabe que, para tomar essa decisão, recorri ao conselho do oráculo.

— O Oráculo de Delfos? — exclamou o rapaz, — A fala de Apoio! — Achei que deveria pedir auxílio dos deuses para concretizar a sentença que mudaria minha vida.

O templo de Apoio em Delfos, na Grécia, era para os helênicos o centro do universo. Reis e governantes de todo o mundo vinham de terras distantes para sacrificar cabras e ouvir os conselhos do oráculo, que era, em essência, a voz sublime dos deuses. Uma sacerdotisa, assaltada pelo êxtase divino, escutava o sussurro que vinha das profundezas da terra e transmitia a mensagem a um acólito, que a anotava e a repassava ao visitante. Para os gregos, Delfos era mais do que uma localidade — era também uma inspiração, um orgulho, uma representação viva do poder superior.

— E o que foi que o oráculo lhe disse? — perguntou Pólix, excitado diante de um relato tão fantástico.
— O que essa conversa tem a ver com o bárbaro que retiramos do rio?

— Naquele dia, entre outras coisas, o deus profetizou minha morte.

O jovem engoliu em seco, sem reação. Tales prosseguiu:

— A mensagem do oráculo dizia que, em uma de minhas viagens de volta a Atenas, eu seria assassinado por harpias.

Minha visão aprimorada não me permitia enxergar através da lona da barraca, mas não era difícil concluir, pelo gemido assustado, que Pólix tremera à menção daquelas criaturas. As harpias são figuras mitológicas, espécie de mulheres aladas com patas de abutre, derivadas da imaginação popular e retratadas em meia dúzia de antigos poemas helênicos. Como conhecedor da matéria oculta, eu tinha certeza de que havia muita coisa estranha no mundo, mas harpias, pégasos e medusas nunca existiram de fato.

— Harpias? Mas esses monstros são reais?

— Ora, pode estar certo disso. A voz de Apoio me alertou de que eu seria avisado da proximidade desse dia, e o alarme víria na forma de um andarilho dos céus. Um homem que se faria passar por gente, mas que na verdade seria um emissário dos deuses.

Pólix respirou fundo, limpou o suor da testa e acalmou-se. Seu inconsciente o impeliu a ironizar a situação, que de tão absurda parecia engraçada.

— O senhor está dizendo que aquele bárbaro é um enviado dos deuses?

— Eu o encontrei no rio antes de Tommaso — revelou o velho.

— Você o quê? — murmurou Pólix, deixando de lado a disciplina familiar. — Por que não me disse antes?

A resposta foi evasiva.

— Fiquei a observá-lo por meia hora e cheguei a me lembrar das palavras do oráculo. Não tinha certeza, mas imaginei que ele poderia ser a figura mencionada na profecia. Temendo por minha vida, dei as costas ao meu destino e voltei ao acampamento. Pouco depois você me avisou que Tommaso o havia retirado do rio. Ninguém teria sobrevivido por tanto tempo na água. Só um deus ou um herói teria essa capacidade.

— Ele não é um deus nem um herói, é somente um bandido.

— Não, as evidências são claras. Também resisti a acreditar, mas ouvindo-o falar reparei que seus conhecimentos ultrapassam em muito as informações comuns aos guias, generais e filósofos. E finalmente me convenci de que não existe escapatória ao destino — a voz baixou uma oitava, — E já alcancei idade e sabedoria suficientes para entender que não devo questionar o que é escrito pelos deuses.

Consternado, Pólix desabou no chão e refugiou-se cm um canto frio da tenda, longe do calor do fogo. Cobriu a face com ambas as mãos e ali ficou, meio desolado, quase autista, observando impassível o crepitar do braseiro. Tales agachou-se ao lado do filho, pôs a mão direita em seu ombro e pediu-lhe que não sofresse, já que sua suposta morte era "inevitável". Explicou-lhe que todos os documentos já haviam sido passados para o nome do filho e que ele deveria dar continuidade ao seu trabalho, guiando a caravana até Alexandria.

De minha parte, estava certo de que não era o andarilho profetizado. Não questionava a capacidade fatídica do oráculo, mas sabia que a sacerdotisa em Delfos sempre falava por enigmas. Certa vez, o rei Creso, da Lídia, perguntou ao oráculo se deveria lançar-se na guerra contra os persas. A voz de Apoio respondeu que, se o fizesse, um império seria perdido. O monarca acreditou que o oráculo se referia ao Império Persa, mas enganou-se — era o seu. Portanto, a mensagem que chegara até Tales não queria dizer, literalmente, que ele seria atacado por harpias, ou que morreria massacrado por elas. A meu ver, eram tudo alegorias, informações passíveis de ser interpretadas. Até mesmo a questão da morte poderia ser tão somente uma figura simbólica.

Além disso, eu estava certo de que não era um enviado dos deuses. Poderia ter perdido minha glória e

meu exército, mas retinha a absoluta consciência de rainha identidade.

E mais uma coisa: harpias não existem.

Pistas na Estrada

A caravana deixou a depressão de Turfan na manhã seguinte e retomou o caminho pela Rota da Seda. Dali até o Mediterrâneo, o deserto seria uma companhia constante. Primeiro, seguiríamos por terreno árido, montanhoso, margeando a cadeia de montanhas Tian rumo a sudoeste, até as terras que hoje pertencem ao Afeganistão, Depois, pretendíamos adentrar o Império Parto, atual Irã, e em certo ponto deixaríamos a estrada para alcançar, ao sul, as ruínas de Persépolis, onde começava a trilha secreta traçada pelos babilônicos.

Por dois meses, viajamos por vales secos, desfiladeiros profundos e montanhas rochosas, esbarrando com árabes, partos e chineses, O terreno era árido, mas não raro encontrávamos arbustos no caminho, e eu recolhia as cascas e folhas para usá-las como lousa. Nelas, rabiscava caracteres gregos e, aos poucos, ensinava o idioma helênico à menina chinesa. Flor do Leste tinha uma esplêndida capacidade intelectual, mas o grau de dificuldade para aprender uma linguagem ocidental era extremo. O alfabeto grego era totalmente diferente dos ideogramas mandarins, e tive que explicá-lo à pequena letra a letra, verbalizando os sons e repetindo os significados.

No último mês do verão, estávamos a poucos quilômetros da fronteira com a Partia, onde, pelo mapa, havia um povoado chamado Bactro, composto de um forte, um posto de controle e meia dúzia de casas de pastores e oleiros.

Com o tratamento de agulhas de Flor do Leste e seus elixires de ervas, recuperara-me quase totalmente, e o braço ferido já se movia com perfeição, restando apenas uma cicatriz circular um palmo acima do punho, onde o ferrão de Mai Yun penetrara. Restabelecido, passei a atuar como batedor, viajando sempre à frente, montado no veloz Ibn-Hatar. Como guardião, minha função era observar as condições da estrada por onde passariam as carroças, averiguar a possível presença de ladrões e retornar ao grupo com relatórios. Fiz isso tantas vezes que o corcel se apegou mais a mim do que a qualquer outro, elegendo-me instintivamente seu cavaleiro.

Dizem os beduínos que, quando o tempo está calmo e o céu azul espelha a magnificência do cosmo, é sinal de que uma violenta tempestade se aproxima.

E foi isso que aconteceu.

Em uma manhã quente e particularmente abafada, a um dia de viagem de Bactro, notei, à margem da estrada, um montículo de terra que me chamou a atenção. Em um piscar de olhos meu cérebro captou na areia impressões humanas, como se o local tivesse sido remexido e forjado para parecer uma obra natural do vento. Ora, não havia razões para um mercador, um andarilho ou mesmo um militar esconder seu rastro, ainda mais em uma rota compartilhada por tanta gente. Aproveitei, então, meus dez minutos

de vantagem em relação ao primeiro carro e fui investigar a estranha elevação.

Sob sol forte, desmontei e me agachei diante do sítio, estendendo ao máximo a capacidade sobre-humana de meus sentidos. Toquei o terreno com a ponta dos dedos, farejei o ambiente e, pelo tato, percebi uma variação nas emissões de calor abaixo do solo, o que significava que havia mais do que areia enterrada ali. Pensei em buscar urna pá na carroça, mas não quis perder tempo e comecei a cavar com as mãos. Dois minutos depois, encontrei, afundados em um buraco, uma caneca de argila e um graveto queimado. Deduzi que fossem vestígios de um acampamento, mas por que teriam sido propositadamente ocultados?

Tommaso, ao me ver ajoelhado no deserto, longe da trilha, puxou as rédeas das mulas e o comboio estacou. Pólix, que guiava o segundo transporte, também parou e gritou para o criado:

— O que está havendo lá na frente? Por que o bárbaro saiu da estrada?

— Não sei, o sol está contra nós — ele respondeu em voz alta, para vencer a distância e a amplitude do espaço. — Acho que está procurando alguma coisa na areia.

O helênico suspirou, impaciente.

— Pois corra até lá e descubra que tipo de maluquice ele está aprontando. E tente trazê-lo de volta. Nesse ritmo nunca chegaremos a Bactro.

— Sim, senhor — obedeceu o empregado, descendo da plataforma do carreteiro. Enfiando a mão ainda mais profundamente no chão, retirei da terra uma

pedra chamuscada, que certamente havia sido usada para delimitar uma fogueira. Então vi Tommaso se aproximando.

— Algum problema? Encontrou algum tesouro? — brincou o siciliano, ao me ver revirando a poeira.

—Alguém acampou neste lugar e depois forjou um montículo de areia e pedras para ocultar sua passagem. Ajude-me a limpar o perímetro.

Ele não se mobilizou imediatamente, tentando entender a relevância da investigação. Sem chegar a conclusão alguma, perguntou:

— Você desencavou alguns utensílios singulares — ele se referia à caneca de argila —, mas que interesse temos em um ponto de parada abandonado? É possível que esteja aí há anos e tenha sido soterrado pelas tempestades do deserto.

— Não. Eles jogaram terra e pedras sobre a fogueira. Por que acha que fariam isso?

— Talvez não quisessem ser rastreados.

— Foi exatamente o que pensei.

O italiano olhou-me passivo, mas por fim se agachou, separando algumas rochas. Continuava curioso quanto à minha atitude e voltou a alimentar o diálogo:

— Está procurando por alguma coisa em especial?

— Uma pista — eu disse, aproximando o rosto do solo, para captar melhor os aromas.

Foi então que tateei, no meio dos pedregulhos, um objeto em forma de disco. Era um prato de porcelana quebrado, ordinário, mas que guardava um cheiro característico.

— Zamir! — exclamei, reflexivo. As impressões olfativas que ainda se agarravam à louça eram as mesmas contidas na garrafa de cerâmica do bosque Tín-Sen.

— Zamir? O que é isso? — perguntou Tommaso.

— Um nome. O nome de um velho conhecido.

— Esse Zamir é amigável?

— Nem um pouco. Foi ele quem tentou me matar da última vez.

— Foi o homem que perfurou seu braço?

— Não. Ele enviou assassinos para dar cabo de minha vida — confessei, observando o horizonte deserto. — E isso naturalmente o torna tão hostil quanto seus contratados.

Retirei a braçadeira e a luva e, com a palma da mão, provei a consistência e a temperatura da areia. As pegadas deixadas pelos viajantes tinham sido cobertas pela poeira havia muito tempo, mas, em certos pontos, havia variações de calor no solo, um nível abaixo da camada de areia depositada pelo vento. Nesses lugares, os grãos estavam mais unidos, compactados, amassados — era a evidência de que haviam sido afundados sob a pressão do peso de um homem. Tratava-se de pegadas, sem dúvida, e não só de um par delas, mas de cinco ou seis pares, o que me levou a crer que Zamir contava com a ajuda de carregadores, provavelmente escravos.

Não existiam indícios de animais, o que provava que o mago viajava a pé, com cinco acompanhantes que, pelo peso, eram todos homens. Segui o rastro por cinquenta metros até o leito da estrada, quando as impressões se apagavam completamente, em meio ao cruzamento de inúmeras outras marcas de caravanas que passavam por ali todos os dias. O siciliano me acompanhou gentilmente, trazendo Ibn-Hatar pelas rédeas.

— Eles estão somente seis semanas à nossa frente — confidenciei a Tommaso. O vento naquela parte da Rota da Seda levava um mês e meio para cobrir o solo com aquela quantidade específica de terra, que formava um nível sobre a trilha de calor que eu encontrara.

— Quem? Esse tal Zamir?

— Ele e maís cinco homens. Viajam todos a pé e caminham para oeste. Talvez ainda possamos alcançá-los, se continuarmos nesse ritmo acelerado.

— Você quer se vingar dele, não é? Quer persegui-lo?

— Não. Só quero impedir que ele cumpra sua vingança. Preciso neutralizá-lo antes que tente assassinar outros em sua lista.

Observei mais uma vez o horizonte, onde a Rota da Seda encontrava o povoado de Bactro.

Seis semanas.

Durante toda a jornada, o inimigo estava mais perto do que eu imaginara.

O Rei Mendigo

De longe, o povoado fronteiriço de Bactro parecia abrigar somente uma fortaleza, porque essa era a única construção realmente imponente na paisagem adiante. A aproximação posterior, porém, revelou-nos a existência não de meia dúzia, mas de dezenas de pequenas casas de barro, que juntas formavam um tímido aglomerado urbano.

A primeira impressão que tive ao avistar a fortaleza, aos raios ofuscantes da aurora, foi de que tínhamos finalmente chegado ao Ocidente. Diferentemente dos templos chineses, feitos de madeira, e das cabanas bárbaras, de pedra e palha, o forte de Bactro havia sido construído com blocos de tijolo secos ao sol. Os portais de entrada eram largos, em forma de arco, e o interior era ricamente decorado com mosaicos multicolores. No centro do edifício, os engenheiros projetaram um pátio interno, semelhante aos átrios romanos, mas muito mais amplo. O teto se fechava em abóbada, imitando o firmamento celeste.

Havia arbustos ao longo de todo o cenário árido e pedregoso que margeava a Rota da Seda, mas raramente se encontravam, no deserto, plantas grandes ou comestíveis. Bactro, contudo, contava com diversas fontes de água, que alimentavam a vida de palmeiras, tamareiras e juníperos e permitiam o florescimento natural de um capim ralo, que servia como pastagem para ovelhas. A temperatura, embora mais úmida, continuava escaldante, e decidimos reabastecer as crateras, para seguir com tranquilidade até o ponto onde deixaríamos a estrada.

Nenhum muro ou cerca delimitava a pequena comunidade, mas um batalhão de soldados montados vigiava seus limites, atento a qualquer movimentação irregular além das colinas. Carregavam arcos longos, lanças e cimitarras — espadas curvas, normalmente usadas com uma só mão pelos esgrimistas. As armaduras tinham a aparência de roupas longas, de linho, costuradas em várias camadas para absorver o corte das lâminas inimigas.

Os guardas de fronteira exigiram um pagamento exorbitante pela travessia — dez denários —, que, a pedido deles mesmos, foi feito em dracmas gregas. Essa seria, entretanto, a última vez que seríamos extorquidos, pois em breve deixaríamos a estrada oficial.

Além da alameda de palmeiras, pudemos contemplar melhor a fortaleza e sua bela arquitetura. Em suas escadas, um homem coberto de roupas pesadas, provavelmente leproso, pedia comida aos transeuntes, quando um bando de crianças remelentas começou a atirar-lhe pedras. Ninguém se importou, até que um soldado ordenou que os pequenos parassem e, com a bainha de sua espada, açoitou o mendigo e o conduziu para longe do forte. Era uma figura lamentável. Com vestes longas e sujas, caminhava com dificuldade, escondendo o rosto em um capuz escuro, A túnica velha parecia manchada de sangue fresco, que, calculei, escorria de uma ferida aberta no ombro.

À tarde, antes de o sol se pôr, caminhei até o centro da aldeia para investigar qualquer pista acerca do mago Zamir. Flor do Leste me acompanhou até o meio do caminho, mas parou em uma área verde para recolher raízes de um junípero.

Parei em um local próximo à fortaleza, na saída da alameda de palmeiras, por onde, obrigatoriamente, todas as caravanas passavam. Retirando a luva e a braçadeira, ajoelhei-me para rastear o solo. Olhei as pedrinhas no chão, a poeira e a areia dura do terreno, farejando, tateando e escutando as mais delicadas vibrações. Analisei as impressões térmicas, mas havia pegadas em todo o lugar, tornando impossível uma conclusão detalhada.

Em determinado momento, pressenti que alguém se aproximava à minha esquerda, trazendo consigo um detestável aroma de suor, sangue e imundice, Estiquei o pescoço, e lá estava o mendigo que, mais cedo, pedia esmolas à entrada do forte. Conservava a cabeça baixa, oculta por um capuz sombrio, e as mãos enroladas em ataduras nojentas. Ao vê-lo pela primeira vez, supus que era leproso, mas agora já não tinha tanta certeza da natureza de sua enfermidade. Não cheirava como um doente, mas havia manchas de sangue em sua roupa. A princípio tenrei ignorá-lo, a fim de não interromper a concentração, mas o moribundo me evocou.

— Sei o que está procurando — murmurou. A voz era rouca, cansada.

— Sabe? — devolvi, incrédulo.

Ele se aproximou ainda mais.

— Procura pelo rastro do Feiticeiro do Deserto.

Como aquele mendigo sabia sobre Zamir? E mesmo que tivesse visto seu comboio, que tipo de conhecimento um pedinte teria sobre magia ou ocultismo? Surpreso, levantei-me e caminhei ao seu encontro.

— Quem é você?

— Por favor, não se aproxime. Quem sou ou quem fui não tem mais importância. Escolhi o anonimato, a mendicância, a fome. Esta é minha maldição, assim como você tem a sua. Foi o meio que encontrei para me redimir dos meus pecados. Deve respeitar minha escolha.

— Mas você é... — estava sem palavras.

— Zamir, o Feiticeiro do Deserto — continuou o pobretão —, vem vagando pelo mundo e assassinando os mestres da magia, para roubar-lhes os segredos. Foi ele quem matou Drakali-Toth, e agora, munido de suas artes místicas, dirige-se a Roma, para destruir a Feiticeira de En-Dor. É uma época negra para os magos, forasteiro, e você deve correr para salvar sua amiga.

— É isso que venho tentando fazer — retruquei, sem mais me importar com a identidade do mendicante. — Identifiquei o rastro do bruxo na manhã passada.

— Eu sei. Há seis semanas, o feiticeiro esteve neste povoado, carregado por escravos em uma liteira de ébano. Eles seguirão pela Rota da Seda e, na altura do deserto de Kavir, descerão para sul, onde pretendem encontrar as trilhas secretas babilônicas. Esse é também o seu caminho, creio.

— É a maneira mais rápida de chegar ao Egito.

— Decerto que é, decerto que é — sussurrou, quase se perdendo em lembranças proibidas. — Mas não se preocupe. Zamir viaja a pé. Se a caravana dos gregos prosseguir nesse ritmo, avançará um pouco a cada dia, reduzindo a vantagem do vingador babilónico. Se tudo ocorrer conforme seus planos, você chegará a Alexandria pouco depois do feiticeiro e aportará na Itália quase ao mesmo tempo que ele.

— Espero que esteja certo. Pelo bem de Shamira e de todos que estão na mira desse assassino — até então, eu desconhecia o fato de Zamir ser o responsável por aqueles crimes pavorosos.

— Tem mais uma coisa. Talvez o invocador faça uma mágica para ocultar a entrada para as rotas secretas. Se, quando ultrapassar as ruínas de Persépolis, tudo o que vir forem dunas, aguarde o crepúsculo e siga a estrela vespertina, sem dar atenção aos obstáculos. Sem demora será lançado à trilha correia,

Perplexo, olhei com fraternidade e compaixão para o sábio à minha frente, certo de que minha piedade, no passado, assistida pelos conselhos de Shamira, havia enfim gerado um soberano. Não um soberano comum, detentor de um império magnífico, mas um mestre da sabedoria, um profeta da verdade. O Rei Mendigo superara suas provações e finalmente se tornara tão grande quanto um dia quisera ser.

— E você, para onde vai agora? — perguntei.

Eu o ouvi sorrindo baixinho.

— Continuarei meu martírio, renegado. Continuarei a ser açoitado, apedrejado e discriminado. Mas isso não me enfraquece. Não tenho inveja dos ricos, dos generais, dos imperadores, porque já estive no lugar deles, e esse foi o pior de meus castigos,

Ao fim do discurso, o mendigo cabeceou um cumprimento, deu meia-volta e deixou o povoado, para nunca mais regressar. Errou para o sul, sem sandálias, com os pés machucados, raspando a sola contra a areia fervente. Enquanto sua figura caía no horizonte, sumindo em carona com o sol poente, escutei o trotar de Ibn-Hatar, guiado pelo siciliano.

— Não quis interrompê-lo, companheiro, mas fiquei curioso para saber o que conversava com aquele pedinte. Pelo modo como deliberavam, qualquer um diria que se conhecem há anos.

Achei a observação um tanto oportuna.

—Tudo o que sei são lendas, Tommaso. Nas terras da Suméria, quando a civilização era jovem, contava-se que havia um rei imortal que governara o maior de todos os impérios da terra. Era um reino degenerado, pútrido, odioso. O terrível monarca obrigava seus escravos a trabalhar até a morte, para erguer monumentos em seu nome. Um dia, um anjo renegado chegou à capital procurando vingança e, com sua espada mística, golpeou o soberano. O rei não morreu, mas a ferida que carregava não podia mais ser curada, e ele foi condenado ao esquecimento. Desde então, o Rei Mendigo percorre o mundo como indigente, pagando pelo mal que fez a seus súditos.

— Gostei da história — replicou o criado. — Mas esse rei... Qual era o seu nome?

— Ele renegou o seu nome. Decidiu por vontade própria abandoná-lo, e com isso deixou para trás toda a culpa que carregava.

Tommaso suspirou e voltou a olhar na direção do mendigo, mas ele havia sumido.

— Venha — convidou —, estamos começando a preparar o jantar.

Eu o acompanhei, com um pensamento a martelar o cérebro. Isso acontece frequentemente quando se vive demais — não só ouvimos lendas, mas nos tornamos parte delas.

Eu sabia o nome do rei.

Seu nome era Nimrod.

Persépolis — As Dunas Irreais

Com o fim do verão, o calor abrandou. Agora, mesmo nas horas mais quentes do dia, os cavalos se cansavam menos, e nossa viagem seguiu calma, sem imprevistos.

No início do segundo mês do outono, a estrada estreitou-se entre duas esplêndidas manifestações geográficas. Ao sul, a cadeia de montanhas Kopet desenhava o horizonte, e ao norte o terreno plano e arenoso acabava era um deserto de terra e sal — o deserto de Kavir. As montanhas Kopet são gigantescas elevações rochosas, de pedras escuras e enrugadas, que atualmente delimitam a fronteira entre o Irá e o Turcomenistão. Naquela época, os picos também traçavam as bordas do reino — povos nómades da estepe atuavam além das cordilheiras, estendendo seus territórios por todo o Cazaquistão, a Rússia e a Mongólia. A partir dali, o deserto nos aguardava. Sete meses após termos partido de Turfan, deixaríamos a Rota da Seda, rumo ao sul. A trilha secreta começava somente a oeste de Persépolis., e isso significava que ainda teríamos de vencer todo o planalto do Irã para alcançá-la. Esse, portanto, seria o período mais crítico da viagem, uma vez que não teríamos picadas a seguir. Nós nos movimentaríamos tendo como guia apenas o mapa e as estrelas, mas felizmente eu conhecia relativamente bem o caminho. Mesmo assim, as chances de nos perdermos eram consideráveis.

Não foi o que aconteceu. Com a cooperação de todos, levamos dois meses para cruzar a Partia. Evitamos bandidos, soldados, terrenos difíceis e ainda tivemos tempo para contar histórias ao pé da fogueira e nos deliciar com jantares saborosos, preparados por Flor do Leste. Nas horas vagas, continuei a dar aulas de grego à menina, que já conseguia escrever frases completas. Concentrado na guarda, desisti de rastrear Zamir e sua comitiva — o mendigo revelara-me o caminho do bruxo, e concluí que cedo ou tarde passaríamos à sua dianteira.

Minha relação com os gregos melhorou, especialmente com Pólix, que inicialmente temia que eu os levasse para uma armadilha. Em vez disso, conduzi sabiamente o comboio pelas planícies iranianas, e o rapaz passou a me respeitar como guia.

Em uma fria manhã de dezembro, no início do inverno do ano l, divisamos ao leste o triste e sombrio esqueleto da antiga capitai dos persas, Persépolis, devastada por Alexandre, o Grande, no século IV a.C. Daquele ponto em diante, somente duas horas nos separavam da entrada da via secreta babilônica.

A oeste de Persépolis, o solo era plano e seco, e a vegetação de palmeiras completava o cenário. O mapa trazido pelos gregos era muito preciso e não indicava nenhuma mudança no ambiente. Todavia, ao continuarmos rumo ao sul, deparamo-nos com um inesperado obstáculo.

— Um deserto de dunas? — estranhou Pólix, protegendo os olhos com a mão sobre a testa. — O que fazem essas colinas no meio do planalto persa?

Uma inoportuna faixa de areia fina formava uma meia-lua à nossa frente, cercando sul, leste e oeste com quilômetros de terra fofa, intransponível a qualquer veículo sobre rodas.

Tales conferiu o mapa.

— Essa formação não consta em nossos registros, e nunca ouvi nada a respeito. Não me parece simplesmente uma área de areia acumulada, trazida pelo vento, mas pela extensão eu diria que é um verdadeiro deserto, vasto e perigoso.

Não era nem uma coisa nem outra. A imensidão misteriosa não só era artificial, como guardava em si algo de místico. Os humanos podiam não notar, mas meus sentidos me revelavam que todo aquele lugar estava sob efeito de um poderoso feitiço. O barulho do vento era irreal, o cheiro da areia não existia, e a imagem projetada não passava de um simulacro aos olhos de um querubim.

— Você já caminhou por estas terras, bárbaro! — exclamou o jovem grego. — Onde estão as trilhas secretas que nos prometeu?

Voltei a atenção à caravana.

—Aparecerão no início da noite. A estrela vespertina nos indicará o caminho.

— É algum tipo de truque?

— Não, nada de truques. Eu conheço a direção, ou pelo menos sei como identificá-la.

Tales interferiu:

— O bárbaro nos guiou sabiamente até aqui, filho. Vamos confiar nele um pouco mais.

O rapaz respondeu olhando para mim:

— Eu não disse que não confiava. Só não consigo compreender a lógica dessa situação.

— Não estamos perdidos — expliquei. — A aparição das colinas de areia prova isso. Elas escondem a entrada da via secreta. Mas teremos de esperar até o crepúsculo para encontrar a passagem.

— Se teremos que esperar, então é melhor descansar e comer alguma coisa — decidiu o velho Tales, caminhando até o cargueiro.

Pólix pôs de lado as rédeas da carroça e analisou os detalhes do mapa.

— Não pode ser. Não há nenhum deserto por aqui.

Ele estava certo.

No Túnel dos Mortos

A estrela vespertina, também reconhecida como o planeta Vênus, despontou nos primeiros minutos do crepúsculo, reluzindo intensamente no leste.

— Vejam! — apontou Pólix. — Ali está a estrela prateada, a mais brilhante do céu. Mas ainda não vejo a entrada para a via secreta — era uma indireta.

— Nem a verá, Pólix — endureci, oferecendo-lhe uma tira comprida de pano. Ele segurou o objeto sem entender.

— Para que isso?

— Coloque-a sobre os olhos.

— Como espera que eu guie a caravana de olhos vendados, bárbaro?

Tales, Tommaso e Flor do Leste observavam, impassíveis, a discussão.

— Amarraremos uma carroça à outra, e os camelos ao último dos carros. Conduzirei o primeiro transporte. Quanto a você, não deve observar a passagem — olhei para os outros. — Nenhum de vocês deve.

O jovem grego cabeceou uma negativa. Estava irredutível, e de tudo faria para rechaçar um comando, a seu ver, tão absurdo. Ao lado dele, o velho já ajustava a faixa, e Tommaso fazia o mesmo na carroça dos criados. Flor do Leste, calada, organizava as ervas na mochila.

— Mas para que tudo isso, forasteiro? Para que esse mistério? Pede para que confiemos em você, mas ao mesmo tempo nos aparece com uma idéia estúpida.

— Há coisas neste mundo para as quais seus olhos não estão preparados. A razão, a sanidade e a consciência são riquezas inestimáveis de um homem. Não queira perdê-las, rapaz.

— Por quê? — interpelou, frenético. Ele não daria o braço a torcer. — O que há de tão tenebroso que *nossos olhos* não podem suportar? O que o faz diferente de nós?

Tales, com a paciência já por um fio, explodiu em uma chuva de injúrias:

— Faça o que ele manda! Basta de desobediência!

Pólix estremeceu, assustado com a súbita inflamação do pai, mas não se intimidou por completo.

— Desculpe-me, mas tudo que estou fazendo é zelar pela segurança da caravana. O senhor mesmo me disse que...

— Cale-se! Se tivesse realmente entendido o que eu disse, não estaria se comportando como uma criança. Ponha a venda e fique quieto.

O rosto do velho inchara, um indicativo óbvio de que perdera totalmente o controle. Não sei o que o levara a tanto. Talvez pensasse que as harpias estivessem além das colinas, esperando para matá-lo.

Contrariado, o jovem grego enfim se dobrou à repreensão c cobriu os olhos com o pedaço de lona. Não guardei nenhuma mágoa pelo acontecido. Em seu lugar, teria feito o mesmo. De fato, Pólix e eu éramos mais parecidos do que eu imaginara a princípio.

Para mim estava claro, desde o início, que o deserto adiante era uma ilusão fantasmagórica, lançada para confundir os passantes. A imagem fora produzida por um feitiço. O bruxo Zamir passara por ali, sem dúvida, e, como o Rei Mendigo havia suposto, pusera uma magia para ocultar a entrada da trilha. Assim, poucos se aventurariam pelo caminho, e mesmo aqueles que o fizessem não encontrariam a passagem, a não ser que tomassem a direção correta de Vésper.

A decisão de vendar os humanos era calculada. Qual seria o impacto que aquelas mentes despreparadas sofreriam ao contemplar um evento tão inacreditável? A simples visão da passagem ilusória poderia causar um dano táo profundo à razão deles que talvez fossem acometidos pela loucura. E verdade que os magos e feiticeiros, que manipulam a magia diariamente, também são humanos, porém exercitam suas habilidades gradualmente e aos poucos aprendem a aceitar a realidade do impossível. Mas para alguns, como Pólix, que estavam muito ligados ao mundo natural, uma revelação como aquela poderia inutilizar-lhes a mente e roubar-lhes a sanidade.

Quando avancei, juntamente com o comboio, por entre as colinas espectrais, a subida de terra que levava ao topo da duna simplesmente desapareceu, e entramos no coração da imagem ilusória criada por Zamir. Uma ventania fantasmagórica sacudiu as carroças, acompanhada por uma série de gritos e murmúrios esganiçados. Sombras tenebrosas surgiram à nossa volta, dançando em rodas frenéticas. Eram espíritos atormentados, que haviam sido capturados por um ritual mágico.

Alguns feitiços, como esse magnífico encantamento de ilusão, necessitam ser constantemente alimentados por infusões de energia. Para obtê-la, alguns bruxos capturam espíritos errantes, sugam suas forças e assim garantem a preservação de seus encantos. Os fantasmas aprisionados são quase sempre criaturas confusas, o que os torna alvos fáceis para os necromantes.

— O que está acontecendo? — demandou Pólix, com um berro amedrontado. O ruído das sombras era tão intenso que quase não-consegui escutá-lo.

— Sente-se, feche os olhos e tape os ouvidos — ordenei. — Não se mova até escutar o meu sinal.

— Não! Quero saber o que se passa. Eu exijo saber!

— Faça o que mando, garoto, ou então esta pode ser sua última noite de consciência.

— Não aceito isso! Não aceito isso — insurgiu-se o jovem. Quanto mais berrava, mais sua voz ia se perdendo no frenesi espectral. Em sua excitação juvenil, Pólix não se conteve e arrancou a tira de lona que protegia seus olhos.

Não sei, e nunca procurei saber, o que se passou na mente do helênico naquela hora. A visão de uma cena tão macabra levou seu cérebro a colapso e, inconscientemente, ele se atirou ao chão, tremendo. Recolheu-se à posição fetal, gemendo e chorando. O corpo também respondeu, relaxando o intestino e desprendendo fezes e urina em uma poça fedorenra.

Puxando as rédeas de Ibn-Hatar e prendendo bem os pés nos estribos, retrocedi e emparelhei o corcel aos flancos da segunda carroça, detendo-me ao adentrar o sítio onde o grego jazia. Não poderíamos ficar mais tempo ali, absolutamente. Precisávamos escapar logo daquele furacão místico, antes que Pólix se afundasse para sempre no abismo da loucura.

Com a mão esquerda segurei firme o pescoço do alazão, agachei-me e com a mão direita agarrei com toda a força o braço do rapaz, puxando-o para mim. Pressionando-lhe a nuca para baixo e dedilhando um ponto-chave sobre o pescoço, afetei uma de suas zonas vitais, acalmando assim as convulsões, A manipulação dos pontos vitais era uma técnica marcial conhecida pelos querubins, mas que também poderia ser útil à medicina. Um segundo depois, Pólix adormeceu, permitindo que eu retomasse o controle do comboio.

Os fantasmas continuaram a dançar e a silvar, mas a ventania foi aos poucos se acalmando. Estávamos agora próximos à saída — e próximos à entrada da trilha. A área afetada pelo encantamento era curta, mas o horror dos monstros espectrais alongava a percepção da jornada.

Enxerguei uma luz prateada, uma ponta de esperança no meio do caos. Era a lua que brilhava no céu, sinal de que estávamos deixando o túnel dos mortos.

De repente, a ilusão terminou. Os fantasmas sumiram, levando consigo suas rajadas de pavor. Ibn-Hatar bateu com os cascos no chão, e observei o espaço ao meu redor. Estávamos em um largo, uma área circular de trinta metros de diâmetro, de solo duro e seco, que se afunilava em uma trilha árida, quase infinita. O caminho ia para o sul até onde a vista alcançava e depois virava a oeste, na direção da Mesopotâmia.

Para conservar-se oculta em toda sua extensão, a rota secreta afundava-se a três metros do solo, de modo que os andarilhos e mercadores, ao longe, não perceberiam a passagem dos viajantes. Dos dois lados da estrada, barrancos de barro rígido, que se encolhiam para dentro em forma de muro, funcionavam como barreiras para impedir o escoamento da areia de fora para dentro da via. Tratava-se, portanto, de um tipo de vala, larga e profunda.

— Já chegamos? — alguém perguntou. Era Tommaso.

— Já podem tirar a venda — anunciei.

Saltei do cavalo e estiquei no chão o corpo inerte de Pólix, ainda adormecido. Analisei seus batimentos cardíacos, a consistência da pele e a mobilidade dos ossos. Fisicamente, ele nada sofrera.

— Ele está bem? — perguntou o pai, correndo ao encontro do filho.

— Ele ficará bem, eu acho. Sofreu um impacto emocional muito forte, uma experiência que pode marcá-lo por toda a vida.

Tales amparou a cabeça do rapaz com uma das mãos, e com a outra verificou sua temperatura. Tristonho, projetou o olhar perdido em algum ponto da face juvenil. Flor do Leste ajoelhou-se a seu lado e deitou um pano molhado na testa do jovem grego.

O velho devolveu o filho ao chão, confiando-o aos indispensáveis cuidados da menina chinesa. Levantou-se e contemplou toda a área, ao brilho noturno da lua. À esquerda, desenhava-se um recuo no barranco, e dentro dele havia uma estátua de pedra. A obra, em tamanho real, fora castigada pelo tempo, mas ainda era possível distinguir as inconfundíveis feições do rei Nimrod.

— Você é um enviado dos deuses, não é? — perguntou Tales, austero, voltando-se a mim. — Tudo isso que está acontecendo... Você é o arauto que veio anunciar minha morte.

Eu sabia que seria difícil convencê-lo do contrário, especialmente depois daquele evento fantástico.

— Não sou nada disso, Tales. Nada tenho a ver com deuses e não participo de nenhuma profecia. Mas sei, e agora você também sabe, que existem muitas verdades além da realidade mundana. Essas trilhas foram construídas há muito tempo, por homens sob as ordens de um bruxo. E é de esperar que a mesma bruxaria esteja sendo usada para ocultar sua entrada.

— Bruxaria?

— Não se impressione. A grande maioria das pessoas jamais entrará em contato com esses fenómenos. A cada dia, os seres humanos se apegam mais ao mundo material, esquecendo seus instintos. Foi por isso que os animais não se assustaram. Para eles, nada é impossível. Mas Pólix não estava preparado para o que viu. Não foi à toa que pedi que colocassem a venda.

Ele não disse nada. Tommaso escutava a conversa em um canto.

— O caminho é seguro — enfatizei —, e seu filho ficará bem. Não sou adivinho, mas arriscarei algumas previsões. Não veremos mais patrulhas, obstáculos ou ladrões. Em dois meses chegaremos sãos e salvos a Alexandria. Garanto que não teremos mais contratempos.

— Então o oráculo estava errado? Estava errado quanto à sua pessoa?

Ao vê-lo suplicar uma resposta direta, pensei em esclarecê-lo sobre a inexistência das harpias. Mas, se fizesse isso, ele saberia que eu havia escutado sua conversa com Pólix, na tenda em Turfan, e começaria a se perguntar que tipo de poderes especiais eu tinha. Portanto, decidi lançar uma resposta ambígua:

— É possível que você o tenha interpretado erroneamente. As palavras do oráculo não devem ser levadas ao pé da letra.

— É possível... — murmurou, retornando à carroça. — É possível.

Depois disso, Tales não tocou mais no assunto e não fez mais perguntas sobre fantasmas e feitiçaria. Não creio que se satisfizera com as respostas daquela noite, mas imagino que tenha, por livre vontade, escolhido a ignorância.

E quanto a Flor do Leste? Será que também havia optado pela ignorância?

A resposta ela soube por acidente naquela mesma noite. Em minha ânsia de convencer Pólix a usar a venda, esquecera-me de entregar uma delas à menina.

Quieta, ela observara tudo.

A Via Secreta

Como já haviam descansado à tarde, Tales e Tommaso aceitaram meu conselho e seguimos viagem por mais uma hora, para chegarmos o quanto antes à fonte de água adiante. Já totalmente recuperado dos ferimentos no braço, eu não necessitava mais de alimento ou descanso e continuei a encabeçar a caravana. As chances de nos perdermos, entretanto, eram praticamente nulas — a rota era única, seguia em uma só direção, e por um bom pedaço não veríamos nenhuma bifurcação.

Não precisei nem mesmo desmontar para notar no chão as marcas da passagem de Zamir e seu séquito. Não havia pegadas, porque o solo era muito duro, mas as impressões térmicas indicavam com clareza o percurso do mago, que era, em síntese, o mesmo que o nosso. Ele seguia na direção sul e depois viraria a oeste, adentrando os antigos territórios babilônicos. Se os cálculos do Rei Mendigo estivessem correios, eu não precisava mais me preocupar em correr além da conta para alcançar o feiticeiro. Mantendo o ritmo constante, acabaria por alcançar o assassino em Roma, antes que ele pusesse em prática seu plano diabólico.

Tranquilizei-me.

O frio da noite engoliu o deserto, mas o vento cortante não nos molestava, justamente porque a trilha fora construída abaixo do nível do solo. Uma idéia maravilhosa, sem dúvida, que só poderia ter sido idealizada por uma mente genial. Era triste pensar, porém, que o engenheiro daquelas rotas, Zamir, era agora meu adversário.

Quando estávamos a poucos metros do marco da fonte de água, a carroça dos gregos, que vinha atrás, parou, e Tales anunciou em voz alta:

— Bárbaro! Venha até aqui. Acho que Pólix acordou.

No interior da carroça dos proprietários, Flor do Leste oferecia um copo com água e ervas ao rapaz. O jovem já abrira os olhos, mas parecia ainda imerso em um mundo distante. Sentado, com as pernas cruzadas, encarava o chão, alheio a tudo à sua volta. Não respondia aos chamados, não aceitava nem recusava comandos, não reconhecia pessoas ou objetos. Estava completamente caduco, e comecei a questionar meu diagnóstico inicial. Tales o cutucou duas vezes, mas depois desistiu, tentando não demonstrar nenhum sentimento ao ver o filho afundado naquela maluquice,

Como não podia falar, Flor do Leste escreveu um bilhete para mim em um pedaço de lona, dizendo que não sabia bem como ajudá-lo, mas acreditava que tudo o que ele precisava era de tempo e descanso. Não tínhamos mais o que fazer em seu auxílio, a não ser obrigá-lo a comer e beber enquanto permanecesse em estado de apatia.

— E então — disse o velho —, você arriscaria um palpite?

Como não tinha muita certeza, preferi ser otimista.

— Ele despertou, e isso é um bom sinal. Sua mente deve estar lutando agora. Lutando para entender o que viu, para digerir aquilo pelo que passou. Muitos dos que sobrevivem a essas experiências costumam voltar logo à razão, porque simplesmente desistem de compreender os eventos testemunhados. Mas sabemos que Pólix não é do tipo que desiste fácil — fiz soar como um elogio, mas o pai não se impressionou.

— Esperemos que os deuses o ajudem nesta batalha.

Ele depositava sua esperança nas forças supremas.

— Toda ajuda é bem-vinda — concordei, retornando ao cavalo e retomando o comando da caravana.

Sob a luz brilhante da lua cheia, viajamos por mais dez ou quinze minutos, e então avistei uma concavidade no barranco — uma espécie de lapa, que se ampliava em uma caverna pequena. Dentro dela, uma fonte nascia do chão, desenhando um lago minúsculo, quase uma poça, onde tomamos banho — apesar do frio — e de onde recolhemos toda a água necessária até a próxima abertura. Paramos por ali, estacionamos os carros, prendemos os animais e levantamos acampamento.

A via fora abandonada após a destruição de Babel, mas conservara-se preservada desde então. Além das fontes em intervalos regulares, um tipo de erva rasteira, chamada pelos antigos de pé-da-estrada, crescia

na base do barranco. Era uma planta muito resistente, e suas folhas eram ricas em vitaminas e minerais. O gosto parecia detestável, mas suas propriedades nutritivas eram suficientes para garantir a sobrevivência de um homem por um largo período de tempo.

Quando os gregos, Flor do Leste e Tommaso se recolheram, escalei o barranco de três metros e saltei para fora da trilha, para observar o deserto de perto. As planícies de rocha, bem visíveis ao reflexo prateado da lua, lembraram-me as terras bárbaras dos Yu-chi, mas sem as altas montanhas e as colinas rochosas que tão bem caracterizavam o terreno afegão. Instintivamente, olhei para cima, e lembranças dolorosas me atacaram.

Fogo no céu. O sangue que queimava como óleo. Um clangor de metal. Espadas. Lâminas que se chocavam. Gritos de combate. Calor. Ódio. O coração que clamava por justiça. E o chão desmoronando sob nossos pés, uma força terrível que nos dragava para baixo, nos puxava para fora, ferindo-nos.

Em seguida, as estrelas. O espaço. O frio. Uma explosão nebulosa.

Caíamos, despencávamos e não conseguíamos mais voar.

Abandonados. Expulsos. Renegados.

A matéria sucedeu-se ao abismo. A terra. A areia que grudava na pele. As asas manchadas de sangue. A vergonha que se transformara em vingança.

Era a expulsão dos anjos renegados. Eram minhas lembranças, minhas últimas e mais profundas recordações da insurreição e de nossa posterior chegada ao mundo dos homens.

Acontecera ali, naquelas mesmas planícies, chamadas outrora de Terra de Nod, havia 2.500 anos. O deserto fora nosso ponto de partida. A Haled, nossa prisão.

Desconsolados e perseguidos, os anjos renegados caminharam juntos para oeste, escapando de seus algozes, até encontrar a cidade devastada de Enoque, submersa nas entranhas do mundo desde o dilúvio que a liquidara.

Rancorosos e vingativos, os espíritos de seus habitantes, que ainda vagavam pelos escombros da metrópole afundada, aceitaram-nos em seu refúgio. Reconheceram-nos como inimigos dos arcanjos e, com sua energia astral, levantaram uma cobertura mística, que ocultou as emanações de nossa aura pulsante. Naquele lugar, naquela cidade perdida, não seríamos descobertos e teríamos o tempo necessário para planejar nossa entrada na sociedade mortal. Aprendemos a ocultar nossas vibrações e decidimos não desprender mais as asas, a fim de nos confundirmos com os humanos. As inscrições, as obras de arte e os documentos antigos nos ensinaram tudo de que precisávamos saber sobre a natureza terrena. Aprendemos a ler e a falar o idioma de Enoque, que formou as bases para todas as línguas da terra.

Enoque foi nosso santuário, o primeiro e último refugio da Irmandade dos Renegados, o lugar onde aquele formidável grupo de guerreiros se reuniu pela última vez. Foi no túmulo dos homens que deixamos nossa divindade. Foi ali que abandonamos nossa glória.

Enoque, a Primeira e Ultima.

Em dois ou três dias, a caravana passaria perto da gruta que conduzia à metrópole subterrânea. A emoção e a nostalgia daqueles dias me chamavam de volta ao ponto onde tudo começara. Foram tempos difíceis, mas ao menos estávamos juntos, os dezoito anjos renegados.

Enoque, a Primeira e Ultima.

Visita à Terra de Nod

A região de Nod, cuja capital era Enoque, foi a maior das nações humanas antes do dilúvio, ao lado da memorável Atlântida. O deserto que a circundava — o mesmo em que havíamos acabado de entrar — compunha-se de um solo rochoso, escuro, formado por um tipo singular de rocha vulcânica. Esse terreno, que outrora se fazia uniforme, sofrera com a força das águas do cataclismo, acabando por se tornar uma vasta planície de estilhaços de rocha. A areia, trazida pelo vento ao longo de milhares de anos, acumulava-se em pequenas crateras, concebendo curiosas "piscinas de terra", apelidadas pelos árabes de Hin-Kaban, Caldeirão de Pedra. Os relatos dos cananeus, que se referiam a Nod como "um país distante, assombrado, de solo negro e devastado", podem ter se originado daí. Certamente, se os cananeus alguma vez se aventuraram por aquelas bandas, identificaram-nas como alvo de uma extraordinária devastação.

Logo no dia seguinte à entrada na via oculta, Pólix melhorara sensivelmente, porém continuava apático. Já comia, dormia e caminhava por iniciativa própria, mas todas as nossas tentativas de comunicação resultaram frustradas. O rapaz emudecera completamente e passava as manhas na boleia da carroça, de olhos abertos, mas inexpressivos. À noite, fitava as estrelas até adormecer.

Ao entardecer, um alto morro de rocha negra despontou no leste, e pelo ângulo lateral foi fácil divisar seu topo. Instintivamente, parei onde estava, apertando as rédeas de Ibn-Hatar. Tommaso e o primeiro carro ainda estavam distantes, e ninguém notou, a princípio, que eu travara o corcel.

Quando as águas do dilúvio baixaram, Amael, o Senhor dos Vulcões, fez surgir do solo de Nod um terrível jorro de magma, uma majestosa explosão de lava que desceu sobre as já destronadas fundações de Enoque. Os detritos da erupção soterraram os escombros, sepultando a cidade para sempre sob uma colina funesta. O acaso, contudo, foi generoso em sua arquitetura. Ainda havia oxigénio nos níveis inferiores quando os dejetos vulcânicos encerraram o buraco. Os gases das profundezas pularam para fora, abrindo caminho com velocidade e força devastadoras. Esses caminhos desenharam uma série de passagens que, uma vez solidificado o magma, formaram túneis entre as ruínas e o mundo exterior. O principal túnel para o ventre de Enoque descansa abaixo do morro negro, ao fim de uma gruta onde os renegados, há muito tempo, buscaram abrigo em uma noite de tempestade.

O morro. A gruta. O túnel. Era como se os anos não tivessem passado.

Enoque, a Primeira e Ultima.

Eu precisava voltar à cidade amaldiçoada, nem que fosse somente para ter certeza de que não precisaria ter voltado.

— Vou me ausentar do acampamento esta noite — revelei.

Tales me olhou confuso, sem saber o que dizer. A noite já tinha chegado, e Flor do Leste preparava o jantar, enquanto Tommaso alimentava a fogueira.

—Tem certeza de que isso é absolutamente necessário? — questionou o velho, fixando no chão, com um martelo grande, os pregos que esticariam a tenda. — Sabe que precisamos de você aqui.

— Não precisam. Não precisam mais — retruquei, ao mesmo tempo em que ajustava os estribos de Ibn-Hatar. — A trilha continua segura e imutável até a península do Sinai. Tudo o que há à frente são algumas bifurcações e recuos de estrada, braços que partem da via principal. Não há como se perderem.

— Por que está me dizendo isso? — perguntou, pondo o grande martelo de lado. — Há algum risco que dificulte seu retorno?

— Não creio. Na verdade, espero estar de volta antes do alvorecer — e montei no cavalo. — Mesmo assim, não há mal algum que o chefe da caravana conheça as coordenadas. Não há erro — reforcei. — Basta seguir a rota na direcão oeste. Se eu não voltar até o fim do desjejum de amanha, vocês devem prosseguir viagem.

— E se você sofrer algum atraso?

Um vento encanado ameaçou apagar a fogueira, mas Tommaso enfiou mais lenha por baixo do fogo. A temperatura esfriara bastante, obrigando os viajantes a vestir grossas mantas de lã.

— Aí eu alcançarei vocês adiante. A cavalo será fácil recuperar a dianteira. Mas não acho que haverá atraso algum.

Tales sentou-se em uma pedra e esticou as costas. Sem a ajuda de Pólíx, o trabalho braçal de montar a barraca dobrara, e Tommaso não podia dar conta de tudo sozinho.

— Está bem. Vamos esperá-lo por uma hora após o nascer do sol.

— Mantenha um turno regular de guarda, embora eu duvide que alguém venha emboscá-los. Mesmo assim, eu diria que a vigília é necessária — completei, ao me recordar das artimanhas perpetradas pelo odioso Zamir.

— Será feita.

Liberei as rédeas do corcel, entregando o animal ao trote. A trilha era ladeada por barrancos eretos, fáceis de escalar, mas intransponíveis aos carros e animais. Por isso, os babilónicos abriram, a cada cinco quilômetros, sulcos nos barrancos, por onde os animais podiam deixar a estrada oculta. A fenda mais próxima ficava a duzentos metros — subia gradualmente por dentro da terra, fazia uma curva e terminava na planície escura de Nod.

— Ibn-Hatar, está vendo aquele morro, a colina negra? — soprei, inclinando-me ao ouvido do animal, — lemos de alcançá-lo bem rápido, ou então não estaremos de volta ao raiar do dia. Corra, pule, avance. Invista. Hoje, o vento nos indicará o passado.

Enoque, a Primeira e Ultima.

Cavalgar por aquelas terras era como dar um salto de volta no tempo.

A Cidade dos Amaldiçoados

Enoque, a Primeira e Última.

A colina negra erguia-se diante de mim, silenciosa, aguardando meu assalto. Do lado de fora, eu a encarava, austero, determinado e um pouco eufórico.

Deixei Ibn-Hatar livre nas planícies. Assim, se eu não aparecesse até o nascer do dia, ele poderia voltar sozinho à caravana.

Furtivo, adentrei a Gruta dos Afogados, nome dado por nós, renegados, à caverna que se abria em forma de túnel e conduzia às fundações da terra. O grande salão natural, desenhado pela força da atividade vulcânica, era um lugar sufocante, apesar da amplitude. Um ruído constante inundava a galeria, sob a forma de um único lamento de desespero. Era o som ofegante dos condenados, o eco dos fantasmas de Enoque, que pereceram afogados durante a grande inundação e ainda tentavam, em vão, deixar as galerias submersas.

O túnel ao fim da caverna estreitava-se ao diâmetro de dois metros e descia em caracol por alguns quilômetros, penetrando fiindo no coração da terra. No princípio, a luz da lua continuava brilhando, mas, à medida que a passagem avançava, a penumbra ia sendo sobrepujada pela escuridão total — era um tipo de negritude abissal, que só existe no interior do mundo. Dali para frente eu confiaria apenas em meu tato apurado, que me permitiria perceber as manchas de calor que emanavam à minha volta.

Após uma longa descida, o túnel abria-se no glorioso Caminho da Eternidade, um corredor muito largo, ladeado por altos muros e separado em duas pistas por uma extensa fileira de colunas, chamadas Pilares da História. Nelas, milhares de caracteres contavam a história da linhagem dos reis de Enoque, começando por Caim e terminando em Lemék. A catástrofe arquitetara um teto cavernoso no corredor, irregular e oblíquo.

Além do Caminho da Eternidade estava a Porta do Sol, um portão de quinze metros, de umbral inclinado para dentro e recortado na estrutura do muro principal da cidade. Sobre ele ainda era visível o desenho de uma árvore de folhas fartas — a Árvore do Conhecimento, uma referência simbólica ao antecessor de toda a espécie humana, Adão.

O ruído ofegante dos fantasmas aumentava naquele trecho, porque era para lá que todos os espectros se dirigiam — para a saída da cidade. Todos que, como eu, podiam enxergar o plano astral veriam, além do tecido da realidade, uma nuvem espectral que se movia, tremulante, pelo Caminho da Eternidade e em seguida rumava de volta à Porta do Sol.

Através da grande porta, uma avenida larga, contornada por prédios de pedra em ruínas, fora, quando Lemék ainda vivia, o acesso ao palácio real. Pisei com cuidado sobre o chão instável de rocha, cheio de buracos abertos no calçamento. Algumas daquelas fossas eram tão profundas que chegavam ao núcleo fervente do planeta, e um homem levaria dias em queda livre antes de ser detido. Resquícios quase indistinguíveis de esqueletos humanos, reduzidos a montículos de pó grosso, figuravam em toda parte — espalhados pelo chão, aglomerados nos montes de entulhos e empilhados nos edifícios.

A caminhada pela extensa avenida era o ponto mais obscuro de minha jornada. Tudo à minha volta era composto do mesmo material, o que prejudicava a percepção dos diferentes espectros de calor. As manchas acinzentadas, uniformes a cada passo, acusavam a existência da rocha vulcânica por todos os lados. Foi então que, à metade da travessia, surgiram, no chão, pontos alaranjados. Apressei-me a investigar, mas não foi preciso tocar o líquido para descobrir que era uma trilha de sangue. Ainda frescos, os pingos seguiam rentes pela abertura, que ao fim passava da escuridão à penumbra, delatando a existência de uma fonte de luz nos corredores adiante.

Espalhei uma gota de sangue na superfície do indicador e o levei à ponta da língua. Ao paladar de qualquer fragmento de órgão, pele ou secreção, um anjo guerreiro é capaz de descobrir a identidade da

presa, contanto que já tenha memorizado seu cheiro, como fazem os cães farejadores.

Eu conhecia aquele sangue! Mas como era possível?

Minha mente estreitou-se, buscando um objetivo. A Sala dos Heróis!

O ponto final da passagem terminava em uma greta vertical, cuja fissura se abria à parede de um dos muitos corredores do palácio real.

A Sala dos Heróis era uma câmara vasta, circular, de teto ogival, fracamente iluminada por uma grande fogueira que ardia bem no meio do salão, ao centro de uma mesa redonda de pedra, trabalhada para abrigar vinte assentos — um para cada ancião das famílias antigas e mais dois para o rei e a rainha. As paredes, também de pedra, não estavam divididas em seções ou blocos, porque toda a sala fora esculpida a partir de um único e colossal fragmento de rocha. Suas paredes, por isso, eram indestrutíveis e conservaram o recinto intacto mesmo durante os horrores do dilúvio. Encostadas nas paredes, havia dez grandes estátuas de vinte metros de altura, retratando os famosos heróis que pereceram durante as Guerras Mediterrâneas, uma série de conflitos entre Enoque e Atlântida, que culminou com a vitória dessa última.

Entrei na Sala dos Heróis, e minhas pupilas se contraíram à visão das chamas. Do outro lado da mesa, sentada diante do fogo, uma sombra negra, corpulenta, apoiava-se, ferida, à superfície da távola. Tinha asas de anjo, enormes asas brancas rajadas de sangue.

Hazai — esse era o seu nome —, o grande capitão dos renegados. Um guerreiro forte, habilidoso, de pele negra e longos cabelos crespos. Segundo em comando, Hazai ajudara-me a organizar todas as fases da conjuração, que acabou com nossa expulsão dos Sete Céus. Em seus tempos áureos, fora ele que, por muitas vezes, comandara minha legião em batalha — era o único a quem eu confiaria minhas tropas. Quando os renegados decidiram se separar, Hazai errou para o Egito, ao passo que fui para a Babilônia, e Ishtar, para Ur, na Caldeia. Outros foram para o Oriente, alguns preferiram atravessar o oceano, e também houve aqueles que seguiram para as geleiras ao norte.

O sangue que eu encontrara no túnel era mesmo dele, de um anjo renegado, e foi por isso que não pude sentir sua presença ao me aproximar pelos escombros — Hazai aprendera, como eu, a ocultar as emanações de sua aura pulsante. Mas, infelizmente, isso não fora suficiente para salvá-lo. O capitão descansava à minha frente, ferido, às portas da morte, de cabeça baixa sobre a pedra, ainda segurando firme o cabo de sua espada mística. As asas dobravam-se para dentro, como que protegendo o corpo injuriado. Ele não percebera minha entrada nem sequer se movera, mas eu podia ouvir sua respiração e as batidas lentas de seu coração, por isso sabia que estava vivo.

Aproximei-me devagar, meio tristonho, meio revoltado e também um pouco surpreso. Nunca pensara que minha impulsiva visita a Enoque traria revelações tão surpreendentes. Que tipo de fatalidade nos unira de novo, capitão e general, justamente naquele lugar onde a morte e o sofrimento estavam em todo canto?

Ajoelhei-me a seu lado e deitei a mão sobre seu ombro largo. As asas marcadas se expandiram, e Hazai levantou lentamente a cabeça, desnorteado pela dor. Tinha inúmeros cortes no rosto e um dos olhos estava inchado, em virtude, certamente, de uma pancada muito forte.

— Hazai... — sussurrei com delicadeza.

Ele não tinha forças para reagir euforicamente à minha presença, então esboçou um tímido sorriso. Era o

máximo que podia fazer.

— General, você voltou. Minha missão está cumprida.

Eu não tinha noção do que ele estava falando, mas deduzi, em um primeiro momento, que delirava.

— Hazai, o que aconteceu?

— O que vem acontecendo com todos nós, meu senhor. Eles me acharam. Pensei que poderia... — ele parou e cuspiu um pouco de sangue. — Imaginei que seria capaz de viver para sempre, escondido, mas eles sabem de tudo. Conseguiram descobrir meu rastro.

— Quem? Quem foi seu caçador?

— As rapinas. Foram as rapinas, por ordem direta de Miguel.

As rapinas. Eu as conhecia bem, pois sua fama era magnífica. Principais servidoras do arcanjo Miguel para caça e assassinato, as rapinas eram duas poderosas guerreiras querubins, tão vis e cruéis quanto seu mestre. Chamavam-se Zambil e Marilli e atacavam sempre em dupla. Sua estratégia de combate era única, covarde, o que as tornava praticamente imbatíveis quando amavam juntas. Empunhavam exuberantes lanças místicas, douradas, tão temíveis quanto as usuais espadas das legiões celestiais, e não raro as arremessavam contra seus inimigos, não lhes dando chance de luta. Eu tinha certeza de que Hazai fora atingido de longe por uma daquelas lanças, pois nem mesmo as rapinas teriam coragem de enfrentá-lo de perto.

As rapinas, repeti em pensamento, como se pudesse abreviar minha vingança.

— Dizem que os anjos não sonham, general — esforçou-se o capitão. — Nós nunca dormimos. Mas ontem, quando cheguei a esta sala, arrastando-me pelo túnel, tive a impressão de ter visto algo. Não sei se foi uma alucinação ou uma profecia, então decidi que não faria mal algum acreditar nela.

Ele tossiu, uma tosse áspera, que lhe rasgava a garganta, e por um instante pensei que perderia a razão e despencaria para sempre no precipício da inconsciência. Mas Hazai tinha uma demanda a cumprir, e foi então que percebi que não morreria sem completá-la. Sem dizer palavra, esperei que continuasse.

— Eu vi um campo extenso, um campo lotado de tropas de anjos. Sonhei com o Dia do Ajuste de Contas. Muitos celestiais estavam lá, muitos que não se uniram a nós no passado, mas em cujo coração palpita o ideal da justiça. Eles terão uma segunda chance, meu senhor — ele me encarou profundamente, e vi a antiga força do capitão emergir como uma explosão. — E você os comandará. A virtude que semeamos se espalhará, e nosso séquito se transformará em uma legião. É a Legião dos Renegados, a herança que deixamos para o mundo.

Ouvi sua voz minguar, reduzir-se a um murmúrio abafado.

— Não sou um malakim, general — prosseguiu. — Não tenho poderes precógnitos. Mas gosto de pensar que talvez Yahweh tenha me concedido esta última graça, trazendo-o de volta à minha presença.

Quando Hazai fez uma pausa para respirar, achei que aquilo era tudo o que tinha a dizer, mas seu discurso mal começara.

— Como sabia onde me encontrar, Hazai? Por que insistiu em me achar depois de ter sido mortalmente ferido?

Eu ainda não compreendera direito o sentido de tudo aquilo.

— Alguns espíritos me disseram que você estava voltando do Oriente. Disseram-me que o Anjo Renegado havia deixado Roma e caminhava rumo à China. Isso já faz quase cinquenta anos. Imaginei que você tomaria este caminho e passaria perto da Terra de Nod. Sei que, para nós, é muito difícil resistir a uma visita às ruínas. Enoque é nossa casa, o único lugar do mundo onde estamos completamente seguros.

— Por isso veio para cá? Para fugir da morte?

— Não, meu líder. Minha morte é inevitável. Perdi muito sangue. Mas eu precisava encontrá-lo a qualquer custo. Já tinha planejado isso antes de ter sido atacado. No caminho, porém, viajei com pressa e fui descuidado. Foi assim que as rapinas me acharam.

Apertei-lhe a mão, certo de que seu sacrifício não fora em vão. Hazai pusera-se em risco para me reencontrar, mas por quê?

— Por quê, Hazai? Com que objetivo? Por que era tão importante para você ter comigo antes de... — *morrer*. Engoli a palavra. Não queria profetizar a partida do capitão, embora soubesse que não havia salvação para ele.

— Esta é a minha busca. É a missão que tenho carregado por tanto tempo: reencontrar meu comandante e alertá-lo sobre o inimigo.

Aguardei em silêncio até que ele retomasse a palavra. Daquele ponto em diante, ficou óbvio que alguma revelação estrondosa estava prestes a ser posta às claras. Senti o sangue quente do renegado escorrer entre meus dedos.

— Há algo que você precisa saber, meu senhor. Uma coisa que aconteceu após nossa partida de Enoque.

Isso fora cerca de três mil anos antes, calculei. A capital de Nod alcançara o esplendor entre 40.000 e 12.000 a. C., mais de dez mil anos antes da ascensão dos egípcios e dos babilónicos, ambas civilizações que floresceram após o dilúvio.

— Deixei este santuário e vagueei para o Egito, Não esperava encontrar mais nenhum anjo renegado antes do Dia do Juízo Final, mas pouco tempo depois, quando já havia me fixado no Crescente Fértil, resolvi continuar viagem e segui o curso do Nilo em direção à Núbia. Foi nesse percurso que encontrei Ishtar.

— Ishtar?

— Ela estava à sua procura, general. Voava com suas asas de anjo, cruzava os céus, desesperada para revê-lo, sem dar importância ao perigo que corria. Viajava como celestial por uma terra vigiada pelos agentes do mal.

— Sim! Captei o pedido de socorro dela através do tecido. Segui seu rastro e fui ao seu encontro na Babilônia, mas o inimigo a achou primeiro. Um anjo negro — a lembrança dolorosa voltou como uma punhalada no coração —, um anjo de asas negras. Não sei que tipo de criatura era ou para quem trabalhava. E não pude salvá-la, Hazai. Falhei no intento de protegê-la.

Eu nunca me perdoara realmente pela morte de Ishtar.

Ele esboçou um sorriso fraco, como que desaprovando meu martírio.

— Você nos deu a liberdade, meu líder, e isso é uma coisa pela qual vale a pena morrer. Somos querubins, e a morte nos acompanha onde quer que estejamos. Nossa natureza nos empurra à luta e nos impede de recuar ao combate. Fomos criados para morrer, por isso não deve chorar a morte de Ishtar

nem a minha. Ela pereceu perseguindo um propósito e, agora que o encontrei, poderei dar prosseguimento ao seu desejo.

Ele me puxou para mais perto e sussurrou ao meu ouvido:

— Ishtar não foi caçada como nós. Foi assassinada. Sua morte foi encomendada.

— Não entendo — argumentei. As palavras de Hazai me soavam desconexas.

— Pouco depois de deixar Enoque, Ishtar descobriu algo, coisa grande, uma conspiração que aparentemente envolvia o céu e o inferno. Um plano que poderia afundar o mundo no caos e ameaçar a existência do próprio Yahweh.

Como assim? — foi a primeira coisa que pensei. Ninguém nem nada neste universo teria poder para fazer frente ao Criador. Aquela era uma hipótese ridícula. Mas então me lembrei de Ishtar e de sua vontade inabalável. Ela morrera por isso; morrera por mim e pelos renegados. Morrera por algo em que acreditava. E foi por isso que resolvi acreditar também.

— Mas quem? Quem são os arquitetos dessa conspiração?

— Ela não me disse. Ishtar sabia que minha existência estaria ameaçada caso eu tomasse conhecimento dos detalhes. Ela decidiu que só contaria esse segredo a você, meu senhor. Foi por esse motivo que eles a executaram.

Ergui suavemente a cabeça, e nossos olhares se encontraram, convergindo para o mesmo pensamento, para a mesma conclusão.

— Você os ameaça, meu líder — instigou o capitão. — Não sei por que nem como, mas seja quem for que está por trás desse conluio vê em você um perigoso obstáculo. Eles assassinaram Ishtar porque receavam que ela lhe contasse sobre essa trama.

O aperto fraterno do capitão afrouxou-se, e senti que a vida o abandonava.

Foi então que algo inesperado aconteceu. Um raio dourado, solitário, irrompeu por uma minúscula rachadura no teto, e esse único feixe iluminou toda a sala. A escuridão que engolia os salões curvou-se à imponência do sol — um novo dia estava nascendo na superfície.

Nesse momento, fui testemunha de um evento do qual jamais me esqueceria. Subitamente, os gritos dos espectros, que já me acostumara a ignorar, silenciaram. Na cidade afundada, os fantasmas estavam em todas as câmaras, berrando em desespero. Mas o sol apareceu, banindo as trevas. Os espíritos emudeceram. Por um breve instante, nada fizeram, e ao olhar para eles entendi o porquê.

— Esperança — gemeu Hazai. — Eles são os condenados, general. Viram sua nação ser devastada. Viram seus filhos serem mortos, sua terra ser destruída. Sobre eles, pesa a culpa de toda a humanidade. Mas ainda lhes resta uma ténue vontade. Talvez um dia sejam libertos e possam seguir finalmente para o paraíso. Lá onde o sol brilha.

Aos poucos, o raio começou a perder força, e a sala retrocedeu à penumbra. Percebi, então, que o alvorecer era a única hora do dia em que o sol encontrava o ângulo certo sobre a colina negra e penetrava o subterrâneo.

O capitão observou os espíritos, que tentavam abraçar o jato de luz, mas ele se apagara.

— São os arcanjos — sibilou Hazai, encarando a pira que ardia no centro da mesa. — Enquanto eles governarem o céu, homens e anjos viverão atados às sombras — alertou, e reuniu forças para uma

súplica final:

— General... Quando o sétimo dia chegar ao fim, é provável que você seja o último anjo renegado. Não desista.

Aquelas foram as últimas palavras que ouvi de Hazai. Ele poderia ter sobrevivido por mais dois ou três dias, mas sua aflição seria tremenda. A energia de sua aura dispersou-se, e, no mundo espiritual, sucedeu uma majestosa explosão luminosa, que lançou faíscas e clareou a sala, para depois ser absorvida pelo tecido da realidade e se incorporar ao contínuo do universo. Antes de morrer, Hazai suspirou duas vezes, e durante esse tempo eu poderia ter replicado. Poderia ter proferido um discurso vigoroso, honrando assim seu tormento. Mas, ao vê-lo desfalecer, a oratória me abandonou. Ishtar e Hazai morreram perseguindo a mesma missão. Eles não pretendiam, como eu, retornar aos Sete Céus e destituir os arcanjos. Não queriam ser mártires ou heróis. Não se importavam de morrer, contanto que sua virtude fosse passada adiante. Confiavam em mím, talvez mais do que eu mesmo, e por isso arriscaram a vida. Eu os carregaria comigo se pudesse; levaria o corpo de ambos de volta ao paraíso, para que fossem aclamados. Mas isso era impossível. Seus valores, porém, viveriam para sempre comigo, A coragem, a honra, a verdade, a justiça. Os renegados estariam sempre lutando a meu lado, estivessem vivos ou mortos.

O Impossível Acontece

Cavalgando contra o vento, alcancei a via secreta no fim da tarde. No lusco-fusco, avistei as duas carroças estacionadas ao lado do barranco que delimitava o caminho. Tommaso terminava de montar as tendas enquanto o velho Tales alimentava uma fogueira. Em um canto mais afastado, Flor do Leste servia colheradas de uma sopa aguada a Pólix, que as engolia sem manifestar nenhuma expressão.

Ao me ver, a chinesa veio ao meu encontro, surpreendendo-me ao fechar os braços em volta da minha cintura, em um abraço fraterno. Era pequenina até mesmo para uma menina de 15 anos, e sua cabeça não chegava à aluíra de meu peito. Sorri, meio encabulado. Já tinha enfrentado anjos, demônios e espíritos, mas de repente não sabia como agir diante daquele rosto imaculado. Por fim, todos se juntaram ao calor da fogueira. Tales tinha o mapa à mão e o abriu à luz do fogo.

— A trilha contorna o golfo Pérsico, onde as águas do rio Tigre se unem ao Eufrates — expliquei. — Em dez dias teremos cruzado todo o sul da Mesopotâmía, deixando definitivamente as fronteiras do Império Parto para entrar no território dos nabateus.

— Em seguida vem o grande deserto — completou Tommaso.

— Costuma ser a parte mais tranquila da viagem. A rota segue reta, e a vala retém a umidade do lençol subterrâneo, deixando o ar menos abafado. Com sorre, conseguiremos cruzar o deserto em um mês.

Tales consultou mais uma vez o mapa.

— Há algum tipo de mágica envolvida nisso?

— Em que exatamente?

— É difícil acreditar que cobriremos essa distância em um mês. Viajo pelo mundo desde bem jovem e sei que nem um exército em marcha forçada levaria apenas rrinta dias para transpor a *Arábia. Deserta.*

É natural que, como guia, eu tivesse a resposta para essa pergunta. Mas nunca havia pensado nisso. E claro que a imagem ilusória através da qual passamos na entrada da via fora produzida por um feitiço, mas não havia evidências de que Zamir tivesse lançado um encanto sobre o caminho em si. No entanto, a pergunta do velho levantava uma questão óbvia.

— Realmente, a idéia de atravessar um deserto vasto em tão pouco tempo é estranha — e era, até mesmo para mím. — Mas não creio que haja feitiçaria por perto. As técnicas de engenharia utilizadas pelos babilônicos eram fantásticas.

Nem eu as entendo. De qualquer maneira, se houvesse um encantamento em curso, eu não saberia dizer como funciona.

— É possível que tenha alguma coisa a ver com os deuses? — insistiu o mercador.

— É provável que não — ultimei, mas logo depois já não estava tão certo do que falara.

O grego fechou o mapa e retomou o planejamento da trajetória.

— E este nosso caminho secreto termina onde?

— Perto do porto de Eilath.

Eilath era uma cidade portuária às margens do golfo de Acaba. Mercadores do mundo todo, inclusive os gregos, conheciam bem a localidade, ou pelo menos já tinham ouvido falar dela.

— Lá, teremos que trocar as carroças por camelos, porque não poderemos mais contar com o solo firme da trilha oculta. Aí nos restarão vinte dias para vencer o deserto do Sinai e chegar finalmente a Alexandria. Então, nossos rumos se separam.

Tales fez um sinal afirmativo e depois se levantou. Pegou Pólix pelo braço e os dois se recolheram à tenda. O velho parecia ligeiramente mais sisudo aquela noite. Não sou telepata, mas era fácil perceber que as insinuações do oráculo ainda o perturbavam.

O Largo de Pedra

Entre 23 e 26 de dezembro, perto do solstício de inverno, deixamos a Partia e cruzamos a fronteira rumo à Nabateia. Esse era o país dos grandes desertos, que se alongava por toda a Arábia e leste da Síria,

Ao fim do caminho, a via secreta convertia-se em um túnel, que se inclinava para dentro da terra em um ângulo suave, atravessando uma passagem larga e cavernosa. Além dela via-se um arco natural, que se abria à encosta de um morro baixo, e ao fim enxergava-se a luz do sol. Esse era o marco final da estrada babilónica, o último trecho idealizado e construído pelos homens de antigamente. Poucos quilômetros a oeste estava o golfo de Acaba e, além dele, o Sinai.

Na cidade de Eilath, Tales conseguiu vender 20% de sua mercadoria. Com o dinheiro, comprou mais oito camelos, totalizando dez. Vendemos as duas carroças e os cavalos de carga e dispusemos todas as peças restantes no lombo dos animais, já que, adiante, veículos sobre rodas só nos atrasariam.

No quinto dia do mês de fevereiro do ano 2 d.C., tomamos uma balsa e atravessamos o recôncavo, pisando enfim nas terras quentes e pedregosas do deserto do Sinai.

Por três semanas vagamos por caminhos tortuosos, até que descemos as montanhas e nos deparamos com um campo seco, de solo plano, mas pedregoso. A terra sob nossos pés era dura, e fragmentos gigantescos de rocha espalhados pela planície tornavam a trilha sinuosa, o que não chegava a ser um entrave para os camelos nem para o habilidoso Ibn-Hatar. As marcações de estrada indicavam a existência de um posto de abastecimento de água ao sul, o conhecido oásis de Feiran, que não podia estar a mais de três ou quatro quilômetros de distância. Decidimos continuar a marcha para oeste, porque a noite se aproximava, e acampar assim que encontrássemos um sítio apropriado. Sugeri que um de nós cavalgasse até o oásis antes do nascer do sol, para buscar a água de que precisávamos para completar a viagem.

Não muito depois do crepúsculo, a caravana, então reduzida a dez camelos e um corcel, chegou a um largo natural, bastante amplo, cercado por altas paredes de rocha clara. A oeste, a fissura continuava em uma passagem que desembocaria em um campo de areia fofa.

— Não poderíamos encontrar lugar melhor para acampar — disse Tales ao adentrar o largo de pedra. Seu comentário não soara otimista. Na verdade, poucas vezes seu tom era agradável.

— O lugar perfeito para uma emboscada — eu disse, mais para mim mesmo do que para os outros. Não podia negar o que meus olhos de guerreiro me indicavam. Só havia duas saídas do largo, ambas longas e delgadas.

— O que disse? — perguntou o velho. O vento fraco confundira minhas palavras.

— Nada. Aqui estaremos protegidos do frio da noite. E, se houver tempestade, estas paredes de pedra devem reter a areia atirada pelo vento.

Tommaso fez um movimento com a rédea e o camelo agachou-se, para que pudesse desmontar.

— Vou fixar as barracas naquele lugar — avisou o siciliano, apontando para um ponto onde o paredão se curvava para dentro, desenhando uma espécie de lapa.

Tales virou-se para mim.

— Se pensa em manter seu habitual turno de guarda noturno, bárbaro, recomendo atenção redobrada esta noite. Desta vez eu mesmo me arriscaria a substituí-lo. Não quero ser assaltado no trecho final de nossa jornada. Depois dessa epopeia pela qual passamos, eu ficaria muito desapontado se, logo agora, perdesse todo o meu bronze.

— Não se incomode. Não vou tirar os olhos destes morros até o amanhecer. Há alguma coisa que não me agrada neste lugar. Não sei bem o que é.

Desci do dorso de Ibn-Hatar, sempre com o olhar fixo no topo do paredão. Havia uma nuance maléfica no tecido da realidade.

— Vai cavalgar até o oásis amanhã? — perguntou Tales, sem dar importância ao meu agouro.

Comecei a afrouxar as tiras que prendiam a sela do corcel, liberando o animal do aperto no abdome.

— Sim, logo ao alvorecer. Pretendo estar de volta antes do pico do sol.

Maus Presságios

As cabanas foram armadas uma ao lado da outra, de costas para a rocha, sob a proteção da concavidade da parede sul. Quando todos dormiam, escalei o paredão e cheguei ao cume da colina. Ali fiquei por toda a noite, atento. Encontrei um bom lugar de vigília e me encolhi às sombras, apostando que nem mesmo o mais esperto dos querubins me encontraria. Até onde a vista alcançava, a região estava mergulhada em profundo silêncio. As aves noturnas não apareceram naquela noite, e as serpentes preferiram ficar em seus covis. Até o eco dos fantasmas errantes, que às vezes vagam pelos ermos, foi suprimido na escuridão.

Antes de o dia amanhecer, desci a colina e selei Ibn-Hatar. Um resto de fumaça ainda escapava da fogueira, e apaguei o resquício com um punhado de areia. Tommaso acordaria em breve para preparar os camelos, e eu deveria partir o quanto antes, para que pudesse estar de volta ao meio-dia. Apesar dos maus presságios da noite anterior, a caravana estava alojada em local seguro. Observara as imediações por horas com minha visão apurada e estava certo de que ninguém espreitava nos campos. Se algum ladrão pretendesse cavalgar naquela direção, certamente ainda estaria atrás das montanhas — e eu duvidava que qualquer um, mesmo guiando um cavalo veloz, fosse capaz de alcançar aquelas colinas antes do meu regresso.

No leste, o horizonte reluziu em carmesim, anunciando a chegada do sol. Amarrei duas crateras grandes ao lombo do cavalo, com as quais deveria recolher a água no oásis Feiran. Vesti um manto com capuz e montei no alazão. Antes de partir, porém, vi que Flor do Leste estava acordada. Em uma atitude inesperada, ela deixou a tenda, já vestida com roupas de viagem, e caminhou até mim.

— O que foi, Flor do Leste? Voltarei logo.

Ela não podia falar, mas suas feições eram claras. A pequena não queria ficar ali, não sem mim, naquele acampamento entre as pedras.

— Está tudo bem — confortei-a. — Já esteve sozinha outras vezes, você se lembra? Tommaso cuidará de você. Os gregos não lhe farão mal.

Mas meus argumentos não tiveram nenhum efeito sobre a garota. Então concluí o lógico.

— Sim, eu sei, há uma sensação ruim aqui, mas não há nada a temer. As trilhas para cá estão vazias. Não há bandidos no caminho.

Ela não cedeu às minhas palavras e ergueu uma das mãos para que eu a puxasse para a sela e a levasse comigo.

— Muito bem. Se quer vir, então suba — e a coloquei na garupa, não atrás de mim, mas na frente, onde

poderia segurá-la no caso de queda.

Ofereci-lhe um lenço grande.

— Ponha isto em volta da cabeça, em forma de véu. Deixe só os olhos descobertos. Vai protegê-la do sol. Além disso, temos de ser rápidos e discretos. Não acho que os beduínos já tenham visto algum chinês, então é melhor que não despertemos a curiosidade deles. O tempo tornou-se um fator crucial em nossa viagem.

Ela concordou com um aceno, e iniciamos nossa corrida ao posto de abastecimento de água. Enquanto cavalgava, fiquei pensando sobre o que exatamente Flor do Leste havia sentido aquela noite. Teria ela somente notado uma aura maligna a sacudir o tecido, ou teria prenunciado algo muito pior, algum acontecimento pavoroso que escapara aos meus sentidos?

De qualquer maneira, eu não tardaria a voltar.

Diferentemente do que muitos estrangeiros poderiam pensar, o oásis Feiran não era um local cercado de palmeiras, com uma fonte natural no centro. Era, e ainda é, o maior dos oásis do Sinai. Segundo os escritos hebreus, fora ao impacto do cajado de Moisés que a água surgira do rochedo, para saciar o povo sedento que, sob sua liderança, havia escapado do Egito.

Feiran assemelhava-se mais a uma pequena aldeia, e os homens que ali viviam não eram muito receptivos a viajantes de pele clara, que associavam aos arrogantes legionários romanos. Chegamos a ser abordados por supostos guardas, que mais pareciam bandidos, e senti alívio ao entender que tudo o que queriam era uma mísera taxa para que utilizássemos a fonte.

Pensando na vida dura daqueles pobres coitados, acabei pagando mais do que deveria — nada que me fizesse falta. Enchi os recipientes com bastante água e em instantes Flor do Leste e eu já estávamos voltando ao largo de pedra. Cavalgamos sob sol alto, com o vento quente no rosto, contemplando paisagens tão lindas que era difícil imaginar que poderiam ser maculadas.

Meu caminho estava livre, e eu o trilhei em paz.

Então, veio a tempestade.

As Harpias

Ventava forte na planície quando avistamos as colinas de arenito, e a greta estreita que conduzia ao largo natural entre os dois morros. O sol ia alto, e imaginei que os gregos já tivessem levantado o acampamento. Vesti o capuz, mas o calor, a areia e a ventania continuavam a castigar-me o rosto, então cobri a face com um pano grosso em forma de triângulo. Ibn-Hatar já demonstrava sinais de cansaço, tinha fome e sede, e eu não via a hora de alcançar a garganta de pedra, onde estaríamos protegidos das

vicissitudes do clima.

Quando adentramos a fenda, o vendaval parou. Lá fora, ele soprava no mesmo sentido em que cavalgávamos. Isso anulara em parte meu olfato, porque os aromas no ar são, em geral, trazidos pelo vento e dispersados por ele. Foi só então, quando já caminhava pela senda, que senti o cheiro salgado que é sinónimo de morte.

— Sangue! — sussurrei em mandarim, para que Flor do Leste entendesse o aviso.

Desmontei do cavalo e desviei o animal do caminho.

— Fuja para os campos, corra, e me espere lá — exclamei, desferindo um tapa no lombo do corcel. A menina pouco sabia cavalgar, mas o corcel, além de hábil, era inteligente e compreendeu meu comando somático. A pequena agarrou-se às rédeas, apertou as pernas contra a sela e deixou-se levar pela força do alazão.

Senti um abalo no tecido da realidade e tive certeza da presença maligna que me aguardava. Andei furtivo pela senda, encostado ao paredão, até que escutei o ruminar dos camelos. Quando a vereda se abriu no largo de rocha, tomei consciência da destruição que me precedera. À saída da garganta, quase a meu lado, jazia um cadáver humano, coberto de sangue da cabeça aos pés. O rosto, virado para cima em expressão de horror, tivera a língua e os olhos arrancados. As costas estavam rasgadas em múltiplos cortes, e o coração, perfurado por um objeto penetrante. Era Tales, o mercador grego.

Uma pavorosa orgia de sangue e carne se espalhava pelo passo. Uma figura voluptuosa, com corpo de mulher e asas de anjo, estava parada no centro do pátio natural, apoiada em uma lança de ouro. Sua pele era clara, os seios, fartos, e os cabelos, ruivos e ondulados. Vestia-se somente com leves tiras de seda, amarradas em uma túnica pequena, que lhe tapava o sexo e os mamilos. A seus pés, um segundo corpo tombava inerte, trespassado por sua arma nefasta. Era Tommaso.

Enquanto a caçadora arrancava a ponta dourada das costas de sua vítima, uma segunda mulher alada flutuava, mantendo uma posição estática trinta metros acima da parceira. Era uma disposição de vigília — enquanto uma atacava, a outra dava cobertura, atenta a qualquer ataque surpresa. A exemplo de sua comparsa, empunhava também uma lança metálica. Os olhos azuis vasculhavam tudo ao redor, e os ouvidos afiados captavam a menor das vibrações.

Aquelas eram as rapinas, duas perversas querubins, assassinas cruéis, servidoras cegas do arcanjo Miguel. Foram elas que molestaram Hazai, prolongando-lhe o sofrimento antes da morte. Mesmo incapacitado, ele conseguira escapar das lutadoras, mas certamente elas haviam seguido seu rastro, e este as levou ao Sinai. Era provável que as rapinas estivessem à procura do capitão, e não de seu líder. Pretendiam assim terminar o trabalho que começaram e levar a cabeça do renegado ao Príncipe dos Anjos.

A primeira delas, que pisoteava o cadáver de Tommaso, era Zambil, e a que a protegia do céu chamava-se Marilli. Não usavam armadura ou qualquer outra proteção que limitasse os movimentos, e isso as tornava rápidas e silenciosas. As asas assumiam uma coloração neutra, entre o bege e o caqui, para que melhor pudessem se confundir ao cenário desértico.

E mesmo elas, prontas para a emboscada, não perceberam minha chegada. Até que me revelei.

Incrédula, Zambil deixou escapar um sorriso nervoso.

— Finalmente o encontramos! Pena que tenha demorado a aparecer.

Marilli compartilhou a crueldade.

— Dizem que os renegados não gostam de ver humanos ser mortos. Poderíamos tê-los poupado, mas

essas porcarias de barro não quiseram ceder.

— De fato — replicou Zambil, apontando para mim. — Não fosse por sua postura, eu diria que é um deles. Você cheira a pelo de macaco, capitão — caçoou, com uma risada maldosa. — E então, pronto para uma nova peleja?

Capitão, Foi como eu pensara. As rapinas julgavam que eu fosse Hazai.

Não queria ludibriá-las por mais tempo. Com uma mão, arranquei o pano do rosto, e com a outra deitei fora a túnica e o capuz.

A reação delas foi imediata. Zambil manteve-se firme, mas sua expressão satisfeita encrespou-se. No ar, Marilli bateu as asas, recuando alguns metros. A manobra revolveu o vento, levantando areia no campo do passo.

— Este não é o capitão Hazai! É Ablon, o Primeiro General — resmungou, surpresa, a guerreira de olhos azuis.

— Ablon, o Anjo Renegado, você quer dizer — corrigiu Zambil, recuperando o sorriso perverso. — Nossa recompensa virá em dobro.

Insolente, a lutadora armou a lança, mas a outra, que a protegia de cima, não parecia tão confiante. Talvez tivesse ouvido histórias a meu respeito.

— Onde está sua espada, general? — perguntou a assassina ruiva.

— Eu dispenso minha arma.

Ela estranhou minha frieza.

— Nesse caso, o código dos querubins me impede de usar minha lança — era um blefe. Ela a usaria de qualquer forma.

— A não ser que eu, como seu oponente, a dispense dessa obrigação.

Ela rosnou e expandiu as asas, preparando-se para o ataque. As rapinas eram perspicazes, e eu não as derrotaria se não soubesse como enganá-las. Desde que jogara a Vingadora Sagrada no abismo, tive de aprender a lutar desarmado, mesmo contra inimigos armados. Logo, entendi que aqueles que portam armas acreditam que esses instrumentos os tornam superiores em combate. Isso os faz totalmente dependentes delas. Toda vez que alguém utiliza uma espada, uma lança ou mesmo um punhal, faz de tudo para acertar o adversário com aquela arma. E cada arma tem um número limitado de golpes. Já um guerreiro desarmado não sofre tais restrições, estando livre, assim, para usar o corpo todo para atacar. Socos, pontapés, cotoveladas, encontrões e joelhadas são apenas algumas alternativas. Além disso, as rapinas padeciam de outra fraqueza. Eu sabia que, sempre que podiam, atiravam suas lanças a distância, mas contra um oponente desarmado, como eu, Zambil, arrogante e certa da vitória, arriscaria o corpo a corpo. Se eu pudesse trazê-la para dentro de meu raio de ação, talvez conseguisse vencê-la.

A ruiva levantou a lança dourada.

— Saiba, renegado, que foi com esta arma que perfurei seu oficial mais graduado,

— Em instantes desejará nunca tê-la usado — retruquei, aguardando a investida.

A mulher-anjo inclinou as asas para trás e precipítou-se ao meu encontro, com os olhos vermelhos de fúria. Imersa na fervura do combate, não suspeitou de minha estratégia, até que sua comparsa, Marilli,

esbravejou:

— Espere, Zambil, não se aproxime dele!

Mas era tarde demais para a audaciosa querubim. Ela já estava ao meu alcance quando desferiu o golpe. Conforme eu suspeitava, ela tentou um ataque frontal, perfurante, reto. Conhecendo o assalto, não foi difícil sair da linha de perigo, desviando para o lado e ao mesmo tempo me movendo para dentro da área de combate. Do céu, a segunda rapina entendeu o objetivo da manobra e brandiu a lança para arremessar, mas Zambil e eu estávamos já quase engalfinhados, e um arrojo daqueles poderia atingir sua parceira. Indecisa, ela esperou, acompanhando, nervosa, o duelo.

As lanças são quase imbatíveis à primeira investida da batalha, mas depois, quando o adversário chega mais perto, elas praticamente perdem a utilidade, porque são objetos grandes, e seus movimentos são longos, demorados e demandam espaço. Aproveitando um vacilo da lutadora, agarrei a haste abaixo da lâmina e puxei-a para mim. Para não ter que disputar força com Zambil, rodei o cabo da arma para fora, descrevendo um arco horizontal e quebrando assim sua dura pegada. O artefato escapou instantaneamente das mãos da celestial, como óleo a deslizar na pele. Por uma fração de segundo, ela não soube que ação tomar, tão condicionada estava a manobrar o instrumento fatal. Ao ver a assassina vulnerável, deí um passo para trás e prossegui o movimento em um arco contínuo. Girei a lança sobre a cabeça, e a ponta afiada cortou o ar, chiou e desceu em direção ao seu pescoço. Para evitar a inesperada ofensiva, ela recuou, mas a precisão do ataque foi suficiente para atingi-la na garganta, rasgando-lhe a pele e degolando-a de ponta a ponta.

O sangue da rapina esguichou em minha roupa. Em uma ação quase involuntária, preventiva, soltei a arma mística e, com a mão nua, perfurei-lhe o peito. Os dedos rijos atravessaram a carne e fecharam-se em volta do coração. Com uma puxada enérgica, revolvi o músculo cardíaco, atirando o órgão ensanguentado para longe. Os olhos murcharam, e o gemido calou-se, Zambil estava morta.

Mas Marilli seguia com vida.

Assustada, a celestial manejou a lança de ouro, mirando meu coração. Restava-me, portanto, tomar a arma da finada e arremessá-la antes que a guardiã fizesse o mesmo. A velocidade, compreendi, seria o fator crítico nessa disputa. Marilli tinha a vantagem de já estar preparada, mas o avatar inútil de Zambil ainda não tombara, e seu corpo me serviu de cobertura. Enquanto a assassina procurava o melhor ângulo para atirar, peguei a lança do chão e a arremessei.

A arma chispou contra o vento, soltando faíscas em seu trajeto. O espeto atingiu em cheio a celeste, em um impacto que a matou de imediato. As asas se recolheram, e o corpo despencou do céu, rolou pela encosta íngreme da colina e deslizou para dentro da garganta, indo chocar-se contra o solo da greta.

As rapinas, as mais severas assassinas de Miguel, estavam vencidas.

Com as guerreiras derrotadas, relaxei a guarda e recuei dois passos, assimilando a brutalidade da carnificina que ali ocorrera. Fui tomado por uma fadiga dispensável, íncomum, e tive que respirar fundo antes de avançar. Não era, contudo, o cansaço que me abalava.

Voltei à entrada do largo e lamentei a morte horrível de Tales. Depois, caminhei até o centro do passo e ajoelhei-me diante do corpo sem vida de Tommaso. Seu tórax fora destruído, mas ao menos não sofrera como o velho grego.

Mortos. Estavam todos mortos. Inocentes, infelizes, lançados em uma guerra que nada tinha a ver com

seus interesses mundanos. Vítimas da mais terrível maldição imposta aos renegados — a solidão. Era assim que devia ser, para todos os exilados. Tudo e todos à nossa volta sucumbiriam um dia, até que fosse anunciada nossa própria destruição. Era esta minha fortuna: suportar o extermínio de meus amigos e nada poder fazer diante disso.

Mas nem toda vida fora apagada.

— Tive medo de ajudá-los — sibilou uma voz, que se achegava ao meu lado.

À minha esquerda, um rapaz forte, alto e de rosto calmo fitava o cadáver

do criado. Vestia-se com uma túnica branca, cortada em detalhes vermelhos, e pela postura altiva era fácil identificar sua origem. No semblante, a imagem da razão; nos olhos, o brilho da sobriedade. Era Pólix.

— Eu me escondi — continuou o rapaz — em uma concavidade na rocha. As harpias chegaram com o vento, apareceram no meio de nós, e então entendi a natureza dos dois mundos. Elas não existiam, não é? Mas isso não quer dizer que não viessem a existir.

Perplexo, digeri a súbita recuperação de Pólix. Não esperava que, tão bruscamente, ele recobrasse a lucidez. Infelizmente, porém, não havia outra maneira de voltar à razão a não ser testemunhando outro evento místico. A visão dos fantasmas na entrada da trilha secreta confundira sua mente. Fora uma situação tão fantástica que o levara às fronteiras mais profundas da loucura, enquanto ele tentava encontrar a única resposta ao enigma que o massacrava: o que realmente acontecera aquela noite? A busca pela iluminação o deixara catatônico, mas, ao presenciar a materialização das rapinas, o rapaz enfim compreendeu que não existia apenas uma realidade, mas várias. Foi justamente isso que ele quis me dizer aquela tarde. Durante toda sua vida ele não acreditara na existência das harpias — que acabaram por revelar-se na figura das rapinas — porque isso não fazia parte de sua realidade palpável. E, nesse contexto, elas realmente não existiam. Mas o fato de que, para ele, elas não existiam não queria dizer que não pudessem vir a existir. Acreditar no impossível é a chave para entender os segredos do universo.

O som de cascos nos trouxe à realidade. Através da senda, vimos a silhueta avermelhada de Ibn-Hatar e de Flor do Leste. Eu tinha ordenado que fugisse para os campos, mas, ao escutar o silêncio que se seguiu à escaramuça, a menina decidira voltar ao acampamento. Olhou com pesar para os corpos estendidos, mas não se desesperou. Já devia ter assistido a atrocidades semelhantes na China, um país onde os opositores do imperador eram condenados às execuções mais atrozes.

— E agora? — perguntei a Pólix. — O que pretende fazer?

— Era desejo de meu pai que eu continuasse a sua empresa. A caravana está intacta. Vamos continuar pelo deserto até Alexandria e então nos separamos. Você vai para Roma, e eu para Antióquia. De lá tomarei um navio para Atenas.

Eu... — uma dor inesperada silenciou minhas palavras, e a frase distorceu-se em um gemido gutural. Senti que meu corpo se contorcia, e então uma forte pontada no estômago me atirou ao chão. A pele latejou, como o ataque impiedoso de uma febre terçã.

Pólix afastou-se. Flor do Leste saltou do cavalo e correu em meu socorro.

O que aconteceu? — perguntou o rapaz. — Você parece doente.

A aflição contraiu meus músculos, tornando a fala impossível. Com suas nãos delicadas, a menina pressionou meu abdome e, devagar, empurrou minha cabeça para baixo.

— Mas você não foi sequer ferido. Está incólume... — protestou o helênico.

Tossindo sem parar, senti que um líquido viscoso me subia pela garganta,

queimando tudo por dentro. Engasguei com o refluxo, e depois o fluido letal chegou à minha boca. Uma gosma esverdeada espirrou por entre os dentes, desenhando uma mancha indigesta na terra.

— É veneno — compreendeu Pólix.

Sim, era um veneno mortal, que havia muito adormecera em minha carne. Era a peçonha assassina de Mai Yun, o Escorpião de Jade. Eu pensava que todas as cicatrizes daquela batalha infernal tivessem sarado, mas estava errado. O legado diabólico da mulher-aracnídeo ainda clamava por minha morte.

A habilidade curativa de Flor do Leste e suas maravilhosas técnicas medicinais haviam recuperado a necrose em meu braço, impedindo que o tecido apodrecesse, mas o veneno não fora expelido. Não fosse meu período de hibernação no leito do rio, a toxina já teria me matado, mas a atividade de meu corpo reduzira-se a quase zero enquanto dormia, e aparentemente isso manteve a peçonha estagnada. Ao lutar com as rapinas, porém, o sangue voltou a aquecer, despertando os efeitos mortíferos da substância.

Agora era só uma questão de tempo até que o veneno chegasse ao coração. Não sabia quanto de vida ainda me restava, mas não estava disposto a tombar antes de avisar Shamira sobre o perigo que corria. Saudável ou moribundo, continuaria minha missão. Navegaria até Roma e afastaria a Feiticeira de En-Dor da vingança do impiedoso bruxo Zamir.

E depois morreria.

O Veneno Avança

Atacado pela força renovada do veneno, minha energia celestial feneceu. O poder espiritual da aura, que é a sublime ligação dos anjos com a potência divina, começava a esmorecer em meu avatar, consumindo lentamente a vitalidade de meu corpo. A toxina me pusera doente, atacando impiedosamente os músculos e nervos e dificultando meus movimentos. Os sentidos aguçados apagaram-se, e minha aparente invulnerabilidade às fraquezas humanas reduziu-se aos níveis comuns a qualquer mortal.

Julguei, contudo, que a sorte estava a meu lado, pois a surpreendente recuperação de Pólix me permitiria completar a viagem e chegar a Roma em relativa segurança — pelo menos eu assim esperava.

Lentamente, os dias converteram-se em semanas, até que toda a noção de tempo foi eclipsada de minha mente. Experimentei um pouco da breve existência humana, tão efémera, e por isso tão intensa. Preso ao lombo do corcel, tudo o que me restava era fitar o horizonte, o deserto, as montanhas, sem poder alcançá-los.

No início da primavera, a caravana deixou o Sinai, contornou por terra o golfo de Suez e chegou a uma estrada imperial, que cortava o rio Nilo e seguia para Ménfis e Alexandria. Aquele era o período em que começavam as secas, a época em que os agricultores colhiam os víveres plantados em janeiro, após o recuo das águas da inundação. Pouco pude ver as maravilhas da travessia, e não cheguei a divisar os portões de Mênfis. Alguns quilômetros ao norte da cidade, a estrada se bifurcava, e tomamos o caminho que conduzia à capital.

Foi em uma noite de lua nova, quando apenas as estrelas decoravam a negritude do céu, que um brilho reluziu a noroeste. Tentei erguer o corpo, desabado sobre o corcel, mas, ainda aturdido ao despertar, tudo o que consegui foi levantar minimamente a cabeça e fitar o ponto luminoso que sinalizava ao longe.

— São as luzes da ilha de Faros — avisou Pólix, emparelhando ao meu lado sobre a corcova do camelo. — Em uma noite escura, é possível enxergá-las no mar a quilômetros de distância.

— O Farol de Alexandria! — exclamei, arriscando um sorriso. — Já não era sem tempo.

O Farol de Alexandria

Ao nascer do dia, o terreno sob a estrada declinou suavemente, descendo em direção à cidade ao nível do mar. O aroma salgado do porto me despertou e recobrei os sentidos, confiando na força que poupara por toda a jornada.

A cidade de Alexandria fora construída em uma faixa estreita de terra, comprimida entre o mar Mediterrâneo, ao norte, e o esplendoroso lago Mareotis, ao sul. A capital outrora fora o lar de uma pacata vila de pescadores, até que, em um dia de verão do ano 332 a.C., Alexandre, o Grande, que acabara de conquistar o Egito, viajava com sua comitiva ao oásis Siwa, na Líbia, quando avistou uma aldeia e a deslumbrante ilha rochosa que protegia o ancoradouro. Maravilhado com a beleza e o potencial daquele recanto bucólico, decidiu que ali fundaria sua capital regional, uma localidade que mais tarde seria batizada em sua homenagem — Alexandria. A metrópole se tornaria parte fundamental da rota marítima que ligava a Grécia ao Egito, servindo também como ponto de saída para a via navegável que percorria o Nilo, atravessava o mar Vermelho e desembocava no oceano Indico.

Embora fosse macedônio, Alexandre era apaixonado pela cultura grega, considerando-se um helênico. Todos os seus palácios obedeciam em detalhes ao modelo arquitetônico grego, com fachadas triangulares, altas colunas que sustenta-n o teto e longas escadarias de mármore que conduziam à entrada principal. Alexandria não era diferente. Portanto, em vários aspectos, a cidade se parecia muito com Atenas, mas a dinastia dos Ptolomeus, que passou a governar o Egito alguns anos depois da morte de Alexandre, reformou parte da metrópole e deu a ela uma aparência mais faraônica. Ptolomeu II, que reinou por volta de 280 a.C., espalhou obeliscos egípcios peia capital, ergueu colunas decoradas com antigos hieróglifos e erigiu inúmeros monumentos imortais, como o palácio real, o Templo de Serapis e o famoso Farol de Alexandria. Para fazer frente a Atenas no domínio intelectual, a dinastia construiu o Mouseion, a grandiosa biblioteca que abrigava, em seu tempo, mais de quinhentos mil volumes, entre eles os manuscritos de Aristóteles, os comentários de Platão e incontáveis textos proféticos judaicos.

Com a claridade machucando-me os olhos, avistei a enseada, abraçada e defendida por uma muralha que se precipitava mar adentro, protegendo os navios atracados. Uma faixa artificial de terra, com base de cascalho e superfície de pedra, ligava o continente à ilha de Faros, onde fora edificada uma das sete maravilhas de antigamente. O Farol de Alexandria era uma torre larga, de 150 metros de altura, toda construída de pedra calcária e encimada por uma magnífica estátua de bronze representando o deus Poseidon, com seu inseparável tridente. Mas o atrativo mais impressionante do edifício estava no último de seus seis andares, onde uma miríade de espelhos fitava o horizonte como uma luneta, refletindo o mar e detectando a aproximação de navios invisíveis a olho nu. À noite, esses mesmos espelhos giratórios multiplicavam a luz do fogo que ardia no andar de baixo, emitindo um majestoso clarão que guiava os barcos no escuro.

— Veja, há fumaça no farol — indicou Pólix, enquanto dois legionários romanos, com armaduras segmentadas e gládios polidos, passavam ao nosso lado sem dar atenção à conversa.

— Os escravos devem ter acabado de despejar no mar o resto de óleo que queimou durante a noite, alimentando a luz que vimos ontem na estrada — comentei.

O jovem grego olhou-me surpreso, mas não incrédulo.

— Eu já reconhecera sua sabedoria nas áreas selvagens, mas não sabia que também era letrado nos mistérios do mundo civilizado.

—Ainda conhece pouco sobre mim, Pólix. E pena que esta seja a última etapa da nossa viagem. Receio que não nos vejamos de novo.

— Pelo jeito já conhece a cidade.

— Estive aqui há quarenta anos, antes que os romanos tomassem a capital — respondi, apontando com o indicador três galeras romanas atracadas ao ancoradouro real.

O helênico já não se assustava quando eu contava histórias ancestrais, a despeito de minha aparência humana.

— Já sabe como chegar a Roma?

— Tenho uma idéia.

— Eu também — precipitou-se o rapaz. — Acho que posso vender boa parte de minha mercadoria de bronze aqui, antes de seguir para Antióquia. Além disso, quero me livrar dos camelos e trocá-los por uma carroça grande, afinal há boas estradas por toda a costa do mar Interior. Com o dinheiro posso comprar sua passagem em um barco decente, e aí nos separamos.

— Sua gentileza é admirável, mas não há tempo. Minha missão é urgente. Pensei em uma maneira rápida e barata de tomar um navio.

— Não consigo imaginar outra opção. Para mim, a alternativa era óbvia.

— Quando vocês me tiraram do rio, ouvi seu pai dizer que conhecia um mercador de escravos em Alexandria, um homem que tinha clientes fixos entre os romanos.

O jovem vasculhou a memória, avivando suas lembranças mais remotas, até que o nome que procurava apareceu em sua mente.

— Alexius! Sim, eu me lembro vagamente dele. Meu pai costumava beber com esses tipos em uma taverna no Brucheium.

O Brucheium era um dos distritos mais belos e movimentados de Alexandria. Ficava na ala leste da cidade, encostado às muralhas e recortado por um canal, aberto para ligar o lago Mariotis ao porto marítimo.

— Mas como acha que esse traficante pode nos ser útil?

— Ele vai me prestar o serviço essencial. Você me venderá a ele como escravo.

— Como *escravo?* — estranhou Pólix, sem entender minha intenção. Flor do Leste arregalou os olhos.

— Infelizmente, é a maneira mais rápida de eu chegar a Roma, direto e sem escalas. Um navio comercial a vela pode vencer o mar Interior em vinte dias. E essa rapidez que procuro.

Ele se recuperou depressa do susto, ao compreender a lógica do meu plano.

— Você deve estar mesmo com muita pressa, mas o que lhe garante que vai estar seguro? Em seu estado, qualquer esforço poderá levá-lo à morte.

— Eu sei, é arriscado. Mas os traficantes romanos costumam tratar bem seus escravos, para que estejam em forma ao ser vendidos. Duvido que me recusem comida e descanso, pelos menos até chegarmos a Ostia.

O rapaz fez silêncio por um longo minuto, observando a cidade mais abaixo e a movimentação dos barcos que chegavam ao ancoradouro. À minha direita, vi que os olhos da menina chinesa se enchiam de lágrimas, lembrando minúsculas pérolas reveladas em uma concha.

— Então é esse seu plano? — perguntou Pólix pela última vez.

— É o único que consegui conceber.

Ele desceu do camelo.

— Está bem. Vou levá-lo a Alexius, então. Acho que sei onde posso encontrá-lo. Ademais, acabei de me lembrar de uma coisa.

— Do quê?

— Meu pai certa vez pagou suborno aos legionários, que não queriam deixar esse Alexius entrar na cidade. Não sei qual era o impedimento e não tenho noção de quanto ele deu aos soldados, mas isso nos dá uma vantagem. Aquele homem me deve um favor!

Brucheium

Ao trote altivo de Ibn-Hatar, segui a caravana, que continuou estrada abaixo, contornando o lago Mareotis e se aproximando das muralhas da cidade. Aos poucos, Alexandria acordava, e a temperatura esquentava nas cercanias externas.

O comboio, com Pólix à dianteira, atravessou o Portão do Sol, uma passagem larga e bem guardada, aberta na muralha norte. Essa era a principal porta de acesso para os viajantes que ali chegavam por terra.

Passamos perto de um teatro romano, semelhante a um anfiteatro grego, recentemente construído, e continuamos pela avenida até o centro da cidade, onde a Via Canopica encontrava sua mais famosa transversal, a Via Soma. Na praça entre as ruas, um batalhão de comerciantes negociava seus produtos ao ar livre. Muitos eram judeus, mas havia também nabateus e fenícios na feira popular. Os animadores aproveitavam a multidão, e vi, em uma esquina distante, um grupo de atores, provavelmente gregos, que improvisavam uma tragédia vestindo máscaras de linho enrijecido.

Pólix, que caminhava à frente da caravana, veio andando até o corcel.

— Você está bem?

— Não posso dizer que sim. Nossa conversa na entrada da cidade me deixou esgotado. Qualquer esforço enfraquece meus músculos, até mesmo um breve diálogo.

— Você tem piorado — o helênico buscou um cantil e um pedaço de pão na sacola de alimentos e os ofertou a mim. — Beba um pouco e coma este pão. Também estou cansado, mas precisamos procurar Alexius, já que sua missão não pode esperar. Os navios escravistas partem todos os dias para Roma, e o traficante pode estar de saída.

Demos a volta em uma esquina superlotada, onde um cão vira-lata comia restos de peixe na calçada. Continuamos por uma rua mais calma, até que chegamos a um novo distrito. Minha cabeça girou sob o sol, e a mente ameaçou apagar. Algum tempo se passou, até que voltei a mim.

— Onde estamos? — indaguei, zonzo.

— No Brucheium, perto do palácio — respondeu Pólix. Ele amarrou as rédeas dos camelos a um descanso de madeira, que mais parecia uma cerca rústica, onde outros cavalos bebiam água de uma tina. — Fique aqui. Vou tentar falar com Alexius, Se estiver em Alexandria, este é o lugar certo para encontrá-lo.

Reparei, então, que estávamos à frente de um edifício baixo, mas largo, que ocupava quase todo o quarteirão. Estátuas de bronze decoravam a fachada, recortada em todo o seu comprimento por arcos de pedra em sequência. Era uma construção romana, pois não existia antes da invasão. Homens tagarelando em latim entravam e saíam do prédio, desciam e subiam as escadas, e concluí que aquele era um banho público, um espaço de diversão muito popular entre os estrangeiros, onde eles se lavavam com óleo, conversavam e praticavam esportes.

— Se eu demorar, é porque encontrei o mercador. A caravana estará a salvo aqui. Esta é uma das áreas mais seguras da cidade — garantiu o rapaz.

Sem aguardar uma réplica, Pólix deu meia-volta e galgou a escadaria, transpondo um arco que levava aos jardins interiores, e depois às piscinas aquecidas. Nauseado, desmontei do corcel e me arrastei até os degraus de mármore, procurando me sentar. Flor do Leste se agachou ao meu lado. A presença da pequena e o apreço que sentia por mim me ajudavam a suportar as terríveis dores.

— Afinal, o que seria de mim sem você, Flor do Leste? — murmurei, abençoando sua cordialidade.

A menina me encarou com aqueles olhos miúdos e sorriu.

alexius • flor do leste faz sua escolha

Duas longas horas se passaram, e o sol ascendeu no céu. Flor do Leste cutucou minhas costas, indicando que Pólix retornava pela escada. Estava acompanhado por um homem de meia-idade, gordo, calvo e sem barba, que vestia uma toga púrpura e comprida, feita de linho, imitando a roupa dos senadores de Roma.

Os olhos esbugalhados e a boca exageradamente larga lembravam o rosto de um sapo, e a pele rosada sugeria a ascendência europeia. Os dedos redondos estavam preenchidos por anéis, do polegar ao mínimo; no braço, exibia um bracelete dourado. Ambos, Pólix e o estrangeiro, exalavam um aroma de oliva, e concluí que o helênico tinha também se lavado nos banhos, provavelmente para simular um encontro casual.

Ao reconhecer meu comprador, levantei-me, mas meu estado precário era visível.

— Este é o bárbaro de que lhe falei, Alexius — disse Pólix. — Como vê, ele está um pouco enfraquecido, mas vai se recuperar rápido. Já me foi muito útil ao longo de minha viagem.

O mercador, um tipo cínico e devasso, olhou-me bem de perto, apertou-me os músculos do braço e examinou meus dentes. Não esboçou nenhum interesse, ou pelo menos não o demonstrou, mas notei que, malicioso, lançava um olhar sedento à menina.

— Enfraquecido? — zombou Alexius. Sua fala era morosa, como o som dos anfíbios a coaxar nos pântanos. — Ele mais parece um defunto!

— Está doente. É febre da Núbia. Em dez dias estará como novo.

A febre da Núbia era uma enfermidade benigna, hoje extinta, causada por um protozoário e transmitida pelos mosquitos. Afligia a vítima por três semanas e depois, subitamente, desaparecia. Não era letal, e o repouso era o único tratamento conhecido.

— Compreendo, compreendo — replicou, sarcástico. — E como encontrou um bárbaro germânico no meio do deserto? Ele é germânico, não é?

— Foi o que ele me disse — explicou Pólix, evasivo, e depois respondeu à primeira pergunta. — Comprei este escravo de um sacerdote em Mentis — inventou. — O clérigo me garantiu que era letrado em latim, grego e aramaico. No princípio nem eu acreditei, mas depois veio a provar suas capacidades.

O romano explodiu em uma gargalhada.

— Um bárbaro poliglota? Mas isso é um ultraje! O jovem não gostou da brincadeira.

— Você pode comprovar isso pessoalmente, Alexius. O escravo está fraco, mas ainda pode falar.

O traficante suprimiu lentamente a risada,

— Muito bem, muito bem — rouquejou, tomando as palavras do helênico a sério. — Vamos ver se este traste serve mesmo para alguma coisa — exclamou, voltando-se à minha presença. — De onde você é, forasteiro? — falou em aramaico.

— Isso não é de sua conta, seu porco romano — devolvi no mesmo idioma, simulando uma reação agressiva. O gordo voltou a rir.

— Muito bom, Pólix, muito bom! Gostei bastante deste seu amigo. E quanto supõe que eu deva pagar por ele?

Pólix coçou o queixo, como se estivesse calculando um preço justo, mas eu sabia que ele já tinha planejado tudo.

— Eu pediria cinquenta denários,

— Cinquenta denários! — praguejou o mercador. — Cinquenta moedas de prata romanas? Você é

doido, meu jovem. Ele não vale nem dez!

— Mas é claro que vale — contestou o grego. — Mesmo que não tivesse as pernas, ainda teria serventia como intérprete.

— Mas, por Júpiter, por que eu precisaria de um intérprete? Recebi um bom lote de escravos da Numídia ontem, e meu carregamento está fechado. Vamos fazer o seguinte: eu compro o bárbaro por cem denários. Seu pai e eu éramos amigos, e não vou deixá-lo na mão.

Pólix franziu o cenho, parecendo não acreditar em sua sorte.

— Mas você acabou de dizer que ele não vale nem dez — resmungou, confuso. O traficante sorriu. Tinha levado o vendedor ao ponto que queria.

— Eu pago o dobro pelo selvagem, mas quero levar a menina também — afirmou, apontando um dedo inchado para Flor do Leste.

— Ela não está à venda — rosnei, em latim, e dessa vez minha fúria era real. O mercador me ignorou, esperando a resposta de Pólix.

Por um instante, o helênico ficou estático, sem saber o que dizer. Olhou para mim, como que suplicando uma salvação. Foi aí que a pequena se agarrou ao meu braço, como que avisando que não queria me deixar. O rapaz simplesmente não sabia o que fazer.

— E então, garoto, o que me diz? Negócio fechado? — exigiu o romano, triunfante.

— Não sei — vacilou. — Ainda não sei se quero me desfazer dela.

Uma liteira vazia, de cedro e marfim, carregada por quatro escravos morenos, vinha cruzando a esquina.

— Pense nisso, menino. Pense bem. Meu navio partirá amanhã de manhã. Encontre-me na área leste das docas se resolver fechar negócio.

A liteira parou em frente ao gordo, e compreendi que aquela era sua condução particular.

— E não se esqueça, faço isso em memória de seu pai — sorriu, dissimulado.

Os escravos agacharam-se, e o traficante meteu-se com dificuldade no aconchego. Levou um tempo se revirando, até acomodar o corpo pesado entre as dobras de um coxim. Depois, gritou uma ordem em latim, e os carregadores avançaram pela rua. Pólix, Flor do Leste e eu ficamos a observá-lo, até que seu séquito fosse engolido pela multidão.

— Aquele descarado me enganou direitinho — reclamou o rapaz, — Dez denários foi o que eu paguei só por este banho.

— É o trabalho dele — ponderei, já conformado. — Infelizmente vou ter que pensar em outro jeito de completar a viagem.

Pólix percebeu uma coisa que eu não havia notado.

— Você sabe que ela não vai querer deixá-lo, não é? — sua expressão era dúbia, um misto de tristeza e alívio. Temia pelo destino da menina, mas consolava-sc ao lembrar que eu poderia, assim, cumprir minha missão.

Flor do Leste agarrou-se ainda mais forte ao meu braço, reforçando as palavras do grego. Comovido, ajoelhei-me e enfrentei seu rosto exótico.

— Não, Flor do Leste. Um navio escravo não é lugar para mulheres. Muito menos para meninas. Você vai para a Grécia com Pólix.

Ela aparentemente não se curvou à minha censura, recusando-se a soltar meu corpo. O jovem grego não queria, mas sentiu-se na obrigação de esclarecer a verdade,

— Sem ela você não vai sobreviver ao percurso pelo mar — alertou, e se afastou em silêncio.

Sabedoria e Inteligência

Era início de tarde e ainda nos restava um dia inteiro em Alexandria. Todos estavam cansados e com fome, e procuramos uma boa estalagem para passar a noite. Pólix, que conhecia bem a cidade, foi ao comércio. Pretendia trocar os camelos por uma carroça grande, de preferência puxada por quatro cavalos fortes. Com esse novo transporte, o jovem grego planejava percorrer as estradas costeiras, atravessando o Egito, a Palestina e a Síria, para então alcançar a Antióquia.

Assistido por Flor do Leste, não demorei a cair no sono. Durante o torpor, fui acometido por pesadelos terríveis, que envolviam Zamir, Shamira, a Criança Sagrada e a minha missão. Os sonhos persistiram por todo o período de sonolência, até que Pólix me despertou do delírio.

—Acorde — a voz continuava essencialmente a mesma, mas o timbre mudara desde que ele emergira da catatonia.

Abri os olhos e vi que a luz do sol entrava pela janela do quarto, aquecendo o aposento quadrado. Pela posição e pela intensidade do raio, deduzi que ainda era de manhã.

— Ainda é dia?

— É dia de novo. Você dormiu quase vinte horas.

— Perdi completamente a noção do tempo.

— Agora precisa se levantar. O navio de Alexius partirá em uma hora.

O porto de Alexandria era a real essência da cidade. Tratava-se, de fato, de um dos mais movimentados do mundo, e era impossível não perder o fôlego ao ver os grandes navios atracados no ancoradouro. Muitos deles eram naus romanas de comércio, largas e fundas, movidas avela. Mas havia também as galeras, com longas fileiras de remos, acionadas pek força de escravos. As embarcações maiores e mais pesadas estavam estacionadas ao longe, ao fim de compridos fundeadouros de madeira ou pedra.

Pólix me disse que conseguira a carroça, mas ainda não havia negociado a contratação dos empregados. Por isso, ficaria mais três dias em Alexandria, depois da nossa partida. Em meio à confusão da rua, o jovem grego parou, e o inteligente alazão suprimiu o trote.

— Aquele é o navio de Alexius — o rapaz indicou um imenso veleiro, com dois remos de segurança na popa. — Já estão embarcando a carga.

A carga era uma centena de escravos numídicos, homens fortes, de pele negra, capturados na África pelos legionários romanos. A Numídia fora subjugada por Roma ainda nos tempos da República, mas os ferozes guerrilheiros continuavam a ameaçar as legiões, e assim continuariam até os últimos anos do Império.

— É um navio a vela — constatei, forçando a vista para enxergar. — *Insula Major* — li as letras grandes, escritas no casco. — Quer dizer ilha maior em latim. Não sei por quê, mas esperava encontrar uma galera.

— Na certa preferem preservar a mercadoria, por isso não põem os escravos para remar. Você mesmo previu esse procedimento.

Concordei com um gesto e desmontei do cavalo, esforçando-me para me sustentar de pé. Esticando o corpo, vi a beleza do mar que delineava o cais e observei, com deleite, as várias tonalidades de azul, que indicavam as diferentes profundidades da costa. Mais distantes, abraçando a enseada, estavam a ilha de Faros e a altíssima torre do farol.

Um homem gordo, de aparência anfíbia, acabara de deixar a plataforma e enfiava-se na confusão da rua. Estava acompanhado por um segundo homem, um tipo carrancudo, cuja pele clara fora duramente castigada pela exposição diária ao sol. Tinha a barba por fazer, portava um gládio na cinta e levava na mão um porrete de madeira. O cabelo negro era curto e espetado, combinando com os fios ralos da barba.

— É Alexius! — reparou Pólix. — Está vindo para cá, acompanhado de um capanga.

O aroma de oliva, que o romano exalava ao deixar os banhos, no dia anterior, sumira por completo, e agora cheirava a carne de porco e vinho barato. O estrangeiro estampou um sorriso cobiçoso ao ver o rapaz e a pequena chinesa.

— Então, garoto de Atenas, decidiu-se? — perguntou o traficante, irônico, como se estivesse contando uma anedota.

— Cem denários — lembrou Pólix. — Foi o nosso acordo.

O gordo olhou para o homem carrancudo atrás dele e sorriu, cínico. Tivemos a impressão de que os dois trocavam expressões combinadas, e fiquei atento ao imprevisível. Houve um curto instante de tensão, então o romano falou:

— É lógico! Cem moedas de prata — abriu a mão, e de pronto o guarda-costas lhe entregou um saco de couro surrado, supostamente cheio de dinheiro. — Aqui está — Alexius passou a algibeira a Pólix. — Você ouvirá falar muito de mim, menino, mas nunca que sou desonesto.

Era, obviamente, uma piada de mau gosto. O rapaz conferiu o pagamento, verificou que estava completo e sinalizou uma afirmativa com a cabeça.

— Muito bem. Está tudo aqui. Eu já levo os dois escravos para o barco.

— Não se dê ao incômodo. Cassius da Calábria cuida disso para você — com o polegar, o traficante

indicou o segurança. O homem adiantou-se, erguendo o porrete, mas Pólix o fez parar com um comando enérgico.

— Não! Eu disse que eu mesmo os levarei.

Alexius quase se assustou com o protesto, mas sentia-se seguro à guarda do brutamontes. Sorriu, um pouco nervoso, e enfim cedeu.

— Não demore. Vou comprar uma ânfora de vinho e depois o barco vai zarpar. Se fugir com o dinheiro, eu o encontrarei nem que tenha que subornar cada legionário nesta cidade.

—Você ouvirá falar muito de mim, mas nunca que sou desonesto — rebateu, ironizando as palavras levianas do traficante.

Alexius não respondeu. Deu as costas e embrenhou-se no mercado.

— É possível que você tenha problemas no navio — advertiu-me Pólix.

— Posso imaginar.

Ele olhou para mim e depois para a menina chinesa, enrolada em seu quimono descolorado. Pôs a mão em meu ombro, em um gesto de afeição.

— Obrigado — disse apenas. — Obrigado por tudo.

Apertei-lhe a mão.

— Eu é que tenho a agradecer, meu amigo. Sua sabedoria me trouxe até aqui. Sua sabedoria e a inteligência de Flor do Leste. E também a força de Ibn-Hatar — creditei, acariciando com leveza os pelos vermelhos do animal. — Todos nós tivemos nossas provações e as superamos. Até mesmo aqueles que morreram na viagem.

— Eles cumpriram seu destino — completou o rapaz, fatalista.

— Prefiro dizer que cumpriram sua missão. Só a minha continua pendente.

— Em breve estará na Cidade Eterna, e sua demanda será encerrada.

Com um giro de corpo e um impulso no estribo, o rapaz montou o corcel,

como poucas vezes o fizera. Acomodou-se na sela e tomou as rédeas. O sol caminhava para oeste. Era hora de partir,

— Você conhece o caminho até o navio — apontou o íundeadouro de madeira. — Não creio que precise escoltá-lo.

— O traficante não vai gostar de nos ver sozinhos, chegando ao barco como turistas.

— Esse escravocrata precisa aprender que nem sempre está no comando de tudo — decidiu. — Adeus, meu bom bárbaro. Pedirei aos deuses que olhem por você.

— Eu não exigiria tanto — agradeci.

— Espero que um dia volte a encontrá-lo.

— Acho pouco provável, mas nem por isso impossível — eu conhecia a ameaça que perseguia os renegados e preferi não alimentar reencontros.

— Farei uma oferenda a Atena para que o abençoe com uma longa e gloriosa vida.

As palavras de esperança do helênico me contaminaram, e por um momento, em meu coração, a vontade de viver superou o desprezo pela morte.

— Tomara que sim — repliquei, satisfeito.

Com um aceno, Pólix deixou o porto, e vi a sombra rubra do alazão pela última vez. Apertei firme a mão de Flor do Leste e caminhei para a plataforma.

— Agora somos só nós dois, pequenina.

Insula Major

O *Insula Major* era um navio poderoso para a época, mas minúsculo para os padrões modernos. Tinha trinta metros de comprimento e oito de largura, com o casco profundo, deixando espaço para um amplo porão. Tinha um mastro principal, alto, e outro menor, fixo à proa. As velas haviam sido tingidas de vermelho, mas a cor já desgastara. Na parte de trás havia um pequeno tombadilho, sobre uma cabine modesta, e na popa os marceneiros prenderam uma figura de cedro, que imitava o pescoço de um cisne.

Quando Flor do Leste e eu subimos a ponte que levava ao convés, pudemos ver a tripulação e os marinheiros. Eram morenos e ágeis, e supus que fossem fenícios. Os fenícios eram comerciantes espertos, famosos por navegar com destreza por todo o Mediterrâneo. Não havia, em todo o mundo civilizado, marujos de igual perícia. Dentre eles, distingui cinco homens de semblante europeu, fortes e mal-encarados, que chutavam os numídicos e os empurravam de encontro à mureta. Um deles era o guarda-costas de Alexius, o tal Cassius da Calábria. Percebi, então, que não eram realmente marinheiros, e sim feitores, que preparavam os grilhões para prender os escravos.

Minha chegada despertou pouco interesse. Ninguém imaginava que a pequena chinesa e eu fôssemos escravos, até que ouvi os passos do feitor se aproximando por trás e senti que um ataque se aproximava. Agachei o corpo, e um porrete de ébano zumbiu sobre minha cabeça. No instante seguinte, o brutamontes passou a meu lado, desequilibrado pelo golpe perdido — era Cassius, o chefe dos capangas. Virei-me de frente para ele, protegendo Flor do Leste com o corpo. Ele tentou uma nova investida, mirando um soco no estômago, e dessa vez não me esquivei. Sabia que isso o deixaria ainda mais

agressivo.

O impacto atingiu o abdome, e desabei de joelhos. Em circunstâncias normais, um murro daqueles não me afetaria, mas a ação do veneno reduzira por completo minha resistência. Antes que pudesse me levantar, Cassius desferiu-me uma joelhada no rosto, e caí a nocaute. Senti que dois outros feitores me levantaram pelos braços, e o brutamontes afundou-me mais duas pancadas nas costelas.

— Quero que saiba, de antemão, que meu irmão era um legionário romano, que morreu emboscado por uma horda de bárbaros na Gália — Alexius devia ter-lhe avisado que eu era germânico, conforme Pólix o dissera. A Gália e a Germânia eram regiões distintas, mas os italianos consideravam bárbaros todos os estrangeiros. — Esteja certo de que farei de tudo para que esta seja a pior viagem de sua vida.

Ele fez um sinal aos outros capangas, que me atiraram aos pés dos numídicos. Com a visão embaçada, tentei procurar Flor do Leste e logo senti sua mão pequena agarrando meu braço. O navio começou a vacilar, e o toque de um sino anunciou a partida.

No meio da tarde, o *Insula Major* atingiu mar aberto, deslizando sublime sobre o manto náutico, e finalmente os marujos tiveram descanso. Alexius saiu da cabine e subiu ao tombadilho. Sentou-se em uma cadeira de cedro e olhou com firmeza para os escravos, preparando-se para proferir seu discurso. Aguardou, porém, um outro homem chegar, um marinheiro de meia-idade, robusto, de expressão séria, provavelmente fenício. Não vestia camisa, apenas um espesso colar de ouro, uma calça larga tingida de verde e um lenço vermelho na cabeça.

— Muito bem — vociferou Alexius aos escravos, em latim —, não sei se todos falam a minha língua, mas pelo menos alguns entenderão o que digo. Levaremos trinta dias para chegar a Roma, onde serão vendidos. Alguns trabalharão na lavoura, outros passarão a vida na calmaria doméstica, e os mais fortes serão encaminhados aos jogos. Vocês são a minha mercadoria, mas não hesitarei em me livrar de todos, se for preciso. Portanto, se souberem se comportar, em trinta dias poderão ver a Cidade Eterna e terão uma nova vida de paz e trabalho. A outra opção é a morte — e enfatizou essa ultima palavra. — Ficarão confinados no porão por toda a viagem e terão água e comida. O capitão Epidicus de Tiro — e apontou para o fenício mais velho, que permanecera calado no tombadilho — talvez precise treinar alguns de vocês para ajudar na navegação. Os voluntários terão privilégios.

Quando Alexius terminou, os fenícios abriram um grande alçapão, bem no meio do convés, e os feitores começaram a empurrar os escravos lá para dentro, com violência inumana. O buraco levava ao porão e tinha dois metros de altura. Alguns caíam de mau jeito e machucavam as pernas. Eu já me preparava para pular, com Flor do Leste nos braços, quando escutei a voz morosa do traficante:

— Você desce, bárbaro. A menina ficará em minha cabine.

Cassius tentou tomar a garota dos meus braços, mas me esquivei e a pus no chão, em segurança. O brutamontes se animou, porque aquilo justificaria uma nova sessão de pancadas.

— A coragem dos bárbaros é ultrajante — desdenhou o gordo, enquanto o grandalhão erguia o cassetete. A dureza do ébano atingiu minha testa. Cambaleei para o lado, mas permaneci de pé.

— Ele é persistente — constatou o calabrês, e com um chute acertou-me o joelho. Um outro golpe alcançou-me a nuca, e tombei. Uma vez no chão, fui alvo de muitos pontapés, desferidos por mais de um inimigo.

Quando pararam, vi que Cassius puxava Flor do Leste pelo braço. A brutalidade do capataz fez ferver meu sangue, e minha natureza de querubim empurrou-me ao ataque. Reunindo a pouca energia que ainda me restava, levantei-me cruzei a área ameaçada pelos feitores e investi contra Cassius com um soco. O murro estourou em seu peito, e o grandalháo foi atirado para longe. O corpanzil chegou a elevar-se do piso, e caiu rolando nas tábuas do convés, para ser detido pela amurada do barco.

Fez-se um silêncio medonho, e Alexius deu um passo para trás, com os olhos esbugalhados quase saltando para fora. Um marinheiro ajudou Cassius a se levantar, e ele se escorou em um cabo de sustentação das velas, tossindo para recuperar o fôlego.

O susto se extinguiu como um raio, e os homens do mar superaram o espanto. O traficante, ainda alarmado, apontou-me um dedo inquisidor:

— Cela dos rebeldes! — ordenou aos feitores. — Os dois!

Não me opus quando três capangas e quatro marujos me arrastaram para a proa. Um quarto homem conduziu Flor do Leste. Na parte superior da proa, um metro antes do bico, dois marinheiros abriram no chão um alçapão gradeado, que dava acesso a um compartimento minúsculo. Fora feito, imaginei, para conservar a âncora quando o navio estivesse em curso, mas seu propósito mudara, passando a ser utilizado como solitária para os escravos mais perigosos.

— Já que querem ficar juntos, aí ficarão — sentenciou o mercador —, e que apodreçam neste poço imundo.

Os capatazes nos empurraram para o buraco e fecharam a grade sobre nossa cabeça, com um espesso trinco de ferro. Lá de dentro, abaixo da linha do piso, vi Alexius no convés, cuspindo no chão e dando uma ordem inflamada aos se-guranças:

— Três dias sem água e comida. Depois disso, se estiverem vivos, vamos ver o que faremos com eles. Se o bárbaro morrer, quero que me tragam a garota.

— O bárbaro deve morrer antes dela, patrão. Está nas últimas — comentou um homem qualquer.

— Nessas condições ele perece em dois dias — devolveu Alexius. — Conheço bem a resistência desses selvagens, e não é infinita — coaxou e deixou o castelo de proa.

Desanimado, abracei Flor do Leste. Sentado, minha cabeça roçava na grade, e me sentia espremido como massa de pão. Não havia como me levantar.

— Três dias sem comida... — lamentei em voz baixa, para só a chinesa escutar.

Ela fez um sinal de silêncio, como se ocultasse um segredo. Esperou alguns segundos e, quando viu que não éramos mais observados, abriu a mochila, mostrando-me algumas sementes de romã que guardara enroladas num pano. Também tinha um pouco de água em um cantil, além das ervas e dos aparatos me dicos que comumente levava.

— Não sei se isto vai dar para nós dois, pequenina, mas obrigado — sorri. Ela fez uma expressão otimista, e assenti. Em meio ao balançar do navio,

abracei-a ainda mais forte, porque a tarde ia caindo, e um vento gelado castigava o navio.

Morte em Alto-Mar

Três longos dias se passaram, durante os quais fomos espiados de perto por um homem armado de porrete e espada. Não vi mais o rosto de Cassius, embora tivesse pensado, inicialmente, que ele próprio nos vigiaria.

As noites se tornavam mais frias à medida que nos afastávamos do continente c nos embrenhávamos na isolação marinha. Presos no compartimento da proa, Flor do Leste e eu recebíamos as lufadas mais geladas da madrugada primaveril, e meu vigor renovado, restaurado pelo tratamento de ervas, minguou-se novamente.

No terceiro dia, a despeito das sementes de romã, desfaleci duas vezes. Passei a noite imóvel, tão esgotado estava meu corpo. Foi então que, na manhã do quarto dia, ouvi os capangas conversando. Apostavam uns contra os outros que eu já estava morto e, conforme ordenado, abriram a cela para retirar Flor do Leste. Ouvi o trinco correndo, mas não pude reagir de imediato. O guarda que nos vigiava era mais jovem que Cassius, mas dotado de igual crueldade. Forte c alto, rinha cabelos loiros e curtos, e a barba malfeita lembrava a de seu dire-tor. Os marinheiros o chamavam de Titus e, apesar de esse nome ser tipicamente romano, eu não tinha certeza se era mesmo de Roma. O feitor levantou o alçapão e puxou a menina pelo braço. Ela procurou reagir, mas estava fraca. Títus a arrastou para o convés, sem muita dificuldade. Mais uma vez, tentei me erguer, mas ainda não conseguia uma resposta dos músculos.

— Ela se debate como um inseto — ouvi o guarda dizer, com uma gargalhada tão sonora quanto perversa.

Um sujeito estufado, apelidado de Olho de Peixe, perguntou em latim:

— E o bárbaro? Morreu, afinal?

Titus, ainda imobilizando a garota, espiou novamente o buraco, bem no instante em que eu levantava a cabeça. Não fui capaz de distingui-lo de pronto, em meio à desordem que me nublava a mente.

— Quase, Olho de Peixe, quase. Vou dar cabo do miserável de uma vez. Depois podemos nos divertir com a menina.

Enquanto me erguia, escorando-me sem rumo nas paredes sujas da cela, Titus passou a pequena à guarda de um segundo feitor, que a travou com os braços possantes. Meu esforço foi poupado quando o capanga me arrancou para fora, com um puxão. Um golpe de bastão explodiu em minhas costelas. Olhei ao redor, mas nada avistei, apenas um borrão vacilante. Escutei, porém, os gritos dos marujos, excitados por assistir à peleja.

Um outro impacto assaltou-me a cabeça, perto do ouvido, e segurei-me à amurada, para não esmorecer outra vez.

— Esse bárbaro não sangra? — berrou alguém, sedento pelo linchamento.

— Não o poupe, Titus! — incentivou outro.

— Queremos o sangue do selvagem! — esbravejou um terceiro.

Estimulado por tão inflamada torcida, o capanga apertou-me o pescoço e sacou o gládio da bainha. Notei que a espada tinha o escudo do exército, então deduzi que fora roubada de um soldado caído.

Titus julgou que eu estava indefeso e preparou o golpe de misericórdia, planejando cortar minha garganta. Quando desferiu o ataque, porém, inclinei a cabeça para trás, e a lâmina rasgou-me o queixo, provocando um ferimento superficial abaixo da boca. O sangue pulou para fora, manchando de vermelho a face e o peito do guarda. Nunca uma arma ordinária tinha me causado tamanho flagelo, e entendi, com irónico desgosto, que minha vida estava prestes a ser ceifada por um mortal, cuja espécie

sempre jurei defender.

Mas um fato inesperado ocorreu. Um segundo após o assalto, Titus largou o gládio e, apavorado, começou a esfregar o próprio rosto. Forçando a vista, vi que ele se afastava, respirando com extrema dificuldade. A face fervia e a tez borbulhava, deixando escapar uma fumaça esverdeada, não natural. Os marujos e feitores abriram um círculo em volta dele, impressionados demais para tocar o ferido.

Quando Titus se ajoelhou, pálido e ofegante, com os olhos virados e o nariz deformado, compreendi o que se passava. O sangue que esguichara em seu rosto, o *meu* sangue, não era normal. Outrora tivera a propriedade da longevidade eterna, mas agora estava contaminado. A peçonha de Mai Yun se agitava em minhas entranhas, e era isso que me tornava tão fraco. O veneno já causara a ruína de muitas entidades e acabara de atingir a pele de um ser humano.

O capanga que segurava a menina a liberou, meio abstruso, e ela, esperta, valeu-se da apatia dos guardas para se agachar e encher o cantil em um balde de água doce, ainda intocado, que seria usado para lavar o convés.

Quando Titus tombou com a cabeça no chão, a pele da face esfacelara-se em sangue, expelindo uma mistura nojenta de pus, carne e ossos. Ele parou de gemer, e a agonia cessou.

O italiano estava morto.

O terror dos homens converteu-se em aversão destrutiva, e eles tomaram todas as armas que podiam — varas, correntes, ganchos — e ameaçaram avançar. Imediatamente, peguei do chão um pedaço de pano e o pressionei contra o ferimento, tencionando deter a hemorragia. Seria inconcebível que Flor do Leste, ou qualquer outro, tivesse contato com meu sangue mortal.

Diante da ferocidade dos tripulantes, que fechavam um cerco à minha volta, decidi que a opção mais segura seria voltar para a cela.

— Venha, Flor do Leste — gritei em mandarim, com a mão direita estendida, enquanto a esquerda segurava o curativo.

Ela tampou o cantil de pele e correu para junto de mim. Por fim, retrocedi ao buraco, fechando eu mesmo a grade do alçapão. Um marinheiro cerrou o trinco e não vi mais ninguém pelo resto do dia.

Roma, a Cidade Eterna

O dia seguinte à morte de Titus amanheceu chuvoso, e ouvi os supersticiosos culparem o mau humor de Netuno, o deus dos mares, a quem os navegantes prestavam sacrifícios.

— Netuno deve ter tido uma indigestão com o presente de ontem — murmurou alguém, referindo-se à carcaça do morto, que fora lançada às águas.

Encerrado na cela, eu já começava a planejar um meio de conseguir comida, uma vez que nossas provisões — as sementes de romã — tinham acabado. Considerei a possibilidade de negociar com Alexius, mas era improvável que ele me recebesse — e, se o fizesse, o que pediria em troca? Flor do

Leste, por sua vez, deixara claro, por sinais, que prefereria morrer a ser entregue àquele homem depravado.

Nossa situação, contudo, se inverteria rapidamente. À hora do almoço, alguém empurrou duas vasilhas para perto da boca do alçapão. Era um escravo africano que provavelmente se oferecera para trabalhar. Entendi, ao ver o condenado, que os feitores italianos e os marujos fenícios preferiam manter uma distância segura de nós,

O numídico abriu o trinco e tomei as vasilhas. Nelas havia água, peixe e um pedaço de pão. Uma refeição modesta, mas veio em boa hora. Dividi a porção com a menina e depois devolvi os recipientes de barro, colocando-os para fora da grade. Dali em diante, surpreendentemente, todos os dias seguiriam a mesma rotina.

Não sei muito bem quem tomara a decisão de nos alimentar, mas talvez tenha sido uma ordem de Alexius, procurando evitar um novo escarcéu. Os marinheiros e capangas, após o tumulto, espiavam-nos com um respeito odioso e um medo colérico. Talvez o traficante ainda pensasse em nos vender; talvez o capitão tenha conversado com ele; talvez os marujos não quisessem nos entregar a Netuno... E impossível dizer. Não sei até hoje por que fomos poupados,

O ferimento no queixo sarou rápido, e me sentei sobre o pano, deixando o pedaço sujo de sangue bem longe de Flor do Leste. Os dias correram, e assim a primavera avançou.

Foi em uma manhã quente de abril, quando todas as nuvens se dissiparam, que o *Insula Major* aportou em Ostia, o principal porto romano daqueles dias. Não vi quando o navio atracou, mas despertei ao ser retirado da cela por escravos numídicos, que já se vestiam à moda romana, com togas curtas e desgastadas, Alexius estava de pé, no convés, mais arrogante do que nunca, uma vez acolhido por sua pátria natal.

— É melhor andar na linha, bárbaro — grasnou o escravista. — Não vai conseguir enganar mais ninguém com esses seus truques de fuga, então não se faca de esperto — e fez um sinal para os carregadores. — Levem-no para a barcaça — ordenou, e murmurou para um guarda que o escoltava:

— Vou tentar passá-lo adiante, O grego que me vendeu esse selvagem disse que ele tinha febre da Núbia. Febre da Núbia... Devo ter cara de idiota.

Ainda às escuras, percebi que era carregado pelos negros para outro barco, supostamenté menor, que subiria o rio Tibre e chegaria a Roma. Havia perdido quase completamente a visão, o olfato e a audição, e minha barba estava tão grande e suja quanto a dos pedintes na sarjeta. Mas restava-me o sentido do tato, e a presença de Flor do Leste provou-se constante por todo o percurso, o que me deixou mais confiante e tranquilo.

Roma, a Cidade das Sete Colinas. Não pude tê-la à vista ao ser levado pelo rio, pois o veneno enegrecera-me os olhos, então tentei formar uma imagem em minha mente, A Cidade Eterna havia se expandido incrivelmente desde o dia em que eu a deixara, nos últimos anos da antiga República. Roma agora tinha um imperador, César Augusto, que erguera grandes monumentos e salões suntuosos. Augusto, segundo suas próprias palavras, encontrara uma cidade de pedra e a convertera em uma cidade de mármore. Sob sua administração, a capital alcançou inigualável esplendor

Ao morrer, em 14 d.C., o soberano deixaria um legado espetacukr à posteridade. Construíra novos templos, bibliotecas, teatros, banhos públicos e aquedutos, essenciais para trazer a água das montanhas à cidade, e para abastecer o sistema de esgoto. Mas não foi só no campo da engenharia que ele se

destacou. Augusto foi, de fato, o primeiro imperador romano, e governou com inteligência e prudência. Desenvolveu um aparato burocrático que o permitiu controlar e organizar todos os aspectos da vida pública, na capital e nas províncias conquistadas, na África, na Europa e no Oriente Médio. Estabeleceu, por fim, a paz, e com isso pôde dedicar-se ao povo de Roma. Criou uma brigada para combater os incêndios, que eram um sério problema em uma cidade tão populosa. Montou uma força metropolitana para conter focos de crime e desordem e instituiu uma tropa pessoal, a famosa guarda pretoriana, um pelotão militar de elite que guardava a missão de defender o imperador e os interesses do Estado. Facilitou o comércio, fundando mercados práticos e bem localizados, e idealizou um sistema de distribuição de grãos para alimentar os mais de dois milhões de habitantes que viviam na metrópole.

Alguma coisa bloqueou os raios do sol, e concluí que estávamos passando, de barco, sob um arco de pedra, através de um túnel curto e largo que cruzava o Muro de Sérvio, a muralha principal que delimitava a cidade nos tempos de Augusto. O muro era recortado por dezessete portões, e todos eles levavam a um emaranhado confuso de ruas, a maioria muito estreita. Um estrangeiro facilmente se perderia sem o auxílio de um guia, especialmente à noite.

Não muito longe do arco sobre o Tibre, situava-se o Emporium, o maior porto fluvial da cidade, Outrora um modesto entreposto comercial, a área se desenvolvera durante a República, e cem anos depois seus agitados complexos de armazéns já se espalhavam por um quilômetro à volta do cais. O Emporium era frequentado por compradores abastados, e ancorar por ali significava lucro rápido. Todavia, como em todo lugar em que há dinheiro, havia ladrões ali, e por isso os mercadores se cercavam de uma comitiva de brutos, munidos de porretes, facas e armas improvisadas — os cidadãos comuns eram proibidos de trafegar armados pelas ruas de Roma, de acordo com uma lei que datava dos tempos de Júlio César.

Quando dei por mim, já estava novamente de pé, sobre um tablado, ao lado de dezenas de escravos que esperavam por seus lances. Alguém amarrara meus punhos a um mourão rústico, quase um tronco, imobilizando-me também pelas pernas e a cintura. Flor do Leste estava presa no mesmo esteio, mas apenas seus braços foram atados.

Lá de cima, vi que havíamos sido levados para um mercado aberto, uma praça de comércio ampla e movimentada no meio do complexo de armazéns. Já passava das quatro da tarde, hora em que as lojas reabriam após o descanso que se seguia ao almoço.

Eu conseguira. Enfim estava de volta a Roma, e ainda vivo. A primeira parte de minha missão fora cumprida. A casa de Shamira não ficava muito longe, e tudo o que eu precisava fazer era ir até lá e encontrá-la. Mas, depois de toda aquela jornada, depois de atravessar meio mundo e enfrentar espíritos e anjos, eu não tinha mais forças para caminhar um metro sequer. Só me mantinha erguido graças à corda que me colava à estaca. O veneno, agora, cercava o coração, e meu tempo de vida reduzira-se a poucas horas.

Eu cruzara selvas, montanhas, desertos e mares, mas não podia atravessar a cidade.

Os planos de Zamir se fechariam em breve. E eu não podia mais alterá-los.

Negócio Fechado

A tarde avançou.

Sobre o tablado, Alexius começou a negociar a venda dos escravos, um por um, com os compradores na calçada. Os lances geravam discussões acaloradas, que em muitos outros lugares terminariam em pancadaria. Em Roma, porém, a gritaria era parte do negócio, e ninguém se importava de ser insultado se no final saísse no lucro.

Os numídicos foram sendo arrematados, até que um homem berrou:

— E aquela menina ali, ao lado do louro... Quanto está pedindo por ela?

Olhei a praça lotada e vi um sujeito de barba preta, peludo, muito gordo, escoltado por um escravo de tez negra. Vestia um manto branco, solto e pregueado, sobre a túnica de linho. Puxava, por uma corrente, um pequeno animal saltitante, que à primeira vista me pareceu um macaco.

— Esta pequena foi capturada de uma companhia itinerante do Oriente — mentiu Alexius. — É a melhor dançarina do leste e muito versada em orgias. O preço que peço por ela é 1.500 denários.

Para minha surpresa, o comprador não se assustou com a exorbitância da oferta. Em vez disso, a expressão enrugou-se em um sorriso *blasé.*

— É justo, o preço é justo — acedeu o barbudo. — Mas não dá para confiar em você, Alexius. Uma vez me vendeu um grego que mal sabia escrever.

Alexius fingiu irritar-se. Continuava controlado por dentro, mas não era agradável ser difamado na frente de outros clientes, ainda mais no Emporium.

— Você me devia dois cavalos na ocasião — defendeu-se.

— O que não justificava sua perfídia. Você sabia que eu o pagaria cedo ou tarde... — rebateu, indiferente. — Mas voltemos à barganha. Pago oitocentos denários pela garota, nada mais.

— Assim você me leva à falência, Merula — o traficante chamou o comprador pelo nome e, somando isso à contenda sobre os cavalos, deduzi que já se conheciam de longa data. — Não posso vendê-la por menos de 1.300.

— Ora, abra os olhos, gorducho! Ninguém vai pagar tudo isso por uma rapariga imunda. Só eu daria um lance alto por ela, então aceite os meus oitocentos denários e dê-se por satisfeito. Você já está com o bolso cheio de moedas — e apontou para o tablado quase vazio, antes repleto de escravos.

Alexius sentiu-se impelido a ceder, mas preferiu arriscar um último golpe de lábia:

— Fechemos assim: você me paga mil denários e leva o bárbaro junto.

Um terceiro comprador, que até então se mantivera calado, meteu-se na transação:

— O bárbaro então vale duzentos? — a pergunta súbita atrapalhou o raciocínio de Alexius, que se complicou ao replicar.

— Sim... Duzentos denários.

O terceiro homem chegou mais perto, apalpando uma algibeira de moedas. Apesar do cabelo grisalho, era forte, vigoroso e tinha porte de soldado, o que me fez crer que era um oficial aposentado. Estava acompanhado por dois escravos gregos, rapazes entre 18 e 20 anos.

— Eu compro o selvagem — decidiu o militar, apesar do alto preço por um homem enfermo.

O tal Merula esbaldou-se. Voltou-se para Alexius com um ar de júbilo.

— Pelo que vejo, a matemática é minha aliada — zombou, pressionando o escravista a aceitar seu lance.

O mercador não perdeu a pose, embora derrotado.

— Novecentos denários! — insistiu. — E nossa cizânia estará resolvida.

O barbudo já preparava o dinheiro, quando uma voz feminina se precipitou sobre todas as outras, pondo fim à permuta.

— Esperem. Interrompam a venda! Pago dois mil denários pelos dois. Tenho o valor aqui em espécie.

Nem sempre a compra era feita em moedas. Contratos de comércio estabeleciam uma dívida, a ser liquidada ao longo de meses ou anos. Muitos escravos em Roma eram, ou haviam sido, devedores inadimplentes, condenados a saldar o débito com a própria liberdade.

— Viva o lucro! — regozijou-se Alexius, invocando um mote clássico do comércio romano, frequentemente gravado em placas e afixado nas paredes das lojas.

Quando a mulher se achegou ao tablado, a multidão abriu caminho, tamanha era sua presença. Sem a ajuda de homem ou escravo, subiu os degraus do estrado e entregou uma bolsa de dinheiro ao escravista. Os compradores se calaram, parados a admirar sua beleza. A pele clara e os cabelos negros davam um formidável contraste à aparência sensual, O caminhar era decidido, e cada passo realçava suas curvas perfeitas. Trajava uma *stola,* uma túnica comprida, usada pelas mulheres ricas, sobreposta por um manto negro de linho.

A moça encostou-se ao mourão e com uma faca rompeu a corda que me segurava à estaca. De soslaio, notei que aquela não era uma faca ordinária, mas uma adaga ritual, usada pelos feiticeiros cm suas cerimónias. Desabei ao ser liberto, e teria me estatelado no piso se a mulher não tivesse me amparado. Cautelosa, ela envolveu minha cabeça nos braços delicados, e pude sentir o doce aroma de sua pele. Foi então que a reconheci.

— Shamira! — balbuciei, com a voz se acabando em um gemido.

Era ela, a Feiticeira de En-Dor. De início, não acreditei que a sorte novamente me brindara. Sozinho, eu não conseguiria caminhar até sua casa, do outro lado. da cidade, muito menos fugir dos feitores, então abençoei a feliz coincidência, que depois vim a saber que não fora casual.

— Shamira... Como me encontrou? Nesta cidade tão grande...

— De alguma forma, pressenti que você corria perigo. Enviei espíritos espiões em seu encalço, mas eles não podiam atravessar o mar, então deixei alguns em vigília no porto de Ostia c cm outros lugares da Itália. Eu tinha a esperança de que você voltasse a Roma, porque sabia que ainda estava vivo. Hoje cedo, um dos espectros me avisou que o Anjo Renegado havia desembarcado de um navio escravo c era trazido para a Cidade Eterna.

Flor do Leste esfregou os punhos para aliviar a dor do cabo que a prendia, e a feiticeira reparou na pequena. Não era difícil concluir que a menina e eu havíamos estado juntos por toda a viagem. Além disso, os espíritos deviam ter alertado sobre a jornada rio acima.

— Seus olhos são poderosos, menina — afirmou Shamira, reconhecendo o valor da garota. — É uma das filhas de Shang?

Esse clã chinês, eu soube depois, foi o primeiro a governar a China, até ser derrotado pelos guerreiros de

Zhou, em 1122 a.C. Os reis Shang desenvolveram a escrita ideográfica e, segundo os antigos, tinham o poder de falar com seus antepassados por meio dos ossos-oráculos, um conjunto de varinhas marcadas por inscrições místicas. Eram dotados de mediunidade ímpar e de inteligência avantajada.

Flor do Leste respondeu à pergunta de Shamira com um aceno de cabeça, e a feiticeira entendeu que ela não podia falar, por causa da língua cortada.

Subitamente, minha cabeça tombou para frente, e explodi em uma tosse hemorrágica. Gotículas de sangue precipitavam-se pela garganta, e cuspi uma mistura de saliva e plasma no assoalho do estrado. Em uma ação instintiva, Shamira sacou um lenço de pano e fez menção de pressioná-lo contra minha boca, mas eu a impedi.

— Este sangue é mortal — murmurei, lembrando-me do triste fim do capanga no barco.

— Eu sei — ele devolveu, fitando a nódoa vermelha que manchava o tablado. — Mas não há perigo; estou sob um encantamento de proteção — explicou.

Dito isso, limpou o filete que escorria pelo canto da minha boca e analisou o sangue com os dedos. Sua expressão encrespou-se, e ela se deu conta da gravidade da situação,

— É veneno! Veneno de espírito. Você não resistirá por muito mais tempo. Tenho que levá-lo à minha casa. Talvez ainda possa salvá-lo.

— Não! — protestei, recordando-me do motivo que me trouxera a Roma. — Não, Shamira. Não devemos voltar... Escute... — eu mal podia falar. — Zamir, o velho mago de Babel, Ele não morreu no Mar de Rocha, continua ativo. Foi ele quem armou essa cilada para mim, e agora está atrás de você. Pelo que soube, foi esse maldito invocador que assassinou Drakali-Toth e os outros mestres feiticeiros. É arriscado voltar ao seu *domus*. Ele pode estar à espreita.

— Supus que fosse ele o assassino, mas agora você me traz a certeza. Zamir era o maior adversário de meu antigo tutor—retrucou, pensativa, provavelmente imaginando o que faria a seguir. — Mas não posso deixá-lo aqui, ou você morrerá.

— Se prosseguirmos, nós dois morreremos. Você deve fugir, Shamira, enquanto há tempo.

Ela apertou forte meu braço e me pôs sentado.

— Não, Ablon. Se eu tiver que enfrentar Zamir sozinha, vou enfrentá-lo. Já estou preparada para isso. Não permitirei que você morra. Há muito tempo me salvou do buscador, e agora é minha vez de ajudá-lo.

Vi que havia felicidade e doçura em seus olhos, mas seu coração estava apertado por me ver naquele estado de debilidade.

A praça do comércio começava a esvaziar, mas Alexius continuava sobre o tablado, deliciando-se ao contar as moedas de prata. Ao longe, um grandalhão fez cara feia ao me ver nos braços de uma bela mulher. Era Cassius da Calábria, que havia me espancado no primeiro dia de viagem. Estava acompanhado de um time de broncos, e Shamira, inteligente, percebeu que fora ele um de meus agressores. Por um instante, achei que a ira da feiticeira desceria sobre os escravistas, mas em uma atitude sensata ela engoliu toda a raiva e concentrou-se em me tirar daquele antro de abutres.

—Vamos embora, Ablon. Essas ratazanas não são dignas de nossa vingança.

A mulher ergueu-se em um movimento gracioso e escolheu a esmo um passante na rua, um tipo plebeu, provavelmente artesão ou estivador. Ofereceu ao sujeito cinco sestércios, peças de cobre romanas, só

para que me colocasse sobre um cavalo. A moça, sozinha, não aguentaria meu peso nem desejava pedir ajuda aos rudes capatazes de Alexius.

Como já sabia que eu estaria no Emporium antes mesmo de sair de casa, a necromante trouxera consigo dois cavalos selados — um garanhão cinzento e uma égua alva — ,ambos de ótima raça. O plebeu me empurrou para o lombo de um deles, com Flor do Leste, e Shamira acomodou-se no dorso da égua. Depois, dispensou o carregador.

Eram cinco da tarde, e faltava menos de meia hora para o veneno findar minha vida.

Emboscada no *Domus*

A casa de Shamira ficava em uma rua tranquila, quase colada ao sopé do monte Capitolino, uma das sete colinas romanas. O Capitólio, como também era chamado, era como uma grande pedra redonda e ainda conservava suas encostas escarpadas, tal como era no tempo das aldeias latinas. No passado, os sete povoados sobre as sete colinas reuniram-se em uma federação e começaram a construir um muro que delimitaria a futura cidade. Oito séculos depois, nenhum resquício dos latinos restara. Nos primeiros anos do século I, à época deste relato, um complexo de templos dominava o topo do morro, que em muito fazia lembrar a acrópole de Atenas. O mais grandioso desses santuários era o Templo de Júpiter, cuja parede posterior, sustentada por colunas de mármore, projetava, ao fim daquela tarde de abril, uma sombra opressiva sobre o terreno ocupado pelo *domus* da Feiticeira de En-Dor.

O sol estava se pondo quando contornamos o Fórum de Augusto. O movimento urbano, àquela hora, começava a declinar. Durante o dia, nenhum veículo sobre rodas podia trafegar pelas ruas. Roma tinha, então, dois milhões de habitantes, e um vaivém tão intenso de carros transformark as avenidas em um pandemônio. Com isso, os pobres eram obrigados a andar a pé, enquanto os ricos eram transportados em liteiras ou no lombo de cavalos.

Era quase noite quando paramos em frente ao *domus.* As casas nobres romanas tinham fachadas altas, com vigas de madeira e paredes de tijolos, recobertas por urna argamassa resistente. O teto era de telhas sobrepostas em escamas, e o chão, decorado com mosaicos que retratavam seres mitológicos e heróis legendários. Uma porta dupla e grossa levava a um corredor coberto, que conduzia ao átrio, o aposento central, geralmente caracterizado por uma abertura no teto, útil para ventilar o ambiente. No chão, abaixo do interstício de ventilação, havia uma piscina pequena, adornada por estátuas, que armazenava a água da chuva. Nos dias quentes, os romanos a usavam para se refrescar. Ao redor do átrio ficavam os quartos, uma escada que conduzia ao segundo andar e a passagem para o *tablinium,* uma sala de recepção, muitas vezes usada como estúdio. A seguir, a mansão avançava, abrindo-se novamente em um pátio em volta de uma passagem coberta, ou peristilo. No coração do pátio havia, em quase todas as residências romanas, um suntuoso canteiro que abrigava um santuário dedicado aos deuses domésticos. À direita do peristilo situavam-se a sala de jantar e a cozinha, e à esquerda mais quartos, às vezes adaptados em oficinas ou escritórios.

Quando os cavalos pararam em frente ao *domus* Shamira me despertou.

— Ablon, você precisa fazer um último esforço para caminhar. Temos que entrar na mansão.

Ao ouvir suas palavras, joguei-me para fora da sela e, não sei como, consegui ficar de pé. Reconhecendo minha fragilidade crescente, ela me amparou com um braço, e com o outro empurrou a pesada porta de

madeira. Foi nesse instante que meu senso de perigo, que eu julgava perdido, deu o último sinal de ameaça.

— Shamíra, há alguma coisa errada — insisti. — Não podemos entrar. O inimigo nos espera.

Calma e confiante, a mulher não se importou com o alarme. Fitou-me profundamente e, com um ar de ternura, beijou-me suavemente a face.

— Guerreiro, você precisa confiar em mim. Não há nada o que temer — replicou, e me encaminhou para o corredor. Flor do Leste veio atrás.

A mansão estava envolta em uma penumbra sinistra, pois o crepúsculo chegara, e não havia criados para acender as lamparinas. Cruzamos o corredor e penetramos no átrio, o aposento principal. Então, meus temores se concretizaram, e o pior aconteceu.

Uma figura esguia saiu das sombras como um rato na escuridão. Estava encostada à parede no outro extremo do átrio, bloqueando a passagem para o pátio do peristilo. Não pude vê-la com clareza, mas entendi que se aproximava devagar, ao mesmo tempo em que entoava uma fórmula mágica. Dando-se conta do perigo, a feiticeira tomou a frente, na intenção de usar o próprio corpo como escudo. Destra, Flor do Leste recuou, procurando amparo no corredor de entrada.

De repente, o átrio se iluminou com uma luz mística tremulante, e vi que as mãos do inimigo queimavam em chamas verdes. A um comando do atacante, uma bola de fogo precipitou-se da ponta de seus dedos e cruzou o aposento com velocidade espantosa, explodindo violentamente ao encontrar a necromante. Em face de tão impetuoso ataque, a roupa de Shamira reduziu-se a pó e, desnuda, ela perdeu o equilíbrio e foi atirada ao chão. Mas não parecia ferida. O punhal cerimonial que carregava sob o manto não chegou a se partire foi lançado a distância com a violência do choque.

A figura achegou-se, mas a mulher escapou. Ainda aturdida, a Feiticeira de En-Dor rastejou na direção de uma das portas laterais, que levava, provavelmente, a um quarto comum. Sem o apoio da mulher, cedi à fraqueza. A sombra se aproximou de mim, emergindo da negritude. Ergui o olhar e vi o inimigo, um homem de meia-idade, magro, alto, de pele bronzeada e nariz fino. Conservara, talvez por todos aqueles anos, o cavanhaque pontudo. Os olhos amendoados estavam levemente pintados com a mesma maquiagem usada pelos babilónicos. Só a roupa mudara, e agora o místico trajava uma túnica comprida, negra, sobre uma veste de algodão.

Era Zamir, o Feiticeiro do Deserto!

Seu rosto tornou-se mais claro ao encontrar os últimos raios da tarde.

— Você, aqui? — ele estranhou. — Pensei que o tivesse liquidado com a emboscada do bosque Tin-Sen.

Não pude responder. Os músculos entravam em convulsão pela ação do veneno.

— Felizmente — continuou — tomei alguns cuidados para que sua inesperada presença não comprometesse meu cronograma. Se bem que não vejo como poderia me estorvar — disse, percebendo minha situação terminal. Reparei que não havia nenhuma expressão de arrogância ou júbilo em seus olhos. Para ele, era como se aquele assassinato fosse uma tarefa comum, uma atividade diária, — Vou resolver minha pendência com a feiticeira, e enquanto isso decidirei o que fazer com você. É lamentável que seu sangue esteja contaminado. Seria um ingrediente formidável em minhas cerimónias.

Sem temer uma reação, o mago deu de ombros e caminhou para a porta através da qual Shamira havia entrado. Reuni energia e avancei, mas uma força imprevista me travou.

Uma parede mística e invisível barrava meu progresso, encerrando-me cm uma área restrita. Observei

então, ao olhar para o chão, que eu estava, com efeito, dentro de um círculo mágico de aprisionamento, usado pelos bruxos para capturar espíritos, mas que também funcionava com seres carnais. O anel fora desenhado com carvão e adornado por inscrições que eu não sabia decifrar. O curioso, pensei, era que tanto Shamira quanto Flor do Leste haviam pisado naquele selo e não foram retidas pela potência da magia. E logo eu, que sou um celestial, supostamente imune a esses encantos, fui pego pelo feitiço. Presumi, então, que aquele era um ritual direcíonado, executado para afetar uma entidade específica. De início, não entendi como o invocador alcançara aquele efeito, mas depois me lembrei de sua atuação no bosque Tin-Sen, quando se valeu de uma de minhas penas perdidas para concretizar o feitiço da convocação e me arrastar àquela mata infernal.

O Feiticeiro do Deserto não perdeu tempo discursando sobre sua tárica. Abriu a porta do quarto e se meteu nas trevas, perseguindo o rastro da necromante.

Como um Peixe no Anzol

O que se deu a seguir não foi presenciado por mim, e tudo o que sei foi relatado por Shamira, quando de minha segunda volta a Roma, anos depois. Naquele momento, enquanto Zamír perseguia seu plano, eu jazia agonizante dentro do selo mágico, que me aprisionava em um círculo invisível.

Ao ter certeza de que eu não poderia mais enfrentá-lo, o invocador penetrou pela porta do quarto, mas em vez de encontrar um dormitório pequeno, com uma mulher acuada e medrosa, o que viu foi uma escada estreita e rochosa, de paredes úmidas, que descia para um suposto porão. Construções abaixo do solo em casas nobres romanas eram incomuns, mas o bruxo não viu nenhum absurdo naquilo e prosseguiu sua marcha.

— Como um peixe no anzol — disse o mago para si mesmo, sem entender a atitude da mulher, que correra para um lugar de onde, seguramente, não havia saída.

A escada terminava em um aposento quadrado, de teto alto, aparentemente vazio. Era espaçoso, pois a escuridão recobria suas alcovas, e o bruxo não pôde enxergar a totalidade da sala. Encontrou, porém, aquilo que procurava: Shamira, de corpo nu, deitada de costas no chão de pedra, ainda aturdida pelo impacto do fogo verde. Este, também chamado de fogo de Xahra, não é produto da combustão terrena, como são as chamas normais. Ele queima e existe tão somente no plano astral, não no mundo físico. Significa, portanto, que as labaredas não podem ser extintas por água, vento ou quaisquer métodos mundanos. O resultado desse feitiço é no mínimo hediondo — a alma, e não o corpo da vítima, é afetada. Com o espírito destruído, toda a essência da pessoa é apagada, encontrando assim a morte final — não apenas a morte carnal, mas a conclusão terminal de sua existência.

A mulher desnuda levantou-se, com a atenção fixa em Zamir, que parara no umbral da escada, impossibilitando-lhe qualquer tentativa de fuga,

— Finalmente, minha empreitada aproxima-se de seu desfecho — disse o bruxo, reconhecendo a vitória.

— Então foi você quem assassinou Drakali-Toth? — perguntou a mulher, já sabendo a resposta.

— Assassinato não é bem a palavra. Eu, por assim dizer, o *superei* e me vi no direito de matá-lo. Depois usei o ritual do conhecimento em seu espírito e absorvi seus poderes. Não foi assim tão difícil, é verdade.

— E quanto aos outros mestres feiticeiros?

— Padeceram, devo admitir, do mesmo destino. Não eram realmente páreos para mim, mas não os recrimino. Afinal, quem é? Eu sou e sempre fui o maior mago da terra, mas sua atuação e a do Anjo Renegado em Babel sepultaram minha nação e tudo o que ela representava — ele pareceu saudoso por um instante. — Ah, feiticeira, se você soubesse o que eu tinha arquitetado para o futuro do meu país, do meu povo, naquele tempo além do mundo, além da história... Mas não entenda isso como uma vingança. Não quero parecer taxativo. Você agiu sabiamente e mereceu o triunfo.

— Você é tão perturbado quanto seu antigo rei, Zamir.

Shamira pensou ter visto um sorriso de escárnio na face do bruxo.

— Nimrod nunca foi rei de coisa alguma. Era um perdido. Eu o manipulava desde a infância. Eu era o verdadeiro governante de Babel. Quando você morrer, consumida pelo fogo verde, meu caminho estará livre novamente, e erguerei uma nova nação, sobre as ruínas da antiga. Quando minha empreitada estiver encerrada, não serei mais Zamir, o Invocador, muito menos Zamir, o Necromante, e sim Zamir, o Arquimago, ou o Grande Mago, o único mestre de todos os ramos da mágica.

A feiticeira guardou silêncio, e o bruxo continuou:

— Sei que o que vou pedir é meio estranho, mas rogo-lhe que não me julgue mal. Não sou má pessoa. Sou apenas produto da inevitável evolução humana. Afinal, somos humanos, eu e você, com a graça do Deus Yahweh.

Cansada daquelas palavras pedantes, Shamira disparou:

—Vejo que está muito convicto em seu desejo. A persistência é uma qualidade valorosa. Mas não posso dizer que lamento estragar seus planos.

O buscador franziu o cenho em uma expressão confusa. O que aquela moça indefesa queria dizer com tal explosão de bravura? Estava acabada, vencida!

— E o que vai fazer? Vai convocar seus espíritos? Vai traçar um selo no chão e esperar que eu tropece dentro? Não há mais tempo para essas coisas, garota. Sua breve aventura como feiticeira termina agora.

Em uma nova corrente de berros, o invocador cuspiu suas fórmulas mágicas, e o fogo de Xahra voltou a iluminar suas mãos, em preparação para o golpe final.

Mas, antes que desse forma à bola de fogo, as chamas que brotavam de seus dedos iluminaram o recinto, e a luz reluziu nas alcovas. Dentro de cada uma daquelas entradas na parede repousavam estátuas antigas, de ferro enegrecido, que representavam ídolos antigos, ídolos babilônicos. Eram ícones tribais, figuras de pobres e escravos, e não da alta aristocracia que governava a cidade,

Só então, ao mirar aquelas estátuas, Zamir entendeu que aquele era um santuário especialmente preparado, e que o tecido da realidade ali embaixo era incrivelmente fino. E recordou-se também da origem daqueles ídolos, inferindo, com uma pontada de terror, sua real utilidade.

— São figuras de Babel... Mas como é possível? A cidade foi engolida pela areia.

— Desde que eu soube do primeiro assassinato dos magos, há cerca de um século, suspeitei que você pudesse estar envolvido. Antes de vir para Roma, fiz uma longa viagem à Ásia e encontrei esses objetos no deserto. Eles não têm grande representatividade divina, mas tudo o que eu precisava era de alguns fragmentos da antiga cidade. Com eles, montei este santuário.

— Mas para quê? Com que objetivo? — a voz do bruxo já soava agitada.

Shamira não respondeu. Não era preciso.

Figuras astrais surgiram no ar, rodopiando como fumaça, até tomar forma. Eram fantasmas, de corpos translúcidos, intangíveis, que se sentiam muito à vontade naquele sítio recluso, onde a membrana era frágil e delgada, O santuário fora feito *para* eles.

O rosto do mago encheu-se de terror, e ele distinguiu os espectros. Aqueles eram os espíritos dos escravos que, 2.300 anos antes, ergueram a Torre de Babel. Desde sua morte física, aquelas almas estiveram presas à terra, impedidas de seguir para o céu, e assim seria enquanto vivesse o arquiteto daquela infausta construção. Os primeiros escravos de Babel, que morreram trabalhando na Pirâmide de Prata, durante o reinado de Cush, tiveram o espírito liberto quando os Filhos de Jafé capturaram o monarca e o condenaram à morte. Mas o segundo corpo de escravos, aqueles que se rebelaram durante meu ataque à capital, pereceram sem julgar seu malfeitor. Não podiam seguir ao paraíso até que essa pendência fosse resolvida, o que seria feito em instantes.

— Estes fantasmas um dia foram escravos, que morreram sob os chicotes de seus homens — explicou a necromante.

— Mas eu? — gaguejou. — Que mal eu poderia fazer a essa gente?

— Você governava Babel na época, e estes são os antigos operários da torre. Será que não os reconhece? — a simples visão dos fantasmas era dantesca. Assim como os espíritos de Enoque, esses também se contorciam, em uma eterna expressão de horror.

— Operários? Escravos? — Zamir parecia ter ficado louco. — Mas não conheço essas pessoas...

Um dos espíritos formou-se à sua frente, e ao ver a fumaça o bruxo recuou. A névoa mística revolveu, delineando o semblante de uma mulher muito velha. A bruma retraiu-se, e o rosto da idosa deu lugar à imagem de uma menina bem jovem, de pele escura, traços finos e cabelos lisos. Uma voz, que mais parecia um ruído, ressoou no porão.

— Não se lembra de mim, feiticeiro? — indagou o espectro da garotinha. Sua fala era macabra, e o sangue do mago gelou. — Sou Adnari, uma das escravas do palácio.

Era realmente possível que Zamir não se lembrasse dela, sobretudo naquele estado de estresse. Tentando refazer-se do assombro, o mago vociferou, encarando os corpos astrais:

—Vocês são apenas espíritos atormentados! Não podem me ferir, não podem me ameaçar.

A resposta de Adnari foi impiedosa:

— Não, Zamir. Aqui, neste santuário, nossos poderes são supremos!

E de fato eram. Zamir, pelo conhecimento de necromancia que assimilara ao matar Drakali-Toth, soubera disso desde o instante em que vira os fantasmas, mas custava a aceitar sua sina. Admitir aquilo era admitir a derrota e reconhecer que, pela segunda vez, fora superado pela Feiticeira de En-Dor. Não podia ser destruído! Era o maior mago do mundo. Fora o único que tivera contato, ainda em Babel, com a magia antiga, com os resquícios da magia de Enoque, com os segredos do mundo ancestral. Quem, em sã consciência, ousaria desafiá-lo? Enfrentara os grandes magos, e a todos vencera. Como poderia ser superado por uma mulher, por uma garota?

— Como um peixe no anzol — disse Shamira, replicando as palavras do buscado.

Encurralado, o bruxo tremeu. A exemplo de como agira no Mar de Rocha, ao presenciar meu ataque ao pelotão babilônico, foi completamente tomado pelo desespero. Estava perdido, e tudo o que podia fazer era fugir, correr como uma criança apavorada — não que isso fosse salvá-lo. Deu meia-volta e armou os músculos para uma disparada, tencionando galgar a escada e deixar o santuário. Se pudesse sair do porão, estaria livre! Os fantasmas não poderiam molestá-lo lá fora, onde o tecido era espesso.

Mas, antes que iniciasse a corrida, os espectros atacaram.

As formas translúcidas se uniram e fecharam um anel de brumas, que o envolveu. Outros bloquearam a saída, formando um muro de névoas. Uma terceira massa o agarrou. Os braços espectrais atravessaram-lhe a carne e encontraram o espírito do feiticeiro. Os dedos astrais afiaram-se em garras e puxaram a alma do inimigo para fora do corpo. A cabeça espiritual saiu primeiro, mas o invocador resistia, segurando-se como podia à sua carcaça mundana. Os olhos reviravam de dor, e a boca abriu-se em um grito medonho, até que toda sua alma foi sugada. As brumas a engoliram, e o espírito do bruxo desapareceu na fumaça.

No plano físico, o corpo tremulento parou e retraiu-se no chão. Iníciou-se então um espetáculo horrífico, monstruoso. A pele do defunto começou a se enrugar com rapidez incrível, e o cadáver murchou. Os globos oculares se desfizeram, e os fios de cabelo cresceram. No momento seguinte, os tecidos cederam, e os órgãos atrofiaram. A epiderme colou-se aos ossos, até secar. Depois, o crânio, os dentes e os ossos se esfarelaram, e por fim tudo foi reduzido a pó. Ao beber o sangue da renegada Ishtar, Zamir prolongara sua vida além do limite, de maneira não natural. Ao morrer, os séculos vieram reclamar seu legado e cobraram, em segundos, tudo o que lhes era devido.

Ao fim desse episódio aterrador, os fantasmas sumiram. Estavam livres para sempre.

Assim morreu Zamir, o Buscador, e com ele o que restava da Babel legendária, aquela cidade maldita.

Além do mundo, além da história...

Uma Estrada Marcada de Sangue

Shamira não perdeu tempo. Subiu a escada aos tropeções e voltou correndo ao átrio. E lá estava eu, estirado no chão, ainda preso pela parede invisível.

A noite chegara fria, trazendo em seu manto a anunciação derradeira. Aos poucos, a vida se apagava. O coração, cansado, batia lentamente, afogado na peçonha assassina. Não conseguia me mexer. Todos os músculos faleceram, mas ainda me restavam os débeis sentidos.

O veneno vencera.

A necromante surgiu no átrio, e pensei que aquele fosse um último delírio. Não imaginava que ela pudesse enfrentar Zamir, muito menos vencê-lo, mas ela podia. Ela pôde. Talvez *sempre* tivesse podido. A feiticeira estava viva, ilesa, e aquele era meu desejo final. Minha missão havia sido concluída.

Shamira atravessou o círculo mágico, ao qual era imune, e me abraçou. Flor do Leste e Shamira estavam salvas. Quanto a mim, sempre soube, desde o combate com as rapinas, que a toxina me perseguiria até a

morte — então por que insistia em me agarrar à vida? Por que relutava em me entregar ao vazio?

Tentei abrir um dos olhos e vi o rosto alvo da necromante. Ela chorava. Mais atrás, uma silhueta pequena soluçava no escuro. Era Flor do Leste.

— Ablon, resista — implorou a mulher. — Você não pode morrer. Você não *vai* morrer.

— Cumpri minha missão, feiticeira, ou pelo menos parte dela. E estou orgulhoso por isso. Nós, anjos guerreiros, somos assim. A morte é só o fim da demanda.

Uma nova torrente de lágrimas desceu pela face macia.

— Como vou viver sem você, renegado? Você salvou minha vida. Deu-me uma nova chance. E agora, o que vai acontecer?

— Agora você seguirá sozinha, Shamira. Minha estrada está coberta de sangue.

Não!— ela dizia com o olhar. Não queria me deixar partir, não queria que *eu* a deixasse. Sua força de vida era extrema, sublime. Sem ela, teria me deixado levar pela noite, para o eterno vazio da existência. A unidade do cosmo clamava por mim. Mas o universo podia esperar.

Em uma atitude inesperada, a feiticeira esticou o braço, e em um canto escuro encontrou sua adaga mágica, que caíra do manto quando a bola de fogo a sacudira. Com um movimento de punho, que mais parecia uma dança, aproximou o punhal de meu corpo. Por um momento, não entendi o que pretendia fazer.

—Você tem que resistir, guerreiro. Não pode morrer — repetiu, decidida, engolindo as lamúrias que derramara havia instantes.

Com a mão direita, ergueu a faca, preparando um ataque. Com a outra, esfregou os dedos acima das costelas, e entendi o que procurava: meu coração.

— Ablon, aguente! Você não *vai* morrer — ela disse por fim. — Eu o amo.

Antes que eu pudesse reagir, senti uma estocada perfurar-me o peito. A lâmina atravessou minha pele e rasgou a veia cava um centímetro abaixo do músculo cardíaco — a precisão da incisão fora perfeita. Ouviu-se um ruído abafado, do metal a penetrar a carne. Por um longo e inesquecível segundo, nada aconteceu. No momento seguinte, o jorro de sangue.

Um esguicho intermitente de plasma e veneno espirrou para cima, manchando o chão do pátio e cobrindo de rubro os mosaicos do ladrüho. Uma poça grande avançou pelo solo, inundando os desenhos de carvão que demarcavam o selo mágico.

Não me lembro de ter visto mais nada depois disso.

A consciência apagou-se.

Trinta Anos

A sensação era a de ser dragado, puxado para baixo com velocidade assombrosa. Uma força não inferior à divina levou-me ao poço mais fundo do abismo, e então fui solto. Senti meu corpo flutuar, depois subi, subi sozinho, leve, até emergir, rasgando com o rosto a membrana aquosa.

Uma nova miríade de impressões, já esquecidas, despertou-me à vida. O cheiro gostoso do ar encheu meus pulmões, trazendo um turbilhão de aromas intensos. Senti, novamente, a fragrância das flores que coloriam a primavera, o gosto da chuva, o perfume da terra. Estava vivo de novo, ou essa era a zona além da escuridão, o caminho depois do crepúsculo?

A luz era fraca, indireta, mas era fácil enxergar — meus sentidos apurados haviam retornado, e podia ouvir murmúrios através das paredes. Abri os braços e entendi que estava comprimido em um espaço lateral, como que confinado em um caixão destampado. Só o teto figurava distante, e era alto, escuro, todo de rocha calcária. Dobrei a coluna, procurando me sentar.

Ao divisar o ambiente, percebi que estivera deitado em um sarcófago, ou assim parecia, coberto até a borda com um líquido incolor, misturado a nódoas vermelhas de sangue. Na superfície da água flutuavam fragmentos picotados de plantas, ou melhor, ervas, ervas de odor penetrante. O caixão estava pousado no chão, ao centro de uma sala vazia, cingida por alcovas onde repousavam estranhas estátuas de ferro. Em um dos cantos havia uma passagem em arco e uma escada que subia reta. Não era uma sala, e sim uma câmara subterrânea. Era úmida, e pela pressão da atmosfera eu sabia que estava poucos metros abaixo do solo. Imaginei que permanecera imerso naquele líquido aromático por um dia inteiro, porque já era de manhã. Raios de sol invadiam a passagem, desenhando imagens de luz no soalho da sala.

Mas eu não era o único a ocupar aquele enigmático recinto. Uma mulher estava de guarda, encostada à parede, como uma das figuras de ferro, quase imóvel. Com passos miúdos, chegou mais perto ao me ver levantar. O andar e o cheiro da pele não deixavam dúvidas — não era Shamira, mas então quem seria? Com minha visão aguçada, reparei que era baixa, magra e tinha belas feições orientais, a despeito de sua *stola* romana. A marca da idade já pesava sobre ela, *e* calculei que passara dos 40 anos, apesar dos modos delicados e do olhar de menina. Só uma pessoa me fitava daquele jeito.

— Flor do Leste? — exclamei, ainda rouco pelo despertar.

Eu não me enganara, e como poderia? Aquela era Flor do Leste, a pequena chinesa que conhecera no Extremo Oriente, ao ser levado pela caravana dos gregos. Mas o que acontecera com ela? Não era mais uma menininha, e sim uma mulher.

— Aguardávamos pela sua recuperação, general — disse alguém que descia as escadas.

— Shamira — murmurei, agarrando-me às laterais do sarcófago. — O que aconteceu por aqui?

A feiticeira encarou Flor do Leste e depois voltou-se para mim.

— A magia ancestral e a medicina chinesa o trouxeram de volta — explicou. — Mas o verdadeiro mérito não é nosso. Eu disse que você não morreria. É muito forte para sucumbir ao ataque de qualquer espírito.

— Mas e o veneno?

— Foi expulso de seu corpo, absorvido pelas ervas que flutuam na água — ela apontou para o caixão, e só então notei que meu peito estava coberto por pequenos talhos, cortes superficiais através dos quais a toxina devia ter saído. — Você foi purificado durante o tempo em que esteve dormindo — e então a necromante olhou para a chinesa, reparando em sua aparência madura. — E esse período, devo dizer,

não foi curto.

— Então está explicado. Foi por isso que achei que Flor do Leste tinha envelhecido. Mas fui eu que estive em letargo, suspenso enquanto meu organismo se recompunha.

— Qualquer vestígio da peçonha poderia vitimá-lo mais tarde, assim todo seu sangue teve de ser renovado. Uma recaída seria fatal. Estudei esses espíritos e investiguei a trama de Zamir. Descobri que o veneno do escorpião pode ser contido, mas dificilmente é expelido. Ele permanece latente até que um novo episódio o desperte. Os efeitos voltam de repente e são ainda mais devastadores.

Hibernando. Eu entrara em um tipo de hibernação natural, pela segunda vez. Talvez aquela fosse uma defesa inerente, um jeito de meu corpo responder ao perigo. Mas por quanto tempo dormira? Não havia de ser dias nem meses, mas anos, muitos anos. O que teria acontecido naquele período? A quantas andava o mundo?

Ainda levemente tonto, levantei e saí do sarcófago, enquanto os últimos resquícios de sangue contaminado escorriam pela pele. Já podia sentir a potência dos músculos voltando e o palpitar ritmado do coração — definitivamente, a debilidade sumira. Eu estava vivo, forte, curado, graças àquelas duas mulheres, que dedicaram tudo o que tinham para me salvar do vazio. Nada que eu fizesse poderia compensar aquele ato de amor. Em vez disso, dediquei um olhar de agradecimento à chinesa e depois a Shamira. E aí, ao reparar em sua pele macia, recordei-me daquele último instante, antes do golpe da faca, e do que ela havia me dito.

— Shamira, antes que eu entrasse em torpor, você me disse...

Ela interrompeu minha frase:

— Ablon, não há tempo para isso agora. Você precisa completar sua missão.

Minha missão! Nathanael, Jerusalém, a Criança Sagrada! Eu deveria ter ido ao encontro do ofanim e de seus anjos, depois de avisar Shamira sobre Zamir. Será que ainda havia chance de perseguir minha demanda?

— Flor do Leste me contou tudo o que sabia sobre sua empreitada — explicou a necromante. — Ainda há tempo, mas você precisa correr. Os legionários que servem na Palestina chegam ao porto de Ostia com notícias sobre esse homem, que se diz rei dos judeus. Suponho que seja esse o Salvador que procura. Mas você tem que partir imediatamente, pois ele corre perigo.

Sim, mas será que eu poderia ajudá-lo? Sozinho, certamente não. Imaginei como seria alguém com poder celestial e dotado de livre vontade. Que ente magnífico devia ser. Estaríamos o coro de Nathanael e eu à altura de defendê-lo?

— Por quanto tempo dormi?

— Trinta anos se passaram.

— Então não há um minuto sequer a perder — retruquei, prontamente recomposto.

As duas mulheres me conduziram ao átrio, ao fim da escada que deixava o porão. Era primavera de novo, e o sol refletia nas telhas. Ouvi o som do comércio a distância e concluí que as lojas em Roma

acabavam de abrir. Não devia passar das sete horas da manhã. Dali eu as acompanhei ao *tablinium,* a sala de recepção, um aposento de portas largas nos dois extremos. Uma delas abria-se ao átrio, e a outra dava passagem ao pátio adiante.

Quatro divãs decoravam a sala, e sobre um deles jazia uma peça de roupa. Flor do Leste ofereceu-me o tecido, e compreendi que era um presente, feito por ela. Parecia um quimono chinês, mas fora confeccionado em linho e depois tingido de preto. A camisa era fechada até a gola por pequenos botões de barbante, com comprimento que descia à altura das coxas. As calças escuras eram da mesma fazenda, e um par de botas de couro dava um aspecto atemporal à singular vestimenta. Ao lado do traje descansavam duas braçadeiras de cavaleiro, semelhantes àquelas que eu adquirira na cidade deTurfan, nos limites da China. Não era uma roupa soberba, mas era prática e resistente. A chinesa conhecia minhas preferências.

Lavei-me em uma tina comum e aparei a barba antes de me vestir.

— Os cortes em meu corpo sararam — reparei, antes de fechar o quimono.

— Suas habilidades regenerativas estão agindo de novo. Estão agora no auge de seu poder — explicou Shamira.

Pouco antes das oito horas, a feiticeira me levou para fora, e ao lado de uma das paredes externas do *domus* havia um aposento anexo, que dava para a rua. Muitos proprietários romanos alugavam o espaço para lojistas, mas a necroman-te o usava como estábulo e depósito. Ali descansavam cinco cavalos, todos selados, e Shamira me ofereceu um deles, uma égua marrom.

— Chama-se Selene e é adestrada. Siga por terra até Ostia, depois deixe-a solta no campo. Ela conhece o caminho de volta. Há um navio que parte para o Oriente ao entardecer, e você ainda poderá tomá-lo — ela me ofereceu uma algibeira de moedas. — Você não precisa mais de comida, mas leve dinheiro. A passagem é cara, mas aí há o bastante para toda a jornada.

— Você pensou em tudo, não foi?

— Tive um bocado de tempo para isso — respondeu, com um sorriso agradável.

Aceitei a oferta e montei no cavalo. Mas, antes de sair em disparada, Shamira me chamou. Tinha um pequeno embrulho nas mãos, um pedaço mínimo de veludo descolorado.

— Pegue isso, Ablon — desenrolei o pano e ali havia uma pena manchada de sangue. — É sua. Zamir a usou para preparar o encanto que o aprisionou no círculo mágico, naquela noite do ataque à minha casa.

Devolvi o objeto com certa repugnância. Um pedaço de mim utilizado como ingrediente em rituais profanos... Aquela idéia me deixava enojado.

— Destrua isso para mim. E vamos torcer para que não haja mais delas perdidas por aí.

— Não acho que existam. Se houvesse, Zamir as teria usado. Comandei o animal, e ele ganhou a calçada. Mas, antes de acelerar o trote,

dei-me conta de que dekava minhas duas salvadoras sern ao menos lhes dizer uma palavra de adeus.

— Shamira, Flor do Leste, sinto ter que deixá-las assim.

— Não há o que sentir, guerreiro. Você tem uma missão a cumprir. Uma legião o espera — replicou Shamira, em tom épico.

Assenti com a cabeça.

— Mando notícias quando chegar a Jerusalém, nem que tenha que enviar um mensageiro pelo mar.

Ela concordou e, com um aceno de mão, despediu-se de mim. Sabia, talvez melhor do que eu, a urgência de minha viagem.

Soltei a rédea da égua, e a montaria disparou pelas ruas.

Óstia e Cesareia

A cavalo, cruzei a Porta Latina, uma das principais saídas da cidade, e tomei o rumo pela Via Ápia, a maior das estradas romanas. Prossegui pelo campo o mais rápido que pude, observando os gigantescos aquedutos sobre os arcos de pedra, que cortavam as fazendas e convergiam como viadutos em direção à metrópole. Antes do meio-dia, a Cidade Eterna já figurava distante.

Tomei um navio que saía de Óstia e embarquei em uma viagem tranquila, dessa vez como passageiro, e não como escravo.

A cidade portuária central da Palestina era Cesareia, onde aportamos dias depois. A Jóia do Mediterrâneo, como era chamada, fora construída por Herodes, o Grande, rei da Judeia, em homenagem ao imperador César Augusto, e rapidamente se tornou o maior centro romano da região. O porto de Cesareia era provavelmente a obra de engenharia mais magnífica de Israel, com suas muralhas que avançavam mar adentro, formando uma piscina natural e segura para os navios atracarem. O portão marítimo por onde entravam os barcos era ladeado por grandes estátuas de mármore, e mais adiante avistava-se a torre do farol, muito menor e mais modesta que a de Alexandria.

Era o mês de abril, certamente o mais agradável de todos, quando a estação das chuvas já tinha terminado, e o calor ainda não era tão forte. As vias, que se enchiam de lama no fim do inverno, estavam secas de novo, e, apesar do clima árido, característico naquela parte do mundo, a grama rala crescia.

Em vez de prosseguir pela estrada mais curta, que me levaria diretamente à parte alta de Jerusalém, achei melhor me desviar para o sul, porque a passagem era vigiada por sentinelas astrais, invisíveis aos olhos humanos. Eu não tinha certeza de que lado eles estavam, então achei prudente adentrar os portões, procurar Nathanael e só então revelar minha presença. Assim, optei por contornar o monte das Oliveiras e penetrar na cidade pelo outro lado, pela entrada principal.

Ao amanhecer daquela sexta-feira, 7 de abril, cheguei à Betânia, uma aldeia situada no sopé do monte, e ao meio-dia já dominava o cume do morro. Era um dia claro de primavera, sem nuvens no céu, e a temperatura esquentara. Do alto podiam-se ver as águas do mar a distância, terminando em uma curvatura que só o horizonte alcançava. Abaixo, prosseguindo a estrada, o vale do Cédron formava uma falda profunda, como o leito seco de um rio, e além dele meu objetivo final: Jerusalém.

Altos muros cercavam a cidade, que então se dividia em quatro partes: a cidade baixa, a cidade alta, os subúrbios e a área do templo, cuja principal construção era o Templo de Herodes, sede do conselho de sacerdotes e ponto fundamental da fé judaica. Para lá convergiam as preces de todos os israelitas do mundo, um santuário que, em outros tempos, abrigara a maior relíquia de seu povo: a Arca da Aliança. O templo era um edifício alto, imponente, de umbrais adornados por placas de ouro e prata. Ficava ao

centro de uma série de pátios, circundados por um muro de treze metros de altura. A Casa de Deus, assim referida pelos fiéis em seu tempo, estava sob o controle do sumo sacerdote, que era também o oficial que presidia o Sinédrio, um concílio de figuras ilustres, de especial destaque na cidade.

Uma língua de fumaça subia do pátio interno, onde uma pira ritualística queimava objetos de oferenda. Ao norte, as torres da Fortaleza Antônia — residência do procurador romano — apontavam para o céu, e a oeste, encostado às muralhas da cidade alta, destacava-se o Palácio de Herodes, então habitado por seu filho, Herodes Antipas.

Tomei o caminho que levava à ponte de pedra sobre o vale, certo de que estaria no interior da metrópole antes do cair da noite. Um fato inesperado, porém, frustraria meus planos, e eu seria protagonista de um evento no qual só encontraria lógica dois mil anos depois.

No monte das oliveiras

Eram cinco horas da tarde e o sol estava morrendo. A lua em quarto minguante já despontava no leste, quase imperceptível, desafiando o brilho da tarde. Continuei pela estrada principal, até que pressenti novamente a presença das sentinelas — com meus olhos de anjo eu podia vê-las através do tecido. Querubins armados com espadas e armaduras estavam em toda parte, preparados para defender o perímetro. Guardavam o topo das muralhas, os portões, os arredores do templo, os tanques e aquedutos. Muitos voavam em esquadrilha, protegendo a cidade de cima. As legiões aladas desciam por vezes, formando um cinturão de defesa e bloqueando o acesso à metrópole.

— Não pensei que fossem tantos! — sussurrei para mim mesmo, estonteado com o contingente.

O caminho regular que descia o monte — uma estrada romana bem conservada — era intransponível, tamanha a quantidade de soldados celestiais que a vigiavam do mundo espiritual. Optei por deixar a via e seguir por uma trilha sem marcações, que cortava as plantações de oliveiras. Essa era uma área rural, embora colada à cidade, e ficava deserta quando a noite caía.

Permaneci oculto entre as sombras das árvores até o sol se pôr e depois prossegui pela vereda. Mas antes de descer o vale do Cédron, que era uma depressão escarpada na época, notei que estava sendo observado e que fora enfim descoberto. Meu andar sorrateiro era apurado, mas não o bastante para enganar vigias treinados.

Não adiantava mais me esconder, e não era de meu feitio fugir. Ademais, por que fugiria? E se aqueles anjos fossem amigos de Nathanael? Poderiam me prestar assistência e me levar até ele. E, se fossem inimigos, eu não tinha receio de combatê-los. Afinal, não era para isso que estava ali?

O tecido da realidade tremeu com um abalo estrondoso, indicando que alguma criatura de poder desmedido acabara de se materializar. Eu estava cercado por árvores, e a vegetação impedia a visão, por isso fiquei alerta, esperando por um ataque furtivo ou por uma saudação amigável.

Um anjo guerreiro, forte em sua couraça de ouro, apareceu no caminho. A espada estava embainhada, e não se mostrava agressivo. Não materializara as asas, o que demandava um esforço tremendo, e naquelas condições qualquer transeunte o tomaria por homem comum, assim como eu costumava ser confundido. À luz prateada da lua, eu o reconheci e identifiquei, na armadura, o símbolo da legião que, havia milénios, eu chefiara.

Baturiel era, assim como eu, um querubim, um lutador implacável, que servira sob minhas ordens na Legião das Espadas, divisão que eu comandava antes da conjuração. Mas de que lado ele estava? Teria simpatizado com a causa de Nathanael ou preferido se juntar a Miguel, para matar o Iluminado? O que mais me intrigava, porém, não era isso. O poder incomensurável que eu sentira havia poucos minutos não provinha do lutador adiante — era muito mais sublime e possante.

Cheguei mais perto, ainda cauteloso, mas a expressão do guerreiro era impassível. Estava rijo, como que montando guarda, e não arredava pé do caminho. Compreendi que seria eu a tomar a iniciativa.

— Procuro por Nathanael, o Mais Puro — anunciei. O semblante do guarda não se alterou.

— Não posso deixá-lo passar. Tenho ordens extremas de defender o morro. Diante daquilo, concluí que não era meu aliado.

— Não quero ter que lutar com você, Baturiel. Mas também tenho uma missão a cumprir.

— Não lutará comigo, general — ele rebateu, e vi que apontava para o lado, indicando um segundo anjo que chegava.

O novo soldado portava um arco dourado e com ele preparava uma flecha, uma seta mortal, dirigida ao meu coração. Era Varna, general da Legião dos Arcos, uma mulher-anjo, como eram todas as arqueiras querubins. Vestia uma camisa de malha metálica, ajustada ao tamanho dos seios. Seus cabelos eram longos, castanhos, e os olhos, afiados como os das águias em caça. Seu ar era sério, compenetrado, e não vacilava um instante sequer. Rápida como uma cobra, apontou o dardo, mas aguardou o comando.

— Varna nunca errou uma flecha — ameaçou Baturiel. — Você é um anjo renegado, está preso ao mundo físico. Se seu coração for destruído aqui, no plano material, estará acabado.

Estaquei e analisei o impasse. Li, no rosto do guerreiro, que ele não estava seguro. Não queria me ferir, não queria dar o comando de ataque. Na verdade, havia um brilho em seus olhos. Algo dentro dele ainda admirava meus feitos. Eu ainda era, mesmo distante, seu líder em armas.

A situação chegara a um ponto crítico. Os dedos de Varna começavam a sangrar em contato com as cordas tensas do arco. Ela precisava disparar, ou pôr abaixo a arma. Estávamos, os três, imóveis, e eu aguardava uma oportunidade para avançar. Mas ali se encontravam anjos de grande poder, entre eles dois generais, e nenhum de nós estava disposto a ceder. A crise, contudo, seria resolvida em instantes.

Um quarto anjo, também travestido de homem, apareceu no meio dos dois. Não materializara as asas — não via necessidade de fazê-lo. Vestia-se discretamente, com uma túnica longa, cinzenta, mas sua presença era sublime. Os cabelos cor de mel, normalmente presos em trança, estavam soltos e desciam pelo corpo magro e forte. A aparência era serena, e o poder de sua aura, magnânimo. Aquele não era um anjo comum.

Diante de mim encontrava-se um arcanjo — Gabriel, o Mestre do Fogo. Nada mais era preciso dizer. Aquele era o meu fim, terminaria ali. Um anjo renegado, descoberto por um arcanjo, seria rapidamente eliminado. Não teria nenhuma chance contra aquele gigante, uma das entidades de maior poder no universo, superado apenas por Miguel, Lúcifer e pelo próprio Yahweh. Não trazia sua armadura de ouro nem sua espada mística, mas também não era preciso. Mesmo confinado à carne de um avatar, era invencível, praticamente indestrutível.

Mas, em vez de me atacar, ele avisou:

— Vá embora, Ablon. Estamos resolvendo um problema de família aqui — sua voz era quase uma música, uma melodia suave, que a qualquer momento poderia estourar em acordes violentos.

— Não posso recuar, Gabriel, não agora — conservei minha honra. — Não depois de tudo o que passei para chegar até aqui. Não depois da palavra que dei.

O arcanjo moveu a cabeça, já sabendo que eu não desistiria tão fácil. Cedendo à minha teimosia, fez um sinal, e Varna recolheu a seta.

— Deixe-nos. Eu resolvo isso.

E, ao seu comando, os dois anjos saíram. Quando os oficiais deram as costas, alertei Baturiel para o erro que eu acreditava que estivesse cometendo.

— Baturiel, nunca pensei que estivesse no meio dessa sujeira — disparei.

— Não é o que parece, general.

Uma vez sozinhos, na negritude da noite, em meio às oliveiras do morro, julguei ter chegado a hora de meu extermínio, mas o Mestre do Fogo me surpreendeu novamente.

— Sei do seu encontro com Nathanael, da casta dos ofanins — revelou o arcanjo.

— O que fez com ele, Gabriel? — endureci.

— O Mais Puro está em uma missão delegada por mim, se é o que deseja saber.

— Nathanael jamais lhe obedeceria.

O Mestre do Fogo sorriu, reparando que meu sangue fervia e que eu me segurava para manter o controle.

— Nathanael já me obedeceu uma vez, na época do dilúvio. Não é a primeira vez que o Mais Puro participa de uma missão ordenada pelos grandes. Você, que é tão amigo dele, devia conhecer melhor os seus louros. Pensei que soubesse de toda a história, mas agora entendo o que se passa. Seu ódio pelos arcanjos o impede de enxergar a verdade.

Eu já havia me lançado em missões suicidas antes, por minha própria vontade. Daquela vez, todavia, não tinha escolha. Seria liquidado, então por que não morrer lutando? Haveria honra maior para um anjo renegado do que perecer em combate com um dos arcanjos?

— Está mentindo, Gabriel! — acusei. —Tenho uma demanda a cumprir e entrarei nessa cidade, ou morrerei tentando.

— É imprudente, meu jovem — não havia muitos que pudessem me chamar assim. Gabriel era um deles. Os arcanjos são anteriores à luz; foram criados alguns bilhões de anos antes dos anjos comuns.

Concentrado, ajoelhei-me sobre a grama macia do monte e vali-me de meu poder máximo para invocar a Ira de Deus. Não sabia se minha técnica de combate poderia prostrar um arcanjo, mas era a hora de tentar tudo de que dispunha.

— Gabriel, Mestre do Fogo, já travei inúmeros duelos e não me envergonho de dizer que, em alguns deles, conheci a derrota. Na maioria das vezes, porém, saí vencedor. Não sei qual será o desfecho deste combate. Tudo o que sei é que, esta noite, serei seu oponente, sob essa lua que nos espia do leste.

Tomei uma distância segura do Mestre do Fogo e avancei em carga, com toda a potência a queimar meu sangue. Mas, ao perigo do ataque, o arcanjo não se mexeu. Com o punho direito, preparei-lhe um soco no rosto, e executei um golpe perfeito, brilhante. A precisão do assalto poria qualquer um a nocaute, mas meu embate foi interrompido por um tipo de telecinesia. Um campo de energia mística frustrara a trajetória do murro, e eu agora tentava vencê-lo, sem sucesso. Gabriel não precisava tocar em nada para projetar sua força, que era descomunal, muito maior do que eu poderia imaginar. Era como se eu estivesse enfrentando um deus, e a diferença de poder entre nós revelou-se abissal.

— O que há com você, general? Sua potente Ira de Deus, ou seja lá como os querubins chamam essa técnica, não é tão grande quanto pensava, não é? Seus inimigos devem fraquejar diante de tão inofensivo ataque — ele falava como um mentor, e não como um inimigo.

— O que está fazendo, Gabriel? — rosnei, empregando toda a força para vencer o magnetismo que circundava o inimigo.

— Recue, guerreiro. Meu objetivo não é machucá-lo — advertiu.

— Nunca — insisti, e com um novo empurrão tentei afrontá-lo.

Quanto mais eu arremetia, mais a força invisível me empurrava para trás, e, quando investi com novo estalar de fúria, a barreira mística reagiu, e fui lançado para longe com violência implacável. Meu corpo foi arrojado como projétil, abrindo uma vala em sua trajetória, destruindo árvores e espalhando estilhaços de rocha por centenas de metros. Nunca, em toda minha vida, fora vítima de uma ofensiva tão brutal.

Aturdido, escorei-me nas laterais da cratera para me levantar, em meio à poeira que dominava o buraco.

Tentei olhar adiante e vi a silhueta de Gabriel ereta sobre um pedaço de rocha. Se pudesse pegá-lo naquele segundo, desprevenido, talvez conseguisse acertá-lo.

Com a habilidade de um querubim, saltei para fora da cratera como um gato na noite e desci com a mão fechada para assaltar o arcanjo. Mas minha destreza e rapidez superiores de nada serviram. O Mestre do Fogo executou um curto movimento de punho, e eu, ainda no ar, fui paralisado por sua telecinesia. Imobilizado, como que flutuando em uma esfera energética, eu estava totalmente sibmisso, sem poder mexer um músculo que fosse. Não conseguia nem mesmo falar.

Gabriel demonstrou que sua paciência acabava. Ao esticar de um braço, a esfera me projetou novamente, mas dessa vez estabilizei o empuxo e aterrissei rolando sobre um sítio de pedra. No último instante, porém, um tropeção me jogou ao solo, e caí prostrado a centímetros de um precipício. A queda dali era assustadora, mesmo para alguém como eu, que pulava e escalava com perfeição superior à humana.

O arcanjo, observei, movia-se à velocidade de seus golpes. Quando o procurei com o olhar, enxerguei o Mestre do Fogo já em meus calcanhares, flutuand mesmo sem asas a um metro do chão. Devia ser sustentado pela mesma forcai magnética que o envolvia.

— Está derrotado — proferiu. — Não tem a mínima chance de me vencer em combate. Basta um simples movimento meu, e será jogado ravina abaixo. Agora, aceite seu destino e faça o que digo. Vá embora enquanto há tempo.

Recompus-me devagar, porque conhecia a periculosidade de suas ameaças. Encurralado, preferi levá-lo ao diálogo.

— Se sabe que Nathanael veio até mim, então conhece o valor de minha missão — ele se mostrou impassível. — Por que faz isso, Gabriel? Por que me impede de zelar pelo Iluminado?

Flutuando, o Mestre do Fogo recuou uns dois metros, possivelmente para demonstrar uma disposição pouco agressiva.

— Você não entende, general — havia angústia em suas palavras. — Sua demanda não tem mais serventia.

Minha missão, arruinada? O que poderia levá-la ao fracasso, senão minha morte? Será que eu chegara atrasado para encontrar o Sagrado com vida? Ou teriam os arcanjos destronado os defensores do Menino?

— Então, o Salvador está morto? — sibilei, perdido em devaneios.

— Não, ainda não. Ele foi condenado. Não por mim, nem por Miguel, nem por qualquer um dos celestiais, mas por sua própria gente. O Salvador foi condenado pelos homens, e contra isso nada podemos fazer.

Fiquei em silêncio, avaliando a idéia. Será que o Mestre do Fogo mentia? Não, não precisava... Poderia me matar com um piscar de olhos, então por que sustentar uma farsa? Como que adivinhando meus pensamentos, o arcanjo completou:

— Não é você mesmo que sempre diz que não devemos interferir no arbítrio dos mortais? Não foi por isso que se insurgiu contra nós? Não foi por esse motivo que levantou armas contra os arcanjos?

— Mas isso é diferente, Gabriel... — articulei, sem calcular bem as palavras.

— O Iluminado, apesar de seu poder e sabedoria, é homem também. Diferentemente de nós, foi agraciado com o livre-arbítrio, como todos os seres humanos. O Salvador escolheu seu próprio martírio. O fato está consumado. Agora, só *eu* posso ajudá-lo, mais ninguém.

Seguiu-se à revelação do arcanjo uma profunda tristeza, e senti que ambos compartilhávamos de igual amargura. Por um minuto, enquanto o vento do deserto soprava sobre a ravina, nada foi dito. As casas e fortalezas de pedra, na cidade de Jerusalém, resistiam às trevas corno pontinhos de luz, imitando as estrelas no céu.

Foi então que Baturiel, o querubim de couraça dourada, retornou, quebrando o silêncio. O oficial chegou caminhando, e sobre os ombros de seu líder lançou a notícia:

— Mestre, nosso mensageiro no Calvário acaba de chegar — ele abaixou a cabeça em sinal de respeito. — O Salvador morreu.

— Esse problema será contornado — devolveu Gabriel, como se já tivesse calculado todas as saídas possíveis. Detinha, seguramente, controle total da situação, e imaginei que o Mestre do Fogo previra cada instante daquela odisseia.

Baturiel recuou, e o arcanjo voltou-se à minha presença.

— Como percebe, há muito que fazer, general, Deve partir agora — determinou, em um comando final. — E inútil tentar furar o bloqueio. A cidade está cercada, no mundo físico e no espiritual — e, confiando na dignidade de um guerreiro vencido, deu de ombros e preparou-se para deixar a cena de batalha.

Eu estava estupefato. Tivera um encontro com Gabriel Arcanjo, fora derrotado e seguia com vida. Alguma coisa não se encaixava.

— Espere, Gabriel — trepliquei. — Por que me deixa livre? Sou um renegado, um proscrito, e você, um arcanjo, um executor, um gigante.

Ele respondeu à minha pergunta com uma resposta profética:

— Antes que o sétimo dia alcance seu fim, nós nos encontraremos mais uma vez. Por ora, siga em paz seu caminho — concluiu, evocando a frase emblemática do Mensageiro.

Tudo o que queria saber era o paradeiro de Nathanael e o destino do Salvador. Mas, se o Mestre do Fogo dissera a verdade, o Iluminado estava morto, e com isso minha demanda desfazia-se ali. Não tinha certeza se as palavras do arcanjo eram verdadeiras ou não, mas minhas opções se esgotaram.

Gabriel flutuou sobre o rochedo até o fundo da ravina e lá desmaterializou seu corpo físico, passando como espírito ao plano astral. Mais uma vez, a transferência planar abalou o tecido, dissipando uma onda colossal de energia. Depois, eu o vi através da membrana, voando em direção à cidade.

Um Último Beijo

Três meses depois do meu fatídico encontro com o arcanjo Gabriel no monte das Oliveiras, regressei a Roma, levando pessoalmente a Shamira as notícias que prometera ao partir. Nem ela, nem Flor do Leste, nem eu mesmo esperávamos que eu retornasse tão cedo, mas, devo admitir, foi aprazível voltar à casa da feiticeira, um recanto seguro, um mundo à parte dos perigos que me espreitavam em viagem.

Em julho, o calor na Cidade Eterna atingia níveis insuportáveis, e muitos aristocratas da época deixavam suas mansões na capital para passar uma temporada na *villa,* a propriedade rural fora dos muros da metrópole. Mas Shamira não tinha terrenos no campo, só o *domus* na capital, e lá permaneceu por todo o verão, estudando fórmulas mágicas e esperando por meu relato.

Por uma semana inteira, descansei no aconchego daquela casa arejada, meditando no pátio do peristilo, banhando-me às vezes no lago artificial do centro do átrio e travando com a necromante discussões que varavam a noite, sobre toda sorte de acontecimentos, celestiais e mundanos. Era agradável conversar com ela, não só pela variedade de assuntos que partilhávamos, mas porque simplesmente sabíamos *ouvir* um ao outro. Por muitas vezes, desejei ficar para sempre na companhia da moça, quis que o mundo parasse para que tivéssemos nosso tempo, um eterno momento de paz.

Mas o mundo não para.

Enquanto eu estivesse ali, junto delas, Shamira e Flor do Leste correriam perigo, assim como correram Tales, Tommaso e todos os humanos e anjos que eu trouxe para o seio de minha vida fugaz.

Em um de nossos infatigáveis diálogos, a feiticeira me contou o que acontecera no mundo dos homens enquanto eu estivera dormindo. Contou-me também sobre seu duelo com Zamir, antes de eu cair em torpor. Eu, por minha vez, relatei minha viagem à China e meu encontro com Nathanael perto da muralha. Discorri sobre minha visita a Enoque e sobre o reencontro com o capitão Hazai. Por fim, detalhei meu embate com Gabriel.

— Mas então você não encontrou o anjo Nathanael? — perguntou Shamira, no pátio do *domus*.

— Essa história ainda me instiga. Gabriel disse-me que o Mais Puro estava em uma missão delegada por *ele,* mas não falou qual era essa missão. Estou certo de que Nathanael não mentiu para mim quando

disse, ainda na China, que integrava um grupo que pretendia salvar o Iluminado. Então como poderia estar no mesmo partido de Gabriel? Gabriel é um arcanjo. Os arcanjos odeiam os humanos, acima de tudo.

— E você acha que *Gabriel* estava dizendo a verdade? — questionou a mulher.

— Não sei. Se não estivesse, então por que não me matou? Por que não me atirou do rochedo?

Ela cortou um dos galhos de uma roseira do pátio, aparando a irregularidade da planta.

— Sei pouco, quase nada, sobre a política celestial, mas, se ela for igual à humana, eu diria que, para você encontrar a resposta, precisa antes analisar os interesses.

— Como assim?

— Há interesses por trás de cada movimento no mundo. Que benefício Gabriel teria em deixá-lo vivo? Por que mentiria? Por que esconderia Nathanael de você? Tanto os justos quanto os perversos são movidos por vontades implícitas.

— Implícitas demais para eu inferir.

— Por enquanto, talvez, mas um dia a verdade aparecerá. Basta estar preparado para encará-la — e olhou para mim em um sutil elogio. — E você sempre está preparado para tudo.

Permiti-me uma autocrítica:

— Eu não estava preparado para enfrentar Gabriel...

— É claro que estava, caso contrário não estaria aqui. Derrotar alguém não significa necessariamente vencê-lo em combate.

Sorri, zombando da natureza que me era inerente.

— Meu caráter guerreiro não me permite essa multiplicidade de opções — retruquei, bem-humorado.

Ela aparou mais um galho da roseira, retirando os espinhos com uma tesoura de ferro. Flor do Leste estava ali perto, no estúdio, escrevendo alguma coisa em pergaminhos de pele. Ao vê-la sentada em um diva, apoiando uma prancheta de madeira sobre as coxas, meus olhos se recusaram a reconhecê-la como mulher. Para mim era uma eterna menina, a pequena chinesa que se agarrava a mim nas noites de frio, que me salvara da morte duas vezes seguidas.

Enquanto observava os graciosos movimentos da oriental, meus pensamentos se perderam nas aventuras pelos escombros de Enoque.

— O que foi, Ablon? Você não costuma se deixar levar por devaneios — percebeu a mulher, reparando que eu cortara, por um instante, minha ligação com o mundo.

— Essa jornada foi permeada por fatos intrigantes, Shamira, que não consigo desvendar. Fico pensando qual seria a ligação entre eles. Se é que há uma ligação...

— Você se refere ao assassinato de Ishtar — supôs a feiticeira, já a par de meu encontro com o capitão renegado nas ruínas da Bela Gigante.

— A simples morte dela não diz muita coisa, afinal todos os renegados são perseguidos. Mas Hazai me

disse que Ishtar estava sendo caçada não só por ser uma pária, mas porque descobrira uma suposta conspiração, que aparentemente envolvia o céu e o inferno e ameaçava a existência do próprio Yahweh.

— Se Ishtar estava certa em sua investigação, então pode contar que esse é o segredo mais bem guardado do universo. Seja quem for que esteja, ou estivesse, por trás desse conluio, vai trancá-lo a sete chaves. Mas não imagino quem tenha poder para tanto. Até mesmo o mais forte dos arcanjos não seria adversário para o Reluzente, como você mesmo me disse uma vez.

— Yahweh está dormindo — ponderei.

— E ainda assim você acha que alguém poderia molestá-lo? — perguntou a necromante, que sabia muito menos do que eu sobre a conjuntura celeste.

Fiquei um tempo calado e depois respondi, convicto:

— É claro que não — declarei, aliviado. — Nem acho que devia estar pensando nessas coisas agora. Não há fatos com os quais trabalhar. Remoer isso só vai me levar ao desânimo.

Conformado, preferi deixar a suspeita de lado e me contentei em gozar da quietude e da tranquilidade que desfrutava na mansão romana, com aquela mulher admirável. Mas houve um dia em que, como de hábito, meu tempo se esgotou. Não poderia ficar ali e ser egoísta a ponto de atrair mais inimigos para a vida daqueles que eu amava. Era ilusão pensar que tinha acabado. Mesmo tendo destruído as rapinas, mais caçadores viriam me buscar, e eu esperava estar bem longe de Shamira e de Flor do Leste quando isso acontecesse.

Minha temporada em Roma havia acabado.

Em uma calma manhã de verão, quando o sol nascia nas montanhas, anunciei minha partida. A feiticeira e a chinesa me acompanharam até a calçada, em frente ao *domus,* ainda vazia aos primeiros raios do dia. Aquela era uma área residencial, abastada, e por isso tomada por um silêncio quase rural, só quebrado pelo barulho do vento nas árvores e pelo canto dos pássaros que piavam ao sol.

— Então, esta é mais uma daquelas habituais despedidas — brincou Shamira. — Já começa a parecer chavão.

Eu sorri. Era sempre difícil deixá-la.

— Por quanto tempo pretende continuar por aqui? — perguntei, referindo-me à casa romana.

— Não muito. Esta casa está maculada. Nunca será a mesma depois da passagem de Zamir.

— E por qual estrada pensa em seguir?

— Vou escoltar Flor do Leste de volta ao seu país. Por muitas vezes ela manifestou a vontade de morrer na China, e, embora eu ache que ela ainda viverá por muitos anos, um dia seu corpo se curvará ao apelo da morte.

Encarei a chinesa, que a tudo ouvira calada. A morte humana pode ser um sofrimento para os que ficam, mas é uma dádiva para os que vão. Libertar-se das limitações da carne é o presente final para aqueles que enfrentaram a dureza da vida, e eu era testemunha de como Flor do Leste sofrera na infância.

— Sei que é perda de tempo perguntar para onde *você* vai — antecipou-se Shamira.

— Nem eu mesmo sei. Talvez siga para o norte, para as terras geladas além da Germânia. Os romanos costumam me confundir com os bárbaros que habitam essas partes. Seria instigante conhecê-las.

A feiticeira concordou com um movimento de cabeça e me agradou com um sorriso.

Caminhei até Flor do Leste, em sua postura rígida, disciplinada, e abracei-lhe o corpo pequeno, que mesmo depois de trinta anos se conservava miúdo. O cheiro da pele também era o mesmo, inconfundível ao olfato de um anjo guerreiro.

— Não importa quantos anos se passem, Flor do Leste, você sempre será minha pequena chinesa. E quando tiver partido para junto de seus ancestrais, continuarei a me lembrar de seu rosto quando vir uma flor, o mar ou as montanhas nevadas. Sua herança agora mora em mim, pequena, e eu a levarei até o fim do mundo.

Ela se agarrou a mim com a afeição costumeira, mas não chorou como das outras vezes. Ao me ver vivo e forte, teria cumprido a demanda que escolhera para sua vida. E, para aquela pequena gigante, isso bastava.

Voltei-me para Shamira, pronto para um último adeus. Ao longe, nas ruas do centro, o barulho do comércio anunciava o despertar da cidade.

— Você parte junto com uma era, renegado — prenunciou a mulher. — A partir de agora, o mundo mudará para sempre. A mensagem deixada pelo Salvador jamais será esquecida. Em breve, Roma cairá, e uma nova comunidade mundial seguirá. Assim profetizaram os espíritos, sou apenas sua porta-voz.

— Então talvez minha missão não tenha sido totalmente perdida — confortei-me.

Nós nos olhamos, tentando adiar, nem que fosse por segundos, a dolorosa despedida. Nossos corpos se aproximaram, meio que involuntariamente, terminando em um abraço carinhoso. Ao soltá-la, Shamira levantou o rosto, antes deitado sobre meu ombro, e seus lábios se aproximaram dos meus. Senti o aroma doce de sua boca, e um turbilhão de emoções apoderou-se de mim. Sensações novas e desconhecidas dominaram meu ser, levando-me próximo ao êxtase. Quando, porém, nossos lábios estavam a ponto de se tocar, ela se desviou e me beijou no canto da face.

Encabulado, eu a olhei com um misto de confusão inocente e desejo apaixonando.

— Quando quiser um beijo de verdade, deverá toma-lo — disse a mulher, sedutora. Seu charme era ardente, irresistível.

Naquele momento, tudo o que eu mais queria era possuí-la, tê-la eternamente junto de mim, entregar-me ao seu fascínio. Mas era justamente por amá-la tanto, por querer protegê-la de todos os males, que eu não podia toma-la. Foi assim, e só por isso, que resisti ao desejo.

— Haverá um dia em que as trevas se dissiparão, feiticeira. E aí teremos nosso tempo.

Ela sorriu, orgulhosa, e por um instante, apesar do beijo sedutor, tive a impressão de que era por isso que esperara desde o início.

Foi assim que deixei a Cidade das Sete Colinas e todas as minhas melhores lembranças da época dos césares. Eu ainda voltaria a Roma algumas vezes depois disso, mas ela nunca seria a mesma. Nunca seria a mesma sem Shamira.

No outono daquele ano, a feiticeira deixou a grande metrópole, viajou para a China e lá ficou até Flor do

Leste morrer, tão velha quanto pode um ser humano. Durante esse tempo, a necromante estudou a mágica chinesa, aperfeiçoando-se ainda mais nos estudos místicos. Sem querer, ao assassinar os mestres feiticeiros, Zamir havia lhe coroado com uma honra nefasta, porém respeitosa.

Shamira era agora a maior feiticeira da terra.

PARTE 3: FLAGELO DE FOGO

7-Quase um Assassino

Na Cidade do Rio de Janeiro, na Costa Sul do Atlântico, uma nuvem negra de chuva encobria o topo da montanha, encimada pela gigantesca estátua do Cristo Redentor. A manhã ia morrendo, e com ela o sol que coloria de azul as águas do mar e alvejava a areia das praias.

No apartamento de Ablon, Sieme, a Mestre da Mente, olhava através da janela, fitando a tempestade que se aproximava. Aziel, a Chama Sagrada, vigiava a porta, enquanto o Anjo Renegado vasculhava as prateleiras destruídas, tentando encontrar o passaporte falso que guardava para o caso de emergência, agora perdido na bagunça deixada pela passagem do Anjo Negro.

— Aqui está! — exclamou Ablon, sacando o documento de uma pilha de entulhos.

— O comércio está fechando as portas — reparou Sieme, atenta ao movimento nas ruas. — Há uma sensação coletiva de medo na mente das pessoas.

— É a guerra. A guerra mundial deve ter sido oficialmente declarada — calculou o general.

— Pelo que vi nos jornais — palpitou a serafim —, este país não faz parte de nenhum dos dois blocos em conflito.

— A guerra afeta o mundo todo, Sieme. A potência de destruição dessas armas humanas não conhece fronteiras — explicou Ablon, referindo-se à artilharia nuclear —, e uma hora ou outra seu eco alcançará toda a terra. Os locais afetados são contaminados por uma energia destrutiva, e os sobreviventes acabaram perecendo mais tarde.

— Que perspectiva terrível! — assustou-se Aziel. — Os homens parecem imitar as catástrofes arquitetadas pelos arcanjos nos dias antigos. A que ponto chegaram!

— Não foi à toa que minha esperança na humanidade acabou. Por muitos anos pensei que todo o ódio fosse reversível, até que vi o cogumelo atômico levantar-se sobre os céus do Japão. Mas o que Lúcifer disse é em parte verdade. A *civilização* humana sucumbirá nesta guerra, mas nem todos morrerão. Ainda é possível erguer um novo mundo dos escombros, mas não com Miguel perseguindo os mortais.

Apertou as amarras que prendiam o longo embrulho de pano, no qual enfiara a Vingadora Sagrada. Não pretendia caminhar pela cidade com uma lâmina de um metro em punho. Trespassou uma corda pelo meio do invólucro, improvisando uma alça, e lançou o embrulho às costas. Ainda não sabia como fazer a arma passar pela alfândega.

— É verdade, general — concordou Sieme. — Nós, anjos, já vimos os homens se recuperarem de cataclismos ainda maiores. Quem, na época, pensaria que resistiriam ao dilúvio?

Involuntariamente, os olhares do Anjo Renegado e da Mestre da Mente se voltaram para Aziel. Por pouco, ele não se tornara o mais cruel dos assassinos, durante os dias da grande inundação. "Não vou participar desta destruição inútil", dissera a Chama Sagrada a seu mestre, Amael, que, por ter recebido uma ordem direta dos arcanjos, não podia dar-se ao luxo de recusá-la.

Fez-se um silêncio embaraçoso, até que Ablon assumiu o comando.

— Vamos embora. Já tenho o que procurava — avisou, guardando o passaporte no bolso.

Os três caminharam rumo à porta, mas Sieme pisou em um objeto no centro da sala e parou para observá-lo. Era a pistola de Shamira, a potente Desert Eagle que usara para manter a distância Euzin e Ankarel, na noite anterior. Estava jogada no piso, perto de uma trilha de sangue e miolos.

— O que é isto? — perguntou, curiosa. Pouco conhecia sobre a tecnologia humana, então tudo com que se deparava era novo, interessante.

— Uma arma, a pistola de Shamira — explicou Ablon.

— É um objeto ordinário, de metal. Como ela esperava enfrentar celestiais com isto?

— O chumbo dos projéteis estava encantado, o que os converteu em artefatos mágicos.

A serafim, mesmo com toda sua inteligência celeste, ainda não compreendia muito bem como era possível combinar o conhecimento da mágica à fútil tecnologia dos homens modernos. Parecia-lhe um tanto absurda a tática dos magos.

— Esqueça isto, Sieme — determinou o Anjo Renegado. — Nosso tempo é curto.

Ao mesmo tempo fascinada e indignada com a ousadia terrena, Sieme perseguiu seu líder, deixando o quarto exatamente como o encontrara. Juntos, tomaram o caminho da rua.

A Runa da Paz

O sol havia saído por completo, mas a umidade só fazia aumentar. A nuvem de chuva agora enegrecia todo o céu, e um trovão que mais parecia um rugido fez a cidade tremer. Um raio precipitou-se sobre o mar, anunciando a chegada de uma tormenta elétrica.

— Mas será que nunca para de chover nesta cidade? — reclamou Sieme, recolocando a parca de couro que deixara de lado por causa do calor. Os serafins são obcecados pela perfeição; não gostam quando alguma coisa está fora de lugar.

— Essa tempestade não é natural — constatou Aziel. Os ishins entendiam como ninguém os fascinantes mistérios da natureza. — Realmente, não devia chover tanto assim.

— São os efeitos da mudança climática — explicou Ablon.

— E no que consistem essas mudanças? — perguntou a Chama Sagrada.

— Destruição da camada de ozônio, efeito estufa, aumento da poluição... Tudo isso tem desestabilizado o clima no mundo. Áreas quentes esfriam, territórios polares esquentam. Há um completo caos no meio ambiente global.

Aziel, especialmente sensível ao problema climático, ficou introspectivo. Os ishins lutavam constantemente para manter o fluxo da natureza, para preservar as energias elementais, e de repente todo seu trabalho se revelava impotente diante da ganância humana.

O coro passou reto pelo beco onde a motocicleta de Ablon estava estacionada. O veículo de duas rodas era impróprio para três, e o renegado optou por tomar o metro. Quando desciam as escadas sujas que davam acesso ao terminal, o general atentou ao som que só ele, com sentidos de predador, poderia escutar.

— O que foi? — indagou Sieme.

O querubim levantou a mão em sinal de silêncio, e os dois se calaram. Milhares de trabalhadores haviam deixado o trabalho mais cedo, conforme a Mestre da Mente observara pela janela da pensão, e estavam voltando para casa, lotando as escadarias que desciam aos guichês e às plataformas do trem.

— O barulho da Segunda Trombeta que ouvimos mais cedo foi mesmo provocado por um novo bombardeio — revelou Ablon, ao escutar a transmissão de uma pequena TV instalada na barraca de um vendedor ambulante. — A guerra foi oficialmente declarada.

— O que aconteceu? — quis saber Aziel.

— A reportagem diz que a Aliança Oriental respondeu à ofensiva nuclear a Pequim lançando uma bomba sobre Nova York — a Chama Sagrada conhecia a cidade, mas Sieme nunca ouvira falar dela. — O segundo anjo tocou a trombeta, e uma grande montanha abrasada foi lançada ao mar — murmurou o general, recordando-se das palavras de João no livro bíblico.

— Não entendi a ligação — confessou a Mestre da Mente.

— Nova York é uma ilha — esclareceu Aziel.

A mulher-anjo entendeu o comentário, mas não tinha certeza se preferia ter entendido ou não.

As linhas de metro, antes insuficientes para atender toda a cidade, haviam sido ampliadas oito anos antes, quando o Rio de Janeiro sediara os jogos olímpicos. De lá para cá, a verba de manutenção acabara, e os vagões bem iluminados e plataformas limpas deram lugar a terminais imundos e vagões escuros, depredados por gangues de arruaceiros que passavam a madrugada destruindo os bancos e roubando fios de luz. Sieme reagiu com espanto, mas Aziel já tinha uma idéia do que encontraria. O cheiro da sujeira era insalubre, e os três anjos tiveram que se embrenhar na multidão para conseguir embarcar.

No meio do caminho, antes de chegar ao aeroporto, Ablon desembarcou em uma estação perto da praia e pediu que os dois celestiais o acompanhassem.

— Não vou demorar muito. Só preciso fazer uma coisa.

Subiram as escadas e viram-se diante da avenida à beira-mar. Aquela não era a mesma praia a que o renegado levara Shamira havia dois dias. Estavam defronte à enseada de Botafogo, abraçada ao longe pelo famoso Pão de Açúcar, um morro alto que parecia nascer do mar, delimitando o recôncavo marinho. Suas encostas rochosas e inacessíveis culminavam em um mirante belíssimo, só alcançado por um sistema teleférico denominado bondinho.

Aziel e Sieme não compreenderam a atitude de seu general nem entenderam o porquê da parada. Atravessaram a avenida e pisaram na areia, chegando bem perto do mar. Era só o início da tarde, mas o céu estava negro com a iminência da tempestade. Correntes de raios dançavam de uma nuvem para

outra e depois explodiam no morro.

— Sinto trazer-lhes aqui. Nunca acreditei muito em sorte ou destino, mas achei que deveria prestar uma homenagem — avisou o guerreiro.

— Uma homenagem a quem? — perguntou Aziel, com o cuidado de não parecer ofensivo.

Ablon pôs a mão no bolso do sobretudo emborrachado, próprio para dias chuvosos, e tateou o fragmento de basalto, dado a ele recentemente por Orion, quando de seu encontro no topo da estátua do Cristo Redentor.

— À primeira grande nação. Ao povo que fez de tudo para exaltar as leis celestes, julgando serem as diretrizes do próprio Yahweh, e que recebeu em troca a devastação de suas terras e a aniquilação total de sua cultura.

— Atlântida — desvendou Sieme.

Quando o Primeiro General abriu a mão, os dois celestiais notaram que ele segurava um pedaço de rocha preta. Uma das superfícies era lisa, lustrosa, como se outrora tivesse feito parte de um objeto maior. Sobre o lado polido era visível um caractere antigo, que os anjos identificaram como um dos pictogramas atlânticos.

— E uma runa atlântica — reconheceu Aziel. — O que quer dizer?

— É o ideograma da paz. Este fragmento era parte do monólito que existia na capital de Atlântida há muito tempo e que foi posto abaixo pela grande inundação — o renegado fez uma longa pausa antes de retomar a explanação. — Os adantes tinham o costume milenar de escrever seus desejos em pedras e depois lançá-las ao mar. Contavam que as ondas sempre devolviam aquilo que o oceano havia engolido. Não sei por quê, mas algo me impulsionou a isto.

O general arremessou com toda a força a pedra ao mar, que quase sumiu às vistas em sua trajetória. As águas envolveram a runa, sugando-a para o fundo da enseada. No outro bolso do casaco, Ablon sentiu o peso do objeto de barro, a chave mística dada a ele por Lúcifer. O renegado sabia que não a usaria e pensou em jogá-la, mas no fim preferiu manter a peça consigo, só por precaução.

Um relâmpago iluminou a tarde.

Começou a chover.

A Torre das Mil Janelas

O terrífico Anjo Negro, com suas distinguíveis asas de penas pretas e o elmo fechado a cobrir todo o rosto, voava pelo plano etéreo, levando a mulher desacordada nos braços. Era Shamira, a Feiticeira de En-Dor, que fora raptada no mundo físico e levada para lá. Apesar de toda sua habilidade mágica, ela era humana, era carne, e não podia atravessar o tecido da realidade sem o recurso de um portal. Mas o Anjo Negro tinha habilidades magníficas, e uma delas era a propriedade de "abrir todas as portas". Podia, portanto, se mover à vontade pelos planos, cruzar a membrana, atravessar o astral e invadir o

etéreo.

Dentre todas as edificações do etéreo, a Fortaleza de Sion é a mais magnífica. Suas proporções superam em todos os aspectos as estruturas humanas — mais parece uma torre, edificada em cem anéis decrescentes, um sobre o outro, terminando em um pequenino pátio circular, onde está fixado o maior dos arte-fatos do mundo, a Roda do Tempo, o círculo místico criado por Deus para marcar a continuidade do sétimo dia.

A magnitude da fortaleza é tamanha que o primeiro anel, a base, chega a superar três mil metros em diâmetro. De suas paredes externas, assentadas por uma rocha avermelhada, nascem dezenas de milhares de sacadas, janelas e umbrais, cautelosamente vigiados pelas poderosas legiões de querubins que guardam e cercam o perímetro. Em seu interior, um número incalculável de câmaras e salas dá abrigo aos partidários do arcanjo Miguel, anjos vis, invejosos, que deixaram suas moradias no paraíso para lutar a grande Batalha do Armagedon. A fortaleza é chamada também de Torre das Mil Janelas, embora tenha muito mais do que um milhar de passagens.

O Anjo Negro voou por cima do círculo de montanhas que protegia Sion e se aproximou da torre. Adiante, quase no horizonte, era possível enxergar as águas rubras do rio Styx.

Nenhum dos querubins que patrulhavam a região, nem mesmo os capitães e comandantes, ousou deter aquela estranha entidade, que ninguém sabia de onde viera e que respondia apenas ao Príncipe dos Anjos. Aterrissou firme em uma das plataformas do penúltimo andar e penetrou por um túnel escuro, para desaparecer nas entranhas da torre. Ainda carregada, Shamira acordou, mas deixou-se levar sem reação. Sentia-se inútil, mas também era fascinante, para uma estudante do oculto, estar na Fortaleza de Sion, onde nenhum ser humano jamais entrara e que nem sequer contemplara.

Ao fim do corredor, diante de uma enorme porta metálica, uma figura aguardava a chegada do Anjo Negro e de sua presa. Vestia uma armadura completa, de aço brilhante, com detalhes dourados, e levava na cinta uma espada de cabo adornado. O elmo de queixada pontuda tinha uma crina vermelha, e as asas brancas pareciam afiadas nas pontas, a reluzir como navalhas. Shamira nunca tinha visto aquele ser fabuloso, mas estava certa de que era o arcanjo Miguel, dada sua aura poderosa.

— Encontrou problemas em proceder a meu comando? — perguntou o Príncipe dos Anjos.

— Foi tão simples quanto derrotar a renegada Ishtar — respondeu o Anjo Negro.

— Bom... — murmurou Miguel, analisando a mulher. — Acompanhe-me.

A porta metálica abriu-se sem precisar ser tocada, revelando um aposento

curioso ao término de uma escada ascendente. Era uma grande sala redonda, revestida com as mesmas pedras vermelhas que compunham a fortaleza. Em suas paredes, a necromante contou duas dúzias de portas de ferro, todas fechadas. As dobradiças pareciam seladas, e nas portas não havia maçanetas, mas cada uma delas tinha no centro um recuo anelado, decorado com símbolos angélicos. Shamira supôs que aqueles nichos fossem um tipo de fechadura mística, onde seria encaixada uma chave redonda. No meio da sala fixava-se um pedestal em formato de meia coluna, sobre o qual jazia um livro de aparência antiga, escrito por dentro e por fora. A feiticeira não sabia, mas aquele era o Livro da Vida, um tomo dado por Deus a Miguel antes de seu adormecimento. O aposento que cruzavam era, a propósito, a famosa Sala dos Portais, o lugar para onde Lúcifer queria enviar Ablon na tentativa de abrir o acesso ao inferno.

Na câmara havia uma única porta aberta, diferente das outras, mais larga. Sua passagem levava a uma segunda escada, bem mais estreita, e os dois celestiais se dirigiram para lá. No percurso, a necromante notou que Miguel tomou o Livro da Vida do pedestal e o guardou consigo.

Os degraus culminavam em um alçapão aberto, que saía para um pequeno pátio redondo. No meio

descansava uma grande roda, como uma mesa de pedra, presa ao chão por um eixo. As extremidades da roda eram marcadas por uma sucessão de caracteres, como os números de um relógio. As inscrições, que Shamira não podia entender, derivavam do código sagrado dos malakins, um idioma anterior à aurora do mundo. Haviam chegado, portanto, ao topo da fortaleza, e aquele terraço estreito era seu último nível.

Foi então que a feiticeira viu que sobre um dos lados da mureta do pátio fixava-se uma pilastra de mármore negro, com correntes para amarrar prisioneiros. Foi ali que o Anjo Negro a prendeu, de frente para a roda, não deixando chance de fuga.

— Pode ir agora — disse Miguel ao raptor. — Você sabe o que fazer. A criatura voltou-se ao alçapão e deixou o terraço.

Shamira estava agora sozinha com o Príncipe dos Anjos. Jamais imaginara terminar naquela situação, diante do grande tirano do universo. Não sabia como proceder, o que falar ou como agir. Fora tomada pelo medo, o mesmo receio que a acometera havia milênios, quando fora capturada pelo rei Nimrod. Pensava que depois de tudo se tornara capaz de enfrentar qualquer desafio. Mas sempre há mais um que nos põe à prova.

Abriu os olhos, compreendendo a inutilidade de simular o desmaio.

— Shamira, a Feiticeira de En-Dor — proferiu Miguel, orgulhoso. — Não sabe quanto é valiosa para nós.

Ela não tinha certeza do que o arcanjo estava falando, mas formulara uma hipótese em sua mente.

— Se pensa em me usar como isca para atrair Ablon, não terá sucesso em seu intento. O Anjo Renegado não tem como alcançar o plano etéreo.

O Príncipe dos Anjos tirou o elmo, e a mulher viu seu rosto. Tinha o cabelo negro cortado por uma mecha branca, que começava na testa e terminava na nuca. A face era dura, cheia de cicatrizes, marcas adquiridas nas Batalhas Primevas, durante a criação do universo.

— Sei bem disso, feiticeira, como não saberia? Eu mesmo o bani para a Haled muito antes de você nascer. Se hoje Ablon é um fugitivo, é porque *eu* o expulsei de minha casa.

Desbancada, a necromante limitou-se a encarar o arcanjo, neutra.

— Mas você conhece a história — continuou o príncipe. — Pouca coisa deve ter-lhe escapado. Estudou por séculos os mistérios cósmicos, lendo tomos antigos, decifrando mosaicos em ruínas, ouvindo o sussurro dos mortos... Sobreviveu roubando a energia dos espíritos maléficos para se manter jovem para sempre. E por que fez isso, mulher, com que objetivo?

Miguel era inteligente e astuto, e havia tocando no ponto fraco da moça. Ela não conseguiu responder.

— Foi por causa dele, daquele anjo guerreiro. Você escolheu não morrer na esperança de que um dia o mundo mudasse e vocês pudessem ter seu momento de paz — Shamira estava assustada. Como aquele tirano sabia de tanta coisa? — Mas esse dia jamais chegará. O próprio Anjo Renegado já perdeu as esperanças. E você deveria aceitar a verdade.

— A sua verdade não é a mesma que a minha, arcanjo — ousou a humana.

— Está errada, feiticeira. Acha mesmo que a capturaríamos apenas para armar uma emboscada para um anjo proscrito? Não... Nossas intenções para com você são ainda mais grandiosas.

— Não foi isso o que seu capanga disse ao me raptar.

— Você não devia confiar tanto em seus inimigos. Honra, glória, virtude... são convenções humanas. Nós, arcanjos, não somos limitados por elas.

A necromante preferiu não questioná-lo e guardou silêncio. Tranquilo, Miguel caminhou pelo pátio, fitando a roda de pedra.

— Sabe o que é isso? — perguntou, correndo o dedo sobre a superfície do ar-tefato rochoso.

— A Roda do Tempo. Ablon me contou sobre ela.

O arcanjo satisfez-se com a resposta. A conversa, ao que parecia, tomava o rumo que queria. Uma brisa gelada soprou no terraço, esvoaçando as melenas escuras da prisioneira.

— Observe as marcações na rocha. Sei que não pode entendê-las, mas é fácil compreender o trajeto da roda. Como percebe, em breve ela completará seu ciclo — afirmou, indicando os caracteres e mostrando que o último deles já avançara. Para Shamira, contudo, o objeto parecia estático. — A Roda do Tempo continua girando lentamente, embora você não possa perceber com sua visão humana. Será que não entende, mulher? Não há nada que seu amigo renegado possa fazer. Nem mesmo eu tenho o poder de parar o percurso do mundo. Somente o Altíssimo poderia fazê-lo.

—Você é um assassino, Miguel. Ceifou milhões de vidas humanas e justificou seus crimes com a palavra de Deus. Ninguém mais do que você desrespeitou as ordens do Criador. Por que acha que ele o poupará de seu julgamento, quando acordar de seu sono?

— Você me chama de assassino, mas não vê o que sua espécie fez ao planeta. Guerras, morte, fome, destruição. Agora, as armas terrenas são tão potentes quanto a força divina, e o conflito dos homens acabará com o mundo. Os humanos roubaram o poder de Deus, e o usarão contra eles mesmos. Desde sua criação, os mortais vêm cultivando o ódio, o egoísmo e a violência.

— Isso não o isenta de sua responsabilidade.

— Suas palavras são levianas, feiticeira. Tudo o que fiz foi lutar para resguardar este mundo, desde o início. Sempre soube que terminaria assim, e de tudo tentei para preservar a criação de meu Pai — ele parecia sincero. — Se pensa que falhei, está enganada. Tudo agora converge para que minha vontade se cumpra. A humanidade será aniquilada. Os sobreviventes serão sacrificados, e enfim terei o trono que me foi reservado.

— Levianas são as *suas* palavras, arcanjo. Como poderia saber que a humanidade caminharia para o abismo? Pelo que sei, os únicos anjos que têm o dom da previsão são os malakins, e mesmo eles nada previram sobre a guerra dos homens.

Ele sorriu, pois estava prestes a exibir suas cartas.

— O que é o poder de um malakim se comparado à força de Deus? Se o Anjo Renegado lhe contou tanto, talvez tenha lhe falado a respeito disto.

Miguel tomou à mão um livro de folhas amareladas, escrito por dentro e por fora com caracteres angélicos, e o ergueu às vistas da moça.

— Este é o Livro da Vida, uma relíquia sagrada. Foi-me entregue pelo próprio Yahweh antes de ele buscar seu repouso e contém toda a história do sétimo dia. Está tudo marcado aqui: o passado, o presente, o futuro. O destino de cada um de nós está traçado, foi escrito por ele.

hamira engoliu em seco. Ablon havia, mais de uma vez, comentado sobre aquele tomo místico, e, se fosse verdade que ele continha o trajeto do mundo, então talvez o tirano estivesse mesmo certo. Apesar de todas as suas atrocidades, seu impulso teria sido legítimo, segundo sua natureza celeste. Mas a necromante preferiu não acreditar nisso. Não poderia jamais aceitar que as idéias e os valores do Primeiro General fossem mutilados. Será que, por tanto tempo, Ablon lutara por causas errôneas?

arcanjo afastou o livro. Deu as costas para a prisioneira e achegou-se à mureta do pátio. De lá, vislumbrou o horizonte e a cadeia de montanhas que circundava a fortaleza. Olhou para o céu, para o chão lá embaixo e para os anjos que patrulhavam a torre. Por fim, fitou o curso vermelho do rio Styx. Em seus olhos, a moça identificou a sombra do passado.

Houve um tempo, feiticeira, em que os arcanjos governaram o mundo — a voz do príncipe soou mais suave. — Foi um breve momento, um instante fugaz entre a partida de Deus e o despertar da consciência humana, e a consequente confecção do tecido da realidade. Naqueles dias, a terra era um paraíso, até que sua raça começou a depredá-la. Com Yahweh ausente, tive que tomar a decisão de preservar sua obra. E foi assim que os massacres começaram. Eu pretendia aniquilar todos de uma vez, porque achava que podia mudar meu destino, que podia me esquivar do que estava escrito no Livro da Vida. Mas não pude. E, enfim, entreguei-me a meu propósito.

A necromante examinou o discurso e encontrou uma falha nos argumentos do príncipe.

— Mas e quando o Criador acordar? Acha que ele permitirá que você assassine os sobreviventes humanos e instaure seu mundo perfeito? — tentou ironizar.

Foi então que o júbilo dominou a face do tirano.

— Vejo que não entendeu absolutamente nada do que eu disse, mulher — e aproximou-se da prisioneira. — Saiba que mais cedo ou mais tarde os filhos superam os pais. O tempo de Yahweh terminou. É hora de estabelecermos uma nova ordem no universo.

Enfim, Shamira entendeu as pretensões de Miguel, e o simples pensamento do que poderia acontecer a estarreceu. Não teve coragem de falar, mas o arcanjo explicitou seu plano:

— Quando a Roda do Tempo findar, eu me proclamarei divindade. A maneira pela qual farei isso você saberá a seu tempo, mas de qualquer forma não compreenderia o processo. Agora consegue imaginar por que a trouxemos aqui?

— Você precisa da minha alma. Por isso ainda não me matou.

— Eu sou um arcanjo. Nós, assim como os anjos, estamos presos à nossa natureza. Não temos o livre-arbítrio. Esse é um atributo da alma, a alma que nos falta, a alma que nos foi negada — e um toque de melancolia, misturado a um impulso de ira, acompanhou sua última frase.

A necromante estava assombrada. Nunca se sentira assim, tão inútil e ao mesmo tempo tão cobiçada. Nem em seu cárcere em Babel suportou tamanho horror. Se pudesse, poria fim à própria vida, mas estava imobilizada na pilastra de mármore.

— Sua alma é poderosa — prosseguiu o malfeitor —, talvez a mais poderosa de todas. O Apocalipse iniciou-se e caminha para a conclusão. No tempo exato, usarei a energia de sua alma para fazer a minha própria, completando assim meu destino. Yahweh não despertará e os homens serão arrasados. Com a desintegração do tecido, nada me impedirá de povoar o mundo com os anjos leais à minha autoridade, e a terra finalmente será ocupada por seres iluminados, não pela matéria decrépita que hoje a habita.

Shamira reuniu vontade suficiente para encarar o tirano.

— É curioso, não acha? Para alcançar o que sempre almejou, precisa daquilo que mais odeia. Se o destino realmente existe, é possível que esteja a lhe pregar uma peça, arcanjo.

— Está errada mais uma vez, necromante. O próprio Yahweh arquitetou tudo isso e delineou seus anseios no Livro da Vida. Toda a nossa jornada está gravada, e minha fortuna é assumir o lugar dele.

— Diga-me então, Príncipe dos Anjos... Você acha que minha alma apenas é suficiente para elevá-lo ao trono supremo? Acredita que, sozinho, tem poder para governar o universo?

— Não, Shamira. Ainda há um elemento essencial ao meu plano, que não cabe ser revelado. É minha peça final.

A feiticeira teve medo de pensar qual era essa peça.

— Você esquece que tem inimigos igualmente poderosos, Miguel — atacou a mulher. — Acha que eles permitirão que leve adiante esse projeto macabro?

O príncipe sorriu com desdém.

— Deve estar pensando em meus irmãos. Nenhum deles me preocupa, realmente. Gabriel não teria coragem de me enfrentar. Sua bondade pedante o levará à derrota. E quanto a Lúcifer... Eu já cuidei dele. Há um bom tempo ele não oferece mais ameaça.

E já farto de ter com aquela humana, tola e insignificante em sua concepção, Miguel repôs o elmo, agarrou o Livro da Vida e desceu os degraus do alçapão, deixando-a sozinha no pátio. Por enquanto estava segura, mas quando seu fim chegasse experimentaria a pior de todas as mortes. Achou-se egoísta por ter-se deixado levar pela luxúria c decidido viver para sempre, pretendendo, no futuro, tomar o coração do herói renegado. Mas aí entendeu que o que a manteve erguida fora justamente essa esperança, esse desejo por um tempo de paz, ao lado do anjo que amava.

Assim como Ablon resolvera uma vez, Shamira decidiu conservar a esperança, a mesma que já havia fenecido no olhar do lutador fugitivo.

Na Sala de Controle

Chovia torrencialmente na cidade do Rio de Janeiro.

O dia parecia noite quando Ablon, Aziel e Sieme subiram as escadas do metro, finalmente diante do aeroporto. No espaço aéreo, o general percebeu que muitos aviões aterrissavam e poucos partiam.

O Aeroporto Internacional do Rio de Janeiro é um complexo de concreto e vidro, cortado por pistas e viadutos e composto por duas alas — uma antiga, construída na década de 70, e outra mais nova, feita nos anos 90. O setor comercial divide espaço com a Base Aérea do Galeão, um aeródromo militar que raramente abriga jatos de guerra. Logo na chegada, entre dois viadutos que levam às vias de embarque, uma grande edificação se destaca — a torre de comando —, onde uma dezena de técnicos organiza

voos, autoriza partidas e direciona aterrissagens.

Os três anjos andaram debaixo de chuva pela via de automóveis, estranhamente engarrafada para um dia daqueles. Ônibus, táxis e carros circulavam na pista, parando em fila dupla e atravancando o trânsito. Ablon estivera ali havia poucos dias, antes de a guerra estourar, e não presenciara tamanho caos de pessoas.

Quando entraram pela porta automática, que se abria ao saguão de embarque, entenderam o que se passava. Os voos estavam lotados. Uma multidão se espremia na área de espera, alguns sentados no chão, outros de pé, atentos ao painel de controle das aeronaves. Aviões vindos da Europa, dos Estados Unidos, do Oriente e dos demais países no eixo de combate aterrissavam no Rio, ocupando todas as pistas e atrasando os poucos voos de saída. O renegado percebeu que aquelas pessoas não esperavam parentes, mas eram estrangeiros, recém-chegados ao país à procura de abrigo.

— Estamos recebendo refugiados — disse o Primeiro General, examinando o painel de chegada e saída de aeronaves. — Os voos de ida estão sendo cancelados para liberar a pista para os aviões.

— Não há nenhum voo para Jerusalém? — perguntou Aziel, sem compreender muito bem a confusão do painel, que girava a cada instante.

Pelo menos nenhum voo comercial.

E o que fazemos agora? — indagou Sieme.

Temos que saber se há aviões cargueiros, fretados ou militares que estejam partindo para o Oriente Médio.

Sieme olhou para o mostrador de embarque e desembarque, já entendendo melhor como funcionava,

Esse painel não nos diz nada sobre esses voos aos quais se refere. Só indica a movimentação das aeronaves de passageiros. Sabe onde poderíamos conseguir essas informações?

Ablon aproximou-se da parede envidraçada do salão e olhou para fora, fitando o edifício alongado com uma cúpula no cimo, entre os dois viadutos de concreto.

— Na torre de comando.

A torre de comando é um setor fundamental para qualquer aeroporto. Lá, todos os voos são organizados. Uma equipe de profissionais bem treinados, técnicos e ex-pilotos, indica aos comandantes de bordo seus trajetos, que pista tomar e quando descer ou partir. Ablon não sabia pilotar aviões, mas conhecia o básico do funcionamento das instalações aeronáuticas, conhecimento acumulado por meio de livros e da observação dos procedimentos aéreos.

A entrada para a torre, no aeroporto do Rio, fica perto do estacionamento de carros, logo abaixo do viaduto que leva às vias de embarque. Ablon, Azièl e Sieme caminharam até lá e, de longe, notaram que o elevador estava guardado por dois soldados do exército.

— Posso entrar lá sem ser visto — sussurrou o general, confiando em suas habilidades furtivas. — Mas e quanto a vocês?

— Nós todos podemos entrar, general — retrucou Sieme. — Não se preocupe com isso.

Ablon lembrou-se, então, que a serafim era telepata e podia manipular as mentes mais fracas.

Foi uma experiência curiosa para o Anjo Renegado e para a Chama Sagrada prosseguir pelos militares sem ser barrados. A Mestre da Mente, de alguma forma, agiu sobre os sentidos dos guardas, e o coro entrou no elevador como se fosse invisível. Ao ver a porta do ascensor se fechando, uma das sentinelas exclamou:

— Que estranho! Você tocou em alguma coisa?

E a outra respondeu:

— Não mexi em nada. Deve ser mau contato.

— Espero que saiba lidar tão bem assim com os técnicos da sala de controle — elogiou Ablon, já no elevador.

A porta do ascensor se abriu, revelando uma sala circular, envidraçada, cheia de computadores, radares e aparelhos eletrônicos, com ampla vista para toda a área da pista de voo. Silvos apitavam e transmissões de rádio chamavam, mas ninguém escutava. Os funcionários, todos eles, estavam dormindo sobre as mesas.

— Acho que exagerei — criticou-se Sieme, que nunca antes tinha submetido mentalmente um humano. Havia pensado em deixá-los cansados, desatentos por um minuto, enquanto seu grupo buscava informações na sala, mas fora longe demais.

— Não tem importância — determinou o renegado. — Vamos encontrar os dados de que precisamos e sair logo daqui.

Ablon sentou-se então defronte ao computador central e começou a pesquisar a pasta eletrônica. Enquanto isso, sentindo-se horrivelmente inútil por nada entender daquela parafernália e depois de ter errado na dose de um de seus poderes, a Mestre da Mente tomou uma atitude. Aproximou-se de um dos técnicos adormecidos e levantou a mão direita sobre sua cabeça.

Valendo-se de suas habilidades mentais, a serafim concentrou-se e, em um segundo, vasculhou a memória do homem, examinando e adquirindo seus conhecimentos, acumulados ao longo da vida. Já tinha tentado essa técnica muitas vezes com outros celestiais, o que costumava ser mais difícil. Ler a mente humana, percebeu ela, era bem fácil, mas também muito mais doloroso. Ao sugar-lhe as lembranças, a despreparada Sieme foi acometida por um turbilhão de emoções e pensamentos humanos, ausentes nos anjos em geral. Amor, ódio, medo, raiva, apreensão, desejo. Era como uma torrente que a empurrava para longe. Desnorteada, viu a luz do nascimento e sentiu o frio do mundo fora do ventre. Experimentou o medo irracional das crianças pequenas, o aconchego dos pais e o calor do primeiro beijo. Provou a dor de um relacionamento despedaçado e encontrou vitalidade ao gerar um filho. Eram lembranças roubadas, memórias que nunca pensara em guardar e que nem sabia que de fato existiam.

Cambaleou, e teria caído no chão se Aziel não a tivesse amparado.

— Estou bem — agradeceu, tentando esconder suas fraquezas.

Do outro lado da sala, o Anjo Renegado exclamou:

— No hangar militar há um avião que pode nos servir. É um Boeing pequeno da Força Aérea, mas o tanque está cheio.

— É um 737. Não tem autonomia de voo para nos levar a Jerusalém — contestou a serafim, agora totalmente entendida na matéria aeronáutica.

— Tem tanque triplo — mostrou o general. — É o bastante.

Os tanques de combustível duplos e triplos foram desenvolvidos pela Liga de Berlim, com o objetivo de estabelecer uma ponte aérea sem escalas entre os Estados Unidos e os países mais distantes da Europa. Com isso, o espaço de carga e passageiros era reduzido, mas os viajantes desses aparelhos preferiam rapidez a volume.

— Parece perfeito — reconheceu Aziel. — Mas não temos piloto.

Os dois anjos se entreolharam diante daquele novo obstáculo. Tiveram a sorte de conseguir uma aeronave oficial, com grande autonomia e com o tanque cheio, mas infelizmente não tinham como pô-la em ação.

— Eu sei pilotar — revelou Sieme, ainda meio confusa com as lembranças que adquirira instantes atrás.

Nem todos os técnicos que trabalhavam na sala de controle eram pilotos, mas um deles era. Por sorte, ou por destino, era o mesmo cuja memória a serafim vasculhara.

— Então vamos — ordenou Ablon, sem aguardar uma explicação detalhada. Esperou os outros, entrou no elevador e desceu.

Segundos depois, os funcionários da torre acordaram, sem saber o que se passava. Rádios chamavam, apitos eletrônicos soavam e computadores chiavam. Retomaram o trabalho normalmente e continuaram a ordenar voos, aterrissagens e trânsito de aeronaves na pista.

Mas não sabiam que, antes de sair da sala, a mulher-anjo lhes deixara uma sugestão na mente. O voo do 737 militar teria prioridade máxima para decolar.

Já caminhando pelo estacionamento, em direção à base aérea, Ablon compreendeu a tática de Sieme e mais uma vez abençoou Gabriel por tê-la enviado em missão.

O Acampamento Rebelde

No plano etéreo, o acampamento rebelde fora montado a 350 quilômetros da Fortaleza de Sion, em uma planície de onde se enxergava o círculo de montanhas que defendia a torre inimiga e os últimos três anéis concêntricos que, a distância, quase pareciam tocar o céu. Milhares de celestiais, liderados pelo arcanjo Gabriel, haviam deixado a Cidadela do Fogo, no Primeiro Céu, e se estabelecido ali, para aguardar o início da Batalha do Armagedon.

Do topo de um rochedo, o próprio Gabriel, com sua armadura de ouro e sua espada de fogo, observava a esplanada a seus pés. Nos olhos, a mesma harmonia de sempre, a serenidade inabalável do Mensageiro, convicto de suas ações.

Gabriel, pensativo, solitário sobre o rochedo, esticou as majestosas asas brancas, que saíam das costas recortando a couraça, e observou os estandartes orgulhosamente carregados por seus guerreiros querubins.

A general Varna, líder das arqueiras, galgou o penhasco e ajoelhou-se diante de seu comandante. Sempre fiel ao Mestre do Fogo, portava um arco dourado, e nas costas levava, entre as penas alvas da asa, uma aljava abarrotada de flechas. Uma malha metálica, também dourada, protegia-lhe o dorso. Os cabelos longos eram castanhos, e os olhos, verdes. A expressão era de total seriedade, sempre disposta a lançar-se em combate mortal.

— Sim, Varna — permitiu Gabriel. Ele não a havia chamado.

— Aziel e Sieme ainda não retornaram, meu senhor — ela costumava ser direta. — Peço permissão para enviar um destacamento para resgatá-los.

— Não há tempo. O mundo físico está em alvoroço. As duas primeiras trombetas já foram soadas. Agora é apenas uma questão de horas até que a Batalha do Armagedon comece. O inimigo é numericamente superior. Precisamos de todos os anjos em suas posições.

— Como queira, meu mestre, mas devo alertar que o ishim e a serafim podem estar em perigo.

O Mensageiro respirou fundo e maquinou algo na mente.

— Eles concluíram com sucesso a viagem ao plano físico?

— Sim, diretamente ao encontro do Anjo Renegado.

O arcanjo pareceu aliviado.

— Então, estão mais seguros do que nós, neste acampamento.

Gabriel fez uma pausa e sublinhou as tropas com o olhar. Varna sabia que por trás da segurança do arcanjo estava a extrema confiança no Anjo Renegado, o qual considerava o verdadeiro líder da rebelião, aquele que deixara a herança que semeara tudo aquilo. Varna reconhecia todo o mérito do anjo guerreiro e sabia que ele seria imprescindível em um momento difícil, porque era um ícone, um símbolo. Mas, como todo querubim, era desconfiada. Desde o encontro que tivera com Ablon, no monte das Oliveiras, não estava tão certa de suas habilidades em combate. Vira o renegado ser derrotado pelo Mestre do Fogo, então ainda tinha dúvidas sobre sua capacidade de comandar um exército tão grande.

— Farei sua vontade, meu senhor — conformou-se a arqueira,

— Tenha fé, Varna — retrucou o arcanjo. — Teremos em breve o Primeiro General de volta. Prepare nossas tropas para o embate. A Sexta Trombeta será o chamado para o início do ataque.

A mulher-anjo curvou-se e deixou o rochedo, voltando ao campo.

Gabriel regressou à solidão.

Os Duques do Inferno

Os nove duques do inferno — Asmodeus, Molloch, Mephistopheles, Alastor, Mammon, Orion, Apollyon, Baalzebul e Bael —, os seres de maior poder e influência na hierarquia satânica, haviam sido convocados à caverna de Lúcifer, no Vale dos Condenados, para conferenciar com o mestre. Estavam apreensivos e indignados com a situação presente. Até então, a Estrela da Manhã ainda não havia se pronunciado sobre o papel dos infernais no Apocalipse e muito menos na Batalha do Armagedon, e os duques ficaram confusos. Desejavam

cobrar uma atitude de seu líder, queriam o aval dele para posicionar suas hordas e atacar os celestes, revanche pela qual esperavam desde a derrota dos caídos. Mas, até ali, Lúcifer nada dissera e nada comunicara. Muitos fomentaram intrigas, idealizaram rebeliões, mas a verdade é que ninguém tinha coragem de se levantar contra a liderança do Arcanjo Sombrio.

Em uma das salas do interior da caverna, de paredes chamuscadas e nichos de fogo, havia nove cadeiras feitas de ossos humanos, oito delas ocupadas pelos terríveis demônios. Uma estava vazia, e aquele era o assento de Apollyon. Acima, em uma plataforma de pedra, jazia o trono de Lúcifer, ainda desocupado, mas guardado por seu fiel bajulador, Samael, a Serpente do Éden.

Ao longe, um tímido observador escondia-se nas sombras. Era Amael, o Senhor dos Vulcões, que às vezes também ficava na companhia de Lúcifer.

— O altíssimo virá em instantes — anunciou Samael, com aquela voz sibilante. Era assim que o serviçal gostava de chamar seu mestre, para igualá-lo ao Deus adormecido.

Um murmurinho propagou-se na gruta. Os duques estavam fartos de esperar, de tolerar os caprichos do Diabo. Mammon, um ser abominável, com corpo de hipopótamo, cabeça de porco e chifres imensos, sussurrou a Orion, que estava a seu lado:

— O que esse maldito ex-arcanjo acha que é? Somos duques, e não um de seus capachos.

Logo nesse momento, para aflição de Mammon, Lúcifer apareceu por uma passagem e adentrou o salão. Sua maravilhosa aparência contrastava com o concílio de monstros. Era belo, de feições delicadas, e teria o corpo perfeito não fossem as asas de morcego que lhe marcavam as costas.

— Estava falando de mim, Mammon? — perguntou Lúcifer, e o duque tremeu.

— Não, amo, perdoe-me — implorou. — Perdoe-me por qualquer mal-entendido — fez menção de se ajoelhar, mas a Estrela da Manhã já estava satisfeita.

— Já chega, meu caro duque — cortou. — Por enquanto me contentarei com seu silêncio.

O Arcanjo Sombrio sentou-se no trono e levou um tempo para se acomodar, de propósito, para enraivecer o conselho. Quando, enfim, se cansou do ritual, exclamou:

— Então, meus queridos, vocês estão aqui. É para mim uma felicidade que tenham respondido ao meu chamado.

Molloch, o Carrasco, tinha o corpo de um homem forte, mas a cabeça muito grande, com chifres pequenos e uma cauda comprida. Os olhos eram enormes e as pupilas, cortadas como as dos gatos.

Levava sempre um chicote de muitas pontas, que usava para flagelar seus escravos. A criatura, quase explodindo em raiva, iniciou o debate:

— Meu amo — esforçou-se —, Sua Majestade exigiu nossa presença, mas o que o faz tolerar a ausência de Apollyon? Por que ele pode faltar quase sempre, e nós não?

Uma onda de aprovação silenciosa inundou a gruta, ameaçando anular o controle de Lúcifer, mas o infernal retomou a palavra:

— Porque se você faltasse, Molloch, eu o sufocaria com sua bolsa escrotal. A sala calou-se.

— Seria uma cena engraçada — divertiu-se o Filho do Alvorecer.

E enfim, uma palavra de ordem:

— Não adianta ficarmos trocando injúrias — apaziguou Orion. Em sua forma espiritual, o Rei Caído de Atlântida também mancava, tal qual seu corpo físico, mas agora estava sentado. As asas despenadas, que apesar disso eram eficientes em voo, deixavam-no desconfortável naquela posição. — É hora de os duques deixarem de lado as diferenças e juntarem-se contra um inimigo comum.

— As palavras de Orion são sábias — concordou Asmodeus, um dos duques mais elegantes, conhecido por seus galanteios e por seu harém de escravas sexuais, lotado de espíritos de mulheres maléficas, que cometeram assassinatos e torturas em vida. — O arcanjo Miguel, nosso grande inimigo, ameaça controlar toda a terra. Correm rumores de que descobriu um meio de evitar o despertar de Yahweh, então devemos agir sem demora.

— Miguel também tem inimigos — argumentou Alastor, uma figura grossa, de pele vermelha e patas de cabra, que agarrava um tridente. — Gabriel está contra ele, e seus exércitos, prontos para a batalha. Se os...

— Isso não é novidade para ninguém — interrompeu Lúcifer, esticando-se no trono, com ar de tédio. — Até o demônio mais podre e o anjo mais fraco sabem dessa guerra civil e desse escarcéu que meus irmãos armaram lá no poleiro. Agora, os bastardos estão levando essa zona toda para o etéreo, e acham que vão dominar o mundo quando o tecido da realidade cair.

Enfim, o Anjo Caído era coerente em suas palavras, e os duques ficaram quietos a ouvir.

— Foi por isso que os chamei aqui. Não sou tolo. Se fosse, não teria organizado este reino. Não se esqueçam de que, mesmo sozinho, ainda tenho poder suficiente para comer o rabo de vocês e fritar seus testículos.

Os presentes engoliram em seco. A afirmação do Diabo era infelizmente verdadeira.

— Escutem agora. Para ganharmos essa guerra, precisamos agir certo e na hora exata. Cada um de vocês vai convocar seus servos e comandantes, preparar suas hordas e levá-los todos ao porto do Styx, à saída desta caverna, ao soar da Quinta Trombeta. A partir de então, seguirão as instruções de Samael — e apontou para a criatura reptiliana que estava a seu lado direito. — Minhas ordens só serão reveladas a ele, porque o sigilo é essencial para nosso sucesso. Quem desobedecê-lo responderá a mim. E não serei generoso com os insurgentes. Há muito venho querendo reduzir a quantidade de duques; talvez esta seja uma boa oportunidade.

Os oito presentes achavam-se no direito de obter mais informações sobre o plano de ataque, até para poder preparar suas hostes. Alguns estavam a ponto de estourar, mas alguma coisa os fez aceitar o comando. O pior daquilo tudo, sem dúvida, seria ter que obedecer a Samael, um bajulador pedante, que todos odiavam por ser o primeiro na escala de favores do Arcanjo Sombrio. Não havia um só duque que não quisesse degolá-lo, mas Satanás estava nas graças do amo.

Lúcifer não se levantou. Em um gesto cansado, de tremendo desprezo, fez sinal para que os outros se fossem. Por fim, ficou sozinho na caverna com o ser escamoso e com o melancólico Amael, o Senhor dos Vulcões.

— Tenho nojo desses pobres-diabos, Amael, mas com vocês dois é diferente. São meus amigos — confidenciou o demônio, à sombra de suas escuras asas de morcego.

Chuva Ácida

Com as habilidades mentais de Sieme, Ablon e Aziel não tiveram problemas para driblar a segurança da base, entrar no hangar, subir no avião, taxiar e decolar o aparelho. Já sabiam que aquele era um veículo oficial, mas tiveram uma ótima surpresa ao compreender que a aeronave tinha visto especial dos países neutros, o grupo de nações não envolvidas na guerra, e que por isso teriam facilidade de aterrissar em praticamente qualquer aeroporto do mundo. Esses vistos haviam sido recentemente emitidos e permitiam o transporte de refugiados dos países em conflito para os territórios neutros.

Sieme guiava o avião e ainda teria de ficar na cabine por mais alguns minutos, até alcançar a altura máxima de cruzeiro, quando então passaria ao piloto automático. Sentia-se realmente estranha ao comando daqueles botões. Algumas horas atrás, quando chegara à Haled, mal sabia o que era um carro, e agora pilotava uma máquina aérea. Ficou impressionada com a tecnologia humana e com a esperteza dos mortais, que podiam se adaptar às mais difíceis situações. Divagou sobre isso tudo, sobre a fascinante adaptabilidade dos homens. Eram sobreviventes, com certeza. Haviam resistido ao dilúvio e às inúmeras catástrofes perpetradas contra sua espécie. Ao compreender isso, passou a respeitá-los ainda mais, mesmo reconhecendo seus numerosos defeitos, que não eram, em verdade, muito maiores do que os pecados dos anjos.

Ablon e Aziel estavam no compartimento de passageiros, uma área pequena para um Boeing 737 regular, justamente por causa do tanque triplo com o qual era equipado. Havia pouco mais de trinta poltronas e mais um espaço livre destinado à carga.

— Isto não é água pura — percebeu Aziel, tocando a roupa branca, ainda encharcada pelas gotas de chuva.

— Está misturada a vários compostos químicos — esclareceu Ablon.

A Chama Sagrada espantou-se.

— Mas a água da chuva deveria ser a substância mais intocada de todas.

— A atmosfera está tomada pela poluição. Quando as indústrias queimam combustíveis fósseis para produzir eletricidade, os dejetos são lançados ao ar e se fundem às moléculas de água. Depois, voltam à superfície da terra por meio de precipitações, que podem ser carregadas a grandes distâncias. Os cientistas humanos chamam esse fenômeno de "chuva ácida".

Aziel manipulava a província do fogo, mas nem por isso tinha menos apreço pela água, a terra e o ar.

— Então, não há regresso para a guerra dos homens, general, e para a destruição do planeta?

— No ponto a que chegamos, não vejo mais volta — pausou e encarou, através da janela, o horizonte azul acima das nuvens. — Recordo-me do dia em que vi a primeira explosão nuclear. Aquele brilho

sinistro copiando os raios do sol, o calor radioativo, e depois a fumaça negra encobrindo a abóbada celeste.

— Isso me lembra a destruição de Sodoma.

— Até agora só ouvimos o soar de duas trombetas. Mas seu poder aumentará. Cada vez os terrenos usarão armas mais potentes. Sabe-se da existência de uma bomba tão forte que sua explosão queimará a atmosfera, lançando o planeta na escuridão nuclear. Suspeito que essa seja a arma final dos humanos.

O ishim ouvia atentamente e buscava compreender a realidade das coisas. Não estivera tanto tempo afastado da Haled quanto Sieme, mas seus conhecimentos tecnológicos eram deficientes. Por isso lançou a pergunta:

— Você acha que a desintegração do tecido da realidade tem alguma coisa a ver com a ação dessas armas humanas?

— Não diretamente. O tecido da realidade é feito da coletividade da consciência terrena. Representa a capacidade dos homens de acreditar no que é real e negar o impossível. É a grande defesa que, mesmo inconscientemente, eles levantaram para se proteger das criaturas místicas, que os superam em longevidade e poder. Mas o fim do mundo representará também o fim de todas as instituições, da civilização como a conhecemos. Todos os valores humanos serão trucidados, e o impossível passará a existir. Não haverá mais uma barreira entre o real e o questionável. Os governos e as organizações religiosas cairão por terra. Tudo em que o homem sempre acreditou será desmentido. Você viu o caos no aeroporto. Aqueles refugiados deixaram tudo para trás e não têm mais nada a perder. Muitos morrerão, e os que viverem aceitarão uma nova percepção do universo.

Aziel começava a entender o foco da coisa.

— Os sobreviventes passarão a admitir novas concepções. Se tudo em que acreditam desabar, que garantia terão de que realmente não existe o que antes achavam impossível?

— É a melhor teoria que posso pensar. Mas não sou um malakim para pôr minha hipótese à prova. Talvez ela esteja totalmente equivocada.

— Não acho que esteja. Faz muito sentido.

Diferentemente de Sieme, Aziel era amigo íntimo de Ablon desde os dias passados e ficara contente em revê-lo. Reconheceu sua crescente sabedoria e ficou a imaginar como seria se os outros renegados ainda vivessem.

— Dezoito renegados — refletiu em voz alta. — Você tem certeza de que é o único ainda vivo?

— Pude sentir a morte de cada um deles. Desde o assassinato de Ishtar, os fugitivos vinham sucumbindo aos seus caçadores. E os tempos se tornaram mais negros com a queda de Lúcifer.

— O Arcanjo Sombrio culpou a Irmandade dos Renegados pela própria queda e pela derrota na batalha contra o arcanjo Miguel — o ishim sabia a história, ou parte dela.

— Ele alegou aos demônios vencidos que toda sua ruína começara ao delatar os renegados. Foi só ao trair a nossa conjuração que ele acumulou a influência e o prestígio necessários para dar corpo à sua revolução, que a meu ver foi uma grande mentira. Pelo que Orion me contou, o Filho do Alvorecer se dizia defensor da liberdade, de um paraíso livre da tirania, mas o que realmente queria era superar seu irmão e tomar o trono. Ao ver sua rebelião destronada, não quis admitir o fracasso e responsabilizou os proscritos. Enviou o terrível Apollyon à Haled, para nos perseguir, e passamos a ter inimigos no céu e no inferno. Pelo menos nisso, os esforços de Miguel e Lúcifer convergiam.

— Que ironia! Lembro-me de Apollyon, à época em que era um querubim. Chamavam-no de Anjo Destruidor, por sua técnica especial, chamada de Destruição Total.

— Diferentemente de Orion e Amael, Apollyon não se juntou a Lúcifer por discordar da política celeste. O Destruidor sabia que, se a Estrela da Manhã vencesse, ele assumiria lugar de destaque na casta e poderia prosseguir com sua carnificina. Na verdade, Lúcifer nunca levantou uma palavra em defesa dos homens, a não ser para contrariar o irmão.

— Foi esse o motivo pelo qual você recusou a aliança com o Diabo?

— Lúcifer já me traiu uma vez. Nada do que ele diz é verdade. Meu senso de perigo me alertou contra sua hipocrisia. Não sei ao certo o que planeja, mas certamente não é confiável.

— Concordo com você. Conheço a ambição do Diabo e sempre soube de sua maldade. Por isso não me juntei a ele na guerra, mesmo consciente de que Miguel era igualmente perverso. Mas devo admitir que a proposta que o Arcanjo Sombrio lhe fez é coerente. Vocês dois pretendem derrubar o Príncipe dos Anjos. Nada mais óbvio do que juntarem forças.

— Seria muito fácil, Aziel. Além disso, por que Lúcifer teria me dado a tal chave do Sheol, mesmo eu tendo recuado a seu chamado?

Em um gesto ilustrativo, Ablon tirou do bolso o círculo rústico de barro. A Chama Sagrada analisou a chave pela segunda vez e reparou em seus contornos. Inscrições ancestrais marcavam a superfície do anel, recortado por uma cruz no centro.

— O Arcanjo Sombrio e Apollyon mataram muitos de meus aliados — continuou o guerreiro. — O Filho do Alvorecer já sabia qual seria minha resposta. É aí que a coerência desanda.

— E por que você não aproveitou o convite para desafiá-lo de vez e levar a cabo sua vingança?

— Mesmo que eu conseguisse vencê-lo, jamais sairia vivo de sua caverna. Seria loucura e idiotice. Não... Lúcifer e Apollyon terão o seu tempo, mas primeiro tenho que acertar as contas com o Príncipe dos Anjos.

— Até para mim, que sempre estive nos Sete Céus, essa tripla contenda entre Miguel, Gabriel e Lúcifer é um tanto confusa.

— Quando há mais de dois lados envolvidos numa disputa, o terceiro deve procurar aliar-se. Mas quem aceitaria a ajuda do Diabo? Miguel sempre foi seu maior oponente, e Gabriel, pelo que você diz, tornou-se uma figura bondosa, repudiando qualquer ação infernal.

— Nessa guerra, só lamento por aqueles que não tiveram a chance de escolher seu partido, aqueles que tomaram as decisões erradas.

Ao escutar Aziel, Ablon lembrou-se de Orion, que nunca pretendeu ser um demônio, e do pobre Amael, o melancólico executor do dilúvio.

— Usei as rotas do rio Styx para viajar ao inferno. Orion veio me buscar, e Amael estava com ele.

— Amael, meu velho e sofrido mestre Amael — a expressão do ishim enrugou-se. — Não é fácil esquecer o dia em que nos separamos. Nunca me perdoarei por ter-lhe dado as costas.

Ablon preferiu ficar calado. Sentia-se comovido por Amael e concordava com a idéia de que ele não queria mesmo matar toda aquela gente, mas o Senhor dos Vulcões tivera *sim,* a seu ver, uma escolha. Teve, contudo, receio de assumi-la, teve medo de enfrentar os arcanjos, e talvez por isso se sentisse tão

mal. Para o Anjo Renegado, Amael era uma vítima, mas de sua própria fraqueza. Vivia atormentado pelo mesmo temor que, no passado, o impedira de fazer sua eleição, de escolher entre obedecer aos grandes ou renegá-los.

Ablon sabia que a segunda opção acarretaria consequências terríveis, mas o general dispusera-se a encará-las. Amael não.

Longe dali, sob as águas geladas do mar de Barens, ao norte da Rússia, um submarino americano navegava. Conseguira enganar o radar inimigo e agora se aproximava da costa.

A embarcação estadunidense, com as insígnias da Liga de Berlim, já estava preparada havia dias para uma situação como essa. Com a ofensiva nuclear a Nova York, não seria seguro utilizar bases fixas, daí a importância do transporte marinho. A equipe sabia o que fazer, e o almirante ordenou que o torpedo fosse posto a ponto de tiro. Quando disparou, o projétil saiu do mar e voou como um míssil em direção a Moscou. Pequim já fora arrasada, e com ela parte da China. Agora, a Rússia era o segundo alvo prioritário.

Pouco depois, do solo, os moscovitas viram a morte chegar, à semelhança de "uma estrela ardente a cair do céu, como uma tocha". A explosão abateu-se sobre a capital, e seu raio de extensão arrasou também países vizinhos. A oeste, partes da Bielorrússia, Ucrânia e Letônia foram destroçadas; a leste, a devastação varreu o Cazaquistão e sacudiu o mar Cáspio.

No avião, sobre o Atlântico Sul, Ablon, Aziel e Sieme puderam ouvir o barulho estridente da Terceira Trombeta. O Anjo Renegado e a Chama Sagrada cambalearam, mas se recuperaram de pronto. O zumbido, mais forte do que o anterior, levou-os a pensar que Sieme, sozinha na cabine, poderia sofrer dores horríveis, afinal era, dentre eles, a mais sensível aos abalos no tecido.

Ao abrirem a porta, notaram a Mestre da Mente estirada no chão e correram para ampará-la. Ela se recuperaria em breve. Mas e os controles? Sieme era a única que sabia pilotar a aeronave.

Felizmente, ela acabara de passar o comando ao piloto automático.

A DESTRUIÇÃO DE SODOMA

Algum lugar ao sul do mar Morto, cerca de quatro mil anos antes de Cristo

O que vem a seguir aconteceu seis mil anos depois do dilúvio e imediatamente após a expulsão da Irmandade dos Renegados dos Sete Céus.

Seguiu-se à revolta um sentimento estranho, de desconfiança geral dos anjos em relação ao arcanjo Miguel. Por isso ele, que já havia decidido devastar Sodoma, bem como outras cidades da planície, decidiu, para forjar a imagem de justo, repetir o que fizera no dilúvio e permitir que dois anjos fossem à terra verificar se na cidade condenada havia humanos bondosos. Se houvesse, seriam poupados. Para reforçar ainda mais sua "boa vontade", excluiu da tarefa o representante dos hashmalins, uma casta de anjos tida como perversa, que controla a Gehenna.

Foram enviados à Haled um ofanim e um querubim — um anjo da guarda e um anjo guerreiro. Esses dois celestes chegaram a Sodoma em uma tarde de maio, para cumprir sua missão. Ora, os sodomitas eram um povo justo, comum, como todos os outros, mas tinham governantes implacáveis. Um reduzido número de homens governava a cidade, e seus pecados eram tremendos. A terra de Sodoma era extremamente rica, mas, em vez de seus líderes compartilharem os frutos, fomentavam a ganância. Os soberanos tinham incrível repúdio por estrangeiros, que julgavam querer tomar o seu ouro. Mesmo a cidade estando segura contra ataques, seus juizes votaram uma lei pela qual todo habitante que fosse flagrado alimentando um forasteiro seria jogado à fogueira. Os viajantes que ali chegavam por engano eram torturados em camas que lhes esticavam os membros até se partirem. Certa vez, uma jovem ofereceu água a um andarilho. Sabendo desse ato criminoso, os chefes a untaram com mel e a puseram diante de uma colmeia de abelhas selvagens. Mas os trabalhadores livres, os servos e os escravos, que representavam o grosso do povo, eram pobres de bens e fracos de mente, e sofriam horrores nas mãos dos senhores maldosos.

Aconteceu, então, que um tal de Lot, que descansava nos portões de Sodoma, avistou os dois anjos em forma de homem e os confundiu com viajantes. Lot não era um rico privilegiado, mas um trabalhador honesto. Mesmo sabendo das leis, teve pena daqueles forasteiros e os chamou à sua casa, oferecendo-lhes pão e abrigo. À noite, os guardas dos juizes estavam à sua porta, armados com estacas de bronze. Queriam prender e matar os visitantes, mas o querubim os cegou. Os celestes deixaram o local, não sem antes avisar a Lot:

— Deve pegar sua mulher e filhas e partir de Sodoma, pois somos anjos de Deus e lhe dizemos que, quando o dia raiar, a cidade será destruída. Corra para além das montanhas e não olhe para trás.

Antes do nascer do sol, portanto, o mortal deixou a planície e se escondeu nas colinas. E foi cumprida a vontade dos arcanjos.

A legião de anjos materializou-se nos céus e voou por quilômetros sobre o mar, até alcançar o terreno montanhoso de Moab e depois a planície perto de Zoar. O tecido da realidade, naqueles dias antigos, era frágil, e isso permitia que os celestiais atuassem no plano físico sem muita dificuldade, desprendendo as asas e utilizando suas armas místicas para matar, mutilar e torturar os seres humanos. À frente do grupo, comandando a tropa, estava Apollyon, o Anjo Destruidor, então um celeste, prestes a executar mais um terrível massacre. Tinha, nesses tempos ancestrais, asas brancas e uma armadura dourada. A pele era morena como areia queimada, e levava nas mãos uma espada. A seu lado planava Euzin, o segundo em comando, um anjo que já fora herói de guerra, mas que com o triunfo se tornara cínico e perigosamente ambicioso. Sua espada era chamada Raio de Aço.

A cidade de Sodoma, pequenina a distância, aumentava aos olhos daqueles predadores alados. Quando viram o coro de anjos voando como um enxame de abelhas, os juizes nada entenderam. Até que um deles gritou:

— São os soldados de Deus que vêm nos matar. Ai de nós, que vivemos no pecado!

O povo nas ruas entendeu seu destino e percebeu que pagaria pelo erro de seus chefes. Muitos tentaram correr, mas a legião já sobrevoava a cidade, cercando o terreno.

— Espalhem-se! — ordenou Apollyon aos oficiais querubins. — Matem, destruam, queimem tudo. Não poupem ninguém, nem as mulheres nem as crianças.

E ao seu comando a tropa mergulhou, trespassando as nuvens e avançando em assalto.

— Dariel, Asson, Ankarel! — chamou Euzin. — Venham comigo. Vamos invadir a casa dos juizes e queimar sua família.

Os querubins, divididos em grupos, de espada em punho, tomavam as vias, as casas, as praças. Por onde passavam deixavam um rastro de sangue. Os que tentavam fugir eram pegos por trás, cortados ao meio ou decapitados. As lâminas místicas venciam a carne com facilidade incrível, como as facas comuns dividem a manteiga. Apollyon liberou os soldados para violar as virgens humanas, se assim o desejassem, e atirou as crianças no poço central, um buraco profundo de onde os sodomitas tiravam água. Um pequeno agarrou-se à mureta e pulou para fora, mas com uma pancada o general o fez cm pedaços.

Na sacada da casa dos chefes, Euzin e seu séquito apareceram, portando as cabeças dos governantes. Lançaram-nas dali para as calçadas e sobre os tetos das habitações. Os corpos eles haviam amassado e jogado a massa disforme em uma piscina do pátio, onde os juizes criavam crocodilos.

Mesmo tomados pelo pavor, alguns poucos civis tentaram lutar, mas perceberam, assustados, que suas armas não feriam os celestes. Curioso foi que os guardas humanos, que tinham por tarefa defender a cidade, foram os primeiros a tentar fugir, e consequentemente os primeiros a morrer. Uma divisão bem alerta manteve-se distante, com a única missão de vigiar os limites da localidade e impedir que os mortais escapassem. Um ou outro se esquivou para as cavernas, mas as sentinelas voaram para dentro e arrancaram os medrosos dos túneis, levando-os acima das nuvens e largando-os no chão.

Quando todos os cidadãos de Sodoma haviam enfim perecido, os anjos puseram fogo em suas moradas. Os predadores assassinaram os rebanhos, empurraram as cercas c estragaram as plantações. Então, o Anjo Destruidor reuniu a legião no quarteirão principal e ordenou ao seu imediato:

— Bom trabalho, capitão. Agora tire seus anjos daqui. Terminarei a missão, conforme me foi ordenado.

Euzin não entendeu.

— Mas, senhor, a missão está terminada — olhou ao redor, viu o sangue nas ruas, a fumaça das casas e os corpos espalhados nas praças. Teria feito algo errado?

— Ainda não, capitão — replicou o cruel general. — A cidade deve ser inteiramente arrasada. Daqui a um ano, quando os viajantes tomarem o caminho do deserto, jamais saberão que um dia existiu um lugar chamado Sodoma.

E acrescentou, com a costumeira arrogância:

— É a vontade dos arcanjos.

O subalterno não ousou questionar, e por que o faria? Queria, também, ver aquelas pessoas desintegradas, reduzidas a pó, aniquiladas da face da terra. Levantou a Raio de Aço e a legião aceitou seu comando. Os querubins voltaram aos céus c voaram para longe. Muitos se questionaram por que o general não tinha ido com eles, e teriam a resposta em breve.

Sozinho nos escombros, Apollyon ficou a observar, orgulhoso, sua obra. Como Yahweh poderia ter criado os anjos para servir aos seres humanos, aquelas criaturas tolas, fracas e insignificantes? Não passavam de animais, esculturas grosseiras de barro que são esmagadas com um apertar de punho. Ele sim era forte, poderoso, digno da herança de Deus. Na sua opinião, a criação dos homens fora um erro, o único equívoco do Altíssimo. Mas ele, bem como muitos outros celestes, estava disposto a inverter os papéis. O Anjo Destruidor era o preferido de Lúcifer, mas era também um admirável agente de Miguel, o primeiro a ser convocado para liderar aquelas carnificinas dantescas.

A legião perderia tempo demais atacando cidade por cidade da planície. Mas Apollyon tinha outros planos para findar aquela campanha. Guardava consigo um segredo, uma divindade terrível, destrutiva e voraz. Não podia usá-la sempre, porque a execução do poder o deixava exausto e vulnerável aos inimigos. Ali, porém, estava só, seguro, e farig o desejo dos arcanjos, que era igualmente seu.

Concentrou-se, por fim, e traçou um círculo no chão de areia. Respirou fundo e focou toda a energia da aura em seu próprio avatar. Depois de segundos de extrema agonia, o Destruidor liberou toda a força contida, e aquele alento converteu-se em uma explosão de luz e calor de potência titânica, jamais vista naquelas terras do sul.

Uma onda de fogo e fulgor varreu a planície, exterminando Sodoma, Gomorra e outras cidades. A fumaça elevou-se à altura das nuvens, como a de uma grande fornalha, c de longe os outros anjos assistiram boquiabertos ao espetáculo.

De Sodoma e Gomorra restou apenas a lembrança, perpetuada pelas filhas de Lot, a única família a sobreviver àquele horror inumano.

Quando o vapor negro baixou, Apollyon estava esticado no chão, fatigado, dentro do círculo de areia delimitado por ele, o único ponto em quilómetros a resistir aos efeitos da devastação.

8-Pesadelos Humanos

Ablon ajudou Sieme a ajustar a máscara de oxigênio no rosto, puxando-a de um nicho ao lado da poltrona do piloto. A mulher-anjo abriu os olhos lentamente, os fios de cabelo prateados caídos sobre a face. O Anjo Renegado a pegou no colo.

— Vou levá-la lá para trás e deitá-la no chão — comunicou a Aziel. — Fique aqui e atente ao espaço aéreo. Nunca se sabe o que ainda pode acontecer.

A serafim começou a tossir quando o general a pôs no chão, sinal de que recobrava a consciência. Aos poucos, melhorou e se encostou à parede do jato. Ablon foi até a pequena cozinha, atrás da cabine, e encheu um copo de água com açúcar.

— Beba isto. Não precisamos, é claro, mas nossos avatares às vezes apreciam esses pequenos caprichos. Vai se sentir melhor.

Ela engoliu o conteúdo como se fosse remédio. Depois, ficou quieta, e o guerreiro notou que estava triste, quase chorava.

— O que foi, Sieme?

Ela relutou em responder, mas no fim entregou-se à ajuda.

— Aquelas imagens... Não consigo tirá-las de minha mente.

O renegado imaginou o que fosse.

— São as lembranças do homem da sala de controle, não são? Ao ler a mente dele, você incorporou também suas emoções.

— Não sei como lidar com elas, general. Sinto a dor pela morte de pessoas que nunca conheci, ouço o choro de crianças de jamais pari, me apaixono e odeio a cada momento.

Ele sorriu, condescendente.

— A maioria das pessoas leva muito tempo para aceitar essas coisas, e você reteve todas de uma vez. E natural que fique confusa.

— Sou uma celestial, uma serafim, a mais nobre das castas. Nunca havia provado essas sensações. E também não achei que nós, anjos, fôssemos suscetíveis a elas.

— É a carne, Sieme. Este corpo que materializamos nos faz como eles, como os humanos. Em nossos avatares, somos receptivos às mais profundas emoções. Todos os seres, físicos e espirituais, são capazes de sentir amor e ódio, mas a paixão, o desejo e a dor são propriedades carnais — e ao dizer isso, o renegado lembrou-se de Shamira e de como ela o fizera se sentir tão humano. — E essas emoções não são todas ruins. É instintivo. E como seguir nossa natureza de casta. Às vezes nada podemos fazer para evitar o apelo do coração.

Sieme ouvia o querubim, e com seus conselhos se sentia melhor.

— Com o tempo — continuou Ablon —, você saberá lidar com as impressões que registrou. E conhecerá outras, se ficar na Haled. É a Mestre da Mente. Vai conseguir.

— A mente é lógica, general — contestou. — O coração é irracional.

Ele pensou bem no que ela dissera e entendeu seu ponto de vista. Inteligência prática e percepção emocional são duas coisas bem diferentes.

— Tem razão, Sieme — concordou. — Tem razão.

Aterrissando

Várias horas se passaram na mais completa tranquilidade. Se fossem humanos, teriam dormido, mas, como não precisavam, Ablon, Aziel e Sieme passaram o tempo conversando. O Anjo Renegado lhes contou sobre suas aventuras na terra, e a Chama Sagrada e a Mestre da Mente falaram tudo o que podiam a respeito da política celeste. Narraram a luta pela soberania do Castelo da Luz, a épica fortaleza dos querubins no Quarto Céu, que foi tomada pelas forças do Mensageiro.

Desde o soar da Terceira Trombeta, nada mais fora ouvido. A julgar pelo intervalo entre as duas últimas bombas, Ablon imaginou o perigo do ataque que estava por vir. Os adversários, certamente, estavam ganhando tempo para analisar posições, preparar seus mísseis e lançar uma ofensiva fulminante e decisiva contra o alvo inimigo. O lutador temia que o estourar da Quarta Trombeta levasse consigo parte do mundo.

Um botão da cabine apitou, e Sieme sabia que era hora de retornar ao assento do piloto, pois estavam chegando *e* precisava assumir o controle da aeronave. O general acomodou-se a seu lado, na poltrona do copiloto, embora não entendesse muito bem o painel. Aziel sentou-se logo atrás, em uma cadeira retrátil. Já seria quase meia-noite no Brasil, mas em Israel os relógios marcavam cinco horas da manhã, com horário ajustado ao fuso.

Sieme pôs o fone de ouvido e ligou a comunicação com o rádio. Minutos depois, a torre de comando a chamou:

— Aeronave prefixo PR-PJI — contatou o controle de terra, e a voz falava em inglês. — Estamos com vocês em nossos radares. Prossiga com as instruções de jornada.

A mulher-anjo olhou para Ablon, em busca de apoio moral. Teria de convencer o controlador a deixá-los pousar, e talvez isso não fosse tão fácil. Estava muito longe para influenciar sua mente, mas felizmente os serafins são diplomatas natos, o que conviria ao momento. O renegado confiava em Sieme, sabia que ela conseguiria persuadir o operador, então a motivou com um breve sorriso.

— Controle de terra — começou a Mestre da Mente, mais bem-humorada. As emoções impessoais que a castigavam já não eram tão latentes —, pedimos permissão para aterrissagem de urgência.

— Estamos recebendo apenas aviões militares. Nossa sugestão é que desvie para a Jordânia... — o resto da transmissão se perdeu na estática.

A celestial teve que pensar rápido.

— Temos um visto especial dos países neutros para transporte de refugiados. Estou enviando os códigos agora.

A comunicação ficou muda durante a transferência, mas continuou logo em seguida:

— Proceda à aterrissagem na pista 2, PR-PJI. Qual é sua tripulação? — Apenas dois pilotos e um engenheiro de bordo — respondeu. Ablon sussurrou no ouvido da serafim:

— Diga a ele que o voo seguirá para a África — a maioria dos países africanos era neutra na guerra, bem como quase toda a América Latina.

— Controle de terra — Sieme voltou a chamar —, peço a convocação de um comandante e um copiloto. Minha tripulação precisa descansar, e queremos passar o avião para alguém que possa guiá-lo. Temos ordem de levar refugiados à África.

— Aguarde um momento, comandante — pediu o operador.

Uns dois minutos correram.

— A solicitação foi autorizada. Há pilotos voluntários aqui, e um grupo à espera de exílio.

— Obrigado, controle — ela finalizou e retirou o fone.

Ablon encarou orgulhoso sua oficial em ação. Aziel pôs a mão sobre o ombro da companheira, condecorando seu esforço e sua astúcia.

— Saiu-se bem, Sieme. Sabe como dobrar as pessoas.

— É minha natureza.

— Os aviões militares devem estar levando centenas de pessoas à África — comentou o ishim.

— Alguns, é verdade — concordou o general —, mas nem tantos. Árabes e judeus são por demais persistentes. Aposto que a maioria deles prefere continuar em suas terras até a morte chegar.

A aeronave iniciou a descida, e a pressão apertou os ouvidos. Sieme liberou o trem de pouso e as rodas do aparelho baixaram. Em questão de minutos, amanheceria em Jerusalém. O Anjo Renegado entraria, enfim, na Cidade Sagrada.

Desta vez, quem poderia impedi-lo?

Um Assassino nas Sombras

O avião aterrissou no Aeroporto Internacional Ben Gurion, em Israel, às 5h28. A instalação do

aeródromo fica em uma localidade chamada Lod, no meio do caminho entre Jerusalém e Tel Aviv, a uns 45 quilômetros da Cidade Sagrada. Ainda era noite quando Sieme taxiou o aparelho e o levou à plataforma de desembarque. Ablon olhou para fora e reparou na mobilização militar. Soldados em tanques e jipes defendiam a área; helicópteros e caças vigiavam o ar.

— Como se isso fosse ajudar alguma coisa — comentou.

— Sabe para onde devemos seguir depois daqui? — perguntou Sieme, antecipando a próxima etapa.

— Vamos para Jerusalém. De lá tentaremos alugar um carro com o qual tomaremos a estrada para a península do Sinai. Também temos que conseguir um mapa do deserto. Conheço as trilhas antigas, mas precisamos ter o plano das rodovias modernas. Vocês sabem exatamente onde ficam a montanha e o portal para o etéreo?

— Seria fácil encontrá-la no mapa — explicou Aziel. — O arcanjo Gabriel me indicou a entrada. Ele me disse também que os religiosos mortais frequentemente confundem o Horeb com o monte Sinai. Mas a verdadeira montanha que procuramos fica um pouco mais ao norte. Sei localizar a caverna, só não sei direito como chegaremos lá.

— Esta parte é comigo — replicou o general.

A aeronave estacionou na plataforma, e os funcionários trouxeram a escada. Sieme desligou os motores e despressurizou a cabine.

Quando abriram a porta, o frio cortante da madrugada enrijeceu-lhes os músculos. Era o mês de março, início de primavera, mas a estação ainda trazia o legado do inverno. Ablon fechou o sobretudo, e a serafim recolocou a parca, mas Aziel não se preocupou, pois podia produzir calor ele mesmo. Era um ishim, e sua província mestra era o elemento fogo.

Com seus sentidos apurados, Ablon explorou o cheiro da terra. Lembrou-se do dia exato em que estivera ali, havia milhares de anos, para afrontar Gabriel. Há aromas próprios a cada canto do mundo, para aqueles que sabem e conseguem percebê-los. O vento gelado levou-o de volta no tempo, aos dias da caravana dos gregos, com a qual cruzou as desoladas planícies orientais e a imensidão da Arábia. A imagem saudosa da menina chinesa invadiu-lhe a mente, assim como a lembrança de seus amigos, Tommaso, Pólix e Tales.

Sieme, mais uma vez, ludibriou mentalmente os guardas, e o coro esquivou-se para fora do aeroporto. Já na estrada, esperavam o primeiro ônibus do dia quando o Anjo Renegado farejou o ar. Seu senso de perigo, que nunca o deixara na mão, estava a alertá-lo freneticamente.

— Algum problema, general? — perguntou a Mestre da Mente.

Ele não respondeu imediatamente e ficou quieto, examinando com suas habilidades o ambiente em volta e o deserto que se estendia abaixo.

— Por enquanto, acho que não.

Aziel ia se oferecer para vasculhar o distrito, mas o ônibus chegou, e o assunto morreu.

Trepado sobre um dos prédios do aeroporto, uma figura se escondia nas sombras. Era um caçador e,

assim como Ablon, sabia ocultar sua aura. Aliás, não era apenas *um* caçador, mas o maior de todos os assassinos do inferno.

No mundo espiritual, Apollyon tinha rosto de monstro, com olhos negros como o abismo e dentes pontiagudos que saltavam da boca. No plano físico, porém, parecia um mortal, porque essa é a aparência dos avatares dos anjos e demônios quando materializados. Na Haled, portanto, fazia-se passar por homem, um sujeito carrancudo, bronco, de cabelos escuros e corpo fortíssimo. Tal qual seu inimigo renegado, Apollyon era um lutador implacável e tinha habilidades furtivas. Era mais forte que Ablon, porém muito mais lento. Os malikis, a casta de demônios guerreiros, eram bravos, indisciplinados e incontroláveis, exatamente o inverso de seus adversários celestes, os querubins.

Mas o que pretendia Apollyon ao espionar o general? Queria ele levar a cabo uma vingança pessoal, ou estaria a serviço do Arcanjo Sombrio em pessoa? Teria Lúcifer decidido eliminar o Anjo Renegado, em resposta à sua recusa ao acordo, ou era o Exterminador que queria enfrentar o guerreiro e terminar o duelo que haviam começado quinze mil anos antes?

Na última vez em que se encontraram, na entrada da caverna do Diabo, Ablon o desafiara ao combate.

O caçador não esquecera o chamado.

Um Guia Teórico • Shamira em Sion

Já era dia quando, do ônibus, Ablon avistou ao longe alguns prédios modernos, fora dos muros da Cidade Velha. Era a parte nova de Jerusalém, ocupada principalmente depois de 1860, com o superpovoamento do centro histórico. Naquela época, foram planejados distritos para os imigrantes, e a periferia tornou-se um lugar eclético, multicultural, que reflete a arquitetura e os costumes de seus fundadores.

A estrada, ladeada por colinas e plantações de oliveiras, estava bloqueada por uma cancela, defendida por uma guarita e por vários soldados do exército, em jipes e tanques. Aquele era um posto de controle, um dos muitos que obstruíam as rodovias por toda Israel. O renegado sabia que muitos israelenses e palestinos, que moravam distante, trabalhavam na Cidade Sagrada, e imaginou que as vias estariam lotadas àquela hora do dia, mas se enganara. A autopista encontrava-se praticamente vazia. Supôs que, a exemplo do Rio de Janeiro, o comércio estivesse parado e todas as atenções estivessem voltadas para a guerra mundial que assolava o planeta.

Escutando uma senhora em trajes islâmicos conversando a seu lado, o querubim entendeu que a maioria dos forasteiros no ônibus não era composta por trabalhadores, mas por fiéis, que se dirigiam aos templos em Jerusalém para rezar e esperar o fim do conflito. Os santuários sagrados muçulmanos, cristãos e judeus estavam abarrotados de gente. Poucas lojas continuavam abertas ao público, só os armazéns de comida e os pequenos supermercados.

Um soldado, armado de pistola e fuzil, entrou pela porta do ônibus e começou a verificar documentos. Sieme disfarçou seu semblante e o de seus amigos com truques mentais, e os vigilantes não detiveram ninguém.

O militar fez sinal para a sentinela levantar a cancela e comentou com seu parceiro:

— Lembro-me de ter visto um homem loiro, alto, e uma mulher de cabelos prateados.

O colega achou graça na curiosa ilusão.

— É... — zombou. — Eles devem ter se escondido na bolsa das velhas.

O ônibus em que Ablon, Aziel e Sieme viajavam deu a volta na Cidade Nova, passando pelos principais bairros da Jerusalém moderna, cruzou o monte Sion, atravessou o vale do Cédron, contornou o centro histórico pelo sul e subiu o monte das Oliveiras, parando finalmente na Rua Jericó. Atrás deles, morro acima, estava o cemitério judeu, com seus túmulos centenários, incluindo as sepulturas dos profetas Zacarias e Malaquias e o jazigo de Absalão, o rebelde filho do rei David. À frente, o vale de Josafá, uma depressão hoje pouco escarpada, separava-os dos muros da Cidade Velha.

Depois de milênios, o Anjo Renegado regressava ao seu ponto de duelo, ao lugar onde travara o épico combate com o arcanjo Gabriel. Dali, de cima do morro, os três anjos contemplaram a Cidade Velha, com suas casas antigas e ruas estreitas, dando cor a uma paisagem de tonalidade uniforme, meio marrom, meio cinzenta. A área colada ao monte das Oliveiras, delimitada pelo muro ancestral, abrigara, havia anos, o Templo de Salomão e depois o Templo de Herodes.

Por mais de meio século, a esplanada descansou em ruínas, até que os muçulmanos recuperaram o local em 691, construindo o Domo da Rocha, uma magnífica mesquita de cúpula dourada, que até hoje é o principal cartão-postal de Jerusalém. A área toda é considerada sagrada e conta com outras edificações célebres, como a Mesquita de El-Aqsa e o Museu de Arte Islâmica. A oeste, uma seção do muro separa a esplanada do templo do bairro judeu. Essa muralha, conhecida como Muro das Lamentações, é atualmente a referência mais adorada do judaísmo, porque é a única parte que resistiu ao incêndio que devastou o Segundo Templo. Adiante, o general avistou o bairro muçulmano e, além dele, o bairro cristão e o arménio, repletos de igrejas, patriarcados e albergues das várias denominações cristãs da cidade.

Ablon pôde notar, com seus olhos de águia, que o centro histórico estava curiosamente lotado. Ao redor do Domo da Rocha e em frente à Mesquita de El-Aqsa, milhares de muçulmanos rezavam ao ar livre, enquanto judeus ortodoxos oravam diante do Muro das Lamentações. No bairro cristão, uma procissão seguia a Via Dolorosa — as ruas percorridas por Cristo em seu martírio — e se dirigia à Igreja do Santo Sepulcro. As dezenas de templos da Cidade Velha estavam apinhadas de gente, que se reunia naquele feriado não programado. E havia soldados, centenas de soldados do exército e da polícia israelense, espalhados por todos os cantos. Dois helicópteros de combate deslizavam no céu.

Sieme constatou o que já esperava: o tecido da realidade, na parte antiga de Jerusalém, era extraordinariamente fino. A Mestre da Mente observou, também, que o plano astral estava desabitado de anjos. A Cidade Sagrada, por estar próxima à sua equivalente etérea, a Fortaleza de Sion, fora ocupada pelas legiões de Miguel depois da ressurreição do Salvador, quando Gabriel e seus querubins a deixaram. Desde então, o centro antigo vinha sendo vigiado pelos agentes do Príncipe dos Anjos, mas naquela manhã de março, às vésperas do Dia do Ajuste de Contas, nenhum celestial rondava o perímetro.

— Na última vez em que estive aqui — confidenciou Ablon — incansáveis patrulhas celestes guardavam o plano astral, e as tropas de Gabriel cercavam a cidade, esperando pela investida dos soldados de Miguel, na primeira grande ofensiva que, pelo que vocês me disseram, deu início à guerra civil.

— Foi um dia santo — acrescentou Aziel. — O Salvador pereceu na cruz, e as legiões dos dois arcanjos

entraram em confronto. Lutamos para defender a alma do Iluminado. Dois dias depois, ele ressuscitou. Nossa missão estava cumprida. Rechaçamos o exército inimigo e deixamos a Haled, refugiando-nos no Primeiro Céu, onde tínhamos bases mais seguras.

— Realmente, general — concordou Sieme. —Tudo agora parece tão desolado. Jerusalém sempre foi um poço de fantasmas, e continua sendo — reparou —, mas não há um celestial sequer vagando pela região. Nem parece que a Fortaleza de Sion fica tão próxima daqui, no plano etéreo. Não acha um pouco estranha toda essa apatia?

O guerreiro ponderou:

— Se Miguel está se preparando para a maior das batalhas, certamente precisa de todos os seus anjos alertas. Felizmente eles não podem nos enxergar do etéreo. Mas sempre pode haver um desgarrado — alertou, lembrando-se da sensação de perigo que experimentara ao sair do aeroporto.

O coro desceu o caminho na direção do Portão de São Estevão, recortado na muralha antiga, que acessava o bairro muçulmano. A passagem mais próxima seria o Portão Dourado, que levava ao complexo de templos e ao Domo da Rocha, mas o umbral fora fechado pelos islâmicos no século VII.

— Acha que vamos conseguir um transporte aqui? — perguntou Aziel.

— Tenho certeza — respondeu Ablon. — Trouxe algum dinheiro comigo, talvez o suficiente para alugarmos um carro.

Já eram quase oito horas quando os três chegaram ao portão, construído pelo sultão Suleiman, o Magnífico, em 1538. Ao transpor o arco de pedra, o Primeiro General sentiu o aroma inédito de uma nova cidade. Olhou para o chão, para os muros, para as casas e vielas e para o povo nas ruas. Em Jerusalém, as marcas da história estão em todo lugar, em cada canto, em cada esquina. As impressões de uma localidade milenar, para um anjo com sentidos apurados, eram tão incríveis quanto saudosas. E ele percebeu também a tenuidade do tecido.

— A membrana aqui é... é... — murmurou.

— É como se toda a Cidade Velha fosse um enorme santuário — completou Sieme.

Exatamente por isso, não era difícil para os celestiais enxergarem os espectros dos mortos de muitas eras passadas, que se escondiam nas alcovas e erravam pelas calçadas, sem que os mortais os notassem. Eram inofensivos e melancólicos, como todos os fantasmas. Continuavam presos ao plano astral, mas sempre observando o mundo físico, em busca de soluções para as questões que os impediam de rumar para o céu.

— Enfim, estamos aqui — felicitou-se Aziel. — E agora?

— Agora vamos precisar de um automóvel, de preferência resistente, para cruzar o deserto. E ainda temos que conseguir um mapa rodoviário.

— Tem idéia de onde podemos conseguir tudo isso? — perguntou a serafim.

— O comércio está fechado, mas talvez haja alguma venda aberta no *souk* central, um mercado livre na interseção entre os três bairros.

Aziel apreciou a decisão de seu general.

— Para quem nunca veio à cidade, até que você não é um mau guia — brincou.

Ablon sorriu. Era verdade — jamais estivera em Jerusalém. Mas havia lido tudo a respeito. E a memória do renegado era o que ele tinha de mais rico, além de suas virtudes. As habilidades marciais vinham em segundo lugar.

No pátio mais extremo da Fortaleza de Sion, sobre os cem níveis da torre, a Feiticeira de En-Dor continuava presa por correntes à negra pilastra de mármore. O vento gelado castigava-lhe a pele, e os fios de cabelo chicoteavam-lhe o rosto. Mesmo atada à coluna pelas amarras de ferro, podia ver o chão sob o parapeito, milhares de metros abaixo, e as cordilheiras que, ao longe, defendiam a fortaleza, como um anel a cercar a planície. Atrás dela, também a distância, além das montanhas, ficava o inquietante rio Styx, com suas turvas águas vermelhas. Todas as divisões do exército de Miguel estavam prontas e posicionadas, esperando o assalto da legião rebelde de Gabriel, acampada a 350 quilômetros dali.

Shamira sabia que, mesmo a sós no terraço, estava sendo vigiada por espiões invisíveis. De qualquer maneira, não havia muita saída para seu sofrimento. Seus encantamentos, mesmo que pudesse invocá-los, seriam inúteis contra seus raptores, a menos que tivesse um objeto ou uma pena da vítima — e ela não tinha.

Tentou racionalizar o que faria a seguir. Poderia simplesmente relaxar e esperar a morte, mas ainda guardava esperança. Já estivera em situações difíceis e conseguira se livrar de todas, na maioria das vezes por mérito próprio. Não sabia o que acontecera a Ablon. Queria acreditar que ele estava a caminho, mas não devia contar com isso. De certa forma, uma parte dela não queria que ele viesse em seu resgate, pois agora, ao ver de perto a Torre das Mil Janelas, reconhecia a qualidade das patrulhas e a voracidade de seus guardiões. Confiava no renegado e em sua perícia com a espada, mas temia que ele não superasse os inimigos que habitavam as salas escuras, incluindo o sinistro Anjo Negro e o impiedoso Miguel.

Em meio aos pensamentos desencontrados, a feiticeira concentrou-se em suas potencialidades. Sentia-se péssima. Sempre fora ativa, esperta e enérgica. Mas encontrou consolo ao entender que muitos que admirava também haviam passado por isso. Voltou a lembrar-se de Ablon e de como ele, certa vez, escapara do inferno, após ser capturado e levado ao mais terrível dos calabouços.

Na ocasião, o Anjo Renegado obteve auxílio, caso contrário teria morrido. Foi a amizade de um antigo confrade que o salvou da condenação certa nas mãos do Senhor do Sheol.

Teria ela a mesma sorte?

NOS PORÕES DO INFERNO

Condado de Exmoor, sul da Inglaterra, 1231 d.C.

O Velho Carvalho

Aconteceu naqueles dias sombrios, durante a chamada Idade das Trevas. Tempos sangrentos eram aqueles, quando homens de honra partiam para a guerra com suas armaduras polidas, enquanto os camponeses, famintos, trabalhavam a terra, subjugados por ociosos tiranos. Era a época dos grandes castelos e cavaleiros, dos senhores feudais, do apogeu da Igreja e também das Cruzadas, gigantescas jornadas militares postas em curso para expulsar os muçulmanos da Terra Santa,

Foi em uma manhã gelada de inverno, quando a neve se acumulava nos galhos e encobria a relva macia, que o Anjo Renegado, cambaleante e ferido, cruzou a floresta, chamada de bosque dos Cones, por seus pinheiros de copa pontuda. Parou, apoiado em um tronco, e respirou duas vezes. Nas costas, sob a roupa grossa, um talho imenso castigava-lhe o corpo. Mais parecia um golpe de espada, mas a hemorragia era mínima, porque o ferimento fora cauterizado, como que fustigado com um objeto fervente. A força vacilava e as pernas tremiam, mas ele não podia parar. Faltava pouco, muito pouco. Já podia ver a fronteira dos ermos e os limites de um povoado além. Talvez tivessem água, comida e uma cama quente, tudo de que precisava para recompor seu avatar.

Ablon estava esfomeado e cansado, mas não desistiu e continuou a correr sobre a neve, tropeçando e caindo às vezes, mas nunca se deixando vencer. Subiu e desceu uma colina, atravessou um corredor de pinheiros, contornou a margem de um lago e chegou a uma alameda. Ao fim dela, encontrou o que procurava.

A trilha florestal abria-se em um campo coberto de neve, cuja área central abrigava um complexo monástico, com uma série de prédios de arquitetura tipicamente normanda, de pedra clara e marrom, passagens em arco e janelas altas a uma distância segura do solo. Além do mosteiro, o bosque sumia, e uma estrada de terra continuava reta até um vilarejo, a um quilómetro de distância, ao redor do qual se cultivavam trigo e cevada. Ablon não enxergou muito bem o povoado, mas o monastério estava à sua frente, ao seu alcance. Reparou que o terreno era cercado por muros, mas na portaria, sob uma torre pequena, não havia vigília. E, colada ao próprio muro, havia uma casa longa, que o general sabia ser a ala de caridade, onde os monges alimentavam e medicavam os pobres. A seguir, depois do largo frontal, estava a igreja da abadia, flanqueada por duas torres dianteiras e decorada com vitrais coloridos. Ao lado, erguiam-se outros edifícios, entre eles o claustro, os dormitórios, a casa do abade e o capítulo, uma câmara onde os monges se reuniam diariamente para deliberar sobre diversos assuntos.

O renegado avançou pelo portal arqueado e penetrou no pátio, ocupado por homens de batina escura.

Uma dezena deles cercava um grande carvalho, enquanto outros dois, de machado em punho, tentavam cumprir a tarefa de pôr a árvore abaixo. Ablon não se preocupou com eles, quando seu olfato de predador captou o cheiro de água potável. Virou-se e avistou um poço, com um balde cheio descansando na neve. Correu e engoliu tudo o que pôde, toda a água da qual se privara. Estava seguro agora. Se tombasse, seria ajudado.

Quatro monges, jovens noviços, aproximaram-se do estranho andarilho, mas nada fizeram.

— A cada dia uma surpresa — comentou o mais novo, indiferente.

— De onde será que é esse? — perguntou um segundo.

— Pode ser um camponês enlouquecido de Seaport — arriscou urn baixinho, de cabeça raspada.

— É forte demais para ser um camponês, sua mula — retrucou o mais velho, com certa malícia.

Os outros três, intimidados, ficaram calados. Tinham olhos curiosos e pouco amigáveis. O anjo guerreiro largou o balde e tentou articular um pedido de ajuda, mas a garganta doía. Cambaleou para frente, pisou em uma pedra e, já tonto, caiu.

— Ele devia estar pedindo comida — inferiu o cabeça-raspada.

— É, mas a caridade só começa daqui a meia hora. Ainda nem esquentaram os pães — explicou a voz dominante.

— Devemos carregá-lo para dentro? — indagou alguém.

— Não, o prior disse para cortarmos a árvore. Sempre uma coisa de cada vez. Sem protestar, os outros concordaram.

Ablon foi vítima de um pequeno desmaio. Estava ferido, cansado e faminto, mas não iria morrer. Aquele talho no corpo não configurava um ferimento mortal, apenas um contratempo, que o enfraquecia terrivelmente e o atrasava em sua empreitada.

Acordou com o agradável calor do ambiente, ao ser esticado em um leito de palha. Tossiu muitas vezes e expeliu um pouco de sangue. Os dedos estavam congelados, as costas ardiam e a cabeça latejava.

Sentou-se na cama e dali viu muitas outras, algumas com camponeses doentes, ao longo de uma sala comprida, de janelas estreitas, através das quais brilhavam os raios dourados do sol de inverno. Dois homens idosos, um magro e outro muito gordo, ofereciam aos infelizes pedaços de pão, distribuindo o alimento juntamente com uma tigela de água. Eram beneditinos, seguramente, uma ordem monástica devota dos ensinamentos de são Bento de Núrsia, o "patriarca dos monges ocidentais". Os preceitos beneditinos foram levados à Inglaterra por santo Agostinho, um italiano que, no século VI, veio a se tornar arcebispo de Cantuária, o centro religioso mais importante do país. Sustentavam a alcunha de "monges negros", por causa de suas vestes escuras.

Um velho de corpo delgado, olhos azuis e expressão gentil estendeu a comida ao renegado, que a tomou vorazmente. O monge, longe de se impressionar, conhecia a atitude dos esfomeados e limitou-se a demonstrar um sorriso bondoso. Apesar da idade avançada, o irmão Thomas era só um enfermeiro, uma das posições mais tímidas da hierarquia monástica. Não era e nunca fora padre. Com efeito, as regras de

são Bento propõem que a maioria dos monges seja composta de leigos, e que só uns poucos sejam ordenados.

Ocupado em saciar a fome, Ablon nem deu atenção ao filantropo, que ficou parado a observá-lo durante todo o curso da refeição. Parecia querer falar-lhe com calma, por isso o aguardava sem pressa. O celestial só entendeu isso quando terminou seu pedaço de pão.

— Contei ao prior que estava aqui — surpreendeu o ancião, com certo peso de culpa.

— Contou? — estranhou o renegado. — Sou hóspede de honra? — brincou. O monge, encabulado, percebeu que o paciente não tinha sotaque e logo implorou desculpas, como se tivesse cometido um pecado mortal.

— Eu... eu suplico seu perdão, bom cavaleiro. Pensei que fosse francês.

O renegado achou graça no comentário, especialmente no título pelo qual fora chamado.

— Não é o único. Estão sempre me confundindo, em toda parte que vou.

— Mesmo assim seria bom que conversasse com o prior — insistiu. Ablon gostou da idéia. O prior era o segundo em comando do mosteiro,

abaixo somente do abade. Talvez pudesse ajudá-lo a encontrar a pessoa que fora procurar naquelas terras do sul. Havia alguns meses, o querubim reencontrara um de seus oficiais renegados, Yarion, Asa de Vento, nas cercanias altas da Escócia. Decidiram, a partir de então, vagar juntos pelo mundo, e estabeleceram uma missão: reagrupar a Irmandade. Para organizar o plano de ação, refugiaram-se na Abadia de Saint Luke, ao norte, disfarçados de clérigos, e lá encontraram a paz de que precisavam para estabelecer a jornada de busca. Mas a tranquilidade fora subitamente interrompida pela chegada de um assassino infernal. Vagando na noite, o demônio Apollyon invadira o monastério e, com sua espada de fogo negro, golpeara o general pelas costas. Moribundo, Ablon presenciou o Exterminador derrotar Yarion e levá-lo ainda vivo para as profundezas do inferno. O querubim ainda não sabia muito bem como o malikis conseguira carregar seu amigo renegado para além do tecido da realidade, mas esperava que Shamira o iluminasse.

Ablon conhecia, por alto, o paradeiro da Feiticeira de En-Dor. Sabia que ela tinha se estabelecido em Exmoor, então foi seguindo seu rastro desde Bristol, passando por Bath, Glastonbury e Ilchester, para enfim chegar ao condado.

— Estou à disposição de seu superior, a hora que ele quiser — ofereceu-se.

— Ele vai chamá-lo mais tarde. Temos que cumprir os ofícios.

Para os beneditinos, a estrutura do dia é determinada pelas horas do culto, a que são Bento deu o nome de *opus dei,* as oito missas diárias cantadas no oratório monástico. São elas: o ofício divino da noite, ou vigílias; o ofício das primeiras horas do dia, ou matinas; as horas canónicas que se seguem às matinas, as laudes; e as sete horas canónicas seguintes, prima, terça, sexta, nona, vésperas e completas.

— Posso esperar — colaborou o renegado.

O ancião recolheu a tigela vazia de água e declarou, antes de sair:

— Durma um pouco, então. E sobre o que disse, saiba que, para os membros de nossa ordem, a hospitalidade é uma obrigação solene. Aqui, os visitantes são acolhidos como o próprio Cristo.

Ablon assentiu com a cabeça, mas logo se lembrou da recepção impassível dos noviços no pátio.

Contanto que não o crucificassem, estava tudo bem.

No Vinho a Verdade

No mosteiro, cercado pela área rural, era tudo muito silencioso. Os mais introvertidos passavam grande parte do tempo calados, na calmaria do claustro, a não ser durante os ofícios, quando declamavam orações em estilo gregoriano. A igreja em que rezavam ficava do outro lado do pátio, mas Ablon podia ouvi-los entoando salmos e proferindo louvores ao Senhor. A melodia suave o despertou por completo, e ele teve um vislumbre saudoso ao recordar-se da Bancada da Paz, um dos muitos pavilhões do Sexto Céu, onde trezentos celestes teciam sinfonias honrosas em tributo ao Deus adormecido.

Era quase hora do almoço, e lá fora a neve caía sem parar, alvejando o campo e os bosques. O renegado se levantou, já se sentindo melhor. Ficou circulando pela sala enquanto os outros doentes dormiam e arriscou uma subida na cama, para espiar o largo interno pela janela. O carvalho central havia mesmo sido cortado, mas o tronco ainda repousava no chão. Era tão belo, tão antigo, tão forte. Era uma árvore cheia de vida, mesmo com os galhos desfolhados pelo inverno. Agora, mais parecia um cadáver tombado, que em breve regressaria à terra. Para os antigos celtas, o carvalho era uma planta sagrada, mas muitos cristãos não davam importância aos cultos ancestrais.

Ouviu passos no assoalho e sentou-se no leito de palha. O velho magrelo entrou pela porta.

— Não conseguiu dormir? — arriscou uma dedução.

— Consegui sim, mas já despertei. O calor da fogueira e os flocos de neve batendo na janela são o melhor sonífero para um homem cansado.

O monge pareceu satisfeito.

— Pode vir comigo agora?

Era exatamente o que Ablon esperava.

— Perfeitamente — acedeu, levantando-se da cama.

Seguiu o ancião por pórticos obscuros e vastos salões. O frio era assombr e os dois caminhavam afastados das janelas. Cruzaram uma passagem em arco que levava a um átrio e depois à casa do abade. A neve fofa grudava nas botas.

Chegaram a um corredor de pedra que terminava em uma porta de madeira com duas seções. O irmão Thomas bateu três vezes com a argola na tábua.

— Nosso abade está em viagem a Cantuária, mas o prior John Marc vai recebê-lo. É um homem jovem

e inteligente. Foi ordenado padre em Westminster.

Em geral, a regra beneditina estipulava que os monges ficassem sempre na mesma comunidade, mas às vezes havia intercâmbios, pouco comuns. A abadia de Westminster ficava — e ainda fica — em Londres, a leste, bem longe dali. A vontade de Ablon era conferenciar com um homem local, que conhecesse a região e seus habitantes. Será que o prior aliviaria suas dúvidas?

A porta de madeira se abriu, e um homem distinto, com menos de 40 anos, de corpo saudável e altura superior, convocou o visitante. Trajava o regular hábito negro, mas por cima usava uma segunda veste, de algodão e veludo, luxuosa para os padrões rústicos do monastério. De dentro da sala, emanava um aprazível calor, misturado ao cheiro de diversas comidas.

— Pode entrar — convidou. Tinha voz firme, e pela expressão Ablon soube que era sujeito instruído. O velho irmão Thomas deu meia-volta, e o querubim avançou pela porta.

A casa do abade, então ocupada pelo prior, era a maior área particular do mosteiro. Tinha pelo menos três quartos e um espaço comum, onde se destacava uma mesa extensa, sobre a qual fora posta uma deliciosa refeição vespertina. Não havia carne, mas o almoço incluía pão preto, ovos cozidos e uma suculenta sopa de cebola e ervilhas. Duas jarras decoravam a mesa, uma com água e outra com vinho. Na extremidade mais funda, uma lareira ardia, aquecendo os presentes.

O prior se sentou e, com um aceno, incitou o visitante a imitá-lo.

— Esteja à vontade, meu jovem — começou, indicando a comida sobre a mesa.

Ablon aceitou a oferta e agradeceu a gentileza com uma vénia silenciosa.

Relaxou as costas contra o assento e acompanhou o padre em seu repasto. Separou para si um pedaço de pão, enquanto o anfitrião se servia do caldo de cebola.

— Pão é vida, é carne — teceu o hospedeiro, contente ao ver que o viajante tinha hábitos modestos e aproveitando para, ao mesmo tempo, emendar uma metáfora religiosa.

Deve ser soldado, pensou, e era exatamente de um soldado que precisava.

— Pelo menos para mim, a simbologia é coerente, padre — retrucou o renegado, analisando a ironia. Ele precisava comer, beber e dormir para refazer seu corpo físico.

O homem se animou com a resposta.

— É cristão?

— Devo admitir que não tenho ido muito à igreja — Ablon já estava se saindo melhor com essas perguntas súbitas.

A expressão do pároco não se alterou. Estava exultante por ter encontrado seu homem, e o usaria mesmo que não fosse cristão.

— Perdoe-me a falha de etiqueta — repreendeu-se, quando o assunto morreu. — Sou o prior John Marc, responsável pelo monastério até o retorno do abade. E você, de onde vem?

— Não sou seu inimigo, muito menos francês.

O clérigo reparou que o hóspede não o tratava por "irmão" ou "senhor", sinal de que não era camponês. Os servos, em geral, respeitavam mais as formalidades feudais. Supôs que fosse nobre, cavaleiro ou mercenário, mas sua postura evasiva o irritava por dentro. Determinado a arrancar a verdade do convidado, o prior encheu o copo do celestial com vinho até o topo, simulando um ato gentil.

— Mas é um guerreiro, imagino — pressionou, e então Ablon entendeu a malícia da coisa.

— *In vino ventas* — ironizou o general, em latim, e a partir daí Marc viu que não estava lidando com um homem qualquer. O provérbio "No vinho a verdade" faz alusão à prática de embriagar um terceiro para deixá-lo mais propenso a articular confissões. Apenas os eruditos conheciam o ditado.

Mesmo assim, o anjo sorveu a bebida da taça — não ficaria embriagado, seguramente. Voltou-se ao seu inquisidor:

— O que quer de mim, padre? — perguntou, encerrando os subterfúgios.

O semblante do sacerdote endireitou-se, regressando à postura sisuda. A oratória com a qual ludibriava os fidalgos na corte de Londres falhara.

— Antes de tudo, preciso saber se tem vivência de guerra e um mínimo conhecimento da mata. Quero ter certeza de que está disposto a cumprir uma tarefa específica.

Ablon viu a intenção nos olhos do homem.

— Você procura um mercenário.

O prior encabulou-se. Tal atitude, a de contratar soldados da fortuna, não era um costume muito cristão. Confiou, talvez inocentemente, no sigilo do hóspede, mas dali em diante não havia mais volta.

— Temos tido alguns problemas políticos aqui no mosteiro — confidenciou.

O Anjo Renegado não disse nada, esperando que o monge fizesse seu relatório.

— Quem sustenta a abadia é o barão Peter Madog — cedeu —, que é também o senhor de Redmill, o povoado que fica adiante, além dos campos de trigo. Deve tê-lo avistado em algum momento.

— Vi os campos, mas não a aldeia.

— A nevasca provavelmente encobriu a paisagem. Há muito tempo Madog quer construir uma estrada que ligaria Exmoor a Glastonbury, mas a rota passa pelo meio de uma velha floresta, a floresta Vermelha, a leste.

— Por que não ordena que seus monges derrubem as árvores? Acho que eles têm uma certa experiência no assunto — zombou, lembrando-se da desagradável visão do carvalho tombado.

— Monges não são lenhadores. Aliás, a floresta é grande. Precisaríamos de mais homens para isso.

— E o tal barão? Não tem dinheiro para financiar operários?

O anfitrião esboçou um sorriso nervoso. Nem ele, esclarecido e letrado, gostava de tocar naquele assunto.

— É claro que tem. O barão tem muito dinheiro, mas o problema é que nem os camponeses famintos querem entrar naquelas partes selvagens. Desde os romanos o povo conta que a mata é assombrada por duendes e fadas.

O renegado deixou escapar uma risada cética:

— Não vai me dizer que acredita nessas coisas...

— Creio apenas em Deus, e só nele, forasteiro — o padre foi mais agressivo —, mas os pobres ainda são muito supersticiosos, uma herança profana deixada pelos feiticeiros bárbaros — ele se referia aos druidas, antigos sacerdotes que habitavam a Inglaterra na época dos celtas. — Os lenhadores disseram ao barão que só entrariam na floresta se antes ela fosse percorrida por um grupo cristão. Há um ano, convenci uma comitiva monástica a visitar aqueles ermos. Fomos a pé até as árvores, mas alguns homens ouviram barulhos estranhos, escutaram risadas e avistaram uma mulher de cabelos negros e pele alva, a quem deram o nome de Bruxa da Floresta Vermelha.

O general parou de comer. A Bruxa da Floresta Vermelha só podia ser Shamira, a quem Ablon tanto procurava. Ele conhecia bem os hábitos da feiticeira e sabia que ela apreciava as regiões selvagens. A necromante nunca foi de se misturar a ordens ou a conselhos de bruxos, preferindo a vida solitária. Talvez por essa razão continuasse viva.

— Ao ouvir aqueles sons horríveis — prosseguiu o padre —, o horror se apoderou da comitiva, e minha missão fracassou. Desde então, os leigos estão convencidos de que aquele lugar é o lar do Diabo e se recusam a voltar lá. E, com isso, também os lenhadores.

— Que história mais delirante — exclamou Ablon, incrédulo quanto à crença nas fadas. Era possível, contudo, que Shamira tivesse usado encantos básicos para afugentar os invasores. E o querubim estava convencido de que era realmente ela a tal bruxa da floresta. A descrição não dava margem a dúvidas.

— O abade Paul, chefe da nossa paróquia, foi a Cantuária tentar ganhar tempo com os bispos. Enquanto isso, tenho que pensar em um jeito de desacreditar meus homens sobre essa fábula irritante, a fim de levá-los a visitar a floresta. Se a comitiva cruzar o bosque, os operários ficarão encorajados a entrar. E, se a estrada não for construída, Redmill e este monastério estarão condenados.

— É curioso que tenham resistido até agora.

— A abadia foi financiada pelos pais do barão, assim como o povoamento da aldeia. Na época, as necessidades eram menores, mas agora a demanda de cereais aumentou. As sacas de trigo e cevada precisam ser vendidas fora daqui, para que a propriedade continue sendo rentável.

— O que o barão quer é engordar ainda mais seus cofres.

O clérigo não desmentiu a afirmação, mas também não a encorajou.

— Ainda assim, lorde Peter Madog é nosso patrono.

Ablon terminou o pão, bebeu um copo de água e pegou uma concha de sopa.

— E por que exatamente você precisa de um mercenário?

— Tudo o que eu quero é um homem de coragem, que seja livre dessas crendices que perturbam o povo. Se um cavaleiro honrado passar uma noite na floresta Vermelha e de lá retornar com vida e sanidade, os monges entenderão que toda a mística em torno do bosque não passa de um folclore patético. E aí poderei organizar uma nova comitiva, abençoar a área e abrir caminho para os lenhadores.

— É só isso? — estranhou o renegado.

O hospedeiro levantou-se e foi até um canto da sala. Pegou uma pequena arca de madeira e a pôs sobre a mesa. Tinha reforço de ferro e estava fechada por um cadeado maciço.

— É claro que o pagamento é satisfatório — sussurrou e, abrindo o tampão da caixa, revelou uma pilha de moedas de prata. No meio do tesouro, destacavam-se objetos de ouro e artefatos incrustados de pedras preciosas, como cruzes c colares. O celestial desprezou a futilidade dos homens e nem quis imaginar como os objetos haviam sido adquiridos.

— Guarde seu dinheiro, prior. Felizmente para você, nossos objetivos se cruzam. A floresta Vermelha era meu destino desde que cheguei ao condado, embora não soubesse muito bem disso. Vou me aventurar pela mata, mas talvez demore mais do que um dia lá dentro.

— Suas palavras são incongruentes.

— Eu também quero encontrar essa bruxa. Mas não se assuste, não sou um feiticeiro.

O sacerdote fechou a arca e examinou o celeste dos pés à cabeça. Lentamente, foi se afastando e recolocou a caixa no chão. Por um momento, arrependeu-se terrivelmente de ter-lhe confiado a situação do mosteiro, mas estava desesperado.

— Faça como quiser — determinou, sem saída. — Mas tente não demorar. Podemos pagá-lo muito bem.

— Eu já disse que dinheiro não é a questão — repetiu, sorvendo a última colherada de sopa.

O padre virou o rosto e fez uma anotação mental, repetindo para si mesmo que não deveria mais tocar em assunto financeiro. Não podia deixar escapar a boa oportunidade que tinha arrumado — um soldado disposto a entrar na floresta Vermelha e nada cobrar por isso. Era como um daqueles heróis da mitológica Bretanha, como os cavaleiros dos tempos de Artur. Imaginou a propaganda que poderia fazer sobre suas épicas façanhas e separou na mente alguns títulos para ele, como Matador de Dragões e Cavaleiro Sagrado. Talvez, no futuro, ainda pudesse transformá-lo em santo.

— Quando acha que podemos partir? — o pároco tinha pressa. — O enfermeiro da ala de caridade disse que estava ferido.

— Já estou quase bom — e era verdade. Em um dia de repouso estaria em ótima forma. Os anjos guerreiros saram rápido, mesmo quando os ferimentos são provocados por armas místicas. — Podemos viajar amanhã, mas não conheço o caminho para os ermos.

Dali em diante, John Marc já tinha todo o planejamento delineado, com etapas bem definidas. Trabalhara nele por muito tempo antes de o querubim aparecer à sua porta. Era só nisso que vinha pensando por meses a fio.

— Hoje, mais tarde, antes das vésperas, convocarei uma procissão. Deixarei só alguns noviços para guardar a abadia, e os outros irão acompanhá-lo, inclusive eu. Acamparemos nos arredores do bosque e aguardaremos seu retorno.

Ablon não queria frustrar o prior, mesmo não concordando com suas intenções progressistas. Não que fosse contrário à expansão da civilização humana, mas a destruição da floresta responderia à ganância dos nobres feudais. Havia outras rotas para a construção da estrada, mas estas eram mais longas e comprometeriam o comércio e o lucro.

— Quanto a isso, não posso prometer nada, padre. Já disse que nossos objetivos se cruzam, é só.

O barão tinha, logicamente, um corpo de guerreiros, mas só obedeciam a ele. O que o clérigo precisava era de um herói solitário, um cavaleiro bravo e esperto. Preferia que fosse cristão, mas estava consciente de que nem tudo é perfeito. Aliás, nem tinha certeza do que ele era ou de onde vinha. Mas, verdadeiramente, que diferença fazia?

A identidade de seu herói seria montada, criada, reinventada. Se tudo desse certo, a estrada poderia estar pronta no fim do verão. O condado e a aldeia prosperariam, e com eles a igreja e o mosteiro. Com o tempo, John Marc assumiria o lugar do abade. Quem não apoiaria um homem que ajudara um cavaleiro a derrotar o Diabo?

E o Diabo era precisamente quem Ablon pretendia enfrentar.

A Floresta Vermelha

No dia seguinte, Ablon acordou da última noite de sono necessária à sua recuperação, já praticamente são. A neve, que caíra por toda a madrugada, havia parado, mas o frio aumentara. Mesmo assim, o prior John Marc conseguira convocar a comitiva, uma procissão de cinquenta monges, equipados com barracas, suprimentos, agasalhos e todo tipo de ícones cristãos, como rosários, cruzes e incenses. Levavam, em uma liteira protegida por vidro, uma imagem de são Bento de Núrsia e o estandarte da família Anjou, à qual pertencia o então rei da Inglaterra, Henrique III. Alguns peregrinos estavam empolgados, mas a maioria, especialmente os mais novos, pareciam incrivelmente entediados e tremiam de frio.

Já planejando tal romaria, o prior separara um traje militar para seu herói. Sugeriu ao guerreiro que deitasse fora os trapos que usava e vestisse uma cota de malha belíssima, por baixo de um camisão de algodão acolchoado, que ia até a altura das coxas. O tecido era também de qualidade excepcional, tingido de preto e com uma cruz vermelha estampada. O uniforme fazia-se completo com um par de manoplas de aço, mas o padre não tivera tempo de comprar uma espada, então embrulhou um pedaço de madeira em uma lona e pediu que Ablon a levasse consigo. O renegado não firmara nenhum contrato com o sacerdote, muito menos havia garantido que completaria a missão indicada, mas achou que devia alguma coisa ao homem, por ele tê-lo alimentado e acolhido — ainda que tenha sido por interesse próprio.

Os monges não tinham cavalos, só quatro mulas de carga. Com isso, caminharam para leste por todo o dia, seguindo uma antiga estrada de terra, coberta de neve. Chegaram às cercanias da floresta Vermelha ao entardecer e lá montaram acampamento nas colinas geladas, a uma distância segura das árvores. Muitos deixaram transparecer o terror, intimidados pelas diabólicas histórias que envolviam o bosque. Mas Marc e os homens mais velhos animavam os temerosos, recitando versículos bíblicos e proferindo sermões.

A floresta Vermelha era chamada assim por causa de suas árvores, singulares carvalhos de casca rubra, que não se desfolhavam mesmo no frio do inverno. Essas plantas não existem mais, e os cientistas modernos não as conhecem porque já eram raras nos tempos antigos. Foram completamente extintas na Idade Média, e aquele talvez fosse o último bosque.

A área da mata era extensa, percebeu o celeste, maior do que imaginara a princípio. Calculou que os lenhadores teriam um rigoroso trabalho para abrir caminho por entre as árvores, porque os troncos eram rijos e largos. Além disso, reparando bem na floresta, Ablon teve uma impressão sinistra, semelhante

àquela que sentira ao avistar os bambus do bosque Tin-Sen.

Antes do pôr do sol, o querubim seguiu para a floresta Vermelha, ao som da morosa cantoria dos monges. O prior ofereceu-lhe uma tocha para as horas vindouras, mas o renegado não precisava dela. Carregou o objeto até o limiar da mata e, quando já estava distante, largou o bastão em um canto.

Ainda era dia quando alcançou a linha das árvores. Em minutos, o crepúsculo dominaria a paisagem e depois a noite engoliria o cenário. Ablon julgou sensato aproveitar a claridade para investigar as folhagens — ainda que pudesse enxergar no escuro — e quem sabe encontrar uma trilha. Buscava por um rastro específico, por um aroma especial que reconheceria de pronto: o da Feiticeira de En-Dor.

Por todo o tempo até o crepúsculo, Ablon vasculhou a mata, investigou as árvores e farejou o ar, mas nada encontrou. Começou a imaginar que suas suposições acerca da necromante estavam erradas. A floresta era grande, mas, com seu olfato apurado, já teria, seguramente, captado um cheiro tão familiar.

Cansado de procurar, o renegado fez uma pausa e sentou-se sobre a raiz protuberante de um grande roble de casca vermelha. Foi então que, subitamente, um fenômeno fabuloso teve início. Quando o último raio de sol se pôs, o tecido da realidade afinou, esticando-se como borracha ao fogo. Imediatamente, o Anjo Renegado entrou em alerta e examinou o terreno. Percebeu que, logo à frente, a membrana se rasgava, ao fim de um caminho através do qual as copas das árvores se encontravam, dando forma a um túnel de galhos. Sem hesitar, o querubim caminhou até lá, alerta aos perigos que poderiam estar à espreita na penumbra.

Mesmo com toda sua experiência nas questões espirituais e mundanas, Ablon nunca tinha presenciado um evento de igual natureza. Não sabia se aquele caminho levava a uma armadilha, se era um convite, ou se a passagem se abria independentemente de sua presença. Não tinha idéia para onde estava seguindo nem a sorte de criaturas que lá encontraria. Já não tinha certeza se a feiticeira habitava aquela floresta.

A cada passo, a esquisitice aflorava. Ainda meio confuso, o renegado seguiu pelo túnel e, de repente, notou que as árvores do inverno se tornavam mais vivas, e suas folhas congeladas ganhavam o calor do verão. Uma névoa fina encheu o ar, trazendo o aroma das flores silvestres. Sob seus pés, a neve derretera, e agora o anjo pisava em relva macia. Era quase noite, mas havia luz, um fulgor azulado que emanava de cima, clareando o corredor florestal. Os animais, antes escondidos, voavam, corriam e pulavam, indiferentes à passagem do andarilho. Uma cotovia piou, e as cigarras cantaram.

Uma lebre saltou no meio da passagem e, com olhos astutos, fitou o visitante. Ainda deslumbrado com o espetáculo fantástico, o querubim não se deu conta de que, naquela expressão inocente, havia intenções resolutas. O animal disparou e desapareceu nas folhagens.

Quando Ablon chegou ao fim da passagem, deparou-se com uma ampla clareira, muito bela, flanqueada por carvalhos enormes. O chão era como um magnífico jardim, cheio de flores coloridas e cogumelos vermelhos. Partículas de pólen dançavam no ar, e em um nicho uma poça profunda guardava a água que descia de um riacho. Uma abelha zumbiu, rondou o espaço e voou para cima.

As brumas que enchiam a clareira se dissiparam, e foi com espanto que o renegado se viu cercado. Por todos os lados, um grupo de seres incríveis o analisava, com faces mais hostis que curiosas. Lembravam seres humanos, mas estavam longe de sê-lo. Eram mais baixos e mais delgados do que os homens comuns; as orelhas pontudas tudo captavam, e os olhos amendoados desafiavam a mais profunda das trevas. A pele era delicada e alva, e o semblante, frio e insensível. Trajavam roupas e capas multicolores, de tecido finíssimo. A maioria portava esplêndidos arcos de prata, com setas na corda, mas

um deles segurava uma espada longa, de um só gume. O celeste reparou ainda que as fêmeas tinham dois pares de asas translúcidas, tal qual as libélulas.

Quem eram aquelas criaturas? De onde saíram? Como teriam surpreendido um lutador tão sagaz? Ablon não foi capaz de deduzir as respostas, mas compreendeu um fato chocante. O tecido da realidade, de uma hora para outra, não mais existia. Mas como isso era possível, se ele estava preso ao mundo físico?

Lembrou-se de seu combate no bosque Tin-Sen. Recordou-se do momento em que entrara no templo pagão, deparando-se com os três espíritos antigos. O encontro só fora viável porque aquele ponto era um vértice, onde os mundos físico e espiritual se intersecionam. Esses lugares, esses vértices, vêm sumindo a cada dia. São uma herança dos dias remotos, quando o tecido não existia e os dois mundos eram unos. Em alguns raros locais, cheios de misticismo e magia, os vértices continuam a existir — é a banalidade dos homens que os destrói.

Aqueles humanoides eram figuras etéreas, e Ablon concluiu que só podiam ser...

— Meu nome é Mercurion, do povo das fadas — anunciou o portador da espada, arrogante. — O que o traz aqui, celestial? Sabe que sua gente não é bem-vinda em nossos domínios.

O duende que o abordara era uma entidade espiritual e podia sentir a aura de Ablon, a energia característica dos anjos. Não seria enganado nem persuadido. Mas o guerreiro não procurava confronto.

— Minha gente? Não sou bem um celeste, Mercurion, sou um anjo renegado. Procuro pela mulher que assustou os monges, a Feiticeira de En-Dor — arriscou. Talvez a bruxa não fosse Shamira, e aí ele teria problemas. Como provaria que não era um espião?

A figura de espada na mão fez um sinal para que os outros relaxassem os arcos.

— Você afirma ser um celestial renegado — quis confirmar, ainda cauteloso.

— Sou um velho amigo da feiticeira.

Uma criaturinha, que de início Ablon pensou ser um inseto, veio por trás e pousou em sua cabeça. Antes que pudesse afugentar o intrometido, o estranho animal decolou e levou consigo dois fios dourados de cabelo do general.

A figura pousou no ombro de Mercurion, e Ablon entendeu que não era um bicho silvestre. Como nas lendas, aquela era uma fada pequenina, de asas azuis e vermelhas, semelhantes às das borboletas. O corpo minúsculo brilhava com luz própria, como o ventre dos vaga-lumes. Em uma atitude bizarra, a luminosa mastigou e engoliu o cabelo do intruso, arregalando depois os olhos miúdos.

— O que acha de nosso visitante, Serena? — indagou o chefe dos duendes.

— É bonitão — retrucou a fadinha. Não havia malícia em seu coração nem em suas ações.

— E o que mais, além disso?

— Tem um cabelo gostoso — falou, deglutindo o último fio.

Com isso, estranhamente, os elfos se sentiram mais seguros e confortáveis. O general não entendia como aquela figurinha nanica podia ter tamanha influência sobre as fadas maiores, mas o fato é que Mercurion embainhou a espada.

— É meu convidado, Anjo Renegado — decidiu o duende, abrindo um sorriso. — Como se chama?

— Ablon, dos querubins — replicou, em meio à recepção surreal.

— Ablon, dos querubins... — o outro repetiu, considerando a sonoridade do nome. — A Feiticeira de En-Dor é nossa hóspede. Vou levá-lo até ela.

Os guardas quiméricos desmancharam o círculo e formaram uma fila.

— Hóspede... — Ablon pensou alto. — É como eu tinha imaginado.

O anjo guerreiro perseguiu a trilha dos elfos através da floresta, à luz azulada das árvores. O frio congelante do inverno não penetrava naquelas partes, só o calor do verão.

— Ela nos contou de você, mas apenas superficialmente — comentou o duende. — É uma das poucas humanas que nos conhecem de perto. A maioria dos homens vem destruir nossas casas.

— Suas casas? — estranhou. Até ali, só vira mata fechada, e nenhuma choupana.

Foi nesse exato instante que chegaram a uma segunda clareira, mais espaçada, onde as raízes davam vida a robles ainda maiores. Buracos no tronco simulavam portas e janelas, por onde saíam e entravam seres feéricos. Alguns voavam com suas asas de insetos, outros escalavam o caule, e um grupo brincava e saltitava na grama. No meio da miscelânea de seres, havia aqueles que se pareciam com os animais da floresta, mas a maioria das fadas era como os seres humanos, porém em miniatura, e dotadas de características fantásticas. O Anjo Renegado caiu em contemplação.

— Seu domínio é fascinante, Mercurion — não encontrara tal beleza nem nos campos do paraíso. E existia também um tipo de sensação quente no ar, uma energia única, revigorante.

— Em todo carvalho mora uma fada. Sempre que uma árvore morre, a fada morre também. Por isso estamos indo embora deste mundo.

Ablon continuou observando a clareira e, por um segundo, esqueceu-se de seus compromissos, absorto em fantasia.

— Vamos — chamou Mercurion, puxando o lutador pelo braço. — O camir para a feiticeira é por aqui.

O Lago dos Puros

Anjo e duende rumaram por uma picada estreita, orlada por amoras, framboesas e cogumelos pintados, e alcançaram um sítio em que, fixada ao chão, havia uma tenda de seda, com uma das lonas aberta. No interior, uma mulher, sentada a uma mesa natural de raízes, estudava pergaminhos e objetos mágicos, à luz amarelada dos vagalumes. E a seu lado, como guardião do lugar, descansava um ser extraordinário, de corpo longo e reptiliano, olhos de fogo e dentes enormes. Era tão grande quanto um leão, e a cauda duplicava a silhueta assustadora. A pele estava protegida por escamas de cobra, e das costas nasciam duas asas escuras. O monstro parecia os dragões mitológicos, tão bem retratados nas esculturas *vikings* e nos desenhos dos bárbaros do norte.

— Feiticeira — chamou Mercurion, e Shamira virou-se na hora. As pupilas da moça brilharam ao

perceber a presença de seu amigo celeste. Deixou tudo de lado e correu para abraçá-lo.

— Ablon! — exclamou, comovida. — Nem vou perguntar como me encontrou — brincou.

— Tive sorte desta vez. Os homens do mosteiro me ajudaram, e depois os duendes. Posso me considerar um viajante afortunado — sorriu.

Shamira era uma bela mulher, mas ao crepúsculo, naquela terra das fadas, o guerreiro a achou ainda mais encantadora.

— E que roupas são essas? — perguntou, reparando na cota de malha e no camisão que usava, com a cruz da Igreja bordada no peito.

— Só quis retribuir o favor ao sujeito que me guiou até estas matas.

Entendendo que havia total cumplicidade entre os dois, o elfo resolveu ir embora. Estava convencido de que Ablon não era ameaça.

— Vou deixá-los à vontade — e dirigiu-se ao general. — A feiticeira conhece as trilhas do bosque. Ela vai orientá-lo.

Quando Mercurion já se afastava, Ablon, ainda fascinado com a maravilhosa floresta Vermelha e seus habitantes, achegou-se à amiga.

— Quem são essas criaturas? Que lugar é este, Shamira? Tudo é tão belo, tão rico, tão farto. Parece um sonho, embora eu raramente sonhe.

Ela também estava encantada com o cenário sublime.

— Você já deve ter notado que estamos no centro de um vértice. Com o adensamento do tecido, essas áreas sobrevivem como bolsões, alheios ao mundo dos homens. Já faz alguns meses que venho estudando o povo das fadas. Mercurion e os duendes altos fazem parte da corte dos elfos, e são os mais solenes. São os últimos de sua espécie que continuam na terra. As fadas e as criaturas quiméricas são entidades espirituais. À medida que a membrana engrossa, elas ficam mais fracas.

A necromante apontou para o dragão que repousava de olhos abertos dentro da tenda. Estava atento, apesar de imóvel. Muitos dragões têm a habilidade de se conservar inativos por dias, anos ou séculos. Por vezes, usam feitiçaria para assumir a forma de blocos de pedra ou de troncos de árvores, para que os seres humanos não os possam identificar.

— Gorigath foi designado como meu guardião durante o tempo em que estou no reino das fadas — continuou a mulher. — Ele também é o último de sua raça, é a cria caçula de Margath, um dos dragões anciãos, que morava nesta região antes da chegada dos usurpadores romanos.

— Ele não me parece muito ameaçador, apesar de suas presas e garras.

— Os dragões são como as fadas. São seres da natureza, de essência etérea. Alguns conseguem se materializar onde o tecido é muito fino, mas tais lugares são uma raridade hoje em dia. Venha — ela o puxou pela mão. — Venha comigo. Vou levá-lo ao lago dos Puros.

Sozinhos, Ablon e Shamira caminharam pelas árvores vermelhas, e toda a noção do tempo lhes foi apagada da mente. De repente, o general sentiu o aprazível aroma das framboesas fantásticas, o cheiro mais gostoso que já provara. A fragrância despertou seu paladar, e ele identificou, no canto da trilha, um ramo da fruta. Separou o pomo do galho, na intenção de levá-lo à boca, mas a feiticeira o impediu.

— Não coma isso, a não ser que queira ficar aqui para sempre.

— Como assim? — estranhou, largando a framboesa.

— O lampejo do país das fadas fascina todos os sentidos, mas não é nada comparável ao paladar. Se você foi preso à visão dos carvalhos, imagine o que aconteceria se experimentasse os gostos feéricos. Dizem que aqueles que provam as iguarias quiméricas ficam eternamente atados a este mundo.

— É melhor não arriscar — concordou.

Terminaram o passeio à beira de um lago pequeno, sobre o qual flutuava a mesma bruma gelada que cobria a primeira clareira, na entrada do bosque. Plantas aquáticas se levantavam da água como dedos gigantes, e os sapos coaxavam sobre as vitórias-régias.

— O lago dos Puros é, assim como o corredor de árvores, uma passagem para dentro do vértice — esclareceu a mulher. —Além dele há uma saída da flor ta Vermelha, que só se abre no crepúsculo.

— E esta bruma? É tão estranha, tão fria.

— É uma manifestação etérea. Marca os limites da área compartilhada pele dois mundos. Em breve, acredito, este vértice desaparecerá, e as fadas ficarão limitadas ao plano etéreo. Foi assim com a ilha de Avalon, que um dia podia! alcançada tanto por homens quanto por elfos. Agora, só existe além do tecido. Em uma tarde clara de verão, quando a membrana se estica, os sensitivos aindal podem avistar o brilho de seus faróis. Logo, até mesmo as luzes se apagarão.

— E o que acontecerá aos duendes?

— Não sei. Provavelmente alguns, como Mercurion, ficarão aqui para sempre, vagando pelo etéreo, para ver as plantas morrerem, os rios secarem e a relva queimar. Mas a maioria deles já regressou à Arcádia, que é sua dimensão de origem. Lá é sempre verão, e o calor nunca fenece.

— É uma história triste — admitiu o anjo. — Foi por isso que veio para cá? Para marcar o curso final desta saga?

— Provavelmente sou a única humana com quem eles ainda mantêm contato direto. Sou uma ponte entre o reino quimérico e o plano material. Os sacerdotes druidas, que adoravam os elfos, foram exterminados pelos legionários de Roma. E hoje a Igreja condena os ritos pagãos. Como as tradições célticas eram quase todas orais, não sobraram relatos sobre as fadas e sua ligação com o povo primitivo.

Ablon lamentou a tragédia daqueles pequenos, mas nem que quisesse poderia ajudá-los. Tinha também sua própria missão a cumprir, e os querubins são obcecados pela conclusão de suas demandas.

Shamira sentou-se à margem do lago, e seu semblante entristeceu-se ao encarar o espelho noturno. O contentamento de receber o amigo se foi, e, em seu íntimo, lembrou que ainda não sabia o porquê daquela visita.

— O que foi, feiticeira?

— Estou feliz em tê-lo comigo, Ablon, mas também pressinto um grande vazio. Sempre que você vem até mim é para me alertar de um perigo, ou para me pedir algo absurdo. Qual será minha sina desta vez?

O querubim entendeu a aflição da mulher, e ela estava certa em seus sentimentos. Preferiu, então, ir direto ao assunto, porque a espera só fazia prolongar a dor.

— Ao início do outono, reencontrei um dos renegados, Yarion, Asa de Vento, nas terras altas da

Escócia. Juntos, achamos refúgio e paz no Mosteiro de Saint Luke e lá decidimos iniciar uma busca ao redor do mundo, para reagrupar os renegados sobreviventes. Mas nosso plano foi frustrado. Apollyon veio em nosso rastro e capturou Yarion. A seguir, desmaterializou-se, com o renegado derrotado nos braços.

— Como ele fez isso? Pensei que os renegados estivessem presos ao mundo físico. Ainda que o malikis pudesse dispersar seu avatar, não poderia ter carregado um fugitivo com ele.

— Também fiquei impressionado. Não sei como ele fez aquilo, só sei que o Exterminador levou Asa de Vento, certamente, para as masmorras do inferno, e estou determinado a salvá-lo. Mas não tenho meios de viajar ao Sheol, a não ser com o auxílio de um portal.

Shamira entendeu a vontade do amigo e por um momento não acreditou no que pretendia.

— Você tem idéia do que está me pedindo?

— É a única que conheço que sabe manipular a magia e que tem conhecimento para abrir a conexão espiritual. Meus poderes celestes não me permitem efetuar rituais mágicos. Preciso de sua ajuda, Shamira.

— E o que tem em mente? Invadir o inferno, derrotar Apollyon, Lúcifer e suas hostes e em seguida libertar seu amigo? Mesmo que eu abra a passagem mística, Yarion está fora de seu alcance agora. Você mesmo me disse certa vez que o Arcanjo Sombrio é onisciente em seus domínios. Ele saberá assim que você puser os pés em seu reino. E virá afrontá-lo.

— Você subestima meus poderes.

— Não. Mais do que ninguém, conheço seu valor e seus poderes. Mas nem você nem *ninguém* poderia enfrentar tantos demônios. Além disso, Lúcifer é tão forte quanto qualquer arcanjo, e praticamente invencível em seu território. Nem Miguel tentaria uma loucura dessas.

— Porque Miguel não tem amigos com os quais se preocupar.

— Isso não tem nada a ver com amizade. Nunca lhe ocorreu que talvez seja exatamente isso que a Estrela da Manhã quer? Atraí-lo para seu território? Yarion pode ter sido só uma isca, uma tentativa do Diabo e de Apollyon de arrastá-lo para o inferno.

O general olhou para baixo, com a mesma altivez que o tornaria, mais tarde, o ícone de um exército. Ele não acreditava na hipótese da feiticeira. Não achava que o Exterminador estivesse armando uma cilada para assassiná-lo. Mas, por outro lado, a necromante tinha razão. Seria improvável que ele conseguisse sucesso em sua missão.

Ablon aproximou-se com carinho da mulher, indignada com sua decisão suicida.

— Shamira, lembro-me de quando a conheci — começou, acariciando o rosto da moça. — Você era apenas uma garota, mas nem por isso desacreditei de sua sabedoria. Vocês, mortais, são divinos, talvez mais do que os anjos. Naqueles dias, quando a Torre de Babel penetrava nas nuvens, revelei-lhe um segredo. No topo da montanha, contei-lhe sobre a maior dádiva dos homens.

Ela se emocionou ao reviver, em sua mente, as imagens e sensações daquele tempo remoto.

— O livre-arbítrio. É a grande dádiva da humanidade.

— Ainda que eu tente negar, sou um querubim, um anjo guerreiro. Minha casta persegue a justiça e não teme a morte. Se não completar minha missão, se der as costas aos meus companheiros, morrerei

lentamente. Minha aura continuará pulsando, mas toda minha força se apagará, e acabará também meu estímulo de vida. O que sobraria?

— Talvez a essência humana que você tanto procura — rebateu.

— Não devo repudiar o que sou, Shamira. É o mínimo que devo a meu Criador. Posso ter sido renegado pelos arcanjos, mas não por Yahweh.

Ela já havia tentado convencer o amigo de desistir de atitudes tão insanas como aquela, mas não conseguira. E não conseguiria, mais uma vez. A feiticeira era mortal e nunca compreenderia a natureza celeste. Só lhe restava aceitá-la, sem jamais entender por quê.

— Já prosseguimos com esperanças menores do que esta, não é? — cedeu a mulher.

E o guerreiro a abraçou.

No interior do vértice da floresta Vermelha, ainda dentro do domínio das fadas, havia uma ciranda de pedras que os antigos druidas usavam como palco de cerimônias. Ali, eles se encontravam com os elfos e prestavam homenagem aos espíritos. O círculo era um ponto energético, um lugar-chave para a passagem entre as dimensões. O tecido não existia, o que facilitava aos sacerdotes a abertura de conexões místicas à Arcádia. Naquele templo ao ar livre, Shamira não precisaria de rituais demorados para abrir o portal, mas só de uma palavra de poder e de um desenho no solo.

— Necessito de uma mecha de seu cabelo — explicou a mulher, oferecendo ao guerreiro uma adaga ritualística. — Alguns fios bastam.

Com a faca mágica, o querubim cortou a ponta do rabo de cavalo e a entregou à necromante.

O Anjo Renegado viu que a feiticeira traçava no chão de terra, com o dedo, um círculo místico, decorado por runas antigas. Não precisou de nenhum componente material que comumente utilizava para abrir portais fora da zona das fadas, só do cabelo do anjo.

— Este é o Portal de Shammash — avisou a moça. — Ele vai acessar uma conexão aos Campos da Morte, o mais desolado dos nove reinos do inferno.

Em seguida, proferiu as palavras secretas:

— Ia Uddu-Ya! Ia Russuluxi! Saggtamarania! Ia! Ia! Atzarachi-ya! Atzarele-chi-yu! Bartalakatamani-ya kanpalZi Dingir uddu-ya kanpalZi Dingir ushtu-ya kanpalZi shtalZi Daraku! Zi belurduk! Kanpa! Ia shta kanpa! Ia!

Um segundo depois, o solo da área ao centro da ciranda de pedras começou a mudar. A terra deu lugar a uma poça mágica, cuja superfície ondulava como a água dos lagos, ao ser agitada pelo impacto de uma pedra. Os fios dourados do cabelo de Ablon foram engolidos e se dissiparam no infinito. Além do portal, o querubim divisou a imagem de um céu vermelho como sangue, rasgado por nuvens negras e cinzentas.

— Agora o portal está ligado a você — esclareceu a mulher. — No momento em que o cruzar, ele se fechará daqui para lá, mas o caminho de volta continuará ativo até que você retorne, quando então a passagem desaparecerá para sempre. Portanto, não aconselho que demore. Os Campos da Morte são um lugar deserto, mas algum demônio errante poderia achar a passagem e usá-la como uma porta para a

terra.

Ablon fitou a amiga e agradeceu-lhe a ajuda com um sorriso amável. Depois, caminhou para a poça, ansioso por completar sua vingança e salvar o comparsa.

— Eis que o envio para a morte certa, general.

— Não, Shamira. Uma vez, sob os ventos da aurora romana, eu lhe fiz uma promessa. Nunca se esqueça de minhas palavras.

O calor da lembrança daquele beijo no rosto encheu o coração do casal, mas, no fundo, a mulher estava triste, porque não acreditava no retorno de seu amado. Sempre esperou, um dia, tê-lo junto de si, mas agora o lançava à extinção.

O Anjo Renegado atravessou o portal, e a poça desapareceu.

Shamira não o veria mais por um bom tempo.

Os Campos da Morte

O Sheol, ou inferno, é uma das dimensões inferiores, localizada no recanto mais obscuro do cosmo. Há muitas outras dimensões como essa, mas nenhuma tem igual importância ao interesse da terra. Por milhares de anos, o Sheol foi tão somente um buraco, um lugar vazio e abandonado, até a chegada de Lúcifer e de seus anjos caídos. Desde então, foi dividido em nove reinos, controlados por nove duques, que preferem ser chamados de príncipes. No topo da pirâmide está o onipotente Arcanjo Sombrio, que a todos vigia e comanda. Ele é auxiliado de perto por Samael, a Serpente do Paraíso, que é também seu lugar-tenente.

Os duques têm poder sobre seus domínios, que são, por sua vez, secionados em inúmeras províncias governadas por senhores demônios. Os combates entre as províncias e até mesmo entre os reinos são constantes. No Sheol sempre há guerra, embora uma palavra de Lúcifer seja o bastante para paralisar qualquer conflito e estagnar os movimentos de tropas. Esses embates são a principal causa do extermínio de demônios, o que, teoricamente, reduziria a população do inferno, não fosse o turbilhão de almas maléficas que chega às mãos do Diabo todos os dias. Em um lugar tão terrível, só os fortes resistem, e os poucos sobreviventes ascendem na hierarquia infernal. Diferentemente do céu, onde os anjos são separados dos santos e dos mortais que morreram como justos, no Sheol até mesmo o espírito mais insignificante é aceito nas hostes malignas e, se for dotado de crueldade e malícia suficientes, pode galgar o comando, chegando ao controle de uma província. Os duques, entretanto, são muito poderosos para ser subjugados. São todos anjos caídos, celestiais que lutaram, um dia, ao lado da Estrela da Manhã em sua legendária batalha contra o arcanjo Miguel.

O portal abriu-se no chão, tal qual uma poça, sobre o solo cinzento de um vale sórdido e escuro. Dois paredões de pedra erguiam-se ao lado de Ablon, como uma passagem estreita. O céu continuava rubro, sem sol ou estrelas. As cores, que eram tão abundantes na terra das fadas, ali variavam entre o preto e o cinza, dando um tom depressivo à paisagem. Até o ar era pesado, opressivo e fétido. Havia, em toda parte, um assustador cheiro de morte, e ao longe o renegado escutou o lamento dos condenados.

Escalou o paredão e chegou ao topo da pedra, para de lá enxergar uma planície imensa, que se alongava

até o horizonte. Ao centro da esplanada, o anjo avistou um abismo circular, como um redemoinho no chão. Seu eixo afunilava-se até cair em uma negritude grutesca, em um ponto onde nada havia, a não ser a solidão infinita. Centenas de milhares de almas sem rosto caminhavam em fila indiana e se jogavam, sem vontade, no poço abissal. Não tinham energia ou força para reagir. Simplesmente aceitavam o destino que lhes fora imposto, de cabeça baixa e olhos passivos. Nem uma amarra os prendia, mas grupos de demônios com cara de caveira e chifres de cabra chicoteavam os passantes. Do abismo, levantava uma fumaça que impregnava todo o planalto.

— Os Campos da Morte — exclamou o celeste para si mesmo. — É para onde vêm as almas dos inúteis, dos suicidas, daqueles que desistiram da vida. Nem mesmo os demônios os aceitam.

Como não sabia que caminho tomar, o general seguiu em direção ao abismo.

Aquele era o Abismo de Nimbye, uma passagem para o limbo, o vazio supremo entre as dimensões, o território do nada cósmico. Uma vez lançada ao limbo, a alma se perde para sempre na completa e total desolação do universo e não pode ser resgatada. Passa a eternidade boiando nas lufadas dos ventos místicos, consciente o bastante para não se abster do terror, mas incapaz de resistir aos tormentos.

Ablon subiu e desceu uma colina cinzenta, para não escapar à vista dos guardas, que, com chicotes, flagelavam os condenados. Um deles percebeu a presença do renegado e logo compreendeu que era um anjo, pelas emanações de sua aura celeste. Mas o querubim não tinha a intenção de fugir.

— Perdeu o caminho de casa? — caçoou o demônio, chamando a atenção de seus companheiros. Tinham o corpo e o rosto cadavéricos, mas olhos humanos. Da cabeça brotavam chifres contorcidos, e um fogo infernal ardia no interior da cavidade torácica.

— Senhores — ele falou aos seus iguais —, temos aqui um camarada que vem lá de cima — e apontou na direção do céu, fazendo alusão à morada de Deus.

Cinco carrascos sinistros cingiram o forasteiro e empunharam seus chicotes em sinal de ameaça.

— Quero que me levem ao castelo de Lúcifer — disse Ablon.

— Ao castelo de Lúcifer? — zombou. — Mas você nem nos conhece! Acho que temos a obrigação de, antes, ensinar-lhe o protocolo, se quer visitar a corte do mestre — e com isso brandiu o açoite e o moveu na direção do querubim. Os outros também agitaram as armas, excitados com a possibilidade de massacrar uma entidade divina, mas foi o tagarela quem atacou primeiro.

O flagelo assobiou e desceu sobre o renegado, mas com habilidade notável ele agarrou a ponta do chicote e o puxou para si. O demônio, relutante em largar a arma, foi lançado ao chão com força brutal. A mandíbula esquelética se partiu em dois ao encontrar uma pedra no solo. Os guardas desistiram do assalto e recuaram, assustados. Projetavam uma aparência imponente e temível, mas eram fracos e incapazes, por isso haviam sido delegados para castigar um bando de almas apáticas, que não reagiriam nem com mil golpes de espada.

Chocadas com a determinação do anjo guerreiro, as entidades se preparavam para fugir, mas o lutador se lançou sobre uma delas, prendendo-a sob a mira de um soco.

— Não nos machuque — implorou. — Somos servos cumprindo ordens, só isso.

— Vocês são monstros covardes — insultou, depois libertou a caveira. — Vá embora daqui! Avise ao Arcanjo Sombrio que Ablon o chama ao duelo, e que ele traga consigo Apollyon, aquele assassino maldito.

— O Anjo Renegado, aqui? — reconheceu o esqueleto. — Tenha piedade, general, piedade — suplicou. O demônio estava sufocado de medo, embora o guerreiro nem tivesse sido tão violento.

— Está livre, baal.

A casta dos baals é composta por adoradores da morte e da tortura. São análogos aos celestiais hashmalins, a ordem de anjos que controla a Gehenna.

Os cinco diabos deram ação às pernas descarnadas e correram para além das planícies, deixando os espíritos ao léu. Não obstante, as almas dos mortos não desfizeram a marcha e continuaram a se atirar no abismo, condenando a si próprios à solidão infinita.

lilith, a rainha das succubus

Ablon continuou a errar pelas planícies cinzentas e, de repente, não sabia mais quanto tempo havia se passado. Um dia? Um ano? Cem anos? Ouviu um grunhido agudo ecoar na esplanada e divisou no céu um animal de asas largas e compridas, como a dos pteranodontes, um dos répteis alados da era jurássica. O corpo era como lava esfriada — negro, com veios flamejantes delimitando seções na casca. No lombo sustentava uma mulher-demônio, de longos cabelos ruivos e olhos azuis. A silhueta era perfeita, e a expressão, sedutora. O cheiro que exalava era como o das fêmeas no cio, que incitam os machos à fornicação. Guiava a montaria com apenas uma das mãos, e com a outra carregava um tridente afiado. Não usava roupa alguma, e a cauda pontuda era a única coisa que a distinguia como um ser infernal.

O monstro aterrissou a cinco metros do anjo guerreiro, e a demônia o abordou.

— Você é Ablon, o Anjo Renegado — afirmou.

— Sim. E você, quem é? — o querubim não a conhecia dos tempos em que era general celeste, então concluiu que não podia ser uma celestial caída. Todavia, sua aura era muito poderosa para pertencer ao espírito de um humano mortal.

— Sou Lilith, a Rainha das Succubus — apresentou-se.

As succubus são mulheres-demônio que tentam os homens por meio da atração sexual e dos prazeres carnais. Habitam especialmente os domínios de As-modeus, o mais pervertido dos duques do inferno. Lúcifer também as usava para satisfazer seus caprichos e, dentre elas, Lilith era sua principal cortesã.

— Meu amo já sabe que está aqui e me ordenou que o escoltasse à sua presença. Disse que aceita participar do duelo.

— E quanto a Yarion, o anjo renegado trazido para cá antes de mim? — perguntou o general, preocupado com seu companheiro de armas. Teria chegado a tempo de salvá-lo?

— A Estrela da Manhã concordou em libertar seu amigo, se for o vencedor da disputa. Mas se perder será condenado ao cárcere nos Túneis de Zandrak e à posterior execução pelas mãos do Exterminador.

Ablon sabia que não podia confiar no Diabo, mas, de todas as possibilidades terríveis, aquela era a melhor. Se havia algum senso de honra em Lúcifer, ele o estava pondo em prática.

— Suba — convidou a mulher, estendendo a mão. Mesmo desconfiado, o renegado montou no ser voador, assumindo lugar no assento duplo da sela, logo atrás da sensual condutora.

— Você não é um anjo caído — constatou o Primeiro General, ainda sem entender a verdadeira origem de Lilith.

A succubus apertou as rédeas, e o monstro esticou as asas, erguendo-se no ar. Uma nuvem de poeira levantou-se no campo.

— Não. Não sou um anjo caído nem um espírito mortal, porque nunca morri realmente. Sou uma entidade única — contou a rainha. — Fui a primeira esposa de Adão, mas me recusei a me submeter às suas vontades. Por isso ele me expulsou de sua casa, e passei a vagar pelo mundo, até conhecer o arcanjo Lúcifer, por quem me apaixonei. Entreguei-me àquele belo celeste, e em troca ele me concedeu a vida e a fertilidade eternas. Durante incontáveis séculos, fui seus olhos e ouvidos na Haled, e então, depois da queda dos anjos rebeldes, o Filho do Alvorecer me trouxe ao seu reino e fez de mim uma líder de casta.

Ablon nunca tinha ouvido falar a respeito daquela figura demoníaca e ficou perplexo ao entender quanto ainda desconhecia dos infindáveis mistérios do universo.

— E quanto a seu amor pelo Arcanjo Sombrio?

— O amor é uma tolice. Ele nos torna fracos, vulneráveis. O amor é uma ilusão passageira, fadada a terminar um dia. Só os imbecis se rendem a tais sentimentos. O amor por si é o único amor verdadeiro, porque no fundo todos nós, homens, anjos ou demônios, somos egoístas ao extremo. Quando amamos alguém, é porque assim nos sentimos felizes, e não o contrário.

— Sua visão é própria de quem nunca conheceu de fato o amor, ou foi desprezado por ele.

O comentário soou como uma injúria aos ouvidos de Lilith, talvez porque nunca antes alguém lhe tivesse falado tão sinceramente. Quem teria coragem de disparar a verdade à cortesã preferida de Lúcifer? Por tal ousadia, ela teria esfolado qualquer um vivo, mas a naturalidade com que o guerreiro se expressara a deixou sem ação. Os infernais a temiam e estavam sempre bajulando-a, calculando as palavras e forjando mentiras para agradá-la. Na negritude de seu coração, a monarca ainda guardava, escondida, a esperança de encontrar um amor duradouro.

— A busca pelo prazer individual é o verdadeiro sentido da vida. Pense nisso, renegado — retrucou. Não estava disposta a dividir suas fraquezas. — Quando você brande a espada, sente-se feliz, porque essa é sua natureza. Alguns encontram volúpia no sexo, outros no poder, outros na guerra. No fim das contas, é só isso o que importa: encontrar o prazer e a felicidade, seja como for. As consequências sáo secundárias.

— Discordo de você, Lilith — insistiu o lutador. — O amor essencial reconhece o respeito, não só por si mesmo, mas por todos aqueles que estão envolvidos. Por isso as consequências de nossos atos devem ser medidas.

— Um anjo renegado falando em medir consequências — ela riu com desdém. — Se você agisse como fala, querubim, jamais estaria aqui — replicou a satânica mulher, e Ablon pensou que talvez ela estivesse certa. Se tivesse considerado mais longamente os sentimentos de Shamira, não teria viajado ao inferno e posto a própria vida em jogo.

O general ficou um instante a pensar em tudo aquilo e preferiu não prolongar a discussão. Suas idéias divergiam dos argumentos de Lilith, e com aquela conversa ele só conseguiria arranjar um novo inimigo. Fixou-se então na paisagem, e do dorso do animal avistou uma cordilheira de vulcões, e depois dela um mar de lava. Acabavam de cruzar a fronteira dos Campos da Morte, governados pelo duque Bael, o Infeliz, e adentravam o território do odioso Alastor.

— Este é o caminho para o castelo de Lúcifer? — indagou o guerreiro.

— Não. A Estrela da Manhã o aguarda no vale dos Condenados, cujos lamentos das almas ressoam por todos os reinos do inferno. Lá há campo aberto e espaço suficiente para um duelo tão esperado.

Ablon sentiu uma pontada de apreensão. Só agora se dera conta do que estava por vir e da magnitude do evento que convocara.

Sem planejar, tomado pela raiva e pela sede de justiça, havia desafiado o Arcanjo Sombrio para um confronto. E não podia mais recuar.

Ablon contra Lúcifer

Lúcifer tinha inúmeros castelos e fortalezas no inferno, e mudava de residência de acordo com sua vontade e segundo suas necessidades políticas. Mais recentemente, a Estrela da Manhã havia se fixado em uma caverna sob o solo, no Vale dos Condenados, onde passaria a maior parte do resto de sua longa existência. A gruta, cheia de túneis e passagens, não era um lugar luxuoso como seus outros palácios, mas estava de acordo com a magnificência do grande senhor infernal.

O vale dos Condenados era uma planície de proporções colossais, delimitada, ao longe, por dois paredões montanhosos. Ao sul da chapada, o enigmático rio Styx, o mais célebre dos corredores espirituais, passava defronte à caverna do Diabo e prosseguia seu curso, desaparecendo logo depois. Embora o Arcanjo Sombrio nunca tivesse usado as trilhas fluviais para cruzar dimensões, habitar à margem de uma via tão importante era motivo de respeito e admiração entre os nobres satânicos.

O vale era o campo de punição mais central do Sheol, o grande terror para as almas dos injustos. O solo estava coberto por várias camadas de corpos humanos que, mesmo feridos, sem braços nem pernas, ou atingidos por chagas, ainda se contorciam. O sofrimento desses desgraçados é longo e terrível. Estão fadados a viver em dor e tortura por anos, até que se cumpra seu período de condenação. Só então talvez tenham a chance de servir a algum demônio menor e com o tempo galgar a hierarquia, tornando-se eles próprios demônios. A grande maioria desses infelizes, contudo, é prontamente eliminada, ou retorna ao vale, para mais alguns milênios de aflição.

Montado no monstro alado, às costas de Lilith, Ablon avistou o vale dos Condenados. Ao redor da caverna, notou uma multidão de demônios, de todos os tamanhos e tipos, que para lá fora assistir ao duelo. Mas não encontrou seus principais inimigos: Lúcifer, a Estrela da Manhã, e Apollyon, o Exterminador.

— Chegamos — indicou a succubus.

— Sim, mas onde está o Arcanjo Sombrio? E seu capanga?

— Estão a caminho — ela não chegou a aterrissar a fera voadora, mas desceu em rasante. — Pode saltar agora.

Ablon preparou-se para pular, mas antes a rainha avisou:

— Tenha cuidado! O Filho do Alvorecer é traiçoeiro até mesmo em suas técnicas de combate. Esteja pronto para o pior.

E, sem responder, o general saltou para o campo. Naquele oceano de mentiras e mentirosos, não sabia em quem confiar, e preferiu não dar atenção às palavras da succubus. Independentemente do que acontecesse, o lutador agiria por seus próprios métodos. Lilith, por sua parte, dizia a verdade. Era uma entidade sádica e maldosa, mas, no percurso daquela curta viagem, sentira pelo anjo guerreiro algo que nunca antes havia provado. Era um sentimento inebriante, muito mais forte que o fogo do prazer e do sexo e muito maior que a paixão que uma vez cultivara pelo Arcanjo Sombrio. Com uma única frase sincera, o querubim exercera sobre a mulher-demônio um formidável deslumbre, que ela não esqueceria jamais. Sempre estivera cercada por inimigos e criaturas vis. Seus aliados a usavam, ou a agradavam em prol de seus interesses pessoais.

A montaria voadora subiu novamente, e a sombra do monstro se perdeu nas nuvens negras, levando consigo a sensual condutora. Com a agilidade de um gato, Ablon rolou sobre o solo e recobrou a postura a poucos metros da hoste que o aguardava, ansiosa. A esplanada estava lotada de espectadores dali até a caverna, mas o celestial sabia onde encontrar o seu verdadeiro oponente. À medida que caminhava rumo à gruta de seu traidor, a turba abria caminho, espantada com a coragem do anjo guerreiro. Os infernais tinham ouvido histórias, relatos sobre um general querubim que desafiara o arcanjo Miguel. Quem, senão o Senhor do Sheol, poderia detê-lo?

Foi então que, à sua frente, abriu-se um longo corredor animado, ladeado por demônios de todas as castas. Ao fim da trilha, Ablon visualizou, finalmente, seu adversário.

Lúcifer não carregava espada ou armadura e vestia apenas uma túnica clara, como a dos serafins. O rosto limpo e jovem simulava sua antiga aparência, de olhos azuis e loiras melenas trançadas. A seu lado, armado com a Fogo Negro, estava Apollyon, fora da linha de combate. Este, por sua vez, também tinha asas, mas não as exibia, como seu chefe.

Ao longe, sobre uma pedra, dois duques, Asmodeus e Orion, os mais razoáveis dos príncipes macabros, observavam impassíveis o encontro, com diabólica elegância.

— Vai ser um massacre — exclamou Asmodeus, confiante na vitória de seu amo. Mas o Rei Caído de Atlântida ficou em silêncio, apenas observando os movimentos do desafiante, que concentrava nos punhos a Ira de Deus, enquanto os observadores se afastavam.

No campo, Ablon ergueu-se como um predador. Lúcifer, contudo, nem sequer tomava posição de batalha. Que trapaça estaria aprontando?

— Ablon, o que está fazendo é uma loucura — surpreendeu a Estrela da Manhã, iniciando um diálogo. — Espera mesmo poder me vencer?

Mas, em vez de replicar uma resposta, o glorioso general retrucou com um sorriso determinado, que fez até mesmo os duques congelarem de medo, à exceção de Apollyon. Com aquela expressão resolvida, ficava claro que ele não retrocederia. Se morresse, morreria feliz, porque aquela era sua natureza. Se sobrevivesse, ainda que derrotado, guardaria consigo a experiência de enfrentar um arcanjo, ou alguém

com similares poderes. Não era para isso que vivia — para lutar?

— Peço que reconsidere — insistiu Lúcifer, com falso ar de preocupação paterna. — Desista deste duelo.

— Eu o farei, se me entregar Yarion, Asa de Vento.

— Você me pede o impossível, general.

Ablon não estava mais disposto a deliberar. Sem mais delongas, acelerou em carreira, vencendo os cinquenta metros que o separavam do Anjo Caído. Saltou alto, com a Ira de Deus incendiando-lhe os punhos, e desceu para espancar o inimigo.

Mas, enquanto mergulhava no ar, um evento inesperado tomou forma. O corpo delgado de Lúcifer foi objeto de uma transformação instantânea e assaz assombrosa. Em uma fração de segundo, o Arcanjo Sombrio cresceu em tamanho, convertendo-se em um ser monstruoso. A pele engrossou e os músculos saltaram, enquanto as pernas se moldavam em patas de cabra. Das mãos brotaram garras, e uma cauda enorme apareceu, no mesmo momento em que o rosto macio se convertia em uma carranca satânica, com chifres negros e presas vermelhas.

Surpreendido pela dantesca metamorfose, o renegado perdeu a precisão do soco, que reduzidos instantes atrás mirava o rosto pequeno de Lúcifer.

Aproveitando-se da hesitação do querubim, a Estrela da Manha, agora um demônio de três metros, baixou a cabeça, levantando o traseiro para empreender uma manobra ousada. Chicoteou com o rabo, e a cauda peluda enroscou-se em volta do corpo do general, que descia de seu pulo. No assalto seguinte, Lúcifer contraiu o membro crescido, de tal forma que o Anjo Renegado não podia mais se soltar. Com força espantosa, a fera arrojou o inimigo, que se espatifou com as costas no chão, ferido e atordoado. Depois, mais uma rabada o imprensou contra o solo, e as investidas seguintes arrancaram-lhe sangue e esfolaram-lhe a pele, deixando a carne à mostra. A dor era tanta que mesmo o vigoroso general não pôde mais se mover. A energia dos músculos sumira com a perda de sangue, e a potência da aura fenecia. Ainda assim, teve forças para virar o rosto, só para arrostar o agressor.

— O Diabo tem muitas faces — rosnou a fera gigante, justificando a amarga surpresa. Falava com uma voz nada suave, tão grossa quanto o rugido de um leão. — Seus sonhos de triunfo são tão efêmeros quanto a conclusão deste duelo, general.

Semiconsciente, o celestial lembrou-se do que Lilith dissera, sobre as táticas insidiosas de Lúcifer. A triste verdade era que, por mais habilidoso que fosse, Ablon não era páreo para a Estrela da Manhã. Não chegara, pelo menos *ainda,* aos pés dos arcanjos, figuras supremas e admiráveis, que justamente por isso governavam o universo.

Em poucos segundos, o Anjo Renegado estava inteiramente derrotado.

Nesse momento, o maldoso Apollyon aproximou-se de seu mestre, com a Fogo Negro nas mãos. Os olhos de Orion estremeceram ao ver que o Exterminador erguia a lâmina e a dirigia ao pescoço de Ablon, pronto para executá-lo com uma só espadada.

Quando desceu a arma em sua trajetória mortal, Lúcifer deteve-lhe o pulso.

— Não! — ordenou. — O Anjo Renegado não morrerá como mártir. A sentença já foi determinada — e então cravou as garras nos braços de Ablon e o ergueu para a multidão agitada. — O líder dos renegados será levado aos Túneis de Zandrak, onde será torturado por duzentos anos seguidos — e dirigiu-se ao Exter-minador, em particular. — Depois disso, terá permissão para executá-lo.

Assim, o Primeiro General, que mal podia falar, foi arrastado por um bando de inúteis esqueletos-

demônios para um túnel malcheiroso, sob o clamor ensurdecedor dos espectadores, que ovacionavam o triunfante Senhor Infernal.

Um dos esqueletos chifrudos, o mesmo que Ablon submetera nos Campos da Morte, comentou com um dos comparsas:

— Devíamos ter acabado nós mesmos com ele no Abismo de Nimbye — disse, como se pudesse enganar a si próprio.

— Não — retrucou o outro, dando continuidade à farsa. — Foi prudente deixar a glória para nosso adorado senhor, embora eu deva concordar que não teríamos problema em derrotar este rato.

— De fato — concordou um terceiro, enfiando o celeste para dentro do túnel.

Prisioneiro em Zandrak

Abaixo do vale dos Condenados, sob o solo, havia um descomunal emaranhado de túneis, que se estendia para muito além das montanhas, superando em mil vezes o território do vale e alcançando uma profundidade incalculável. Esse lugar subterrâneo — os Túneis de Zandrak — era o lar dos baals, a casta infernal dedicada à tortura e ao tormento. Quem reinava em Zandrak era o demônio Balor, um abominável carrasco e executor, cuja mente perversa era capaz de formular intermináveis táticas de sofrimento.

Apesar de seu grande poder, Balor não era um anjo caído, e a história de sua ascensão é um exemplo de sucesso entre os espíritos corrompidos. Sua trajetória é uma mistura de crueldade insana e sorte titânica.

Balor uma vez fora um homem mortal, que vivera na Irlanda durante o século VIII a.C. Guerreiro respeitado e feroz, era o chefe de uma das primeiras tribos celtas, um povo que habitava a Europa Ocidental antes das invasões romanas. Mas uma profecia marcaria seu destino. Certa vez, um druida lhe contou que ele seria morto pelo próprio neto, por isso Balor trancafiou sua única filha, Ethlinn, em uma torre de pedra, para impedir que a moça se casasse e desse à luz seu assassino. Nesse meio-tempo, envolveu-se em incontáveis batalhas, sempre cercadas de fereza e barbárie. Em combate, perdeu um dos olhos, o que aumentou ainda mais sua presença e carisma.

Os conflitos prosseguiram, até que o herói Cian libertou Ethlinn do cárcere e desposou a donzela. Dessa união nasceu o menino Edan. Quinze anos depois, pai e filho partiram para a guerra das tribos. No calor da peleja, Edan matou seu avô Balor com uma lança que lhe perfurou o olho saudável, vingando assim o aprisionamento da mãe. A fúria no coração do chefe persistiu mesmo após sua morte e, acredita-se, foi essa raiva que o consagrou no Sheol. Rápidamente ascendeu na rígida ordem dos baals, tornando-se um modelo para seus iguais e depois um líder admirado, superando seus rivais por meio de violência e intrigas. Para acalmar seu ódio enlouquecido, Balor passou a torturar e a mortificar todos os condenados lançados aos túneis, em suas câmaras de dor nos calabouços de Zandrak.

A aparência desse furioso infernal é como a de um gigante, alto como dois homens comuns e gordo como três ursos selvagens. O abdome dilatado, sempre à mostra, vive sendo acariciado pelas enormes mãos. No centro da fronte sustenta apenas um olho, grande e negro, e a boca imensa está sempre babando fluidos gosmentos. Uma cabeleira fétida, suja como lodo, escorre até a altura dos ombros.

Balor recebeu Ablon com satisfação especial e garantiu a Lúcifer que se dedicaria inteiramente à rotina de punição. O Anjo Renegado foi carregado às masmorras e preso por correntes à parede de uma cela escura e gelada, no porão mais profundo do inferno. A cada dia, Balor o chicoteava mil vezes, até a pele rasgar, e depois deixava o corpo sarar, para uma nova sessão de torturas.

E assim prosseguiu o tormento, por duzentos longos anos, durante os quais o querubim não teve descanso e só conheceu dor e humilhação.

Dias antes da data marcada para a execução, Apollyon enviou um presente a Ablon, e Balor permitiu que o prisioneiro manuseasse o pacote. Quando o celestial abriu o saco, um objeto rolou pelo chão.

Era a cabeça de Yarion, Asa de Vento.

Na véspera do dia da execução, Ablon foi deixado em repouso por um dia inteiro, para que conseguisse se recuperar e andar a caminho do cadafalso. Sua alta resistência fez com que os músculos sarassem depressa, embora as costas continuassem lanhadas e sangrentas. As correntes que o prendiam à parede eram muito resistentes para ser partidas e só se abriam com a chave certa, que era guardada pelo próprio Balor.

O baal largou o renegado sozinho por um instante, mas voltaria em breve à cela. A partir daquele ponto, não alimentava mais esperanças de salvação, mas um outro alguém lhe emprestaria a esperança, no momento mais negro.

Ablon conhecia o itinerário de Balor e estranhou sua demora. Já devia ter voltado, porque ficava sempre a vigiá-lo, mesmo quando não o torturava com o chicote afiado. Por isso, quando a grande porta da cela se abriu, deixando entrar a luz das piras de fogo, o celeste estranhou ao ver que o recém-chegado não era o gigante caolho. Enxergou a silhueta de um demônio só um pouco mais baixo que ele, de corpo atarracado e olhos vermelhos. Quando se aproximou da claridade, percebeu que tinha asas despenadas, garras retraídas e mancava de uma perna, situação que o obrigava a se apoiar em uma bengala. A pele era de um moreno claro, e o cabelo e a barba, de um preto profundo.

Aquela era a aparência espiritual de Orion, o Rei Caído de Atlântida.

— Você não está nada bem — exclamou o atlante, reparando nas costas rasgadas de seu amigo. A visita era um presente agradável, independentemente das repercussões futuras.

— Já estive muito pior que isso — respondeu o guerreiro, que não era dado a lamentos.

— Eu sei. É por isso que estou aqui.

— Sei que veio se despedir de mim e talvez prestar um último adeus ao nosso glorioso passado, mas nossos sonhos acabaram, velho amigo.

— Despedir? — o satanis sorriu, indiferente ao fatalismo.

Lentamente, Orion deslizou pela câmara fria e estacou bem perto do prisioneiro, esticado por correntes que lhe encerravam os punhos.

— Quem você pensa que é, Anjo Renegado? Acha que é uma entidade comum, mais um celestial a vagar pelo universo criado por Deus? — e cabeceou uma negativa. — Não... Você é o líder dos

renegados, é um símbolo, um ícone.

O demônio virou o rosto, e Ablon percebeu que seus olhos se enchiam de lágrimas.

— Em Atlântida — continuou Orion — o povo contava histórias sobre épicos lutadores. A maioria dessas histórias foi inventada por mim e não passava de poemas oníricos. Mas eu lhe digo que, em meus sonhos mais grandiosos, tinha um modelo que guiava minhas legendas.

O renegado levantou o olhar, começando a entender do que se tratava.

— Não sei bem o que você se tornou, general — concluiu o atlante. — Não sei o que é realmente, anjo ou homem. Se fosse humano, terreno, andarilho carnal sobre a terra, eu diria que é um herói. E, definitivamente, estou certo de uma só coisa: não é assim que morrem os heróis.

Dito isso, para a completa surpresa do condenado, Orion sacou uma chave e com ela libertou o querubim das amarras de ferro. Estava livre!

— Fuja enquanto pode, general! — avisou o falido monarca. — Seu tempo de escape é limitado.

— E onde está Balor? — quis saber o guerreiro.

— Eu não poderia me esgueirar pelos túneis e invadir esta câmara com um baal a guardá-la, por isso precisei de uma breve distração.

— Distração?

— Lilith, a Rainha das Succubus. Ela se dispôs a "entreter" o carrasco enquanto eu descia ao calabouço. Somos ambos responsáveis por esta pequena j conspiração.

Lilith... a terrível senhora das mulheres-demônio. Ablon nunca pensou que receberia o auxílio de tão vil criatura, nem sequer percebeu quão encantada ela havia ficado com ele. A succubus, com efeito, apaixonara-se pelo anjo guerreiro e teria feito qualquer coisa para salvá-lo.

—Vocês serão severamente punidos quando Lúcifer souber o que planejaram — alertou Ablon. — A Estrela da Manhã é onisciente em seus domínios.

— Nem tudo ele pode enxergar, querubim — rebateu, com sincera convicção. — Agora corra! Lilith não segurará Balor eternamente.

Mas Balor não era o único obstáculo que separava o general de sua completa libertação.

— Não conheço o caminho para os Campos da Morte — Ablon não era experto na geografia do inferno. — Como posso alcançar o portal e voltar à terra?

A solução estava na ponta da língua:

— A fera alada de Lilith está estacionada fora dos túneis. Siga o cheiro da lava e encontrará a saída de Zandrak. Ande pelas sombras, para que os inúteis baals não consigam percebê-lo. Cavalgue o monstro. Ele conhece o caminho para os Campos da Morte. Rápido! O tempo se esgota.

Sem demora, o renegado, mesmo ferido, correu pelos túneis — passagens tortuosas, lotadas de espíritos-escravos, que mineravam enquanto recebiam o açoite dos demônios-caveiras. Nenhum deles chegou a notar a furtiva passagem do prisioneiro celeste, que com coragem de ferro errou pelas grutas, até encontrar o buraco que conduzia à superfície.

Uma passagem estreita, cavada na rocha, terminava em uma grande caverna, cuja abertura acessava um sítio ao norte do vale dos Condenados, já fora do território particular de Lúcifer, o Senhor do Sheol. O salão pedregoso estava repleto de sentinelas, atentas a cada movimento no escuro. Ablon poderia enfrentá-las, mas não queria alertá-las de sua presença e pôr a perder sua fuga fantástica. Assim, enganou a todos, e com o caminhar sorrateiro deixou as masmorras. Lá fora, encontrou a besta voadora e a dominou.

Dois malikis que guardavam a passagem enxergaram, minutos depois, o monstro alado cortando o horizonte.

— Não é a montaria da rainha? — comentou um deles.

— Não há dúvida, mas não me lembro de tê-la visto regressando do subterrâneo — constatou o segundo. Lilith arrancava suspiros por onde quer que passasse e tomava a atenção de todos os machos.

Um terceiro demônio, mais poderoso, responsável pela guarda geral da caverna, aproximou-se dos soldados. O rosto parecia o de um leão negro, e segurava uma espada curvada.

— Não é a rainha, seus porcos imprestáveis! — vociferou, e os vigias se retraíram de medo. — Aquele é o Anjo Renegado, que escapa de Zandrak no dia de sua execução. O Filho do Alvorecer vai querer minha cabeça por isso. E, por enquanto, *eu* vou querer a sua.

Com brutalidade animal, o cabeça-de-leão brandiu a cimitarra e com um único golpe cortou o pescoço dos dois malikis. Em seguida, disparou o alarme.

— O Anjo Renegado fugiu! — gritou, com todo o vigor.

Uma centena de demônios partiu em perseguição, mas já era tarde demais.

Lápides de um Mundo Perdido

No lombo da fera voadora, Ablon cruzou o mar de lava, as montanhas, e avistou o Abismo de Nimbye, já nos Campos da Morte. Aterrissou perto da senda de rocha negra, onde se escondia o portal. Felizmente, constatou o renegado, a passagem jazia intocada.

Ainda sangrando, mergulhou na poça mística, e no instante seguinte a esplanada cinzenta havia sumido. Como num piscar de olhos, o ambiente transmutou-se em uma floresta de carvalhos ressecados. Quando vislumbrou o cenário, viu-se deitado no centro da ciranda de pedras, um círculo de velhos menires, especialmente sagrados aos antigos druidas. Com os pulsos inchados e o corpo ferido, percebeu aonde tinha chegado.

Estava de volta à floresta Vermelha.

Havia pelo menos cem anos que a floresta Vermelha perdera sua característica fantástica. Por muito tempo, suas árvores foram cortadas, e o mundo das fadas regrediu, até que o vértice que havia no coração do bosque desapareceu totalmente. A maioria dos duendes fugiu para a Arcádia quando da construção da estrada, e os poucos que ficavam, por sua natureza espiritual, não podiam mais se manifestar no plano físico. Aos poucos, o esplendor do eterno verão se extinguiu, e os carvalhos apodreceram por dentro. Os troncos sem vida agora se levantavam aqui e ali, como lápides de um mundo perdido. A relva secara, e os animais procuraram outros recantos para a procriação.

Era início de primavera, o mês que se segue ao degelo, quando a neve dá lugar à lama e a chuva inunda os rincões. Ablon não sabia a data correta, mas ao reparar nas estrelas concluiu que haviam se passado exatamente 222 anos desde o dia em que Shamira abrira o portal.

A passagem mística se fechara finalmente, e ele estava, por enquanto, a salvo. Exausto, entregou-se ao descanso, repousando entre as raízes de um velho roble, que pareciam abraçá-lo como a uma criança. Ficou a encarar as estrelas, até que o sol despontou no horizonte.

Um vento frio soprou na floresta, trazendo o calor da manhã, e um raio dourado refletiu estranhas inscrições na superfície de um menir coberto de musgo. Não eram desenhos celtas, mas caracteres babilônicos, que de forma alguma poderiam ter sido gravados em uma rocha britânica. Quando os celtas floresceram, Babel já tinha caído havia pelo menos mil anos!

Ao examinar a pedra, decifrou o mistério e não pôde conter um sorriso. Aquelas gravações eram recentes — não tinham mais de duzentos anos. Não foram marcadas pelos celtas ou por qualquer outro povo primitivo, mas pela Feiticeira de En-Dor, talvez por saber que só eles dois entenderiam o significado. A mensagem registrada na rocha provava que a necromante estava viva e incólume e que não perdera a confiança em sua promessa. Assim estava escrito:

"Meu querido amigo, tive que deixar a floresta. Por fim, os homens

ganharam e iniciaram a construção da estrada. Despeço-me do

mundo das fadas e me lanço de volta à civilização humana. Se um

dia chegar a ler este aviso, estarei à sua espera no último bastião do

Império Romano do Oriente: Constantinopla."

Constantinopla, a Rainha das Cidades, a capital do Império Bizantino no ponto mais oriental da Europa. Se alguma coisa ainda restara da glória dos césares, era Constantinopla que a detinha. Centro da Igreja Ortodoxa e cerne da cultura grega, a cidade guardava, ao fim da Idade Média, o saudosismo de uma época de patrícios e imperadores, gravada em mármore e ouro.

Mas o passado logo terminaria em cinzas, sob o testemunho do anjo guerreiro.

Constantinopla • O Fim de uma Era

Depois de mil anos de trevas, a Idade Média chegava ao fim. Um novo poder muçulmano se levantava no leste e avançava para o Ocidente como um tigre faminto a caçar sua presa. Os turcos otomanos, sob o comando do sultão, ameaçavam a Europa. Primeiro, invadiram a península Balcânica e derrotaram os cristãos europeus que vieram libertá-la. Depois de um curto período de estagnação, durante o qual os islâmicos combateram uma ofensiva mongol, as guerras recomeçaram no oeste. Em pouco tempo, todo o Império Bizantino estava sob o jugo turco, à exceção de sua capital, Constantinopla.

Constantinopla, outrora chamada Bizâncio, era uma cidade grega encravada no estreito de Bósforo, até que, em 330 d.C., o imperador romano Constantino, o Grande, a transformou na capital do Império Romano do Oriente, a segunda metrópole dos césares. Sua cultura era uma eclética congregação das artes grega, romana e cristã. Seus cidadãos, cristãos ortodoxos, não respondiam ao papa e tinham seu próprio patriarcado. Consideravam bárbaros os homens do Vaticano. No apogeu, esse reino oriental estendia-se do sul da Itália até a Síria e a Arménia, quando então os muçulmanos apareceram no teatro da história.

Em 1439, o imperador de Bizâncio, Constantino XI, reconheceu que a capital não resistiria ao assalto dos otomanos. Em uma última tentativa desesperada, engoliu o orgulho *e* foi a Roma propor a união das Igrejas do Oriente e do Ocidente, esperando, assim, receber o auxílio de que precisava para expulsar os invasores. Mas, apesar da união, o monarca encontrou um duplo fracasso. O povo, mesmo sofrido, não aceitou bem o acordo, e assim nenhum soldado foi enviado para o leste. Depois, os turcos se acotovelavam nas muralhas, e dali em diante a queda de Constantinopla era só uma questão de tempo. Em janeiro de 1453, o imperador recebeu novo alento, com a chegada de dois navios genoveses sob o comando do célebre guerreiro Giovanni Giustiniani, um general que assumiu o comando das tropas e lutaria até a última gota de sangue pela cidade castigada. Mas o exército otomano era imenso. Calcula-se que o sultão Maomé II dispunha de trezentos mil homens contra nove mil defensores. Ademais, os agressores contavam com artilharia, que aos poucos minava a resistência das muralhas.

Um tiro de canhão foi disparado na noite, e Shamira despertou de seu sono. Era dona de uma casa luxuosa, uma construção de três andares, adquirida havia cinquenta anos de um comerciante florentino. No início, a mansão contava com um séquito de criados, mas agora estava vazia. Alguns empregados fugiram da cidade sitiada, outros foram chamados ao exército imperial.

A necromante levantou-se e subiu as escadas em direção ao terraço, de onde tinha uma visão ampla de toda a capital. De lá, avistou a fumaça do lado de fora da cidade, e as rachaduras que a artilharia turca abrira nas muralhas. Milhares de homens — soldados profissionais e pessoas comuns — agrupavam-se em batalhões, com espadas na mão, aguardando o assalto. Os tambores otomanos rufavam ao longe, enquanto seus guerreiros se preparavam para a batalha final. Em meio à confusão, uma missa solene era celebrada na fabulosa Igreja de Santa Sofia, com suas cúpulas colossais e seus ângulos curvilíneos.

Na mureta do terraço, uma figura tão silenciosa quanto o vento emergiu da penumbra. Lentamente, aproximou-se da mulher e estacou a seu lado. Antes de se fazer notar, ficou uns instantes a admirá-la e a contemplar sua beleza. Reparou que a moça trajava um longo vestido de veludo verde-musgo e tinha os cabelos negros penteados em trança. Lá embaixo, nas ruas da metrópole, um cortejo deixava a basílica, e nele tomavam parte todos os habitantes civis de Constantinopla. À frente, os sacerdotes entoavam salmos e carregavam imagens de santos que, achavam, protegeriam a cidade contra a ofensiva noturna.

— A cruz e o crescente — murmurou a figura. — Um mesmo Deus, dois inimigos distintos.

Surpresa, Shamira virou-se de lado e quase não acreditou no que viu. Ali, diante dela, erguia-se um

homem alto, forte, de cabelos dourados e olhos cinzentos. A barba rala engrossava-se em um cavanhaque inconfundível, e ela não teve dúvidas sobre a identidade do visitante.

—Você... — emocionou-se. — O que aconteceu? Por todos os deuses, por que não regressou à floresta? — perguntou, com a preocupação típica dos amigos sinceros. Já começava a se acostumar com a idéia de que ele tinha morrido, de que nunca mais o veria, mas no íntimo de sua alma sabia a verdade.

Enquanto a mulher se recuperava do choque, Ablon a envolveu com os braços, e ela pousou a cabeça sobre seu peito largo, feliz por sentir o calor de seu corpo e por escutar novamente as batidas de seu coração.

— Então, encontrou o meu recado gravado na pedra? — sussurrou a necromante.

— Eu disse que voltaria — ele sorriu, acariciando-lhe os fios escuros da trança. — Mas talvez tenha demorado um pouco — olhou a cidade sitiada e espantou-se ao ver como o mundo havia mudado em duzentos anos. Dois povos, devotos de uma mesma divindade, estavam prestes a se matar em uma campanha nefasta.

— E a sua missão? Conseguiu resgatar seu amigo?

Ablon abaixou a cabeça, lembrando-se de seu fracasso, mas engolindo com glória a amarga derrota.

— Fui vencido por Lúcifer e aprisionado nos calabouços do inferno. Yarion morreu, mas Orion, o Rei Caído de Atlântida, me salvou das masmorras.

— Orion é o seu anjo da guarda — brincou. — Mas como *ele* escapará da fúria de seu senhor infernal? Quando o Arcanjo Sombrio descobrir que o atlante o libertou, seu salvador cairá em desgraça.

— Espero que isso nunca aconteça. Orion me pareceu bastante seguro, embora os demônios comentem que a Estrela da Manhã enxerga tudo o que acontece em seu reino. Mas isso não muda nada. Mesmo se ele for punido, devo honrar seu sacrifício e seguir minha vida.

Uma segunda explosão, muito maior que a primeira, tomou a atenção do casal. Os portões de Constantinopla cederam, e cinquenta mil turcos avançaram para as ruas. Ouviram-se sucessivos tiros de canhão, que encheram o ar com o cheiro de pólvora. Nas avenidas, homens de armadura completa cruzavam espadas contra as cimitarras de seus invasores. O clangor do metal inundou os becos, como uma triste sinfonia de morte. Começava a ofensiva otomana, que prosseguiria por toda a madrugada.

Por duas vezes os muçulmanos foram repelidos, até que uma flecha perdida atravessou a couraça de um italiano moreno. Para o infortúnio dos defensores, era Giovanni Giustiniani, o general do exército. O moral dos homens caiu, e Ablon e Shamira viram, do terraço, quando um guerreiro de armadura reluzente tomou seu gládio e avançou pessoalmente ao comando. O bravo não era ninguém menos do que o próprio imperador.

O soberano foi cercado e, depois de vencer cinco homens, uma lança perfurou-lhe o pulmão. Constantino XI estava morto, e os turcos ocupavam a cidade.

Percebendo a derrota, o pânico apoderou-se dos moradores, que fugiam aos milhares. Uma multidão correu para o porto, tentando embarcar nos navios ancorados. Outros procuraram refúgio no interior da Igreja de Santa Sofia, acreditando que seu caráter sagrado os pouparia de uma morte violenta.

Nas praças e nas ruas, a carnificina começava. Todos que fossem encontrados com armas nas mãos eram abatidos, fossem homens ou mulheres, ricos ou pobres. Enquanto isso, os atacantes esquadrinhavam sistematicamente todos os bairros em busca de espólios.

Um grupo de militares forçou a porta da casa de Shamira, no primeiro andar.

— Vamos embora, Ablon — disse a mulher, descendo as escadas. — Não vai sobrar muito de Bizâncio.

Com um movimento calculado, Shamira apertou a mão do amigo, e juntos correram para o porão. Lá havia uma passagem secreta que se abria na parede da adega.

— Espere — o Anjo Renegado parou. —Você vai abandonar tudo o que guardou nesta casa?

— Já transferi o que me interessava para uma mansão em Veneza — o teto tremeu com um estrondo, e o general entendeu que a parede externa fora atingida por uma bala de artilharia. — O edifício vai desmoronar! — a feiticeira explicou, puxando o querubim para dentro do túnel.

Quando os dois se meteram no túnel, as fundações do edifício cederam, esmagando os soldados que o haviam invadido. O caminho desceu e continuou para o norte, como um duto de esgoto. Não muito longe dali, a passagem subterrânea terminava em um alçapão, que saía no interior de uma gruta pequena, sob uma colina ao sul da cidade.

Quando Ablon e Shamira deixaram a caverna, era quase dia. Antes de o sol nascer, assistiram ao incêndio que consumia os bairros mais altos. Os prisioneiros foram feitos escravos e, pela manhã, o sultão Maomé II recitou a prece muçulmana de quarta-feira no altar-mor da Igreja de Santa Sofia. A cruz que encimava a cúpula da basílica foi substituída pelo crescente islâmico, e os mosaicos cristãos foram cobertos com cal.

— Eis que morre a última cidade romana — murmurou o celeste, fitando as ruínas fumegantes.

— Somos testemunhas da história, meu amigo. Somos os observadores do mundo.

E assim teve fim a Idade das Trevas, afogada na chacina do tempo.

O anjo e a feiticeira ficaram juntos por mais alguns dias e, depois, como sempre, ele partiu para longe. Shamira assumiu sua mansão em Veneza, e Ablon caminhou para a Espanha.

Era o princípio da Idade das Luzes.

A Resposta do Arcanjo Sombrio

A fuga de Ablon dos calabouços de Zandrak deixou o inferno em polvorosa. Lúcifer ficou tão irritado com o ocorrido que mandou executar todos os baals que vagavam por aquele nível da masmorra no dia do escape. Prendeu Balor e Lilith e ficou a pensar no que faria com eles. Para um grande líder infernal, um deslize poderia gerar uma revolta dos duques, então suas ações tinham que ser calculadas, para que mantivesse o prestígio mesmo depois do fiasco.

O que mais o intrigava era a nebulosa identidade do cúmplice da mulher-demônio. Alguém certamente tinha aberto as amarras do renegado enquanto a succubus fornicava com o carcereiro. Mas quem? Mesmo em sua onisciência satânica, a Estrela da Manhã não conseguia enxergar o culpado. Como isso seria possível, se ele era capaz de avistar mentalmente todos os cantos de seu reino, até mesmo os mais

obscuros? Tal situação, que punha em xeque não só sua posição como líder, mas também sua confiança pessoal, o deixou arrasado.

Com todos esses receios em mente, o Diabo estava desolado, mas manteve-se firme. Mandou que Apollyon buscasse Lilith na prisão e a levasse à sua presença, na caverna do vale dos Condenados. Pretendia interrogá-la, como uma última tentativa de descobrir o segundo responsável por aquele plano de fuga, que tanta complicação lhe trouxera.

O Exterminador tirou as algemas da ruiva e a deixou de frente para Lúcifer, em seu trono de ossos. Recuou dois passos e conservou-se em alerta, com a Fogo Negro nas mãos. A espada do impiedoso infernal ardia em chamas negras, um tipo de flama mística, distinta das flamas normais, que consome não só materiais inflamáveis, mas todo tipo de substância, orgânica ou inorgânica. O fogo negro leva à combustão pedra, metal, carne, concreto e qualquer outro objeto que for posto em seu caminho. O fogo comum, conhecido pelos homens, é só um tipo de ardência universal — há muitas outras, como o fogo verde, ou fogo de Xahra, e o fogo azul, ou fogo das fadas, que só produz luminescência.

— Lilith — sibilou o Diabo, encarando a prisioneira com seus inquietantes olhos azuis —, minha preciosa princesa-demônio... — sussurrou, com doçura maléfica. — Você me causou diversos problemas, garota.

— Não são nada perto dos que já causou, Lúcifer — ela rebateu, sem remorso. O fascínio que sentira pelo Arcanjo Sombrio, ao vê-lo pela primeira vez após ser abandonada por Adão, murchara como uma planta ao sol. Agora ele era o tirano, o vilão, o ser mais deplorável de um reino decadente.

Em resposta, o senhor infernal sorriu, mas em seu íntimo se contorcia. Aquele que fora tão belo quanto o sol, o preferido de Deus, acabava de levar uma estocada mortal.

— Não era assim que você me tratava, rainha, até bem pouco tempo — ele olhou para o lado, c sua mirada alcançou uma alcova escura, que fora palco de incontáveis encontros eróticos entre o demônio e sua cortesã. — Quantas vezes já se deitou em minha cama? Quantas vezes já a possuí sob este teto? Quantas vezes já a levei aos prazeres supremos?

— E, apesar disso, continua a ter-me como escrava, Estrela da Manhã.

O rosto do Arcanjo Sombrio transmutou-se em uma máscara indignada. Com a arrogância e a malícia características de seu coração corrompido, ergueu-se de seu trono e achegou-se à ruiva como se a devorasse por dentro. Sua presença era única, sufocante, e a energia de sua aura, assustadora.

— Escrava? E o que dizer de sua corja de servidores sexuais? Eu a acolhi quando foi expulsa por aquele homem mortal. *Eu* lhe dei poderes incríveis e a vitalidade eterna. *Eu* a presenteei com um reino no inferno. Sempre a recebi e a respeitei como a uma verdadeira duquesa, coisa que você *nunca* foi. E, em troca, o que recebo por minha generosidade é uma punhalada pelas costas. Eu deveria saber que alguém de origem tão podre não poderia ser confiável. Você foi humana, Lilith. Nem se quisesse alcançaria a glória dos grandes.

Ao relembrar a atitude de Ablon, ela recuperou a vontade e achou que aquele era o momento de falar sinceramente. Não se iludia, contudo, em pensar que o demônio a ouviria.

— Até hoje, tudo o que você me deu foi poder, influência, riqueza e promessas vazias, só isso. *Nem se quisesse* — replicou, imitando as palavras do Diabo — seria capaz de me conceder aquilo que realmente desejo. É por isso que jamais saberá quem abriu as portas de Zandrak. O sentimento que nos motivou está além de sua estreita percepção.

Lilith chegara à gota-d'água que fez o Arcanjo Sombrio explodir.

— Como ousa nivelar-se acima de minha ciência? Você nasceu com a humanidade, e em que se resume

a breve existência da espécie mortal? Quinze mil? Vinte mil anos? A história dos homens nada mais é do que um piscar de olhos se comparada à vivência do universo, à vivência dos arcanjos, à *minha* vivência. Fomos criados com a luz divina, na aurora dos tempos, mas vocês... o que são? Pobres animais moldados do barro — afirmou, e, com temor sem igual, Lilith viu na face da Estrela da Manhã um traço de nojo. Nunca, em todos aqueles milénios de íntimo contato, ouvira seu amo cuspir aquele discurso desvairado, que nada tinha a ver com sua propaganda humanista. Por certo, Lúcifer havia expressado, sem calcular, uma emoção secreta, e pela primeira vez a monarca soube que seu mestre dizia a verdade.

Ao compreender sua falha, já era tarde demais. O Arcanjo Sombrio escorregara em suas próprias injúrias e agora só tinha uma coisa a fazer.

Com um sutil movimento, inclinou a cabeça, dando a Apollyon o sinal que tanto esperava. Um golpe preciso foi lançado, e a Fogo Negro reluziu no ar, para encontrar em seguida o pescoço de Lilith. A cabeça da meretriz rolou para o lado, e o corpo tombou para trás. Tão rápida foi a execução que a cortesã nada sentiu, nem teve chance de gritar ou arriscar um último suspiro. Seus restos mortais poluíram o chão da caverna, enquanto chamas negras consumiam pele, tecido e ossos. Em um minuto, o cadáver da rainha reduzira-se a uma pilha de cinzas.

— Infelizmente, como seu ex-marido, ela foi longe demais — resmungou o Diabo, esmagando com o pé o montículo de carvão. — Eis que Adão se tornou como um de nós, conhecendo o bem e o mal; agora vamos expulsá-lo do paraíso, para que não tome também a árvore da vida, e coma, e viva eternamente — declamou, narrando um trecho do Gênesis. — Eu deveria obrigar todos os meus demônios a ler a Bíblia.

Introspectivo, Lúcifer deu de ombros e recolheu-se ao trono de crânios.

— Poderíamos ter feito muito pior do que executá-la com um golpe — instigou Apollyon.

— Em tais circunstâncias, mante-la viva seria muito arriscado, mesmo sob tortura. Fizemos a coisa certa, e agora este episódio está encerrado.

— Mas e quanto a Balor? O que faremos com ele?

— Enforque-o com seu próprio chicote, no mesmo cadafalso em que Ablon seria executado. E faça questão de que todos os duques estejam presentes. Se preferir, você mesmo pode assassinar o maldito.

— O que eu quero é a cabeça do renegado!

— Isso todos nós queremos, Apollyon, mas será que seremos capazes de tê-la?

— Do que está falando? — rosnou o malikis, estranhando o comportamento evasivo de Lúcifer.

— Ablon me enfrentou em duelo, e há mil anos confrontou Gabriel. Embora tenha perdido nas duas vezes, ele se manteve vivo. A cada batalha, o Anjo Renegado torna-se mais experiente e mais poderoso. Brevemente, nem você estará em condições de vencê-lo. Se não o matarmos logo... — o senhor infernal deteve-se, imaginando a possibilidade de ascensão de tão persistente inimigo.

— Nunca serei vencido por um celestial adorador de animais — grunhiu o Exterminador.

— Assim espero, meu caro — retrucou o Diabo, sem muita certeza. — Assim espero.

Embainhando a espada, Apollyon deixou a caverna, sem prestar nenhum cumprimento. O Filho do Alvorecer retrocedeu à penumbra e ficou estático, observando o que sobrara do defunto de Lilith. Por horas divagou, tentando entender o que a impulsionara a cometer um ato tão absurdo, que a levaria à ruína.

9-Um Espião na Lanchonete

ablon, aziel e sieme conseguiram acertar a compra de uma caminhonete Chevrolet de três lugares com um taxista israelense, e combinaram de receber o veículo ao fim da tarde, em uma praça no monte Sion, fora dos limites da Cidade Velha. Só para prevenir, pediram ao vendedor que pusesse dois tanques extras de gasolina no compartimento de carga, embora o renegado soubesse que só precisariam de um para chegar ao Sinai. Enquanto esperavam, adquiriram, em uma banca de jornal, um mapa rodoviário, e se prepararam para estudar o percurso.

Pouco depois da hora do almoço, os três anjos entraram em uma lanchonete perto do *souk* central, o mercado ao ar livre na interseção entre os bairros árabe, judeu e cristão, em Jerusalém. Apesar do feriado espontâneo, durante o qual o centro histórico se transformara em um campo de orações, o *souk* continuava em atividade, embora reduzida. Alguns poucos estabelecimentos abriram as portas, como restaurantes e farmácias, mas a maioria dos comerciantes estava nas ruas, nas procissões, ou acolhida no interior dos templos, rezando pela paz. Não obstante as demonstrações de fé, a cidade estava repleta de agentes de segurança, policiais e soldados, preocupados com o curso da guerra e atentos a um possível ataque das milícias islâmicas.

Uma hora atrás, a pequena lanchonete árabe estava lotada, porque muitos peregrinos vieram de longe para meditar em seus santuários sagrados. Encontravam-se na Cidade Sagrada pessoas de Hebron, Gaza e Ramallah, e também de Tel Aviv, Eilat e Haifa. Agora, porém, o movimento no restaurante caíra, restando apenas alguns fregueses locais, que bebiam café de seus bules de bronze e fumavam narguilés, os famosos cachimbos aromáticos, compostos por um fornilho, um tubo e um vaso cheio de água, por onde o fumo atravessa antes de chegar à boca.

Os celestiais se recolheram à mesa mais reservada do salão, poluído por prateleiras, tapeçarias, lustres e bugigangas que pendiam do teto. A fumaça obstruía a visão da saída, e os fortes odores que vinham do *souk* confundiam o olfato.

Ablon acomodou a seu lado o embrulho longo de pano, que escondia a Vingadora Sagrada, e abriu o mapa sobre a mesa. Além das estradas, o planisfério mostrava também as localidades, os acidentes geográficos e as elevações de terreno desde a Galileia até o Egito.

— É aqui! — reparou Aziel. — E esta a montanha.

— A montanha de Horeb — verificou o general. — É onde encontraremos a entrada para a caverna.

— E o portal que procuramos — completou o ishim. — O Horeb fica ao norte do monte Sinai, embora hoje os mortais acreditem que as duas montanhas são o mesmo lugar.

Ablon traçou, com o dedo, uma linha imaginária sobre o papel, analisando o trajeto.

— Partindo de Jerusalém, dirigiremos para o leste e depois dobraremos ao sul, seguindo a Rodovia 90, que corta o deserto do Negev até Eilat, a última cidade israelense antes da fronteira com o Egito. A partir de então já estaremos na península do Sinai e prosseguiremos pela Estrada 66, que margeia o golfo de Acaba. Continuaremos por essa rota até os arredores de Nuweiba, uma localidade costeira, e então nos desviaremos para oeste, diretamente para o interior do deserto. A via asfaltada termina perto de um complexo monástico, o Mosteiro de Santa Catarina. De lá, avançaremos a pé.

— Um monastério foi construído na base da montanha — notou Aziel, de olho nas indicações.

— É um sítio de peregrinação, mas não deve ter mais do que uma dúzia de monges e talvez uma patrulha do exército egípcio.

Sieme atentou para a variedade de cores no mapa. Não sabia o que significavam.

— O que é isso? — perguntou, apontando para uma faixa escura atrás do ponto que indicava o mosteiro.

— Uma cordilheira — explicou Ablon. — Toda essa região é extremamente montanhosa, e o marrom forte indica os picos mais altos. Há uma espécie de corredor rochoso, uma garganta de pedra que teremos que transpor para chegar à trilha, que sobe rumo à caverna.

— Acha que teremos problemas na estrada? — perguntou a serafim.

—A julgar pelo contingente militar que vemos aqui, as rodovias devem estar bloqueadas. Se for preciso, teremos que contorná-las. Agora que conheço a di-reção correta, não vou me perder. Só temo pelo atraso na jornada. Mas talvez você possa nos ajudar com suas habilidades psíquicas.

— Se necessário... Mas até meus poderes têm limites. Não posso enganar um exército, mesmo um exército de seres humanos, que em geral têm a vontade mais fraca do que os celestiais.

— Não acho que vamos encontrar grandes tropas, só postos de vigília. Se bem que a fronteira sempre é uma zona conturbada, então tudo é possível.

Aziel, que estava de frente para a porta, pressentiu uma estranha energia, uma emanação confusa. Sem vacilar, levantou-se e avistou, do lado de fora, um homem grande e moreno, que certamente, por sua aura maléfica, não era um simples mortal. Não conseguiu enxergar seu rosto em virtude da intensa fumaça dos narguilés e das quinquilharias penduradas.

O instinto de sobrevivência o dominou, e suas mãos irromperam em chamas, que percorreram todo o antebraço, prontas para ser lançadas. Aziel era um anjo do fogo e, embora não soubesse lutar como os querubins, tinha as próprias alternativas de defesa — e de ataque.

Preocupado primeiramente com a segurança das pessoas sentadas às mesas, Aziel preferiu não disparar uma rajada de flamas, que fulminaria o inimigo, porque a intensidade das labaredas poderia provocar um incêndio e destruir todo o prédio. Correu na direção da nebulosa figura, preparado para estorricá-la com suas divindades pirotécnicas.

Mas, quando se encontrava a um passo de alcançar o espião e identificar seu rosto, um barulho insuportável o fez parar, e o baque repentino o obrigou a se apoiar em um poste. Ablon e Sieme, ainda sentados, também escutaram o impacto e ficaram tontos, sem conseguir se mexer.

Era o soar da Quarta Trombeta!

— Ele se foi... — murmurou Aziel, ainda sozinho, quando o ruído acalmou. Olhou ao redor, procurou, vasculhou, mas não havia mais nenhuma entidade por perto.

Um instante depois, o Anjo Renegado e a serafim atravessaram a porta, deixaram a lanchonete e se apressaram em auxílio do amigo. Mas ele já estava novamente a postos.

— Estamos sendo seguidos, general — advertiu o ishim, ofegante. — Havia alguém aqui. Infelizmente não consegui perceber seu rosto nem sua real natureza.

— Eu sei. Senti a presença desse observador ao sair do aeroporto.

— Então vamos encontrá-lo! Temos que impedir que o espião se reporte a seus aliados. Anjo ou

demônio, ele é nosso inimigo.

— Não, Aziel. Não há tempo para persegui-lo. A trombeta que acabamos de ouvir só encurta nossa missão. Veja — ele mostrou aos colegas um curioso fenômeno, que só os seres místicos e os sensitivos podiam visualizar. O tecido da realidade estava picotado por rasgos, reconhecidos por seções translúcidas na membrana, que oscilavam como a visão de uma miragem.

— O tecido está se desintegrando — entendeu Sieme.

— Temos até o alvorecer de amanhã para atravessar o portal, porque só restam três trombetas para o Juízo Final, e pouco menos do que isso para a Batalha do Armagedon. Gabriel já deve estar movendo suas legiões.

— Mas se esse observador avisar seus comparsas sobre o nosso percurso, nós três poderemos estar caminhando para uma emboscada.

O Anjo Renegado já tinha considerado tal ameaça.

— Não temos escolha.

A Escolha de Sieme

A uma curta distância a pé a partir do Portão de Sion, que corta as muralhas do centro histórico pelo sul, situa-se a colina que simboliza a Jerusalém bíblica e a Terra Prometida. O monte Sion, sagrado para cristãos, judeus e muçulmanos, mais parece uma ilha de tranquilidade fora dos limites da Cidade Velha, com suas praças arborizadas e construções aprazíveis. A principal dessas edificações é a Igreja da Dormição, coroada por uma torre alta e um domo com quatro pequenos torreões. Planejada em estilo neorromântico, domina o topo do morro e ocupa o local onde, supostamente, morreu a Virgem Maria. Foi no largo da igreja que Ablon combinou de se encontrar com o taxista israelense, de quem comprara a caminhonete com a qual pretendia vencer o deserto.

Ainda reservada, Sieme observava a Cidade Velha do alto do monte, com uma sensação de terror a agitar-lhe o espírito. Já eram quase cinco horas da tarde, e o frio do deserto começava a subir a colina.

— Sinto uma presença sombria vagando pela Cidade Velha — avisou a Mestre da Mente, fitando o emaranhado de ruas no interior das muralhas. — Algum ser de grande poder está rastreando nossos passos, pronto para interferir em nossa viagem.

— É aquele maldito espião que avistei mais cedo, perto do mercado — exclamou Aziel, ainda perturbado com o episódio no *souk*.

— Não é só um espião — corrigiu a serafim. — Sua aura é tão forte quanto a do nosso general. Ninguém com tamanho poder seria um mero enviado. Deve estar aguardando o melhor momento para nos atacar.

— Então vamos esperar que ele nos alcance, Sieme — decidiu Ablon. — Assim ao menos poderemos combatê-lo. Talvez o que ele queira seja justamente nos atrair para longe de nossa jornada.

A conversa foi interrompida pelo roncar de um motor. Um homem de meia-idade, pele clara e cabelos pretos, um tanto flácido nos quadris, guiava um automóvel de carga e estacionou o transporte ao avistar os três anjos. Já tinha sido pago previamente, mas era um sujeito honesto e não fugiria com o dinheiro, conforme Sieme havia constatado ao vasculhar-lhe a mente.

O motorista saiu da boleia com muita pressa. Mostrou onde guardara os tanques de combustível e indicou os controles básicos da caminhonete, explicando como dirigir a picape. Depois foi embora, tão rápido como chegou.

Ablon assumiu o volante e chamou os outros a entrar. Girou a chave e deu a partida na máquina, pousando a Vingadora Sagrada em um compartimento na parte de trás. Aziel acomodou-se no assento, mas a serafim não se moveu. Permaneceu parada do lado de fora, exposta aos raios poentes do sol.

— Vou ficar, general. Vou continuar em Jerusalém. Não seguirei com vocês.

— O quê? — reagiu Aziel, surpreso, mas Ablon apenas assentiu levemente com a cabeça. Já havia previsto aquela atitude e sabia que não poderia impedi-la.

— Alguém nos persegue, e essa entidade pode pôr em risco nossa missão — explicou Sieme. — Nenhum de vocês dois poderia ficar para caçá-la, mas eu posso. Os rebeldes precisam do Primeiro General, e só você, Aziel, conhece a trilha para a caverna em Horeb.

— Está ciente dos perigos que correrá? — perguntou o general, mesmo sabendo que ela já calculara o grau da ameaça.

A mulher-anjo se aproximou do renegado e tocou-lhe o rosto. Deslizou o dedo pela face sofrida, como os fiéis fazem com a imagem dos santos. Tinha os olhos marejados e o coração disparado. Nunca antes nenhum serafim, anjos calculistas e críticos, fora tocado tão intensamente pela emoção da despedida.

— Quando o encontrei há dois dias, naquele apartamento em ruínas, disse que estava disposta a morrer por uma causa e dar a vida para proteger meu líder. Foi sabendo disso que vim para a Haled, mesmo não conhecendo bem a humanidade e seus avanços históricos. Sei que os serafins são conhecidos por sua retórica ardilosa, mas eu disse a verdade desde o princípio. Jamais duvidei de seus ideais.

Ao escutar o discurso, Aziel sentiu uma profunda dor no coração, por um dia ter questionado a dignidade de sua parceira. Saiu instantaneamente do carro e a abraçou forte, puxando-a para junto do peito. Suas castas tinham nature-zas e personalidades distintas, mas, por um minuto, pareciam tão unos quanto gêmeos de sangue.

— Voltarei à Cidade Velha — ela explicou — e procurarei por esse agente perverso. Se não for capaz de detê-lo, ao menos poderei atrasá-lo.

Ablon pensou em proibi-la de ficar, em ordenar que continuasse com eles até o portal, em obrigá-la a esquecer aquele empreendimento arriscado. Mas devia, acima de tudo, respeitar sua decisão e honrar sua escolha. Quantos sacrifícios ele mesmo já não tinha feito, e quantas vezes terminara por superar desafios supostamente insuperáveis? Não... não podia censurá-la. Além disso, sua ajuda seria preciosa. Qualquer contratempo que transtornasse o inimigo, ainda que pequeno, seria valioso.

— Apesar de pertencermos a castas opostas, reconheço que nunca vi tamanha coragem em um serafim — admitiu o renegado. — Desejo-lhe toda a sorte, Sieme, Mestre da Mente. Lute com toda a vontade e com todo o coração, porque eu não esperaria menos de uma acólita de Gabriel.

— Sou *sua* acólita, general. Nós, os novos rebeldes, vivemos para servi-lo, porque ainda acreditamos na palavra de Deus — disse, afastando-se do carro. — Mesmo que os homens tenham degradado o mundo, continuaremos a louvar a criação. Somos anjos, e esse é nosso dever. Até que o sol se apague e o brilho das estrelas feneça, até o último fulgor do universo.

E com isso Sieme gravou sua bravura nos registros infinitos da história. Com um aperto na garganta, Aziel retornou à cabine, e a caminhonete partiu. Por longos instantes, a Chama Sagrada ficou vislumbrando a amiga, à medida que sua silhueta diminuía à distância.

— Eu a julguei mal, Ablon — martirizou-se. —Algumas vezes, pensei que ela não se empenhava totalmente para promover nossa causa. Agora, me perturba imaginar que tenha resolvido ficar só para pôr à prova suas virtudes.

— Sieme tomou a decisão dela, e não nos cabe inferir o motivo. Ninguém pode culpar os outros por suas escolhas. Se ela fez o que fez, foi por opção própria. A Mestre da Mente encontrou a maneira que lhe pareceu melhor para completar a demanda.

Entristecido, o ishim deixou que seu olhar navegasse suavemente pela paisagem. Dirigiam então pelos bairros modernos da Cidade Sagrada, já longe do centro histórico, e quase na entrada para a Rodovia 90.

— Quando nos reencontrarmos, no acampamento rebelde, espero poder desfazer nossas antigas contendas — murmurou o anjo do fogo.

Como líder de guerra e veterano no campo de batalha, Ablon preferiu ser realista. Embora não quisesse magoar o amigo, também não desejava alimentar falsas esperanças.

— Não creio que a veremos de novo, Aziel — retrucou, tomando a bifurcação que levava à estrada costeira.

Um silêncio mortal imperou na boleia, e a Chama Sagrada divisou o monte Sion pela última vez, enquanto o sol se punha no oeste.

Masada, Fortaleza das Almas

— A Europa morreu! — dizia o locutor de uma rádio jordaniana. Havia algumas horas, a Aliança Oriental, encabeçada pela China, Rússia e Coreia do Norte, respondera à ofensiva atómica que devastara Moscou lançando um míssil nuclear que arrasara o oeste da Europa. O alvo primário fora simbólico — Berlim, a cidade alemã que sediara, havia dois anos, a conferência que fundara a Liga de Berlim, grupo de países ocidentais liderados pelos Estados Unidos e pela Europa, que fazia frente aos interesses da Aliança. O raio da destruição, todavia, não se limitou à Germânia. Desde o extremo norte da Noruega até o sul da Sicília, nenhuma nação se salvou.

O aparente clima de tensão que se sucedera à detonação das primeiras bombas convertera-se em completa histeria. No Canadá e na costa oeste americana, ainda preservada, o caos dominava as ruas. Milhares de pessoas se aglomeravam nos aeroportos, buscando refugio nos países neutros, e outras fugiam para o campo, às vezes a pé, porque as estradas estavam lotadas. Mas até mesmo nos países de exílio, fora da linha de combate, a situação era perigosa. Em muitas repúblicas da América Latina, o poder paralelo de facções criminosas e dos traficantes de drogas aproveitara-se da desordem para efetuar saques em grande escala e atacar instituições públicas, órgãos governamentais, delegacias de polícia e quartéis do exército. Um embate civil estourou, mergulhando as cidades em sangue e barbárie. Na África, um maremoto varreu as praias, afogando as localidades portuárias e arruinando centros importantes como Casablanca, Luanda e Cidade do Cabo — uma trágica consequência da onda de choque que sacudira o Atlântico, provocada pela segunda grande explosão, que extinguira Nova York.

Ablon desligou o rádio no instante em que a rodovia dobrava para o sul. Sob o anil do crepúsculo, Aziel pôde contemplar a aridez do cenário e a beleza estéril do mar Morto, com suas exuberantes salinas, que se alongava por dezenas de quilômetros a leste. A paisagem, um tanto acidentada e infértil, é recortada pela orla do mar — que é, na verdade, um grande lago, no qual desemboca o rio Jordão.

Uma grande lua cheia ilustrava o firmamento, iluminando a superfície do mar. O aroma inconfundível do sal marinho chegava da praia, e Ablon viu, ao longe, uma grande montanha, encimada por um cume amplo e reto. No topo, fazia-se visível uma incrível cidadela em ruínas.

— Aquela é Masada — indicou o renegado —, a capital de uma seita judaica ameaçada pelo poderio romano. Em 73 d.C., quando a cidade finalmente caiu, depois de dois anos de cerco, os defensores cometeram suicídio, para não entregar a vida aos invasores estrangeiros. Hoje o pináculo é uma fortaleza de espíritos.

Em Masada, restavam os fantasmas, remanescentes de um grupo que jamais admitiu a derrota e por isso continuava preso ao astral, incapaz de seguir para o céu. Como Masada, havia, às margens do mar Morto, dezenas de outras cidades que pereceram da mesma maneira, ao longo de milênios de guerras e catástrofes.

E a mais célebre delas ainda estava por vir.

O Portador da Luz

No Sheol, os demônios e seus duques estavam perigosamente agitados. Apesar de Lúcifer ter garantido que todos tomariam parte na guerra e de ter ordenado que os nobres infernais levassem suas hordas para o porto do Styx, ao soar da Quinta Trombeta, ninguém sabia ao certo o que aconteceria depois. Samael, o braço direito do Arcanjo Sombrio, ficaria responsável por revelar, na última hora, a tática final da Estrela da Manhã. A esse cronograma, a reação dos senhores escuros não foi nem um pouco suave. Todos eles, sem exceção, odiavam Samael, a quem consideravam um bajulador incapaz. E havia também a questão da enigmática ausência de Lúcifer, que aparentemente não participaria do combate direto — caso contrário, por que delegaria um comissário tão detestado para falar em seu nome?

Os exércitos diabólicos preocupavam-se, ainda, com a batalha propriamente dita. Após reunirem-se às margens do Styx, para onde iriam? Todos sabiam que as duas facções angélicas — a de Miguel e a de Gabriel — se enfrentariam no plano etéreo e lutariam pelo domínio da Fortaleza de Sion. Mas como os demônios chegariam até o campo de peleja? O rio Styx é uma via espiritual, que atravessa dimensões, mas só os misteriosos barqueiros conhecem suas rotas, e suas embarcações são, em geral, pequenas demais para transportar batalhões. Além disso, quem poderia pagar o preço pela viagem das tropas, que é sempre cobrado em forma de energia vital? Se até o poderoso Amael, o Senhor dos Vulcões, ficara arrasado ao entregar parte de sua aura aos barqueiros, quem teria essência suficiente para satisfazer os exigentes condutores? E se, mesmo assim, fossem superadas as complicações logísticas e as hordas conseguissem chegar ao etéreo, o que fariam em seguida? Esperariam que os dois lados se matassem ou se aliariam a um dos partidos celestiais? Tal perspectiva, para os duques, era abominável! Combater em concordância com qualquer uma das facções celestes seria um ultraje, já que eram inimigos ferrenhos de ambas. Miguel expulsara os caídos do céu, e Gabriel fundamentava seu código nos ideais semeados pela Irmandade dos Renegados, cujo líder, Ablon, era um dos maiores oponentes do Arcanjo Sombrio.

Não obstante, os senhores escuros preferiram, por medo ou respeito, não contrariar seu amo. Em seus

reinos macabros, finalizavam os preparativos para o confronto, organizando e movimentando as forças satânicas, agora que já havia ecoado a Quarta Trombeta.

No vale dos Condenados, na caverna do Diabo, Lúcifer esfregava as mãos e aguardava a conclusão de seu plano. Auxiliado por seu lugar-tenente, Samael, ele vestia com aversão sua couraça dourada, uma armadura peitoral cujos contornos simulavam músculos bem definidos, apropriados a um corpo delgado. Na cinta, fixava a bainha de uma espada de fogo, uma arma comum aos arcanjos, mas proibida aos anjos normais.

— Não tão apertado nas costelas, Samael — orientou o Filho do Alvorecer, enquanto o ser reptiliano amarrava as tiras de couro que fechavam a couraça.

— Mil perdões, meu altíssimo — suplicou o rastejante, afrouxando as amarras. Lúcifer fez um movimento com as asas, desfraldando a tez de morcego que

compunha seus membros aéreos, deixando-as livres, fora do colete metálico.

— Confesso que me sinto péssimo nesta armadura, mas estou pronto a empreender uma viagem solene. É uma boa ocasião para resgatar do baú este traje de gala.

— Vossa Majestade está lindíssima! — exaltou o auxiliar.

— Obrigado, Samael. Seus elogios engrandecem meu ego e animam meu espírito.

Sozinho, Lúcifer tomou sua espada de fogo e a retirou da bainha. Ergueu-a às vistas e ficou a observar o magnífico instrumento. Tentou simular algumas manobras, mas golpeava apático, sem muita perícia, então recolheu a lâmina, desinteressado pela arte da esgrima.

— E quanto a esta espada... — comentou o Senhor do Sheol — nunca a usei realmente nem nunca a batizei, como fizeram meus irmãos. Esta lâmina conserva-se intacta desde o dia da criação, quando meu Pai a forjou. Acha que eu deveria nomeá-la agora, na etapa final do universo?

— Se assim decidir o meu amo adorado... — replicou a Serpente do Éden.

— Vou chamá-la de Raio da Aurora, um tanto condizente com seu esgrimista, a Estrela da Manhã. O que acha, Samael? Façamos com isso uma homenagem aos novos tempos, aos novos dias de glória que nascerão à conclusão da Batalha do Armagedon, ao alvorecer de um mundo de puro deleite e prazer. Um tributo ao retorno e ao princípio do cosmo!

— Suas palavras são tão maravilhosas quanto sua aparência, ó Filho do Alvorecer! — consagrou o miserável adulador.

E a conversa seguiria morosa, não fosse a chegada de um terceiro personagem. Surgiu das trevas o demônio Amael, figura estimada por Lúcifer, por sua lealdade e dedicação. Em sua forma espiritual, o Senhor dos Vulcões tinha asas de fogo tão reluzentes quanto a lava profunda da terra. Vestia uma armadura completa, um tanto sensacional e faustosa, embora carcomida pela ferrugem. O metal avermelhado dava forma a uma couraça gótica, de extremidades afiadas e manoplas pesadas. No rosto moreno, muito parecido com os semblantes humanos, lágrimas de fogo escorriam dos olhos e nunca paravam — uma marca permanente de sua vergonha, do remorso que ainda sentia por ter afogado Atlântida e Enoque.

Amael ajoelhou-se na base do tablado do trono, sobre o qual o Arcanjo Sombrio terminava de ajustar a placa de ouro.

— Meu fiel Amael — felicitou-o o Diabo —, levante-se! Você chega em momento oportuno.

Ainda sem encarar diretamente seu amo, o zanathus ergueu-se em postura pomposa.

— Trouxe-lhe isto, meu senhor — disse o recém-chegado, estendendo ao mestre um pergaminho enrolado. — É uma mensagem do duque Mammon, em nome de todos os outros duques e senhores do inferno.

A Estrela da Manhã abriu o documento e o estudou com cuidado. Enquanto lia, seu emissário adiantou:

— Eles estão impacientes. Ainda não sabem se o terão à frente de seus exércitos, nem o que farão ao chegar ao porto do Styx.

— Eu disse claramente àqueles imbecis que seguissem as instruções de Samael, e eles sabem disso! — reagiu, ateando fogo à carta com a força do pensamento. — Mas tanto melhor. O tormento da espera torna os guerreiros mais ávidos pela batalha.

E, com isso, terminou de assentar a armadura e dirigiu-se à Serpente do Éden:

— Samael... — chamou.

— Sim, meu altíssimo!

— Sua tarefa agora tem início. Vá e faça como foi combinado. Eu e Amael cuidaremos do resto.

— Seja feita a sua vontade, meu amo.

E, com movimentos serpentinos, o demônio, metade homem, metade cobra, deslizou por um buraco umbroso, deixando a presença do mestre. Um instante depois, o Arcanjo Sombrio desabou no trono e fitou o melancólico Senhor dos Vulcões.

— Há tanto que fazer, meu nobre Amael.

— Se for de minha competência ajudar...

— Ah, você sempre foi tão prestativo! É claro que sua fidelidade será considerada, mas há coisas que só eu posso fazer.

A expressão de Lúcifer mudou, desenhando um rosto entristecido e frustrado. Amael, por sua vez, assustou-se, porque nunca — nem ninguém — havia sido testemunha de tão aparente fraqueza.

— Ás vezes sinto falta de meu Pai — confidenciou o Filho do Alvorecer. — Tudo o que eu queria era tê-lo ao meu lado, era poder amá-lo e adorá-lo.

— Compreendo, meu amo — murmurou o Senhor dos Vulcões, estupefato ao notar um fio de lágrima escorrendo pela face do Príncipe das Trevas.

— Você sabe o que é ser Deus, Amael? Tem noção de que tipo de poder é esse? Entende o que significa criar o universo com um piscar de olhos?

— Não sei se estou à altura de respondê-lo, meu senhor.

— Infelizmente toda criação exige um sacrifício — concluiu, enxugando as lágrimas e retomando sua habitual atitude segura. — E seu auxílio será inestimável, grande zanathus.

— Diga-me como posso ampará-lo, Estrela da Manha.

O Arcanjo Sombrio levantou-se do trono e desceu do tablado.

— Você conhece os barqueiros do Styx. Sabe como encontrá-los — não era uma pergunta.

— Sim, já os contratei anteriormente, quando da última visita do Anjo Renegado ao Sheol.

— Imagino então que tais entidades sejam confiáveis.

— Perfeitamente, meu amo, contanto que sejam bem pagas. Para as viagens, exigem energia vital, o que me foi extremamente estafante. Só há pouco recuperei a exata condição de minha aura.

O Senhor do Sheol encarou seu servo, com a mesma malícia que o caracterizava no inferno.

— Como eu disse... Toda criação exige um sacrifício — declarou, e foi caminhando para os túneis de saída da gruta. Amael o acompanhou. — Mas não se aflija, meu amigo. Já demonstrou seu martírio. Tudo de que preciso é que me conduza a essas criaturas do rio.

— Vamos lutar contra as legiões celestes, meu amo? — indagou, tentando não parecer curioso.

— Deixarei para divulgar minha decisão na última hora. De fato, muita coisa está prestes a mudar com o Armagedon. Quando isso acontecer, aqueles que estiverem ao meu lado serão privilegiados.

— Entendo, meu mestre.

Juntos, os dois infernais ultrapassaram o umbral da caverna e tomaram o caminho de ossos que terminava no porto de crânios, às margens do Styx.

— Eu sou o Portador da Luz, o Filho do Alvorecer, a Estrela da Manhã. Sou o Eterno, o herdeiro do Criador. Sou o brilho do sol e o fulgor infinito — declamou o Diabo. — Sou o mais puro, o mais belo, o mais reto. Mas hei de subir ainda mais e consagrar meu nome.

Quieto, o Senhor dos Vulcões temeu pela sanidade de seu amo e pensou que talvez ele não estivesse gozando de perfeito juízo, possivelmente pela carga de responsabilidade que pesava em seus ombros, em um momento tão crítico quanto aquele.

Mas Amael estava errado.

Lúcifer não enlouquecera. Na verdade, esse era seu estado normal.

Fúria, Maldade e Sede de Morte

Já era quase noite quando Sieme desceu o monte Sion e regressou à Cidade Velha. Na mente, guardava uma única missão: encontrar e derrotar a força sombria que vagava pelas ruas estreitas e ameaçava a segurança de seus companheiros, já a caminho do deserto. A serafim tinha, portanto, a vantagem da surpresa, e sabia que deveria agir rápido, antes que o indecifrável agente descobrisse que Ablon e Aziel não estavam mais na cidade e decidisse segui-los. Para tal, pretendia usar a si própria como isca para

atrair a enigmática figura, afastando-a, assim, de seus amigos e tentando vencê-la em combate singular.

Cruzando o Portão de Sion, ao sul do centro histórico, a Mestre da Mente penetrou no bairro armênio e seguiu pela Rua Ararat em direção ao bairro cristão. Enquanto caminhava, espantava-se ao ver que, mesmo ao cair do crepúsculo, os fiéis não deixavam os templos. Notou, então, que os habitantes locais punham velas acesas nas janelas, em um silencioso protesto de paz e de repúdio à guerra global.

Ouviu uma melodia distante, um coro que recitava músicas cristãs, e perseguiu sua origem até avistar a Catedral de São Tiago, uma das igrejas mais belas da Terra Santa. As grandes portas de acesso estavam abertas e, no interior, iluminado por lamparinas de óleo e decorado com azulejos azuis, a serafim vislumbrou centenas de pessoas comuns que, de pé, dedicavam louvores a Deus. Percebeu, finalmente, que semelhante atitude se repetia em cada santuário da velha cidade, sem distinção de culto, e entendeu que aquela seria, para todos, uma noite de vigília, seguida por uma madrugada de orações em prol do fim do conflito, que já devastara metade do mundo. Pouco letrada na história humana, Sieme não compreendeu a ironia da situação. Jerusalém sempre fora um barril de pólvora, uma localidade em permanente confronto, palco de episódios sangrentos e assaltos mortais, disputada por partidos rivais. Mas agora, enquanto o planeta lutava, ela acolhia seus filhos, em honra dos mártires e em defesa de seus marcos sagrados. Muçulmanos e judeus se abraçavam e rezavam unidos pela paz mundial. Deixavam as diferenças de lado, porque não eram mais inimigos, mas igualmente vítimas da mesma catástrofe, que ameaçava destruir não só sua vida, mas seus sonhos e crenças.

A temperatura caíra um bocado à saída do sol, e não cessava de esfriar, à medida que a lua subia. Embora o movimento de pedestres tivesse se reduzido, os soldados do exército e os guardas da polícia israelense continuavam patrulhando vias, alamedas e travessas, em seus jipes blindados e carros militares. Volta e meia, um helicóptero sobrevoava as muralhas, rondava até o Domo da Rocha e depois retornava à base.

Um dos pontos mais altos da Cidade Velha é a cúpula alta da Igreja do Santo Sepulcro, o magnífico templo erguido ao redor do suposto local do martírio, sepultamento e ressurreição de Cristo. A construção é composta por um complexo de capelas, torres e pátios, administrado por seis facções cristãs — armênios, gregos, coptas, católicos romanos, etíopes e sírios. Dentre as edificações, destacam-se duas abóbadas principais: uma maior, sobre a rotunda que guarda o túmulo de Cristo, e uma menor, o Domo de Catholikon, que desponta no nível mais baixo do telhado e cobre a nave central da igreja. A torre do campanário, colada à entrada principal da basílica, fica diante da Capela dos Francos, por onde ingressavam os cavaleiros cruzados nos tempos medievais.

Prosseguindo pela rua fundamental do bairro cristão, Sieme atravessou um arco de pedra, passou ao lado da Mesquita de Ornar e parou no pátio, em frente à porta sul da Igreja do Santo Sepulcro. No largo, umas quinhentas pessoas de vela na mão rezavam baixinho, fazendo fila para entrar no salão e visitar o mausoléu, excepcionalmente aberto àquela hora da noite. Preferindo não se misturar à multidão, a Mestre da Mente deu a volta no edifício, pulou um muro e subiu no telhado, caracterizado por três níveis de amplo terraço, cada qual com seu domo, e por um outro ainda menor, que coroava a Capela de Santa Helena. Habitualmente guardada por um zelador muçulmano, toda a área encontrava-se estranhamente vazia, e a serafim aproveitou a oportunidade para galgar até o último nível. Lá, debruçada sobre o parapeito de pedra, ao lado da cúpula sobre a rotunda, visualizou toda a cidade, procurando, através do tecido, a fonte da presença maligna que a surpreendera no *souk.* Mas, ao contemplar o astral, tudo o que enxergou foi um bando de espíritos perdidos — fantasmas de todas as eras, largados na borda do mundo.

Desanimada, imaginou por um instante ter fracassado. Possivelmente, o inimigo que procurava já tinha partido e, se isso fosse verdade, de nada teria adiantado permanecer em Jerusalém, enquanto seus companheiros seguiam viagem.

Ficou por um longo tempo observando a paisagem, escutando a corrente de preces que escapava dos santuários. Assim correu boa parte da noite, e aquele foi um período de paz.

Um breve período de paz...

À meia-noite, Sieme foi testemunha de um acontecimento assombroso. No plano astral, uma sombra negra elevou-se na ala norte das muralhas, encobrindo o astro noturno. Do obscurecimento emanavam as vibrações místicas de uma aura maléfica, corrompida e possante. A aparição, basicamente espiritual, não podia ser vista pelos vivos, mas incitou pânico entre os fantasmas. As almas perdidas, dominadas pelo pavor instintivo, fugiram como estocadas por brasa, comprimindo-se contra os muros do centro antigo, porque muitas delas não podiam, por suas pendências vitais, deixar a Cidade Sagrada. Até mesmo a serafim, tão confiante e disciplinada, sentiu o coração disparar. Ainda assim, não recuou. Agora tinha certeza, mais do que nunca, de que aquela entidade seria sua oponente e de que deveria enfrentá-la, em nome de seus amigos e em honra de sua causa.

Apurando o olhar, identificou a fonte do mal. Uma criatura de corpo humano e rosto disforme corria pelo céu como um búfalo em assalto, apressando-se em espetacular ofensiva. Se tinha asas, as escondia, mas a ausência de gravidade no plano astral permitia que caminhasse no ar.

O adversário era rápido e bruto, e a face apresentava uma boca enorme, apinhada de presas pontudas. Os olhos eram grandes e negros, e uma cicatriz oblíqua cortava o rosto deformado. Sieme não tinha mais dúvidas de que era um demônio e, a julgar pela potência de sua aura, talvez fosse confrade de Lúcifer, integrando o time dos anjos caídos.

Apesar de seu desespero, a serafim preparava-se para a luta. Lembrou-se, com certo alívio, de que estava na Haled, e o inimigo, no plano espiritual. O tecido da realidade, ainda que frágil, limitaria o duelo, porque o agressor não poderia atacá-la enquanto não trespassasse a membrana e se materializasse. O processo de materialização nunca é imediato, demandando um mínimo de energia e concentração. Assim, seu oponente, por mais impetuoso que fosse, não a golpearia de primeira, apesar de sua sede de sangue.

Sieme afastou-se da base da mureta e encarou a vil criatura, que chegava em velocidade titânica. Arrostou de perto seu olhar abissal, quando a figura escorregou pela cúpula, preparando o punho para um soco infalível.

Foi aí que teve início o horror.

Subitamente, o tecido rasgou-se como placenta materna, e o monstro eclodiu do astral. O rosto horrendo transmutou-se em uma carranca humana, e seu corpo espiritual foi revestido de carne. Saltando ferozmente sobre Sieme, o recém-formado avatar atingiu-a com um soco no peito, e a indefesa mulher-anjo foi arremessada contra o apoio da segunda cúpula, danificando parte da parede de rocha e despedaçando os vitrais de uma janela em arco.

Estendida no pátio, a celestial verteu fluidos de sangue, que subiam aos litros pelos pulmões.

Mas o que era aquilo? Um demônio atravessando o tecido sem ao menos desprender sua essência? Como teria rompido a membrana assim, tão fácil e rápido? O que lhe dava a incrível habilidade de ir e voltar entre mundos? Que tipo de poder era aquele?

Quando, debilitada, Sieme ergueu a cabeça e viu a face do assassino, notou que, em sua carcaça física, ele guardava os antigos traços angélicos, porque os anjos, normalmente, são parecidos com homens. Dotada de memória invejável, ela mentalizou a imagem de um passado longínquo e recordou-se de um belicoso oficial querubim, que havia se unido a Lúcifer em sua revolução.

— Apollyon... — decifrou, com os lábios vermelhos de sangue — o Anjo Destruidor — ajoelhou-se, tentando se levantar. — Era você que nos perseguia no *souk*.

— Sou Apollyon, o Exterminador — corrigiu, apresentando-se com a alcunha que recebera no inferno. — E você, suponho, é Sieme, a quem chamam Mestre da Mente — desdenhou. — Que tipo de truques sabe fazer, garota-anjo?

— O tipo certo para arruinar malfeitores — respondeu, precisa.

Indiferente à ameaça, o malikis avançou e a agarrou pelos cabelos. Enfraquecida e desnorteada pela pancada no tórax, a celestial não teve forças para se libertar. Então, ele a arrastou até o parapeito e a ergueu do chão, de frente para a paisagem anoitecida da Cidade Velha.

— Veja esta terra amaldiçoada, serafim — começou o demônio. — Ela é o exemplo da vergonha dos homens. Observe o coração dessas almas perdidas e saberá quantas vezes esta cidade foi regada com sangue. Vocês, que adoram animais e defendem a integridade desses porcos de barro, deveriam entender o que eles fizeram ao mundo.

— Suas opiniões são incoerentes com a oratória de Lúcifer — gemeu a Mestre da Mente, paralisada pela dor que esticava os cabelos.

— Respeito somente minha própria coerência — rosnou o diabo guerreiro, e com um movimento de braço a jogou novamente contra a cúpula média. A estrutura de pedra rachou, abrindo um grande buraco na armação de alvenaria. Pelo menos cinco grandes blocos de rocha despencaram na rotunda, levando alarme às pessoas que, lá embaixo, rezavam ao redor de um recipiente de pedra, em uma câmara considerada pelos antigos o centro do mundo.

Com dificuldade, Sieme segurou-se na borda do domo e rolou novamente para o terraço, evitando uma queda de mais de dez metros. Ao ver uma mulher pendendo do teto, os fiéis, no interior do santuário, se espalharam, e alguns deixaram o templo para avisar os soldados. Ao impacto, o braço da serafim se deslocou, e um corte longo foi aberto na testa.

Ao ver que Apollyon preparava uma nova acometida, a Mestre da Mente valeu-se da única arma que possuía: suas divindades psíquicas. Enquanto o assassino se preparava, Sieme foi mais rápida e fez jus a seu título. Apontou a mão na direção do agressor, e uma rajada invisível invadiu-lhe a mente. O Choque Mental, uma técnica conhecida pelos serafins, rastreava as fraquezas da vítima, selecionava suas piores lembranças e as trazia à tona como uma única torrente de sensações dolorosas. A consciência quase nunca aguentava o impacto, e a mente apagava. Os fortes de vontade se recuperavam horas ou dias depois, mas os fracos morriam ou eram lançados indefinidamente ao abismo da loucura.

Tocado pelo baque mental, o poderoso Apollyon desmoronou, e seus olhos fecharam. Não estava morto, mas um simples desmaio era suficiente para que a mulher-anjo lhe arrancasse o coração e desse fim à sua carreira homicida.

Com o braço quebrado e a testa sangrando, Sieme pôs-se de pé, abençoando suas valiosas perícias. Graças a um esforço tremendo, tinha derrotado o Exter-minador e cumprido sua preciosa missão. Em breve, poderia voltar à companhia de seus amigos.

Agachou-se ao lado do avatar estirado, enrijeceu os músculos do braço saudável e abriu a mão que penetraria a carcaça. Mas, quando atacou com o punho para trespassar-lhe a carne, o insidioso demônio virou-se de frente e bloqueou o golpe. Estava acordado o tempo todo, mas, por algum motivo, preferiu enganá-la!

Assustada, a serafim tentou se afastar, mas Apollyon saltou como um tigre e apertou-lhe o pescoço, sufocando-a com os dedos gigantes.

— É agradável a ilusão da vitória, não é? — rosnou o sádico assassino. — É essa ilusão que os estimula, a esses novos rebeldes, que veneram um general derrotado. É o que os faz combater. E o caminho para a morte, para o vazio do cosmo.

— Mas como é possível? — gemeu a Mestre da Mente. — Ninguém jamais resistiu ao meu Choque Mental.

O criminoso deixou escapar um sorriso perverso.

— Sua técnica baseia-se no embate de emoções conflitantes: valentia e medo, segurança e fraqueza, amor e ódio, bem e mal. Eu, que já matei homens, anjos e deuses, não conheço a bondade, a justiça, a amizade nem os sentimentos pacíficos. Tudo o que há dentro de mim é fúria, maldade e sede de morte. Portanto, meu espírito não pode ser afetado, não pode ser destruído por seus artifícios psíquicos. Eu sou a personificação do que há de mais terrível e atroz neste mundo. Sou o mal verdadeiro, o injusto e o cruel. Nunca fui derrotado e nunca o serei.

O Exterminador pressionou os dedos, até que Sieme não pôde mais respirar. Acometida pela tontura, ela quase desfaleceu, mas uma distração prolongou sua vida.

Um estalo de tiro ressoou no telhado, seguido por uma rajada de balas. Só então, o malikis percebeu que cinco policiais, armados com metralhadoras compactas, tinham subido ao terraço por uma escada lateral e estavam a alvejá-lo. Os guardas haviam sido chamados havia dois minutos pelos cristãos que presenciaram o desabamento de parte do domo.

Irritado com a interrupção, Apollyon largou Sieme, liberando-a de sua pegada.

— Mas o que são esses insetos? — enojou-se, no centro da linha de fogo. Os disparos simplesmente não o feriam, tão forte era seu poder e vigor. Suas imu-nidades encontravam estreita semelhança com as de Ablon, que não podia ser machucado por uma arma mundana qualquer.

Enquanto os projéteis furavam-lhe a roupa, Apollyon concentrou-se nos homens. Além de exímio combatente, contava com capacidades ocultas, entre elas uma aptidão inata para a destruição. Para quem devastara Sodoma com uma nuvem de fogo, aqueles atacantes não passavam de mosquitos, prontos para ser esmagados. Ao seu comando mental, uma fincada cardíaca paralisou os soldados, que soltaram os rifles e engasgaram com sangue. Gritando de dor, os inermes vigias sentiram uma pontada perfurar-lhes o peito, enquanto o corpo todo formigava e as pernas tremiam. O coração, já inchado de sangue, finalmente estourou, rasgando o pulmão e espalhando dejetos aquosos por todo o alpendre.

Uma mancha vermelha, misturada aos trapos de roupa, foi o que restou dos seguranças armados.

Apollyon voltou-se à sua vítima central. Com brutalidade terrível, pisoteou o rosto de Sieme, até que o crânio fosse amassado. Mas, em vez de matá-la, preferiu prolongar a tortura. Com a força de dez touros selvagens, o malikis levantou um volumoso fragmento de rocha e o largou sobre a Mestre da Mente, imobilizando-a.

— Eu já volto, garota. Você não vai sair daí, vai? — zombou, certificando-se de que o bloco era suficientemente pesado para que ninguém o movesse.

Ao mesmo tempo em que as sirenes de bombeiro acordavam os moradores incautos, o agente das trevas escalou o domo maior da Igreja do Santo Sepulcro. No cimo, pendia uma bela cruz prateada, larga como uma espada e de extremidades pontiagudas. Era o símbolo máximo da fé cristã, o ícone que caracterizava o eterno túmulo do Salvador. Levando a mão ao sagrado objeto, o demônio o arrancou de sua base e o carregou como arma de volta ao ponto onde jazia Sieme.

Afastando o bloco de pedra, o duque novamente a tomou pelos cabelos e a estocou com a ponta da cruz. A haste de prata, coberta de sangue, atravessou a barriga, despedaçou a coluna e despontou nas costas, perfurando os pulmões.

— Morra agora, Sieme! E antecipe o destino de seus companheiros.

Antes de perecer, toda sua vida regrediu em cenas corridas, e ela reviu suas lembranças, seus ideais. Relembrou-se da guerra, das duas facções celestes e da posição de Lúcifer, que nunca manifestara interesse em participar da batalha.

— Por que nos persegue, Exterminador? Esta guerra não é sua nem de seu senhor diabólico.

Com expressão odiosa, Apollyon respondeu:

—Você é inocente, serafim. Não tem a menor idéia do que está se passando.

E, com isso, executou o golpe final. Afundou a mão no peito já ferido da Mestre da Mente, destruindo seu coração. Depois, jogou longe o avatar destroçado.

— Você é o próximo, renegado — disse baixinho, para não esquecer seu alvo primário.

No exato momento em que a vida de Sieme se extinguiu, Ablon, já distante no deserto, apertou os freios do carro e respirou profundamente à parada do automóvel.

— Sieme está morta — afirmou, categórico.

— Eu também senti — retrucou Aziel, sensivelmente abalado. — A energia de sua aura apagou-se.

Esticando a cabeça através da janela, o Anjo Renegado fitou as estrelas.

— Já passa da meia-noite, e estamos bem avançados em nosso percurso — afirmou, para logo retomar a jornada.

De início, Aziel não aprovou a austeridade do general, que repentinamente mudara de assunto, parecendo esquecer os feitos e a valentia da honorável Mestre da Mente. Minutos depois, contudo, entendeu a coerência do comentário. Com suas breves palavras, o Primeiro General havia somente explicitado o óbvio.

Ao atrasar o caçador, Sieme deixara livre o caminho para que seus amigos alcançassem o portal.

Sua missão estava cumprida.

Uma Pena como Vingança

Por mais alguns quilômetros, Ablon e Aziel continuaram pelo percurso da Rodovia 90, sempre costeando o mar Morto. Era uma daquelas noites claras e frias, típicas da primavera oriental. À exceção do forte brilho da lua, nada iluminava a estrada, e nenhum farol piscava no asfalto. A partir de Masada,

a pista mais parecia uma trilha fantasma. Às vezes, os viajantes avistavam as luzes das habitações praieiras, das salinas e dos *spas* instalados na orla, agora vazios. No lado oposto da via, o cenário era árido e montanhoso, mas o terreno ficava mais plano à medida que penetravam no Negev.

O deserto começa onde termina o mar Morto, uma região de solo pedregoso, repleta de colinas baixas e grutas ocultas, um tanto sombrias apesar de sua beleza. As elevações na paisagem lembram um cemitério de rochas, fragmentos destroçados de uma era tão antiga quanto o tempo das grandes catástrofes.

Finalmente, na cabine da picape, os celestiais avistaram um holofote à margem da estrada, em um ponto fixo ainda distante. Ao comando do operador, o feixe de luz dançava na pista, à procura dos veículos que chegavam pela rodovia.

— Será um bloqueio? — perguntou Aziel, tentando enxergar na penumbra noturna.

— É um posto de controle, improvisado pelos soldados do exército — explicou o general, identificando os elementos no escuro. — Há um pelotão militar, com pelo menos cinquenta homens. Alguns estão acampados, outros conduzem jipes e tanques — descreveu, reduzindo a velocidade do carro. — Montaram um projetor no alto de uma armação de metal e estão vasculhando o asfalto.

O carro ainda se encontrava fora do alcance da luz.

— Acha que devemos contornar pela planície e evitar a patrulha?

— Seria o melhor a fazer, mas perderíamos muito tempo. Além disso, provavelmente notariam nossa passagem pelo barulho do motor e nos descobririam com seus holofotes.

— É uma pena não termos Sieme conosco — lamentou o ishim, ainda magoado pela perda da amiga.

— É verdade. Ela enganaria rapidamente os guardas. Mas também não vejo por que eles impediriam nosso acesso. Não levamos armas de fogo ou explosivos e estamos saindo de Israel, não entrando — pelo caminho que tomavam, brevemente estariam no Egito. — Em último caso, você pode se desmaterializar e passar ao astral, enquanto eu tento convencê-los de que não sou ofensivo. Ainda tenho aquele passaporte, que nunca cheguei a usar.

Aziel assentiu, confortado com o otimismo do líder. Lentamente, o Anjo Renegado acelerou o veículo e dirigiu rumo ao bloqueio. Sem perceber, eles entravam em uma área de especial importância, que guardava inimagináveis perigos.

Estavam no extremo sul do mar Morto.

Ablon passou à segunda marcha quando o feixe de luz bombardeou a cabine. Ele e Aziel viram que um jipe militar bloqueava um dos lados da estrada, reduzindo a pista à metade e inibindo, assim, fugas ousadas. Dois espetaculares tanques de guerra, com seus canhões de 120 milímetros, figuravam em cada margem da via, e mais cinco carros blindados RAM V-1 circulavam por perto. À direita, na planície, algumas tendas haviam sido montadas, certamente para abrigar os oficiais graduados. Pelo menos vinte homens a pé rondavam o perímetro, portando fuzis e granadas de mão. O restante estava nos veículos, no interior das barracas ou mais atrás, defendendo o outro extremo da rodovia. Quatro observadores vigiavam tudo do alto da plataforma de observação, controlando a direção do holofote.

— Há algo de estranho com esses soldados — sussurrou Aziel. — Não parecem humanos.

— Não parecem, mas são — os militares, definitivamente, eram homens comuns. Se fossem anjos ou demônios disfarçados, os dois celestes já teriam sentido as emanações de sua aura pulsante.

Ablon parou o automóvel a dez metros do cerco. Cinco recrutas, imóveis, os ameaçavam sob a mira de rifles. Um deles fez sinal para que o motorista deixasse a cabine, balançando o cano da arma.

— Fique aqui — ordenou o renegado ao ishim. — Esteja pronto, mas, aconteça o que acontecer, não os machuque. Tenho a impressão de que esses mortais são mais vítimas do que agressores.

E ainda sem saber ao certo o risco que corria, o general apresentou-se diante dos atiradores, que o aguardavam com o dedo no gatilho. Todos os militares — na torre, nas tendas e nos blindados — encaravam o querubim com especial cinismo e perversidade, e foi aí que o lutador entendeu que haviam sido alvo de alguma transformação — não corpórea, mas psíquica. Decididamente, não gozavam de perfeito juízo.

Um silêncio tumular tomou o deserto, até que o Anjo Renegado falou.

— Quem são vocês? — perguntou, convencido de que as intenções dos vigilantes não eram nada amistosas. A alma deles tremulava no corpo, fenômeno estranho aos entes viventes.

— Devia nos conhecer — respondeu um dos peões na linha de frente. A voz era monstruosa, como dragada de alguma dimensão irreal. — É um anjo, e nossa relação com os alados não foi e nunca será esquecida.

Com isso, os oficiais dispararam, sem esperar uma réplica do alvo. Sonoras rajadas criaram pontos de fogo e levantaram fumaça na pista. Ouviu-se o som dos projéteis se chocando contra o solo duríssimo e, mais atrás, contra o radiador da picape.

Enquanto isso, no observatório, um atirador alvejou Aziel, mas ele, já concentrado, desmaterializou-se no instante preciso, e a bala perfurou o vidro do carro, para alojar-se na parte posterior do assento. Seu avatar dissipou-se em tons azulados, e ele mergulhou para dentro do tecido. No plano astral, o ishim expandiu as asas e flutuou, atravessando a capota do carro como se ela não existisse.

No asfalto, quando a fumaça baixou, os agressores não encontraram resquícios de Ablon. Esperavam vê-lo desmoronado no chão, perfurado pelos pedaços de chumbo. Entreolharam-se, intrigados, e vasculharam os arredores, à procura do inimigo.

Escutaram, então, um barulho que vinha do céu. Surpresos, avistaram o general, que caía em ataque, após um salto que eles nem sequer enxergaram. Antes que fosse atingido, o querubim pulara bem alto, acima do alcance do projetor, e mesclara-se à noite. Agora, regressava como um raio em tempestade.

Com a leveza dos mais destros felinos, Ablon aterrissou nas costas de um atacante e o agarrou pela cintura. Correu para frente, com velocidade espantosa, carregando o guarda nos ombros e levando-o para longe de seus companheiros. Teve o cuidado de não feri-lo, pois não sabia exatamente quem era e que motivação perseguia.

Ao se darem conta do rapto, os militares novamente esquentaram suas armas. Dessa vez, não só os cinco peões dispararam, mas outros também pegaram suas pistolas e espingardas de guerra. Sob o arrojo de centenas de tiros, que não acertavam seu corpo, o general pulou sobre a boleia da caminhonete e depois desceu à carroceria, procurando abrigo atrás da cabine. Era tão célere que os agressores quase não conseguiam mirá-lo, ainda mais na escuridão do deserto. Uma vez no cargueiro, o anjo largou o refém contra o piso de ferro.

Mas os tiros não paravam e estavam destruindo o vidro e o motor da picape. Os espessos canhões dos

tanques de combate começavam a rodar, e os recrutas preparavam as granadas. Na torre, um sujeito enfiava a cápsula explosiva em um lança-mísseis.

Ablon precisava de tempo, então teve uma idéia. Trouxe para junto de si um dos tonéis de combustível, cheios até a boca, que transportava para reabastecer na viagem. Rasgou um pedaço de pano e o enfiou por um buraco na tampa, simulando um coquetel molotov. Depois, com dois fragmentos de metal, produziu faísca, acendeu o estopim e arremessou o barril no meio da pista, entre a picape e a área cercada. O recipiente despedaçou-se ao encontrar o asfalto, e seu impacto teve efeito de bomba, levantando uma nuvem preta de calor e fumaça e criando um momento de caos. Ameaçados pelo fogo, os oficiais recuaram, mas os condutores dos blindados já estavam para avançar.

Aproveitando a distração, o renegado interrogou o refém:

— O que vocês querem? Por que nos atacam sem motivo aparente? — repetiu, pressionando o soldado contra o assoalho da viatura.

— Com seus poderes celestes pode até me agredir, assassino de Deus, mas tudo o que conseguirá será ferir este corpo — articulou, com aquele timbre gutural. — Ainda que me esfole com sua espada mística, ou que amasse meus ossos com sua força inumana, só conseguirá danificar a carcaça. Este invólucro físico não me pertence; ele é apenas um transporte.

Mas a determinação do prisioneiro murcharia em segundos. No plano astral, surgiu o inestimável Aziel, que acabara de se desmaterializar na cabine. Planando como uma sombra branca, de cabelos negros esvoaçando no ar, ele voou sobre o automóvel, desfraldando as asas em majestosa pose e intimidando a entidade que habitava o invólucro. Descendo como águia em rapina, segurou o espírito que habitava aquele corpo e o arrancou para fora com um empuxo sinistro. Desprendeu-se da carne um avejão, uma criatura já morta, que possuíra o pobre soldado.

Ao ver a imagem translúcida do fantasma, Ablon compreendeu a natureza dos fatos. Os patrulheiros estavam todos sob a influência de espectros, que haviam tomado seus corpos e assumido suas funções. Não raro, os espíritos possuem a carne dos vivos, mas é muito difícil isso acontecer quando o receptor não é voluntário — usualmente, só os sensitivos podem servir de canal para os desencarnados. Às vezes, um fantasma muito poderoso consegue assaltar um corpo humano, mas apenas sob condições específicas. Os espectros do deserto eram, logicamente, antigos e fortes, mas a chave do sucesso para aquela possessão em massa estava na fragmentação do tecido — só uma membrana prestes a se desintegrar permitiria tal ousadia.

No astral, Aziel arrastou o avejão para fora do carro. Estando ambos no mundo espiritual, o ishim poderia feri-lo e até dissipar sua essência, o que representa a morte para os vagantes astrais.

O espectro sacudia-se, tentando libertar-se da pegada do anjo. Ablon reparou que, em sua forma original, a criatura se vestia à semelhança dos cananeus, um povo ancestral que habitava a Palestina havia milhares de anos. Transtornada, a criatura cuspia palavras em uma língua igualmente remota, mas que os presentes podiam interpretar facilmente.

— Diga logo quem é e por que dominou os soldados — exigiu Aziel. Com uma das mãos segurava o prisioneiro, e com a outra o enfrentava com seu fogo sagrado.

Temeroso, o desencarnado cedeu:

— Por séculos estivemos escondidos no centro da terra, com medo, esperando impassíveis o Dia do Juízo Final — rosnou. — Mas agora, finalmente, a fronteira entre o mundo dos mortos e o plano dos vivos começa a cair. Nosso tempo chegou. É hora de concluirmos nossa vingança.

— E como vocês ainda não podem se manifestar na Haled, resolveram possuir corpos humanos — concluiu o ishim, indignado com a petulância da entidade. Muitos anjos consideram a possessão uma

coisa terrível, empreendida apenas por demônios nojentos. De fato, dominar a carne humana significa privar o mortal de sua única arma: o livre-arbítrio.

Aziel teve vontade de incinerar o espectro, mas lembrou-se do comando de seu general. Antes que seu último fio de paciência se rompesse, o Anjo Renegado ordenou, conclusivo:

— Solte-o, Aziel. Não vamos lutar contra esses fantasmas. Na verdade, acho que nunca poderíamos fazê-lo.

Livre, o avejão afastou-se, atordoado apesar de sua condição espectral. Ablon visualizava-o imaterial, envolto por uma luminosidade azulada, e ligeiramente disforme pela oscilação do tecido. Enquanto isso, os blindados atravessaram a onda de calor, mas, ao ver que os inimigos pouparam um dos seus, detiveram os disparos. Jamais haviam tido contato com celestiais piedosos. Para eles, os alados eram fundamentalmente homicidas, carniceiros e vis, porque foi assim que, anteriormente, apareceram na cena da história.

Aos poucos, a cortina ardente desceu, e mais artilheiros se aproximaram da picape, cercando os celestes a distância segura. Analisando os adversários de perto, os dois anjos repararam nas almas que ocupavam os corpos e tiveram certeza de que não pertenciam originalmente àquelas carcaças.

— Eles são os espectros da tal fortaleza de Masada? — perguntou Aziel, ainda preparado para lançar labaredas. Ablon podia ouvi-lo através da membrana.

— Não. Masada fica muito longe daqui, e os fantasmas não podem deixar sua área assombrada. Estes são espíritos igualmente sofridos, mas muito mais antigos e rancorosos. Veja — ele apontou para o norte, mostrando a linha marinhã que sublinhava o horizonte —, estamos ao sul do mar Morto. Um dia, bem aqui, existiu uma cidade chamada Sodoma, uma terra habitada por homens justos, mas governada por juizes tiranos.

— Sodoma... — refletiu Aziel. — Foi contra sua condenação que a Irmandade dos Renegados se insurgiu. Foi por ela que os dezoito caíram.

O Primeiro General concordou. Sentia-se estranhamente completo e tranquilo, pois havia encontrado aqueles pelos quais se rebelara e não admitiria que estivessem em posições adversas. Em nobre postura, dirigiu-se aos desencarnados que o cercavam. Ergueu a mão em sinal de armistício e aproximou-se do ave-jão que julgava mais poderoso, incorporado na pessoa fardada de um coronel.

— O que desejam, filhos de Sodoma? O que podemos fazer para acalmar sua fúria?

Os seres astrais, com a alma aflita, ainda não pareciam totalmente certos do altruísmo do renegado, mas já não o consideravam um inimigo. Ficara claro que, se Aziel quisesse, poderia fulminá-los com uma chuva de brasas sagradas, o que por certo os expulsaria de dentro dos homens e poria fim às suas atrevidas incursões à superfície da terra.

— Se são anjos, nada podem fazer — disse o porta-voz dos espíritos. — Os celestiais são o objeto de nosso ódio e o motivo de nosso retorno.

Embora Ablon não fosse instruído na boa retórica, tal qual os serafins, nem possuísse a sabedoria dos malakins, tentaria fazer o seu melhor para apaziguar as criaturas sofridas sem iniciar um combate. Como aliada, só tinha a pureza de seu coração, já reconhecida pelos fantasmas que agora o fitavam.

— Compreendo sua ira. Foram os anjos que liquidaram seu povo. Antes de vocês, conheci outros amaldiçoados, vítimas da mesma tortura. Mas nem todos os celestiais são impiedosos e cruéis. Assim como havia em Sodoma pessoas perversas e justas, há, entre nós, um grupo de virtuosos celestes que lutam em defesa dos homens. Como líder exilado, eu sei o que sentem. Só não entendo o que pretendem ao deixar as entranhas do mundo.

Como muitas cidades derrubadas pelas catástrofes, a exemplo de Enoque e Atlântida, o pouco que ainda restava de Sodoma descansava nas profundezas, em meio aos pedregulhos enrijecidos e ao magma fervente.

O espectro enlaçado ao corpo do coronel respondeu:

— Se permanecemos aqui e não seguimos para o paraíso celeste, é porque algo nos prende à nossa lembrança passada. Acometemos os vivos para provar a força da matéria, a potência que necessitamos para executar nossa vingança. E o que queremos. Vingança contra quem nos destruiu. Vingança contra Deus.

— Pois saibam, então, que o Altíssimo nada tem a ver com seu sofrimento — explicou o querubim. — Por todo esse tempo vocês mentalizaram erroneamente seu ódio. O grande Yahweh jaz adormecido desde o fim do sexto dia. A partir de então, os arcanjos assumiram seu trono, e foram eles que determinaram a devastação de Sodoma. Tendo iniciado uma revolta contra seus preceitos tirânicos, é meu dever, agora, confrontar Miguel, o Príncipe dos Anjos, e então trarei a vocês a justiça que tanto desejam. Peço-lhes, portanto, que libertem essas pessoas, pois não será assim que conseguirão sua vingança.

Impactados por tão novos e surpreendentes conceitos, os espíritos não deliberaram. Estavam ligados por laços emocionais e mentais, por sensações e vontades muito fortes, e agiam e pensavam como um único organismo. Mas poderiam confiar naquele anjo que se dizia amigável? Seria ele um vilão, como todos os outros, ou um herói, libertador das raças mortal *e* celeste?

— Não sabemos quem é esse arcanjo de quem fala, mas conhecemos bem nosso assassino — argumentou o desencarnado. — Se prometer vingar nossa gente, então voltaremos ao subterrâneo e esperaremos quietos o Dia do Ajuste de Contas. Mas, antes, exigimos que conheça aquele que nos matou.

Ablon aguardou ao lado de Aziel, até que dois soldados, ainda possuídos, trouxeram até ele um objeto antiquíssimo, uma espécie de estojo cilíndrico, lapidado em pedra, mas já deformado pelo castigo dos séculos. Os motivos de marfim haviam sido apagados pela fossilização, e nesse estado o tubo mais parecia um fragmento de rocha. Quando os recrutas lhe entregaram a peça, o general esticou a mão, tornando visíveis as runas mágicas gravadas por Shamira em seu antebraço direito.

Examinando o objeto com peculiar interesse, o guerreiro percebeu que era oco e que, pelo endurecimento da crosta, não poderia ser aberto com um giro de tampa, então o jeito seria parti-lo. Jogou o estojo ao chão, e o envoltório quebrou-se com um estrondo terrífico, comparável aos trovões em noite calada. Quando o artefato ruiu, um suspiro de treva escapou-lhe do ventre e uma pena de anjo rolou pelo asfalto. Outrora alva, a pluma enegrecera-se pela passagem do tempo.

O Anjo Renegado acocorou-se no meio da via e segurou o objeto com ambas as mãos.

— Apollyon — decifrou, inspirando o aroma impregnado na pluma. Aquela era, decerto, a pena do Exterminador. Os fantasmas teriam, então, preservado a peça por milênios, desde aquele dia fatídico, quando o Anjo Destruidor usara suas habilidades para destronar a cidade.

— Carregue esta pena consigo, justiceiro. Ela o guiará até nosso algoz — suplicou o espírito.

Guardando o objeto escurecido, o general garantiu:

— Estejam certos de que não me esquecerei de confrontar seu carrasco, porque sua vingança é minha também.

Ablon não acreditava em destino, mas estava convencido da importância daquele auspicioso episódio. Justamente agora, quando a esperança falhava, ele encontrara novos estímulos para continuar

combatendo. Primeiro, queria batalhar pelos homens, mas desistira ao ver a corrupção do planeta. Depois, o rapto de Shamira o empurrara à ação e o lançara mais uma vez ao teatro da guerra. Agora, por fim, recebera o apoio daqueles por quem decidira inicialmente lutar. Começava a enxergar, novamente, quão importante seria o resultado da batalha que estava por vir e quantos dependiam da vitória das tropas rebeldes.

Com isso, os espectros se convenceram, finalmente, da absoluta honestidade do Primeiro General e cumpriram sua promessa, deixando a matéria humana e voltando aos escombros na fundura do mundo.

Os dois anjos abandonaram a caminhonete e passaram à direção de um jipe do exército. Aziel recompôs seu avatar, refez-se em carne, e Ablon acelerou o veículo. Prosseguiram a jornada penetrando no Negev e dali para a fronteira do Egito.

Minutos depois, no acampamento, os militares retomaram a consciência, inteiramente confusos pelo lapso de tempo, durante o qual a memória permanecera apagada. Realizaram inúmeras patrulhas para tentar descobrir como uma picape cravejada de tiros aparecera no meio da rodovia sem que ninguém a notasse, mas nada encontraram.

10-As Batalhas Primevas

Na fortaleza de sion, em uma de suas muitas janelas, o arcanjo Miguel observava seu exército, que defendia a torre como vespas ao ninho. Centenas de milhões de celestes guardavam o bastião, esperando a investida dos novos rebeldes, assim distinguidos dos antigos revolucionários que acompanharam Lúcifer em sua queda. Os soldados angélicos estavam em toda parte, não só enfileirados no solo, como tropas humanas, mas também pelos céus, voando, planando e cercando o baluarte com suas flâmulas vermelhas. Eram tantos os defensores que suas patrulhas formavam uma parede animada, obstruindo a visão dos inimigos.

Da sacada, Miguel contemplou o Styx além das montanhas. Retirou o elmo de queixada pontuda, deixando aparente um rosto castigado, picotado por cicatrizes. Aqueles estigmas, gravados na face e no corpo, eram as marcas das Batalhas Primevas, uma campanha fantástica, travada antes mesmo da aurora do mundo.

Poucos celestiais conhecem os relatos das Batalhas Primevas, e só os arcanjos se recordam de seus verdadeiros anais. Os arcanjos, como todos sabem, são anteriores à luz, mas os anjos foram criados depois, no segundo dia, juntamente com o alvorecer do universo. Para que o fulgor cósmico tivesse início, Yahweh teve, antes, que vencer um séquito de poderosíssimas entidades, os chamados deuses das trevas, figuras tão fortes e antigas quanto ele, que dominavam o lado escuro do espaço. Esses deuses nada têm a ver com os deuses pagãos ou com as entidades etéreas, deificadas pela adoração dos fiéis em seus templos humanos. Os deuses das trevas, liderados pela sinistra Tehom, eram ferozes inimigos do bem, e por isso Yahweh teve de subjugá-los à sua vontade e aprisioná-los em alguma dimensão paralela, para só então criar o universo. Assim como Tehom tinha seu cortejo de entidades menores, Yahweh contava com os cinco arcanjos, dentre os quais Miguel era o mais valoroso. Os arcanjos batalharam ao lado do Altíssimo pela aniquilação dessas terríveis forças ancestrais, e, quando o mal foi derrotado, Deus encontrou-se único e pleno no vazio infindável. Com isso, obteve a paz necessária para iniciar sua obra.

É só compreendendo as Batalhas Primevas que se entende a majestade dos arcanjos e sua superioridade em relação a todos os outros celestes.

De dentro da fortaleza, o Anjo Negro, braço direito de Miguel, avançou para a sacada e aguardou a atenção do chefe. Tinha a face oculta pelo elmo e penas escuras como a noite profunda.

— Então? — permitiu Miguel, em sua armadura de placas brilhantes.

— O Anjo Renegado escapou para o deserto — anunciou,

— Danação! — explodiu o monarca. Respirou fundo, apertou os dedos contra o cabo da Chama da Morte, sua espada mística, e se recuperou logo em seguida, suprimindo sua ira. — Não podemos permitir que o proscrito alcance o portaL Liquide-o, não importa o esforço! Se Ablon e Gabriel se encontrarem, as tropas rebeldes ficarão muito mais confiantes.

— E o que sugere? Devo eu mesmo aniquilar o maldito?

Miguel pausou, reflexivo. Isso não constava em seus planos. Mas por que aquele pária nunca morria? Era inacreditável como resistira ao expurgo, às perseguições e ao cárcere no inferno.

— Não devemos correr mais riscos. Chame Euzin e sua Legião Formidável. Lance todos os anjos possíveis à caça do renegado.

O Anjo Negro maneou o pescoço, inconformado com a tática adotada. Era de compleição musculosa e, embora parecesse mais forte que seu líder supremo, estava muito aquém da imensidão dos arcanjos.

— Isso não vai adiantar. Seria preferível que o deixássemos vir e preparássemos uma emboscada para ele aqui, na Fortaleza de Sion. Parece-me óbvio que, uma vez no etéreo, o falido general correrá para cá, para tentar resgatar a Feiticeira de En-Dor.

Miguel não desviava o foco do Styx por um instante que fosse.

— Não é um plano ruim, mas o perigo de executá-lo é enorme. Se perdermos a mulher, tudo estará acabado — explicou, vociferando uma ordem. — Faça o que eu mando! Envie Euzin e seus querubins à Haled e triplique o número de anjos no último andar, onde a necromante está aprisionada. Se Ablon vier buscá-la na torre, façamos com que ele entre por outro caminho. Nossos soldados formarão uma abóbada vivente, bloqueando a visão do pátio.

O lugar-tenente não disse nada e saiu, insatisfeito com a decisão do tirano. Já tivera a chance de confrontar-se com Ablon, na ocasião do assassinato de Ishtar, e conhecia suas potencialidades. Mas mesmo não concordando com a visão de seu príncipe, cumpriria o comando. Mandaria um esquadrão ao combate e, se o Primeiro General sobrevivesse, aí sim poria em prática sua idéia de atraí-lo para a Torre das Mil Janelas e de lá para o monte Megiddo.

Megiddo, a Montanha no Extremo do Mundo, é o marco bíblico para a extinção do planeta, profetizado como o local do embate final entre as forças do bem e do mal.

Formação em Estrela

Durante toda a noite, Ablon e Aziel viajaram com o corpo ao vento, acomodados no assento do jipe. Cruzaram o Negev até o pontal do golfo de Acaba, perto de Eilat, e de lá ingressaram finalmente no Egito. Ali, a estrada continuava descendo, mas mudava de número, sendo assinalada nos mapas como Rodovia 66. Quando o dia ia raiando, dobraram para o interior, para enfrentar rotas mais duras, e tomar um sinuoso caminho por entre as montanhas do Sinai, onde o tecido era frágil como no alvorecer deste mundo.

No deserto, mesmo à sombra das montanhas, o calor aumentou, e Ablon retirou o sobretudo que o aquecera à noite. Enquanto guiava o automóvel, Aziel conferia o trajeto, analisando as rotas no mapa.

— Estamos muito próximos ao Mosteiro de Santa Catarina, no sopé do monte Sinai — avisou, enquanto o general tomava um dos caminhos da bifurcação que os levaria ao monastério. — Agora que chegamos aqui, reconheço perfeitamente as indicações de Gabriel. Mais ao norte fica a montanha de Horeb, e em seu topo a caverna com o portal para o etéreo.

Continuaram a rumar por uma via menor, cheia de buracos no asfalto, e por ali seguiram por mais meia hora, sob o castigo do sol. Em determinado momento, viraram à direita e ingressaram num mundo exótico, de estonteante beleza e macabras surpresas.

Diante deles nascia uma colossal cordilheira de granito vermelho, com um amplo vale cortando seu ventre. No meio, erguia-se o mosteiro, um gigantesco complexo de capelas, basílicas e torres, cercado por altos muros de pedra, que, no entanto, parecia uma construção de brinquedo, uma peça menor

perante a imensidão das montanhas.

A membrana, naquele rincão isolado, quase não existia, o que fazia do sítio um santuário natural, preservado e mantido desde a criação do planeta.

De repente, Ablon brecou o veículo e sentiu um odor adverso no ar.

— O que foi? — perguntou Aziel, no silêncio da vastidão desolada.

— Sinto o cheiro da morte — respondeu o renegado, tomando nas mãos a Vingadora Sagrada.

O Mosteiro de Santa Catarina, encravado como uma jóia no imo da península do Sinai, é um dos primeiros monastérios do mundo, fundado em 527 pelo imperador Justiniano. Desde então, tornou-se um remoto posto avançado da ortodoxia bizantina, e continua até hoje a receber milhares de peregrinos por ano, curiosos por conhecer o local onde Moisés teria recebido os mandamentos de Deus. Em seus prédios, monges e eruditos trabalham para conservar o lugar e estudam centenas de manuscritos sagrados, guardados em seus preciosos acervos, só comparáveis à Biblioteca do Vaticano.

Cercado por imponentes muralhas, o mosteiro posteriormente recebeu o nome da santa Catarina, por seu corpo ter sido encontrado ali, no século IX, por sacerdotes gregos.

Algumas partes do complexo são originais, mas outras foram destruídas por um terremoto na Idade Média, e refeitas depois. O portão de acesso é pequeno, e figura quase escondido através dos jardins e pomares que antecedem os muros, onde se situa também o cemitério monástico. Dentro da cidadela há muitos edifícios célebres por sua história e beleza. A basílica central data da época da construção e conta com três naves laterais em típico estilo bizantino. Uma porta de madeira entalhada leva ao acervo dos ícones, únicos exemplares das pinturas orientais romanas que sobreviveram ao período iconoclasta, quando milhares de imagens foram quebradas. Há também a Capela da Sarça Ardente, a biblioteca, uma hospedaria, o campanário — com nove sinos, doados em 1871 pelo então czar Alexandre II da Rússia — e o sagrado Poço de Moisés, principal fonte de água do mosteiro, que marca o ponto onde o profeta teria encontrado sua futura esposa. Existe, ainda, uma mesquita ao lado do solar do depósito, levantada pelos beduínos que ali trabalhavam no século XII.

Ablon estacionou o jipe a exatos cem metros do jardim e a duzentos metros do portão recortado na muralha. Deixou o carro de espada na mão e fitou seriamente o complexo.

— Os monges estão mortos. Seus corpos estão empilhados na basílica central. Dois deles foram despojados na biblioteca.

— Como sabe? — indagou Aziel. — Quase não vemos a basílica oculta além das muralhas...

— Posso sentir o cheiro dos cadáveres. Se querem nos levar para uma armadilha, acabam de ter seu plano frustrado.

E, de fato, era essa a intenção de seus inimigos.

O farol do automóvel, que o renegado acendera à noite e esquecera de desligar à aurora, começou a falhar, e o sistema elétrico do veículo apagou.

— Eis a cilada pela qual você tanto esperava, Aziel — disse o general.

— Não, general, nada de cilada — retrucou o ishim, abençoando a percepção sobre-humana de seu líder rebelde. — Pelo menos sabemos de onde vem o ataque.

Entendendo que seu planejamento gorara, os agressores abortaram a emboscada e resolveram lançar-se em aberto conflito. Nos largos do mosteiro, protegidos pelos muros de pedra, materializaram-se então duas centenas de querubins. Raramente os anjos formam avatares dotados de asas ou carregam consigo armas através do tecido, porque o gasto de essência é enorme. Mas, naquele recanto santificado, a membrana era delgada, o que permitiu que uma legião emergisse do mundo espiritual.

Uma vez na Haled, o temerário esquadrão alçou voo e subiu às muralhas. Seus soldados angélicos lá ficaram, parados, como abutres ao sol, acocorados no passadiço, no alto dos prédios e no telhado das torres. Vestiam-se como os anjos bíblicos, tantas vezes descritos nas escrituras, com placas douradas revestindo o arcabouço e braçadeiras reluzentes presas ao punho. As asas branquíssimas, quando abertas, inspiravam respeito, ainda mais se combinadas com o empunhar dos sabres — flagelos místicos de inigualável valor.

No topo do campanário aterrissou o líder: Euzin. Carregava na cintura a pesada Raio de Aço, uma espada famosa por ser o terror das entidades etéreas. Encarando-o com olhos de águia, Ablon reparou que parte da cabeça dela estava marcada por uma grave queimadura, um dano recente, ainda não inteiramente cicatrizado. Ao captar-lhe o odor característico, o general lembrou-se dos miolos espalhados pelo chão de seu apartamento, no Rio de Janeiro.

— Ablon! — gritou Euzin, e sua voz ecoou pelo vale. — Será que se recorda de mim?

O Primeiro General sorriu e replicou com desdém:

— Como poderia esquecê-lo, ainda mais depois de saber que foi vítima dos projéteis mágicos da Feiticeira de En-Dor.

A expressão de Euzin engrossou-se em uma máscara de ódio. Tal notícia, posta às claras, o desonrava profundamente.

— Estamos aqui para defender o portal! Entregue-se agora, ou provará a ira da Legião Formidável. Este é apenas um pequeno esquadrão. Outros estão chegando, e você não resistirá às nossas espadas.

Certa vez Euzin fora reconhecido como herói de guerra, e de fato era um bom lutador. Mas o prestígio afetou-lhe a razão. Inseguro, temia perder sua glória. Estava sempre querendo demonstrar força e exibir-se perante os arcanjos.

— Pois diga ao seu príncipe — replicou o renegado — que não trato com facínoras! Que venha ele mesmo me confrontar, se tiver coragem para isso.

As asas dos querubins se agitaram — os soldados queriam peleja. Nas mãos de Ablon, a Vingadora brilhava, como se tivesse vontade própria e clamasse por sangue.

— Ora, proscrito, então ainda resiste? Todos os seus companheiros estão mortos, e os rebeldes são fracos. Vou arrebentar seu orgulho e acabar com sua esperança de vencer esta guerra.

— Ameaças! E tudo o que sabem fazer. Balberith também me ameaçou e agora está morto. Se acha que pode me derrotar, então traga sua Raio de Aço ao duelo, e veremos se ela é páreo para a Vingadora Sagrada.

Cansado da petulância do adversário, Euzin ordenou:

— Peguem-no e tragam-me sua cabeça!

Estático, o perverso comandante observou seus guerreiros decolarem em caçada. Deixaria que muitos morressem, e, quando o Anjo Renegado não pudesse mais lutar, ele avançaria e lhe deceparia o pescoço.

Como falcões famintos, os anjos se aproximaram voando, e Ablon deu um passo à frente, pronto para enfrentá-los, mas sentiu que Aziel apertava seu braço.

— Ainda não, general — disse e, sem mais explicações, o renegado entendeu sua intenção. Percebeu, pela visão e pelo olfato, que o ishim tinha o punho esquerdo fechado, suprimindo a deflagração de um poder colossal.

Os atacantes não notaram a suprema concentração daquele pequeno celeste, que se escondia atrás do musculoso anjo guerreiro. Em um primeiro momento, nem pensavam em agredi-lo, deixando que algum alado de compleição inferior o derrubasse depois. O que poderia um ishim fazer a um querubim? Os querubins eram guerreiros, soldados, instrumentos de matança. Nenhuma casta se comparava à sua habilidade em batalha.

Quando o esquadrão venceu os cem metros e se afastou dos jardins, uma força divina paralisou o deserto. De repente, no céu, formou-se uma assustadora coluna de fogo, uma pilastra de chamas, que desceu ao solo como um trovão, imitando o brilho e a ardência do sol. Em um passe instantâneo, formou-se entre os dois anjos e a legião uma monstruosa parede de flamas, cuja largura tocava as montanhas e cuja altura atingia o firmamento.

O susto provocado pela aparição foi tamanho que, estarrecidos, os celestiais não conseguiram parar. Juntos, penetraram com ímpeto pelo muro de fogo.

Terríveis gritos de dor ressoaram por todos os cantos do vale, elevaram-se aos céus e tremeram a crosta da terra quando o batalhão penetrou no calor das labaredas mortais.

Igualmente impressionado, Ablon viu os alados cruzarem a flamejante pilastra e surgirem do outro lado com a pele queimada e as armaduras escurecidas pelo fulgor assassino. As armas místicas, tão rígidas e fortes, entortaram-se em varas quebradiças, fracas como carvão.

Este é o verdadeiro poder dos ishins do fogo, quando usado na potência máxima.

— Vá, Ablon — disse Aziel. — Minhas flamas não vão machucá-lo.

E, convicto da palavra do amigo, o Anjo Renegado atravessou a coluna incandescente e surgiu do fogo como um pesadelo à mirada de Euzin, que, trepidante, observava a espetacular ação dos inimigos.

O Primeiro General correu como um furacão pelos jardins, pulou sobre as muralhas e de lá saltou para o campanário, de lâmina em riste. Chocado, o temeroso lacaio de Miguel só teve tempo para levantar a guarda e defender o poderoso golpe da Vingadora Sagrada. Quando as duas armas enfim se chocaram, um clarão acendeu e brilhou com um milhar de faíscas.

Tão forte foi a pancada que Euzin não susteve o impulso. Atrapalhado, despencou do pináculo da torre, e teria se estatelado contra o solo se no último momento não tivesse conseguido minimizar o impacto com uma batida de asas. Sobre ele, veloz e insaciável, o general golpeava sem parar, mesmo durante os mínimos segundos de queda, e não dava descanso ao adversário.

Sem dificuldade aparente, Ablon atacou uma, duas, três vezes, e na quarta girada o metal enfim acertou o ombro do oponente, abrindo-lhe um corte fundo acima do braço. Desnorteado, Euzin não tinha mais chance, e o renegado preparou a investida final, mas o assalto foi aparado por outro celeste, e de repente o general viu-se cercado por mais anjos, que protegiam seu chefe. Euzin não era de todo ignorante e reservara um grupo de pelo menos cem indivíduos para protegê-lo no interior da cidadela.

Acometido por todos os lados, o renegado batalhava contra oito, dez, doze querubins que mergulhavam

em conjunto. Esquivou-se, bloqueou, rasgou o ar, e em cada contra-ataque derrubava ao menos quatro de uma só vez. Mas eles eram muitos, e para cada um que caía, dois o substituíam. Então, Ablon viu-se encurralado contra o muro e pensou como escaparia dali. O mosteiro era compacto, cheio de prédios e becos, e não dispunha de uma via larga ou de grandes espaços para combate.

Com uma manobra perfeita, agrediu dois celestes, dividindo seus corpos como faca em manteiga. Abriu uma passagem por entre eles e disparou, circulando ao redor das muralhas. Sua celeridade, combinada aos poderes angélicos, permitiu que corresse com os pés na parede, transformando os muros em um percurso de morte. Os inimigos que se interpunham eram derrubados às dezenas, aniquilados antes que pudessem descer suas espadas.

Quando só restavam alguns, o bando recuou, mas o renegado não os deixava fugir.

— Ele é muito rápido — gritava um, que supostamente era o capitão de batalha. — Debandar! Vamos fugir daqui!

Ao ouvir a ordem de evasão, Euzin, que voltara ao campanário, esbravejou do alto da torre:

— Não retrocedam! Continuem lutando, seus inúteis! O reforço já está a caminho — estimulou, com um rio de sangue a escorrer pelo ombro.

Mas nem o clamor foi capaz de impedir a escapada. Os querubins, desatentos à ordem do chefe, voejaram para longe, galgando as alturas, onde o renegado, sem asas, não poderia alcançá-los.

Vitorioso, Ablon pisou contra o firme chão do monastério e parou sozinho em uma praça central. Dali, divisou o cruel comandante, que continuava estático no topo do prédio.

Fulminado pelo olhar, Euzin engoliu em seco, tremeu e quase fugiu, mas um fenômeno previsto o fez ficar para uma nova rodada.

O Anjo Renegado sentiu, seguidamente, a expansão do tecido, o que anunciava a materialização de um novo esquadrão. Imediatamente, ao ver o enxame de anjos em formação no astral, prontos a cruzar a membrana, Ablon preocupou-se com Aziel. Mesmo dotado de poderes admiráveis, o ishim não resistiria a mais um assalto. A elevação da coluna de fogo o deixara arrasado, porque essas demonstrações de poder eram por demais cansativas. Ademais, já tinha usado essência para dissipar e recompor seu avatar, ao se livrar dos tiros na noite passada. Por isso, em vez de partir ao confronto com Euzin, o general preferiu retornar ao vale, onde poderia lutar mais livremente, e ainda defender o amigo.

Escalou habilmente as muralhas, saltou para o jardim e volveu ao sítio onde estacionara o jipe de guerra. Aziel alegrou-se ao vê-lo inteiro e saudável.

— O que fazemos agora? — indagou o ishim. — Fugimos?

— Ainda não — retrucou o guerreiro, contemplando a numerosa legião que se materializava nos céus.

Euzin decolou como um foguete para encontrar o reforço que chegava. Mais de quinhentos celestiais, armados e trajados para o combate, tomaram forma, copiando na terra seus corpos astrais.

— Vamos ser trucidados! — protestou Aziel, ao ver o esquadrão que sobrevoava o vale. Unido-se em um grupo coeso, os soldados desenharam a formação de um V, imitando uma ponta de flecha. — Temos

que alcançar a trilha que nos levará à caverna. Se corrermos, ainda poderemos chegar à passagem antes que nos peguem — sugeriu, apontando para a fissura na rocha, que subia, estreita, e atingia o topo do monte Horeb.

— É justamente isso o que eles querem: nos encurralar nas montanhas — explicou o Anjo Renegado, experto nas táticas angélicas. —Antes de avançarmos, temos que desfazer a formação. Se não tivermos espaço para agir, eles atacarão só pela frente, e a força do assalto será multiplicada mil vezes. Esse é o objetivo de se posicionarem como um bico de seta.

Ao ouvir a explanação, o ishim aceitou o comando, entendendo o estratagema inimigo. Enquanto as mãos de Aziel irrompiam em chamas, Ablon levantou a espada, e os dois esperaram de costas coladas. Entrementes, no céu, o confuso comandante Euzin viu sua estratégia ser abalada. Nunca esperaria que dois anjos, por mais poderosos que fossem, permanecessem ali, no centro do vale, para enfrentar meio milhar de combatentes. Imaginou que correriam e se meteriam pela garganta rochosa, onde poderiam ser rapidamente aniquilados.

Desprovido de alternativa melhor, o arrogante celeste gritou:

— Preparem o assalto em estrela! Concentrem todos os golpes no renegado, pelos quatro lados e por cima.

O ataque em estrela consistia em um embate quíntuplo. De cima, cinco colunas de querubins mergulhavam. Ao chegarem próximas ao solo, quatro delas davam rasante e se lançavam contra o oponente pelos quatro lados. A quinta coluna vinha reta, em queda sobre a cabeça do inimigo, impedindo que ele saltasse para o céu.

Entendendo a mudança nos planos, Ablon falou:

— Afaste-se, Aziel.

— Vai ficar sozinho no núcleo da estrela?

— Não sei se serei rápido o bastante para acertá-los, mas posso bloquear os golpes. A cada investida frustrada, eles ficarão atordoados e serão jogados para o lado, e aí talvez você possa incendiá-los com suas flamas divinas.

Sem intervalo para discussão, a Chama Sagrada acatou a idéia e recuou para perto do morro, buscando refúgio no sopé da montanha. Acima, Euzin berrava:

— Pelo arcanjo Miguel, vamos matar esses malditos rebeldes!

E os soldados responderam com um único urro exaltado:

— Pelo arcanjo Miguel!

Desceram rodopiando, com as espadas afiadas, para perfurar o renegado como projéteis de arma de fogo. Determinado a matar o general a qualquer custo, o comandante não se preocupou em acertar Aziel.

Quando a multidão bem alinhada de anjos, vinda do céu, se chocou contra o alvo no centro da estrela, uma miríade de fagulhas ascendeu do coração da batalha. Com velocidade e perícia admiráveis mesmo para os maiores celestiais, o Anjo Renegado defendia cada acometida e contra-atacava pelos cinco cantos, despedaçando o metal das armaduras e a carne dos avatares. Os olhos de Aziel eram incapazes de acompanhar a ligeireza das manobras, e daquele nicho afastado a Chama Sagrada só distinguia as múltiplas centelhas do aço em choque. Em poucos segundos, acumulava-se aos pés do general uma

montanha de corpos mutilados, destroçados, cobertos de sangue e penas rasgadas.

A formação em estrela tinha fracassado, mas a legião não estava derrotada. Pelo menos metade dela continuava intacta, e Euzin mais uma vez mudou a estratégia.

— Cerquem-nos em abóbada! — estourou, fremindo de ódio. — E tragam o ishim para dentro do círculo.

Cercar em abóbada significava cingir normalmente o inimigo, aprisionando-o no interior de uma roda de soldados, mas também posicionando combatentes sobre sua cabeça, fechando uma abóbada vivente. Provavelmente, o objetivo do comandante era criar um ambiente de opressão, dando a falsa sensação de que o inimigo estava completamente subjugado.

A estrela desfez-se, e os anjos declinaram ao solo em espiral, prontos para rodear os rebeldes. Na base da montanha, um querubim muito destro agarrou Aziel pelos braços, alçou voo e o largou ao lado do renegado.

Os dois celestes viram-se juntos, no meio de uma sufocante redoma de guerreiros alados, que lhes apontavam lâminas terríveis.

Uma fileira abriu-se pelo meio dos lutadores, e dela surgiu o petulante Euzin, ferido criticamente no ombro, mas ainda pretensioso e audaz. Ablon tomou fôlego e aguardou, porque agora Aziel estava na linha de confronto.

— Não pode vencer a todos nós, renegado — afirmou o inimigo, desfraldando as asas como fazem as aves para impressionar suas presas. — Recebi permissão para deslocar quantos soldados quisesse. Mais querubins chegarão, e você será torturado — e empunhou sua Raio de Aço. — Em honra de seu passado heróico, ofereço-lhe uma morte digna. Largue a espada e ajoelhe-se. Prometo que nem sentirá o fio do metal dividindo-lhe a testa.

Ablon olhou ao redor e compreendeu que estava absolutamente cercado. Aziel tocou-lhe o braço, incitando-o a não se entregar.

— Não há saída — reforçou o desagradável Euzin, vendo a sombra da dúvida no semblante do anjo guerreiro. — Se for capturado, nossos serafins arrancarão informações preciosas de sua mente. O que estou lhe propondo é uma execução gloriosa e indolor, que lhe devolverá o renome dos tempos antigos.

O Anjo Renegado desceu a guarda, pensativo, e tirou o sobretudo, imundo de sangue. Olhou para as próprias mãos, observou o cabo da espada e encarou Aziel, que tanto o ajudara naquela tortuosa viagem. Trocou com o amigo um último olhar de agradecimento e depois jogou ao chão a Vingadora Sagrada.

— Não! — sussurrou Aziel. A face de Euzin desenhou um sorriso malicioso. Sempre, desde os dias no Castelo da Luz, Euzin almejara vencer o Primeiro General, mas nunca tivera habilidade para chamá-lo ao duelo. Agora, de uma maneira ou de outra, cumpriria sua demanda vital e com isso se firmaria como o grande oficial de Miguel.

O Anjo Renegado ajoelhou-se perante Euzin. Uma quietude abissal encheu a paisagem.

Agachado, Ablon fechou os olhos em meditação, e o comandante ergueu a espada, que já desceria para rasgar o crânio do irredutível rebelde.

Mas, no momento em que a lâmina desceu, o punho energizado de Ablon subiu para defrontar-se com o fio da Raio de Aço. E tão incrível era a potência da Ira de Deus que um estrondo sacudiu o deserto, partindo em dois a arma mística. Como se não bastasse, o soco continuou seu trajeto, atingindo em cheio o rosto de Euzin, que foi arremessado para além das fileiras.

Ninguém — nem Aziel, nem os anjos no céu, nem os celestes na terra — conseguiu se mover ante o espetáculo de inigualável grandeza. O que não sabiam os espectadores era que, por milhares de anos, o renegado combatera sozinho na terra, desprovido de espada. Nessas condições, desenvolvera ao máximo a habilidade de lutar desarmado e aprimorara a Ira de Deus ao mais alto grau. Em luta, suas mãos eram tão letais quanto o metal afiado.

Em um movimento esperto, Aziel agiu, fulminando os desprevenidos soldados na retaguarda com uma rajada de fogo. Em atitude concatenada, Ablon saltou para frente, golpeando os alados com chutes e socos.

Mesmo numerosos e armados, os soldados do grupamento sucumbiram ao caos. Alguns celestiais recuaram, amedrontados, e outros atacaram, irados, sem nenhuma disciplina ou planejamento marcial. Experiente e ligeiro, o Primeiro General se desviava dos sabres dos agressores e respondia com golpes que os punham em nocaute. Em certas ocasiões se esquivava, e em outras bloqueava as espadas com a dureza das mãos. Depois de muitos assaltos, Ablon gritou a Aziel, que se protegia no meio de um círculo de fogo:

— Agora, Aziel! Abra caminho! — ordenou, e o ishim fez queimar o ar com uma torrente de lava, liberando espaço para a evasão. —Vamos para a trilha, enquanto a legião está consternada — avisou, recuperando do solo a Vingadora Sagrada.

Dispararam os dois pelo vale e correram como nunca até uma fissura no sopé da montanha, que subia em uma trilha estreita para o topo do monte. Antes de entrar pela vereda, Aziel olhou para trás e divisou centenas de anjos mortos, estirados na terra.

A subida, extenuante e lenta para pessoas comuns, não fadigou os heróis, que a galgavam com vontade e ardor sobre-humanos.

Progrediram pelo caminho, e perto do fim a garganta se abriu.

Adiante, avistaram a caverna.

Assim Morrem os Injustos

A montanha de Horeb, um dos pontos extremos do Egito, fica ao sul do monte Sinai, e talvez por isso os dois picos tenham sido relacionados nas lendas como um mesmo lugar, e tomados como unos pelos estudiosos hebreus. O terreno, nessa parte do deserto, é árido, pedregoso e irregular, com incríveis morros de granito, completando assim uma longa cordilheira de rocha vermelha, cujo cume mais elevado é o monte Katharina, com 2.637 metros de altura.

Aproximadamente ao meio-dia, Ablon e Aziel deixaram a vereda, à medida que o caminho se abria em um extenso platô, de onde facilmente se enxergava a entrada para uma pequena caverna, uma gruta comum e pouco atraente.

A passagem que conduzia à caverna era baixa e escura. Mas, antes de atravessarem o umbral, Ablon escutou batidas regulares de asas ao vento e imediatamente olhou para trás. Descia do céu o insistente Euzin, ferido no ombro e no rosto. Segurava um sabre qualquer, provavelmente pego de um soldado caído.

O comandante aterrissou no platô, mas Ablon não tinha mais tempo para confrontá-lo. Perdera minutos preciosos lutando contra a Legião Formidável e agora precisava correr e chegar ao plano etéreo antes que a Batalha do Armage-don começasse.

— Alto lá, fugitivo! — chamou o indesejado inimigo. — Não pense que escapará de mim tão facilmente. Ainda não nos batemos em apropriado confronto.

— Não tenho mais tempo a perder com você, Euzin. Conforme-se com sua meia derrota e felicite-se por não estar entre a montanha de mortos.

— Uma vez, proscrito, você foi o maior de todos os generais — admitiu. — Sempre quis superá-lo, mas nunca tive oportunidade. E então, quando eu planejava desafiá-lo, você e sua irmandade foram expulsos do céu. Mas sempre soube que chegaria o dia em que nos veríamos de novo e eu cumpriria minha missão. Agora, este dia chegou! — exclamou, em épica eloquência. — Foi pensando nisso que ascendi e me tornei um general. Este é o momento de lutarmos até a morte, enquanto o mundo se acaba.

— Sua atitude em nada me surpreende, Euzin. Todos que dizem me odiar apresentam a mesma impulsividade hipócrita. Muitos de vocês me proferiram injúrias, mas por que não vieram em meu encalço quando eu estava sozinho na terra? Em vez disso, tenta me surpreender numa emboscada, escoltado por uma legião de centenas de anjos.

Em curiosa resposta, o perverso Euzin relaxou a defesa e imergiu em pensamentos profundos. Maneou a cabeça, reflexivo, e olhou para o chão. No final, reconheceu, era só um herói fracassado, frustrado por nunca mais ter recuperado a glória das batalhas antigas.

— Seu maior inimigo não sou eu, Euzin — concluiu o general. — Seu grande inimigo é o medo.

Indefeso contra a verdade que lhe carcomia o espírito, Euzin decidiu finalmente que, diante do drama, preferia morrer. Via-se como o grande oficial do paraíso, o forte, o primeiro! Agora, era matar ou morrer. Com um brado colérico, disparou ao combate, e o renegado analisou o impasse. O que faria? Não podia perder nem um minuto que fosse, mas também não podia ignorar o desafio.

— Entre na caverna, general — sugeriu Aziel. — Ele é um forte oponente, e levará tempo até você derrubá-lo. Gabriel e os rebeldes o esperam. Dessa vez, eu serei o adversário de Euzin.

Ablon sentiu um aperto sensível no peito, o mesmo que sentira ao se separar de Sieme. Aziel era um ishim influente, sábio e poderoso, mas grande parte de sua energia havia sido consumida na batalha campal e no confronto da noite passada. Por outro lado, Euzin, embora não fosse o melhor, era um exímio combatente, e os querubins são mestres na ação corpo a corpo. O Anjo Renegado concluiu, desolado, que dificilmente a Chama Sagrada dominaria o duelo.

— Depressa — reforçou Aziel, com labaredas dançando nos braços. — Muitos dependem de você.

Os dois celestes eram amigos havia séculos, e o general relutou em deixá-lo. Mas, como lutador acostumado à guerra, estava sujeito a esse tipo de coisa. Às vezes achava-se por demais impassível nos assuntos do coração, mas não poderia ser diferente. Era um predador, habituado à matança, e também um soldado. Por criação, era um agente da morte.

Mas, então, antes que se enfiasse na lapa, ouviu o som agudo de uma seta em trajetória certeira. Uma flecha dourada rasgou o ar como uma cusparada divina e trespassou a couraça de Euzin, perfurando-lhe o peito. Paralisado, o vil comandante sibilou um insulto e depois tombou para sempre, desmoronando sobre as pedras rubras do monte Horeb.

No limiar da caverna, os celestiais enxergaram, aliviados, a autora do disparo, que tão afortunadamente pusera fim ao impasse. Uma arqueira alada, de rosto sério e grande beleza, fitava os celestes. Portava um arco de ouro e carregava uma aljava de setas místicas no espaço entre as asas. Os longos cabelos

castanhos desciam soltos até os quadris e brilhavam ao reflexo da cota de malha. Aquela era Varna, lugar-tenente de Gabriel e líder suprema do regimento das arqueiras.

— General, o Mestre do Fogo o aguarda — convocou a mulher-anjo, sempre austera.

Aliviado, Aziel permitiu-se um sorriso, enquanto Ablon recolhia a Vingadora Sagrada. Lembrava-se muito bem de Varna e de sua frieza no olhar. Estava feliz em tê-la como aliada.

Guiados por Varna, o Anjo Renegado e a Chama Sagrada caminharam para o interior da caverna. O ishim ainda encontrou um instante para olhar, num último segundo, o corpo de Euzin prostrado nas rochas.

— Tudo o que ele queria era confrontar o Primeiro General. E nem isso conseguiu. Euzin falhou em sua demanda vital.

Ablon encarou o avatar derrubado e replicou, sem muita lamúria:

— É assim que morrem os injustos.

A caverna ampliou-se em uma galeria comum, não muito grande, com um salão rochoso que terminava em uma passagem no lado posterior à entrada. Era quente e escura, e Ablon se deslumbrou ao ver que, em suas paredes, continuavam marcadas inscrições ancestrais, mundanas, gravadas pelos profetas de outrora.

Varna cruzou o umbral, e os dois anjos acompanharam seus passos. Pela primeira vez em séculos, desde seu expurgo do céu, o Primeiro General sentiu-se atravessando a membrana e entendeu que aquele limiar era o famoso portal, através do qual o Mestre do Fogo falara a Moisés.

Dentro em pouco, dois antigos inimigos, Ablon e Gabriel, se encontrariam novamente.

E disso dependeria o destino do mundo.

"lutaremos até o último soldado"

Uma emanação mística de indescritível potência surgiu adiante, ao centro da caverna que se alargava com o fim da passagem. Do lado de lá, através do portal, a gruta se expandiu em um amplo salão natural, tão escuro que seus nichos mais negros escapavam à percepção aguçada do general. Um ponto de luz, ao norte, indicava a saída. Os três anjos já não estavam mais na Haled. Acabavam de ingressar no etéreo, a camada espiritual mais profunda além do tecido.

Os celestiais se voltaram ao foco da vibração, a mesma energia suprema que dominava toda a galeria. Sentada, uma figura de impenetrável tranquilidade meditava, e no peito residia o núcleo de sua força.

Trajava uma armadura completa, de um dourado brilhoso, e carregava uma espada embainhada no colo. Os olhos fechados eram a imagem da perfeita harmonia, reunindo em si o cheio e o vazio, a lei e o caos, a luz e as trevas eternas. O Anjo Renegado reconheceu a austeridade daquele magnífico semblante e logo identificou sua essência.

Ali, à distância de um toque, descansava aquele que fora, antigamente, um de seus mais célebres adversários: Gabriel, o Mestre do Fogo. Teria transmutado sua índole e passado de frio assassino a fiel defensor das causas humanas? O que estimulara tão repentina transformação? O nascimento da Criança Sagrada iluminara-o de fato, ou o arcanjo, a exemplo de Lúcifer, usava o ideal da liberdade para incitar uma rebelião egoísta?

Um fragor mudo no espaço, que ecoava e sacudia o espírito, imitou a explosão de um milhar de vulcões — Gabriel abria os olhos. De repente, o universo pareceu ter ficado menor, tamanhas eram a presença e a sabedoria daquele gigante e a majestade que transmitia.

Varna ergueu a mão em aceno. Ela e Aziel deixaram a caverna.

— Sieme não regressou — reparou o Mestre do Fogo. — Há um desequilíbrio na fluência do cosmo.

— Sieme está morta — anunciou Ablon. — Decidiu ficar em Jerusalém e defender sua causa.

— É a mesma causa que nos une, general, que nos completa e nos fortalece — aproveitou, enxergando o relâmpago das eras. — Eis que agora um ciclo se cumpre. Encontro-me de novo contigo, antes do fim e na véspera do crepúsculo dos tempos.

— O crepúsculo dos tempos... — refletiu o querubim, recordando as palavras de Korrigan. — Foi esse o motivo de ter me poupado? Tinha previsto meu retorno às legiões que viria a treinar?

O Mensageiro descruzou as pernas e levantou-se do chão. Sua bela armadura era uma relíquia incrível, e também sua arma, a perigosa Flagelo de Fogo.

— Ao longo da história, previ muitas coisas — explicou. — Sou o Anjo da Revelação e ganhei de meu Pai o dom da visão. No início, achei que minha onis-ciência estivesse à altura de Deus, mas o livre-arbítrio dos homens me surpreendeu e ludibriou meus instintos. Certo dia, enfiado na depressão do infinito, percebi meu engano. Ninguém, nem mesmo o Altíssimo, pode prever o futuro. Tudo o que vislumbramos são caminhos, trajetórias abertas. Cabe a cada um, homem ou anjo, deus ou demônio, escolher seu destino — ele discursava como o maior sábio da terra. — De minha parte, sempre guardei a esperança e cultuei seu regresso. A certeza não existe, nem a perfeita verdade. Mas sempre nos resta a fé, que nos faz confiar no impossível. E o impossível, com frequência, se torna concreto.

Absorto pela impressionante oração, Ablon queria, realmente, acreditar no arcanjo, mas ainda era forte o ressentimento. Se Gabriel queria tanto tê-lo consigo, por que não o aceitara anteriormente? Milênios antes os dois haviam duelado, e durante o confronto o Mestre do Fogo nada falara sobre seu exército ou sobre sua intenção pura. Preferira, em vez disso, manter segredo, expulsá-lo de Jerusalém e tirá-lo do rumo de sua missão.

— E por que não me incorporou às suas legiões quando me viu na Cidade Sagrada? Como único sobrevivente da conjuração, eu represento os renegados. Por que não me permitiu integrar suas tropas, se afirma que seu propósito é honrar os ideais da irmandade?

O Mensageiro sorriu e o encarou como a uma criança. Em ocasiões muito raras sorria, porque as emoções, boas ou ruins, abalam a harmonia do mundo. Não há bem sem mal, amor sem ódio ou alegria sem tristeza.

— Desde o dia em que foi expurgado, vi a vontade pulsante em seu coração. Sua missão derradeira e seu maior desejo são despojar o arcanjo Miguel. Mas o Príncipe dos Anjos nunca foi derrotado, nem

pelos deuses das trevas que habitavam a sombra do espaço. Nenhum anjo está apto a derrubá-lo, talvez nem *eu* conseguisse vencê-lo. Aquele que *me* enfrentou na colina não era o Ablon de hoje. Era um general hábil, valoroso *e* justo, mas incapaz de derrotar um arcanjo. Agora escute-me, celeste. Só o maior dos alados vencerá o tirano. Seus fracassos de outrora o transformaram em objeto de lendas. Suas batalhas comigo e com a Estrela da Manhã lhe deram a esperteza para desbancar o monarca. Se o tivesse aceitado em momento passado, sua força seria desperdiçada. E então não passaria de um ícone largado, desmistificado e inerte.

— Inerte?

— Por sua maldição, não poderia voltar ao paraíso e liderar a guerra civil. As portas do céu lhe foram fechadas, e nenhum portal o levaria à morada de Deus. Assumiria o posto de comandante no exílio, visitado por anjos, e por isso muito mais susceptível a ser encontrado por seus caçadores. Como tal, poderia ser achado, perseguido e morto. Mas, em vez disso, o que se sucedeu? Continuou renegado, excluso, caminhando pela escuridão do planeta. Combateu contra os melhores e desenvolveu uma técnica única, quase secreta. E, agora, chega a mim em ocasião oportuna, quando os esquadrões o esperam para a maior das empreitadas.

— A Batalha do Armagedon.

— Nosso efetivo é três vezes menor que o do inimigo. Nossos soldados são destros, mas a simples destreza não é suficiente para vencer esta guerra.

— E do que mais precisam, se já têm a coragem?

O Mestre do Fogo caminhou à volta da gruta. Afagou o cabo da espada, com a lâmina oculta por uma bainha de ouro.

— A coragem deles converte em você, como o último dos renegados. A irmandade é uma idéia, um conceito, um símbolo, e você carrega a marca desses heróis, a bravura perdida de uma era remota.

Ablon encravou a Vingadora Sagrada no chão e sentou-se sobre uma pedra.

— Quase posso ler seus pensamentos — continuou o Anjo da Revelação. — No fundo, ainda odeia os arcanjos, todos eles, e compreendo sua cólera. Sofreu deveras com a perversidade de Miguel e com o cinismo de Lúcifer. E o que os motiva? Ciúme, luxúria, ira e ganância. Não foram essas as razões que me incitaram à revolta.

— O Salvador! — exclamou o renegado. — Miguel estava determinado a matar a Criança Sagrada, e você não aprovou o assassinato. Mas por quê, Gabriel? Depois de todo o sangue que derramou, depois de tantos massacres que promoveu. Como um menino mortal pôde convertê-lo ao ideal de justiça?

O arcanjo caminhou para um canto escuro e esquivou o olhar do ponto de luz, mas Ablon reparou em sua tristeza. Entendeu, finalmente, que alguma dor perpétua o feria, uma cicatriz que não se fecharia jamais.

— Por que *você* veio à batalha? — Gabriel desafiou. — Há uma semana, repudiaria qualquer ação de campanha. Estava resolvido a ficar fora do teatro da guerra, até a Feiticeira de En-Dor ser raptada — a expressão do Primeiro General endureceu ao se lembrar do sofrimento da amiga. — Seu coração é sincero, mas não estaria aqui não fosse a captura da necromante. Na profundeza de seu espírito, é por ela que luta. É o seu amor que o impulsiona ao combate. Nesse ponto, nós dois somos iguais.

— Nunca pensei que estivesse atrelado a tal sentimento.

— Igualmente surpreso, descobri que não era imune ao ardor da matéria. Miguel sempre teve aversão à raça mortal, e, como mensageiro, era minha função executar, na Haled, suas tarefas macabras. Mas, ao

formar um avatar, estava sujeito aos atributos da carne.

— A paixão. Também foi tocado por ela?

— Assim como você, certa vez conheci uma mulher, uma moça comum, humana, simples e pura como as gotas de orvalho. Até então, pensava ter visto de tudo e experimentado o êxtase que deriva da grandeza do cosmo. Vi a criação do universo, o princípio da luz e a feitura do mundo. Lancei poeira estelar à negritude do abismo e presenciei a confecção do tecido. Antes do primevo fulgor, lutei contra os deuses das trevas e derrotei divindades tão antigas quanto meu Pai Reluzente. Mas, em sua sinceridade humana, a mulher me mostrou o significado das coisas pequenas, que eu não enxergava lá do alto do céu. Pôs-me em contato com a terra, levou-me paia tomar banho de rio, mostrou-me o prazer de deitar sob as estrelas e de procurar o nascimento de vésper no leste. Em sua singela percepção, ela me aclarou a felicidade da vida.

Digerindo lentamente o longo discurso, o general foi assaltado por uma antiga lembrança. Recordou-se de uma frase proferida por Gabriel, quando se encontraram no monte das Oliveiras: "Estamos resolvendo um problema de família aqui".

— Você concebeu o Iluminado! — desvendou o querubim. — É o verdadeiro pai da Criança Sagrada.

— Imagine a distinção desse ser — o arcanjo prosseguiu, e a emoção consumiu sua aura. — Agraciado com o brio celestial e dotado do arbítrio dos homens.

— Não podia deixar que Miguel o matasse.

— Por meio da mulher e do Menino, conheci o amor. Compreendi, finalmente, o que meu Pai sentia por mim, e toda a obscuridade se dissipou. Foi esse amor que me afastou da maldade e me fez reconhecer a humanidade como legado do Criador.

E então, sentado na rocha, o general encontrou, na euforia de imemoriais revelações, um autêntico sentido para todas as coisas. Se o Salvador era um legítimo descendente celeste, estavam certas as escrituras, que ilustram suas proezas divinas. Da mãe, herdara a doçura da alma, a humildade e a bondade que não demarcava fronteiras.

Mas, a despeito de toda lisura, Ablon ainda não se entregara à candura do Mestre do Fogo, e não se entregaria rapidamente.

— A dúvida coroa seu rosto — constatou Gabriel. — E natural a confusão. Como poderia me creditar, se nunca lhe dei provas de minha boa vontade? Nunca fui seu amigo. Nunca lhe estendi a mão nos períodos de crise. Nunca o recebi em um abraço aprazível. Mas entre os que o aguardam há velhos parceiros, companheiros de eras, que não esquecem sua energia. E neles que deve confiar, porque a amizade é o suporte do mundo.

Nesse momento, uma luz maravilhosa quebrou o breu da caverna. Mais parecia um astro dourado caído na terra, e seu clarão era intenso e delirante. Uma aura de sublime beleza o rodeava, como uma explosão cósmica de extraordinário fulgor. Quando avançou, suas feições se fizeram aparentes.

Era Nathanael, o Mais Puro, desde milênios sumido.

O anjo de cabelos de ouro e olhos de bronze trazia a esperança com seu brilho eviterno. Nathanael era

um ofanim, um anjo da guarda, leal e caridoso, agradável e belo, forte de espírito. Era também firme de caráter e determinado na defesa dos homens. Na época do dilúvio, seus preciosos esforços salvaram Noé e ajudaram na preservação da espécie humana. Depois, o Mais Puro visitara o renegado nas montanhas da China e o convocara à proteção da Criança Sagrada. Mas, desde que Ablon perdera seu rastro, ao desfalecer no bosque Tin-Sen, o ofanim desaparecera.

— Paz, meu amigo adorado! — tranquilizou o luminoso celeste. — Suplico-lhe perdão, pela desilusão que causei. Sei que fui gélido e insensato, mas minha demanda acabou por tornar-se o ministério do mundo.

Ablon ainda se sentia triste pelo abandono do amigo; custava a acreditar em traição ou descaso, mas a prudência era sua marca, e não se contentou com a rogativa. Seria aquele o verdadeiro Nathanael, emergindo da negritude, ou tudo não passava de um ardil do arcanjo para confundir-lhe os sentidos?

— É você mesmo, ofanim, que se esconde por trás dessa máscara brilhosa? — perguntou, desconfiado. — Percorri meio mundo para honrar nosso acordo. Cruzei desertos e mares, venci bosques e rios, caminhei por planícies e escalei montanhas. E onde você estava, quando finalmente alcancei a Judeia?

O Mais Puro inclinou a cabeça, em um lamento sincero. Em eras passadas, Nathanael fora um amigo leal, tão próximo do Primeiro General quanto Orion, Aziel e Ishtar.

— Eu estava ali mesmo, na Cidade Sagrada.

— E por que não veio à minha presença?

— Eu continuava em missão — insistiu. — Por tudo o que já havia feito pela raça mortal, fui designado pelo Mestre do Fogo para, do astral, acompanhar cada passo do Salvador e salvaguardar sua vida. Antes de o Menino nascer, voei ao seu encontro no leste, para avisá-lo. Mas, na euforia de tê-lo conosco, fui tolo e imprudente e não consultei o Mensageiro.

— E eu — interpelou Gabriel, com sua voz sempre melódica — não permiti que você viesse a nós, pelos mesmos motivos pelos quais agora o trouxemos aqui. Nathanael foi imprudente ao procurá-lo sem me avisar, mas sua intenção era boa. Certamente ele confia em você, mas tomou uma atitude emocional, típica dos ofanins. Se deseja julgar alguém, julgue a mim, general, que um dia o expulsei da Terra Santa e o lancei aos perigos terrenos.

O Anjo Renegado encarou Gabriel com seus inesquecíveis olhos cinzentos, e neles não havia mais ira, dor ou desgosto. Conhecia os próprios limites e imperfeições. Não se considerava realmente um herói nem um comandante épico, muito menos um mártir.

— Não devo julgá-lo — acrescentou Ablon. — Quem sou eu para fazê-lo? Confiei na honestidade de Lúcifer, e em que resultou meu julgamento? Depois, preferi lutar com você em vez de escutá-lo, repudiando suas boas palavras. Como celestes, não somos perfeitos. Não somos deuses e nunca seremos. Aqueles que buscam superar o Altíssimo cairão, e assim será com o arcanjo Miguel. Mas não serei eu a condená-lo. Como fugitivo, já estive à beira do ódio. Foi o amor de Shamira que preservou meus valores. Nós dois encontramos quem nos mostrasse o caminho, mas e quanto a ele? E quanto a Miguel? Não fosse nosso coração tocado pela ternura, talvez estivéssemos como ele, cheios de cólera e demência. É por isso que não o recrimino. Contudo, há coisas que precisam ser feitas. Não tenho o direito de julgá-lo, mas detenho a legitimidade para desafiá-lo. Sou um guerreiro. Essa é minha natureza.

— Então conclua sua missão, general — incitou Gabriel, em timbre suave. — Chegou o Dia do Ajuste de Contas.

E assim, sem que ninguém precisasse guiá-lo, o Anjo Renegado rumou ao ponto de luz, que indicava a saída da gruta. A passagem esticou-se em uma abertura, encravada perto do cume do morro.

Sob o despenhadeiro estendia-se uma vasta planície, que dominava todo o deserto. Dali o general vislumbrou o acampamento rebelde, pontilhado por tendas brancas e negras que ocupavam a imensidão da esplanada. Milhões de celestiais, equipados com espadas, lanças e arcos, treinavam no solo e se exercitavam no ar, mergulhando e investindo, rapinando e esquivando, praticando manobras para o combate. Outros voavam em patrulha, vigiando o planalto, enquanto, em suas barracas, os comandantes traçavam planos e definiam táticas. Ablon provou novamente o cheiro do metal, a excitação dos lutadores e o ardor que antecede o confronto. Ao todo, contou pouco mais de dez mil legiões, cada uma com cinco mil soldados alados. Eram tão numerosos que lotavam o céu e a terra e superavam em milhões qualquer exército humano já registrado no decurso da história.

Ao longe, uns 350 quilômetros ao norte, a planície terminava em um círculo de montanhas de aspecto sombrio, que guardava no centro a sinistra Fortaleza de Sion. A torre inimiga despontava além das cordilheiras, como uma lança fúnebre encravada no ventre do mundo.

Exaltado pela emoção, Ablon lembrou-se da cidade afundada de Enoque e da profética visão de Hazai, o capitão dos renegados, que fizera da metrópole seu túmulo. E assim, visualizando as legiões que cortavam a paisagem, Ablon entendeu que, antes do expurgo, era exatamente como aqueles celestes, cheios de esperança, força e vontade. Por um golpe do acaso, convertera-se em símbolo, elevado à alteza pelo ódio do próprio inimigo. Agora não podia mais recuar. O Príncipe dos Anjos havia capturado Shamira, matado seus melhores amigos e fulminado cidades inteiras, aniquilando milhões de inocentes. Para aquelas pessoas, o general traria a vingança, mas por si buscaria a justiça.

Em pé, à sua esquerda, tinha o bondoso e luminescente Nathanael, que o incentivava à gentileza, e, à sua direita, escoltava-o o dourado Mestre do Fogo, invencível em sua armadura sagrada.

— Foram necessários mais de dois mil anos para que eu organizasse e treinasse esse exército — sussurrou Gabriel, contemplando o cenário. — São os mais valentes, e só se curvariam ao maior dos comandantes. Agora, essas legiões são suas. Lidere-as como quiser. Esses anjos nasceram de sua decência e por ela o seguirão.

Mas Ablon sabia que não fora o único a inspirar aqueles rebeldes. Se ali estava, são e salvo, de espada na mão, era porque levava consigo a confiança de seus velhos amigos e a determinação da irmandade.

— Rebeldes! — gritou o general, tomando uma rocha como parlatório, no topo do morro. — Escutem-me agora os que têm bravura no coração e fidelidade no espírito. Escutem-me os que são honrosos e sábios, e os que acreditam no poder da justiça — e com isso calaram-se as asas, os apitos e até o sopro do vento. Na Fortaleza de Sion, também o arcanjo Miguel escutou o clamor e, transtornado, correu à sacada para ouvir o espetáculo. — Vocês são um exército do bem, e tenho o prazer de liderá-los na derradeira batalha. Daqueles que aqui estão, sigam-me só os que não temem a morte, os guerreiros arrojados, os fortes e os temerários. Quando a peleja estalar e todos os seus companheiros tiverem tombado, vencerá o persistente, o corajoso, o que carrega a causa mais gloriosa. Que me acompanhem os que adoram o Altíssimo, os que respeitam a legalidade de sua obra e os que estão contra o assassinato dos homens. Esta noite, lutaremos até o último soldado!

Tão maravilhoso foi o breve discurso, somado à prodigiosa e emblemática presença, que ao fim da oração os combatentes explodiram em vivas, e seus brados sacudiram desertos e montanhas, abalando o moral dos alados que defendiam Sion. No bastião inimigo, os perversos tremeram, assustados com o frenesi do exército que os atacaria ao cair do crepúsculo.

A vitória estava nas mãos dos rebeldes.

Na Torre das Mil Janelas, cercada por uma multidão de soldados, o Príncipe dos Anjos subia as escadas, frenético. Com um pensamento agressivo, escancarou as seções metálicas da porta dupla e ingressou na Sala dos Portais, um aposento circular, orlado por duas dúzias de passagens lacradas. Ali, o Anjo Negro estacara, guardando a subida para o alçapão, que levava ao terraço da Roda do Tempo, onde Shamira estava aprisionada.

— O renegado está vivo! — esbravejou o arcanjo, irado. — Não é absolutamente possível que tenha escapado da Legião Formidável!

— Eu disse que seria inútil — retrucou o Anjo de Asas Negras. — Euzin era um incompetente, e para nós é uma sorte que tenha falhado. Assim não nos levará a mais uma burrada.

Miguel arrancou da bainha a Chama da Morte, e a espada flamejante esquentou o ar frio. Embora em câmara fechada, estavam a quase três mil metros de altitude, onde os ventos são fortes, e o clima, gelado.

— E o reforço no terraço? — mudou de assunto.

— Ordenei que dez esquadrões criassem uma esfera vivente ao redor do pátio no pináculo da torre. Se Ablon vier até nós, terá que penetrar em Sion por outro caminho.

Então, ainda inquieto, o Príncipe dos Anjos sacou o Livro da Vida, que escondia preso ao cinto, sob as asas enormes. Pôs a relíquia sobre o pedestal no centro da sala e começou a ler em voz baixa as últimas páginas, impaciente como uma criança a procurar o fim de uma história. Em certo ponto, quando alcançou o versículo desejado, acalmou-se e recuperou a presença arrogante.

— Vamos prosseguir com seu plano. Temos a isca e a armadilha. Então, que venha o maldito. Eu mesmo enterrarei o ideal da irmandade, enquanto nosso exército destrona os rebeldes. É o que farei — decidiu, fechando o tomo com uma violenta batida. -Assim prescreveu o Altíssimo.

O Anjo Negro engrossou o semblante, na profundeza de seu elmo cerrado. O capacete ocultava-lhe a face, e nem o Monarca Celestial conseguia penetrá-la. Era o Anjo do Abismo Sem Fundo, aquele que abria todas as portas. Era a luz e as trevas. O começo e o fim.

—A noite se aproxima. É o último dia dos humanos na terra. Nenhum mortal jamais voltará a ver a luz do sol.

11-Os Leviatãs

No sheol, o momento da decisão havia chegado. No vale dos Condenados, às margens do Styx, milhões de demônios, de todas as castas e tamanhos, aglomeravam-se em turba desordenada, aguardando o comando de seus duques. Diferentemente dos anjos, nem todos voavam. Suas hordas se agrupavam no chio, como formigas nervosas ao estourar do formigueiro. Outros, dotados de asas, enchiam o céu, babando em colérica agitação, com os tridentes em riste. Alguns não passavam de diabretes, de aparência indefesa, mas havia também aqueles de enorme constituição, híbridos, de corpo animal, com chifres e cauda. Diversos possuíam presas aguçadas, olhos de fogo, garras escuras e pele escamosa. Um grupo cavalgava monstros alados, semelhantes à fera de Lilith, e outro montava cavalos esqueléticos, como terríveis cavaleiros do inferno. E existiam também os escravos, que mais pareciam bestas ferozes, fazendo lembrar leões e chacais, uivando em crueldade assombrosa.

No ancoradouro, os oito duques — à exceção de Apollyon, ausente havia dias — esperavam pelas instruções de Samael, indignados e enfurecidos. À frente deles, a odiada Serpente do Éden, uma figura reptiliana e asquerosa, que se arrastava em vez de andar, anunciou aos nobres nefastos:

— Reunam suas hordas. Os navios não tardarão a chegar.

— Navios? — bufou Molloch, o Carrasco, um demônio musculoso, de cabeça grande, chifres pequenos e pupilas estreitas corno os olhos de gato. — Nem um milhão de barcos transportaria toda esta multidão. O calor da caverna do Diabo estorricou sua razão, Satanás.

— Essas foram as instruções de nosso líder? — emendou Asmodeus, um personagem perverso e elegante, que portava um cetro vermelho. As palavras polidas eram sua arma para desacreditar Samael.

— Quem duvida de mim desafia o meu mestre — ameaçou, no assoviar de sua língua pontuda. Incitava o terror, pois sabia quão frágil era sua liderança.

Molloch parou, sem palavras para reagir, e foi amparado por Orion, enquanto os outros príncipes se contorciam de raiva.

— Paciência, camaradas! — tranquilizou o Rei Caído de Atlântida. — Ainda é cedo, e a batalha no etéreo nem começou. Não creio que a Estrela da Manhã dispensaria nossos esforços.

Orion não costumava portar armaduras, mas para o embate final vestira uma exótica couraça prateada, antiga vestimenta dos guerreiros de Atlântida, adornada com o símbolo da Jóia do Mar. Não levava espada, só uma vara pontuda, mas suas garras eram tão letais quanto qualquer lâmina.

— Que se dane! — rosnou Mammon, um demônio gordo, de corpo de hipopótamo, cabeça de porco e chifres imensos. — Não vou me curvar a um bajulador desprezível! — gritou, e Alastor, Baalzebul e Molloch se juntaram a ele, levantando as armas.

Mas, quando os quatro se adiantaram para atacar Samael, as hordas em campo fizeram silêncio, e do porto os duques avistaram o que, para eles, era impossível.

Centenas de navios nasciam ao longe, onde brotava o Styx, na entrada do vale, e se aproximavam como gigantes, afundando o leito do rio e esgarçando suas bordas. As águas rubras transbordavam ao fluxo das naus, afogando e atropelando os mais próximos à borda. Não eram, de fato, navios comuns. Longilíneos como os flutuadores egípcios, somavam mil metros da proa à popa, e à sua passagem as margens do

Styx se alongavam para suportar o trajeto e depois regressavam à dimensão original. No passadiço, cada embarcação transportava três condutores de sinistra presença, cada qual com sua túnica negra. Aqueles capitães eram os apavorantes barqueiros, criaturas fantasmagóricas, desprovidas de alma ou essência e carentes de natureza ou moral.

Sem vacilar, os duques recuaram ante a visão daqueles transportes incríveis. Eram tão compridos, largos e altos que só um deles sustentaria, em seus cargueiros, aproximadamente quinhentos mil combatentes — e havia perto de dez centenas de barcos como esses navegando e correndo ao cais.

— Definitivamente, o Filho do Alvorecer não olvidou seu exército — murmurou Bael, o Infeliz, o príncipe do desespero, magricelo e horrendo, de rosto cadavérico e carne decomposta.

— São leviatãs, os navios gigantes — Orion recordou-se. Já ouvira lendas sobre eles, mas nunca as tomara a sério.

— Então vamos à guerra — concordou Mammon, desistindo de agredir Samael. —Escapou desta vez, sua cobra nojenta.

— E contra quem lutaremos, afinal? — pressionou Mephistopheles, um aristocrata de pele de fogo, asas de morcego e rosto de homem. — Qual dos dois partidos angélicos será nosso alvo?

— Saberão a seu tempo — respondeu Samael, no instante em que o gigantesco navio atracava no fundeadouro. — Agora, acompanhem-me a bordo — convidou-os, arrastando-se para dentro quando a ponte baixou.

— Ainda me intriga toda essa história — sussurrou Asmodeus para Orion, a seu lado. — Qual será a verdadeira intenção do Arcanjo Sombrio?

—Ainda hoje saberemos — replicou o satanis, marchando para a plataforma.

O Deus do Amor

Por toda a tarde, Ablon percorreu a planície em revista às tropas. Continuamente aclamado por todos os celestes, não encontrou tempo para conversar com cada soldado, mas entrevistou os generais, recolheu informações e se preparou para formular a tática final de batalha. Esteve com Varna, do regimento das arqueiras, e reencontrou o inesquecível Baturiel.

Como muitos combatentes ali espalhados, Baturiel, o Honrado, fora subordinado ao Primeiro General antes do expurgo e chegara a revê-lo no monte das Oliveiras, quando Gabriel ordenara que defendesse o morro contra qualquer invasão. Os dois quase se meteram em combate, mas a chegada de Varna, e depois do Mestre do Fogo, interrompera o confronto. Na ocasião, o Anjo Renegado julgara-o mal, acreditando que estivesse do lado ruim, e por isso logo se justificou pelo engano.

— Eu teria feito o mesmo — confortou o amigo. Trajava uma couraça dourada, comum aos oficiais, estampada com a antiga heráldica da Legião das Espadas.

Depois, o próprio Baturiel o conduziu ao ishim Elohai, o Ferreiro, famoso por forjar as mais resistentes

armaduras do céu. O celestial tomou as medidas de Ablon e prometeu que ao fim do dia ele teria a melhor placa já feita.

Quando o dia já ia findando, o querubim subiu o rochedo e voltou à presença de Gabriel, que montara sua tenda no topo do monte, de onde vigiava toda a extensão do deserto e as montanhas ao redor de Sion. Solitário, o arcanjo satisfazia-se apenas com a companhia de Varna, a fria querubim que vivia a escoltá-lo, em cega obediência a seu líder rebelde.

Dali, sobre um relevo no cume do morro, o Mestre do Fogo vislumbrava o maravilhoso exército dourado, que por longos séculos aprimorara, no transcurso da guerra civil. Sua face era tenra como a planta do lótus, cuja raiz toca a profusão fecunda da terra e cujas pétalas saltam para o vazio do céu. Seus movimentos serenos respeitavam o fluxo do cosmo e acompanhavam a palpitação do infinito.

Assaltado de repente pela radiação do universo, Ablon sentiu-se pequeno diante da enormidade das legiões e da massa gigante que completava o exército imbatível. Lamentou por sua delongada ausência e por sua incapacidade de tê-los liderado anteriormente em revolução produtiva.

Gabriel apreciou o calor do sol que se deitava no oeste, dourando com seus raios a esplanada de guerra. Agachou-se de pernas cruzadas, para louvar o astro de fogo.

— Assisto hoje ao último pôr do sol, com o mesmo fascínio com que contemplei o primeiro — confessou, melancólico. — Sou um vigilante do mundo, general, lanceado pela saudade e castigado pela lembrança. Posso sentir a passagem das eras e tocar as marcas do tempo, como as pegadas na areia, que vão sumindo a cada lambida do mar.

— Eu entendo sua amargura. É o revés da imortalidade. É o difícil fardo dos invencíveis. Também tenho o espírito ferido, mas sou jovem, apesar da idade. Sofro pelas ações que deixei de fazer e pelas batalhas que deixei de lutar. Queria ter sido mais competente na defesa da criação e livrado os homens da decadência.

—Todos nós aspiramos ao inalcançável, e essa angústia é a centelha que acende o calor da existência. Quando todas as questões são respondidas, perde-se também o estímulo da vida.

O general acedeu e virou-se para encarar o arcanjo.

— Conte-me o que aconteceu, Gabriel. O que aconteceu depois que a irmandade foi renegada? Há uma sensação de deficiência em meu coração, que me aflige pelos anos perdidos.

O Mestre do Fogo exalou um suspiro e envolveu os ombros com a dobra das asas.

— O paraíso nunca mais foi o mesmo. A expulsão dos renegados veio pôr à prova a unidade dos arcanjos, já desgastada pela maledicência. Depois da conjuração, muitos celestiais, incluindo o próprio Lúcifer, começaram a acreditar que a revolução seria possível, e então os oportunistas apareceram para corromper os desesperados.

— Quando deixei os escombros da cidade amaldiçoada de Enoque, soube que o Arcanjo Sombrio havia arquitetado sua própria revolta e atraído um terço dos anjos à sua causa, enlaçada por mentiras e promessas vazias.

— Sim. Lúcifer, o Filho do Alvorecer. Ele e seus conselheiros distorceram os ideais da irmandade. Juraram livrar os celestes da tirania, mas na beleza de seus discursos o Diabo ocultava seu verdadeiro objetivo, que era assumir o lugar do Príncipe Angélico. Infelizmente, os descontentes cresciam, e esses desgostosos, fracos de caráter, foram ludibriados por sua fascinante retórica, como frequentemente acontece nos períodos de crise.

— E como foi essa guerra?

— Sangrenta, voraz e terrível. Muitos bons espíritos foram perdidos, em meio ao caos da batalha. No campo de guerra, enquanto as espadas acendiam relâmpagos no céu, Lúcifer e Miguel se evitavam, tomando seus tronos nos limites opostos do firmamento. E assim prosseguiu a matança, até que o sangue dos anjos fecundou Canaã, e a Estrela da Manhã rendeu-se em humilhante derrota. Como sentença, os perdedores foram isolados e condenados ao exílio na escuridão do Sheol.

— O Sheol. É curioso que Miguel não tenha imposto aos caídos uma punição mais severa.

— Antes da chegada do Arcanjo Sombrio ao inferno, o Sheol era tão somente uma dimensão-cemitério, um lugar de absoluta negritude e desolação, para onde Yahweh enviara os restos mortais de Tehom e dos deuses das trevas, destruídos nas Batalhas Primevas. O Abismo de Nimbye, nos Campos da Morte, representaria o suposto ventre de Tehom, uma passagem para o limbo, cheio de horror, agonia e desesperança.

— O Portador da Luz... — murmurou o general, desvendando a chave para um dos muitos títulos atribuídos a Lúcifer.

Ablon fincou a espada no chão endurecido, como às vezes costumava fazer, porque não tinha bainha para carregá-la nem cinto para sustentar o estojo. A lâmina endireitou-se sobre uma pedra vermelha.

— Por que você acha que Miguel capturou a Feiticeira de En-Dor? — perguntou o guerreiro. — O anjo que a levou disse que ela ficaria bem se eu não me juntasse ao Diabo. Supostamente queria impedir minha aliança com Lúcifer.

Gabriel ergueu-se em postura esticada e desceu da pedra em direção à ravina.

— É um blefe, uma distração para desviá-lo do percurso central. Miguel conhece sua índole, seu passado, e sabe que jamais firmaria acordo com um traidor. Ademais, os soldados do inferno nunca teriam capacidade para invadir Sion. As hostes diabólicas são numerosas, mas fracas. A maioria das unidades satânicas é composta por espíritos-escravos, que tombam ao primeiro golpe de espada. Só os caídos são realmente ferozes, mas não somam um contingente temível. Se o Príncipe dos Anjos esperava por uma ofensiva militar, deveria impedir que você se unisse a *nós* — o arcanjo apontou para suas linhas voadoras, treinando em perfeita disciplina, e para as tropas no chão, espetando o ar como se fosse o inimigo. — Nosso exército *sim* tem o vigor e o treinamento necessários para derrubar as defesas da torre, mesmo em desvantagem numérica.

— Então Miguel podia estar querendo justamente me atrair para a fortaleza?

— Eu não disse isso. Não é fácil compreender as ambições de meu irmão, nem seus delírios de majestade. Seus anseios são um enigma até para mim, que por tanto tempo compartilhei de seu egoísmo colérico.

— Mas por que ele raptaria a necromante? Não vejo sentido algum para um sequestro tão inusitado. Como uma mortal poderia ser útil ao seu projeto insano, seja ele qual for?

Gabriel achegou-se à ponta do precipício.

— É possível que ele esteja tentando usá-la para alguma finalidade macabra — arriscou, sem mais opções. — Eu não duvidaria de que Miguel tenha descoberto um jeito de usar a alma da mulher para ascender à divindade. Para tal, ele necessitaria de um espírito humano, agraciado com a dádiva da livre vontade.

Ablon coçou o queixo, pensativo.

— Foi exatamente o que Lúcifer me disse, quando fui encontrá-lo no vale dos Condenados. Segundo ele, Miguel pretende atingir a majestade do Criador com a conclusão do Apocalipse. Mas com isso ele

se esquece do elemento fundamental, que encerrará o Armagedon: o despertar do Altíssimo.

O Mensageiro inclinou o olhar, tristonho, e tornou a mirada ao carmesim do horizonte.

— Yahweh não adormeceu, general — anunciou, em surpreendente revelação. — Ele dissipou sua essência no cosmo, ao fim do sexto dia da criação.

O Anjo Renegado maneou levemente a cabeça, em assustada reação negativa.

— Isso não pode ser! — protestou. — Então o Reluzente está morto?

— Não, meu amigo — tranquilizou o arcanjo. — Deus nunca esteve tão vivo. Por bilhões de anos, o Senhor moldou o universo, e um dia seu trabalho acabou. Orgulhoso por sua obra, o Altíssimo desejou a onipresença. Queria estar em todos os lugares, ver todas as coisas e provar as belezas do mundo. De seus frutos mais estimados, adorava a raça humana, uma espécie selvagem que vivia na podridão das cavernas. Cansado de admirar sua cria, Yahweh queria tocá-la, viver entre ela, amá-la. Assim, dispersou seu espírito, e dessa energia divina nasceu a alma humana, abençoada com o livre-arbítrio e agraciada pela seiva do amor. Com isso, a energia do Criador prosperou, sobreviveu e se multiplicou sobre a superfície da terra. Pois saiba, ó valoroso guerreiro, que em cada coração mortal bate a potência do Pai, e essa graça é infinita, indestrutível e imortal.

O Primeiro General respondeu ao baque com um prolongado silêncio, durante o qual rememorou sua trajetória de vida, sua jornada celeste e terrena, atentando aos indícios sutis que explicitavam a ausência do Altíssimo

— De alguma forma, acho que sempre suspeitei da verdade. Coma poucos, preferi viver meu próprio caminho, mas a busca pelo Onipotente se tornou um motivo, um propósito. Mas e quanto a *você,* Mestre do Fogo? Por que não compartilhou seu conhecimento com os alados nem alertou os homens para sua capacidade celeste?

O gigante voltou a sorrir, mas havia também frustração em seu rosto.

— Assim eu tentei, mas ninguém quis escutar. A existência palpável de Deus é um alimento para homens e anjos. Muitos dele dependem para justificar seus fracassos, suplicar perdão, ou para animar uma vida miserável. E não os condeno. Não é fácil admitir que estamos sozinhos, que nosso sucesso depende apenas de nossos próprios esforços e de ninguém mais. Entenda agora, general, a obviedade do paraíso. O poder de Deus reside no amor incondicional. Quando amamos verdadeiramente, alcançamos o divino. Foi esse calor que nos atraiu à fonte e nos acendeu a paixão por mulheres humanas. Estar próximos a elas nos transporta à Presença Sublime, àquele que nos deu a vida e nos amou intensamente. Foi o amor por Shamira que o livrou da maldade. Foi o amor dela que deteve sua espada, pronta a executar Nimrod. É na ternura que reside o espírito de Deus, e por meio dela o acessamos.

Nesse momento, Ablon avistou, como em sonho, a legendária Babel, o Mar de Rocha e a torre em construção, que se perdia nas nuvens. Recordou-se da feiticeira, perseguida pelos vilões babilônicos e encurralada pelo bruxo de barba pontuda. Depois, sumiu o pesadelo, e ele sentiu o calor da fogueira na caverna sobre a montanha, a mesma gruta em que os dois se abraçaram pela primeira vez e que mais tarde abrigaria o túmulo de Ishtar. A caverna, tal qual conservara na mente, era um lugar mágico, especial, um desses espaços congelados no tempo, um recanto seguro, para onde sua fantasia vagava nos momentos de desencanto e solidão.

— Também o Salvador trouxe ao mundo a mensagem do amor — continuou Gabriel — e discorreu seguidamente sobre a natureza do Pai. Mas nem todos têm a capacidade de enxergar o que perpassa a realidade, o solucionável segredo da existência, que está além de ícones, rituais e orações. Para mim, confesso, é duro pensar que nem mesmo Uziel, nosso irmão caçula, soube contemplar a verdade. Nem mesmo ele, que era um arcanjo e viu a dispersão do Altíssimo, soube aceitar sua escolha. Como muitos anjos, Uziel cultivou, por anos, a ilusão de que Yahweh estava dormindo em Tsafon, até o dia em que

subiu ao monte e foi morto por Miguel. Mas talvez tenha vivido melhor assim, na ignorância. Já Rafael, sempre lúcido, engoliu a ausência com amargura, e em determinado momento desistiu de tudo, optando pelo exílio.

A realidade, definida pelo Mensageiro, era absolutamente clara e singela. Deus é a totalidade do universo, e a compreensão do infinito. Ele é a pura bondade, o amor irrestrito e a aceitação do desigual. Na ciranda dos sentimentos, o amor é o mais grandioso, porque reúne uma mistura de sensações convergentes, tais como a paixão, a amizade e o respeito. Assim, Ablon entendeu finalmente a razão da empatia que o ligava à necromante. Ele era um anjo, nascido para servir ao Divino, e sempre estaria atrelado à energia suprema, o poder criador que a mulher carregava na alma fervente.

No mesmo instante em que o general refletia sobre os extraordinários mistérios do mundo, o Mestre do Fogo retirou sua espada mística do cinto e a ergueu contra o halo solar.

— Esta é a Flagelo de Fogo — divagou o arcanjo —, a mais temida das armas celestes. Como ela derrubei os deuses das trevas e venci os caídos. As chamas que crepitam em sua folha não se apagarão enquanto houver um herói para empunhá-la. Eu, que por tantas vezes a carreguei, agora a entrego a você, formidável guerreiro, que me superou em pureza e sabedoria. Use-a hoje, com retidão e destreza, para desbancar as forças do mal — presenteou o Anjo da Revelação, estendendo ao lutador o punho da espada.

Mesmo lisonjeado, o renegado não podia aceitar.

— Agradeço sua oferta, Gabriel, mas não devo tomar sua arma. Sou um querubim e tenho minha própria espada, a Vingadora Sagrada — ele puxou a ponta de aço, até então encravada no solo.

Diante da negativa, nada disse o Mensageiro. Em vez disso, agiu como estouro de tempestade, brandindo a espada sobre a cabeça, em extravagante atitude. Atônito, o general defendeu-se em reflexo, e a Flagelo de Fogo desceu com um ruído de incêndio, para rasgá-lo ao meio. Por sorte, a Vingadora Sagrada bloqueou o avanço da folha mortal, e ali ficaram os dois duelistas, estáticos, de armas cruzadas, enquanto o sabre ardente do arcanjo derretia a lâmina gelada do renegado.

— Por que está fazendo isso, Gabriel? — gritou o general, resistindo à pressão da investida. — Por que está me atacando?

Inabalável, o gigante aplicou ao golpe força tremenda, até que a Vingadora começou a ceder. O metal entortou, e as extremidades racharam. Em segundos, a empunhadura fervia, e Ablon foi obrigado a soltá-la, ou teria a palma inflamada pela terrível superioridade do instrumento oponente. Esperto, saltou para o lado, antes que a Flagelo o tocasse, mas o Anjo da Revelação interrompeu o ataque e recolheu o sabre à bainha. A espada do general desfez-se em pedaços, e seus fragmentos abrasados se reduziram a pó, após resfriados pela brisa da tarde.

— Perceba — retomou o Mensageiro, aos ofegos ruidosos do admirado guerreiro. — A Vingadora Sagrada não resistiria ao confronto com a Chama da Morte, a lâmina mística do arcanjo Miguel — esclareceu, entregando sua espada flamejante ao querubim. — Mas não se entristeça por isso. E um soldado e sabe que não há vergonha no regresso às cinzas, quando completamos nossa missão. A Vingadora o trouxe de volta, reacendeu em você o vigor da batalha e cumpriu o propósito pelo qual foi construída. Assim como ela, também eu terminei minha demanda.

— Suas palavras são confusas, arcanjo.

— Organizei este exército para você e o preparei para o maior dos embates. Agora cabe ao Primeiro General a tarefa de guiar as legiões ao conflito. Queria poder ajudá-lo, meu honrado comandante, mas não posso. Esta guerra nunca foi minha, apenas a tomei emprestada. Miguel ainda é meu irmão, e não poderia enfrentá-lo, muito menos matá-lo.

— Seja então nosso parceiro na paz — Ablon não queria perdê-lo. — Precisaremos de você para levantar o planeta dos escombros da guerra.

— O universo estreitou-se aos meus sentidos, general. Estou velho, letárgico e cansado. Já vi muito, e de tudo provei. Agora, é meu dever seguir os passos do Pai, dissipar minha essência e retornar à escuridão.

E assim, subitamente, um barulho estridente rematou o diálogo. No campo e na fortaleza, atacantes e defensores se retraíram ao ecoar do ruído. Era o sinal da Quinta Trombeta. Seu som, embora perturbador, era filtrado pelo tecido, tornando-se assim bem mais tolerável ali, nas profundezas do etéreo.

— Só faltam mais duas para o Juízo Final — observou Gabriel. — O Armagedon se anuncia. Retiro meu espírito da esfera vivente e o entrego à eternidade, mas deixo-lhe um legado. Em suas mãos repousam o destino do mundo e a obra da reconstrução. Quando estiver desanimado e aflito, puxe a Flagelo de Fogo e escute minha voz. Lembre-se das coisas que lhe falei. Enquanto houver um só homem no mundo, há esperança, porque os mortais carregam no peito o brio de Deus.

Emudecido, mas inchado de grandeza e louvor, Ablon viu o arcanjo subir aos céus, trespassar o branco das nuvens e se desfazer como uma estrela radiante no anil do crepúsculo. Sua aura sumiu, e a consciência se apagou.

Gabriel alcançara o infinito e ascendera ao estágio final. Estava vivo, mais do que nunca! Sua energia era agora o contínuo do cosmo.

E, nas mãos do general, a Flagelo de Fogo continuava ardendo.

Quase no mesmo instante em que Gabriel ascendeu, três anjos chegaram voando ao rochedo. Um deles, Elohai, o Ferreiro, trazia uma placa dourada, adornada com o símbolo da Legião das Espadas. Estava acompanhado por Ba-turiel, o Honrado, e Aziel, a Chama Sagrada.

— Trouxemos sua armadura — disse Elohai, pousando a couraça no chão.

Ablon notou que a placa era idêntica à sua antiga. Podia ser aberta do lado, para depois se fechar contra o peito. Nas costas, duas frinchas paralelas deixavam espaço para as asas de anjo, facilitando as manobras de voo.

Era hora de o querubim despir as vestes mundanas. Tirou a camisa e, pela primeira vez desde a Babilônia, libertou as asas rajadas de sangue. Encaixou a couraça no tronco e fixou a bainha no cinto.

No parlatório, retirou do couro a Flagelo de Fogo e a apontou para o céu, como um desafio ao bastião inimigo, encravado além das montanhas. Já era quase noite, e a lua se esgueirava no leste. Na planície, o exército rebelde enxergou o general no topo do morro, com a armadura de ouro, que reluzia ao brilho da lâmina ardente. Os combatentes avistaram suas penas marcadas, que eram o símbolo e o orgulho dos renegados, e reiteraram seu amor pela justiça.

Na Fortaleza de Sion, o arcanjo Miguel e o Anjo Negro divisaram, ao longe, o fulgor da espada, e souberam quem a empunhava.

— Amaldiçoado seja Gabriel! — bradou o Príncipe Angélico. — Ele passou ao expurgado a Flagelo de Fogo.

No alto do monte, Ablon recolheu sua arma e se preparou para descer a ravina. Mas Varna continuava a seu lado, tal qual estivera desde o princípio da tarde, e se aproximou do comandante rebelde, com o fascínio a lhe esquentar o frio semblante.

— General! — chamou a guerreira. — É um privilégio estar sob seu comando — rendeu-se, reconhecendo finalmente o encanto do líder.

Ponta de Lança

No campo, ao centro de um círculo de tendas, havia uma mesa de pedra, sobre a qual os generais pousaram um mapa em pergaminho, que delineava todo o deserto. O planisfério mostrava a planície, as cordilheiras ao redor de Sion, o rio Styx, e mais adiante o monte Megiddo. Outros documentos, enrolados em couro e papiro, descansavam ao pé do encosto, com diagramas, plantas e informações acerca dos fortes, das táticas e dos capitães inimigos.

A lua já tinha subido quando os comandantes se reuniram para ouvir a estratégia final. Entre os dez generais, veteranos de várias campanhas, estavam querubins poderosos, muitos dos quais haviam servido na Legião das Espadas, antes da expulsão da irmandade. Varna e Baturiel figuravam como os mais louvados e juntos formavam uma dupla excelente, cada qual com sua arma de ataque. Próximo ao grupo, Aziel acompanhava o concílio. A Chama Sagrada e seus ishins da Cidadela do Fogo teriam participação decisiva na batalha, segundo a tática imaginada por Ablon. Sobre eles, um pelotão voava em espiral, subindo e descendo em vigília.

O Primeiro General tocou um ponto no mapa, indicando o baluarte inimigo.

— Quantos anjos você calcula que estejam defendendo Sion? — perguntou a Varna.

— Cem milhões, só do lado de fora — ela respondeu, lacônica. Tinha os números na ponta da língua.

— Pelo menos cinco mil legiões a protegem pelo interior, conforme reportam os espiões — acrescentou Baturiel.

— É três vezes o contingente rebelde — constatou Aziel, coberto por vestes brancas de seda e cinto dourado, em traje tipicamente angélico.

— Cada um dos nossos pode abater cinco deles — garantiu o renegado. — A lógica nos põe em vantagem, mas a prática nos esmaga. Eles estão bem alinhados, arranjados, e guardarão posições. Temos que desfazer suas linhas, antes de nos atirar ao choque de armas.

— E qual seria a estratégia? — indagou Eblis, a segunda mulher-anjo no conselho dos chefes. Era magra e esguia, mas portava uma maça, arma de impacto mais apreciada pelos brutamontes.

Ablon elevou o olhar ao acampamento e percebeu quão dispostos estavam seus lutadores, sempre alertas, sempre treinando, excitados pela batalha e sedentos para brandir suas lâminas. À frente de cada destacamento, subia um estandarte bordado com a insígnia das tropas rebeldes, em preto e vermelho.

— Eu avançarei primeiro, ao comando de um grupo tático de elite, para quebrar o cinturão de defesa que

cerca o perímetro e desorganizar os esquadrões. Preciso de mil voluntários, prontos a lutar até a última gota de sangue.

— Essa parte é fácil — garantiu Varna, conhecendo o ânimo dos combatentes.

— Enquanto lutamos, o regimento das arqueiras deve percorrer o deserto em rasante e subir as montanhas que cercam a torre — e mostrou o desenho da cordilheira no mapa. —Ali ficarão escondidas, até o início da ofensiva. Em certo momento, deixarei a vanguarda e me infiltrarei em Sion, para salvar a Feiticeira de En-Dor e confrontar o arcanjo Miguel.

— E quanto às legiões no interior da fortaleza? — lembrou Shenial, um celeste que liderara a defesa da Cidade Sagrada de Jerusalém, na noite da execução do Iluminado. — Elas perceberão seu assalto.

— A prática da vida na terra me ensinou a suprimir as emanações de minha aura pulsante e assim escapar de meus caçadores. Voarei pelas sombras e usarei de furtividade para me esgueirar pelos corredores do forte e encontrar o Príncipe dos Anjos.

— A Fortaleza de Sion é um labirinto de salões, câmaras e túneis vazios — insistiu Shenial, que era conhecido pela cautela. — Poderia explorá-la por anos e nem assim alcançaria os aposentos de Miguel.

O Anjo Renegado recordou-se, no ato, das remotas campanhas das Guerras Etéreas, quando sua legião chegou primeiro ao castelo do deus Rahab, o Príncipe dos Mares, *e* venceu as divindades que ali viviam, destruindo o palácio e queimando suas sacadas. Mais tarde, naquele mesmo lugar, seria erguida a Torre das Mil Janelas, um marco da vitória dos alados sobre as entidades pagãs.

—Vi Sion ser construída e participei de sua arquitetura. Eu estava lá quando Miguel fincou no topo a Roda do Tempo, roubando-a dos malakins no Sexto Céu. Não será a primeira vez que cruzarei suas defesas de espada na mão, para desafiar os sitiados.

— E quando devemos lançar o ataque? — indagou Ebriel, um dos generais armados de lança em vez de espada.

— Ao soar da Sexta Trombeta, as arqueiras dispararão suas setas contra os soldados destacados da torre, desorganizados pela ação do grupo de elite. A seguir, todas as unidades arrancarão para o calor do combate — Ablon abriu um segundo pergaminho, que mostrava em detalhes o forte inimigo e seus arredores.

— Nosso objetivo central é concentrar a ofensiva em um único ponto e abrir uma ponta de lança, para que os ishins penetrem na torre e incendeiem a fortaleza por dentro.

— Mais de cinco mil metros separam as montanhas do bastião — alertou Eblis.

— A distância pode ser uma adversária para as flechas.

— Isso é queima-roupa para minhas guerreiras — rebateu Varna, precisa.

— E se você não retornar? — quis saber Aziel, visivelmente preocupado com o destino do amigo. — Devemos queimar a bastilha mesmo assim?

— Se até então eu não tiver regressado, saberão que estou morto. Varna assume o comando em minha ausência, seguida por Baturiel e Shenial. Aconteça o que acontecer, não abandonem a luta. Continuem a tarefa até que Sion seja posta abaixo. Não se esqueçam de que o tecido da realidade terá caído ao fim da batalha, e os dois mundos serão unos. Caso eu não resista, agrupem os sobreviventes e prossigam com os valores da irmandade, preservando os homens que escaparem à guerra do mundo mortal. Ajudem-nos e glorifiquem-nos, mas não esqueçam quem são. Foram o ciúme e o egoísmo que nos trouxeram a isso

— e recolheu os mapas. — Varna, recrute os melhores alados para o batalhão de vanguarda.

Ela ajustou a cota de malha e voltou os olhos verdes ao lutador.

— Terá os soldados em uma hora, general.

O concílio se dispersou.

A Chave do Inferno

Enquanto as tropas se preparavam, Ablon refugiou-se sozinho no topo do morro, próximo à pedra de onde Gabriel subira aos céus. Ali ficou, parado, concentrando-se para a batalha final. Viu as flâmulas esvoaçantes, os guerreiros em suas armaduras e o grupo misto de anjos, composto por mulheres e homens alados, conforme concebidos por Deus. Com olhos de águia, observou ao longe a Fortaleza de Sion e mirou o pináculo, obstruído por uma redoma de anjos que o defendiam em esfera, impedindo assim que qualquer um enxergasse o terraço.

Sentou-se em um pedregulho e buscou no chão seu antigo sobretudo. Vasculhou os bolsos e deles recuperou dois objetos de especial importância. Um era a chave do inferno, um artefato místico dado a ele por Lúcifer, que supostamente abriria, na Sala dos Portais de Sion, a passagem para o Sheol.

O outro objeto era a pena alva de Apollyon, enegrecida pelo tempo. Ao reaver a pluma, Ablon meditou sobre como encontraria o Exterminador, uma vez que desconhecia a vinda dos infernais ao etéreo. Resolveu que terminaria, antes, sua contenda com o arcanjo Miguel, para só depois procurar um meio de caçar o assassino. Com isso vingaria não só os espectros do deserto, mas também seus amigos renegados.

Ablon prendeu firme a pena ao cinto, com um fio entrelaçado de seda, e tateou mais uma vez a superfície de barro da chave, uma relíquia estranha, dê aparência rústica, menor do que a palma da mão, e em forma de anel recortado em cruz.

Aziel, a Chama Sagrada, aterrissou no parlatório e desceu para falar com o amigo. Mas, quando viu o general absorto em devaneios, adiou o assunto central.

— A chave do inferno — comentou o ishim, lembrando-se da primeira vez em que vira a relíquia, em um aprazível café no centro da cidade do Rio de Janeiro. Isso fora havia uma semana, mas pareciam séculos desde que ele, Ablon e Sieme deixaram o Brasil rumo a Israel, em meio à confusão que se seguiu à explosão das primeiras bombas, reconhecidas pelos anjos como o início das Sete Trombetas.

— A participação de Lúcifer nesta guerra ainda continua velada — desabafou o renegado, correndo o olhar pelo objeto de barro. — Ele se conformou muito rapidamente com minha recusa em aderir a seu plano, mas estava determinado a entrar em batalha.

— O Arcanjo Sombrio está de mãos atadas — sustentou Aziel. — Suas hostes não são páreo para nenhum dos dois exércitos celestes. Provavelmente tomará a trilha mais curta e aguardará o fim do combate, para só depois tentar um acordo com os vencedores. Quem, mais do que ele, apreciaria ver os partidos angélicos se matarem em batalha?

Ablon maneou a cabeça em sinal negativo.

— Então por que ele teria me dado esta chave? Seria uma manobra para despistar minha mente, ou há realmente uma intenção oculta, previamente acertada?

Aziel guardou silêncio, porque também não fazia idéia das aspirações do Filho do Alvorecer. Ficou quieto enquanto assistia ao general amassar com a mão o artefato sagrado.

— Não acho que isso vá fazer muita diferença — disse Ablon —, mas é melhor que seja destruída de vez — ele apertou o punho, e a chave se reduziu a farelo. Sua energia mística sucumbiu à pressão e se dispersou no espaço. — Que Lúcifer continue afundado no Poço Sem Fundo.

Esticou os dedos, e os restos de argila se precipitaram para o chão da montanha. Os flocos mais finos foram carregados pelo vento noturno.

— O grupo de elite está pronto — anunciou finalmente Aziel, depois que a poeira sumiu.

Esfregando as mãos, o renegado subiu novamente à rocha no topo do morro, para seu último e definitivo discurso.

Assim tinha início o Armagedon.

Do parlatório sobre a montanha, Ablon enxergou a planície. Já era noite, e uma sombra estranha cobria Sion, como uma nuvem negra de tempestade. O deserto era pequeno para tantos rebeldes, e muitos alados adejavam, pairavam no ar e se alinhavam para a batalha que começaria em breve.

O general subiu à rocha e puxou a espada de fogo, e então todos pararam para observar o seu líder. No campo, mil anjos guerreiros, vestidos com armaduras de prata e elmos brilhosos, compunham a força de elite, o grupo que acompanharia o renegado no primeiro assalto à torre inimiga.

— Atenção! — bradou o Primeiro General, e sua voz poderosa alcançou o infinito. Ao longe, Baturiel apertou sua lança, Varna recolheu seu arco e Nathanael levitou para o topo do Horeb. — Chegou o Dia do Juízo Final, o Tempo do Ajuste de Contas. De todas as guerras, celestiais ou terrenas, esta é a maior, a disputa que encerrará a direção do universo. As lágrimas que vertemos por nossos irmãos renegados agora cobraremos com o fio da espada. Somos o instrumento de Deus, a mão da justiça, a herança do Pai Criador. Hoje nos lançaremos ao combate em honra do Altíssimo e em defesa da humanidade. Queimem suas auras e incendeiem seus corações, porque esta é a Batalha do Armagedon, e ninguém sairá impune. Sangue será derramado até engolir as fundações do mundo, e os justos alcançarão o triunfo. Aos probos, os louros; aos perversos, a morte — concluiu, e os soldados responderam com um clamor estrondoso, que ecoou pelo espaço infindável e ficou gravado na fluência do cosmo.

Sob fervorosa consagração, Ablon desfraldou as asas rajadas e desceu voando ao campo para encontrar seu batalhão de vanguarda. De espada em punho, os querubins o saudaram, hasteando lâminas e estandartes e provando a enormidade de sua presença. Depois, o Anjo Renegado e seus guerreiros prateados decolaram e juntos se lançaram rumo a Sion.

No terraço da Torre das Mil Janelas, mesmo sem poder avistar a paisagem, interrompida pela redoma de anjos, Shamira escutou o bramido dos combatentes rebeldes e avisou aos celestes que a cercavam:

— O Primeiro General regressará a Sion. Ai daqueles que estiverem em seu caminho — profetizou e fez

fraquejar o moral dos injustos.

Orion e Asmodeus

A frota dos leviatãs, os navios gigantes, percorria o Styx, com a horda satânica a lotar seus porões. No convés da nau principal, conduzida do tombadilho por três nebulosos barqueiros, Orion e os outros duques observavam a estranha dimensão por onde passavam. O rio entrava e saía de universos bizarros, cruzando cidades de luz, espaços de sombras, florestas, desertos, terras de fogo e fortalezas de gelo. Agora, seguiam por um plano vazio, fincado de estrelas como o vácuo sideral, e onde o leito do Styx era o único caminho palpável, flutuando na imensidão do infinito.

Samael fitava os astros distantes, com olhos de cobra. Na mesma embarcação, vinham também as tropas especiais, que tomariam a linha de frente do combate. Eram a cavalaria infernal, que varreria o solo, e os ginetes ao controle das feras aladas, que tomariam os céus e avançariam em níveis sobrepostos, armados de lanças enormes. Essas feras voadoras não eram espíritos-escravos, ao contrário do que se pensaria de início. Eram monstros sem vontade ou instinto, nascidos do ódio e da maldade. Foram criados pelos poderes sombrios do Senhor do Sheol, que às vezes gostava de imitar o Altíssimo, e em sua incapacidade de formular vida decente dava forma a essas bestas dantescas.

Asmodeus baixou seu cetro vermelho e se aproximou do Rei Caído de Atlântida.

— Conta-se que os barqueiros não são generosos. O preço por chamar os leviatãs deve ter sido oneroso a quem os convocou.

— Sem dúvida — concordou Orion, lembrando de quão arrasado ficara Amael, o Senhor dos Vulcões, ao pagar a viagem do Anjo Renegado ao inferno. — O contratante deve estar arrasado, vazio. Mas quem, senão os duques, teria essência para invocar os condutores?

Asmodeus mirou as estrelas, sempre calculando as palavras.

— E por onde anda Apollyon? — sussurrou, sugerindo, em uma glosa sutil, a participação do assassino na trama dos barcos. — É estranho pensar que o mais feroz dos malikis tenha desaparecido às vésperas da batalha final.

— Lúcifer o enviou à Haled, em missão especial. É tudo o que sei.

— Talvez tenha sido morto — sugeriu o nobre diabólico.

Orion encarou Asmodeus e demonstrou um sorriso incrédulo.

— Seria fácil demais.

No fundo, preferia que o Exterminador estivesse morto.

Mas ele não estava.

No campo rebelde, o honrado Baturiel esperava. Sua principal arma era a lança, mas carregava também uma espada, como todos os querubins. Até as arqueiras portavam lâminas na cinta, embora curtas, para o caso de combate fechado.

O Honrado traçou um golpe no vazio do ar, só para testar a eficiência da ponta. Varna estava ali perto, com seu arco de ouro. Sua aljava era uma relíquia sagrada, porque as setas nunca acabavam, mesmo que um milhão de tiros fossem lançados. Era um artefato divino, mas a competência da general estava na precisão de sua mira e na retidão de seu caráter metódico.

— Dizem que você nunca errou uma flecha — comentou Baturiel, reparando nos profundos olhos verdes da comandante.

— E como poderia? Sou um anjo, e essa é minha função. Para isso fui concebida.

— Mas não somos perfeitos. Cometemos erros, tal qual os seres humanos.

— Sim — concordou. — Não somos infalíveis.

— E quantas flechas acha que vai ainda perder? — ele instigou, quando a arqueira admitiu ser passível de deficiência.

— Só uma — respondeu, incisiva.

— Uma?

— Porque, no dia em que eu errar uma seta, minha demanda estará concluída. Minha função neste mundo terá terminado. E esse será o dia em que morrerei.

Baturiel assentiu, impressionado com a determinação da celeste. Ele se afastou e regressou ao seu regimento.

Triunfo de Asas Vermelhas

O Anjo Negro, aterrador em sua armadura escura e seu elmo fechado, descera a uma plataforma no antepenúltimo andar da fortaleza, de onde podia ter uma ampla visão das legiões e do cinturão de defesa que protegia a torre. Milhões de soldados alados, organizados em companhias, voavam em linha, formando múltiplos anéis ao redor de Sion.

Enquanto isso, no outro extremo do firmamento, um célebre esquadrão se aproximava, preparado para a mais épica ofensiva da história. Mil anjos, hábeis e corajosos, avançavam em seta, prontos para perfurar o bloqueio inimigo. Embora subordinados aos generais, que usualmente vestiam apenas placas sobre o peito, esses mirmidóes trajavam armaduras completas, banhadas em prata, que refletiam como espelho

ao brilho da lua. À frente desses bravos celestes vinha um guerreiro dourado, em sua couraça recém-forjada, com os cabelos loiros es-voaçantes e os olhos cinzentos fixos no alvo. Era Ablon, o Anjo Renegado, que liderava o time de elite, tal qual fizera havia milhares de anos, quando invadira o castelo do deus Rahab, o Príncipe dos Mares, durante as Guerras Etéreas.

E quando esses anjos, mesmo valentes, sobrevoaram as montanhas, um suspiro assaltou todos eles, ante a visão da tarefa que os aguardava. Não longe dali, a Torre das Mil Janelas se elevava imponente, ao longo de seus três mil metros de altura. A distância, mais parecia uma colmeia de abelhas venenosas, cercada por tantos soldados que quase não era possível enxergar seu eixo. Em cada uma das pequeninas sacadas pairava um lutador, armado para resistir ao ataque. E no topo do forte um batalhão adejava em redoma, circundando o terraço e resguardando o que o general julgava ser a Roda do Tempo.

Uma nuvem de trevas cobria a bastilha. Ablon não sabia de onde viera ou quem a invocara, mas suas vibrações eram terríveis — estava cheia de ódio e crueldade, como uma onda funesta a serviço do mal.

Ao perceberem os invasores prateados, comandados pelo Primeiro General, os anjos perversos sobressaltaram assustados, apesar de sua superioridade em contingente. Enxergaram o ímpeto dos invasores, sua fé na vitória e a sede de sangue em seus austeros semblantes. Alguns pensaram em recuar, mas o Anjo Negro, na borda do pontilhão, abriu as asas escuras e gritou uma ordem. Sua voz era como um rugido, e seus compatriotas endureceram nas linhas — não por bravura, mas por medo de seu capitão.

— Guardem os anéis, seus covardes! Mantenham as defesas seguras.

Nesse instante, os atacantes de prata também fraquejaram, mas Ablon sacou sua espada e as chamas eternas fizeram os sitiados tremer. Um novo fôlego estimulou os rebeldes e, na plataforma, o Anjo de Asas Negras recuou para dentro dos túneis, repudiando a Flagelo de Fogo, como se fosse essa a única arma que pudesse feri-lo.

— Fechar em agulha! — ordenou o Anjo Renegado, e os prateados alinharam a posição em forma de seta. — E agora!

Foi assim que o esquadrão penetrou o cinturão, como uma lança, rasgando a formação e desfazendo o anel de querubins que cingia a fortaleza. Espadas se chocaram e armaduras estalaram, quando os temerários guerreiros furaram o bloqueio inimigo.

Na ponta, Ablon usou a Flagelo de Fogo para perfurar. Seu calor era tão intenso que a agulha mais parecia uma flecha abrasada, voando em velocidade máxima ao redor de Sion. Os soldados inimigos eram carbonizados ao toque, e aqueles que saíam da frente acabavam rasgados aos flancos, pelos prateados que compunham a lateral da formação.

Em poucos segundos, pedaços destroçados de armadura zuniam no ar, membros decepados caíam como meteoros, sangue jorrava pela área de guerra. Mais que tudo, os defensores de Miguel sofreram com a tática surpresa. Nunca esperavam que um grupo tão pequeno os atacasse daquela maneira. Seus generais estavam corretos de certa forma. O sucesso da formação em agulha só foi possível graças a Ablon e sua Flagelo de Fogo.

Disciplinados, os prateados foram rodeando os anéis da torre, matando e mutilando com suas lâminas afiadas. Ninguém podia batê-los, nem os oficiais premiados, e nos níveis abaixo uma chuva de corpos despencava sobre os outros perversos, cada vez mais abismados.

No acampamento rebelde, Varna e suas arqueiras assistiram de longe ao primeiro embate e ao triunfo inicial da tropa de elite, que continuava lutando como um leão feroz. Suas guerreiras estavam alinhadas no solo, aguardando o sinal. As armaduras eram malhas de ouro, trançadas, mais leves que as dos soldados infantes. Portavam, além do arco, espadas curtas, provando que estavam aptas também para a ação corpo a corpo.

Ao lado da mulher-anjo, Baturiel apreciava o espetáculo do ataque.

— Queria eu estar lá com eles — confidenciou o Honrado.

— Estaremos em breve — retrucou a lutadora, ajeitando a corda da aljava.

Baturiel recuou, e ela, percebendo o momento, levantou o arco, pronta para iniciar a corrida. As arqueiras a imitaram, e a general disparou, seguida por seu regimento. Avançaram em rasante, quase coladas ao chão, para que seus adversários em Sion não as enxergassem.

Assim percorreram o deserto como cobras na noite, ocultas pela poeira do solo. Subiram as montanhas e ali ficaram, escondidas, esperando pela Sexta Trombeta, de setas no fio.

Na Fortaleza de Sion, prosseguia a batalha.

Organizados em ponta, os rebeldes eram quase invencíveis, mas seus esforços como um corpo compacto só agiam em uma única direção, derrubando uma linha de defesa por vez, enquanto o resto do bloqueio continuava intocado. Era preciso, agora, atingir os múltiplos pontos da torre. Investindo em alvos estratégicos, eles poderiam provocar a desordem em cada um dos anéis de soldados, aumentando assim a gravidade da ofensiva — ainda que não pudessem derrotá-los todos. Era uma tática suicida, porque um só atacante, separado do grupo, não resistiria por muito tempo ao assédio dos inimigos, por mais vigoroso que fosse.

Mas para isso existem os épicos heróis, decididos a morrer em combate.

— Desfazer formação! — gritou o Primeiro General. — Espalhem-se. Procurem os líderes de companhia. Matem os chefes. Morram por seus ideais!

Ao comando, parte do esquadrão mergulhou, e outra parte subiu, dispersando sua força. Sozinhos, lutavam com bravura, abrindo caminho com suas espadas, até alcançar o destino. Os mais espertos já acossavam os capitães, certos de que, uma vez derrubados, as companhias perderiam um tanto de seu entusiasmo.

Desligado de seus querubins, Ablon virara o alvo central, e dezenas de milhares de anjos vieram buscar sua cabeça. No ar, cercaram o general, mas seus ataques resultavam em nada. Ágil e rápido, o renegado aparava todos os golpes. A cada bloqueio, a Flagelo de Fogo derretia as lâminas adversárias e continuava a trajetória, destruindo espada, armadura, e ceifando a vida de quem a desafiava. Só a aproximação da arma de Ablon já amolecia o metal dos inimigos, que não encontravam meios de lutar contra o instrumento sagrado do arcanjo Gabriel, agora empunhado pelo último anjo renegado. Os caçadores passaram a caçados, e uma única investida do guerreiro mutilava dez ou vinte assassinos.

O chefe da companhia que o Primeiro General assaltava era Asson, um comandante maldoso, que estivera presente ao massacre de Sodoma. Desde lá, era subordinado de Euzin, que na época respondia a Apollyon, então um celeste, general de legiões.

Ablon identificou seu objetivo, ao avistar o capitão que controlava os alados. Voou direto em sua perseguição, dilacerando os soldados que entre eles se interpunham. Um baque solitário, pelas costas, conseguiu atingir o renegado, mas sua armadura dourada absorveu toda a violência do chofre.

Asson não sabia ao certo o que acontecera a Euzin, mas ouvira dizer que ele fora enviado à Haled, com

a missão de matar o proscrito. Então, quando notou o Primeiro General vindo até ele, com fúria no olhar e sangue no metal da couraça, descobriu a sina de seu superior, e da Legião Formidável.

— Ataquem! Ataquem! Ataquem! — repetia Asson a seus oficiais, quase sem voz.

Uma linha de cinquenta querubins, ajustados em fila, chegou para destronar o renegado, esperando que assim pudessem vencê-lo. Pretendiam acometer perfurando, com o próximo na ala substituindo imediatamente os combatentes caídos. Isso, supostamente, levaria a vítima à fadiga, até que cedesse ao embate mortal.

Mas a estratégia fracassou.

Esquivando-se para o lado, Ablon desviou da fileira e avançou, passando a Flagelo de Fogo pelo centro da linha. A espada ardente dividiu os corpos sem a menor resistência e retomou o movimento, para procurar Asson, o objeto fundamental da agressão.

Mais por sorte que por destreza, o capitão evadiu-se, e o golpe do renegado falhou. Sua pancada resvalou na estrutura da torre, fazendo-a estremecer, igual ao sacudir de um terremoto. Dentro da fortaleza, os batalhões que a guardavam sentiram-se como no ventre de um grande tambor, ao escutar o ruído abafado da possante pancada.

Revivificado pelo erro do oponente, o desagradável Asson provocou o guerreiro:

— Então, é você o assassino de Euzin?

— Não — respondeu Ablon. E era verdade. Euzin fora morto pela flecha certeira de Varna. — Mas gostaria de ter sido eu a derrotar o covarde.

— Acabarei com você agora, em nome do arcanjo Miguel!

Cheio de raiva, o vil adversário arrancou para a morte. E antes que descrevesse a manobra, resolvido a esfacelar o querubim, a ponta da espada de Ablon fincou-lhe o coração. O inimigo soltou um berro estridente, que pôs fim à sua carreira maldita. Espetado pela Flagelo de Fogo, o cadáver começou a estorricar. O Anjo Renegado levantou o defunto e depois o arremessou. O corpo foi caindo, carregando um odor nauseante aos andares inferiores.

Os sitiados acompanharam o despencar do capitão e em seguida se viraram para encarar o carrasco — mas ele havia desaparecido!

Recolhido às sombras, Ablon suprimiu o pulsar de sua aura. Os soldados, de fracos instintos e pouca inteligência, não poderiam mais encontrá-lo.

Na penumbra da noite e em meio ao clangor da batalha, o Primeiro General se infiltrava em Sion.

Enquanto isso, no interior da Fortaleza de Sion, o Anjo Negro chegou a um enorme salão, de paredes largas e teto ogival. Ao centro da câmara, bem no eixo da torre, um vão amplo, de incalculável profundidade, descia à fundura dos calabouços, e nesse vácuo empoleiravam-se dezenas de milhares de anjos, devidamente armados para o combate. Eram parte das legiões internas, designadas para guardar o bojo do forte, caso ali chegassem os invasores rebeldes.

O Anjo de Asas Negras desceu voando pelo buraco e destacou cinquenta dos melhores soldados dali, capitães e generais na maioria, para acompanhá-lo aos níveis acima. Muitos detestaram a convocação, porque eram líderes de companhia e não podiam deixar sozinhos seus combatentes. Mesmo assim, engoliram o orgulho e nada disseram, cientes de quem os comandava.

— Vamos aos andares superiores — ordenou o Anjo Negro, tomando um caminho que até os oficiais desconheciam. — Vocês serão a última linha de defesa do arcanjo Miguel.

Esses lutadores eram os mais possantes entre as legiões, a nata do exército do Príncipe Celeste. Suas armaduras eram como bronze, e portavam espadas tão afiadas que as lâminas dividiam as partículas atómicas no espaço.

E todos eles temiam o Anjo Negro.

Face a Face com o Anjo Negro

Escondido pelo manto noturno, Ablon se esgueirava pelos umbrosos corredores da Fortaleza de Sion. Pulando de alcova em alcova, enganava a percepção dos anjos que montavam guarda nas câmaras vazias, atravessando passagens e subindo escadas, sem ser percebido. Mantinha a Flagelo de Fogo recolhida à bainha, para que os vigias não avistassem seu brilho ou alertassem para o crepitar de sua lâmina ardente. A armadura não atrapalhava seus movimentos nem provocava ruídos, mas seu reflexo dourado podia denunciá-lo, caso não se afundasse suficientemente nas sombras. Assim, driblou incontáveis patrulhas e batalhões inteiros, que vagavam por dentro da torre.

O renegado conhecia bem os caminhos e labirintos de Sion, mas muitas seções haviam sido modificadas ou ampliadas, o que atrasou seu percurso até o acesso ao penúltimo andar e de lá para a Sala dos Portais. Lembrou-se do dia da edificação da bastilha e da noite em que Miguel veio ao plano etéreo para fundar a Torre das Mil Janelas, marco fundamental da soberania celestial sobre a região etérea de Canaá e Sinai.

Com os dedos firmes agarrados à parede irregular, Ablon subiu e grudou-se ao teto. Prosseguiu como uma aranha caçadora e passou sorrateiro por dois soldados que guardavam uma escada ascendente. Esse túnel em degraus terminava em uma antessala circular, em formato de meia-lua, orlada por sacadas que se abriam para a altitude. O extremo sul do aposento continuava em um corredor longo, amplo, sustentado por colunas delicadamente trabalhadas com motivos angélicos. Ao fundo figurava uma porta dupla, guardada por um único querubim vigilante. Esse guardião chamava-se Dariel, e o general o reconheceu de primeira. Assim como o tal Asson, que acabara de derrotar no lado de fora da torre, Dariel também fora subordinado a Euzin e participara da carnificina em Sodoma. Era um anjo poderoso, ágil e forte, e a percepção era sua maior qualidade — não à toa fora designado para defender o ingresso aos níveis superiores.

Dariel estava protegido por uma armadura completa e portava uma alabarda, espécie de haste comprida, rematada por uma ponta de aço e cortada por uma lâmina semelhante à do machado. Estacava sério diante da porta — uma peça de ferro ancestral, moldada com imagens híbridas, tendo ao centro a figura do deus Rahab, o Príncipe dos Mares. Na verdade, esse objeto fora o único preservado do castelo da entidade etérea, posto em Sion como um trofeu pela vitória dos celestes sobre os deuses pagãos.

Ablon teria que usar de toda sua rapidez para alcançar seu destino sem que Dariel o notasse. Se fosse descoberto, o guardião soaria o alarme, e sua tentativa de chegar incólume à Sala dos Portais resultaria frustrada. Sua grande habilidade em combate não o fazia invencível, e ele não gostaria de ser surpreendido por mais legiões, embora estivesse preparado para isso.

Como o renegado, o vigilante também enxergava no escuro, então não seria eficiente deslizar pelas trevas. Assim, quando Dariel piscou, o general, em inacreditável velocidade, saltou para trás de uma alta

pilastra — a última de uma extensa fileira que suportava o teto. Ali ficou, estático, até que o guarda piscasse de novo. E, a cada piscadela, Ablon se aproximava da porta, pulando de coluna em coluna.

No instante preciso, correu para um pilar muito próximo ao cauteloso vigia, e finalmente o soldado atentou para o vulto.

Mas, antes que ele brandisse sua arma, o Primeiro General apareceu como um tigre e sacou a Flagelo de Fogo. A espada refulgiu em chamas vermelhas e cortou o inimigo ao meio, sem chance de contra-ataque.

Nenhum som foi ouvido.

Ablon repôs a folha ardente à bainha.

Depois, empurrou a porta de ferro.

A porta cedeu facilmente ao empurrão e deu acesso a um segundo corredor, bem maior que o primeiro, flanqueado por muitos umbrais nebulosos, que levavam a outras passagens, e assim por diante. Eram tão escuros esses umbrais, e seus afluentes tão sinuosos, que ficava impossível enxergar além deles ou ter certeza para onde corriam.

No extremo oposto do corredor, uma outra porta, também metálica, mas de ouro, era o que separava o Primeiro General da Sala dos Portais e de seu derradeiro inimigo: o arcanjo Miguel.

Silencioso, caminhou ao seu objetivo, mas parou ao pressentir o perigo.

Das portinholas escuras, então, emergiram cinquenta guerreiros alados — 25 de cada lado. Em suas armaduras de bronze, formaram um bloqueio, uma barreira de quatro alas, fechando o caminho e impedindo que o invasor prosseguisse.

Daqueles celestiais, Ablon conhecia todos. Diferentemente de Euzin, Asson ou Dariel, esses eram bons guerreiros, de espírito recuperável, mas que talvez não tivessem tido a coragem de repudiar o Príncipe Celeste e se juntar aos rebeldes. O renegado sabia que não eram perversos, mas temiam o tirano, por isso acatavam seus comandos. Uma centelha de pureza vivia-lhes no coração, e, quando levantaram as armas para atacar, um argumento de Ablon fez com que atrasassem os golpes.

— Muitos de vocês me reconhecem e já combateram a meu lado — falou, empunhando a Flagelo de Fogo. — Sou Ablon, o Primeiro General, e volto a Sion para novamente perseguir a vitória. Não importa quanto tenham se enfiado nas trevas, ainda lhes resta escolha, mesmo agora, tão perto do fim. Abram o cerco *e* recuem, e vejam-se libertos da opressão que os cerca.

Os capitães que ali estavam, ao escutar a oratória do anjo guerreiro, inter romperam a investida, mas, ainda confusos, não se despojaram das espadas.

Nesse momento, um elemento crítico abalou o cenário.

O Anjo Negro, terrível e imponente, saiu voando de um túnel escondido e aterrissou bem à frente da porta dourada, guardando ele mesmo a entrada. Ao avistar o pavoroso agente, os oficiais congelaram, indecisos. A quem deveriam seguir?

— A lealdade deles é para com o arcanjo Miguel — gritou o Anjo de Asas Negras, com a voz abafada por dentro do elmo. Carregava na cinta uma espada enorme; era forte como um touro, e vibrações indecifráveis emanavam de sua aura misteriosa.

Ablon o identificou de imediato e, mesmo controlado e seguro, não foi capaz de conter a raiva. Fora o

Anjo Negro que, tanto tempo atrás, enfrentara Ishtar e a espancara até a inconsciência. Também raptara Shamira de seu apartamento, exigindo que o general não se unisse a Lúcifer. À exceção de Apollyon, que matara a maioria de seus companheiros renegados, não havia quem o querubim mais detestasse. Miguel sempre fora um adversário simbólico, político, mas esses dois rivais eram objeto de seu ódio pessoal, porque haviam matado ou molestado seus amigos queridos, e não havia nada que Ablon prezasse mais do que a amizade sincera.

Naquelas circunstâncias, o renegado poderia ter barganhado, dialogado, negociado a libertação da feiticeira. Mas a razão o abandou e, com os olhos vermelhos de fúria, disparou pelo corredor, para aplacar sua ira. Expandiu as asas alvas manchadas de sangue, e os capitães desfizeram o bloqueio, assustados com seu ímpeto valente.

Confiante, o Anjo Negro tocou o cabo da espada. Um combate épico poderia ali ter início, mas, apesar da fúria, Ablon era agora muito mais sábio que outrora. Compreendia que Shamira precisava urgentemente de seu apoio e decidiu encerrar a batalha com um só movimento.

O Primeiro General foi veloz e investiu com a Flagelo de Fogo em ataque circular, atingindo perfeitamente o rosto do inimigo. A força do golpe atirou ao longe o guardião, enquanto seu elmo zunia em direção oposta, indo girar contra o solo de pedra em um característico arrastar de metal. Não fosse o capacete, teria o crânio amassado, mas o impacto foi suficientemente grave para levá-lo a nocaute. O Anjo de Asas Negras rolou pelo chão e escondeu a face nas trevas.

Era um agente e tanto, sem dúvida — e tão forte quanto Ablon. Nem se comparava aos capitães que guardavam a torre, carbonizados pelo simples toque da Flagelo de Fogo.

O que fazer? — ponderou o Anjo Renegado. Enfrentá-lo de uma vez, correndo o risco de chegar tarde demais a Miguel, ou dar as costas para o adversário, podendo ser abordado por ele depois?

Os guerreiros de bronze resolveriam o impasse.

Convencidos da superioridade e grandeza do Primeiro General, os capitães tomaram sua decisão. Em apoio ao líder rebelde, puxaram suas lâminas e partiram para atacar o agente de asas escuras, ainda atordoado. Ablon novamente sentiu o ímpeto de se juntar a eles, mas, com o estardalhaço, talvez Miguel já soubesse da invasão. O renegado temia que, ao escutar o ruído de luta, o príncipe assassinasse a necromante, em resposta à infiltração.

Não havia mais um segundo a perder.

Com a espada incandescente, estraçalhou a porta de ouro, como um esti-lete a rasgar o papel.

Dali, enxergou a escada que conduzia ao penúltimo andar, à Sala dos Portais — um nível antes do pináculo da Roda do Tempo.

"Eu Sou a Palavra"

Lá fora, ao redor da fortaleza, os guerreiros prateados — soldados rebeldes de elite, que haviam chegado em primeira ofensiva à torre — começavam a perder força. Combatiam com incansável bravura, mas

estavam fadados à morte. Dos mil querubins que iniciaram a batalha, liderados por Ablon, pelo menos trezentos já tinham caído.

Mas mesmo encurralados, fatigados e esmagados pelo contingente inimigo, o time avançado alcançara sucesso em missão. Os anjos rebeldes, em sua épica investida, conseguiram desorganizar as linhas de defesa aéreas que cercavam Sion. O cinturão protetor, antes composto por anéis de combatentes alados, agora não passava de uma massa caótica, um enxame de celestiais que voavam de um lado para outro, caçando os incríveis heróis que insistiam em lutar. Movidos pela ganância, os capitães perversos, em vez de manter formação, lançavam-se eles mesmos à perseguição dos revoltosos, esperando colher os louros pela mutilação de oponentes tão arrojados. Em sua ambição, pouco se preocupavam com a integridade do coletivo; eram maldosos e egoístas e subestimavam o exército dos novos rebeldes.

E justificado era seu julgamento. As tropas insurgentes estavam muito distantes, a quilómetros dali, além das cordilheiras, e o Primeiro General, ícone da revolução, havia sumido. Ninguém encontrara seu corpo, mas imaginavam que havia tombado, porque sua aura apagara-se completamente.

A falta de percepção desses comandantes cruéis encerraria seu trágico destino.

Próximas dali, enfiadas nas sombras das montanhas que abraçavam Sion, as arqueiras aguardavam o sinal da Sexta Trombeta. Uma multidão de belas guerreiras, em suas malhas de ouro, espalhava-se por toda a extensão da cordilheira, vigiando a torre inimiga pelos ângulos mais impensáveis e esperando. Não falavam, não se mexiam, mal respiravam. Escondiam-se entre as gretas, atrás das pedras, dentro das fissuras na rocha.

Preparada, de flecha entre os dedos, Varna percebeu a redoma que cercava o pináculo do forte e notou o excessivo número de anjos destacados para defender o pátio superior. Eram tantos que nem sequer se enxergava o terraço -ponto onde, ela sabia, estava fixada a Roda do Tempo. Mas se só um deus poderia mover o artefato sagrado, conforme diziam os sábios malakins, então qual seria a razão para tão ostensiva guarnição? Se a relíquia não podia ser removida ou alterada, por que Miguel teria ordenado que o pino fosse cercado?

Esperta, a general virou-se para uma de suas oficiais:

— É inexplicável o interesse do inimigo pela preservação do pináculo — afirmou, com os olhos possantes. — Junte as melhores — ordenou. — Faça com que concentrem seus disparos na guarnição do terraço. Quero que todos os alados no cume da torre sejam abatidos.

A lugar-tenente sinalizou em afirmativa e desceu a encosta anterior da montanha, silenciosa, para passar o comando às outras arqueiras.

— O que mais será que você guarda no coração dessa redoma vivente, impiedoso tirano? — divagou a guerreira, só para si.

Varna, como os demais querubins, era uma predadora. E seus instintos não costumavam falhar.

Com a mesma furtividade que o preservara seguidamente na terra, o Anjo Renegado, de espada em punho, galgou a escadaria de pedra vermelha e chegou a um aposento alto, de forma redonda e aparência sombria. Aquela era a Sala dos Portais, uma câmara tão célebre quanto seu singular morador. A aura de Ablon fervia de raiva e excitação, por finalmente ter alcançado o ponto final de sua demanda, iniciada havia pelo menos cinco mil anos.

Nas paredes ao redor do recinto, existiam passagens lacradas, encerradas por maciças portas de ferro. Essas entradas, sem maçanetas, eram centralizadas por recuos anelados, cada qual com seus símbolos distintos. Acessavam muitas dimensões paralelas, entre elas o céu e o inferno. Mas o Primeiro General não reparou nesses arcos nem deu muita importância ao fabuloso tomo, escrito por dentro e por fora, que encimava um pedestal em forma de meia coluna, bem no centro da sala. Sua atenção estava concentrada no objetivo primário.

No outro extremo da câmara, ele divisou a Feiticeira de En-Dor, presa pelos braços, atada por correntes, exposta como um trofeu. Seu corpo, suspenso no ar pelas amarras de ferro, bloqueava uma porta, mais larga que as outras, que levava ao pináculo da torre, onde estava fincada a Roda do Tempo. No olhar da mulher, o general distinguiu uma expressão diferente, mais controlada, quase irreconhecível.

E, entre ele e a necromante, erguia-se o mais temível dos adversários.

Miguel, o Príncipe dos Anjos. Uma figura alta, imponente, impiedosa e invencível. Seu rosto, parcialmente oculto pelo elmo, estava marcado por profundas cicatrizes. Vestia uma armadura completa, de aço refulgente, decorada com detalhes dourados, e nas mãos carregava a Chama da Morte, uma espada flamejante de cabo adornado. As asas eram brancas, e suas extremidades brilhavam como o fio de navalha.

— Então, o proscrito retorna à casa onde foi consagrado — provocou o arcanjo. — Pela segunda vez você invade Sion, procurando a vitória. Mas aqueles eram dias de glória, quando o Primeiro General combatia a meu lado, ceifando e massacrando sob as ordens do céu — incitou, recordando o tempo em que Ablon matava em seu nome. — Agora é a imagem da decadência celeste.

O renegado não cedeu à afronta. Estava determinado a libertar a feiticeira, antes de tudo.

— Você sabe por que vim — retrucou e, involuntariamente, seu olhar correu à mulher. — O Anjo Negro disse que eu a teria de volta se não me juntasse a Lú-cifer. E aqui estou eu, honrando as condições.

— Eu estou acima da honra, renegado — vangloriou-se. — Sou maior do que qualquer acordo ou promessa. Sou único, absoluto. *Eu sou* a palavra, a ordem. Dito minhas próprias leis e minha pretensão. Quando a última trombeta soar, toda a vida humana terá se extinguido. O tecido cairá, e então a alma da Feiticeira de En-Dor será o resquício final da existência de Yahweh, o derradeiro vestígio de um Deus desaparecido, exterminado por sua própria vontade. Tomarei esse poder e me consagrarei como o Altíssimo sobre este universo.

— Cairá antes disso, arcanjo — rebateu o general, convencido da demência do oponente. — Já perdeu a sanidade, e agora perderá a vida.

O tirano sorriu, com perigosa malícia.

— E quem me despojará? Você, o anjo proscrito? O pária celeste? O líder de uma irmandade de heróis mortos, humilhados? Sei que derrotou Balberith, Eu-zin e tantos outros. Mas eles eram apenas anjos. Eu sou um arcanjo, um gigante, o primogénito do cosmo, o filho do Luminoso. Nunca fui derrubado, e não o serei. Tenho um destino a cumprir, e ele me põe na culminância de todas as criaturas. Em poucas horas, quando a Roda do Tempo findar, jogarei sua cabeça para as legiões revoltosas. E aí elas saberão a quem devem obedecer.

Desagradado com a arrogância do inimigo, Ablon preparou sua lâmina.

— Vejo que está cego pelas trevas, Miguel. Trago comigo a Flagelo de Fogo, que antes pertenceu ao Mensageiro. As chamas da espada iluminarão sua razáo e purificarão suas idéias. E assim será, para o bem ou para o mal.

Com isso, os dois celestiais cruzaram suas armas ardentes.

E, antes que desferissem o primeiro golpe, escutaram o ruído da Sexta Trombeta.

Era o princípio do fim.

12-A Sexta Trombeta • Começa a Batalha

Na planície, os rebeldes estavam alinhados. Baturiel os organizara em alas e fileiras, como colunas e linhas, verticais e horizontais. Formavam assim um exército maciço, como uma parede altíssima e de larga espessura. Apenas os soldados da primeira ala se apoiavam em terra. Os outros, sobre eles, adejavam, pairavam no ar, esperando para voar ao objetivo. Elevavam-se do chão três mil metros acima, que era a distância do solo até o último andar da fortaleza inimiga, e assim avançariam, em formação.

Baturiel, o Honrado, era o único destacado e voava à frente, armado de lança e espada, preparado para liderar os milhões. Era noite, mas a lua cheia iluminava todo o deserto, como um lustre fúnebre aceso para o confronto final.

Do acampamento, os revoltos assistiam ao massacre de seus guerreiros de elite, bravos celestes que encararam a morte para facilitar a ação das legiões principais. Mas, ao observar seus companheiros tombarem, não esmoreciam — ao contrário. A cada prateado abatido, acumulava-se no coração dos insurgentes a ânsia pelo combate, a energia que provém da vingança. A cada instante de espera, crescia o desejo pela batalha, a vontade de lutar, de cruzar armas e perseguir o triunfo.

E foi no exato momento em que caiu um dos alados mais estimados que soou a Sexta Trombeta.

De lança e espada nas mãos, Baturiel gritou, ao silenciar do estrondo:

— Aos probos, os louros; aos perversos, a morte! — repetindo as palavras de Ablon em seu discurso ao exército. — Em honra do Criador e das criaturas da terra!

E iniciou seu ataque.

As legiões rebeldes o seguiram.

Na Fortaleza de Sion, os defensores, que ainda brigavam com os lutadores de prata, avistaram o maravilhoso exército rebelde que se levantava no sul e progredia contra a cordilheira. Se comparados às tropas sitiadas, os revoltosos constituíam uma força pequena, apesar de seus milhões de soldados. A energia desses atacantes, contudo, sufocava os perversos, que se apressaram em retomar posição, pois assim se achavam indestrutíveis. Mas muitos de seus generais haviam sido exterminados pelos combatentes de elite, e os capitães encontravam dificuldades para refazer os anéis.

Então, antes que reagrupassem o cinturão de defesa, uma torrente de setas, que mais pareciam raios dourados, precipitou-se sobre parte dos guerreiros que protegiam a bastilha. Disparadas de todas as direções, as flechas encontraram seus alvos, abatendo grande número de sitiados. Eram tantos os projéteis que ao ser arrojados imitavam uma onda veloz, obscurecendo até mesmo o brilho da lua.

Mas de onde partia aquele ataque quase invisível? Como surpreendera tão eficientes soldados?

As picadas certeiras dizimaram todos os combatentes que rodeavam o pináculo da torre e, quando eles caíram, Varna enxergou o pátio da Roda do Tempo. Percebeu uma mulher de pele clara e cabelos negros

presa a uma pilastra de mármore e concluiu que fosse a Feiticeira de En-Dor, embora nunca a tivesse encontrado.

— É a tal necromante — disse para uma oficial a seu lado. — A redoma tinha o intuito de escondê-la do Primeiro General, para que ele entrasse em Sion por outro caminho. É possível que o anjo guerreiro esteja sendo atraído para uma armadilha.

Na Torre das Mil Janelas, um dos comandantes maldosos, chamado Mirdoth, viu a movimentação das arqueiras nas montanhas circundantes, agora claramente aparentes, e entendeu quanto seus lutadores estavam vulneráveis a sucessivas investidas. Deduziu, com isso, a estratégia dos revoltosos e tentou organizar os esquadrões.

— Voem para a cordilheira! — berrou. — Massacrem os proscritos!

— Não! — discordou um segundo general, estourando aos gritos. — Não podemos deixar a fortaleza desguarnecida.

As legiões hesitaram, aguardando o comando final.

— Então dividamos os grupos — propôs Mirdoth. — Não vou servir de alvo para os insurgentes.

— Chamem as legiões de dentro da torre! — exigiu um terceiro, ferido na asa por um golpe dos prateados.

Enquanto discutiam, principiou-se uma nova torrente. Mirdoth foi perfurado por uma seta que lhe atravessou a garganta, e um outro caiu com uma ponta alojada no ombro. Mais defensores tombaram, mas ainda eram muitos os intocados. Um oficial sobrevivente autorizou o deslocamento de tropas do interior da torre para o lado de fora.

Assim, Sion converteu-se em algo semelhante a um ninho de insetos, repleta de zangões que saíam em fila, ajustando os ferrões.

Mas, abandonando o forte, as companhias internas esvaziaram os salões principais, deixando a guarda de seus túneis a alguns poucos vigias, que sozinhos não teriam condições de impedir uma invasão — caso os rebeldes ali penetrassem.

Na sombria Sala dos Portais, Ablon e Miguel se entreolhavam, em perfeita concentração, iluminados somente pelo ardor de suas espadas fulgentes. Confiante em sua grandiosidade, o Príncipe dos Anjos esperava pelo primeiro golpe, deliciando-se com a tensão do inimigo. O general, por sua vez, suava, aguardando um vacilo para manobrar sua lâmina.

Os dois — príncipe e vagabundo — escutaram, com seus sentidos afinados, a gritaria do exterior e o rasgo das flechas mortais que se fincavam nos sitiados. Depois, veio o impacto abafado das setas, derrubando um por um os defensores.

— Parece que seus guerreiros foram surpreendidos — constatou o renegado. — Minhas legiões deram início ao ataque. Logo, Sion será invadida.

— Seus regimentos não perdem por esperar. Os insurgentes serão aniquilados, e suas legiões, totalmente vencidas. A mulher será sacrificada, e a essência de sua alma me elevará à divindade.

— Sua loucura é patética, Miguel. Com ou sem um espírito humano, acha que, sozinho, será capaz de governar todo o espaço universal? Sua liderança ruiu até o firmamento e dividiu os anjos do céu. Seu carisma é uma farsa, e seus partidários o temem. Que tipo de reino pretende forjar sob o jugo do medo?

— O medo é o instrumento dos fortes, não o carisma ou o amor. Só a firmeza e a repressão governam. A benevolência leva à fraqueza, à indisciplina e à inação. E você, general, é a imagem dos fracos, a mancha que ameaça a pureza dos gloriosos. Por milênios tolerei sua anarquia, mas hoje terminarei minha missão, conforme preconizou o Pai Criador.

Ablon não compreendia, em absoluto, o curioso fatalismo do soberano. Imaginou o que impulsionava sua fé no absurdo, mas interrompeu o raciocínio quando percebeu a ação da espada oponente. Era a Chama da Morte, que descia para esmagar-lhe a fronte!

Em súbita agressão, o tirano atacou com toda a energia e perícia, e por um momento o querubim achou-se desesperado, a exemplo de seus embates com Lúcifer e Gabriel. Mas uma força superior animou seus movimentos, e a Flagelo de Fogo subiu para bloquear a poderosa lâmina do adversário. Ao choque das armas, um fogaréu emanou das folhas ardentes, aclarando todo o recinto.

— Então ousa persistir no desafio, em vez de entregar-se à morte? — rosnou o Monarca Celeste.

— Vou além com minha ousadia — rebateu o general. Em suprema velocidade, rolou para o lado e avançou como uma fera voraz.

Mas o arcanjo era astuto e se defendeu. Começava assim o combate, com uma incrível sucessão de golpes que, a cada batida, estremecia a fortaleza.

Enquanto ainda se recuperavam do espanto das flechas, os defensores assistiram à violenta abordagem dos revoltosos. As legiões regulares, lideradas por Baturiel, avançavam sobre os sitiados, cheias de cólera e vontade. Lá embaixo, na base da torre, já se empilhavam milhares de corpos, vitimados pelas flechas douradas e pela pujança dos guerreiros de prata. O montante de cadáveres, destroçados e mutilados, prostrava-se no solo, chegando à altura do primeiro andar.

Enfim, os poucos sobreviventes do grupo de elite recebiam reforço. Podiam recuar agora e ainda assim manter sua honra, mas nenhum dos celestes largou o combate. Continuaram a batalhar, e seguiriam lutando até a vitória final, ou até que a morte os levasse.

Sucedeu-se, então, o choque inevitável. O exército dos novos rebeldes atacou em vários níveis, cada qual mirando um cinturão de defesa. Milhões de guardiões da fortaleza receberam a carga dos invasores, que rapidamente se espalharam por todos os cantos. Baturiel e seus anjos engoliram as linhas de sítio, suprimindo as defesas de Miguel como uma mão que se fecha sobre o cabo de uma bengala.

A distância, a Torre das Mil Janelas converteu-se em um negro emaranhado de soldados alados, que se digladiavam em feroz ofensiva. A zona de conflito parecia uma nuvem coruscante, ora preta, ora rubra, que se movia em ondas desencontradas.

Para quem estava no calor da peleja, o barulho era quase insuportável. Metal se chocando, gritos estridentes de dor, zumbidos de flechas e lanças passando a centímetros. Apesar de Sion erguer-se a quilómetros do chão, a área de batalha estava superlotada, e volta e meia um guerreiro era ferido por um golpe resvalado. Além do ar rarefeito pela altitude, o calor no centro da briga era incrível, com milhões de celestes lutando tão próximos.

Os rebeldes eram superiores, tinham bravura, força e disciplina, e a princípio seu triunfo era certo. Mas não paravam de sair esquadrões do interior da bastilha, repondo a cada segundo os milhares de mortos e

feridos.

— Quantos mais ainda existem lá dentro? — perguntou Shenial, um general insurgente, ao honrado Baturiel.

— Não sei — o outro admitiu, voando pelas linhas adversárias. — Ataquem os comandantes! — vociferou, sempre atento à evolução do confronto. — Sem os capitães, os malignos ficarão desnorteados.

E, ilustrando a tática ordenada, Baturiel enxergou um chefe inimigo, que com a espada em punho tentava reagrupar sua divisão. O nome dele era Lahash, e antes da guerra civil era tido como um oficial indisciplinado, embora poderoso. Devia ter alcançado o posto de comandante por meio de bajulações e sub terfúgios, e o Honrado decidiu que ele seria seu alvo.

Mestre no uso da lança, Baturiel arremessou a arma contra Lahash. A lâmina voou tão rápido que parecia invisível, e por fim penetrou a placa peitoral do celeste. O rival não tardou a morrer. Num instante suas asas se fecharam, a visão apagou e ele caiu, atrapalhando os soldados que lutavam nos cinturões abaixo.

Um oficial de Miguel chegou por trás, mas Baturiel pressentiu o golpe. Esquivou-se do aço e logo avançou. A decisão mais óbvia foi reagir com um soco. O murro acertou o adversário no queixo, e mesmo com a barulheira da guerra todos ali escutaram o ruído do pescoço rachando.

Depois, sacou a espada e prosseguiu com a chacina.

O assalto dos anjos do fogo

No topo da fortaleza, Ablon e Miguel persistiam em fervoroso duelo. As lâminas se encontravam, e o Primeiro General resistia, mas era clara a superioridade do Príncipe dos Anjos, que frustrava todos os golpes do inimigo, respondendo às agressões com habilidade admirável.

Ablon tentou avançar com um assalto na vertical, mirando-lhe a cabeça, depois na horizontal, à direita e à esquerda. Miguel defendia com tanta força que o bloqueio era quase um ataque e obrigava o renegado a usar toda a potência dos músculos para não se partir ao meio.

Era a vez de o príncipe se adiantar. Era tão rápido que seus golpes deixavam rastros de movimento impressos no ar, os quais desapareciam momentos depois. Um humano que presenciasse um combate assim nem enxergaria as pancadas, tão assombrosa era sua velocidade.

Miguel lutava com maestria ímpar. Lançou uma sequência de ataques ligeiros, sem muita penetração, só para cansar o inimigo. Depois de dez ou quinze movimentos, usou as asas para pular sobre Ablon, rodopiando, e descer às costas dele. Com esforço, o Primeiro General conseguiu se virar, mas a guarda ainda não estava firme. Por pura sorte, a Chama da Morte encontrou a Flagelo de Fogo — se encostasse na armadura, o renegado estaria morto! A pancada foi impressionante, e Ablon foi duramente jogado contra a parede, sentindo alguns ossos da asa direita se quebrarem. Um pouco de sangue escorreu pela boca, mas ele se levantou prontamente, para segurar o próximo baque.

No decurso de suas aventuras, jamais enfrentara tão formidável oponente. Nem mesmo em suas legendárias batalhas confrontara um adversário com tal capacidade.

— Desista, rebelde! — exclamou o tirano. — Sua insistência só adiará sua morte. Prostre-se, para que eu abrevie este duelo.

O querubim estacou, diante da súbita proposta.

— Um arcanjo demonstrando piedade? Não é a firmeza que governa o universo?

Miguel não respondeu. Por um segundo, a justiça bateu em seu coração, e ele se lembrou das Batalhas Primevas e do rosto do Pai Celestial, cheio de afeição e bondade. Houve um tempo em que o príncipe chegou a amar, mas esse amor o levara ao ciúme. Isso fora nos dias antigos, quando Yahweh fizera de sua essência a alma humana, entregando aos mortais a obra terrena, que os arcanjos julgavam ser sua. O amor dos gigantes transmutou-se em ódio, fomentando a tirania.

— Por quê, Príncipe Alado? — insistiu o renegado. — Como se degradou a tal ponto? Por que não fez o que lhe foi ordenado e louvou a graça dos homens? Talvez, se lhes tivesse indicado o caminho do bem, nunca tivessem conhecido a guerra ou a violência. Não foi para isso que foi coroado? Para liderar anjos e mortais e levá-los à trilha da virtude?

Um brilho de esperança acendeu nos olhos da figura malévola.

— Orion teria concordado com você — admitiu. — Foi assim que reinou em Atlântida. Mas não sou indulgente. Recuso-me a servir aos impuros, porque provenho da luz do Onipotente. Como poderia adorar um bando de animais que se arrastavam na profundidade das cavernas imundas?

— Os humanos são os herdeiros de Deus e carregam na alma o legado do Criador-Ablon discordou. — Devia ter se conformado, servido. Mas sua soberba o incitou à carnificina.

Miguel abaixou a espada, consternado, refletindo sobre o impasse. Era ligeiramente mais alto que Ablon, e fisicamente mais vigoroso.

— Então eu lhe pergunto, Anjo Renegado, por que está lutando contra mim? Também não é um perverso que combateu em mil batalhas sangrentas?

— Não vou negar — reconheceu — nem vou me justificar por meus assassinatos. Não vou julgar meus atos, tampouco os seus. Mas agora não posso mais recuar. Há muitos que amo, muitos que confiaram em mim. Por eles, batalharei até a última centelha, mesmo que para isso tenha que roubar mais uma vida.

— Mate-o — surpreendeu a Feiticeira de En-Dor, acorrentada. O general não compreendeu sua atitude, tão calma costumava ser a mulher. Supôs que estivesse sob tremenda fadiga mental.

Mas foi Miguel quem atacou, recuperando toda sua loucura. Sumiu a dúvida na face do opressor, e ele golpeou com a Chama da Morte, em traiçoeira manobra. Ao enérgico impacto da arma inimiga, a Flagelo de Fogo escorregou das mãos do renegado, indo perder-se em um extremo da sala.

Desarmado, o general preparou a Ira de Deus, mas antes disso sofreu mais um assalto. Conseguiu esquivar-se, mas fugiu para uma área pequena, onde seria encurralado. A lâmina resvalou no chão de pedra, abrindo uma enorme fissura no piso.

Miguel revirou-se, cercando o querubim em um canto e submetendo-o sob o fio da espada.

— Esta é sua fronteira, proscrito, seu limite. Chega ao fim sua jornada — e, sem piedade, manobrou sua arma para lançar o choque fatal.

Mais uma vez, porém, a Ira de Deus salvaria o herói.

Com inacreditável destreza, o soco partiu, e Ablon percebeu como se sentia bem utilizando sua técnica fundamental. Ele nunca soube direito como acontecera, mas parecia que nunca estivera tão forte. A energia divina percorreu seu corpo, agitando os átomos no espaço e concentrando o vigor na dureza dos punhos. A Ira de Deus, geralmente invisível, brilhou com uma aura dourada, acertando o rosto do tirano celeste.

Miguel não esperava uma surpresa daquelas. Viu apenas o murro se aproximando, explodindo contra o nariz, destruindo-lhe completamente o elmo. Atónito, cambaleou para trás, tropeçou e caiu. Agora tinha sangue no rosto, e por um minuto a visão escureceu. Tossiu e tentou se agarrar à parede.

O soco de Ablon liberou o caminho entre o Primeiro General e a Feiticeira de En-Dor. Com a celeridade da acometida, a pena escurecida de Apollyon, que o guerreiro carregava no cinto, desprendeu-se e escapou para o breu, sem que ele percebesse.

No curto instante de calma, durante o qual Miguel se levantava, Ablon não pensou em massacrá-lo. Dispensou a oportunidade de liquidar o rival e preferiu libertar a necromante, aprisionada pelas correntes de ferro. Por ela ingressara na guerra, e por ela invadira Sion.

O Anjo Renegado acudiria Shamira, para depois terminar a peleja.

Mesmo com as legiões internas da fortaleza unindo-se às tropas externas, os rebeldes venciam. Os soldados defensores eram repostos pelos esquadrões que saíam da torre, mas nem os incólumes eram capazes de segurar a coragem dos invasores. Nas montanhas, as arqueiras continuavam a disparar suas setas, mas não mais em ondas compactas, e sim em ataques cirúrgicos, para não ferir os companheiros em combate. Agora, não só o chão, mas os degraus que circulavam os andares estavam abarrotados de mortos, e as rubras pedras do baluarte ficavam ainda mais rubras.

Então, surgiu no horizonte um grupo de celestiais envoltos em uma nuvem ardente. Do corpo escapavam labaredas vermelhas, e os punhos copiavam tochas acesas. Esses revoltosos, liderados pelo inestimável Aziel, não eram anjos guerreiros. Não carregavam arma ou armadura. Eram os ishins, governantes das forças elementais, que chegavam à batalha no momento do esvaziamento da torre. Tinham por missão invadir a bastilha e inflamar o símbolo da opressão, destruindo o maior orgulho do arcanjo Miguel.

— Guerreiros de prata — convocou Baturiel, ao perceber a aproximação de Aziel e seu time —, atrás de mim! Preparar ponta de lança — ordenou. Pelo menos cem batedores de elite ainda viviam e responderam ao comando do general valoroso.

Com esses heróis, o Honrado formou uma dupla fila no céu, para perfurar as posições inimigas e abrir uma ponte segura, através da qual os anjos do fogo pudessem passar sem ser acertados. Não eram combatentes, apesar de seu poder magnânimo, e sofreriam se expostos ao calor do conflito.

Assim atacaram os prateados e seu comandante, improvisando uma trilha celeste. Por esse livre corredor seguiram os ishins, para adentrar o forte por suas incontáveis janelas, agora já desguarnecidas.

Quando pisaram nos salões de Sion — imensas câmaras vazias, de magníficos vitrais, colunas enormes e teto ogival —, Aziel e seus alados estavam prontos para iniciar o incêndio.

Mas e quanto a Ablon, o Primeiro General? Ele ainda não regressara.

A Chama Sagrada decidiu esperar.

Traição em Sion

Ablon cruzou a Sala dos Portais com uma batida de asas, sobrevoando o pedestal no centro da câmara sobre o qual jazia o Livro da Vida. Agarrou-se à parede e, só com as mãos, arrebentou as correntes que prendiam Shamira.

O ferro partiu-se com um estalar abafado.

Sem dar espaço ao raciocínio, o Anjo Renegado tomou nos braços a feiticeira, que se apoiou na armadura do herói.

— Vou deixá-la em área segura. Há muitos túneis vazios nos andares inferiores — avisou, satisfeito por tê-la libertado, mas então estranhou o aroma da pele, que mascarava um odor adverso. A textura da tez também parecia bem diferente, e até as batidas do coração não soavam as mesmas.

No outro extremo da sala, o Príncipe dos Anjos ergueu-se, com os cabelos pretos cortados por uma mecha branca agora soltos, depois da destruição de seu capacete. Dali, retomou a Chama da Morte e enxergou o rosto da necromante, amparado ao ombro do general. De repente, os olhos castanhos da moça ficaram azuis, e sua face inverteu-se em uma expressão demoníaca.

Ainda sem sua espada, Ablon deu meia-volta em direção à saída e só então percebeu as nuances do aposento. De posse da mulher, observou bem toda a sala, procurando a melhor rota de ruga. Mas então notou um detalhe terrível.

Das dezenas de portas místicas, com seus recuos anelados e símbolos característicos, uma estava entreaberta — era a passagem do inferno!

Antes que reagisse, a mão pequena da necromante, que abraçava seu forte pescoço, cresceu em garras enormes. As unhas pontudas, negras e afiadas penetraram a garganta do querubim, rasgando-lhe a carne em um movimento ligeiro.

Imediatamente, o renegado a soltou e caiu de joelhos, com jatos de sangue a espirrar pelo chão. O corte dilacerara a artéria carótida, e a morte era só uma questão de minutos.

Aturdido, assustado e sem palavras, Ablon voltou o olhar para a figura da feiticeira e de repente entendeu quem era, verdadeiramente, seu ardiloso carrasco.

Lúcifer, o Arcanjo Sombrio, estava ali, de pé, fitando o renegado com seu habitual sorriso malicioso. Como antes, vestia uma túnica branca, mas agora sobreposta por uma placa dourada. Trazia uma espada — fato raro, porque nunca era visto portando nenhum tipo de arma.

Mas o que fazia o Senhor do Sheol na Fortaleza de Sion? Como teria entrado na torre? Quem o teria chamado? Era um demônio, supostamente o maior inimigo do céu.

— O Diabo tem muitas faces — sussurrou a Estrela da Manhã. — Você já deve ter ouvido isso em algum lugar — comprimiu as asas de morcego e juntou os dedos em estilo teatral.

— Lúcifer! — exclamou o Primeiro General, esforçando-se para respirar. — Seu traidor! Era uma ilusão...

— Ilusão? — protestou, indignado. — Ora, general, reconheça, ao menos uma vez, a grandeza de minhas habilidades. Não se trata de ilusão, absolutamente. É minha capacidade de transmutar-me. Você já a conhecia, suponho.

O renegado nada disse, tomado pela dor e engasgado com o próprio sangue, que lhe escorria aos litros pelo pescoço.

— Tente entender, Ablon, não é nada pessoal. Fiz de tudo para evitar este horrível confronto. Chamei-o até mim e ofereci-lhe aliança. E aí, quando você recusou, não tive escolha — e simulou uma carranca de choro. — Eu sinto tanto! Se sua resposta fosse outra, talvez hoje estivéssemos aqui, eu, você e Miguel, prontos para dar a partida a um novo mundo, preparados para governar todo o universo. O que é a terra senão uma semente perto da magnitude do cosmo? Quantos planetas poderíamos povoar por aí afora? Quantos sóis poderíamos ainda dominar?

E, ao terminar o discurso, ficou muito sério e completou:

— O Armagedon não é o fim, é o princípio.

— Mas a revolução... — Ablon tossiu. — A guerra no céu.

— Minha queda foi forjada — continuou o Filho do Alvorecer —, e muito bem arquitetada por mim e por meu irmão — e a imagem do Príncipe dos Anjos ressurgiu no limitado campo de visão do general moribundo. —Assim, governaríamos o céu e o inferno, a luz e as trevas, e no final teríamos a recompensa pela qual esperamos. Para nossa conspiração, recrutamos um agente duplo, o Anjo Negro, único canal de comunicação entre o porão e o poleiro, uma entidade capaz de viajar livremente pelos planos de existência. Agora, com a essência da feiticeira, teremos o livre-arbítrio, e a destruição do tecido extinguira a fronteira que restringe nossos poderes. Onipotentes e dotados de vontade própria, cumpriremos nosso destino e nos elevaremos à divindade. O deus da luz e o deus das trevas, reinando absolutos sobre o infinito!

— Dois arcanjos dividindo o poder? — a hipótese seria até cómica, se não fosse tão trágica.

— Sua visão é limitada, porque desconhece os anais dos dias remotos. Há muito tempo, antes da luz, havia Yahweh, o deus da claridade, e Tehom, a deusa da escuridão. O Criador nos deu a vida para que lutássemos a seu lado nas Batalhas Primevas e derrotássemos os deuses das trevas. E, quando tudo se acabou, quando o Altíssimo venceu e completou o trabalho da criação, sentiu-se ocioso, pois havia findado seu objetivo. E, cansado, dissipou sua essência. O maior erro do Reluzente foi ter-se consagrado único, porque isso acabou por levá-lo à inércia. Não cometeremos esse deslize. Sempre haverá fulgor e obscuridade; essas são duas províncias imisturáveis. Seremos eternos, inacabáveis, e cada qual controlará o seu reino. Para sempre brilhará em nós o estímulo da vida, porque o espaço é perene. E quando estivermos aborrecidos, restarão mais mundos para colonizar ou para destruir; mais lugares para saciar nossa fome. Povoaremos o cosmo com nossos agentes leais, que não serão nem anjos nem demônios, mas uma espécie renovada, nossos arautos. O duplo reinado garantirá nossa infindável sobrevivência. E assim encerra-se nosso conluio, tão primorosamente realizado — finalizou, caminhando para mais perto do irmão. — No paraíso ou no Sheol, ninguém desconfiou de nossa intenção — vangloriou-se. — É admirável o poder da comunicação. Acho que sou o pai dos políticos.

Miguel, o Príncipe dos Anjos, repôs à bainha a Chama da Morte e aproximou-se do general.

— Ishtar chegou perto da verdade — revelou o tirano, invocando o nome da renegada, a primeira proscrita assassinada, espancada pelo Anjo Negro.

— Ah, sim, aquela pobre garota — recordou-se Lúcifer. — Como poderia tê-la esquecido? Ishtar foi a única que suspeitou de nosso estratagema.

Irado, porém inútil, Ablon arrastou-se pelo piso da sala, na vã tentativa de retomar a Flagelo de Fogo, que ainda crepitava ali perto. Os inimigos gargalharam, desprezando seu esforço.

— Pouco antes da queda, Miguel e eu nos encontramos na terra para acertar os pormenores da conspiração, longe dos outros arcanjos. Ishtar, que vagava pelas cercanias, pressentiu nossa aura e descobriu nosso segredo. Seria um perigo para nós se ela desse com a língua nos dentes, portanto preferimos exterminá-la e caçar todos aqueles aos quais ela poderia repassar a informação. Eis o motivo pelo qual a irmandade foi condenada.

— Então era tudo uma desculpa — gemeu o general. — A justificativa de que os renegados provocaram sua queda era só um pretexto. Também a propaganda de Miguel não passava de um embuste para nos silenciar.

— Antes disso, enxergávamos a Irmandade dos Renegados como um séquito de desprezíveis. Suas idéias não poderiam nos ameaçar... até suceder-se esse desagradável episódio. E aí tivemos que decretar sua perseguição.

Exaurido, no limite de suas forças, Ablon animou-se para mais uma vez buscar o cabo da espada, mas não conseguiu. Uma nódoa grande de sangue inundava o solo de pedra, e sua pressão despencava.

Com os olhos cinzentos já se apagando, ele fitou a porta do inferno, amaldiçoando sua pouca cautela e sua incapacidade de compreender a mente aguçada dos inimigos. Lúcifer agachou-se, para uma última e surpreendente revelação.

— A chave. Nunca precisei dela realmente, ou não a teria entregado na caverna do Diabo. Era uma relíquia original, de fato, mas não fazia a menor diferença para mim, já que minha passagem para Sion esteve aberta desde o início. Usei-a para desviar sua atenção, e consegui, ao que me parece. O segredo de uma boa mentira está nos detalhes, general.

Incapaz de falar ou reagir, o Anjo Renegado gemia, desejando ter a Flagelo de Fogo ao alcance. Admirado com o vigor do querubim, o Filho do Alvorecer, sarcástico, sinalizou para o irmão, permitindo que o moribundo recuperasse sua arma. O Monarca Celeste concordou, mais por sadismo que por piedade, e chutou a espada, que foi parar sob o punho do massacrado guerreiro. Com toda a energia que ainda guardava, Ablon apertou o cabo do sabre, sem a intenção de largá-lo.

— Se assim prefere... — consentiu o Diabo — Morrer brandindo a espada... Não farei objeção.

Lúcifer girou nos calcanhares e falou ao cúmplice:

— Vamos, Miguel. Continuemos nossa conversa na cobertura. Lá é mais arejado — convocou, referindo-se ao pináculo da torre, o pátio da Roda do Tempo, onde a verdadeira Shamira estava aprisionada. — Permitamos que o revoltoso veja a feiticeira pela última vez.

O Príncipe dos Anjos agarrou o general pela gola da armadura, para arrastá-lo ao terraço. Antes, porém, pegou o Livro da Vida, sobre o pedestal, e o levou juntamente para o andar culminante.

A Estrela da Manhã subiu as escadas, seguida por Miguel. O sangue do renegado escoou nos degraus,

desenhando uma trilha macabra e fazendo uma poça no chão do salão.

Aos estímulos do cérebro, os músculos do querubim não mais respondiam, mas manteve os dedos firmes, carregando consigo a lâmina ardente.

A Cidade no Centro do Cosmo

Nas águas rubras e turvas do Styx, os leviatãs estavam muito próximos de seu destino, embora os passageiros desconhecessem o caminho. Os barqueiros haviam conduzido as hordas por dimensões extraordinárias, algumas alheias até mesmo à inteligência dos espertos duques do inferno.

O último atalho cruzaria um universo oculto, aterrador aos demônios — não por seu caráter maléfico, mas por sua natureza ilógica. Para um grupo de poderosos caídos, que julgava ter visto de tudo e vivenciado as mais formidáveis experiências, aquele era um sítio de agonia e frustração.

Os leviatãs deslizaram por um canal, um dos braços principais do Styx. As marolas estouravam nas margens, retidas por paredes esverdeadas de ferro, corroídas pela ferrugem. O terreno, por todos os lados, dava vida a uma impressionante cidade, diferente dos padrões concebíveis. Torres compridas nasciam do chão, encimadas por espigões de aço retorcido. No céu, brotavam mais construções, de cabeça para baixo, como se a urbe fosse moldada no interior de uma esfera, de proporções incalculáveis.

Mas apesar de sua amplitude, a localidade era abafada, úmida e sufocante. Um silêncio mortal inundava a metrópole, quebrado, de minuto em minuto, por um ruído agudo, parecido ao arrastar de uma monstruosa corrente. E, à borda do canal, acotovelavam-se os assustadores habitantes daquela terra bizarra — seres pequenos, redondos, de casca metálica, desprovidos de membros, que flutuavam no ar. Não tinham rosto, só um único olho, sem pálpebras, que usavam para observar os passantes. Transpareciam um tipo sinistro de imparcialidade, como se não possuíssem espírito ou emoções, boas ou más. Nesse ponto, eram idênticos aos barqueiros — criaturas enigmáticas, impenetráveis.

Asmodeus surpreendeu-se ao examinar tão inusitado cenário.

— Diga-me, Orion — sibilou o demônio ao Rei Caído de Atlântida. — Você, que tanto estudou sobre os infinitos mistérios do multiverso... o que diria sobre este ambiente medonho?

O satanis fitou novamente as torres de aço e inclinou a cabeça.

— Xandria, a Cidade no Centro do Cosmo — afirmou, sem muita certeza. — É assim chamada pelos malakins, ainda que não seja propriamente uma cidade nem .steja exatamente no centro do cosmo.

— E o que são essas figuras vazias, que nos encaram da margem? — indagou o duque, referindo-se às entidades de pele de ferro. — Não desprendem nenhuma essência ou energia vital.

A erudição do atlante não chegava a tanto.

— Não sei quem são, mas pertencem a uma esfera cósmica adversa, e isso explica nossa incapacidade de compreendê-las. Talvez sejam animadas por outra sorte de energia, diferente da minha ou da sua. Seria tolice especular a respeito

— concluiu, encerrando a conversa.

Da proa, os oito nobres satânicos avistaram a passagem para uma galeria e viram quando a abertura se dilatou como mágica, para receber o primeiro dos navios gigantes. O túnel fluvial, que descia ao subterrâneo, ampliou-se, e por ele seguiram os leviatãs, lotados de diabos e espíritos-escravos.

Dentro em breve, alcançariam o ponto terminal da viagem: o plano etéreo.

O Veneno da Serpente

Enquanto a batalha seguia em volta de Sion, vitimando milhões de alados, no interior Aziel e os ishins esperavam, na frigidez das câmaras vazias. Mesmo juntos, pareciam formigas diante da enormidade dos salões abandonados. Depois que todas as legiões de apoio se deslocaram para fora da torre, a fortaleza ficou desprotegida, quieta e um tanto soturna. O brilho da lua trespassava os vitrais, desenhando fúnebres figuras às sombras das magníficas colunas de bronze, que às vezes substituíam os pilares rochosos, em certas salas mais suntuosas.

A Chama Sagrada e seus comandados — anjos ígneos, que mantinham os punhos em lume perene — esquadrinhavam os aposentos e avançavam, pouco a pouco, para o coração da bastilha, procurando seu eixo fundamental, para então principiar o incêndio. Poderiam estalar imediatamente o fogaréu, posto que suas flamas divinas eram suficientemente intensas para consumir pedra, vidro e bronze. Mas Aziel adiou a ação, preferindo, antes, buscar a tal linha central de sustentação, ponto onde as explosões provocariam uma destruição mais eficiente — e mais rápida. O atraso também daria mais tempo ao Primeiro General, que até então não retornara ao campo de guerra.

O time meteu-se por um túnel pequeno, de paredes circulares e iluminação fraca — uma das passagens labirínticas que se conectavam aos andares superiores, também chamadas de vias angélicas —, chegando, finalmente, a um corredor largo e vazio. A parede norte era aberta, amparada por pilastras quadradas. A janela permitia uma impressionante visão do exterior, e dali os invasores observaram, por segundos, a evolução do conflito e a determinação dos rebeldes, que derrubavam com vigor os sitiados, destronando suas defesas e abrindo caminho para a vitória final.

Banindo a escuridão com as mãos inflamadas, Aziel, surpreso, divisou marcas estranhas no piso, que de tão peculiares despertaram sua atenção. Pareciam ter derretido o soalho, todo pavimentado com maciças placas de pedra. Eram pegadas, ou assim se mostravam. Ajoelhou-se para examiná-las e descobriu, ainda, minúsculos buracos no solo, como gotículas de erosão, supostamente provocados por pingos corrosivos — ou seriam lágrimas de fogo?

Tocou as distorções e percebeu que ainda ferviam. Tais marcas teriam sido causadas, certamente, por passadas escaldantes, emanadas por alguma entidade elemental, tão ou mais poderosa que ele. Aziel sabia que só os ishins tinham a habilidade de criar labaredas capazes de fundir as rochas mais duras, e imaginou, inicialmente, que um membro de sua casta, simpático ao inimigo, vagava pelos arredores.

Por estar no principal bastião dos celestiais leais a Miguel, a mente de Aziel esqueceu o mais simples. Não só os ishins detinham a supremacia sobre a província do fogo, mas também os zanathus. Excitado e temeroso, ele logo percebeu seu lapso.

— Amael... — decifrou, em um murmúrio engasgado. E virou-se a seus companheiros:

— Fiquem aqui e não façam nada até que eu retorne.

De pronto, seus seguidores acataram o comando, porque compreenderam, no instante exato, a carga dramática da situação e o grande desafio imposto, pelo acaso, ao líder do esquadrão. Se Amael estivesse mesmo ali, na Torre das Mil Janelas, Aziel deveria encará-lo — e sozinho.

Ele não parou para pensar no absurdo que significava um infernal transitando livremente pela fortaleza do Soberano Alado. Desde quando a inexpugnável Sion servia de esconderijo para diabos?

Cauteloso, porém pouco furtivo, continuou pelo corredor, sem enxergar o que espreitava adiante.

O primeiro dos leviatãs — provavelmente o maior — saiu do túnel em uma grande caverna alagada e correu para a árida planície do etéreo. Dali em diante, o Styx serpenteava pelo deserto, contornando, ao longe, a cordilheira que abraçava Sion. Era noite, mas uma forte lua cheia iluminava o campo de guerra.

A distância, os duques assistiram ao magnífico espetáculo dos exércitos angélicos, que se digladiavam no ar, ao redor da fortaleza altíssima. Um dos partidos, supostamente o rebelde, liderava a disputa, infligindo severas baixas aos inimigos. Já haviam abatido tantos perversos que agora o número de soldados rebeldes, inicialmente inferior, se igualava ao contingente dos sitiados — e seguia-se a matança. As paredes da torre e seus degraus circulares estavam cobertos de sangue, e no chão os cadáveres se amontoavam em camadas, à altura dos primeiros andares. Eram milhões de alados abatidos, milhões de corpos jogados, decepados e mutilados, com as asas partidas e a garganta cortada. Não obstante, o exterior da bastilha continuava infestado por atacantes e defensores, e a peleja não cessava.

— Somos muito mais numerosos que qualquer um dos exércitos celestes — gabou-se Molloch, o Carrasco, com sua cabeça grande e seus chifres pequenos.

— Mas veja como lutam! — exclamou Asmodeus. — Além disso, o grosso de nossas forças é composto por espíritos-escravos, fracos e estúpidos.

— Mas temos também nossas tropas de elite — protestou Mephistopheles, uma figura imponente, de pele de fogo e asas de morcego —, e nossos malikis são bárbaros e furiosos, combatentes inigualáveis.

— Sim — concordou Orion —, mas *contra quem* lutaremos? Ainda nos falta a correta instrução de como atuar — relembrou, e os nobres satânicos fitaram Samael, a Serpente do Éden.

O asqueroso conselheiro virou-se e da proa encarou os aristocratas, com expressão atrevida. Nem uma palavra fora até então revelada, mas os duques já imaginavam a estratégia, definida secretamente por Lúcifer e repassada ao seu testa de ferro. Supunham que deveriam aguardar o fim da batalha, para depois barganhar com os vencedores enfraquecidos. Se não aceitassem capitular, os infernais lançariam suas hordas, que aniquilariam sem muita dificuldade as legiões já fatigadas. Era uma tática suja, covarde, mas que agradava de todo os cruéis senhores-diabos. Na verdade, os caídos esperavam que os celestiais resistissem de fato, para que pudessem assim destruí-los, dando impulso à sua cólera assassina e efetivando a derradeira vingança contra aqueles que, um dia, os expulsaram do céu. Exigiriam execuções sumárias, sacrifícios e humilhações, mesmo se os alados entregassem as armas.

— Preparem os batalhões — sibilou a serpente —, mas atrasem as espadas. Levantem os estandartes. Vamos mostrar nossa amizade ao Príncipe dos Anjos.

— O quê? — grunhiu o gordo Mammon, incrédulo. Os outros duques, estupefatos, perderam a fala ante o inesperado comando. Selar aliança com qualquer um dos partidos divinos, especialmente com os seguidores do arcanjo Miguel, era uma afronta àqueles demônios, derrubados antigamente pelas forças do Monarca Alado. O próprio Lúcifer reconhecia o irmão como seu pior inimigo, o adversário que

desbancara sua rebelião e o condenara ao exílio na escuridão do Sheol. — Que palhaçada é essa, sua cobra maldita?

— Não é nenhuma palhaçada, só a ordem do mestre. Sou leal ao meu amo.

— É difícil aceitar que o Arcanjo Sombrio tenha ordenado que nos associássemos aos anjos — apoiou Asmodeus, e à sua retórica os presentes se agitaram. Mammon era o mais furioso.

— A Estrela da Manhã nunca pactuaria com aquele que nos arruinou. Sua memória é longa e copiosa — explodiu o untuoso infernal. — O rastejante imundo está mentindo!

Revoltados, mais com a liderança de Samael do que com a estratégia ordenada, os chefes empunharam as armas.

— Sugiro que se aquietem, senhores! — pediu a cobra, acuada. — Garanto que a ordem provém de Nossa Majestade satânica, que julgou imprescindível manter até agora o sigilo.

Mas, à exceção de Orion, os aristocratas não se contiveram. Detestavam a Serpente do Éden e adorariam pôr fim à sua carreira indigesta. Mammon, que estava mais próximo ao conselheiro, foi o primeiro a avançar. Levantou o machado e preparou a arma para estraçalhar o escamoso.

Samael era um monstrengo fraco e esguio, mas rápido e astuto. Quando o gordalhão armou o golpe, a cobra escancarou a bocarra e cuspiu um veneno malcheiroso na cara do agressor. No mesmo instante, Mammon largou a lâmina pesada e, tonto pela cusparada, desabou de costas no convés. O ruído alarmou os nobres do inferno, que recolheram a guarda.

Com a face borbulhando em chagas de pus, o volumoso Mammon gritava como um suíno no matadouro. Cuspia bolas de sangue e se contorcia em convulsões progressivas. A peçonha, naturalmente letal, fez dilatar a carne e os músculos, obstruindo a garganta e as narinas. De repente, a vítima não podia mais respirar, e as paredes venosas se romperam à pressão acelerada. Os órgãos e o coração sofreram colapso e faliram todos praticamente em conjunto.

Foi no piso do leviatã, revirando-se de dor, incapaz de proferir uma última injúria, que morreu o duque Mammon, engasgado com a própria saliva.

O terror dominou os espectadores, e frustrou-se a tentativa de desafiar o preferido de Lúcifer. Samael teria gargalhado, mas conteve a soberba. O surto maníaco de Mammon servira bem aos seus interesses, promovendo uma reviravolta na situação. Ao assassinar um dos caídos, recuperara todo o respeito, defendendo-se da investida.

— Ponho à prova minha palavra — declarou a serpente. — Este é o desejo do Arcanjo Sombrio, e falo em seu nome. Os descontentes poderão desertar agora e sofrer as consequências depois.

Sem mais opções e convencidos de que Samael dizia a verdade, os poderosos aderiram à sua vontade. A manobra fatal do conselheiro e suas palavras ousadas mostravam como era esperto. Os duques não tinham mais a intenção — ou a coragem — de provocá-lo, e reprimiram o orgulho.

A Serpente do Éden, de moral renascido, ergueu a cabeça e mirou a fortaleza além das montanhas. Reparou na voracidade do embate e na derrota iminente dos alados partidários do príncipe, a quem deveriam prestar auxílio. Depois, girou o corpo reptiliano e contemplou a fileira de leviatãs, que pelo leito do rio seguiam a nau capitânia — o mesmo barco em que navegavam os duques. Vislumbrou os milhões de demônios nos porões e conveses, ansiosos para entrar em ação. Atentou para os capitães; divisou as tropas de elite, os cavaleiros satânicos e os espíritos-escravos. Avistou a multidão caótica dos malikis, os diabos guerreiros, e enxergou a massa restante dos infernais, monstros de todas as castas, inflados de fúria e maldade.

— Chegou o dia em que o inferno caminhará sobre a terra — disse Samael, já superada a crise. — Avisem a decisão aos comandantes. Logo, os navios vão atracar, e que estejam prontas as divisões.

O primeiro transporte era reservado aos duques, aos altos oficiais e às forças especiais. Tais forças eram formadas por incríveis cavaleiros, equipados com lanças e armaduras completas, que guiavam cavalos esqueléticos — feras medonhas, de pele ressecada e cascos de fogo. Os demônios montados não podiam voar, mas suas bestas tinham o poder de elevar-se aos céus e trotar com o vento.

— Se me permite a pergunta, ó conselheiro... — ousou Asmodeus, adicionando uma pitada irónica à oratória. — Os sitiados têm ciência de que lutaremos a seu lado?

Samael sabia que, embora temido, sua reputação podia ser novamente arrasada. Discutir com os duques era o mesmo que pisar em ovos, e um simples movimento erróneo o jogaria de volta ao abismo.

— Levantaremos a bandeira do arcanjo Miguel em alinhamento à nossa, sinalizando a aliança.

— E se eles recusarem o apoio? — interpelou Mephistopheles.

Satã apontou um dedo escamoso à zona de guerra, indicando a superior energia dos revoltosos.

— Não recusarão. Aos defensores não sobra escolha. Se declinarem nossa adesão, serão massacrados pelos rebeldes. Nossas hordas vêm salvá-los da ruína completa. E, findada a peleja, seremos nós, ainda fortalecidos, que ditaremos as normas às tropas debilitadas.

Era verdade. Os anjos sitiados eram perversos, inescrupulosos, e não rechaçariam a ajuda que os afastaria da derrocada. Já os insurgentes não largariam seus ideais, adoravam a justiça, e jamais combateriam em concordância com os soldados satânicos.

Aos duques estava claro contra quem deveriam lutar, mas *por quê?* O que pretendia Lúcifer, auxiliando um inimigo de eras?

Surgiu, então, na mente de Orion, a hipótese da conspiração. Estariam os dois mancomunados? Seria esse o motivo da ausência do Senhor do Sheol durante toda a preparação da campanha? O que cobiçava Lúcifer ao proteger os interesses do tirano que habitava Sion?

E, por fim, havia mais uma pergunta.

Por onde andava Apollyon?

A Última Flecha

Lúcifer subiu a escada e emergiu pelo alçapão, uma passagem aberta no piso, que acessava o pináculo da fortaleza, no ponto mais alto da torre. No pátio pequeno, com a Roda do Tempo no meio, o Arcanjo Sombrio encontrou dezenas de corpos estirados no chão. Esses anjos abatidos haviam sido delegados para defender o terraço, mas foram aniquilados pelas setas douradas das arqueiras rebeldes, logo no princípio da ofensiva.

Shamira, ainda presa à pilastra de mármore, assistiu à chegada do Diabo ao último andar. Enojada, a mulher encarou o demônio, que desviou o olhar para contemplar a batalha. Ao notar sua presença, a necromante recordou-se da conspiração, tantas vezes mencionada por Ablon, e desvendou o que se passava. Foi então que viu o Príncipe dos Anjos subindo os degraus, carregando consigo o general derrotado.

Arrastado pela armadura, Ablon tinha a garganta lascada. Perdia sangue aos litros, em um prelúdio à morte dolorosa. O rosto estava pálido, gelado, e o corpò, enfraquecido. Mas, mesmo às portas do extermínio, seus olhos ainda brilhavam, e ele insistia em apertar com vigor a Flagelo de Fogo.

Shamira queria ajudá-lo, mas estava imobilizada dos braços às pernas. Seus feitiços vocais não afetariam os inimigos.

Todos os truques da feiticeira haviam se esgotado, e ela reviveu o trauma da corte do rei Nimrod. O maior receio do Anjo Renegado era esquecer seus ideais. Já a moça temia a inutilidade. Não tinha medo de morrer, nunca tivera, mas lamentava perder seu sonho, o anseio de ter, algum dia, o general a seu lado.

Miguel jogou Ablon com violência contra a base da coluna de mármore, entre a necromante e a Roda do Tempo. Quando ele caiu, o metal da couraça dourada estalou, mas resistiu ao impacto.

— Shamira... — gemeu o renegado, aos pés da feiticeira acorrentada. — Sempre fui seu protetor. Quisera eu ter falhado na defesa de minha própria vida e salvado a sua.

Ela tentou não chorar, para não lastimar ainda mais o amigo, mas as lágrimas teimaram em despencar pelo rosto. O coração tremeu à lembrança da caverna sobre a montanha, da despedida na Babilônia, dos dias em Roma e dos tempos medievais. Definitivamente, estavam ligados pelo amor verdadeiro, o sentimento divino que leva ao Criador.

Estavam enamorados, e sempre estiveram, desde o dia em que se abraçaram na gruta, mas só então reconheciam a paixão que os unia e os completava. Não eram orgulhosos, apenas inexperientes nos assuntos da carne, a despeito de suas habilidades fantásticas.

E ali terminava a esperança, o desejo de uma vida futura, longe das trevas. Por toda sua existência, o general preservara sua amada, para que um dia pudesse tê-la em paz. E também a feiticeira sonhava com um tempo de luzes, em que abraçaria seu adorado e com ele caminharia eternamente.

Mas o fim havia chegado, em um amargo desfecho. Ablon estava no precipício da morte, e Shamira seria sacrificada. A Feiticeira de En-Dor recordou-se de seu diálogo com o tirano Miguel e do Livro da Vida. Estaria toda sua jornada gravada no tomo sagrado, conforme sustentara o monarca? O destino dos dois, dela e do renegado, estava escrito desde o princípio do universo?

E, se estivesse, por que teriam lutado?

Nas cordilheiras, a general Varna observava o combate, de arco na mão e seta no dedo. Com o desenrolar da batalha, as arqueiras mantiveram suas posições nas montanhas, auxiliando os soldados rebeldes com flechas ocasionais. Não podiam disparar mais saraivadas, sob risco de acertar os companheiros, metidos em luta cerrada. Os alvos prioritários, agora, eram meticulosos, e as guerreiras procuravam derrubar os líderes de esquadrão. Graças às suas fincadas mortais, os revoltosos superavam os sitiados e faziam proveitosa investida. Logo Sion estaria em ruínas, ou assim pensavam os insurgentes.

Foi quando, com olhos precisos e visão poderosa, Varna enxergou a oportunidade da vitória ao alcance da seta. Do topo da pedra, avistou o pináculo da torre e reconheceu o arcanjo Miguel, circulando à volta da Roda do Tempo. Divisou, ainda, uma segunda entidade obscura, que não identificou muito bem.

Se pudesse, dali, alvejar o coração de Miguel, os perversos perderiam seu líder. E mesmo um arcanjo sucumbiria se trespassado em seu ponto vital. A distância, para ela, não era um fator — já tinha perfurado inimigos a extensões muito maiores. Além disso, o príncipe estava desprevenido, alheio ao seu ataque, e não se desviaria do projétil dourado.

Sem esperar, ela fez pontaria, mas aguardou o momento. Milhares de anjos, amigos e adversários, obstruíam a linha de tiro, enquanto se debatiam nas cercanias da fortaleza. A cada instante, um combatente passava na frente, dificultando o ajuste da mira.

Então, abriu-se uma lacuna, e ela atirou, com toda a perícia.

O míssil sagrado percorreu o trajeto como trovoada, de encontro ao coração do soberano.

Mas, conforme o próprio Miguel dissera uma vez, ele era um arcanjo, um gigante, o primeiro dos celestiais, o primogénito de Deus. Lutara nas Batalhas Primevas e vencera deuses antigos. Era a mais velha e mais forte das criaturas viventes.

Com o senso de perigo aguçado, o tirano agachou-se e desfraldou as asas como a expansão de um leque. As penas anavalhadas, conhecidas por mutilar feito aço, cortaram a flecha pela metade com velocidade impressionante. O projétil de ouro foi dividido em pleno percurso — um fragmento encravou-se no chão do terraço, e o outro se perdeu no campo de guerra.

À visão do fracasso, Varna recuou um passo, desolada.. Jamais perdera um tiro e não sabia como reagir.

Revoltado pela ousadia, Miguel catou do solo uma lança, a arma de um dos soldados feridos.

— Esses rebeldes não aprendem seu lugar — resmungou.

— Foi aquela de arco na mão — apontou Lúcifer, que melhor assistira ao assalto.

E assim, o Príncipe dos Anjos arremessou a lança, sem se preocupar com as obstruções. O arpão rasgou o vento, trespassando dezenas de anjos no caminho, mas nem por isso interrompendo sua corrida. Por fim, alcançou o destino, destruindo a malha metálica da arqueira celeste e atravessando-lhe o corpo.

Varna caiu rolando pelo rochedo, e seu sangue jorrou na rocha.

Uma oficial veio ampará-la, mas era tarde demais.

A lutadora morrera antes de tocar o chão do penhasco.

A Bandeira Enrolada

Quando todos os leviatãs estavam alinhados, próximos à margem do Styx, Samael fez sinal para que os navios parassem. Mandou um subalterno trazer do porão um embrulho e o desenrolou no convés — era o estandarte do arcanjo Miguel, preso a uma haste de prata.

— Eis a flâmula com a qual sinalizaremos aos nossos aliados — explicou. — Será carregada por um porta-bandeira, na linha de frente.

— E como conseguiu este objeto? — desconfiou Baalzebul, uma criatura repugnante, com rosto de mosca e corpo de inseto. Os duques estavam sempre prontos a desmoralizar a serpente, mas ela era habilidosa com a língua e rápida com a mente.

— Foi-me entregue pelo Filho do Alvorecer em pessoa — respondeu.

— Mas com isso a pergunta prossegue — insistiu o carrasco Molloch. — Como o Arcanjo Sombrio adquiriu esta bandeira?

— Logo poderá esclarecer suas dúvidas diretamente com nosso amo — manobrou sabiamente a cobra do Éden.

Molloch não replicou, e o assunto perdeu-se. O conselheiro retomou as instruções.

— Assumam já o controle de suas hordas. Alinhem-se no chão e no ar. E, depois, mandaremos tocar os tambores.

As rampas dos barcos baixaram, e dos porões saíram milhões de demônios. Os duques se armaram para a batalha, mas Samael ficou na proa, perto do cadáver de Mammon.

— E você? — intimou Asmodeus.—Vem conosco, ou permanecerá no navio?

— Estarei com vocês, mas não sem antes limpar esta imundice — respondeu, referindo-se aos restos do gordalhão.

Deu-se, então, um espetáculo horrendo. A serpente, tal qual uma sucuri gigante, abriu a bocarra e nela meteu a cabeça do volumoso Mammon. Foi engolindo o defunto, à medida que suas formas ofídicas se esticavam paxá suportar a carcaça do morto. Ao perceber a atitude, até os duques, sádicos e depravados, sentiram uma pontada de nojo e se afastaram da saliva tóxica que vazava para o convés.

Em segundos, todo o corpo foi devorado, sumindo carne e ossos. Samael levantou-se. Sua silhueta crescera em altura e largura, e seus contornos só voltariam ao normal quando digerido todo o alimento.

As hordas começaram a sair dos navios, como gafanhotos famintos. Imediatamente, assumiam suas posições, conforme ordenado por seus capitães.

Como os rebeldes ao se prepararem para a batalha, os demônios também armaram fileiras e colunas no ar, porque muitos deles podiam voar, mas nem todos.

Na primeira fileira vinham as unidades de elite, compostas por cavaleiros satânicos, em armaduras completas. Guiavam animais esqueléticos, que voavam com patas de fogo. E mesmo trotando no céu, onde nada havia além do vento uivante, escutava-se o som dos cascos pesados, como uma manada correndo na firmeza da terra.

A segunda fileira era reservada aos lutadores mais desprezíveis, os espíritos-escravos, selecionados para executar os inimigos feridos, derrubados pelas tropas especiais. A aparência desses monstros é semelhante aos leões, chacais ou abutres, mas despelados, de carne ressecada e olhos em fúria.

Na terceira fileira avançavam os soldados regulares: os malikis, os diabos guerreiros. Levavam tridentes, mas faziam bom uso das presas e garras quando ameaçados. O semblante era grotesco, e babavam de cólera. Fortes e vigorosos, costumavam balançar os chifres e a cauda para apavorar os adversários.

Por fim, na quarta e última fileira, estavam as forças irregulares, formadas por infernais de todas as castas, unidos pelo desejo de matar, pilhar e torturar. Pelo manto celeste, passeavam ginetes com lanças compridas, montados em feras voadoras, iguais à besta de Lilith, a finada rainha succubus.

Os duques, que coordenavam a ação, caminharam até a planície e estacaram perto do monte Megiddo, a Montanha no Extremo do Mundo, para firmar a estratégia.

— Há uma cordilheira que cerca a fortaleza — reparou Baalzebul.

— Um destacamento rebelde se espalha nas rochas — avistou Molloch, fitando as montanhas. — Devem ser lanceiros ou lutadores de apoio.

— É o regimento das arqueiras — reconheceu Alastor. — Uma tal Varna comanda a divisão. É a preferida do arcanjo Gabriel, e seu braço direito.

— Vamos sobrevoar o círculo de pedra — propôs Mephistopheles.

— Seremos abatidos pelas setas douradas — protestou Bael, o Infeliz.

— Não se enviarmos na frente os espíritos-escravos — solucionou Asmodeus, malicioso.

— Mas e quanto aos demônios desprovidos de asas? — reagiu Molloch.

— Ordenemos que escalem as montanhas e ocupem a posição das arqueiras.

— Morrerão aos milhares — comentou Orion —, perfurados enquanto sobem a encosta.

— Para isso foram convocados — lembrou Asmodeus, e os caídos apoiaram seu plano.

Na proa da nau capitânia, Samael, gordo como um saco apinhado, levantou o braço escamoso.

E os tambores rufaram.

Nas alturas, ao redor de Sion, os anjos em guerra seguraram os golpes e pararam subitamente, ao escutar a percussão infernal. Cessaram as lutas, as flechas e as perseguições, ao som do ruído dos tambores satânicos.

A atenção dos alados desviou-se para as planícies ao norte, anteriores à cordilheira, onde um estupendo exército de diabos eufóricos tomava posição, próximo às margens do Styx. Eram centenas de milhões de soldados, que saíam dos negros navios e enchiam o céu até a altura do véu estelar.

Todos os celestiais, atacantes e sitiados, tremeram, mesmo os mais destemidos, diante das hordas de monstros. Quanto aos rebeldes, eram fortes de corpo e sábios de espírito, e logo engoliram o receio.

— São as hostes de Lúcifer — exclamou Baturiel, o Honrado, para o general Shenial, seu companheiro de campo. — O que fazem aqui e como chegaram tão repentinamente?

— Leviatãs — respondeu o amigo, avistando os grandes barcos ancorados no rio. — Pensei que só existissem em lendas.

— São muitos — replicou o Honrado, ao reparar na multidão de demônios. As divisões diabólicas ultrapassavam, de longe, o contingente dos dois exércitos angélicos juntos.

— E quem apoiarão? — inquiriu Shenial, mas já sabia a resposta, e ao imaginá-la o terror percorreu-lhe a espinha. Os revoltosos, sob nenhuma hipótese, firmariam amizade com o Diabo. Os defensores, entretanto, acostumados à perversidade, eram suficientemente malvados para aceitar o apoio, ainda mais em um momento difícil.

Na linha de frente, um cavaleiro do inferno levava, aberto, o estandarte das hordas de Lúcifer. A seu lado, outro ginete carregava uma bandeira fechada.

Os dois partidos celestes esperavam para ver a flâmula hasteada e saber ao certo com quem os satânicos formariam aliança.

Samael, a Serpente do Éden, arrastou-se ao tombadilho, ainda entorpecido pela comida. De lá, avistou a Torre das Mil Janelas, viu o combate parado e vislumbrou a nuvem negra que encimava a bastilha. Ele não sabia, mas aquela era uma marca da presença de Lúcifer na fortaleza.

— É uma noite propícia aos infernais — sibilou, pressentido a presença de seu mestre maldito.

Fim da Esperança

Ablon estava esmorecido, quase morto, quando ouviu o rufar dos tambores. Com uma mão, apertava a Flagelo de Fogo, e com a outra tentava se escorar na pilastra de mármore. Presa à coluna, Shamira assistia, inútil, ao sofrimento do anjo guerreiro. Não queria admitir que erraram ao perseguir a justiça, então parecia mais confortável aceitar que sua sina fora previamente traçada.

— Lá vêm eles, meus meninos — regozijou-se Lúcifer, sempre teatral, ao avistar as hordas do inferno. Ele se pôs de cócoras e falou ao renegado:

— Você tem que ver isso, general, é um espetáculo.

Ablon tossiu, com a hemorragia já avançada.

— Não... não morra agora. Ainda não. Não sem contemplar meu exército.

Miguel, com seus músculos poderosos, pegou Ablon pela armadura e o levantou, para que vislumbrasse, do terraço, a hoste de monstros. Foi quando um cavaleiro demônio, ainda na planície anterior às cordilheiras, desenrolou a bandeira, e nela estava gravado o símbolo dos sitiados — a heráldica do Príncipe dos Anjos.

A aliança fora declarada.

No exterior da fortaleza, os anjos perversos enxergaram o estandarte, e um de seus comandantes gritou:

— Estão conosco! — como que abençoando a ajuda das feras. — Continuem a lutar. Destruam os rebeldes!

De alento revigorado, os sitiados retomaram suas armas. Alguns poucos, de coração resgatável, hesitaram à perspectiva de combater ao lado dos infernais, mas a maioria nem se importou com a identidade de seus salvadores. Buscavam somente o triunfo e o poder que dele deriva.

Considerando a reviravolta, qualquer exército teria recuado, mas os revoltosos não se afastaram. Estavam preparados para a morte, prontos para enfrentar qualquer oponente, fosse ele anjo ou demônio.

— Mantenham posição! — clamou Baturiel às legiões rebeladas. — Levantem as espadas. Prossigam a guerra. São só diabretes, contra os quais nossas lâminas estão sempre afiadas.

Ressurgiu o confronto na torre, enquanto os satânicos voavam rumo a Sion.

— Seu levante está acabado, general — disse a Estrela da Manhã. — A Irmandade dos Renegados fracassou, e também os novos rebeldes, que abraçaram seu ideal. Esta noite, minhas hordas exterminarão os insurgentes. A aura de Gabriel apagou-se, e em breve a sua também morrerá. Da feiticeira tomaremos a alma, e assim completa-se a Roda do Tempo. Chega ao fim o sétimo dia, e tem início o reino sagrado. Os seres humanos contaminaram suas idéias. E, então, o que se tornou? Sinto em sua pele o cheiro do barro, o aroma da matéria decrépita, o fedor dos animais que destruíram nosso planeta.

Miguel, que agarrava o general pela gola, largou-o sobre a roda, e o sangue espargiu-se, encobrindo as marcações místicas no círculo de pedra. Mas, incrivelmente, restava ainda, nos olhos do príncipe, uma centelha de lucidez, uma fagulha de retidão, inexistente no coração do Arcanjo Sombrio, corrompido pela maldade.

— Acho que, enfim, admiro sua bravura, Anjo Renegado — discorreu Miguel, surpreso por suas próprias palavras. -Também sou um soldado — e era, realmente, o que Lúcifer nunca fora de fato — e conheço o ímpeto dos combatentes, o ardor que nos chama à batalha e nos faz aceitar os grandes desafios, como um dia eu enfrentei os deuses antigos. Mas compreenda, finalmente, que o curso do sétimo dia sempre esteve traçado — e, dito isso, mostrou ao herói o Livro da Vida. — O destino do mundo foi determinado por Deus, no princípio da criação, e registrado nas páginas do tomo — e o arcanjo abriu o volume, permitindo que o querubim visualizasse suas últimas páginas. — Nada que fizesse mudaria isso. Somos peões no plano divino, e continuaremos a ser, até que se conclua o Apocalipse. Mas, quando o ciclo for terminado e o tecido cair, seremos nós, Lúcifer e eu, a escrevermos a história, como divindades supremas. A vontade do Altíssimo é imutável, inabalável e irresistível.

— Já chega, Miguel — cortou o Filho do Alvorecer, desagradado com a piedade do irmão. — Vamos

fazer um minuto de silêncio para o nosso rival — ironizou.

E, ao nefasto soar dos tambores do inferno, o general perdeu os sentidos. Em suas mãos, a Flagelo de Fogo diminuiu o crepitar, à medida que seu esgrimidor fenecia. Era uma relíquia sagrada, uma das cinco espadas forjadas por Yahweh na aurora do universo, e jamais se apagara — até agora.

Quanto à feiticeira, suas lágrimas já tinham secado. Vivera por anos cultivando um amor ideal, só para ver, no fim, morrer seu guardião adorado. Se fossem ambos terrenos, ela o teria seguido à casa dos mortos, mas Ablon era um anjo, e os celestes são desprovidos de alma e não conhecem outra vida, além da existência. Ao perecerem, sua aura vira pura energia, se espalha e retorna à fluência do cosmo, como uma estrela que expira no céu.

No pináculo da Fortaleza de Sion, desmaiado sobre a Roda do Tempo, imundo de sangue e suor, falecia o espírito da justiça, o mensageiro da esperança, o protetor da Feiticeira de En-Dor, aquele que a tirara do desespero e a ensinara a viver.

Em resposta ao último hálito do lutador, a luz da Flagelo de Fogo extinguiu-se, e seu aço esfriou, tal qual o coração do guerreiro.

E assim morria Ablon, o Primeiro General, líder dos renegados e ícone dos novos rebeldes.

A Persistência dos Generais

No campo de guerra, as hordas do inferno já estavam muito perto das cordilheiras — o círculo de montanhas que abraçava Sion. As arqueiras rebeldes, originalmente ali posicionadas para alvejar a fortaleza, viraram-se para a planície na direção do Styx e começaram os disparos, atirando uma chuva de flechas nos infernais, que haviam declarado seu apoio às perversas legiões de Miguel.

No início, os duques pensaram que enviar na frente os espíritos-escravos protegeria os cavaleiros voadores das setas douradas, mas estavam enganados. Tão poderosas eram as arqueiras que as flechas trespassavam o corpo dos diabretes, um após o outro, e só paravam ao encontrar os soldados de elite, que haviam passado à segunda fileira de ataque, temendo as fincadas mortais. Assim, os peões, convocados para a morte, constituíam uma barreira inútil e desapareciam como fumaça ao ser atingidos pelos projéteis. Em consequência, caíam também as tropas especiais, com os mísseis que furavam as armaduras.

Mas, apesar da destreza, eram muitos os demônios, que lotavam a paisagem do chão às alturas. As flechas seriam insuficientes, e as celestiais resolveram, enfim, pôr os arcos de lado, pegar as espadas e recuar para mais perto da torre, juntando-se às forças de Baturiel, que combatiam corpo a corpo com os sitiados, já praticamente exauridos.

Com isso, o grande exército satânico sobrevoou as montanhas, entrou no perímetro de defesa da fortaleza e uniu-se ao partido dos anjos maléficos. Seu assalto era semelhante a um escarcéu de fumaça: obscuro, vivo, que gritava e rugia.

Teve início, então, a maior batalha de todos os tempos, marcada pela força, resistência e heroísmo dos anjos rebeldes, que aguentaram com energia o ataque estupendo. Dos grandes generais revoltosos, incluindo Baturiel e Shenial, poucos haviam caído. Cheios de fúria e calor, incentivavam os lutadores,

que retalhavam e matavam com indescritível bravura, contra todas as possibilidades, humanas e divinas.

Assim, eles resistiriam por muito tempo, mas não eternamente.

Ao longe, o gordo Samael desceu a rampa da nau capitânia. Os barqueiros voltaram a comandar seus navios, que dali seguiriam, vazios, para outro lugar.

Os condutores haviam sido contratados para levar os demônios do Sheol ao etéreo, mas não foi acertado um caminho de volta- porque Lúcifer não planejava regressar ao inferno tão cedo. Para ele, estava garantido o triunfo, por isso dispensou o serviço de retorno nos leviatãs.

Assim, tendo cumprido o acertado, os barqueiros comandaram seus veículos incríveis, prosseguiram pelo leito do Styx e desapareceram no horizonte.

Desajeitado pelo tamanho excessivo, a Serpente do Éden foi se arrastando rumo a Sion, onde as hostes já combatiam.

— Terminou — suspirou Lúcifer, realizado. Olhou mais uma vez para o combate e fitou, desejoso, a feiticeira pendurada à coluna. Não era um desejo carnal, como uma vez sentira por Lilith, mas um apetite cósmico, que só a alma da moça poderia acalmar. Despiu-se da couraça dourada e largou sua espada de fogo, a Raio da Aurora. — Não preciso mais desses acessórios baratos. Serei Deus, brevemente — e deu meia-volta, caminhando para o alçapão.

— Aonde vai, meu irmão? — perguntou Miguel. — Temos trabalho a fazer — e indicou a necromante.

— Vou dar um estímulo aos meus rapazes, mostrar-me em campo, incentivar meus soldados. Por enquanto, temos que aguardar o sinal da Sétima Trombeta e a desintegração total do tecido. Você pode sacrificar a mulher, se assim preferir, mas deve guardar sua alma — alguns celestiais têm o poder de segurar a alma dos mortos, impedindo que sigam ao céu. — Não permita que seu espírito escape para o paraíso celeste e ingresse na casa dos santos, ao leste do Éden, de onde nem nós poderíamos recuperá-lo. Seu poder humano só nos servirá finalmente quando a membrana cair.

O Terceiro Céu, chamado de Shehaquim, é o Éden celestial, uma terra de maravilhas, reservada aos justos. Nessa camada estão as colónias espirituais, que recebem as almas dos virtuosos para o eterno descanso. As comunidades superiores são guiadas pelos santos, pelos profetas antigos e pelos mestres desencarnados. O maior desses sábios é o próprio Salvador, nascido como homem em Nazaré e morto no calvário romano. Tão enorme é a força dos mestres que, em suas colónias, nem os arcanjos penetram sem permissão. Alguns dizem que o arcanjo Rafael, cansado da perversidade de seus irmãos, exilou-se em Shehaquim, ensinando aos íntegros muitos mistérios remotos, anteriores à criação.

A Estrela da Manhã desceu a escada, deixando o terraço, e voltou à Sala dos Portais, para depois caminhar para um corredor obscuro, de onde teria ampla visão da batalha.

Miguel, o Soberano Alado, refez o semblante de ódio, sua faceta mais natural. Retomou da bainha a Chama da Morte e empunhou a lâmina mística.

Shamira estava para ser executada.

Baturiel contra Mephistopheles

Quando os inimigos chocaram suas armas, os duques também ingressaram em batalha, juntamente com suas feras e monstros, à exceção de Orion, o Rei Caído de Atlântida, que desaparecera no começo da ofensiva. Os senhores satânicos chegaram a considerar sua morte, porque não era de fugir à luta. Sentiram a perda de sua mente estratégica, e a ausência resultou no extermínio de hordas inteiras, que careciam de adequado comando, de um general que indicasse a tática efetiva e mostrasse às tropas as manobras apropriadas. O satanis era um mestre do belicismo, conhecimento que aprimorara havia milénios, durante as Guerras Mediterrâneas, o confronto ancestral entre Atlântida e Enoque, as duas maiores civilizações humanas de antigamente, anteriores à grande inundação.

Nas alturas, era notável a valentia com que os rebeldes afrontavam, simultaneamente, tanto os soldados do inferno como seus adversários celestes, simpáticos ao arcanjo Miguel. Mas, para a infelicidade dos alados perversos, o assalto dos demônios fazia-se grosseiro e caótico, o que, de certa forma, complicava as legiões sitiadas. Essa falta de disciplina revelou-se preciosa aos insurgentes, que mantinham seus guerreiros em linha, e aguentavam, seguros, o embate das bestas.

Misturados à confusão, Mephistopheles e Baalzebul voavam, cortando e estraçalhando os revoltosos. Mephistopheles, chamado também de Mephisto, era um exímio espadachim, e carregava um sabre fino, porém indestrutível. Parecia um homem comum, forte e imponente, mas com pele de fogo, asas de morcego e um chifre grande que se dobrava para trás. Já Baalzebul, o Príncipe das Moscas, era um monstro abominável. O corpo humanoide estava recoberto por uma casca de inseto, dura e untada por uma gosma nojenta. As asas e o rosto imitavam a anatomia das moscas, com olhos compostos e pelos na boca.

— Temos que anular a coragem dos rebelados — falou Mephistopheles ao demônio-inseto, que deslizava ao vento.

O Príncipe das Moscas apontou para Baturiel, indicando ser ele o líder do exército dos justos.

— É aquele que coordena as legiões revolucionárias.

— Vou derrubá-lo. Venha comigo, mas fique escondido — e disparou ao encontro do alvo.

Assim, Mephisto chegou diante do Honrado, pairando no ar com as asas esticadas. Brandiu seu florete de lâmina delgada e encarou o comandante rebelde.

— Sou Mephistopheles, duque do inferno, Senhor dos Zanathus e Rei do Mar Flamejante — anunciou-se.

— É um dos caídos — reconheceu Baturiel. — Recordo-me do tempo em que era um ishim, no paraíso celeste, antes da guerra no céu.

— Aceite, então, meu convite ao duelo, à disputa justa, sem estratagemas — convocou o infernal, e o anjo não podia mais recusar, porque era um guerreiro, e seu código o impedia de recuar ante o combate

anunciado. Sentia-se até premiado por confrontar um diabo supostamente leal, pois ouvira que todos os infernais eram ardilosos e trapaceiros.

Os dois se moveram, preparados para o conflito. As espadas rasparam, bateram, toparam, soltaram faíscas, e os duelistas se enfrentaram como leões. Muitos diabretes pararam para observar e pagaram com a vida pela distração.

Baturiel ia ganhando, mas Mephisto chutou-lhe o ventre, empurrando o comandante para longe. O celeste recuperou-se e aguardou nova investida, mas então escutou um zumbido de inseto que o espreitava por trás. Girou sem demora e viu o Príncipe das Moscas, que voejava furtivo, pronto para agredi-lo. Pressionado nas duas direções por rivais poderosos, o Honrado sacou um punhal místico, que guardava na bota, e o arremessou contra Baalzebul, acertando-o na testa. Depois, voltou à posição anterior e rasgou a barriga de Mephistopheles, que tentava acometê-lo no calor do tumulto.

O duque recurvou-se de dor e teve a cabeça decepada, diante das hostes pasmadas.

Na face oposta da fortaleza, Shenial derrotava o carrasco Molloch, mas o sinistro Asmodeus matava dois generais rebelados.

E, mesmo com a quantidade excessiva de inimigos, os rebeldes batalhavam em pé de igualdade.

Lúcifer deixou o terraço, cruzou a Sala dos Portais e desceu para um corredor largo e vazio, cuja parede norte era aberta, dando vista à batalha. Ali ficou por alguns minutos, oculto, louvando a própria inteligência.

— Que beleza! É uma maravilha! — rejubilou-se, abrindo as asas e se preparando para decolar. Ia aparecer a seus combatentes, mas parou e decidiu esperar, recuando para a escuridão do alpendre.

Apesar de seu decisivo triunfo, o Arcanjo Sombrio sentia-se enfraquecido. Ele mesmo sacrificara parte da energia de sua aura para contratar os leviatãs e, embora não estivesse arrasado, estava mais débil que o usual. Dentre os demônios, era o único que poderia ter saldado os barqueiros, porque só alguém tão poderoso teria essência suficiente para solicitar os navios gigantes.

Sua potência regressaria em breve, mas por ora precisava redobrar a cautela e cuidar para que os duques não descobrissem sua atual condição. Os aristocratas satânicos, os quais comandava, eram astutos e traiçoeiros, e poderiam tentar se voltar contra o mestre se soubessem de sua fraqueza. Cansado, Lúcifer seria capaz de lidar com qualquer um deles, mas não com todos ao mesmo tempo.

Assim, aguardou mais um pouco. Só se apresentaria ao combate em momento seguro.

A Caverna sobre a Montanha

De repente, como em sonhos, Ablon estava de volta à caverna sobre a montanha, seu santuário particular, o refúgio mental para onde se reportava sempre que a tristeza superava a esperança. Sentia-se entorpecido, como ao despertar de um sono profundo.

Estava frio como um cadáver, imóvel e insensível, quando uma mão quente apertou seu braço. Abriu os olhos e descobriu-se no centro da gruta, deitado sobre o colo da Feiticeira de En-Dor. Desafiando toda a lógica do espaço e do tempo, a necromante vestia-se como nos dias antigos, pura e natural, e o único perfume que exalava era o gostoso aroma de seu corpo adorável. Mas como poderia o renegado ter retornado ao passado, a não ser em meio aos delírios que antecedem a morte?

Tentou se erguer, mas os músculos enrijeceram. Os ossos mais pareciam gravetos, frágeis e quebradiços. Nem o coração se agitava. Era pouco mais que um defunto, incapaz de movimentar um membro sequer.

Então, a moça sorriu, com carinho e sensualidade, e o terror desapareceu. Recurvando-se sobre o busto do general destronado, ela afagou seu rosto, castigado pelas batalhas, e o encarou com alegria, cultivando o amor já semeado. Acariciou-lhe os cabelos dourados e deslizou os dedos pela barba malfeita, até encontrar os lábios rachados. Depois, aproximou a face à dele e o beijou intensamente.

Quando a boca macia da mulher tocou o herói, um calor encheu a caverna, fazendo reviver a carcaça inerte e recuperando o ardor no coração congelado. O sangue voltou a correr, e o peito palpitou novamente. Em um breve segundo, toda sua vida percorreu-lhe a lembrança, desde a luz do nascimento, no princípio do universo, até seu jazigo no pináculo da torre.

Assaltado pela paixão, então elevada ao máximo, Ablon não mais distinguia o real do ilusório. Não tinha certeza sobre o que faria ou de onde estava, verdadeiramente. Talvez ainda agonizasse, estirado na Roda do Tempo, porque não há redenção para os celestiais fracassados.

Sentou-se à fogueira e percebeu que havia, na gruta, outras entidades celestes. Ao seu redor, como um precioso círculo de guardiões, estavam todos os renegados, honrando o general com suas espadas brilhantes. À luz tremulante do fogo, o general reconheceu a saudosa Ishtar, o bravo Hazai e o valoroso Yarion, entre outros. Estava reunida a irmandade, com seus dezoito guerreiros, de asas brancas rajadas de sangue e coragem insuperável.

E, no centro dos expurgados, uma figura especial ganhava destaque, por sua essência sublime. O arcanjo Gabriel guardava a saída, de semblante tranquilo, postura altiva e expressão decidida.

— Estão todos aqui — gemeu Ablon. — A Irmandade dos Renegados e o Anjo da Revelação. Como podem ter escapado da morte?

— Para nós, os alados, a morte é a dispersão do espírito — explicou o Mestre do Fogo —, mas nossa energia é indestrutível. Não somos mais consciências individuais, mas uma só potência. Agora, vivemos em sua mente, e nossa força fará sua aura ascender. Nossos sacrifícios o levarão à vitória.

— Eis o valor da amizade — disse Hazai. — É o suporte do mundo.

— Confie em seus ideais, general — instigou a bela Ishtar —, e regresse ao campo de guerra.

E, com o apoio dos velhos amigos, o guerreiro reanimou-se para a batalha. O braço direito fervia, mas não chegava a feri-lo. Na verdade, só o elevava.

No último andar da Torre das Mil Janelas, sob o gélido vento na culminância da terra, o príncipe Miguel apontou sua espada, a Chama da Morte, para o coração da Feiticeira de En-Dor. Sacrificada, sua alma seria roubada e convertida em pura energia, para saciar a avidez dos arcanjos. Nascida em Canaã, havia muitos anos, hoje não existia um só mortal que a superasse em poder e longevidade. Seu espírito era forte e antigo, e atraiu, assim, a cobiça de seus assassinos.

O corpo de Ablon continuava esticado sobre a Roda do Tempo. A Flagelo de Fogo jazia ao alcance da mão, mas sua lâmina era então só uma chapa gelada, uma arma de aço comum, sem suas labaredas fantásticas.

Foi quando, à escuridão da nuvem que encobria Sion, sucedeu o milagre. No braço do renegado, acima do pulso, acendeu uma marca abrasada, no exato local onde a necromante o tocara em sonhos. A inscrição esquentou, como um sinal registrado a ferro. O sangue, espalhado em poças no chão, iniciou um lento regresso ao cadáver, em uma inacreditável demonstração de misticismo e pujança. A trilha vermelha que sujava a escada subiu de volta à ferida, e mesmo a garganta rasgada se regenerou, até que todo o sangue refluiu à carcaça.

No antebraço do general brilhava uma runa — a runa do corpo, gravada por Shamira no ritual de alta magia, e que tinha por objetivo prevenir a destruição do guerreiro, quando de sua visita ao inferno a convite de Lúcifer. O encontro pacífico não exigira o feitiço, mas ele continuaria ativo até que fosse ceifada a vida de seu protegido. E agora, em circunstância surpreendente, o encantamento entrava em ação, recuperando o general em plenitude e fazendo-o recobrar totalmente suas habilidades celestes.

Em resposta ao renascimento do herói, a Flagelo de Fogo incendeu-se em flamas sagradas. O querubim inspirou, expandiu as asas e lembrou-se das palavras de Gabriel, que o incentivara a tomar a espada em um instante de aflição.

Ao escutar o estalido do aço, Miguel imediatamente parou o que estava fazendo e virou-se à Roda do Tempo. O que viu não era aceitável, absolutamente, para alguém tão fatalista.

Levantava-se o Anjo Renegado sobre o círculo de rocha, inteiramente recomposto. Sua essência vital ascendera, multiplicara-se e explodira ao patamar dos arcanjos, suplantando a aura do inalcançável tirano.

Num primeiro momento, nem Ablon compreendera totalmente o que tinha acontecido. Todos os ferimentos sararam, a força voltara, e os sentidos estavam apurados como nunca. Olhou para os punhos, meio incrédulo, e começou a ver e escutar coisas novas. Uma agradável melodia inundou-lhe os ouvidos, e ele entendeu que aquele era o som da natureza, o incrível movimento dos átomos e partículas, vivas e mortas, que mantinham o universo fluindo. Ao seu redor, enxergou os anjos em batalha, antes velozes, brigando tão lentamente que seria ridículo vencê-los. Era assim, imaginou, que Miguel devia perceber seus golpes, durante o duelo na Sala dos Portais.

Preocupado, inicialmente, com a salvação de Shamira, Ablon golpeou a Chama da Morte, para desarmar o Príncipe Celeste e impedir a execução da feiticeira. O inimigo não resistiu ao ataque, e sua lâmina escapou-lhe à pegada. A arma rolou pelo piso do pátio, deixando vulnerável o soberano.

— Não pode ser real o que vejo! — protestou o surpreso Miguel, negando seus instintos primários. — Há pouco estava arrasado, acabado, derrotado pela conspiração. Como pode ter retornado do breu infinito, com energia tão magnífica?

— Eu não luto sozinho — avisou o general. — Estão comigo a irmandade, o arcanjo Gabriel e a Feiticeira de En-Dor. É a força deles que me revive. Foi o amor pela justiça que me trouxe de volta. Agora, pegue sua espada. Meu código me impede de enfrentar um oponente desarmado.

Assim, ainda chocado pelo extraordinário prodígio, o príncipe buscou a arma do chão e equipou-se para novo combate. Mas, logo que brandiu a relíquia, o renegado avançou e investiu contra ele com toda a

vontade, demonstrando celeridade invencível.

Um estrondo descomunal sacudiu os pilares do mundo, abalando as fundações do planeta. Acompanhou uma explosão luminosa, que ofuscou o pináculo ao embate das lâminas cintilantes. O tirano tremeu, sobrepujado pelo esplendor do Renascido.

— O Criador previu sua morte e minha ascensão! — gritou o arcanjo. — O Livro da Vida é inquestionável, é o registro do Onipotente para o destino do mundo. Atreve-se a desafiar Yahweh?

Ablon inclinou a cabeça, lamentando a ignorância do gigante.

— Quem sou eu para questionar a memória do Pai? Mas quem é você para reescrever suas palavras? O Livro da Vida não é um compêndio de história universal. É um artefato místico muito mais singular, desenhado para a mente dos justos e feito para ludibriar os perversos. O tomo não descreve o fado do mundo, mas apenas nossos desejos, nossas ambições, nossos anseios mais sigilosos, por isso seu conteúdo é incerto. Descobri o mistério quando li suas páginas, antes de perecer sobre a Roda do Tempo. Você e Lúcifer tanto almejavam a divindade que preferiram confiar nos escritos e utilizá-los como instrumento para justificar inomináveis maldades. Ao enganar-se sobre o futuro, mergulharam, ambos, em demência, e agora estão cegos para a verdade.

O sinistro Miguel, apesar da situação, resistia a aceitar os argumentos mais óbvios. Franziu a sobrancelha e rodou a espada sobre a cabeça, pronto a devolver o maior dos assédios. Estava tão certo de sua sina que não reconhecia o equívoco, mesmo após ver seu plano cair por terra. Lutaria ferozmente para defender sua crença, com o mesmo alento com que vencera os deuses das trevas, no alvorecer da eternidade.

— Se é assim, então conte-me seus desejos, proscrito — desafiou, procurando, no desespero, uma falha na lógica do renegado. — O que estava escrito no tomo, o que *você* viu com seus olhos de fugitivo?

Como resposta, Ablon não disse palavra, mas em vez disso atacou com formidável perícia. E, dotado de vitalidade e destreza completas, não deixou defesa ao adversário, que sucumbiu ao fio da lâmina. Miguel até tentou reagir, mas o renegado era agora mais rápido. A Flagelo de Fogo desceu como um incandescente cometa, despedaçou a armadura e atingiu o coração do gigante, pondo termo à sua anosa existência. Agachando-se para penetrar-lhe a fincada, o general replicou:

— Diziam as páginas do livro... que eu seria seu assassino — ultimou, puxando a espada encravada no peito do inimigo. — Para mim, o fim da história encerra a missão de toda uma vida.

— Mesmo acabando comigo, seu exército nunca vencerá as hordas do inferno e minhas legiões fenomenais — cuspiu o arcanjo, trespassado pela Flagelo de Fogo.

— Os combates não são só ganhos pela brutalidade, mas também pela virtude — ensinou o Renascido. — Onde houver retidão e justiça, estará a vitória.

Um jorro de sangue saltou pelo busto do príncipe, silenciando-lhe a respiração. Ablon ficou ali, inabalável, absorto na cena final, imaginando o que pensara o gigante, surpreendido pela devastação das ilusões cultivadas.

Ainda vivo, Miguel balbuciou:

— Estou morrendo. Como pode ser? — o rosto perdeu toda a arrogância. — General, você pode me salvar?

— Eu tentei — respondeu o anjo guerreiro.

— Ablon... — chamou o príncipe, no momento fatal. — Quero que saiba de uma coisa. Quero que saiba. Foi tudo por amor.

— Foi tudo por ciúme.

— Ainda assim, por amor.

Pálido como uma flor atirada ao deserto, Miguel vislumbrou os dias antigos, os tempos de glória que precederam a luz, a era de esplendor anterior à aurora do homem, quando voava com o Pai e os irmãos pela sombra do espaço. Entendeu, no derradeiro suspiro, que não queria ser Deus só pela ambição, mas também para recuperar o brio do universo de outrora. Almejava a divindade não apenas para governar plenamente, mas para sentir, só mais uma vez, a presença do Criador, que havia tanto dispersara o espírito, em sacrifício aos seres humanos, que dele herdaram a alma.

No fim, o arcanjo queria somente rever o Altíssimo, ou provar sua força suprema.

O Príncipe dos Anjos morreu de olhos abertos, fitando o vazio do céu.

O Mestre e o Aprendiz

No amplo corredor com vista para a batalha, Lúcifer analisava o combate, oculto pela escuridão do alpendre. Enquanto urros, brados e estalos ressoavam no exterior, dentro da fortaleza o silêncio era sepulcral. Todas as legiões de apoio, inicialmente designadas para permanecer dentro da torre, haviam saído mais cedo, antes da chegada dos leviatãs, para massacrar os revoltosos, mas encontraram uma sorte nefasta.

Apoiados pelas hordas de monstros, os anjos perversos voltaram a lutar com todo o vigor, mas mesmo assim não reduziram os rebeldes, que continuavam a defraudar os inimigos, fossem eles celestes ou feras. Quanto maior o número de guerreiros malvados, maior era a garra dos insurgentes, inspirados pelos antigos heróis renegados. Dentro do círculo de montanhas, a devastação era espantosa. À volta da fortaleza, tudo o que se via no chão era um tapete ajuntado de corpos — restos de soldados decepados, mutilados, estraçalhados e perfurados. Armaduras amassadas e armas quebradas ainda brilhavam, enquanto o solo bebia sua partilha de sangue.

Nas cordilheiras, os demônios de infantaria, desprovidos de asas, já tomavam as posições antes ocupadas pelas arqueiras, nos picos e encostas. Ali fixaram sua bandeira, mas a disputa estava longe do fim. Se assim continuassem, os dois exércitos poderiam brigar por muitos dias, meses ou séculos, sem despontar um vencedor. Então, convencido da pertinácia dos rebelados, Lúcifer decidiu agir, finalmente. Comandaria seus lutadores e logo findaria o conflito, agora que muitos duques já tinham caído.

Não é este, afinal, o desejo do Criador, registrado no Livro da Vida?, pensou cinicamente. *Que eu ganhe rapidamente o embate e instaure meu trono em Tsafon, o Monte da Congregação, ao lado do grande Miguel?*

A Estrela da Manhã recolheu a bainha da túnica e subiu na mureta, pronto para alçar voo e se lançar ao campo de guerra, mas pressentiu uma aura insurgindo do escuro. Já conhecia, ou julgava conhecer, a identidade do invasor, e recuou ao telheiro com um sorriso atrevido. Ainda poderia se divertir desgraçando o audaz visitante.

Aziel, a Chama Sagrada, emergiu das trevas, com as palmas de fogo e o semblante cheio de cólera. Separara-se havia pouco de seus companheiros de missão e seguira sozinho pelas vias angélicas, para encontrar o renegado, que ainda não regressara à batalha. Tinha esperanças de que Ablon estivesse vivo ainda, por isso relutara em incendiar a bastilha anteriormente.

Lúcifer olhou com desprezo para a Chama Sagrada.

— Aziel, soberano da Cidadela do Fogo — zombou, referindo-se às suas atribuições como governante da fortaleza. — Que surpresa mais estimulante!

— Desde quando os demônios se esgueiram pelos salões de Sion? — irritou-se o ishim. Seus negros cabelos refletiam as flamas dos punhos, que se elevavam em delgado filete.

O Arcanjo Negro enrugou a testa, dissimulado.

— Ora, eu achei que, para os revoltosos, tanto os infernais quanto seus inimigos celestes fossem da mesma estirpe perversa.

— Agora vejo que sim — Aziel sabia que nem Lúcifer nem qualquer outro penetraria na fortaleza sem o consentimento do arcanjo Miguel, a não ser pela força. O Diabo não fora visto do lado externo, forçando a passagem, então estava ali convidado pelo anfitrião. — Estão aliados, você e o Príncipe Angélico.

— Sua perspicácia é impressionante — caçoou novamente. — Mas o que vai fazer? Vai me chamar ao confronto, como fez seu general?

— Onde ele está? Em que câmara...

— Seu líder está arruinado. Foi liquidado por mim na Sala dos Portais e sepultado no pináculo da torre. Seu corpo jaz nas pedras frias do pátio superior, e logo também será aniquilada a Feiticeira de En-Dor.

A notícia atingiu fundo o coração de Aziel, como uma seta enfiada no peito. De início, quis negar o aviso, rechaçar o discurso, repudiar aquela falação arrogante. Mas, infelizmente, Lúcifer podia estar dizendo a verdade — e estava, provavelmente. Ablon não abandonaria por tanto tempo seu exército. Só a morte o impediria de retornar ao combate.

As labaredas de Aziel se agitaram, rodando e crepitando em uma dança mortal. Enfurecido pelo suposto assassinato de seu comandante e amigo, não mediu consequências e atacou sem piedade. Dos dedos expeliu uma enxurrada de fogo, que clareou o corredor e derreteu o piso vermelho. Sua energia notável queimaria o céu e borbulharia os oceanos — mas seria suficiente para vencer o Diabo?

O Arcanjo Sombrio parou com as mãos o jato incandescente, que refletiu nos pilares, já sem muita potência. Fraquejara, contudo, ao segurar a investida, e cambaleou para trás, embora nada ferido. Não resistiria tão facilmente a mais um assalto, mas se fez parecer invencível.

— Sua força é crescente, ishim — reconheceu —, mas você se esquece de que, além de todos os meus atributos, eu também sou perito na província do fogo. Minhas chamas aclararam as trevas do inferno, quando no porão só havia obscuridade. Por isso, não acho que esteja em situação de me enfrentar. Vá embora, e eu o pouparei desta luta.

Aziel estranhou a piedade do inimigo, mas ele não poderia, realmente, derrotar o Diabo. Não sozinho. Se Lúcifer decidisse usar seu poder seriamente, ele seria esmagado. Naquela ocasião, porém, o Arcanjo Sombrio preferiu não demonstrar suas habilidades e guardar o alento para sua atuação na desordem do *front* — por isso optara pela ameaça, intimidando o ishim, em vez de estorricá-lo de vez. Foi quando um terceiro personagem entrou na contenda, para desfazer o impasse.

Surgiu primeiro, brotando das sombras, um par de asas de fogo. Depois, brilharam as lágrimas fulgentes, como gotas ardentes de óleo pingando no chão. Amael, o Senhor dos Vulcões, o antigo mestre de Aziel, aparecia em cena.

Amael era um demônio passivo, conformado, que não buscava poder ou vingança. Por isso, Lúcifer permitiu que residisse em sua caverna, e gostava, sinceramente, de sua companhia. Sempre reservado e submisso, o Senhor dos Vulcões nunca contrariava seu líder, e então o Diabo o escolheu para levá-lo a Sion, confidenciando seu plano. Escondido nas câmaras internas desde o princípio da guerra, o zanathus ressurgia agora, na presença de seu amo satânico.

Aziel, mais triste que assustado, lamentou a sentença de seu reformado mentor, que havia decaído ao inferno. Seu rosto seria o mesmo, não fosse o choro fervente. Trajava a mesma armadura celeste, mas enferrujada, e o coração era pura melancolia. O algoz do dilúvio era uma criatura infeliz, arrependida, aflita por seus pecados passados.

— Aí está você, Amael — felicitou-se o Arcanjo Sombrio, aliviado. — Definitivamente, este é um encontro fortuito. Será que se recorda de seu pupilo Aziel?

O Senhor dos Vulcões nada disse em réplica à excitação de seu chefe. Era por demais reservado e vivia afundado nas próprias lembranças, preso à depressão e agoniado pelo remorso.

— Sinto muito, pequenino, mas estou de saída — provocou Lúcifer, encarando a Chama Sagrada. — Não tenho mais tempo para suas infantilidades — deslizou rumo à janela e cuspiu uma ordem ao sombrio zanathus. — Esta querela é sua, Amael. Acabe logo com esse anjo insolente.

E assim, seguro de sua majestade, a Estrela da Manhã deu de ombros, girou nos calcanhares e abriu as asas de morcego, pronto para escapar pela sacada.

— Não posso fazer isso, Lúcifer. Eu me recuso — ousou o Senhor dos Vulcões. — Se você deseja matá-lo, então que o faça. Estou farto de sua autoridade.

O Diabo levantou uma sobrancelha e voltou-se ao alpendre, indignado. Seus súditos não o chamavam pelo nome, só pelos títulos solenes. Lúcifer não podia ser questionado, absolutamente, em circunstância tão decisiva. A vitória espreitava adiante, e não seria um diabrete que iria afastá-lo da consagração.

— É por pouco tempo, Amael — insistiu, esforçando-se para não vacilar. — Estamos muito próximos do fim, perto de exterminar esses detestáveis rebeldes. O triunfo é iminente — e fitou seu criado com toda a dureza do mundo. — Não seja tolo de me desobedecer agora.

Mas o Senhor dos Vulcões não seria persuadido mais uma vez, como fora à época da inventiva revolução contra o arcanjo Miguel. Não cultivava mais ilusões sobre a honestidade de Lúcifer, a quem apoiara em era remota. Tinha chegado ao limite, e é nesse estado que os acuados avançam e os medrosos se transformam em heróis.

— Você está fraco, Estrela da Manhã. Desfalcou sua aura ao entregar parte da essência aos barqueiros, contratando seus serviços.

O Diabo recuou, tremulante. Um pensamento horrível brotou na fundura da mente, e ele preferiu nem cogitá-lo. Armou-se do blefe, que era sua arma mais eficaz.

— Fraco ou não, você ainda é um inseto perto de mim — engrossou. — Jamais me abateria, se é que tem em mente um duelo.

— Sozinho, seguramente não — devolveu, sugerindo conivência com Aziel, que até ali só observava a conversa. — Eu também provei o preço pelas viagens no Styx, e sabia quão fadigoso seria convocar os leviatãs. Por isso, eu o levei aos barqueiros.

— Traição! — reagiu o Arcanjo Sombrio. Estava óbvio que Amael premeditara a cilada, embora Aziel desconhecesse a prévia intenção. Debilitando seu amo, o Senhor dos Vulcões teria a chance de afrontá-lo.

— Não, Lúcifer — rebateu, indomável. — Foi você quem me traiu, ao inventar aquela maldita revolução. Mentiu, arquitetou a guerra no céu e usou a mim, a Orion e aos outros como cobaias em seu experimento cósmico. Fomentou o ódio pelos renegados e nos obrigou a matar nossos irmãos. Agora, pede que eu elimine meu único discípulo!

Nervoso, Lúcifer deslizou furtivamente a mão à cintura, buscando o cabo da Raio da Aurora, mas ele a havia deixado no nível de cima. Também estava sem armadura — não que ela fosse de grande ajuda agora.

— Amael, escute-me com cuidado. Você vai fazer o que eu mando. Podemos limpar esta bagunça, dar um novo começo a todos. E você vai me ajudar. Nós dois, juntos.

Aziel estava em silêncio. Ele sabia que aquele era um momento crítico para o seu mestre. O Senhor dos Vulcões tinha que desafiar Lúcifer sozinho, encontrar a própria redenção. Podia até ajudá-lo, mas a decisão final precisava ser dele. O Arcanjo Negro endureceu.

— E se teimar em me desafiar, Amael, vou ter que matá-lo — fez uma expressão maligna. — Poderia destruí-lo apenas com um olhar.

— Verdade? Então por que está procurando sua espada?

Aziel sorriu na escuridão. Não sentia nenhum prazer com aquilo, mas era irônico observar Lúcifer naquela situação. Logo ele, que sempre fizera o papel de carrasco.

— Seus monstros, porcos infiéis! — gritou, tentando intimidá-los. — Vou acabar com vocês agora mesmo, seus vermes insignificantes.

— Você pode tentar — avisou Aziel —, mas, se ainda não percebeu, este é um tribunal de execução.

Acossado, o Diabo juntou as mãos e apelou para a súplica. Ajoelhou-se e forçou uma lágrima, mas os carrascos eram insensíveis à choradeira. O Filho do Alvorecer não sobreviveria aos dois adversários, se eles resolvessem submetê-lo.

— Eu só queria o bem para todos, a satisfação de homens e anjos — garantiu, implorando perdão, mas sua oratória era incoerente.

— Basta de calúnias, Estrela da Manhã — interferiu Aziel, irritado. Cansara-se de sua petulância, e agora não tinha mais dúvidas sobre a redenção do mestre, Amael. — Suas lamúrias não o absolvem.

— Dê-me mais uma chance!

— Você teve todas as chances.

— Não! — desesperou-se o Arcanjo Sombrio. — Miguel! — berrou, convocando o irmão. — Miguel! — esgoelou-se.

— O Príncipe dos Anjos foi morto — avisou Amael. — O Primeiro General o derrubou.

— O Anjo Renegado? Não pode ser! Eu mesmo... — ele engasgou antes de confessar o homicídio. Rasgara a garganta do guerreiro instantes atrás. Como poderia ter revivido? — Posso sentir uma aura poderosa no topo da torre, a aura de um arcanjo. Isso significa que Miguel está vivo. Então, como se

atreve...

— O que você sente não é a aura de Miguel, mas a essência do Renascido — explicou Amael, para a alegria da Chama Sagrada. Então, Ablon seguia ileso e triunfante!

— Renascido? Que loucura é essa? — Lúcifer parecia inteiramente descontrolado. — Poupe-me, Amael! Você não é um assassino, nunca foi. Por que está fazendo isso?

— Desde o dilúvio eu jurei não matar inocentes. Vivi por milénios com o peso da culpa, calado, como um vulcão que esconde sua fúria. Hoje, cuspo meu ódio, copiando a erupção da grande montanha. Eu o sentencio à morte, Diabo, pela gravidade de seus crimes e pela persistência no erro.

— Pense nos anjos justos, Amael — soluçou. — Eles não me condenariam à sumária execução.

— Sou sua cria, Lúcifer. Sou um maldito, um demônio. Também sou perverso — declarou, justificando sua inesperada atitude.

Nesse momento, baniu-se toda a penumbra em Sion, quando mestre e aprendiz incendiaram sua aura pulsante e consumiram o sentenciado com rajadas de fogo. Um estouro de flamas atravessou a janela, e seu impacto fez a fortaleza inclinar. Na seção lateral da Torre das Mil Janelas, o calor exaustivo amoleceu as pilastras, e toda a rocha derreteu-se em lava vulcânica.

Lúcifer uniu as palmas diante do rosto para defender-se, usando todo o poder que lhe restava para repudiar o ataque. Tinha conseguido deter o assalto de Aziel, porém agora não só fogo, mas também cusparadas de magma o atingiam. O coração acelerou quando entendeu finalmente que poderia morrer, que estava sendo derrotado! Mãos e braços começaram a derreter, a túnica branca incendiou-se. Sentiu o cheiro da própria carne queimando, e uma massa de lava grudou-se em seu rosto. Os lindos cabelos louros se desintegraram, e um dos olhos murchou. A violência rasgou a membrana das asas de morcego, sobrando só osso.

A onda de choque jogou o arcanjo para além do telheiro, e ele despencou, devorado pelo ardor escaldante. Seus gritos assombraram os soldados, que avistaram uma trilha esfumaçada no céu e se esquivaram da trajetória.

Lúcifer não morreu rapidamente. Berrava enquanto caía, chorava, tossia, debatia-se, incapaz de voar. Pela fumaça, não conseguia mais respirar. Ninguém o acudiu. Ninguém o reconheceu.

O Filho do Alvorecer desabou às profundas gretas da terra, um buraco imundo onde se acumulavam os celestes tombados. Estava ali ao lado dos cadáveres dos anjos derrotados, dos demônios vencidos, dos espíritos-escravos. Seu corpo era uma porção nojenta, sem braços ou asas; o tecido da roupa grudara-se à pele. Lúcifer pereceu como indigente, em uma vala comum, gemendo e rogando socorro.

Perigoso Legado

No pátio superior de Sion, Ablon libertou Shamira dos grilhões apertados e a abraçou fortemente, envolvendo-lhe o corpo com as asas rajadas. A pele da feiticeira estava gelada, pelos ventos cortantes àquela altitude. Não fosse por seus encantos de conservação, que a protegiam do frio, entre outros

perigos, a necromante já teria congelado. Era humana, apesar de tudo, e não tinha a excepcional resistência dos celestiais e dos demônios.

A batalha seguia acirrada, e o general sabia que deveria regressar às legiões, mas era sensível ao coração e reservou um momento para o casal.

— A runa do corpo — sussurrou a mulher, afagando o antebraço do herói. — Eu mesma havia esquecido as atribuições do feitiço.

A inscrição mágica, marcada profundamente na carne do renegado, havia sumido, desaparecendo suas propriedades fantásticas. Conforme a própria necromante dissera à execução do ritual, o encanto só funcionaria uma vez, afastando o guerreiro da morte. E assim agiria também a runa da mente, que preservaria o cérebro de qualquer alteração psíquica, como tentativa de controle e esquecimento. Essa segunda marca, não usada, continuava gravada no braço esquerdo do querubim, como uma tatuagem discreta.

— O Príncipe dos Anjos foi derrotado pela inteligência de uma mulher — declarou o general, embora sua perícia tenha sido igualmente indispensável à vitória. — Sem sua magia, eu não teria regressado à vida. É irónico. Miguel sempre desprezou os artifícios da espécie mortal.

Shamira olhou para o cadáver do tirano, em sua prateada armadura. Não fossem as asas, afiadas na ponta, sua carcaça seria indistinguível das dos homens comuns. Os olhos perdiam o brilho, como é natural aos defuntos, e a face empalidecera pela falência de sangue.

— Na morte, somos todos iguais, terrenos e alados, demônios e deuses — lamentou, reparando na extinção do gigante.

— A eternidade é uma ilusão. Você se lembra quando, juntos, assistimos à devastação de Constantinopla e à destruição final do Império Romano, cujos césares se diziam perenes? Como muitos reinos de outrora, cai agora o último arcanjo. O infinito é só utopia. Nós também feneceremos um dia, seja pela espada ou pelo cansaço, como nos mostrou Gabriel. E chegará o tempo em que até mesmo o universo fechará seu manto. As estrelas se apagarão, e de nós só restará a energia, a palpitação una à fluência do cosmo.

Uma explosão colossal arruinou os andares inferiores, encetando o incêndio. Fogo e lava foram atirados ao ar, inclinando os alicerces da torre. O magma borbulhante escorreu para os níveis abaixo, corroendo as paredes de rocha como papel à fogueira. Ablon segurou a feiticeira pelos braços, mas o pináculo continuava estável.

— Os ishins estão incinerando as fundações da bastilha — avisou o Primeiro General, ciente do planejamento rebelde. Aquela, porém, não era a atuação do grupo insurgente, mas o reflexo das rajadas escaldantes que liquidaram o Diabo.

— A nuvem negra sobre Sion dissipou-se — reparou a necromante.

— E a aura de Lúcifer também se apagou. A Estrela da Manhã suprime seu brilho. Agora, quem poderá se opor aos rebeldes?

Com a morte dos irmãos conspirados, os anjos perversos perdiam seu principal comandante, e os demônios enfraqueciam o ataque. Os duques do inferno não eram páreo para os generais revoltosos, e dos nove aristocratas satânicos restavam só três. As numerosas hordas malditas lutavam frenéticas, mas eram massacradas pelas legiões revolucionárias. A aliança entre os dois exércitos não trouxera unidade, só confusão. As feras partiam ao assalto direto, dificultando a estratégia dos sitiados. Com o tumulto, ganhavam os insurgentes, disciplinados em suas táticas de guerra.

Miguel e Lúcifer sucumbiram, mas deixavam um perigoso legado. Sozinhos, nada seriam, não fosse a

peça fundamental da conspiração, uma entidade sinistra, capaz de acessar as dimensões mais remotas, rasgar o tecido e garantir a perfeita comunicação entre o céu e o inferno. O lacaio era também assassino, espião e soldado, e superava seus mestres em ódio, crueldade e sadismo.

O Anjo Negro, temido servidor dos arcanjos, subiu os degraus ao pináculo, silencioso como um tigre na floresta. Não fora derrotado, nem sequer ferido pelos guerreiros de bronze, só momentaneamente excluído da luta. Ablon o aturdira ao ingressar em Sion e enfrentar o malfeitor com a Flagelo de Fogo — objeto ao qual a entidade parecia ter singular aversão. Não fosse o elmo metálico, o criminoso teria tido o crânio amassado, mas o capacete poupara-lhe a vida.

Por alguma enigmática razão, o monstro de asas negras era tão furtivo quanto o renegado, e podia ocultar sua essência, fazendo-se imperceptível aos inimigos — quando assim o queria. Na mão brandia uma espada, pronto a estocar o general que, de costas, não percebera o embuste.

O assassino esgueirou-se pelo terraço como um espectro na noite e atacou de surpresa, inclinando a lâmina para decapitar sua vítima. Mas o alvo não era comum. Rápido e ágil, Ablon pressentiu o perigo e sacou sua arma, aparando a astuciosa investida. Shamira desviou o olhar e protegeu a visão, para que a faísca do choque não a cegasse.

Os dois fios bateram, e deu-se a revelação. Tal qual a Flagelo de Fogo, a espada do agressor fulgia também, mas em chamas negras — sinistras labaredas do inferno. A figura na armadura escura deixara para trás sua máscara, ficando aparente o rosto disforme. A face, cortada de um lado a outro por uma cicatriz horrorosa, não era angélica, muito menos humana — mas diabólica. Da boca saltavam dentes pontudos, como a mandíbula dos tubarões, e os olhos eram profundos e negros.

— Apollyon! — exclamou o querubim, deixando transparecer a satisfação da vingança. — Poupa-me um bocado de trabalho — acrescentou, lembrando-se dos espíritos de Sodoma e da promessa de desforrar os fantasmas.

— Apollyon é o Anjo Negro — murmurou a Feiticeira de En-Dor, admirada, mas os lutadores não a escutaram. Encaravam-se com indescritível firmeza, concentrados como cobras preparadas para o bote.

Ablon não se surpreendeu totalmente. Para ele, tanto o duque-demônio como o Anjo Negro eram perversos, detestáveis, e haviam perseguido seus companheiros, o que os colocava no topo da lista dos mais execrados. O Anjo Negro espancara Ishtar e raptara Shamira. Apollyon capturara Yarion e assassinara os principais renegados — e também Sieme, embora o general ainda não conhecesse sua culpa. A despeito da traição de Lúcifer e da felonia do arcanjo Miguel, esses eram adversários políticos, e sua derrocada estava, necessariamente, atrelada à vitória dos novos rebeldes. A contenda com Apollyon, entretanto, fomentava um ódio acumulado, particular. E o Anjo Destruidor guardava também uma cólera pessoal contra o Renascido. Em jogo não estava o desfecho da guerra ou o futuro dos exércitos em campo, mas o acerto de contas entre dois inimigos havia muito privados de terminar seu duelo.

Agora, a oportunidade caía nas mãos do herói, que por ela tanto aguardara. Alerta, tomando distância da briga, a feiticeira entendeu que a natureza híbrida do monstro garantia a ocultação de sua aura. Não era anjo ou demônio, mas uma criatura única, um celestial corrompido segundo a vontade dos terríveis arcanjos.

Normalmente sólido e controlado, Ablon entregou-se ao furor. Os olhos irados acenderam em um brilho vermelho, e o semblante enfureceu-se tal qual o de um leão agitado. Só duas vezes na vida provara tamanha exaltação. A primeira fora ao saber que Ishtar estava presa em Babel, e a segunda, ao

presenciar o sequestro da necromante. Shamira compreendeu, então, que não poderia acalmá-lo.

Apollyon recuou e golpeou novamente, mas o Renascido evitou o corte da arma, agachando e, depois, levantando para agarrar o pescoço da besta.

Preso pela garganta, o Destruidor debateu-se, engasgado, incapaz de manobrar a espada. Furioso, Ablon o jogou para longe, como uma só mão. A fera satânica despencou por entre os soldados em batalha como um meteoro chispante, pronto para colidir contra as montanhas. Tão intenso foi o barulho do corpo lançado que os exércitos no céu suspenderam o combate, voltando a atenção à entidade cadente.

Apollyon trombou com a encosta da cordilheira, e o impacto fez rachar a montanha, mas ele, nada sofreu. Sua armadura era uma relíquia e absorvera toda a violência do choque. Ileso, pulou para um pico ao lado e maneou sua lámina, convocando o Primeiro General ao embate. Mas, mesmo exaltado, o renegado não poderia deixar Shamira sozinha, vulnerável à queda da torre.

— Vá! — exigiu a mulher, entendendo o dilema de seu protetor. — A bastilha ainda resistirá por mais algum tempo — garantiu.

Então, todos os combatentes que ainda podiam enxergar, fossem eles demônios ou anjos, avistaram os dois lutadores em preparação para a disputa, cada qual em seu posto avançado. Ablon pairava no auge da Fortaleza de Sion, e Apollyon esticava as asas no topo da montanha mais alta.

— O Primeiro General está vivo! — gritou Baturiel às legiões insurgentes, apontando para o líder rebelde no pátio da fortaleza.

— Ele alcançou o terraço da Roda do Tempo — completou Shenial. — O arcanjo Miguel foi derrotado — não restavam mais dúvidas.

Em outro lugar, ainda nas alturas ao redor de Sion, Asmodeus indicou ao duque Alastor:

— Lá está nosso colega sumido — comentou, reconhecendo a face desfigurada do Destruidor.

— Ele trabalhava para o Monarca Celeste — concluiu, ao notar as asas escuras, as quais nunca mostrara aos seus diabólicos confrades. — Espião ou traidor?

— Talvez nenhum deles — incitou Asmodeus, reflexivo, coçando o queixo ao prelúdio da luta.

A cada instante, ficava mais óbvia a conspiração. Miguel e Lúcifer estavam destruídos, e o Exterminador era agora o perverso mais forte. Seu poder superava a potência dos aristocratas malditos, e dentre os infernais talvez apenas Orion estivesse em situação de abatê-lo, mas o Rei Caído de Atlântida desaparecera ao início da ofensiva, largando suas hordas ao caos. As tropas, maléficas e justas, guerreavam empatadas, e assim seguiriam eternamente, se nenhum evento as abalasse.

A conclusão era lançada, então, às costas dos duelistas. Se Ablon ganhasse, os rebeldes venceriam, mas, se Apollyon triunfasse, seria o princípio de um reino de trevas, muito pior do que aquele sonhado pela mente doentia de Lúcifer ou pelos delírios insanos do arcanjo Miguel.

Megiddo, a Montanha no Extremo do Mundo

No pátio sobre Sion, Ablon retesou as asas e saltou como uma águia em rapina ao encontro do Destruidor. Era tão veloz que um rastro de fogo acompanhava sua corrida, desenhando uma trilha vermelha na curvatura do céu.

Mas, em vez de se lançar contra o Renascido, Apollyon deu meia-volta e voou para longe, para além das cordilheiras. Rumou para o norte, na direção do Styx, e muitos pensaram que fugia de medo, correndo do líder rebelde, contra o qual, supostamente, não teria nenhuma chance. Mas Asmodeus percebeu seu real objetivo.

— Está atraindo o general para o monte Megiddo — disse ao duque Alastor.

— A Montanha no Extremo do Mundo — divagou o monstro. — O ponto profético para a conclusão do Apocalipse.

Nos andares inferiores, quando o chão da fortaleza cedeu, Amael e Aziel adejaram, sacudiram as asas e assistiram ao desmoronamento do piso, amolecido pelo calor. Pouco depois, também as paredes caíram, e eles escaparam pela sacada, já derretida em chamas.

Lá fora, os ruídos da batalha foram suprimidos, e os golpes também. Ablon e Apollyon voavam ao monte Megiddo, e os três exércitos os seguiam.

— A feiticeira! — lembrou-se o Senhor dos Vulcões. — Ela ainda deve estar no pináculo.

— Vamos tirá-la de lá — decidiu Aziel, disparando ao terraço. Nenhum soldado os impediria. O caminho estava livre. A Torre das Mil Janelas fora evacuada.

Ablon e Apollyon pousaram em Megiddo, uma montanha larga, de cume bem amplo, solitária na esplanada, única na vastidão do deserto. Fazia lembrar um calombo, um caroço nefasto na pele do mundo, distante uns cem quilómetros das cordilheiras que cercavam Sion. No plano físico, essa magnífica elevação fora cenário de muitas batalhas e abrigara dezenas de fortificações antigas, hoje em ruínas. Mas no plano etéreo Megiddo era só um morro de arenito, titânico em dimensão, cujo topo se aplainava em forma de arena, um círculo aberto para o derradeiro combate.

Os anjos perversos e justos, e também os demônios, perseguiram os duelistas e desceram ao solo, tomando posições para entrever o confronto.

No alto do maciço de rocha, nada abalava a confiança do general, frente a frente com seu maior inimigo. Já derrotara o Príncipe Celeste. Como o Exter-minador pretendia batê-lo?

— Terminaram seus truques, Anjo Negro — disse o renegado. — Seus líderes foram liquidados, e a conspiração está arrasada. Este é o momento do nosso ajuste. Durante tantos anos, você perseguiu meus amigos e matou muitos deles. Agora vou fazer com que se arrependa de suas agressões.

O monstro sorriu, desprezando a determinação do herói.

— Pois saiba, proscrito, que eu sou invencível. Por mais que você tenha arruinado Miguel e até superado os arcanjos, eu tenho a Fogo Negro — e mostrou sua espada de chamas negras. — Esta arma me foi dada por Lúcifer, como um presente por meu ingresso na conspiração. Esta relíquia pertenceu a Bahemot, servo de Tehom, um dos deuses antigos, aniquilados por Yahweh antes da feitura da luz. Ela é anterior à criação do universo e precedeu o nascimento dos anjos. Sua lâmina é indestrutível. Nada nem ninguém poderá me vencer enquanto eu a brandir. Derrotarei os novos rebeldes, sozinho se for necessário, até o último insurgente.

Em resposta, o guerreiro levantou sua Flagelo de Fogo.

— Então, talvez você se lembre da Flagelo de Fogo — desafiou-o, exibindo a ponta abrasada da espada. — É a única arma que já o feriu.

Durante a guerra no céu, Gabriel, que não sabia da aliança entre Miguel e Lúcifer, lutou bravamente contra os agentes do Diabo, e em meio à peleja golpeou o Exterminador bem no rosto, com sua espada fulgente. A cicatriz era ainda visível.

Cansados e furiosos, os dois rivais se afastaram e tomaram distância para o combate mortal. Flutuando ao lado de Shenial, Baturiel lembrou-se dos dias remotos, quando Ablon e Apollyon se bateram no Castelo da Luz. Na época, eram ainda generais de legiões, e só não morreram porque Balberith, então príncipe da casta, interrompeu o embate.

— Continua aqui um desafio que se iniciou há quinze mil anos — sua armadura dourada estava coberta de sangue, seu e de outros. Os braços tinham cortes abertos, e as asas doíam pelas pancadas sofridas.

— A espada de um arcanjo ou a arma de um deus — proferiu Shenial, referindo-se à Flagelo de Fogo e à Fogo Negro. — Quem vencerá?

Era impossível precisar a vitória.

O Fim do Universo

Shamira estava sozinha no ponto extremo da fortaleza, acompanhada somente pelos mortos. No terraço, o sangue chegava aos calcanhares, e era difícil andar sem pisar em cadáveres. Apesar do incêndio, a torre continuava segura e certamente resistiria por mais alguns minutos.

Livre das correntes e sem alados para vigiá-la, a feiticeira preferiu tomar uma atitude, em vez de assistir passiva ao duelo. Desceu pelo alçapão e entrou na Sala dos Portais, palco da armadilha preparada pelos

arcanjos para assassinar o general dos rebeldes.

A necromante estacou na entrada da câmara e observou tudo em volta. Estava resolvida a encontrar ela mesma a saída e a escapar, sem ajuda, do fogaréu que consumia a bastilha.

Ablon e Apollyon chegaram à beira do precipício sobre a montanha, em cantos opostos da arena de pedra. Dali se viraram, um de frente para o outro, como desafiantes em lados extremos do ringue. A tensão atingiu o ponto máximo e, então, eles correram à batalha, inchados de força colérica.

Os exércitos estavam estagnados, aguardando o impacto. Como cavaleiros em justa, os titãs rasgaram a noite e se enfrentaram bem no meio do círculo.

Quando as duas espadas bateram, o planeta inteiro tremeu. A explosão soou como um acorde estridente na fluência do universo, uma nota gritante na sinfonia do espaço. Uma fabulosa onda de fogo — negro e rubro — desceu pelas encostas do morro, fulminando os espectadores mais próximos e lambendo toda a planície. Os mais espertos voaram, enquanto o vagalhão escaldante chamuscava o chão do deserto, consumindo tudo à sua frente.

As armas mais poderosas do cosmo se partiram ao encontro, lançando estilhaços ferventes ao céu. Os duelistas foram atirados para trás, pela violência do choque, e rolaram ao marco inicial do combate. A explosão fez rachar as armaduras, que logo sumiram em farelos. As couraças desapareceram como poeira ao vento, mas haviam preservado a vida de ambos — sem elas, o corpo dos combatentes teria sido desintegrado, engolido pela suprema energia das lâminas, forjadas por deuses insuperáveis.

A Flagelo de Fogo fez seu trabalho, mas as ameaças de Apollyon não eram simples bravatas. A Fogo Negro realmente era, e sempre fora, a arma mais potente já criada, por isso um de seus estilhaços resistiu. A lasca abrasada atravessou o ombro de Ablon em extrema velocidade, perfurou-lhe a carne e saiu pelas costas, indo perder-se nas pedras além.

Na Sala dos Portais, Shamira vasculhava as alcovas, atenta aos símbolos gravados nas portas. Enquanto examinava os umbrais, encontrou um curioso objeto pousado no chão: uma pena enegrecida, de aparência antiga, já encurvada nas pontas, maior que a plumagem das aves. Levando a pluma à luz, não teve dúvidas sobre a quem pertencia.

Aquela era a pena de Apollyon, dada ao Primeiro General pelos espíritos da velha Sodoma. Ablon a levara à batalha, para não esquecer sua vingança, mas durante o combate contra o arcanjo Miguel ela lhe escapara do cinto, e agora a feiticeira a encontrava entre as sombras.

Sob circunstâncias normais, anjos e demônios não são afetados por encantamentos comuns, a não ser que o feiticeiro tenha um elemento físico da entidade para os rituais. Foi assim que Zamir conseguira atrair Ablon para o bosque Tin-Sen e imobilizá-lo na entrada da casa romana.

Agora, Shamira tinha uma pena do Destruidor.

Podia fazer um feitiço!

Recuperados da explosão, os dois guerreiros se levantaram, enraivecidos e desarmados. Nenhum deles esperava que as espadas se quebrassem ao impacto, mas não podia ser diferente. O poder das lâminas era enorme.

— E agora, onde está sua arma invencível? — instigou Ablon, sem dar a menor importância ao ferimento no ombro. — Está inerme, maldito.

— Inerme? E quanto a você? — riu Apollyon, apontando para o rasgo onde o estilhaço penetrara. — Achava que nada mais poderia vencê-lo, não é? Entenda, renegado. A Fogo Negro foi feita para exterminar os arcanjos, e isso o tornou o alvo perfeito.

— Acredita mesmo que este ferimento pode me matar?

— Não. Mas agora suas forças estão reduzidas. Lutamos novamente em igualdade. Não é assim que prefere?

— Eu prefiro vê-lo morto. Desta vez nenhum príncipe vai ajudá-lo.

— É verdade — concordou o demônio. — A salvação está reservada aos fortes. Assim morreram os renegados, sem um líder para ampará-los — provocou. — Assim morreu Yarion, Asa de Vento. Assim morreu Sieme, Mestre da Mente.

— Já falou demais, assassino — censurou o guerreiro. — Vejamos se é tão bom com os punhos quanto é com as palavras.

Eles voltaram ao combate, agora sem as armaduras a cobrir-lhes o torso. A batalha, recordou Baturiel, repetia a sequência do duelo no Castelo da Luz, quando os dois generais lutaram, deitando fora as couraças de ouro.

Apollyon disparou para cima com a rapidez de um trovão, como se convocasse o Renascido. Ablon o seguiu, e os dois subiram alto, muito alto, só parando quando enxergaram as estrelas. O frio do espaço endureceu-lhes o corpo, e o general sentiu que sangrava, sangrava muito. A lasca da Fogo Negro não apenas o enfraquecera, mas ainda poderia matá-lo. Seria ele, enfim, vencido por seu inimigo mais pessoal, depois de ter voltado da morte e derrotado o arcanjo Miguel?

Mas, no momento em que a esperança fugia, o mundo girou, em seu característico movimento diário. A escuridão sideral recebeu o brilho da luz, e o primeiro raio de sol surgiu na curvatura.

Os desafiantes voaram um contra o outro, como dois foguetes em colisão. Apollyon esmurrou, aproveitando toda a energia do empuxo, mas Ablon desviou o ataque. Agarrando o malikis pelo braço, ele o rodou sobre a cabeça e depois o lançou para baixo. O Exterminador despencou, girando feito um furacão, enquanto o general o massacrava com uma sequência de socos.

À medida que reentravam na atmosfera terrestre, o monte Megiddo tornava-se novamente visível. Apollyon não conseguiu adejar e caiu de costas no chão, abrindo uma cratera no cume do morro. O choque esmagou-lhe as asas, despedaçando os ossos do dorso.

Acelerado, Ablon desceu à vala e pousou já montado, forçando o joelho contra o estômago do monstro, que se defendia, insensível à dor. O general reparou, à proximidade, que o baque também tinha dilacerado as costelas da besta, trespassadas por estacas de pedra. O sangue do misterioso Anjo de Asas

Negras encheu o buraco, sujando a fundura da fenda.

— Está derrotado, Exterminador. Sem sua espada, não é quase nada. Conhecerá agora o caminho da morte. Partirá ao vazio, e sua essência voltará ao fluido do cosmo, de onde nunca deveria ter se formado.

Enlouquecido pela exaltação, Ablon invocou a Ira de Deus. Desceu um soco no rosto do malfeitor, mas a fera esquivou-se, escapou para o lado e pulou às costas do general, como uma pantera faminta.

A pancada falhou, e o golpe possante atingiu o coração da montanha. Ao embate, sobreveio um grande terremoto, que fez vibrar todo o morro e ameaçou engolir a cratera. Ablon tentou voar, mas Apollyon estava enlaçado às suas asas, como um carrapato colado à pele. Juntos, foram quase soterrados pelas pedras rolantes, mas um impulso do renegado jogou os dois para fora da vala.

O monte Megiddo implodiu, ruindo por dentro e destroçando todo o de scrto. A planície se rasgou em gretas profundas, castigando a esplanada, já arrasada pelo fogo das espadas divinas.

Os duelistas aterrissaram sobre os destroços, salvos, mas buscando estabilidade no terreno imperfeito.

Agora, o jogo tinha virado, e o Destruidor detinha a vantagem. Enrolando o braço no pescoço do inimigo, o demônio apertou o rebelde em um golpe do tipo gravata. Ele sabia que, por mais que lutasse, seus assaltos seriam ineficazes contra o Renascido, por isso guardava, secretamente, sua principal tática de guerra — o ataque final que encerraria a disputa. Ablon se tornara insuperável ao vencer o arcanjo Miguel, mas não subsistiria à estratégia suprema do Exterminador.

O herói rolou para a frente, contraiu todos os músculos, tentou escorregar para baixo, mas não conseguiu se libertar da pegada. Era o mais destro dos lutadores, possuía habilidades incríveis, mas já havia perdido muito sangue. Além disso, o malikis ainda tinha maior força física, e usou de toda sua brutalidade para reter o revoltoso.

— Suas manobras são inúteis — avisou Apollyon. — Como poderá agir, enquanto estiver imobilizado?

Pela posição do rival, Ablon percebeu que ele também nada podia fazer. Um único movimento agressivo permitiria que o general se libertasse da chave.

— Nunca vai me ferir — constatou o renegado. — Solte-me, e voltemos à briga.

O assassino não deu importância à proposta e retrucou em regozijo:

— Para você, reservei minha arma mais primorosa — explicou, e continuou lentamente. — Soube que você ficou muito impressionado pela maneira como arruinei Sodoma e Gomorra... — havia um deleite macabro em sua voz. — Esse é meu poder de total destruição, a potência capaz de arrebentar o tecido e trazer a condenação sobre o mundo.

Destruição total! — a energia que vitimara os filhos de Sodoma, o horror que liquidara as duas cidades, convertera os mares em sangue e transformara os fugitivos em colunas de sal. Ao discurso, Ablon temeu pelo futuro da humanidade, pelo destino da terra e de seus habitantes. A fera não era só assassina — mas também suicida.

— Se não me soltar, você morrerá junto — alertou o querubim.

— Então, morreremos. Você é meu inimigo, minha nêmesis. Nosso fim marcará a devastação do planeta. Essa é minha demanda vital — revelou, repetindo as glosas sobre sua identidade. — Eu sou o Anjo do Abismo Sem Fundo, sou aquele que abre todas as portas. Eu sou a luz e as trevas, o começo e o fim.

Com isso, seus músculos se dilataram, e o sangue vermelho da besta ganhou brilho azulado. Ablon notou, com sua visão apurada, que os átomos do plasma inchavam e logo se chocariam a ponto de estourar, culminando em uma explosão luminosa. De repente, o corpo do Destruidor mais parecia um canal, um veículo retentor de toda a energia destrutiva do cosmo, um receptáculo carregado de sentimentos terríveis, concentrando, em si, horror e agonia, maldade e aflição, ódio e crueldade.

O general não sabia de onde vinha tamanho poder, ou como era ativado.

Não havia mais reversão ao processo.

Aquele era o fim do universo, para homens e anjos.

"Assim Morrem os Heróis"

Apressada, Shamira voltou ao pináculo da torre, com a pena negra na mão — a pena de Apollyon. De lá, avistou o terremoto devastando a planície, e os dois gigantes ainda lutando.

Apertou a pluma contra o peito e evocou sua mágica, para recitar um último encantamento.

Sobre os escombros do monte Megiddo, então reduzido a uma colina de pedregulhos instáveis, Apollyon prendia o Primeiro General em sua guarda, enquanto invocava a arma letal, que vitimaria não só os dois duelistas, mas todos os mortais do planeta. Imobilizado, Ablon imaginou qual seria o verdadeiro papel do Exterminador na conspiração. Por que Miguel e Lúcifer o teriam recrutado, além de usá-lo como mensageiro? Supôs, então, que sua habilidade suprema de destruição fosse parte essencial do plano final. Os arcanjos tinham por meta liquidar a humanidade após a desintegração do tecido, e quem melhor para ajudá-los do que o Anjo Destruidor, um agente da morte, criado para a carnificina e atraído pelos mais violentos massacres?

Apollyon era fascinado pela dor e pela matança. Por toda a história, ele lá estava, onde quer que houvesse agonia e morticínio. Não interferia, mas acompanhava do plano astral as chacinas, as guerras, as hecatombes, as catástrofes. Assistira ao primeiro homicídio, quando Caim matou o irmão; espiara as guerras da Grécia, o avanço do Império Romano, o horror das Cruzadas; espreitara as campanhas de Napoleão e os conflitos do século XX. Um dia, na primavera de 1916, caminhara sobre os campos entrincheirados de Verdun, na França, ao término da maior batalha humana da Europa, em que oitocentos mil soldados morreram. Anos depois, vira a bomba atómica sobre o Japão e se admirara ao entender que seu poder havia sido roubado pelos homens. Soube, então, que cedo ou tarde a civilização se extinguiria, ela própria, mas caberia a ele caçar os sobreviventes. Era para isso que a Estrela da Manhã o havia chamado — o Diabo julgava conhecer o futuro, revelado no Livro da Vida.

Assim se concluiria o sétimo dia, com a derrota do Renascido.

Mas Ablon não acreditava em destino, e o que aconteceria a seguir desafiaria qualquer previsão.

Surgiu, voando no céu, uma figura virtuosa e altiva, apesar de sua diabólica aparência. Envergava uma armadura de prata, adornada com símbolos atlantes. O colete metálico se abria nas costas, de onde brotavam duas asas despenadas, refletidas na pureza da couraça brilhante. Os olhos eram vermelhos, a pele, morena, e a barba, de um negro profundo. Mistura de homem e fera, o Rei Caído de Atlântida ingressava ao combate, oculto desde o princípio da luta.

Mergulhou no ar feito um falcão, e com suas garras pontudas furou o dorso do Destruidor, puxando a besta para trás e libertando o renegado.

— Orion! — espantou-se o Primeiro General.

— Orion? — grunhiu Apollyon, enquanto o satanis o segurava pelas asas partidas, enfiando-lhe os dedos na carne, cada vez mais profundamente.

— Vá embora, Ablon — falou o Rei Caído. — Não vou detê-lo por muito tempo.

O general planava diante do amigo, ainda estupefato. Como veterano de guerra, sua primeira reação foi preservar o camarada, e não correr da batalha.

— Ele não vai parar, Orion — avisou, referindo-se ao Exterminador e a seu poder de total destruição. — Largue-o, ou será imolado.

O velho confrade sorriu.

— Faço isto pela nossa antiga amizade, general, que nem o céu e o inferno conseguiram apagar — e, ao notar o querubim ainda indeciso, acrescentou:

— Minha salvação está em morrer em glória, como um monarca atlante. Fuja, ou meu sacrifício não terá serventia. Você já terminou sua missão. Permita que eu cumpra a minha.

Compreendendo que Orion havia feito sua escolha, e que nem mesmo ele poderia impedi-lo, Ablon decolou e voou com toda a celeridade na direção de Sion, esperando chegar à fortaleza a tempo de salvar a Feiticeira de En-Dor. Aos brados indignados de Apollyon, que teve frustrada sua demanda, o Renascido olhou para trás e proferiu uma última frase em tributo ao bom companheiro:

— Assim morrem os heróis — sussurrou, e as palavras se perderam ao vento.

A Chave do Poço do Abismo

Ao ver a fuga de seu inimigo, Apollyon decidiu persegui-lo. Orion ainda o segurava, mas o ocioso satanis não seria páreo para a força descomunal do malikis. Se nem o Primeiro General o prendera, não seria o Rei Caído que o faria.

O Destruidor forçou o atlante para trás, com o objetivo de atirá-lo ao alto, mas percebeu, subitamente, que seus impulsos não eram mais tão possantes assim.

— O que houve, Exterminador? — perguntou com ironia o falido monarca. — Seu vigor colossal o abandonou?

Desesperado, Apollyon esperneou, mas sua magnífica potência sumira. Ele gritou em protesto, esbravejou, e nada aconteceu.

Como? Que tipo de energia o debilitara? Quem poderia sugar toda sua pujança?

—*Alsi ku nushi ilani mushiti!*— proferiu Shamira no cimo da fortaleza, com a pena negra na mão. Aquele era o encanto do enfraquecimento, o mesmo que Zamir lançara em Ablon, à entrada da casa romana.

Mas, agora, o alvo era Apollyon.

O feitiço não era mortal, só debilitante. No renegado, os efeitos foram particularmente terríveis porque, na ocasião, ele já estava arrasado pelo veneno do escorpião. O Exterminador não seria vitimado pelo encantamento, e sim por sua própria arma de destruição.

— Foi você! — decifrou de repente Apollyon. — Foi você quem libertou Ablon dos calabouços de Zandrak.

— Sim — confirmou o Rei Caído de Atlântida. — Eu e a rainha-demônio.

— Lúcifer enxergava tudo em seus domínios — rugiu, buscando uma explicação aceitável. — Não é possível que isso tenha escapado à sua visão!

— Nem tudo o Arcanjo Sombrio podia enxergar. A amizade e o amor... foram as emoções que nos motivaram, a mim e à sedutora. A Estrela da Manhã jamais perceberia nossas intenções porque, para os perversos, esses sentimentos são indecifráveis.

Então, enfraquecido pelo feitiço de Shamira, incapaz de voar com as asas quebradas e retido no solo por Orion, Apollyon liberou sua fúria, que, uma vez invocada, não poderia mais ser contida.

Assim, deu-se a grande explosão. O coração pulsante da besta rasgou, lançando um oceano de fogo e fulgor sobre o mundo. No campo, os três exércitos enfrentaram, atônitos, o espetáculo, à medida que o calor cósmico desintegrava seus corpos.

Ruíram as fundações do planeta, e por toda a terra começaram os cataclismos. Rios transbordaram, continentes se dividiram, montanhas desabaram. O solo foi castigado, e suas gretas sugaram os mares às entranhas do globo.

Sobre os escombros de Megiddo subiu uma coluna de negra fumaça, como se aberto o poço do abismo

— uma passagem aos nefastos confins do universo. O ardor queimou todo o céu, obscurecendo o firmamento e apagando o brilho dos astros.

Submetendo o Exterminador, Orion foi o segundo a morrer, seguidamente ao suicida. Mas, antes de perecer, teve um último lampejo, uma visão — não do futuro, mas do passado.

Ao fenecer, avistou uma ilha e uma cidade de torres resplandecentes, banhada pelo sol da manhã, onde era sempre verão. Viu um povo feliz, navegando pelos mares e mergulhando nas ondas. Vislumbrou uma terra de encantos e maravilhas, sem fome, ódio ou tristeza; um país unido pelo amor ao Criador, mas ciente das próprias capacidades.

Aquela era Atlântida, a Pérola do Mar.

Falecia seu monarca perpétuo.

Antes de a explosão engolir a bastilha, Amael e Aziel chegaram ao terraço da Roda do Tempo para resgatar a Feiticeira de En-Dor. A Chama Sagrada segurou a mulher, e os três voaram para longe dali, em direção ao acampamento rebelde, tentando fugir da nuvem de choque.

Mas a energia os alcançou, lançando seus corpos ao deserto.

13-O Beijo dos Mortos

Devastação

atordoado pela explosão, ablon levantou-se do chão, trôpego e dolorido. Cuspiu um pouco de sangue no solo queimado e esticou as asas rajadas. Sentia-se péssimo, mas ainda estava vivo. A respiração também voltava com custo, e ele inspirou fundo, só para sentir o gosto funesto do ar poluído.

Mas onde estava? O que acontecera? De repente, perdeu a noção do tempo e do espaço.

Olhou ao redor e viu uma paisagem de horror — um deserto cinzento, de terreno acidentado, coberto por ruínas e estilhaços. O céu estava fechado por uma nuvem escura, profunda e venenosa, que deixava a planície em penumbra lunar. O clima esfriara, e uma estranha poeira descia à superfície, imitando uma neve sinistra, pesada e plúmbea.

Percebeu, então, que algo havia mudado, não só no cenário, mas no universo. O tecido da realidade caíra, e os dois mundos — o físico e o espiritual — eram agora um só. A distância, divisou os escombros da cidade santa de Jerusalém, desabitada e aniquilada. Mas como fora destruída? Teria sido arrasada pela energia de Apollyon ou pelo estouro da Sétima Trombeta, a última das bombas humanas? O general não procurou a resposta, nem a acharia. Talvez o Destruidor e sua arma fossem de fato a Trombeta Final, e ele, o único responsável pelo cataclismo e pela terminação da espécie mortal — ou talvez não.

Na esplanada, espalhavam-se milhões de corpos, celestiais e mundanos, decepados e mutilados. O sangue dos anjos misturava-se ao sangue dos homens, ruborizando a negritude da terra.

Afundado na areia chamuscada, o guerreiro encontrou um volume intacto, em meio à devastação. Ele o puxou e analisou a capa. Era o Livro da Vida, concebido para confundir os perversos, cegos pela própria ganância. Resistindo à tentação de abrir o compêndio, o general o guardou consigo, virou-se ao sul e rumou em direção aos destroços que, pouco antes, eram a inexpugnável fortaleza do Príncipe Celeste.

Shamira — teria ela sobrevivido?

O coração apertou, e ele se deu conta do derradeiro fracasso. Mesmo voando, correndo a toda velocidade, o querubim não conseguira chegar a Sion.

Só um milagre teria preservado a Feiticeira de En-Dor.

Disparou às ruínas, e do céu enxergou três figuras, entre elas o ishim Aziel e seu antigo mestre, Amael, o Senhor dos Vulcões. Estavam reunidos diante de uma mesa redonda de pedra — a Roda do Tempo —, que agora jazia no chão do deserto, espantosamente preservada após ter despencado do pináculo. Certas relíquias são tão especiais que nunca se quebram, mesmo atacadas pelos mais terríveis desastres.

O renegado sentiu uma fincada cortar-lhe o espírito, ao notar que Aziel deitava uma jovem no solo —

uma moça de pele alva e cabelos negros — e fechava-lhe os olhos.

— Tentei salvá-la, general — disse o ishim, quando Ablon pousou a seu lado e tomou a necromante no colo. — Mas seu corpo humano não resistiu à explosão.

As entidades fizeram silêncio.

Morta! Shamira estava morta! O Renascido não quis acreditar, mas era a mais pura verdade. A feiticeira o abandonara e não regressaria jamais. Para onde teria seguido sua alma? Ali, ajoelhado, teve vontade de resgatá-la, de trazê-la de volta, para que vivessem tudo aquilo que não viveram, para que se encontrassem, afinal, na tranquilidade que tanto sonharam.

Mas ele não podia revivê-la, realmente.

E agora, o que faria? Como prosseguiria sua vida miserável? Que forças teria para continuar habitando este mundo?

Compreendeu, finalmente, o exato sentimento de sua amada, ao tê-lo a seus pés, sangrando, à beira da morte, no átrio da casa romana. Com efeito, a morte é muito mais dolorosa para aqueles que ficam, e certamente pouco sombria aos falecidos. Entendeu, portanto, que suas lágrimas não ajudariam seu coração, muito menos a pobre mulher.

— Você fez sua parte, feiticeira. Siga em paz para o eterno descanso — sussurrou e a beijou entre os lábios.

Foi aquele o único beijo real, desde que se conheceram.

O beijo dos mortos.

O Crepúsculo dos Tempos

Ali estavam as três entidades, no campo destruído, em volta da Roda do Tempo, sobreviventes da grande catástrofe, velando o corpo da Feiticeira de En-Dor. Tinham vencido a guerra, derrotado os inimigos, despojado os tiranos, mas a que preço!

Como seus opressores, os rebeldes também haviam sido derrotados. O projeto dos arcanjos se concretizara afinal, apesar da ruína de seus arquitetos. A humanidade fora enfim liquidada, conforme planejaram os chefes perversos.

Mas agora o sétimo dia havia terminado. E este era o crepúsculo dos tempos — o declínio do universo.

Aziel parou em frente à relíquia de pedra, marcada com o código secreto dos malakins. Tão próxima, a roda mais parecia um relógio, gravada com runas antigas e símbolos cósmicos. Durante todo o curso da história, o círculo esteve girando, mas agora descansava, estático sobre seu eixo.

— Então, esta é a famosa Roda do Tempo — arriscou o ishim, quando o clima de tristeza acalmou. Nunca havia admirado o artefato de perto e percebeu que, mesmo inerte, a energia continuava latente na

rocha. — Sua força mística é magnífica. Por isso Miguel quis roubá-la do santuário dos malakins no Sexto Céu e trazê-la para Sion. Quem detivesse a roda deteria o poder.

— A Roda do Tempo é a maior das relíquias deixadas por Deus — confirmou o renegado.

Amael desviou o olhar para cima e depois voltou a atenção aos escombros do monte Mcgiddo.

— O que aconteceu aos três exércitos? — perguntou o Senhor dos Vulcões. Ele e Aziel não tinham assistido ao duelo, só à explosão. A pilha de defuntos indicava o fado das legiões, mas quem teria sido o arauto da destruição?

— Estão todos mortos — explicou o general. — Apollyon era o agente da conspiração, o Anjo Negro, escolhido pelos arcanjos para caçar os sobreviventes mortais, à queda do tecido da realidade — e inclinou a cabeça. — Miguel não cairia no mesmo erro que cometeu no dilúvio, quando desprezou a capacidade de reprodução dos seres humanos, e eles voltaram a povoar o planeta.

Aziel fitou as palmas frias, outrora cheias de fogo.

— Juntos, triunfamos na Batalha do Armagedon. Completamos nossa missão, mas não conseguimos afastar o mundo de sua extinção. Os grandes valores foram deitados por terra.

Ablon encarou o rosto gélido da necromante, impressionado por sua beleza, mesmo na frieza da morte. Era como se ela ainda vivesse, e realmente vivia, algures em seu coração. Tocando-lhe a face macia, o querubim reviveu o ritual em seu apartamento, quando a moça trouxe o espírito celta ao pentagrama - Korrigan, uma entidade com habilidades proféticas.

— Há esperança—sussurrou o Renascido. O murmúrio era quase um suspiro.

— Como? — perguntou o ishim. — Como vamos devolver a vida aos mortos e reconstruir um planeta infértil? Somos anjos, não deuses.

O general concordava com o amigo, mas não inteiramente.

— Este universo está arrasado, mas a verdade é incerta. No infinito, os caminhos nunca levam ao mesmo lugar nem correm em uma só direção.

Os três silenciaram, até que Amael decifrou:

— A Roda do Tempo. Acha que poderíamos voltá-la?

— Talvez.

— Mas só um deus pode movê-la — reagiu a Chama Sagrada. Era o que todos sempre diziam.

Ablon aprendera muitas coisas em sua jornada, mas sobretudo a desacreditar no destino, nos rumos traçados, nos trajetos já determinados. Preferia crer no revés, confiar no livre-arbítrio, na capacidade de construir o próprio futuro. Ainda que não fosse humano e estivesse preso à sua natureza angélica, acreditava na liberdade de decisão.

— É o que somos agora — interpretou Amael. — Foi o que nos tornamos. Sobrepujamos os arcanjos, e agora não há quem nos supere. Aqui, somos deuses. Deuses sem rosto, sem seguidores.

— Acabamos por nos converter naquilo que tanto lutamos para que nossos inimigos não se tornassem: deuses de um mundo em cinzas — completou o Primeiro General, olhando para o céu obscuro. Além das nuvens, o sol nascia, mas sua luz não alcançava a terra. O globo se tornara uma estufa gelada,

mergulhada nas trevas, assolada pelo inverno nuclear e contaminada pela radiação das bombas humanas.

Enquanto deliberavam, avistaram um ponto dourado no horizonte, que brilhava feito estrela na noite fechada. Sua energia era amável, bondosa, e os três se sentiram acolhidos. O brilho deslizou até eles, e de repente até a contorcida paisagem pareceu concertar-se.

Aquele era o fulgor vivo de um anjo, um ofanim — a casta dos alados mais piedosos. Não eram guerreiros, muito menos políticos, mas guardiões dedicados à assistência dos homens e à proteção dos necessitados. Os olhos eram como pedrinhas de cobre, e tranças de ouro desciam pela longa túnica branca. As asas tinham reluzir próprio e se abriam como folhas de prata.

Quando pousou, até o velho Amael o reconheceu. Ainda que afastado do céu, o Senhor dos Vulcões não esquecera a cintilante beleza de Nathanael, o Mais Puro.

— Nathanael... Está preservado — constatou Ablon.

— Eu não fui ao combate — esclareceu o ser reluzente. — Continuei a distância, na caverna do monte Horeb, perto do acampamento rebelde. Assim, escapei da explosão. Além disso, sou capaz de me transformar em luz pura, tornando todo meu corpo absolutamente imaterial.

A chegada de Nathanael era uma bênção em um instante de tanta aflição. O ofanim era um dos mais sábios celestiais, por isso fora selecionado como assistente direto de Gabriel. O Mestre do Fogo o designara para acompanhar, do plano astral, cada passo do Salvador, até o martírio na cruz. Foi por causa de sua missão que o Mais Puro não pôde encontrar Ablon no monte das Oliveiras, quando da primeira viagem deste à Cidade Sagrada. Depois, Nathanael esteve à frente das legiões que escoltaram o Iluminado ao paraíso. O Mensageiro confiava ao ofanim os assuntos do espírito, e a Varna a matéria da guerra.

— Ilumine-nos, Nathanael, com sua infinita prudência—Ablon pediu. — Sou só um guerreiro e não enxergo muito bem os mistérios do cosmo — ele apontou para a relíquia de pedra. — Podemos voltar a Roda do Tempo?

— Agora vocês três são soberanos — declarou. — São uma trindade suprema, onipotentes e imperecíveis. O sétimo dia acabou, e as leis antigas caíram. Cabe a vocês encontrar a decisão. Se aqui ficarem, poderão tentar refazer um universo arrasado. Se retrocederem, abrir-se-á uma nova chance à civilização. Mas saibam, ó gigantes, que caso regressem não se lembrarão do futuro. Sua mente será apagada até o ponto em que decidirem voltar. O destino é indecifrável.

— Mas se retornarmos, sem consciência do futuro, como poderemos garantir a retidão de nossas ações? — interpelou Aziel. — Como saberemos que, no fim, a situação não nos trará a este mesmo ponto final?

— Miguel morreu porque se entregou ao destino — alertou o Primeiro General. — Não somos como ele. Construiremos nossa estrada, nossos valores, nesta ou noutra existência.

Seguiu-se uma longa pausa, enquanto a neve escura despencava das nuvens. Então, Amael confessou:

— Nunca me perdoei por ter acatado as ordens de Miguel e os comandos de Lúcifer. Executei o dilúvio, sob a atenção dos arcanjos. Meus pecados agora são irreparáveis. Mas, se tivesse urna nova oportunidade, eu os enfrentaria.

— E eu o ajudaria — replicou Aziel, arrependido por, um dia, ter virado as costas a seu mestre querido.

Sobre o deserto, a poeira cinzenta descia. Sion era só estilhaços, uma ruma fumegante de colunas e blocos, como uma fogueira em brasa que se apaga ao orvalho da madrugada.

— General, você foi o líder da irmandade e o ícone dos revoltosos — arbitrou Nathanael. — É sua a palavra final.

Korrigan — pensou o Renascido. Durante o ritual mágico, o espírito celta havia previsto o impasse, mas não expusera nenhuma solução. Nem precisara — a vontade do guerreiro era óbvia. Ele era um herói, e como tal dedicara a vida ao mundo. Por séculos, desistira da felicidade para perseguir um ideal. Renegara a liberdade, e até o amor. E agora, por fim, teria o aguardado repouso.

Sua missão estava cumprida.

Juntos, os três cingiram a Roda do Tempo, sob a luz inspiradora do ofanim.

E a giraram.

EPÍLOGO

Estoril, costa de Portugal, tempo presente

O conversível vermelho estacionou à margem da pista, entre o asfalto e a mureta de aço. Além da estrada, a praia se alongava até o horizonte, subindo em uma falésia adiante. No céu, as gaivotas dançavam, mergulhando às vezes no mar vespertino.

Ablon rodou a chave do carro e desligou o motor. A seu lado, Shamira tirou os óculos escuros, para apreciar o esplendor da paisagem.

— Por que paramos? — ela perguntou.

— Só um velho costume atlante — respondeu o celestial. De baixo do banco, ele sacou um embrulho pequeno. Abriu a porta do automóvel e caminhou em direção à mureta. — Já volto.

— Não se apresse — sugeriu a mulher, fascinada pelo cenário. — Por mim, ficaria aqui para sempre.

O anjo desceu à areia e andou até a beira do oceano. Do embrulho, retirou um compêndio ancestral, um livro grosso, de aparência antiga, com as páginas já amareladas, mas sem inscrição alguma. Estava em branco, e nenhum título cobria-lhe a capa.

— O Livro da Vida — sussurrou para si, recordando de sua existência onírica, uma vivência quase quimérica, que agora só resistia em lembranças.

Ao testemunho do sol, o querubim atirou o volume ao mar. O tomo resvalou na superfície, boiou e depois afundou lentamente. Entrementes, um símbolo ferveu em seu braço, como um selo gravado a ferro. A marca ardeu feito sinal abrasado, até que se apagou totalmente. O feitiço da necromante estava completo. A segunda runa — a runa da mente — terminava sua função, preservando a memória do anjo guerreiro.

Submerge o último elo com um universo decrépito — pensou o querubim, à imersão do Livro da Vida. *Uma nova chance se abre ao mundo.*

Realizado, voltou ao conversível, entregando o tomo às profundezas.

— Que dia lindo! — exclamou a feiticeira, contemplando o mar cristalino. Uma brisa fraca agitava seus fios escuros.

— O mais belo de todos — concordou o celeste.

A atenção da moça correu pelas nuvens e deslizou ao horizonte.

— Às vezes eu sonho com o fim do mundo — confessou, admirada pela beleza da orla. — Fico

pensando nas profecias do Apocalipse, e se um dia a espécie humana realmente destruirá o planeta, como descrito no livro sagrado.

No assento do motorista, Ablon se afastou do volante.

— O Apocalipse é o início de um reino de paz, após um período de grandes mudanças — explicou. — É o que nos contam todas as religiões, apesar de seu caráter fatídico. O fim do mundo não será uma era de morte, mas de renascimento. O Apocalipse não virá pela guerra, mas pela evolução. Pelo menos, eu assim acredito.

A necromante tocou com ternura o rosto do alado, mas seu semblante ainda era confuso.

— O que foi? — preocupou-se o anjo.

— Nada — ela reconheceu. — É que, de repente, me senti como que desperta de um pesadelo.

Ablon a acolheu entre os braços, aproximou-a de sua face e a beijou longamente.

— Então, não adormeça.

Virando-se à estrada, deu partida no carro.

— Para onde vamos? — ela quis saber, prendendo as madeixas com uma fita vermelha.

— O que importa?

O automóvel regressou ao centro da pista, e o condutor acelerou.

Na praia, um peixe saltou sobre as ondas, e um caranguejo escondeu-se na toca. Uma pedrinha negra, trazida pela correnteza, rolou na areia, reluzindo aos raios da tarde.

Era um pedaço comum de basalto, mas um caractere estranho estava desenhado em cima, esculpido em baixo-relevo. Seus contornos eram como os das runas atlânticas, aquelas gravadas no grande obelisco da capital anciã. Certa vez, um anjo renegado jogou ao mar o fragmento, mas isso só acontecera em sonhos, em uma realidade ilusória e fantástica, havia muito esquecida. Agora, a pedra retornava ao verdadeiro universo, respondendo à vontade de seu portador.

Era a runa da paz.

FIM

GLOSSÁRIO

A palavra: mensagens e diretrizes deixadas aos arcanjos por Yahweh antes de adormecer. Sua principal regra era "servir e guiar a humanidade sem interferir em seu curso".

Abismo de Nimbye: passagem para o limbo, o vazio supremo entre as dimensões, localizada nos Campos da Morte, uma região geográfica do Sheol.

Ablon, o Anjo Renegado: também chamado de Primeiro General antes do expurgo. Foi o líder da Revolta de Sodoma. Expulso para a Haled por Miguel, com seus dezoito querubins.

Adnari: uma das remanescentes da tribo dos Filhos de Sem. Foi escrava na Babel de Nimrod. Mais tarde, tornou-se uma das maiores magas de seu tempo.

Alai: espécie de trombeta de cobre, muito grande, característica da velha Mesopotâmia, que produzia um som agudo fortíssimo.

Alastor: um dos nove duques do inferno.

Alexius: escravista romano, costumava traficar escravos de Alexandria para Roma.

Aliança Oriental: coalizão política e militar liderada pela China, Rússia e Coreia do Norte no conflito humano que antecedeu o Apocalipse.

Amael, o Senhor dos Vulcões: demônio da casta dos zanathus. Antes um ishim, foi o responsável por comandar o derretimento das calotas polares durante o dilúvio.

Anjo Negro: entidade poderosíssima, de natureza indecifrável, que age a serviço do arcanjo Miguel. Suas asas têm penas negras, e sempre aparece com o rosto coberto por uma máscara.

Ankarel, o Chicote de São Miguel: querubim subordinado a Euzin, que participou do ataque a Sodoma. Enviado com o Anjo Negro para capturar Shamira.

Apollyon, o Exterminador: antes chamado de Anjo Destruidor, caiu com Lúcifer, tornando-se um dos duques do inferno. Caótico, é conhecido por ser o mais forte dos caídos. Membro da ordem dos malikis.

Arcádia: dimensão conhecida como terra das fadas.

Arcanjos: a mais alta hierarquia dos anjos. Os celestiais mais poderosos e mais próximos de Deus. Só foram criados cinco deles: Miguel, Gabriel, Uziel, Rafael e Lúcifer.

Armagedon: a batalha final que encerra o Apocalipse.

Asmodeus: considerado o mais inteligente e diplomático dos nove duques do inferno.

Asson: comandante querubim partidário do arcanjo Miguel. Esteve presente no massacre de Sodoma.

Atlântida, a Jóia do Mar: a maior de todas as nações humanas antes do dilúvio, foi destruída com a inundação.

Aura: a energia vital dos anjos e demônios. É a essência que lhes permite usar suas habilidades e poderes especiais.

Avatar: a forma física de um anjo ou demônio no plano material. Não precisa comer nem dormir, a não ser quando ferido.

Aziel, a Chama Sagrada: governante da Cidadela do Fogo, é um ishim do fogo, partidário do arcanjo Gabriel na guerra civil.

Baals: demônios da punição e da tortura. Muitos eram hashmalins antes da queda.

Baalzebul, o Príncipe das Moscas: um dos nove duques do inferno.

Bacarata, o Príncipe da Matéria: poderoso e maléfico espírito etéreo.

Bael, o Infeliz: duque do inferno, governante da região chamada Campos da Morte.

Balam: hashmalim incumbido de vir à terra testar a bondade de Noé. Sua missão era provar que os homens são todos malignos e corruptíveis.

Balberith: príncipe da casta dos querubins.

Balor: demônio da ordem dos baals, que controlava os calabouços de Zandrak.

Bancada da Paz: pavilhão localizado no Sexto Céu, onde trezentos anjos cantavam louvores ao Deus adormecido. Miguel proibiu qualquer manifestação após o início da guerra civil.

Barqueiros: misteriosas criaturas que transportam passageiros pelo rio Styx, conhecendo suas rotas e segredos.

Batalhas Primevas: conflito entre Yahweh e seus arcanjos, de um lado, e Tehom e suas entidades abissais, do outro, pela supremacia do universo, antes mesmo da criação.

Baturiel, o Honrado: segundo querubim na linha de confiança de Gabriel. Antes do dilúvio, sua principal missão foi arbitrar a disputa entre Nathanael e Balam pela alma do humano Noé.

Behemot: principal auxiliar de Tehom durante as Batalha Primevas.

Belials: ordem de demônios cuja missão fundamental é tentar seres humanos (ainda vivos) e "comprar" suas almas.

Bethor: símbolo mágico utilizado em feitiços para cercar, conter e aprisionar temporariamente entidades e espíritos.

Bosque Tin-Sen: bosque que, na antiga China, abrigava um vértice onde se manifestavam diversos espíritos etéreos, entre eles Mai Yun, o Escorpião de Jade.

Campos da Morte: região geográfica do Sheol para onde são levadas as almas dos suicidas, dos inúteis e daqueles que desistiram da vida.

Cassius da Calábria: capanga de Alexius, durante os tempos de Roma.

Castas: classes de anjos divididas segundo sua natureza e função no céu. Os demônios também têm suas castas, que costumam chamar de ordens.

Castelo da Luz: principal fortaleza dos querubins, localizada no Quarto Céu.

Caverna sobre a montanha: gruta no topo da montanha de Mashu, no Mar de Rocha, que foi o refugio de Ablon durante o tempo em que esteve nos arredores da Babilônia. Acabou servindo depois como cripta para a renegada Ishtar.

Chama da Morte: espada de fogo do arcanjo Miguel.

Choque Mental: divindade telepática que afeta a mente do indivíduo, podendo matá-lo.

Ciclo: mede o nível de poder de um anjo ou demônio. Os anjos de primeiro ciclo são os mais fracos, e os de sexto ciclo são os mais poderosos. Os arcanjos são anjos de sétimo ciclo.

Cidadela do Fogo: região do Primeiro Céu que é o ponto de encontro dos ishins. Foi governada por Amael, depois por Aziel, e mais adiante virou quartel-general de Gabriel e dos novos rebeldes.

Côndice: unidade usada para medir a energia espiritual, em aura ou força vital.

Couraça da Honra: famosa armadura dourada do anjo Balberith.

Cush: rei da Babilônia e pai de Nimrod.

Daimoniuns: ordem de demônios mais conhecida pela habilidade da possessão.

Dariel: querubim subordinado a Euzin e partidário do arcanjo Miguel. Participou da carnificina em Sodoma e, por suas habilidades sensoriais, foi destacado como guardião da Fortaleza de Sion.

Destruição Total: divindade desenvolvida pelo então anjo Apollyon, capaz de causar destruição em massa.

Dia do Ajuste de Contas ou Dia do Juízo Final: *ver Armagedon.*

Dilúvio: a grande inundação descrita na Bíblia, responsável pela destruição de Atlântida e Enoque.

Divindade: poder especial dos anjos e demônios.

Drakali-Toth: tido como o maior necromante do mundo, foi mestre de Shamira.

Duques do inferno: demônios de mais alta hierarquia, que compõem o conselho chamado de Círculo dos Nove. Os duques são Asmodeus, Molloch, Mephistopheles, Alastor, Mammon, Orion, Apollyon, Baalzebul e Bael.

Eblis: poderosa querubim, uma das comandantes do exército de Gabriel. Sua arma é a maça.

Éden ou Jardim do Éden: os anjos assim chamavam a terra antes do surgimento da espécie humana.

Éden celestial: terceira camada dos Sete Céus, para onde vão as almas humanas que foram justas durante a vida. Ali existem diversas colónias espirituais. É também o lar dos santos e do Iluminado.

Elfos: uma das muitas raças de fadas.

Elohai: anjo ferreiro, que forjou a segunda armadura de Ablon, a partir de uma fagulha da Flagelo de Fogo.

Elohins: casta de anjos cuja principal função foi, no passado, guiar os homens como um deles.

En-Dor: aldeia em Canaã que se tornou o lar de Shamira e de sua mãe após a fuga de Knossos.

Enoque, a Primeira e Última: também chamada de A Bela Gigante, foi a cidade fundada por Caim, filho de Adão. É considerada a pátria de todos os homens, uma vez que a civilização atlante, sua rival, foi totalmente destruída no dilúvio.

Epidicus de Tiro: capitão do barco *Insula Major,* de propriedade do escravista Alexius.

Espíritos etéreos: entidades que habitam o plano etéreo. Todos os deuses pagãos (gregos, egípcios, indianos etc.) são espíritos etéreos. Em geral, não nutrem grande simpatia pelos celestiais, em consequência das Guerras Etéreas.

Euzin: um dos mais influentes querubins sob o comando de Miguel. General da Legião Formidável.

Expurgo: refere-se à derrota de Ablon e da Irmandade dos Renegados e a sua posterior condenação à Haled.

Febre da Núbia: doença benigna causada por um protozoário e transmitida por mosquitos. Afligia a vítima por três semanas e depois desaparecia. Não era letal, e o repouso era o único tratamento conhecido. Extinta antes da Idade Média.

Filhas de Shang: primeiro clã a governar a China. Seus membros eram dotados de poderes mediúnicos e capazes de conversar com os espíritos de seus ancestrais por meio de ossos-oráculos.

Filhos de Jafé: tribo inimiga dos babilónicos durante o reinado de Nimrod. Capturaram seu pai, Cush, e o executaram em um ritual de feitiçaria.

Filhos de Nod: homens e mulheres de Enoque.

Filhos de Sem: tribo do deserto aniquilada pelos babilónicos durante os reinados de Cush e Nimrod.

Filhos do Éden: maneira formal de os anjos se referirem aos seres humanos.

Flagelo de Fogo: espada de fogo originalmente pertencente ao arcanjo Gabriel.

Flor do Leste: chinesa capturada como escrava, levada a Roma por Ablon.

Floresta Vermelha: bosque na região central da Inglaterra, cujas árvores de casca vermelha foram extintas durante a Idade Média. Nela, havia um vértice dentro do qual as fadas se manifestavam.

Fogo azul ou fogo das fadas: chama que não emana calor, apenas luminescência, geralmente produzida por magia.

Fogo negro: tipo de chama mística que queima inclusive materiais não combustíveis, como pedra e metal.

Fogo Negro: espada do demônio Apollyon, herdada do deus Behemot. Considerada a arma mais poderosa do universo.

Fogo verde ou fogo de Xahra: tipo de chama que queima tão somente no plano astral, afetando o espírito, não a carne.

Fogo violeta: chama usada essencialmente para queimar e marcar runas ou fórmulas mágicas no espírito do indivíduo. Semelhante ao fogo verde, porém menos nocivo.

Fortaleza de Sion: o maior bastião das forças do arcanjo Miguel fora do céu. Localiza-se no plano etéreo, sob a cidade mundana de Jerusalém.

Gabriel, o Mestre do Fogo: também chamado de Anjo da Revelação e O Mensageiro, é um dos cinco arcanjos.

Gehenna: segunda camada dos Sete Céus. Era o local de punição das almas nos dias antigos, governada por Lúcifer e seus hashmalins. Após a queda, a Gehenna tornou-se um purgatório.

Gente de barro: forma pejorativa de os anjos e demônios de referirem aos seres humanos,

Gorigath: um dos últimos dragões vivos no plano etéreo.

Grimório de Nippur: livro contendo uma série de feitiços necromânticos, escrito pelo feiticeiro Drakali-Toth.

Grun-Kar, o Zelador: um dos três espíritos antigos do bosque Tin-Sen. Semelhante a um homem-gorila.

Guerra civil: conflito militar entre Miguel e Gabriel iniciado com o nascimento da Criança Sagrada.

Guerra dos Trezentos Dias: disputa entre os Estados Unidos e a China pelo controle de Taiwan. Foi o grande conflito que precedeu a Terceira Guerra Mundial,

Guerras Etéreas: série de campanhas levadas a cabo pelos celestiais para destruir os poderosos espíritos etéreos e aniquilar sua influência sobre os seres humanos.

Guerras Mediterrâneas: repetidos conflitos entre Enoque e Atlântida, pelo controle de portos e territórios.

Haled: maneira como os anjos de referem ao plano físico.

Hanki, o Senhor das Tempestades: um dos três espíritos antigos do bosque Tin-Sen. Podia lançar raios e teleportar-se.

Hashmalins: casta de anjos incumbida de julgar e sentenciar os mortais na Gehenna.

Hazai: o mais graduado oficial querubim sob as ordens de Ablon. Um dos dezoito renegados.

Ibn-Hatar: cavalo alazáo usado por Ablon na viagem pela Rota da Seda. Seu nome significa, em árabe, filho do perigo.

Iluminado, também chamado de Salvador ou Criança Sagrada: nome usado pelos celestiais para se referir a Jesus de Nazaré.

Incubus: ordem masculina dos demônios da tentação.

Invocação: uma das escolas de magia, especializada em canalizar as forcas elementais e naturais e convertê-las em energia.

Ira de Deus: divindade de combate usada por muitos querubins para potencializar seus ataques desarmados.

Irmandade dos Renegados ou Dezoito Renegados: grupo de insurgentes liderados por Ablon, o Primeiro General, na chamada Revolta de Sodoma.

Ishins: casta de anjos que controla as forças elementais. Vivem no Primeiro Céu.

Ishtar: querubim renegada durante a Revolta de Sodoma, depois capturada por Zamir e Nimrod.

John Marc: prior do mosteiro inglês próximo à floresta Vermelha (1231 d.C.).

Korrigan: espírito celta de grande poder e sabedoria, que esclarece Ablon e Shamira sobre

as intenções de Miguel. **Kumarbi, o Alto:** um dos líderes da rebelião de escravos na Babel legendária.

Lahash: anjo perverso selecionado por Miguel para ser um dos comandantes na defesa de Sion. Antes da guerra civil, era conhecido como um guerreiro indisciplinado e desobediente.

Legião das Espadas: tropa comandada por Ablon antes do expurgo.

Legião Formidável: legião comandada pelo querubim Euzin.

Leviatãs: navios gigantes que percorrem as rotas do rio Styx, guiados pelos barqueiros.

Liga de Berlim: bloco ocidental formado antes da Terceira Guerra Mundial.

Lilith, a Rainha das Succubus: primeira mulher de Adão. Levada ao inferno por Lúcifer, tornou-se líder da ordem dos demônios femininos da sedução.

Livro da Vida: relíquia criada por Deus que, segundo a lenda, relata em detalhes toda a história e os acontecimentos do Sétimo Dia, da criação do homem ao Juízo Final.

Lúcifer, a Estrela da Manhã: também chamado de Arcanjo Negro, Portador da Luz, Filho do Alvorecer e Príncipe das Trevas. Um dos cinco arcanjos, perdeu a guerra contra Miguel e caiu no inferno, passando a ser conhecido como Diabo.

Mai Yun, o Escorpião de Jade: mulher-aracnídeo, líder dos espíritos antigos do bosque

Tm-Sen. **Malakins:** casta de anjos cuja principal função é observar e estudar o curso do universo e

seus habitantes.

Malikis: ordem de demônios guerreiros, furiosos, imprevisíveis, brutos e violentos.

Mammon: demônio gordo, de corpo de hipopótamo, cabeça de porco e chifres imensos. É um dos nove duques do inferno.

Mar de Rocha: região geográfica próxima à legendária Babel, caracterizada por montanhas áridas e alongadas.

Margath: um dos dragões anciãos.

Mari: menina escrava, amiga de Adnari na antiga Babel.

Marilli: assassina querubim conhecida como uma das rapinas.

Megiddo: monte que existe tanto no plano físico quanto no plano etéreo e é profetizado como o ponto onde ocorrerá o duelo final do Armagedon.

Membrana etérea: tecido místico que separa o plano astral do plano etéreo.

Mephistopheles ou Mephisto: um dos nove duques do inferno. Excepcional estrategista militar.

Mercurion: líder dos elfos da floresta Vermelha.

Merula: comerciante romano.

Miguel, o Príncipe dos Anjos: o mais poderoso dos cinco arcanjos.

Mirdoth: querubim maléfico sob o comando do arcanjo Miguel. Destacado para defender a Fortaleza de Sion.

Molloch, o Carrasco: um dos nove duques do inferno.

Montanha de Mashu: montanha no Mar de Rocha que foi o lar das serpentes de Kur. Mais tarde, a caverna em seu topo serviu de refúgio e santuário para Ablon, o Anjo Renegado. **Mundo dos sonhos:** camada rasa do mundo espiritual, que se separa do plano astral pela chamada zona onírica. É um espelho do astral, com bolsões ilusórios criados pelos sonhos dos seres humanos.

Mundo espiritual: tudo aquilo que está além do tecido da realidade, compreendendo uma infinidade de planos de existência. Os mais conhecidos são o astral e o etéreo.

Mundo sem cor: denominação humana para o plano astral.

Nahor: jovem oficial babilônico, nos tempos de Nimrod.

Nathanael, o Mais Puro: anjo da casta dos ofanins, provavelmente o celestial mais bondoso de todos. Antes do dilúvio, foi um dos responsáveis por defender Noé, resguardar sua alma e preservar a espécie humana.

Nebron: comandante babilônico, nos tempos de Nimrod.

Necromancia: escola de magia dedicada ao estudo dos espíritos, dos mortos e do mundo espiritual.

Netúnia: o maior vulcão do paraíso, localizado no Primeiro Céu. Sobre ele sustenta-se a Cidadela do Fogo, quartel-general da casta dos ishins.

Nimrod, o Imortal: filho de Cush, foi o último rei da Babel legendária.

Novos rebeldes: partidários do arcanjo Gabriel na guerra civil contra Miguel.

Ofanins: a casta de anjos mais próxima dos homens, também chamados de anjos da guarda. São altruístas por natureza e sempre evitam a violência. Seus poderes são baseados em luz e cura.

Olho de Peixe: marinheiro do navio romano *Insula Major.*

Ordem: os demônios se referem assim às suas castas.

Ordem de Sippar: confraria de magos baseada na cidade de Sippar, na Mesopotâmia. Sua principal especialidade era o uso de ervas e plantas para preparar poções e unguentos. Passou à clandestinidade a partir do reinado de Nimrod.

Orion, o Rei Caído de Átlântida: demônio da casta dos satanis, anteriormente um anjo elohim. Ao ver sua cidade destruída pelo dilúvio de Miguel, uniu-se a Lúcifer em sua guerra.

Países neutros: no conflito humano, nações da África e da América Latina não alinhadas a nenhum dos dois blocos.

Palácio Celestial: fortaleza dos arcanjos no Quinto Céu. Ponto mais central e importante do paraíso celeste.

Pazuno: capitão babilónico, nos tempos de Nimrod.

Pé-da-estrada: erva resistente, rica em vitaminas e minerais, de gosto ruim, capaz de garantir a sobrevivência de um homem por um largo período de tempo. Nativa da Babilônia.

Plano astral: camada mais rasa do mundo espiritual, que se conecta ao plano físico pelo tecido da realidade. Por lá caminham fantasmas e almas perdidas. Não tem cor nem gravidade.

Plano das sombras: camada mais distante do mundo espiritual, moradia de sombras e espectros.

Plano etéreo: camada mais profunda do mundo espiritual, além do plano astral. É o lar dos espíritos evoluídos e dos poderosos deuses pagãos. Ver *Espíritos etéreos.*

Plano físico: o mundo material, onde vivem os humanos encarnados. Compreende a terra e o universo ao seu redor.

Poleiro: gíria celeste para definir os Sete Céus.

Pólix: jovem grego, filho de Tales, dono de uma pequena caravana que atravessava a Rota da Seda.

Porão: gíria celeste para definir o Sheol, ou inferno.

Portais: passagens místicas que ligam o plano etéreo ou dimensões paralelas (como o céu e o inferno) ao plano físico.

Projeção astral: técnica que permite aos seres humanos, em vida e voluntariamente, projetar a alma ao plano astral e explorá-lo.

Quatro portões: conexões mágicas que, quando abertas por feitiço, criam vértices temporários. O encanto é usado para permitir manifestações de entidades espirituais no plano físico.

Queda: refere-se à derrota do então arcanjo Lúcifer e de suas hostes por Miguel e sua expulsão para o Sheol.

Querubins: casta composta por anjos guerreiros. São os guardiões e soldados de Deus.

Rafael: um dos cinco arcanjos. Desiludido, desapareceu do céu e nunca mais foi visto.

Rahab, o Príncipe dos Mares: deus pagão cujas forças foram derrotadas pela Legião das Espadas durante as Guerras Etéreas. O então general Ablon venceu o deus em combate singular.

Raio da Aurora: espada de fogo de Lúcifer.

Raio de Aço: espada do anjo Euzin, usada de forma heróica em muitas batalhas antigas.

Rapinas: duas querubins conhecidas por ser valorosas assassinas a serviço do arcanjo Miguel.

Rebelião de Lúcifer: revolução do então arcanjo Lúcifer contra seu irmão Miguel. A derrota de Lúcifer ocasionou a queda e a condenação de seus acólitos ao Sheol.

Relíquia sagrada: qualquer objeto místico criado por Deus, anjos ou demônios.

Revolta de Sodoma: levante comandado por Ablon, o Primeiro General, contra a destruição de Sodoma e Gomorra. A revolta resultou na expulsão dos insurgentes e em sua condenação à Haled.

Rio Styx: rio que percorre dimensões, funcionando como passagem entre os planos de existência.

Ritual da purificação: cerimônia mágica que condena ao limbo o espírito de um morto, libertando do sofrimento as almas que pereceram sob seu jugo.

Roda do Tempo: provavelmente a maior relíquia criada por Deus, marca a continuidade do Sétimo Dia e não pode ser contida. Seu fim supostamente marcaria o despertar de Yahweh.

Runa da paz: pedaço do monólito da praça central de Atlântida, cujo ideograma gravado significa paz. Trata-se do único fragmento material que sobrou da cidade.

Sala dos Heróis: câmara no Palácio de Enoque dedicada aos guerreiros antigos, que também serviu como sala de conferência para os anjos renegados após o expurgo.

Sala dos Portais: principal aposento da Fortaleza de Sion, dotado de diversas portas, cada uma delas conduzindo a uma dimensão diferente.

Samael, a Serpente do Éden: anjo caído e auxiliar dketo de Lúcifer. Conhecido também como Satã ou Satanás, quando anjo se disfarçou de serpente para tentar Adão no Jardim do Éden.

Santuário: local no plano físico em que o tecido da realidade é muito fino, facilitando a manifestação de efeitos mágicos e místicos ou a interação com entidades espirituais.

Santuário do Alvorecer: construção no topo do monte Tsafon, no Sétimo Céu, onde supostamente repousa o espírito de Deus. Ali também fica guardado o Livro da Vida, em seu pedestal.

Satanis: ordem composta por demônios nobres, burocráticos e diplomáticos. Muitos deles foram elohins ou serafins antes da queda.

Selos do Apocalipse: série de sinais e profecias que, associados à desintegração do tecido da realidade, indicam o curso do Apocalipse.

Serafins: casta de anjos nobres e diplomatas, tidos como os "burocratas" do paraíso.

Serena: uma das fadas da floresta Vermelha.

Serpentes de Kur: espíritos ofídicos que habitavam a região do Mar de Rocha, na Babilônia, e que foram extintos pelos anjos durante as Guerras Etéreas.

Sete Céus, conhecidos também como paraíso celeste, morada de Deus ou morada divina: dimensão de onde anjos e arcanjos vigiam o rumo da espécie humana e do universo material.

Sétimo dia: tempo que compreende da criação do homem ao Dia do Juízo Final.

Shamira, a Feiticeira de En-Dor: necromante chamada à Babilônia para invocar o espírito de Cush. Seu pai era grego; sua mãe, cananeia.

Shen: um dos mercadores chineses da cidade de Chang'an.

Shenial: general querubim, liderou as tropas do arcanjo Miguel na defesa da cidade de Jerusalém, durante a crucificação do Salvador.

Sheol: dimensão onde foram sepultados os restos mortais de Tehom e dos deuses das trevas. Mais tarde, serviu como lar a Lúcifer e a seus anjos caídos, passando a ser conhecido como inferno.

Sieme, a Mestre da Mente: serafim telepata, enviada por Gabriel juntamente com Aziel para buscar Ablon e trazê-lo ao plano etéreo.

Succubus: ordem feminina de demônios da tentação.

Tales: mercador grego, dono de uma pequena caravana que atravessava a Rota da Seda.

Tecido da realidade: membrana mística que separa o mundo físico do espiritual. Sua camada mais rasa

e adjacente é o plano astral. Acredita-se que o tecido da realidade seja formado pela consciência coletiva dos seres humanos e represente uma defesa inconsciente dos homens contra os efeitos místicos e inexplicáveis que os ameaçam e desafiam sua compreensão.

Tehom: deusa do caos e da escuridão, contra quem Yahweh lutou e a qual derrotou durante as Batalhas Primevas. Sua derrocada antecedeu à criação da luz e do universo.

Templo da Harmonia: gigantesco salão de mármore na Cidadela do Fogo. Lugar de conferência dos ishins, posteriormente serviu de residência ao arcanjo Gabriel, durante a guerra civil.

Terra de Nod: país cuja capital era Enoque.

Thomas: monge e enfermeiro no mosteiro inglês próximo à floresta Vermelha (1231 d.C.).

Titus: capanga do escravista Alexius.

Tommaso: empregado de Tales na caravana grega.

Trombetas: parte da série de sinais do Apocalipse. Os celestiais posteriormente as identificaram como a detonação das sete bombas humanas que ajudaram a devastar a civilização mortal.

Tsafon, o Monte da Congregação: região mais alta do Sétimo Céu, onde Deus estaria adormecido.

Uziel: um dos cinco arcanjos, patrono da casta dos querubins, assassinado por seu irmão Miguel.

Vale dos Condenados: região geográfica do Sheol onde se localiza a caverna do Diabo e por onde passa o rio Styx. Também é um lugar de punição e desespero para as almas dos mortos.

Vânia: líder do regimento das arqueiras. Imediata em comando após o arcanjo Gabriel.

Vértices: sítios onde ocorre uma interseção planar. Esses locais existem tanto no plano material quanto no etéreo, possibilitando a interação física entre humanos e espíritos.

Vingadora Sagrada: espada de Ablon, o Anjo Renegado.

Vórtices: conexões místicas que ligam o plano astral ou o etéreo a alguma dimensão paralela (como o céu, o inferno ou a Arcádia).

Wang: um dos mercadores chineses da cidade de Chang'an.

Xandria, a Cidade no Centro do Cosmo: uma das poucas localidades conhecidas fora da nossa esfera cósmica.

Yahweh: também chamado de Altíssimo, Pai Celestial, Deus adormecido, Reluzente, Luminoso, Criador. É o Deus supremo do universo, adormecido no fim do sexto dia.

Yarion, Asa de Vento: um dos dezoito anjos renegados.

Zambil: assassina querubim conhecida como uma das rapinas.

Zamir, o Brilhante: também chamado de Feiticeiro do Deserto. Inicialmente mestre da escola mágica da invocação, foi conselheiro de Nimrod, arquiteto de Babel e um dos mais poderosos magos de que se tem notícia.

Zanathus: ordem de demônios que controla as forças elementais. Muitos deles eram ishins antes da queda.

Zandrak: maior calabouço do Sheol, com celas, salas de tortura e cadafalsos. Localiza-se nos túneis abaixo do vale dos Condenados.

LINHA DE TEMPO

? Protouniverso. Inexistência do tempo ou matéria. Yahweh, a Lei, e Tehom, o Caos, vagam pela sombra do espaço.

? Yahweh dá vida aos cinco arcanjos: Miguel, Lúcifer, Gabriel, Rafael e Uziel. Tehom cria seus deuses-monstros: Behemot, Leviatã, Tanin, Enuma, Taurt.

? Batalhas Primevas. Yahweh e seus generais angélicos derrotam Tehom, assumindo controle sobre as duas províncias.

Primeiro Dia

+-15 bilhões de anos atrás. Início da criação. Surgem o tempo e a matéria.

Segundo Dia

+- 14 bilhões de anos atrás. Nascimento dos anjos. *BigBang*. Criação da luz.

+-12 bilhões de anos atrás. A expansão da matéria cria "vincos cósmicos" no universo, dando origem às dimensões paralelas

Terceiro Dia

+- 7 bilhões de anos atrás. Formação das estrelas e galáxias. A luz é separada da escuridão. Anjos e arcanjos estabelecem os Sete Céus como sua dimensão principal. Yahweh cria a Roda do Tempo e o Livro da Vida.

Quarto Dia

+- 6 bilhões de anos atrás. Sol, sistema solar e a terra.

Quinto Dia

+- 4 bilhões de anos. Na terraj surgem as primeiras formas de vida materiais.

Sexto Dia

+- 400 milhões de anos atrás. Primeiros hominídeos.

+- 400000 a.C. Surgimento do homem primitivo, os eridais, também chamados de primeira raça.

+- 320000 a.C. Grande migração. Os eridais se dividem em dois grupos. Um permanece no Oriente Médio, o outro se desloca através do Mediterrâneo rumo à Europa Ocidental.

Sétimo Dia

+- 200000 a.C. Os eridais evoluem em dois ramos: os homens (segunda raça) e os atlantes (terceira raça). Ambos pertencem à espécie *Homo sapiens,* dotados de alma. Yahweh parte para o descanso. Despertar da consciência. Confecção do tecido da realidade.

+- 180000 a.C. Primeira era glacial.

+- 150000 a.C. Fundação da cidade de Atlântida. Ascensão dos altantes e supremacia do Mediterrâneo. Na Europa, Ásia e Oriente Médio, os homens migram das cavernas para palafitas e constróem pequenas aldeias.

+- 100000 a.C. Primeiro cataclismo. Terremotos dividem a terra. Atlântida se enfraquece.

+- 50000 a.C. Adão unifica as tribos do Oriente Próximo. Caim, seu filho, funda a cidade de Enoque. Segundo despertar — tecido da realidade engrossa.

+- 40000 a.C. Ascensão de Enoque. Extinção do homem de Neandertal e dos tigres-dentes-de-sabre.

+- 38000 a.C. Atlântida c Enoque entram em choque. Guerras Mediterrâneas.

+- 35000 a.C. a +- 25000 a.C. Período das grandes catástrofes. Segundo cataclismo. Terra sofre com chuvas de meteoros, terremotos e vulcões. Arcanjos decidem enviar suas legiões para exterminar a raça humana. Reis de Enoque, com aço e magia, rechaçam ataque de anjos à cidade.

+- 23000 a.C. Início das Guerras Etéreas.

+- 22000 a.C. Apollyon, o Anjo Destruidor, e sua legião vencem e eliminam as serpentes de Kur.

+- 18000 a.C. Batalha de Shin-Tain. Celestiais são derrotados no Extremo Oriente.

+- 12000 a.C. Ablon, o Primeiro General, vence o deus Rahab, o Príncipe dos Mares, pondo fim às Guerras Etéreas. Construção da Fortaleza de Sion.

+- 11500 a.C. Dilúvio. Terceiro cataclismo. Destruição de Enoque e Atlântida. Orion retorna aos Sete Céus.

+- 10000 a.C. Civilização regressa à barbárie. Atlântida não deixa sobreviventes. Remanescentes dos homens de Enoque evoluem no chamado "homem moderno", o *Homo sapiens sapiens,* também conhecido como quarta raça. O ser humano se espalha pelo globo terrestre.

+- 4000 a.C. Renascimento da civilização humana. Invenção da escrita. Fundação da Babel legendária. Gilgamesh na Suméria. Extinção dos mamutes.

+- 3800 a.C. Revolta de Sodoma. Expurgo de Ablon e da Irmandade dos Renegados dos Sete Céus. Sodoma e Gomorra são destruídas. Zohar é devastada.

+- 3500 a.C. Rebelião de Lúcifer. O Arcanjo Sombrio e suas hordas são expulsos do céu e condenados ao Sheol.

+- 3000 a.C. A Irmandade dos Renegados deixa Enoque e se divide. Construção das grandes pirâmides do Egito. Terceiro despertar — alargamento do tecido da realidade.

+- 2800 a.C. Anjo Negro encontra Ishtar. Os dois lutam sobre a montanha. Ablon destrói o morro e impede o assassinato de Ishtar, mas é soterrado.

2414 a.C. Cush assume o trono da Babilônia legendária. Construção do zigurate de prata. Ablon desperta e escapa do soterramento. Nasce Zamir, o Feiticeiro.

2354 a.C. Akto e Maya, pais de Shamira, fogem de Knossos, na Grécia, e se estabelecem na aldeia de En-Dor, em Canaá.

2335 a.C. O rei Cush é capturado e morto. Nimrod assume o trono da Babilônia. Zamir encontra o avatar desacordado de Ishtar e o leva à cidade. Início da construção da Torre de Babel.

2334-2333 a.C. Shamira é levada à Babilônia. Queda de Babel. Destruição da torre. Ishtar morre.

2332 a.C. Shamira começa seu treinamento com o mestre necromante Drakali-Toth, na cidade de Mênfis.

+- 1800 a.C. Ascensão da Babilônia histórica. Hamurabi.

315 a.C. Zamir inicia sua campanha para restaurar o sonho da Babilônia, perseguindo, assassinando e roubando o conhecimento dos grandes feiticeiros que ainda caminhavam pelo mundo.

209 a.C. Zamir derrota Drakali-Toth e incorpora suas habilidades necromânticas.

3 a.C. Hazai enfrenta as rapinas; sobrevive, gravemente ferido. Ruma para Enoque.

Ano O da era cristã. Nasce a Criança Sagrada. Início da guerra civil entre Miguel e Gabriel. Isolamento do arcanjo Rafael. Ablon enfrenta os espíritos antigos do bosque Tin-Sen. Quarto despertar — o tecido se adensa.

l d.C. Caravana na via secreta. Ablon derrota as rapinas. Shamira vence Zamir. Ablon entra em torpor.

30 d.C. O Salvador é crucificado e ascende. Ablon desperta do torpor e alcança Jerusalém. A guerra civil entre Miguel e Gabriel, que até então se passava no plano astral, é transferida para os Sete Céus. Gabriel assume seu quartel-general na Cidadela do Fogo.

112 d.C. Flor do Leste morre na China. Shamira descobre o segredo dos ossos-oráculos e estuda a feitiçaria chinesa.

+- 500 d.C. Supressão cósmica. A queda de Roma e a expansão do cristianismo resultam na supressão de diversos vértices, especialmente no mundo ocidental. Fadas se recolhem ao plano etéreo.

+- 700 d.C. A ilha de Avalon regride ao plano etéreo.

1097 d.C. Shamira assume o posto de arauto entre as fadas, para registrar a partida dos elfos e gravar seus rituais e conhecimentos. Ela se estabelece no vértice da floresta Vermelha, na Inglaterra.

1119 d.C. O poderoso Azazel, um anjo caído e duque do inferno, desafia Lúcifer, dando início, no Sheol, à chamada Guerra de Libertação. Azazel é derrotado e morto em 1203.

1231 d.C. Apollyon, o Exterminador, captura o anjo renegado Yarion, Asa de Vento, e o arrasta para o Sheol. Ablon parte em seu encalço, é capturado e preso.

1318 d.C. As fadas do oeste da Europa retornam à Arcádia. Todos os seus santuários são suprimidos.

1453 d.C. Ablon escapa dos calabouços de Zandrak. Yarion é morto. Constantinopla é invadida.

1614 d.C. Nos Sete Céus, as forças rebeldes de Gabriel tomam o Castelo da Luz, fortaleza dos querubins.

1650 d.C. Inicia-se o chamado Haniah, ou Retorno. Miguel ordena que todos os anjos que vivam, atuem ou estejam em missão na Haled voltem imediatamente para o céu. A guerra civil torna-se ainda mais sangrenta. Gabriel é obrigado a fazer o mesmo: convocar todos os seus partidários à batalha.

1772 d.C. Para impedir que seus soldados desertem e fujam para a Haled, onde poderiam se esconder, Miguel ordena a destruição da maioria dos portais conhecidos de acesso à terra. Os poucos que sobram passam a ser guardados por sentinelas poderosas.

+- 1880 d.C. Quinto despertar. O último grande adensamento do tecido da realidade torna a manifestação de magias e divindades, na terra, praticamente impossível fora de santuários.

2007 d.C. Uziel é morto pelo arcanjo Miguel, emTsafon, o Monte da Congregação, no Sétimo Céu.

2012 d.C. Muito concentrado e denso, o tecido da realidade começa seu lento processo de desintegração.

Século XXI. Apocalipse.

A Batalha do Apocalipse também está na Internet!

Acesse o *site*

www.abatalhadoapocalipse.com

e fale com o autor pelo Twitter

twitter.com/eduardospohr